O QUE HA DE SER

O MUNDO

NO

ANNO TRES MIL

O QUE HA DE SER

O MUNDO

NO

ANNO TRES MIL

LISBOA

Editores — J. M. CORRÊA SEABRA & T. QUINTINO ANTUNES

Emprezarios das Obras do Padre Antonio Vieira

RUA DOS CALAFATES, 113

1860

PROTESTAÇÃO DO ?

Protesta o traductor, imitador, cerzidor deste livro, ou como melhor lhe chamem em linguagem editora, que conformando-se com as leis, decretos, etc. de todas as datas existentes, ou que possam existir, não é sua tenção, que as idêas e palavras, de que nelle em algumas partes faz menção, e soem mal a certos ouvidos, tenham mais credito ou auctoridade que a de simples brinquedos, excepto aquellas que pelas mesmas leis, decretos etc. estiverem já recebidas e approvadas pelos governos que felizmente nos tem governado, ou possam vir a governar. E pede não lhe levem a mal esta velharia litteraria da protestação, que elle copiou, pouco mais ou menos, dos Apophtegmas de Pedro José Suppico de Moraes, que foi moço da camara do serenissimo senhor D. Francisco, infante destes reinos, e auctor de obra tal, que um carmelita de Lisboa occidental disse, estar nella reduzida á verdade a fabula de Hygino, em que fingiu a Pandora formada das mais singulares prendas de todas as deidades mentidas; e que assim como a elegante formosura de Pandora admirou aos mesmos auctores da sua formação, como advertiu S. Thomaz de Villa Nova, tambem assim o estylo formoso e ex-

cellente do livro póde produzir admiração ainda ao seu mesmo auctor.

Oxalá que algum terceiro do Carmo da nossa era, diga coisa parecida deste trabalho, não de abelha ou de relampago, como foi qualificado o de Suppico na approvação do Desembargo do Paço; mas de qualquer cerzidor de remendos litterarios, em cujo numero o dito traductor ou imitador se daria por feliz que os senhores litteratos o quizessem considerar para todos os effeitos criticos.

Lisboa occidental, 1.º de dezembro de 1859.

ANTE PROLOGO

A MODERNA

INEDITO COMPOSTO COM VARIOS IMPRESSOS

POR

QUATRO AUCTORES SERIOS, E UM A RIR

I

Desta era os gabos (callem-se os praguentos)
Canto ao mundo admirado.
Por onde quer que em roda, a vista aguço,
Só com heroes deparo!
....
Ainda era mais ditosa
Para os netos, as Parcas vão fiando
....

II

.....Leitor benevolo... por esta occasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa litteratura. Já me não importa guardar segredo; depois desta desgraça não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos lêr.

VI

A historia mais antiga começa no principio do mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escripta. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continúa por toda a duração do mundo, mede os tempos vindouros antes de virem, conta os successos futuros antes de succederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama os publicar e de serem feitos.

Ouvirá o mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu, e pasmará assombrado do que nunca imaginou.

EPILOGO

...... e se acaso pozerdes os olhos *neste livro*, intendo que nem eu ficarei sem lucro, nem vós sem proveito.

VALETE, SOTA E AZ.

PROLOGO

I

Dois noivos á janella em uma noite de lua de mel.— O leitor comparado, com sua licença, a um esbirro da policia.— Mauricio toma a serio a humanidade; commenta os philosophos, e fica a ver navios. — Os publicistas não lhe sabem explicar as indigestões do banquete do orçamento, nem como o contrabando no pobre é um crime, e no rico um negocio.— Sir John Progresso, o genio da era actual, regressando de examinar em Lisboa o matadoiro e a canalisação das aguas. — O Jornal do Commercio de Lisboa, e a Gazeta dos Tribunaes entram em scena.—Servem de côro a Illustração da Travessa da Victoria, e o Archivo da Boa-Vista.—Quatorze seculos depois.— O sr. Progresso dá ás de Villa-Diogo.

MAGINE o leitor, ainda mesmo que não seja benevolo, um homem e uma mulher, ambos no verdor dos annos, encostados ao parapeito da janella de uma trapeira. Se acha a imagem prosaica, observe que a janella está como forrada. pelos ramos dos arbustos de uns alegretes, improvisados naquellas alturas. O par, que por esta fórma

tivemos a honra de apresentar ao leitor, desperta com a sua conversação as aves abrigadas nos artificiosos ninhos que se enredam e apegam ás telhas.

O gorgeio extemporaneo das aves acompanha, portanto, o dialogo que vamos referir.

Martha descança com um dos braços no hombro direito de Mauricio; e tanto um como outro, olham para o abysmo envolto em grossas massas de sombra, que lhes fica fronteiro, e se projecta até ao horizonte. Nesse abysmo, que só a vista póde penetrar á força de o vêr, apparece a principio o fundo azul estrellado do ceu, surgindo mais em baixo as trevas pavorosas de Paris.

Mauricio olha para a capital da França: Martha só olha para o ceu.

A vista de Martha, como se estivesse cançada de andar errante de estrella para estrella, fitou Mauricio, pousando o braço mais affectuosamente no hombro do mancebo, até que a bocca encantadora de tão graciosa mulher fez ouvir o murmurio de um beijo.

— Em que pensas? disse ella a Mauricio.

Estas palavras são o brado impaciente com que reciprocamente se chamam, duas almas que se procuram uma á outra e se não vêem, como se fossem duas irmãs perdidas nas trevas da noite, não ousando dar um passo sem mutuamente se interrogarem.

Um romancista aproveitaria a contemplação deste quadro para fazer dois retratos, por meio dos processos modernos da analyse do microscopio, tanto em voga nos romances. Diria que achava nos olhos azues de Mauricio, esfumados sob as palpebras, a aspiração para quanto é desconhecido ou incognito ao espirito humano: nas azas proeminentes e agitadas do nariz, a inquietação da audacia; e nos labios entre-abertos, a ternura expansiva; e finalmente no todo daquelle mancebo, a personificação desta geração investigadora, impaciente e inconstante, que sempre *quer*, mas que nem sempre *sabe*.

Pelo que diz respeito a Martha, o mesmo auctor, vendo-lhe as fontes cobertas pelas madeixas ondeadas de cabellos pretos, o olhar terno, casto e corajoso, acharia em todas estas circumstancias os indicadores da belleza da mulher, da santa e da heroina.

Resolvemos não fatigar o leitor com tão poeticos *signaes*, porque provavelmente ficaria tão indeciso como qualquer empregado da policia, quando lê o passaporte de um cidadão, que o rei lhe recommenda, pelo importe do sello. Daremos apenas mais alguns traços neste esboço, para que se percebam certas phases mais especiaes do caracter de Mauricio. Apesar de ser moço e estar namorado, não era egoista. Tinha mais a peito os destinos da humanidade do que se podia esperar da sua edade e condição. Desgostoso por ter contemplado tantos soffrimentos sem allivio, tantas desgraças sem esperança, meditava na felicidade humana, como se fosse coisa que em verdade valesse a pena, e chegava a pensar por que meios ella se poderia obter, apesar de não ter sido mandado pelo governo, com boa paga, estudar nem sequer beneficencia aos paizes estrangeiros.

Neste intento commentou as obras dos que se condecoram com o titulo de pensadores, e que não descem dos grandes principios, ou do que não melhora nem peora a humanidade.—Estudou os publicistas, historiadores e jurisconsultos, os quaes lhe provaram que no regimen de todas as constituições, o maior numero de individuos morria de fome e o menor de indigestão, trazida quasi sempre da meza lauta do orçamento; acrescendo que os codigos eram similhantes a mares enganadores, que tragavam nas ondas fiscaes os barcos do contrabandista peão, em quanto o navio do *honrado* e abastado especulador, navegava a panno largo até ao ponto da costa mais conveniente para o desembarque illegal. Recorreu aos economistas e estatisticos, que o passearam seis mezes por entre as suas aprumadas columnas de algarismos, para lhe pro-

varem a final que neste mundo tudo estava como devia estar, e que o mais commodo era deixar ir as coisas como iam, sem as sujeitar a regras, nem conveniencias.

Não tendo dado um passo no seu estudo por estes meios, recorreu aos livros dos socialistas, e viu que a boceta de Pandora está multiplicada pelo numero delles; cada um possuia o seu elixir para felicidade do genero humano. O bom que existia nessas obras era como trigo afogado em joio.

Os estudos de Mauricio, unicamente serviram para o fortalecer na fé que tinha no futuro, terra de promissão para os que não comprehendem o presente.

A influencia fascinadora da *lua de mel,* não lhe arredou o espirito dessas graves cogitações, pois que Martha tomou parte nellas, e o que poderia ser como uma separação, foi mais um laço da alliança legal que os prendia um ao outro.

As suas duas almas, reunidas na mesma esperança, irradiavam como de um mesmo foco, a luz dos pensamentos, que abrangia todas as edades e situações; eram esposos que se amavam na humanidade.

O leitor fará o obsequio de notar, que estas explicações indispensaveis são o que os grammaticos chamam uma proposição incidente, devendo nós portanto fechar o parenthesis (que não foi pequeno) para tomarmos o fio da narrativa.

Mauricio voltou o rosto para Martha ao ouvir-lhe a pergunta, e ambos olharam algum tempo um para o outro sem fallar, com a expressão propria de quem se ama, á luz das estrellas, e tem vinte annos, mas vive em uma trapeira.

Ao cabo de demorado silencio Martha repetiu a pergunta:

— Em que pensas?

Mauricio cingiu-a com um dos braços.

— Primeiramente, pensei em ti, respondeu elle; depois commovido por esse pensamento, o meu coração se dila-

tou nos seus affectos, percebi que me interessava por esse mundo no meio do qual nos estamos amando; e perguntei a mim mesmo o que elle seria no futuro.

— Lembra-te á casa em que fizemos conhecimento um do outro? observou Martha. A familia que ahi morava era composta de creanças recemnascidas; de donzellas que entravam radiantes de esperança, na primavera da vida, e de pessoas que tocavam no limite da existencia... Dize-me: não será assim tambem o futuro do mundo como foi o seu passado, e como está sendo o seu presente?

— Assim será para os individuos, mas não para as sociedades, respondeu Mauricio. Com a vida que se transmitte de geração a geração, e que é sempre similhante, anda o espirito, que é essencialmente variavel. Os homens são como pedras animadas, cada seculo construe com elles um edificio differente, conforme os seus conhecimentos e as suas intenções. Até ao presente esses edificios tem sido a choupana do selvagem, a barraca de campanha, ou uma casa de negocio; mas o grande architecto que ha de edificar o templo, virá, tarde ou cedo, no espirito de qualquer seculo: e virá seguramente, porque alguns indicios precursores annunciaram a sua vinda.

— Indicae-me esses indicios, disse Martha, aproximando o rosto de Mauricio, como se ella estivesse pensando que um beijo seria algum dos signaes percursores de que o mancebo fallava.

— Olha, continuou elle, debruçando-se na janella: que vês diante de ti?

— Vejo frocos de nuvens brancas, que se deslizam sobre o azul do ceu, e que na minha imaginação fazem o effeito de anjos da guarda que vão voando.

— E mais em baixo que vês?

— Vejo no cimo daquelle monte uma casa com luz — é a casa em que te encontrei pela primeira vez.

— E mais em baixo ainda, no fundo daquella especie de abysmo?

— Ahi não distingo coisa alguma: contemplo a noite nessas massas escuras e indecisas.

— A noite que estás contemplando, envolve no horisonte que avistamos, um milhão de almas que estão vellando, disse Mauricio enthusiasmado.— Como seria bello perceber o que se prepara no escuro daquellas trevas; comprehender os rumores longiquos que parecem gemidos; os lampejos que se desvanecem assim que brilham; os vapores que se elevam ao firmamento!... tudo isso é um mundo prestes a ser formado. Todos os seus elementos estão no cahos, á similhança dos primeiros dias da creação; mas quando o sol do tempo se erguer para elles, o futuro sairá das trevas, como a terra sahiu das aguas depois do diluvio.

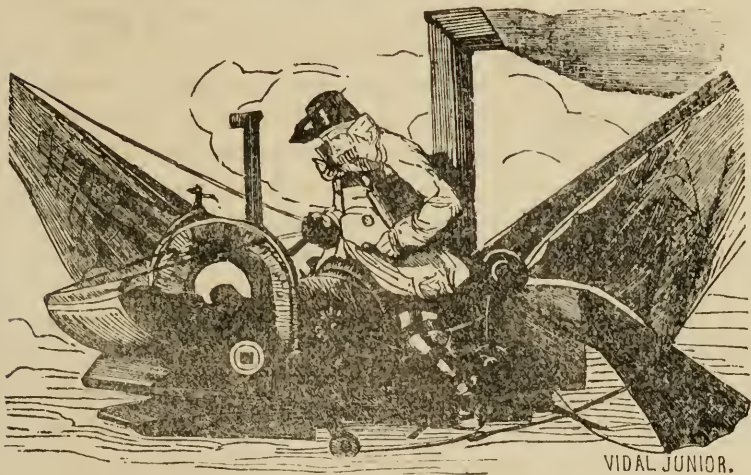
Martha, não respondeu, mas fascinada pela voz de Mauricio, inclinou-se na direcção do abysmo tenebroso, como se esperasse vêr alguma transformação magica.

— Desejo como tu conhecer esse futuro tão bello, disse ella a final, com a curiosidade impaciente de uma creança. Se fôra possivel dormir durante muitos seculos para acordar em um mundo mais perfeito! Quem me dera ter tido alguma fada por madrinha!

— As fadas ha muito que partiram deste mundo, quebrando as varinhas dos encantamentos: cumpre ao genio do homem achar-lhes os fragmentos para as reunir novamente.

— Nesse caso o que devemos invocar? Os anjos deixaram de vir á terra, como no tempo de Jacob e de Tobias; Jesus, a Virgem e os Santos, não deixam o paraizo como na edade media, para soccorro dos afflictos, ou provação das almas; terão por tanto abandonado o mundo todos os poderes superiores? Não haverá na terra um espirito que possa servir de intermediario entre o mundo real e o mundo invisivel? Todas as nações, todas as eras tiveram o seu genio protector; onde estará o genio da era em que vivemos? quem será elle?

—Eil-o! bradou uma voz intensa, vinda de longe.

Os dois amantes admirados levantaram a vista que tinham dirigida para o abysmo, e viram avançar acceleradamente sobre os telhados, uma sombra que parou de subito em frente da janella, dando uma estrepitosa gargalhadada com som estranho e metalico.

Sir John Progresso

Martha tomada pelo susto tinha recuado da posição em que estava, e Mauricio tambem ficou admirado.

—Eil-o aqui! disse a voz agreste e sacudida, chamaram-me, vim.

Ao terminar a phrase, o recemchegado fez um movimento que o collocou na mesma linha da luz que a lua projectava sobre a casa em que estavam Mauricio e Martha: e ficou portanto visivel.

Era um homem baixo, vestindo um *paletot* impermeavel; na cabeça tinha um barrete mechanico á similhança dos chapeos de mólas; a gravata era de *crinoline;* as polainas de panno, no gosto inglez. Em volta do pescoço trazia uma enorme cadêa dourada pelo processo Ruolz: na mão direita tinha uma bengala de ferro vasada; e debaixo do braço esquerdo, uma grande carteira. donde saíam

alguns titulos de acções de companhias industriaes. Em todas as peças de que se compunha o seu vestuario, estava uma estampilha, em que se lia:

PRIVILEGIO PELO GOVERNO

SEM GARANTIA NENHUMA

Pelo que dizia respeito á pessoa era um todo composto do banqueiro e do procurador de causas.

Estava commodamente montado na locomotiva ingleza, cujo fumo o cercava de nuvens phantasticas: na garupa trazia a machina de daguerreotypo da fabrica de *Chevalier*.

Mauricio assustado a principio com esta repentina apparição, ficou socegado na presença do seu aspecto pacifico. Olhou de frente para o tal homemzinho, e perguntou-lhe quem era.

Quem sou? repetiu elle chacoteando, com mil bombas, Martha deve sabel-o.

—Eu! exclamou ella, que tremia como varas verdes.

—Pois não chamastes ha pouco por mim?

—Já vos reconheço! sois o genio das trapeiras, o antigo criado de D. Cleophas Zambulo, o diabo Asmodeu.

O desconhecido ouvindo isto bateu com o punho cerrado na locomotiva.

—Asmodeu! sempre o seu nome... já me admirava de o não ouvir. A fama desse ratão sobreviveu-lhe, não tenho que duvidar.

—Asmodeu morreu? perguntou Mauricio admirado.

—Ainda agora sabeis a nova? pois já o vosso poeta Beranger o annunciou ha muito em uma das suas canções.

Martha observou timidamente, que não podia saber em tal caso, como se tinham publicado em Paris as suas memorias, que tambem se representaram no theatro classico do Rocio de Lisboa, e a sua viagem, que não passou de Paris.

—Essas obras são apocryphas! respondeu-lhe o homem do *paletot* impermeavel: o diabo com ser diabo nunca escreveu essas coisas. Conheci-o perfeitamente, era um insi-

gnificante muito massador, que teve a mesma fortuna de seu primo, um certo fidalgo a quem attribuiam a graça de toda a gente! Felizmente o espirito das trevas já passou da moda e acabou portanto o seu reinado para começar o meu!

—O vosso reinado! disseram ao mesmo tempo os dois amantes, sois por acaso?... e parecia que procuravam na mente o nome que lhes deviam dar, ao passo que o homemzinho mettia graciosamente dois dedos na algibeira do collete de cachemira franceza, e tirava um bilhete de visita lithographado, que apresentou a Mauricio. Este leu:

> SIR JOHN PROGRESSO
>
> Membro de todas as Sociedades de aperfeiçoamento da Europa, Asia, Africa, America e Oceania
>
> Rua de Rivoli — Paris   Casebres do Loureto — Lisboa

Mauricio e Martha comprimentaram-no attenciosamente.

—Vinha de Lisboa, onde fui para examinar as obras de uma companhia de aguas e de um matadouro, que demonstram grande actividade em muitos annuncios: preparava-me para examinar os vossos mais recentes caminhos de ferro, quando ouvi a expressão da vontade desta senhora, e depois o seu chamamento: desviei-me do meu caminho para satisfazer a um, e responder a outro.

—Acaso podereis satisfazer o desejo de estar dormindo muitos seculos, para depois acordar no mundo aperfeiçoado que foi promettido á humanidade?

—E por que não? disse o novo demonio, se o era, afagando vaidoso com o castão da bengala uma das nedias bochechas. Bastará o vosso desejo, para que eu vos faça adormecer já, a fim de acordarem ambos no ANNO TRES MIL.

Martha e Mauricio olharam attonitos um para o outro.

—No anno TRES MIL, repetiu Mauricio accrescentando

e nesse anno a semente da civilisação lançada á terra no presente seculo dará os seus fructos?

—E nesse anno, notou Martha, estaremos juntos como agora, eu e Mauricio?

No anno TRES MIL acordareis tão moços e namorados como estaes, disse o genio do *paletot*, com o sorrir indifferente de um agiota, que empresta a trez por cento ao mez.

—Se assim é, interrompeu Mauricio com exaltação, mostrae-nos esse futuro que nos annunciam tão explendido! Ao presente, em que tudo é luta e incerteza, não nos prende nenhuma consideração! Dormiremos em quanto o genero humano caminha trabalhosamente por estradas apenas traçadas; dormiremos para só acordar ao cabo dessa longa viagem.

Fallando assim tinha abraçado Martha, que apertava ao coração, como para se assegurar que não a perderia atravez do somno de muitos seculos.

Sir John Progresso inclinou-se para elles, estendendo as mãos como se fôra um magnetisador. Martha fez um movimento para o lado, exclamando :

—O vosso somno é a morte; o vosso mundo é uma coisa desconhecida! Mauricio, fiquemos onde estamos, continuemas a ser o que somos!

—Não, bradou elle, ébrio de enthusiasmo, quero ver o termo da viagem que tão distante se apresenta.

—E deixas para isso o caminho que é tão encantador! Olha além tantas flores para colhermos; vê o ceu azul que nos cobre; ouve o suave correr das fontes, e sente o ligeiro sopro das brisas!

—Quero saber. Martha! quero saber!

—E eu Mauricio, quero viver!

—Tambem eu, mas em um mundo melhor, e no imperio de leis mais justas. Encosta a cabeça ao meu hombro, chega-te ao meu coração, Martha; não temas, porque estou a teu lado, e amo-te!

Em quanto fallava tinha abraçado Martha estreitamente;

e as mãos do genio do vapor permaneciam na mesma posição.

Martha e Mauricio sentiram de subito, e ambos no mesmo instante, como um peso sobre as palpebras; procuraram instinctivamente uma poltrona, de que sabiam o logar, e cahiram nella, enfraquecidos pelo somno profundo similhante á morte.

No dia seguinte todos os jornaes de Paris inseriam a seguinte noticia:

« Um acontecimento tão fatal, como inesperado entristeceu os alegres moradores do bairro das Batignolles. Um homem ainda moço, bem como uma mulher igualmente na primavera da vida, e que viviam no ultimo andar de uma das principaes ruas do bairro foram encontrados mortos esta manhã. São muitas as conjecturas que se fazem ácerca deste lamentavel successo que parece não ser causado pelo crime nem pelo desespero. »

O jornal official (de França) tambem dedicou um artigo aos dois amantes, esclarecendo, ou elucidando a questão, como mais propriamente se diz: e asseverou que se tinham asphixiado por inspiração poetica, e para fugir aos enganos e illusões da vida.

O Jornal do Commercio de Lisboa publicou a seu tempo os promenores deste *drama intimo;* e o *Jornal do Porto,* como estando mais em correspondencia directa com Paris, annunciou a publicação da correspondencia inedita dos dois amantes.

Os poetas de provincia dedicaram-lhes a lyra (pois que a lyra e a guitarra ainda não abandonaram as provincias de muitas nações). Pedimos perdão ao leitor pelo parenthesis, que ía parecendo de *Abbade.*

A gravura explicou tambem o *triste acontecimento.* A *Illustração,* sem ser a *Luso-Brasileira* da travesssa da Victoria, e o *Archivo Pittoresco* da Boa-Vista, publicaram o desenho não muito correcto da trapeira, com uma goteira no primeiro plano, como quadro da actualidade. E para não faltar nenhum dos recursos industriaes da época, *Gannal,* o mais celebre embalsamador conhecido, escreveu ao *Jornal dos Debates* uma carta em que se offerecia para os em-

balsamar gratuitamente, publicando neste mesmo offerecimento a indicação do local em que estava estabelecida a sua acreditada fabrica de *conservas humanas*.

Poucas linhas bastaram para dissipar tanta gloria.

Um tio de Martha, desgostoso pelo que publicaram os jornaes, veio rectificar os factos com os seguintes documentos:

1.º Attestado do delegado de saude do bairro, jurando pelo seu grau, que Martha e Mauricio tinham morrido de *morte repentina*:

2.º Certidão do seu casamento em devida fórma.

Todos se arrependeram do muito que tinham lastimado o suicidio dos dois amantes, para a final se averiguar que tinham morrido contra sua vontade, e que eram casados, o que punha em prosa rasa, e muito rasa, a poesia de toda a historia. Só consta que o *Jornal do Commercio de Lisboa* ficou satisfeito, porque teve materia para outra noticia, e como os seus numerosos leitores não lhe pedem outra coisa, bateu as palmas de contente. O que veio acabar de todo com as ultimas recordações da noticia que tinha feito a volta do mundo, nas *locaes* de milhares de periodicos, foi a prisão de um envenenador de gravata lavada, que se tinha desembaraçado de toda a familia, em consequencia da fossil organisação da sociedade, a qual unicamente permitte que se herde dos mortos.

As honras de dar tão curiosa nova pertenceram á *Gazeta dos Tribunaes*, que tem uma prima moradora em Lisboa na rua dos Fanqueiros n.º 82, que dá amplo sustento á eloquencia e erudição dos advogados do reino luso.

No emtanto ambos tinham sido enterrados no mesmo caixão, e o modesto enterro passou desapercebido pelas ruas de Paris, pois que ninguem tem direito a esperar que a vida queira vêr ou comprehender a morte.

O enterro absorveu o espolio, e era dos *que parecem ricos*, e custam apenas 5$500 réis!

Passaram dias, e seculos, e só o homemzinho do pale-

tot impermeavel se lembrava dos heroes da nossa historia.

Os dois amantes na morte, que para elles era somno, seguiam do fundo da sepultura as transformações successivas das sociedades como imagens de um sonho confuso.

A civilisação passára na sua mente como um facho de mão em mão, deixando pouco a pouco nas trevas o ponto d'onde partira. Interesses novos tinham levado para outras paragens a actividade humana. A Europa abandonada ia lentamente cahindo na inercia e na solidão, em quanto a America, e outra parte do mundo ainda mais nova, absorviam todos os elementos do viver social. O mundo antigo era apenas terra selvagem, cujas ruinas exploravam as sociedades modernas. Riquezas enterradas, monumentos caidos, tumulos esquecidos, tudo era propriedade da nova geração de mercadores ou traficantes. Houve um periodo em que Martha e Mauricio julgaram que o sepulchro que os encerrava tinha sido arrancado do campo do repouso com milhares de outros; e que os embarcaram todos, sendo assim transportados para uma região desconhecida, que ficava no centro da civilisação moderna.

Deste ponto em diante, a intuição mysteriosa que parecia revelar-lhes tudo, acabou. Houve no seu sonho uma interrupção subita até que uma voz intelligivel lhes bradou dizendo estas palavras:

ANNO TRES MIL!

No mesmo instante, a lousa que tapava o tumulo foi levantada, e os dois amantes, despertados em sobresalto, ergueram-se e unicamente se viram a si.

Ao cabo do somno de tantos seculos ambos soltaram do peito um grito de alegria, estenderam os braços um para o outro, e trocaram os nomes em estreito e demorado abraço.

Uma gargalhada stridente foi o primeiro som que ouvimos; voltaram-se assustados para o logar d'onde vinha, e

viram o seu amigo genio, que estava a distancia de poucos passos em pé sobre a locomotiva phantastica.

Martha deu um grito, e cobriu as espadoas com a mortalha.

— Cumpri ou não o que prometti? disse o genio. Já passaram quatorze seculos desde o nosso primeiro encontro.

— Será possivel? exclamou Martha.

— Fostes transportados para o centro da civilisação que desejaveis conhecer; estamos na ilha que em outro tempo se chamava *Taiti*.

— A *Nova Cithera* do capitão Cook? perguntou Mauricio.

— A qual hoje se chama *Ilha do Negro Animal*, continuou o genio, pois que os principaes homens da terra foram escavar e minar o antigo mundo para obterem a materia primeira do seu commercio; é a esta circumstancia que tambem deveis attribuir o estar no sitio em que vos encontro.

Martha olhou em torno de si, viu que estava em um vasto edificio cheio de tumulos e de cadaveres, e com gesto de terror abraçou Mauricio.

— Não receeis coisa alguma? replicou o genio, rindo com a sua voz aguda; não vos confundirão com os mortos. Estaes no estabelecimento de um dos mais abastados fabricantes da ilha, o sr. *Manuel Fogaça*, que terá a maior satisfação em vêr esta amostra viva dos tempos barbaros. Já sabe do vosso apparecimento, e não tarda que venha vêr-vos.

Martha ainda mais cuidadosamente se envolveu na mortalha.

— Não vos inquieteis por causa da ligeiresa do traje; não estamos nos climas ridiculos da Europa, em que o sol é similhante a uma vela aceza, que allumia, mas não aquece. Na *Ilha do Negro Animal* a ar substitue o paletot, e a economia bem intendida reduziu o fato á mais simples expressão.

Os dois amantes repararam na mudança que tinha havido no traje do sr. Progresso, que apenas se compunha de ceroulas de algodão, chapeu de cortiça com abas muito largas, e botas de verga adornadas com algumas campainhas. Mauricio soube delle que este era o *costume* ou traje geralmente adoptado, attenta a sua commodidade e economia,

A civilisação do anno TRES MIL, tendo renunciado a tudo que não fosse de utilidade immediata, deixou os enfeites exclusivamente para as mulheres, não passando o luxo dos homens sérios e respeitaveis, do uniforme par de ceroulas.

No fim das explicações que ficam referidas ouviram passos á porta do edificio, e o sr. Progresso, dando uma esporada de tacão no seu cavallo a vapor, desappareceu como um relampago.

II

Eloquencia parlamentar de Mauricio. — Eloquencia aperfeiçoada do sr. Manuel Fogaça. — A saia, o chapeu, as abas da casaca, as prezilhas e suspensorios, partes inuteis de um vestuario racional. — Figurino do ANNO TRES MIL. — Armazem de retem das gerações extinctas. — O dr. Universal academico provido em vinte oito logares, e membro de mil quatrocentos e trinta e quatro commissões.— Carlos Magno, o Marquez de Pombal, Napoleão e o Redactor do *Ramalhete*. — O que é a *Ilha do Orçamento*.— Eleições em cobre. — Utilidades das colonias para os discursos que abrem e fecham parlamentos. — Divisão do trabalho applicada ás Nações.—As pessoas são mercadorias.—Partida de Martha e Mauricio. — Novo meio de passar os rios. — Viajantes projecteis — Estradas subterraneas. — O dr. Universal socega Martha por meio de um calculo estatistico. — Martha adormece. — Um sonho.

O sr. Manuel Fogaça entrou seguido de meia duzia de criados que manifestavam nos gestos o maior espanto.

Fallavam todos a um tempo como os deputados dos nossos dias, quando querem elucidar uma questão importante.

Mauricio percebeu palavras que eram um mixto de francez, inglez, allemão, portuguez e luso-brazileiro, lingua de que o mundo antigo apenas tinha suspeitado a existencia.

Pelo conhecimento que possuia de algumas destas linguas pôde intender que elles diziam em côro:

— Grande maravilha! caso estupendo! resuscitaram dois mortos das primeiras eras; até um dos fogueiros da machina os viu sahir do tumulo.

Na presença dos dois esposos ficaram mudos. e pararam. na distancia de alguns passos, com certa admiração e medo.

Martha envergonhada estava escondida por Mauricio, mas este querendo sustentar os creditos do seculo XIX, que o sr. Progresso tinha qualificado como barbaro, impertigou-se todo, saudou tres vezes os visitantes, e dirigiu-lhes o seguinte discurso:

« Senhores e honrados desconhecidos:

« Não foi o acaso, mas a nossa propria vontade, que nos « fez atravessar perto de dois mil annos para renascermos « no meio desta geração poderosa e esclarecida, que á força « de conquistas no dominio da perfectibilidade humana, « fez descer o reino do ceu á terra. Julgamo-nos felizes po- « dendo ter a ventura de conhecer pessoalmente esta raça « de semi-deuses, tão nobremente representada por aquel- « les que neste momento tem a bondade de me ouvir: *(Ru- « mores de approvação interrompem o orador, que em voz « mais alta continúa)* venho á vossa patria, senhores, para « me aquecer ao sol da civilisação, que em nenhuma terra « resplandece com tanto brilho: *(Muitos apoiados)* para ad- « mirar os milagres operados por uma nação intelligente « e generosa... *(Apoiados e bravos prolongados)* para res- « peitosamente prestar homenagem a uma nação que bem « propriamente se poderá chamar a patria de todas as glo- « rias: *(Larga interrupção de applausos, o orador pede e « bebe varias vezes agua)* finalmente para gosar desta « nobre alliança da ordem e da liberdade, realisada, pelo « maior povo do mundo. » *(Explosão de apoiados — vozes muito bem, muito bem — o orador não foi comprimentado pelos seus numerosos amigos, porque ainda nem se quer tinha conhecidos. — Um miliciano da Ilha do Negro Animal gritou enthusiasmado: — Vivam os mortos de Paris.)*

Foram precisos alguns instantes para socegar a emoção causada pelo eloquente improviso de Mauricio: os circumstantes não podiam disfarçar a surpreza de apreciarem em

um barbaro, enterrado havia tantos seculos, aquella elevação de pensamento e perfeito criterio dos factos.

Algumas pessoas mais eruditas que tinham chegado a tempo de ouvir metade do discurso, julgaram descobrir na linguagem do homem que lhes fallára, algum antigo deputado, administrador de concelho, regedor, ou oraculo de botequim, que tivesse sido conservado vivo pelo processo Gannal

Restabelecido o silencio, o sr. Fogaça, que desejava responder dignamente ao discurso do seu hospede, deu alguns passos com gravidade, tossiu tres vezes para concentrar as idêas, e disse em linguagem franco-anglo-portuqueza:

« Senhor:

« Em resposta ao vosso do presente dia, apresso-me de « vos fazer sciente que a casa Fogaça & C.ª estimará es- « tabelecer relações com a vossa, e que sereis acolhido tão « favoravelmente como se fosseis uma letra á vista: a dita « casa terá muita honra em vos manter na boa opinião que « fizestes do povo a que ella tem a fortuna de pertencer. »

Os ouvintes olharam satisfeitos uns para os outros. Todos louvaram a clareza e exactidão commercial da resposta do sr. Manuel Fogaça, o qual percebendo o effeito do discurso-carta, a que só faltava o aperto do copiador, sorveu uma pitada de tabaco para se fingir modesto.

Mauricio contou o que tinha acontecido, e o sr. Fogaça entregou-lhe algum vestuario achado nas escavações do antigo mundo, depois do que se retirou, dizendo que brevemente voltaria.

Quando veio, um quarto de hora depois, não pôde suster uma gargalhada, vendo como estavam vestidos os dois esposos. Estudou todas as partes do traje, como faria o homem do seculo XIX examinando os restos de algum selvagem. Foi mister explicar-lhe para que servia o vestido comprido da mulher, que na sua opinião embaraça o andar, e especialmente a saia-balão, que desperdiça a fazenda

tomando espaço; ensinaram-lhe para que serve o chapéu das nossas elegantes, em que a cabeça parece sair de um cartucho; e perguntou o sr. Fogaça para que serviam as abas da casaca que se parecem com duas azas de um insecto doente: não comprehendia de que servia a calça puxada em cima pelos suspensorios, e em baixo pelas prezilhas, como se fosse esquartejada por quatro cavallos.

Martha e Mauricio justificaram o melhor que poderam os costumes do seu tempo; mas o sr. Fogaça, comparando tantas complicações com a simplicidade e perfeição do seu traje sorria vaidoso. O fato do negociante do anno TRES MIL tinha com effeito resolvido uma questão importante de utilidade pratica: não servia só para o vestir semi-decentemente, mas tambem servia de annuncio, de folha de preços correntes, e de canhenho dos vencimentos das lettras. No cinto das ceroulas estavam impressas em egypcio as palavras FOGAÇA & COMPANHIA, seguidas em typo de menos corpo, dos esclarecimentos commerciaes mais minuciosos ácerca da natureza e excellente qualidade dos productos da sua fabrica. A perna direita continha tabellas para simplificação dos mais complicados calculos, e a esquerda um novo *Almanak de Lembranças* com as horas da partida e chegada dos vapores, correios, comboyos dos caminhos de ferro, etc. Dos lados do cinto pendiam como laços, nóz formados pelas lettras pagas, provando a extensão dos negocios da casa Fogaça, e a exactidão dos seus pagamentos. Finalmente, uma penna descançando na orelha, demonstrava que o digno fabricante tinha sido momentaneamente distrahido do prazer da contabilidade em partidas dobradas. O sr. Fogaça levou os dois esposos a muitos armazens de retem, em que estavam empilhados restos arrancados pelos seus commissionarios ás ruinas do antigo mundo. Era a esta especialidade que devia a fortuna e a fama do seu nome. Explorava as gerações extinctas, como nós ao presente exploramos a vegetação carbonisada nas minas de combustivel. Sepulturas antigas, restos de monu-

mentos, obras em bronze, armas, medalhas, estatuas, tudo reunia nos seus depositos.

O armazem de Fogaça & C.ª, era o bazar das curiosidades do mundo, onde affluiam os colleccionadores e academicos, raça indestructivel que a nova civilisação não póde acabar.

Martha e Mauricio encontraram um destes ultimos quando terminavam o passeio. Era o celebre dr. Universal que tinha como especialidade ser encyclopedico. Elle só representava vinte e oito cidadãos, porque recebia os ordenados de vinte e oito logares: a lista dos seus titulos cobria uma pagina em quarto, e tinha tantos habitos como campainhas arreiam um macho hespanhol.

O sr. Fogaça apresentou-o unicamente como secretario perpetuo da sociedade historica, professor de litteratura, presidente do conselho universitario, director de todas as escólas normaes, e vogal de quatorze mil setecentas e trinta e quatro commissões, das quaes dois terços, como a maioria das commissões de Portugal, nunca se tinham reunido.

O dr. Universal, que acabava de saber o espantoso acontecimento, saudou os heroes do dia, com a dignidade do homem que pertence a muitas academias, não tendo portanto o miseravel direito de se admirar de coisa alguma, como o resto dos mortaes.

Trocados os comprimentos do costume, o doutor dirigiu a Mauricio muitas perguntas com o fim de ostentar os seus aturados estudos litterarios e historicos.

Perguntou-lhe se tinha conhecido Carlos Magno, o Marquez de Pombal, Paulo de Kock, um tal Napoleão Bonaparte, de quem Ruy de Pina parece que escreveu a historia, e finalmente manifestou-lhe o desejo de possuir alguns apontamentos para a biographia do redactor de um jornal intitulado o *Ramalhete*, pois que nas escavações das margens do Tejo do lado em que foi Lisboa, se acharam provas de que era o livro mais pedido e lido dos muitos e preciosos que possuia a bibliotheca publica da patria de Camões.

Mauricio atordoado com tantas perguntas, diligenciava ás vezes responder, mas o dr. Universal não lhe dava tempo. Saltava sem a mais leve transição do passado ao presente para acabar em uma prelecção ácerca do estado da terra no ANNO TRES MIL.

Os dois esposos ouviam-no com attenção, porque o doutor era tão original na sciencia como na ignorancia. Informou-os de que estavam mesmo no centro do mundo civilisado, pois que os differentes povos formavam um só estado com o nome de *Republica dos Interesses Unidos.* O centro ou capital desta republica, era a antiga Ilha de Borneo, chamada agora *Ilha do Orçamento.* Cada povo mandava-lhe um certo numero de deputados, e estes regularisavam em commum, e sempre conforme a vontade do governo, os negocios geraes. As listas das eleições eram estampadas em cobre, vindo o deputado logo ineditamente com o nome gravado na materia propria para os monumentos, e ficando muito mais uniforme o processo eleitoral. Quanto ao mundo antigo deixavam vegetar nelle algumas colonias, que eram governadas pela metropole, e que principalmente se conservavam para não inutilsar a chapa dos discursos com que se abriam e fechavam as camaras, pois que havia nelle um paragrapho obrigado e constante em todas as legislaturas. A optima lei da divisão da mão d'obra tinha sido applicada á republica. Cada nação formava uma só fabrica. Uma fabricava alfinetes, outra graxa para o calçado, e outra anzoes. O prodigio do principio da divisão do trabalho está saltando destes tres importantes factos. Cada povo não cuidava, não fallava, nem estudava senão com referencia ao producto da sua fabricação. A *Ilha do Orçamento* era a unica porção de territorio da republica que reunia as variedades da arte e da industria: por toda a parte se viam specimens da civilisação, methodicamente classificados, como podem estar em qualquer caixa de amostras os generos que ella contiver.

Mauricio e Martha declararam logo que desejavam ir á

Ilha do Orçamento, porque o academico lhes assegurou que era o ponto para onde se dirigiam todas as vistas e desejos da republica. O sr. Fogaça fez opposição a esta viagem, porquanto sustentava com bom direito, que os dois esposos estando comprehendidos em uma das remessas que tinham sido expedidas á sua casa, conforme provava a respectiva factura, pertenciam-lhe tão legitimamente como as outras antiguidades que estavam nos seus armazens.

O academico sustentava que os estudos historicos, amplamente subsidiados pela republica, tinham grande vantagem na descoberta das duas amostras da infancia da humanidade. Os dois esposos deviam portanto ir para o muzeu archeologico, e nas prelecções do respectivo professor seriam exibidos como comprovação plena dos eruditos e intrincados trabalhos do distincto academico.

O doutor chegou a ameaçar o negociante com uma interpellação nas camaras, feita pelo mais rabugento e boliçoso orador de antes da ordem do dia.

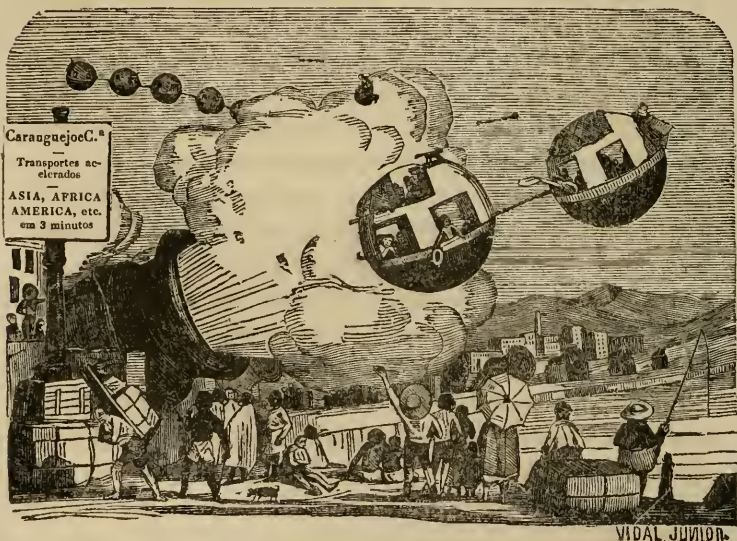
Fogaça agarrado ora a um, ora a outro artigo do Codigo Commercial, sustentava o seu direito de propriedade, enfurecendo o academico cada vez mais, até que se foi refugiar no desmantellado reducto da Carta Constitucional, apresentando ao seu adversario o escudo ferrugento dos direitos do cidadão.

O doutor desalojou victoriosamente o inimigo, não com uma carga de bayoneta, mas com uma boa somma de dinheiro, que a pretexto de expropriação por utilidade historica, saiu dos fundos do cofre sem fundo do orçamento da republica, pela verba elastica dos auxilios á litteratura nacional.

O doutor podia portanto realisar o seu intento de apresentar os dois resuscitados na capital, inculcando-se como auctor de tão curiosa descoberta.

Martha e Mauricio acompanharam-no portanto até á margem da bahia que era mister atravessar. A passagem era feita por meio de baterias estabelecidas nas duas mar-

gens. Um conductor abriu a maior das peças pela colatra, e fez entrar nella cortezmente os nossos tres viajantes que se assentaram no interior de uma bomba cuidadosamente estofada.

Martha não pôde vencer de todo o receio ao vêr-se collocada como um cartuxo de polvora no fundo de uma peça; mas o academico tentou explicar-lhe as vantagens deste methodo de atravessar os rios! Quando estava em meio da demonstração, Martha ouviu gritar: Fogo!

Novo meio de passar os rios

No mesmo instante sentiu-se levada pelo ar, com a rapidez do raio, e tornou a si na outra margem, cercada por umas vinte bombas ainda fumegantes, que tambem acabavam de chegar.

O dr. Universal disse-lhes que iam continuar a viagem por um dos caminhos subterraneos que atravessavam a ilha.

—Anteriormente ao progresso da civilisação, construiam os homens caminhos sobre a terra, os quaes se multipli-

caram a ponto, que invadiram quasi toda a superficie do globo. Quando o solo estava cruzado em todo o sentido pelas linhas de ferro fundido, convenceram-se de que estava perto a época, continuando assim, de não terem que transportar, á força de augmentar os meios de communicação. Adoptaram portanto a idêa de levar os caminhos, não por baixo do ceu, mas pelo interior da terra.

A experiencia provou a superioridade do novo systema pelo qual o homem viaja tão socegado e rapido como se fôra um fardo de fazenda. Mostrou aos seus dois companheiros os sitios por onde corriam differentes caminhos subterraneos, cujas aberturas no declive da montanha pareciam outras tantas fornalhas. Engenhos gigantescos, postos em movimento por meio de machinas, introduziam ou tiravam dos caminhos as locomotivas fumegantes. No seio da montanha rodavam os trens, imitando no ruido os rumores subterraneos que precedem um terremoto: o stridente ruido do ferro, e os assobios agudos do vapor cortavam por vezes a monotonia d'aquelle estrondo.

Ao entrar em um desses tubos subterraneos, Martha não pôde deixar de dar um grito assustado, e apertou convulsamente a mão de Mauricio. O academico estranhando muito estes infundados receios, começou uma prolixa demonstração, de que os caminhos por baixo do solo eram não somente os mais commodos; mas tambem os mais seguros. Enumerou as pessoas mortas annualmente pelos differentes modos de locomoção, juntou a este numero os estropeados, depois os feridos, especialisou as differentes especies de feridas com a sua gravidade: sommando tudo, estabeleceu uma regra de proporção, provando que os caminhos subterraneos, em cada anno apenas eram causa de mil e trezentas victimas, e mais uma fracção de victima. Esta demonstração mudou em susto a inquietação de Martha. O doutor para a socegar passou a demonstrar-lhe que não estava exposta aos perigos e incommodos dos outros systemas de viação, pois que a sciencia tinha evitado to-

dos esses inconvenientes, deixando o viajante nos caminhos subterraneos, unica e exclusivamente exposto a um perigo, o de ser morto.

O susto de Martha augmentou. Felizmente Mauricio cingindo-a com um braço chegou-a para junto de si, e ella partilhando do socego de seu esposo fechou os olhos alguns instantes para tranquillisar o espirito.

O doutor persuadido que Martha meditava nos seus raciocinios, admirando os bellos resultados da estatistica, continuou o discurso, demonstrando que na *Republica dos Interesses-Unidos*, em consequencia da rapidez dos meios de locomoção, ia qualquer pessoa em duas horas comprar assucar ao Brasil, em tres o chá a Cantão, e em quatro o café a Moka. A mulher do sabio academico, tinha a modista em Macau, o cabelleireiro no Indostão, e comprava as luvas no polo do norte, tres portas mais abaixo de que o circulo arctico, que talvez alguns dos leitores não tenham a honra de conhecer, nem de nome.

O doutor provou com muitos algarismos, que juntando á vida dos homens do anno TRES MIL, as horas ganhas pela rapidez das communicações, a duração media da existencia era de cento e vinte annos, e mais uma fracção. Viajar consistia em partir e chegar.

Martha dormitava: as lembranças confusas do passado, fluctuaram vagamente no seu espirito por algum tempo, até que uma dellas afugentou as outras, e foi saindo lentamente desse cahos, como uma estrella sáe d'entre as nuvens.

Martha sonhava com uma viagem que tinha feito em companhia de Mauricio, na vespera do seu somno secular. Parecia-lhe estar ainda vendo a claridade suave do caír da tarde illuminar as colinas de Virofloi, e os aceiros das matas: distinguia o espinho florido que bordava o verde-pallido das sebes: sentia o perfume dos lilazes, que de espaço a espaço coroavam os muros dos jardins: ouvia ainda soar pela estrada, que o crepusculo já escondia á

vista, o tocar das campainhas cadenciado pelo trote dos cavallos. Aopé della estava Mauricio, tendo uma das mãos nas suas; perto de Mauricio um cocheiro velho e pensativo: atraz delles o resto dos viajantes, que eram: um aldeão, bom fallador; uma mulher nova, mas já mãe, sempre inquieta ao mais leve movimento dos filhos; e um soldado idoso, e que não dava palavra.

A carroça de viagem rodava vagorosamente pelo terreno molhado, e a cada instante o rodar se tornava mais demorado: os viajantes principiavam a manifestar signaes de impaciencia.

— Dê no cavallo! exclamavam todos. O cocheiro apenas agitou as redeas.

— De que serve o chicote? perguntaram alguns.

— É um sendeiro! observou o aldeão.

—Um preguiçoso! accrescentou a mãe das creanças.

—Um covarde! disse o soldado.

O cocheiro meneou a cabeça.

—Estão enganados, disse elle a final, o russo não é sendeiro, pois que tem passado por mais privações do que poderiam soffrer os mais robustos da sua raça, e ha vinte annos que as soffre!

—Vinte annos! repetiu o aldeão admirado.

—Talvez mais, redarguiu o cocheiro: e tambem não é preguiçoso, pois que ha muito tempo que alimenta com'o seu trabalho um homem, uma mulher e dois filhos.

—Com effeito tem sido um animal bem util! respondeu a mulher que o tinha qualificado de preguiçoso.

— E tambem já deu provas de coragem, continuou o cocheiro todo ufano! olhem para aquellas cicatrizes que se lhe conhecem ainda.

—Ah! já serviu no exercito? disse o velho soldado, com certa doçura de expressão.

Todos olhavam para o russo, que ia puchando pela carroça conforme podia: ninguem pensava já no chicote!

O aldeão calculava o que poderia valer o trabalho de

vinte annos; a mãe das creanças, que entrava no numero dos viajantes, pensava nos dois filhos do cocheiro que aquelle cavallo tinha ajudado a sustentar; e o soldado olhava para as cicatrizes que o velho havia indicado: quando chegaram ao caminho plano todos queriam apear-se, mas o cocheiro não os deixou, e bradou ao cavallo:

—Eia, meu russo, vá mais esta estafa por conta de Emilia; ámanhã descançaremos. Depois voltando-se para Martha e Mauricio, disse-lhes:

—Emilia é minha filha, que ha de casar sabbado com o filho de um dos meus visinhos: sua mãe e eu já lhe comprámos a mobilia, que não é grande, mas custa dinheiro; para que esteja completa faltam ainda alguns cobres, e o russo não deve descançar sem que eu os tenha ganho; e ha de ganhal-os ámanhã...

—Já os ganhou, interrompeu Mauricio, dando-lhe algum dinheiro; podeis portanto antecipar um dia a ventura de Emilia, e o descanço do vosso bom cavallo: Deus faça os noivos felizes. E dizendo isto saltou trazendo Martha comsigo, e a carroça alliviada deste pezo desappareceu no escuro do caminho.

Paris ficava ainda distante, mas o caminho pareceu curto pela conversação alegre e affectuosa que Mauricio e Martha fizeram, até chegar a casa. Esta viagem não a podiam esquecer ambos, porque ella era um desses traços luminosos que a vida dos amantes deixa no passado, e para os quaes o pensamento se volta sempre. As imagens que as reproduziam tinham todas sido vistas no sonho de Martha, quando ao julgar que entrava na alegre trapeira de outros tempos ouviu um grande ruido que a despertou sobresaltada.

III

Extracção de viajantes.— Hospedarias-modêlos. — O copo d'agua por 3$070 reis, — Partida a bordo da Dourada, navio-peixe submarino. — O sr. Palafox, corretor ambulante de narizes, livros e generos coloniaes. — Prospecto humano. — A sciencia permitte ao cidadão a escolha do seu nariz. — Academia do Marrare e duvidas sobre as suas memorias. — Duzia de freira. — Communicações com a lua. — Perigoso encontro com uma balêa. — Lição do sr. Vertebrado sobre os cetaceos. — Destruição de um navio. — Registo civil das machinas.

O comboyo em que iam o academico e os nossos consortes, tinha parado no fundo de um precipicio, e sobre as cabeças dos viajantes luzia o ceu por uma nesga, cortada pelo braço de uma grande machina. O dr. Universal disse-lhes que eram chegados ao seu destino, e que em cada uma das cidades havia um poço para a extracção dos viajantes, similhante a este que estavam vendo. A carroagem foi a este tempo agarrada pelos grandes braços da machina, e começou a subír rapidamente como um cesto de mineiros. Logo que chegaram ao cimo do poço ouviram muitos gritos, e um cento de homens e de rapazes veio apertar em estreito circulo os viajantes recemchegados.

Martha pensou que a esmagavam, e recuou assustada; mas o dr. Universal explicou-lhe que eram os donos das hospedarias e os guias da terra, que lhes vinham offerecer seu prestimo. Uns deitavam sobre os viajantes centenares de annuncios, outros offereciam-lhes bandejas de refrescos, alguns traziam grandes garfos com aves assadas nos dentes, costelletas e tiras de prezunto, que apresentavam como prospecto-specimen de seus estabelecimentos. Havia tambem nessa multidão escovadores, engraxadores e moços, todos desesperados por venderem os seus serviços.

Mauricio não tinha dado seis passos, e já havia sido obrigado a tomar dois copos de limonada, e a entregar a tres corretores de hospedarias a bengala, o lenço e o chapeu.

O doutor recommendou-lhes que observassem este furor de hospitalidade, esta multiplicidade de attenções, e finalmente a abundancia de tudo quanto podiam precisar.

— Vejam, exclamou elle, os beneficios da civilisação: Uma povoação inteira está ás ordens de cada um de nós: todas as producções do mundo vem ao nosso encontro; apenas chegamos e logo achamos antecipadamente prevenidos os nossos desejos, e conhecemos que não nos falta coisa alguma.

Assim era: tudo se offerecia a Martha e a Mauricio; mas faltava-lhes o poderem respirar. Fugiram portanto para a primeira hospedaria que viram, como se fosse um logar em que estivessem ao abrigo da perseguição que os cercava.

Á entrada estava um guarda portão com a sua alabarda, que os saudou tres vezes, indicando-lhes um criado grave com uma cadeia de oiro ao pescoço, similhante á que traziam de prata os continuos da camara dos pares em Portugal, quando havia pares em Portugal. Este criado levou-os a um outro, especialmente encarregado de abrir a porta da sala, que era uma extensa galeria, deslumbrando os viajantes ao primeiro aspecto. O criado percebendo o effeito produzido, sorriu e disse:

— Estão vendo na sua presença os triumphos da industria: coisa alguma do que vêem é o que parece. As columnas, que imitam marmore, são de barro; a riquissima fazenda de brocado, é de vidro fiado; o sobrado de madeira côr de roza, é de betume pintado; o velludo que forra os sofás, é caoutchouc aperfeiçoado; tudo poderá durar dois annos, quando muito, ou o tempo necessario para o dono da hospedaria vender o estabelecimento ficando millionario.

Quando acabava esta breve explicação chegaram outros criados. Todos traziam impressos no vestuario os symbolos das suas attribuições: um, pratos, garfos e facas; outro, copos e garrafas; um terceiro, peças de carne assada, peixes, e fructas: traziam tambem ao pescoço pendentes de um colar as iniciaes do proprietario da hospedaria, abertas sobre uma chapa.

O doutor teve a delicadeza de convidar para o almoço os seus companheiros de viagem.

Mauricio e Martha como havia muitos seculos que não comiam, já tinham perdido o costume. O academico portanto apenas pediu um copo d'agua.

O criado encarregado de receber a nota do que pediam os hospedes, foi a uma pequena livraria d'onde tirou um volume encadernado que trouxe, e na lombada do qual se via em letras doiradas.

LISTA DAS AGUAS

QUE SE VENDEM NA HOSPEDARIA DOS DOIS MUNDOS

A primeira pagina começava:

1.ª Agua da fonte:

2.ª Agua de poços:

3.ª Agua de regato:

4.ª Agua de ribeiro:

5.ª Agua de rio:

6.ª Agua filtrada pelo carvão:

7.ª Agua filtrada pela pedra:

8.ª Agua...

Mauricio parou a leitura, voltou cerca de trinta paginas, e viu que a lista chegava ao numero de ordem de trezentos sessenta e seis!

A hospedaria dos Dois Mundos tinha tantas qualidades de agua quantos são os dias de um anno bissexto. O doutor percorrendo este mesmo catalogo fez mui sabias reflexões a proposito de cada uma das qualidades das aguas mencionadas: leu, releu, tornou a hesitar na escolha, e ao cabo de longa meditação pediu agua da fonte. O pedido foi transmittido pelo criado das requisições, e passados cinco minutos um criado trouxe a bandeja. Cinco minutos depois outro criado trouxe a garrafa, e quando passavam ainda outros cinco minutos, veio um terceiro criado trazer o copo.

Um quarto de hora tinha bastado para obter um copo d'agua! Graças á divisão do trabalho!

Em quanto o doutor bebia a escolhida agua da fonte, quizeram Martha e Mauricio chegar a uma das janellas, mas um criado advertiu-os que para isso era mister comprar um bilhete ao encarregado dos *pontos de vista*. Iam para uma das portas, quando outro criado os advertiu, que saindo sem senha não podiam tornar a entrar. Foram para se assentar em um dos sofás, e eis que outro criado acode, e lhes observa attenciosamente que esses logares são muito mais caros. Não tiveram portanto outro remedio senão voltarem para aopé do academico, que acabava de beber o seu copo d'agua, e tinha pedido a conta.

Appareceu logo um criado especial, trazendo uma folha de papel vellino ornada de vinhetas douradas e impressas a côres.

Mauricio pôde lêr por cima do hombro do dr. Universal o seguinte:

Deve o Sr...

Por tres comprimentos do guarda-portão com alabarda....	$240
Pelo criado com cadêa de oiro........................	$400
Pelo criado que abriu a porta da sala..................	$080
Aluguer da lista das aguas..........................	$040
Bandeja..	$030
Garrafa..	$035
Copo...	$045
Agua da fonte......................................	1$000
Meza e bancos......................................	$800
Serviço..	$400
Total.......	3$070

O doutor observou a Mauricio que em consequencia desta contabilidade aperfeiçoada não era mister gratificar os criados.

Martha involuntariamente se lembrou do Evangelho, e pareceu-lhe que as hospedarias da *Ilha do Negro Animal* tinham procurado realisar de um modo celebre aquella promessa de Jesu-Christo:— *O copo d'agua lhe será pago pelo centuplo.*

Levantaram-se e caminharam em direcção ao porto, pois que deviam embarcar, como é sabido, para a *Ilha do Orçamento.* Quando chegaram, o cáes estava apinhado de viajantes, uns que desembarcavam, outros que se preparavam para partir.

De todos os lados se ouvia:

—O vapor do Japão;

—O estafeta do Mar-Vermelho;

—O omnibus do Brazil com correspondencia para a Terra-Nova.

O doutor, entre differentes coisas, fez notar aos dois esposos um homem que tinha na mão um pincel, e que traçava no peito ou nas costas de cada passageiro o mesmo numero impresso nas malas e saccos de viagem, meio engenhoso e util para estabelecer uma perfeita ligação entre o viajante e a sua bagagem.

Chegaram a um embarcadouro onde se lia:

DOURADAS ACCELERADAS

DA ILHA DO NEGRO ANIMAL PARA A ILHA DO ORÇAMENTO

EM CINCOENTA E TRES MINUTOS

—É aqui, disse o dr. Universal.

Mauricio e Martha olharam, e não viram signal algum de embarcação.

—Procuraes o navio, disse o doutor sorrindo, está no seu logar, no logar de uma Dourada.

—Debaixo d'agua? observou Mauricio.

—Justamente, respondeu o doutor. Antigamente julgavam que era proprio do navio fluctuar; mas o progresso da sciencia condemnou tal principio. Todas as nossas linhas de vapores são submarinas, e as estradas subterraneas. Facilmente comprehendereis que as vantagens são identicas nos dois casos.

As Douradas acceleradas navegando debaixo d'agua não são estorvadas pelo vento, pelos raios, nem pelos piratas. A sua construcção é engenhosa, julgareis vendo: e levou-os á extremidade do embarcadouro, onde estava um sino mergulhador, no qual desceram para o navio submarino. A fórma do barco era a do peixe de que tomára o nome. Figurava-se portanto uma immensa Dourada, tendo o rabo e os nadadouros movidos pelo vapor. No logar das escamas havia janellinhas postas em fieira, por onde entrava o ar que vinha de tubos, cujas extremidades fluctuavam no cimo da agua. Como já estavam todos os passageiros a bordo, não tardou que a Dourada partisse. O doutor preparava-se com uma grande massada aos seus ouvintes ácerca da capital da *Republica dos Interesses-Unidos;* mas foi interrompido por um outro viajante, que o reconheceu como antigo conhecimento, correndo para elle com os braços abertos.

—Ah! é o sr. Palafox, disse o academico, como resposta aos repetidos abraços do seu conhecido, dando á voz um certo tom de protecção, e juntando-lhe estas palavras: É um dos nossos mais conhecidos emprehendedores. E indicando-lhe com a mão Martha e Mauricio, accrescentou:

—Apresento-vos um casal humano dos antigos tempos.

—Os parisienses de Manuel Fogaça? interrompeu Palafox, que já os tinha examinado: por tres minutos que me escaparam. Mal que soube da sua descoberta fui ter com Fogaça para propôr o dividil-os em acções de uma companhia anonyma. Tencionava explorar esta empreza junta-

mente com os telegraphos lunares, mas como tinheis vindo primeiro perdi o negocio que era excellente. Pela minha conta deveis ganhar seis mil por cento.

O doutor com visivel atrapalhação pretendeu provar que não estava na sua mente nenhuma especulação com referencia aos dois esposos, pois que o seu acordar de um somno de tantos seculos unicamente devia aproveitar á sciencia, e que era com effeito este o fim que os levava á *Ilha do Orçamento.*

Palafox piscou um olho, e disse: comprehendo; o vosso projecto é outro, ganhareis mais do que em uma especulação... estaes no vosso direito. Não vos farei concorrencia, e tanto mais que tenho dado ultimamente grande desenvolvimento aos meus negocios. Desde o nosso encontro no Cabo da Boa Esperança, formei uma sociedade anonyma para exploração do privilegio exclusivo do dr. Penco. Sabeis de quem fallo, é d'aquelle italiano celebre que inventou um apparelho orthopedico para os desvios do nariz. Peço perdão de vos deixar; vejo aqui perto um viajante a quem dei o prospecto.

Effectivamente um novo interlocutor se juntou ao grupo em que estava o academico.

Era um homem baixo, rotundo, cujos braços lembravam duas barbatanas, e as pernas eram tão curtas, que parecia um destes bonecos de cartão que rolam sobre a barriga. Tinha olhos pequenos enterrados na carne parecendo dois buracos feitos ao torno. O nariz estava como estrangulado entre as faces hemisphericas, fazendo o effeito das excrecencias que se notam na casca das laranjas de Malta, ou laranja de umbigo.

Saudou com o pé, não lhe permittindo o atarracado do pescoço saudar com a cabeça.

— Bella descoberta! disse elle com voz apopletica, mostrando o prospecto que agitava em uma das mãos.

Se quizesse experimentar? perguntou contente e apressado o sr. Palafox.

— E por que não? replicou o gordalhudo com uma risada que parecia um ataque de tosse. E porque não? Eu sempre animei o progresso das artes...

— Como nós, meu senhor, o progresso dos narizes, atalhou o especulador.

— Com que em verdade podeis obter o seu augmento ou diminuição por meio do apparelho?

— Sim, senhor, conforme o tamanho do nariz. Assim o podeis vêr na lythographia junta ao prospecto. Em virtude do novo apparelho orthopedico cada individuo poderá escolher o seu nariz, da mesma fórma que no mundo antigo escolhia o seu chapeu. Na tabella vereis o preço segundo a fórma de cada especie.

O homem baixo voltou a folha que tinha na mão, e começou o exame de uma serie de narizes, desenhados em frente da pauta dos preços. Esteve indeciso algum tempo entre o nariz grego e o nariz arrebitado, mas na presença de uma judiciosa observação de Palafox, sustentando que estes ultimos não estavam em voga, escolheu um dos outros.

O especulador tirou logo da mala um compasso, tomou a medida da verruga, que o sêu acreditado apparelho devia transformar em nariz grego, e tomou nota n'um livro, como fazia um certo Keil, alfayate com muita voga na antiga Lisboa, ao tomar medida do fato dos membros da academia do Marrare, uma das mais celebres dos primeiros seculos, e da qual, como provam trabalhos historicos de grande valia, foram membros diversos homens de estado, e outros sem estado. Parece que na decadencia da civilisação antiga, um Gremio do qual não resta outra memoria, além deste nome, supplantou a dita academia. Da obscuridade que cerca as memorias desse tempo, o menor inconveniente que póde resultar, é não ter nunca existido tal alfayate, o que até já foi provado por um dos eruditos do ANNO TRES MIL; como complemento do estudo demonstrativo de não ter existido Homero, nem casacas com golla de velludo.

Os dois esposos ouviram que o freguez do nariz chegava d'Africa, onde tinha ido por causa da tisica que padecia; e souberam mais, que a gordura do homem era o resultado de uns caldos inventados pelos arabes. O doente curado trazia comsigo a receita que vendêra á Sociedade de Hygiene Publica, a qual o incorporou na empreza na qualidade de prospecto vivo.

Ao findar estas explicações, Palafox viu perto de si um viajante que pelo aspecto parecia ecclesiastico; e logo procurou na mala amostras de reliquias, contas e veronicas. Aproximando-se delle com muita modestia, disse-lhe:

— Não me engano, tomando a liberdade de julgar que o senhor tomou ordens?

— Sim, senhor, respondeu o viajante.

— Estava bem seguro disso, redarguiu Palafox com humildade; quando nos aproximamos dos santos existe sempre uma voz interior que nos adverte... Mas já que a Providencia me permittiu este encontro, espero que me facilite ensejo para offerecer á sua attenção alguns objectos destinados á satisfação dos fieis: *Ad majorem Dei gloriam*. Imitando a voz de um pregoeiro, apresentava ora uma, ora outra amostra dos objectos que pretendia vender.

— Esta é uma reliquia de santo Onofre, que a civilisação moderna considera advogado dos litteratos. Attendendo ás muitas pessoas a quem póde convir, vendemos taes reliquias a 80 réis a duzia de quatorze, a que chamaremos duzia de freira, em virtude de uma reminiscencia da antiguidade.—Esta é uma medalha que póde ser destinada a qualquer santo da devoção especial do individuo que a comprar, tem a virtude de livrar o cidadão de ser jurado, de servir nos batalhões nacionaes, de ser preso como refractario, de ser eleitor, juiz de paz, e de outras similhantes enfermidades terrestres: o seu preço é de 160 réis as sete.—Isto é um rosario...

— Peço-lhe perdão, meu senhor, interrompeu o viajante

a quem elle estava fallando, está enganado, eu não sou padre catholico.

—Ah! exclamou Palafox, nesse caso estou na presença de um digno ministro da religião reformada.—E correndo á mala, tirou uma Biblia, e com ella na mão, imitando o gesto magestoso de um rabugento pedagogo disse:

—Aqui tenho o que vos convem: esta é a lei universal —o grande Verbo, o Deus vivo. Nas suas paginas só vereis preceitos indestructiveis, apesar de que lhe juntámos alguns livros apocryphos. Ahi achareis a receita para a satisfação temporal e espiritual, com o formulario para a sua applicação. Custa tudo dez tostões, comprehendendo caixa e fechos de metal.

—Em verdade é bem pouco dinheiro por tanta coisa, disse a pessoa com quem se tinha começado a travar o dialogo; e rindo accrescentou: teria aproveitado seguramente a barateza quando era ministro da religião reformada; mas ao presente não posso, porque as convicções do protestante estão refugiadas na philosophia.

—Sois philosopho, pelo que vejo! atalhou Palafox, batendo uma palmada na perna... assim me tinha já parecido: essa fronte tão espaçosa, esse olhar pensativo, eram signaes da vossa missão. Estou satisfeitissimo de o saber, porque eu tambem sou philosopho pratico, e a prova é que viajo por conta da *Sociedade para a extincção das crenças.* Tenho alli o regulamento no meu bahu; estou auctorisado para receber as subscripções. Depois de uma pausa de alguns instantes offereceu ao seu interlocutor um folheto, tendo na primeira pagina uma vinheta, que representava o genio da verdade pisando aos pés a hydra da superstição: o genio era o retrato do presidente da sociedade, e as cabeças das hydras retratos de alguns padres conhecidos.

Palafox deixou o ex-pastor protestante a examinar o folheto, e voltou para onde estava o academico.

Mauricio não pôde deixar de lhe fazer os maiores elogios,

em consequencia da pericia commercial que lhe tinha visto desenvolver com tanto talento.

Quereis lisongear-me! exclamou Palafox, muito risonho; conheço bem os meus defeitos, e um principalmente, o que mais me prejudica; sou muito franco em todos os negocios. Não sei reputar bem os generos que vendo, nem promover convenientemente os meus interesses! Mas que ha de ser! Sou fanatico pela boa fé antiga, quero que todos possam desaffrontadamente negociar comigo. Tambem todos me conhecem, e recebem com os olhos fechados quanto lhes expesso, seja assucar, chocolate, mel, vinho da Madeira, etc. Este é o meu unico desejo: a confiança do publico honra-me e constitue o meu lucro liquido e seguro.

Em quanto estava fallando, o corretor aproveitava o tempo, que é dinheiro, despejando uma das suas malas para mais convenientemente arranjar as amostras. Mauricio viu por acaso um papel que estava fóra da mala, e no qual involuntariamente foi lendo:

Receita para o verdadeiro chocolate. — Tomae um terço de feijão encarnado, um terço de assucar avariado, um terço de sebo, aromatisae o todo com essencia de cacau, e obtereis o melhor chocolate do mundo.

Receita para o mel. — Tomae melaço, farinha de centeio, aromatisae o todo com flôr de laranja, composta de saes de zinco, de cobre e de chumbo; e obtereis o mel do monte Hymeto.

Receita para assucar. — Tomae pó de alabastro...

Mauricio não pôde continuar a leitura, porque Palafox pegando no papel o juntou a outros que estavam dentro da mala, entre os quaes lhe pareceu ver uma carta que despertava no seu espirito uma recordação esquecida.

— É verdade, disse o corretor, voltando-se para o academico, parece-me que ainda vos não dei a noticia de que a sociedade para os telegraphos trans-aereos foi ha pouco formada. Para o anno estaremos em communicação directa e prompta com a lua.

— Com a lua! exclamaram ao mesmo tempo Martha e Mauricio admirados.

— As ultimas observações feitas no observatorio da capital dão o facto como possivel, accrescentou com ademanes academicos o dr. Universal. Graças ao instrumento optico inventado pelo meu sabio collega o dr. Telescopio, a lua teve a bondade de se deixar vêr.

— E brevemente se fará ouvir! accrescentou Palafox, graças aos novos telegraphos electricos que nos proporcionaram os meios de conversarmos com os lunaticos, tão facilmente como estou conversando comvosco. Tenho em meu poder o prospecto da empreza, examinae-o: e abrindo logo uma carta tirou delle uma folha explendidamente impressa contendo o seguinte:

TELEGRAPHOS TRANS-AEREOS

ÁS PESSOAS QUE TEM DINHEIRO DISPONIVEL

Capital social: CEM CONTOS DE RÉIS

Lucro seguro: DEZ MIL CONTOS DE RÉIS

« Está realisada uma descoberta que excede em importancia os mais transcendentes acontecimentos, que até ao presente tem renovado a face da terra.

« Um dos nossos sabios, ao qual se deve o invento de uma celebre passarola que nunca ninguem viu, acaba de descobrir um mundo desconhecido; este mundo é a lua!

« Uma sociedade se formou immediatamente para a exploração desta nova conquista, da qual apenas falta apoderarmo-nos.

« Já estão tomadas todas as disposições para a construcção dos telegraphos trans-aereos, que nos devem pór em

contacto com a população lunar, facilitando assim pouco a pouco o estabelecimento de uma grande linha de communicações construida em commum.

« Das observações feitas pelo sr. Telescopio resulta que a lua possue valores incalculaveis em pedreiras, tijolos, granitos e areias.

« A imaginação mais audaz recúa espavorida ante os lucros portentosos que deve produzir a exploração de tantas riquezas. Não faremos, portanto, nenhuma promessa aos accionistas; as mais modestas pareceriam exageradas. Um dever de consciencia nos obriga a prevenil-os unicamente, de que os calculos mais exactos e seguros provam que o dinheiro empregado na nossa empreza terá um juro que regulará, termo medio, por uns cincoenta mil por cento.

« Estando antecipadamente pedidas quasi todas as acções, não admittiremos as subscripções senão até 30 do presente mez. »

Seguem-se as assignaturas.

Quasi todos os passageiros se tinham reunido aopé de Palafox, durante a leitura.

Os mais enthusiasmados pediam com fervor para tomar parte desde já em tão vantajosa empreza.

Palafox immediatamente se offereceu como intermediario entre os fundadores da sociedade e as pessoas presentes; e neste supposto começou a distribuir promessas de promessas de acções, com um direito de commissão. Os viajantes que as compraram foram para outros pontos do navio, propagando a noticia e negociando os seus fabulosos titulos com duzentos por cento de lucro.

Mauricio estava admirado de quanto se passava na sua presença, e o dr. Universal aproveitou a circumstancia para impingir aos seus companheiros um longo discurso ácerca das vantagens da associação e do credito. Ia o doutor no duodecimo aphorismo de economia politica, e na vigesima quinta pitada, quando um choque terrivel abalou a Dourada accelarada, fazendo-lhe perder o equilibrio. Os passagei-

ros correram assustados á janella, e viram um immenso cetaceo adormecido no fundo do Oceano, que tinha acordado com o choque da Dourada. No momento em que os dois esposos chegaram a uma das janellas, o cetaceo tinha-se voltado. Martha teve apenas tempo para dar um grito. As ondas que levavam o navio-peixe, attrahidas pela aspiração do monstro foram engolidas por elle, como se caissem em um abysmo, e o navio só parou no estomago do monstro marinho.

O desastre tinha sido muito rapido para poder ser prevenido, e no primeiro instante depois da catastrophe ninguem se intendia com os gritos, choros e lamentações: até a equipagem se mostrava desanimada, e tinha razão, porque era a primeira vez que deviam manobrar navegando no estomago de uma balêa. O capitão, não obstante ser um maritimo bem experimentado nas rudezas do mar, confessou que não conhecia as saidas da paragem em que estavam.

Começou portanto cada um dos viajantes a dar o seu conselho; mas a final todos os meios propostos pareceram perigosos ou impraticaveis. Nesta situação desesperada, todos os olhos se dirigiram para o professor de zoologia do museu, que por acaso vinha tambem a bordo; e a maioria começou a dizer:

— Deixem fallar o sr. Vertebrado, que seguramente nos dará um optimo conselho, porque deve ter estudado as balêas, em consequencia da sua profissão. O sr. Vertebrado impertigou-se todo replecto de vaidade.

— Confesso, meus senhores, disse elle tossindo, e dando um tom grave e inspirado ás palavras, confesso que este interessante mamifero foi objecto de muitas das minhas observações especiaes, unicas na sciencia que professo; e apesar de tudo quanto contra mim tem dito e escripto os meus adversarios, julgo ter sido o primeiro que descobriu a verdadeira natureza do leite com que a balêa amamenta seus filhos! — A balêa, senhoras e senhores, é um cetaceo, nome

que se deriva da palavra grega *Ketos*, e pertence á familia do chacal, do golphinho, etc. etc. É um grande mamifero plagiuro, viviparo, e pisciforme, com dois pés chamados nadadouros, e respirando pelos pulmões...

O discurso foi neste ponto interrompido por um sobresalto inesperado. Os propulsores do navio-peixe, que tinham continuado a estar em movimento, haviam tocado nas paredes do estomago da balêa, causando uma tal contracção, que a Dourada foi levada para o canal intestinal do monstro.

O machinista aproveitando este movimento largou toda a força ao vapor, o que deu causa a uma nova nausea da gigantesca balêa, e depois a um vomito, em que o navio foi expulso.

O esforço era tão violento, que a Dourada bateu n'um rochedo onde se espedaçou. Todos os viajantes que estavam na proa foram esmagados pelo choque, afogados no mar, ou queimados pela explosão da machina.

Felizmente a pôpa do navio, onde estavam Martha e Mauricio, soffreu muito menos avaria; a maior parte dos passageiros que se salvaram foram abrigados pela povoação inteira, que acudiu ao ruido do sinistro.

Quando os espiritos socegaram, os naufragos não poderam deixar de reconhecer que o cetaceo havia tido a delicada attenção de não os desviar de seu caminho, porque estavam nos suburbios da cidade *Sem Egual*, ou unicamente a quinze legoas de distancia da cidade.

Entre os passageiros, os dois esposos, pela prolixa inutilidade do seu vestuario eram assumpto das mais disparatadas observações. Não faltou quem muito attenciosamente os qualificasse de emissarios do carnaval, e os gaiatos do anno TRES MIL rodeavam-nos espantados; e alguns apregoavam-lhes aos ouvidos phosphoros de cera, alecrim e cautelas de 25 réis.

O funccionario encarregado do *Registo civil das machinas*, foi logo prevenido do que se tinha passado. Assim

que chegou verificou o desastre, e passou o documento que segue, no qual apenas encheu as designações em frente de outras geraes e já antecipadamente impressas:

CIDADE SEM EGUAL—REGISTO CIVIL DAS MACHINAS

CERTIDÃO D'OBITO

Eu abaixo assignado, attesto que:

A machina *Dourada accelerada n.º 7*,

Nascida na *Ilha do Negro Animal*,

Edade *dezoito mezes*,

Valor *quatro centos contos de réis*,

Naufragou por accidente *de balêa*.

Fica junto o auto de noticia.

Aos *17* de *maio* do anno *3000*.

Manoel Tainha da Silva Goraz.

Pelo que dizia respeito aos viajantes que tinham morrido, como para documentar o seu fallecimento era mister saber os nomes, as profissões e as edades, o empregado absteve-se de escrever coisa alguma, em virtude do principio constitucional, que proclama o *respeito e a inviolabilidade que se deve á vida privada dos cidadãos.*

IV

Contribuições municipaes de um povo ultra-supercivilisado. — Inconvenientes dos passaportes daguerreotypados. — A commissão das pautas e os peritos jurados. — Duas pontas de um dilemma. — Casa modêlo. — O academico salpicando de perdigotos um improviso gaguejado. — Vantagens de não amar o proximo como a si mesmo. — O Evangelho é no anno TRES MIL uma velharia politica. — A fiandeira de Evrecy — A caridade e a philantropia. — Cada seculo com seu uso. — Os santos, e as medalhas epidemicas.

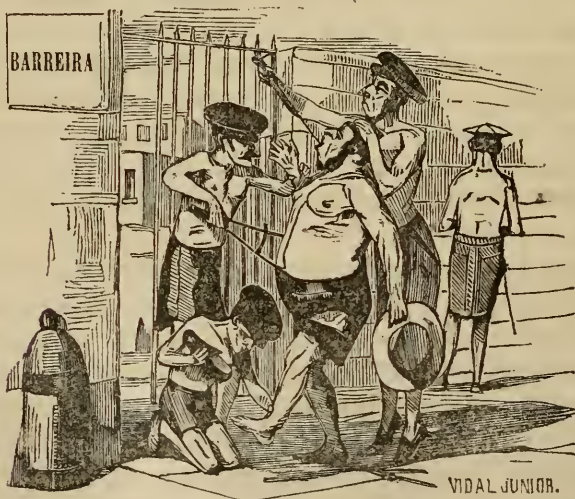
Todos os viajantes que se tinham podido salvar do naufragio e suas consequencias, seguiram viagem para a cidade *Sem Egual*. Mauricio ao chegar perto desta cidade viu que ella era cercada por duas linhas de circumvalação, destinadas a garantir a recepção dos direitos municipaes e o exame dos passaportes. Estes ultimos não eram, como nos tempos antigos, diplomas em que se mencionavam os signaes dos individuos a que se referiam, mas consistiam em retratos ao daguerreotypo, ornados com o sello da causa publica, representando portanto fielmente o viajante.

O dr. Universal estava explicando as muitas vantagens do novo systema, quando se ouviram vozes que provinham de uma porfiada altercação. Era o viajante gordo e do nariz invisivel questionando com a policia, que não queria reconhecer a sua identidade, comparando o vulto enorme do sugeito, com o individuo magro e cadaverico representado no passaporte.

O pobre homem ponderava inutilmente, que o augmento de volume e de fórmas que lhe notavam, era devido ao novo remedio de que se apresentava como prospecto vivo e ambulante. O agente da força publica, impassivel como a estupidez, declarou que não podia deixar passar senão o original do retrato que vinha no passaporte.

A duvida foi exposta a um guarda superior, que a transmittiu com o seu informe a um verificador, o qual com outro informe a levou á presença do director. Este empregado meditou muito tempo sobre o caso, folheou muitas vezes o volume das trinta e tres mil portarias que regula-

vam a materia, e decidiu a final que a questão só podia ser resolvida por dois modos: 1.º ser enviada á commissão das pautas, a qual antes de um anno não a poderia examinar, e o segundo, mais facil e prompto, era confiar o gordalhudo a *emagrecedores-jurados*, os quaes o fariam chegar a ponto de provar a sua identidade, a ser veridica a allegação do supplicante. Foram estas as textuaes palavras do despacho, que por certidão custou 800 réis.

O prospecto vivo gritava, que emagrecendo comprommettia a sua posição social; e observava que ambas as pontas do dilemma lhe matavam o futuro, pela demora: que elle vivia honestamente da sua obesidade, como muitos outros da sua reputação. O director fiscal respondeu-lhe, que a lei nada tinha com essas miserias, e que o seu principal objecto era proteger a sociedade em geral, sem fazer caso de cada um dos seus membros em particular.

Os dois viajantes deixaram o pobre gordo naquella embaraçosa situação, e vieram ter com o dr. Universal a uma

segunda barreira onde os esperava um official da alfandega. Os empregados desta estação publica tinham seguido os progressos da civilisação geral na *Republica dos Interesses-Unidos*. Os meios de exame e de averiguação haviam chegado a tão elevado ponto de apuro que em virtude da sua engenhosa intelligencia, só elles poderiam fazer o contrabando.

Acabado todo o ceremonial alfandegueiro, Mauricio e Martha acompanharam o doutor a casa.

A morada do academico era um vasto parallelogrammo, todo branco, no qual se abriam janellas estreitas que recordavam as frestas de uma trapeira. O doutor conhecendo a admiração dos seus companheiros de viagem, disse-lhes :

— No vosso tempo as casas não se edificavam assim ? O tom das palavras trazia involuntariamente a vaidade que as dictava.

— Não me lembra de ver nenhuma desta fórma, replicou Mauricio.

O doutor logo o interrompeu, como academico que não póde estar calado, e salpicou de perdigotos o seguinte improviso, habilmente gaguejado para disfarçar a intermitencia do estro :

— « A arte segue ao presente outra direcção, que não seguia na antiguidade, e os nossos artistas chegaram ao bello ideal do systema rectangular. A casa em que moro foi edificada por um dos mais habeis architectos; é portanto considerada como um primor d'arte no seu genero. Em tudo quanto estaes vendo não existe uma só pedra como ornamento, ou inutil, para fallar com mais propriedade. Pelo que diz respeito ás disposições interiores, vós mesmos as apreciareis...» Neste ponto o discurso acabou, porque chegaram ao patamar da escada. Assim que Mauricio poz um pé no primeiro degrau, este ligeiramente se depremiu, e fez mover um lampeão, que por si avançou para allumiar; no segundo degrau a campainha tocou, e

no terceiro a porta se abriu por si. Mauricio leu sobre ella esta inscripção:

CADA UM POR SI

CADA UM PARA SI

— Deveis conhecer esse preceito de um dos sete sabios da vossa terra, disse o academico sorrindo: é o resumo das leis da humanidade: *cada um por si,* é o direito; *cada um para si*, é o dever. Entrae, que muito mais admirareis.

Os dois esposos passaram por uma ante-camara em que estavam apparelhos de que ignoravam o uso.

O doutor mostrou-lhes uma caixa á qual chegavam as cartas que lhe eram dirigidas, explicando-lhes como uma canalisação vasta e ramificada facultava pelo meio do vacuo esta distribuição pelas casas particulares. Abriu depois as torneiras que levavam por toda a parte a agua, a luz e o fogo. Indicou-lhes a canalisação especial para receber os jornaes; os fios electricos que estabeleciam correspondencia tão rapida como o pensamento com as differentes lojas com que o doutor estava afreguezado; e finalmente os apparelhos paropticos por meio dos quaes a vista vencia todos os obstaculos e alcançava qualquer distancia.

Durante esta curiosa prelecção o doutor notou a falta de sua esposa, e tocou em algumas molas. O toque de uma campainha o advertiu de que fôra obedecido; levou os hospedes para a casa de jantar, onde a meza estava posta, e convidou-os para o banquete.

Martha e Mauricio depois de sentados olharam em volta de si esperando a cada instante a entrada dos criados. O academico adivinhando-lhes o pensamento sorriu, inclinou-se um pouco para o lado, e carregou em um botão de metal que ficava perto da meza. Immediatamente tudo quanto estava sobre ella pareceu animar-se. As garrafas inclinaram os gargalos sobre os copos; a colher da sopa encheu o prato de cada uma das pessoas presentes; a faca de trinchar, fixa na grande peça do assado, começou a separar as tiras que

iam ser mergulhadas nas molheiras por meio de tenazes mechanicas; o talher proprio da sellada dançou sobre ella uma especie de polka que a mexia perfeitamente; as frangas bem cevadas, como se tivessem querido voar depois de assadas, estendiam á borda das travessas os membros que mechanicamente eram logo cortados; o peixe foi muito socegadamente collocar-se debaixo da colher de prata que o devia dividir; as azeitonas e conservas começaram a girar em volta da meza, como cavallos no picadeiro, não deixando de parar diante de cada uma das pessoas que estavam jantando. Finalmente até a mostardeira se descobriu do seu casquete prateado, e apresentou aos convivas a colherinha de marfim com que se podiam servir.

Os dois resuscitados não acreditavam o que estavam vendo.

O dr. Universal explicou-lhes a serie de engenhosas invenções que tinham substituido as machinas humanas chamadas criados.

— Bem vêdes, accrescentou elle, em uma casa bem machinisada como esta minha, qualquer pessoa não carece de outra... o que presta um encanto singular á intimidade. O progresso deve ter por objecto a simplicidade, e fazer com que cada um viva por si e para si: é este o ponto de perfectibilidade a que somos chegados. Os criados de carne e osso, sujeitos ás enfermidades e paixões, estão substituidos por servos de ferro e de cobre, todos egualmente vigorosos, exactos e seguros. Ao cabo de mais alguns esforços, a civilisação terá obtido para o homem o completo isolamento, isto é, a liberdade, pois que será permittido a cada um não carecer dos serviços do seu similhante.

— Assim será, disse Mauricio, meditativo; mas nesse caso, que será feito da lei de Jesu-Christo que nos manda soccorrer e amar o proximo? Será por ventura o fim para que vivemos o egoismo, ou não deveremos, pelo contrario, viver para o proximo e pelo proximo? A machina humana, como lhe chamaes, tinha um coração, que podia bater de

acordo com o vosso, ao passo que a machina de ferro creada por esta nova civilisação, não tem nexo algum com a vossa individualidade. Preferindo esta, a preferencia significa o sacrificio da vossa alma aos vossos habitos: e quebrastes portanto o ultimo elo que ligava as classes abastadas ás que foram desherdadas pela fortuna. Os ricos não podiam esquecer nunca absolutamente o povo, onde iam buscar os servos, que eram como prisioneiros feitos á pobreza, que perpetuamente a estavam recommendando. A necessidade os convertia mais ou menos em membros da familia que serviam. Tomavam-nos a principio por necessidade, e depois amavam-nos por habito. A associação resultante deste habito seria talvez imperfeita; mas dava ensejo a feitos que ennobreciam a alma e elevavam o espirito. Parece-me que a civilisação não devia suprimir o servo, mas deveria melhorar a sua sorte, inspirando-lhe o desejo do sacrificio, e o affecto do amigo, realisando deste modo a bella historia da fiandeira de Evrecy.

O academico perguntou o que era essa historia.

— É uma antiga tradição popular, que me contavam na infancia, respondeu Mauricio, e que no presente seculo vos parecerá bem estravagante.

— Desejava ouvil-a, disse o doutor, esgotando um calix.

Mauricio parecia não se atrever a contar a sua historia; mas um olhar de Martha, que tambem a pediu, venceu a difficuldade.

A FIANDEIRA DE EVRECY

Em um dos ultimos annos do seculo XVIII vivia na Normandia, em Evrecy, um fidalgo tendo por familia unicamente uma filha de dez annos e uma criada antiga. A filha havia recebido no baptismo o nome de Isabel, e a criada o de Bertha, mais conhecida no logar pela denominação da fiandeira de Evrecy, porque não desamparava nunca a roca nem o fuso.

Bertha fiava muitas vezes desde pela manhã até á noite,

e outras desde a noite até pela manhã; e apesar de tanto trabalhar a pobre Berta, nem por isso diminuiam os credores do fidalgo. Pede a verdade o dizer-se que esta classe de gente não dava muito cuidado ao amo da incançavel fiandeira. O fidalgo era daquelles que consideram o seu epitaphio como devendo ser o epitaphio do genero humano. Depois de ter comido a melhor parte da fortuna tomou a resolução de beber o resto. Era elle, não obstante, um excellente homem que teria dado á sua filha a lua e sol, e que chamava sempre Bertha para beber o ultimo copo de cidra á hora da refeição.

Quando tinha esgotado a fortuna e o credito, foi tão feliz que morreu repentinamente, sem ter o trabalho de ajustar as contas com os credores. Assim que o caixão saiu de casa com o corpo, logo entraram officiaes de justiça, que penhoraram tudo; e depois a venda em praça ou almoeda veio acabar o desbarate. O palacio arruinado, foi arrematado por um negociante que tinha comprado a nobreza, e que deitou abaixo os antigos escudos para lhes substituir o seu elegante brasão bipartido, tendo a um lado um preto livre, com algemas nos pulsos, e de outro uma cedula de papel-moeda do Brazil, perfeitamente aberta e com esta inscripção:

A tanto me ajudou *engenho* e arte

Bertha comprehendeu que lhe cumpria sair do solar do seu fallecido amo, e pegando na roca e no fuso, veio apresentar-se ao novo proprietario para lhe fazer as suas despedidas. Elle vendo que a velha trazia a creança pela mão perguntou, se a ia levar a algum dos parentes do pae.

—Desculpae-me, balbuciou Bertha, enchugando os olhos com a ponta do avental... a pobre innocente não tem nenhum parente que a possa soccorrer.

—Deveis leval-a a um desses asylos, que tantas vezes eu tenho beneficiado nos jornaes com importantes donativos, disse o peão-fidalgo.

—Para um asylo! repetiu Bertha estupefacta.

— Não recebem só os engeitados, tambem os temos para as creanças abandonadas: não reparo na vossa admiração, porque são instituições modernas, que ainda não havia no vosso tempo, e de que ao presente se vê o nome e o destino em qualquer cartaz de theatro, ou de fogo de artificio, porque a nossa caridade sendo verdadeira, e não hypocrita, anda no cartaz, e não foge do estrepito que attrahe a multidão.

— Mas, pelo amor de Deus, meu senhor, não penseis que esta menina se deva julgar abandonada (e a velha acariciava a creança que chegava a si). Em quanto eu não estiver no cemiterio ella terá um amparo.

— Sois-lhe alguma coisa? perguntou o burguez ironicamente.

— É a filha de meu amo, replicou Berta com energia. Comi vinte annos o pão da sua familia, tive-a nos meus braços assim que nasceu, e nelles recebeu a agoa do baptismo, sustive-lhe as andadeiras, ensinei-lhe a balbuciar as primeiras palavras que proferiu. Se não é a filha do meu sangue, é a filha dos meus cuidados. Santo nome de Jesus! Para um asylo a minha rica menina! Não, senhor, não, o seu hospicio será junto a mim, em quanto um só dos meus dez dedos poder fazer girar o fuso.

Ao tempo em que fallava havia levantado nos braços a pobre creança, e tomando-a ao collo, com a força do coração e não da edade, se apartou do traficante feliz, tomando o caminho de Falaise.

Bertha tinha imaginado um plano de que ella era unicamente sabedora. Como conhecia nas Urselinas uma freira, que tinha sido ornamento do mundo antes de ser perfeita serva de Deus, levou-lhe a linda Isabel, e juntamente uma bolsa contendo o fructo das economias de muitos dos seus annos de serviço: e disse á Urselina!

— Educae-a como filha que é de um fidalgo, não a priveis de quanto seja digno da sua linhagem, pois que antes d'essa bolsa estar vazia vos trarei com que a encher.

Abraçou ternamente Isabel, chorou muito, e depois partiu.

Eram passados tres mezes quando voltou com mais dinheiro do que tinha deixado da primeira vez. Continuou a vir ao convento regularmente quatro vezes por anno, e de cada vez recommendava, que Isabel tivesse os mestres mais habeis e acreditados, e que lhe não faltassem os vestidos que mais fossem do seu agrado.

Em Bertha não havia outra mudança, além das que os annos marcavam na inclinação do corpo e na alvura do cabello. Era a mesma criada do prodigo castellão da Bretanha, com a saia grosseira de borel, a roca á cinta, e fazendo girar o fuso entre os dedos, ao passo que andava. Tinham sido inuteis as diligencias feitas por algumas pessoas, a fim de descobrirem d'onde provinha o dinheiro de que dispunha a boa Bertha. Ás perguntas que lhe faziam a este respeito ella unicamente respondia sorrindo:

— Deus poupa para os orphãos.

No entretanto a creança fez-se mulher, tão bella e bem educada, que a sua fama se foi espalhando pelos logares visinhos. As senhoras mais distinctas queriam conhecel-a, e vinham visital-a á portaria do convento. Os poetas normandos dirigiam-lhe muitos versos, e os fidalgos moços estavam namorados della, e traziam as suas côres como distinctivo honroso. No palacio de uma das nobres senhoras de Bessin encontrou o senhor de Bouteville, um dos mais illustres cavalheiros do reino, que tanto se enamorou da formosa Isabel, que a pediu em casamento. A donzella que se julgava feliz com a escolha, estava desejosa de a fazer conhecer á sua protectora, quando esta se lhe apresentou acompanhada por differentes logistas. Não querendo que a sua antiga ama fosse noiva como uma engeitada, trazia-lhe um enxoval completo.

O senhor de Bouteville, que chegou quando a noiva estava vendo o presente inesperado que acabava de receber, não pareceu tomar parte na alegre surpreza de Isabel. Como

já lhe tinham fallado nas differentes sommas de dinheiro entregues ao convento pela antiga criada do pae de sua noiva, receava que tal generosidade servisse para esconder algum segredo vergonhoso, que desejava poder descobrir.

Bertha retirou-se sem deixar perceber que tivesse intendido coisa alguma do que se passava na alma do pundonoroso mancebo. Esta ausencia parecia confirmar as supposições dos animos menos generosos. Chegou o dia do casamento, e a linda donzella, ornada com primor e tremula de emoção, foi levada á capella na carroagem da sua mais illustre amiga. Ao apear-se cercaram-na muitos mendigos que, segundo o uso do tempo, lhe davam os parabens e lhe pediam esmola. Subitamente viu afastada dos que a rodeavam uma velha ajoelhada. A roca e o fuso bastavam para a dar a conhecer; era Bertha, a antiga criada do fidalgo bretão.

Isabel correu para ella, pegou-lhe nas mãos, e com voz balbuciante lhe perguntou o que estava fazendo naquelle logar?

—O que faço haverá nove annos, respondeu a velha, deixando rebentar dos olhos as lagrimas que os anuviavam: e vendo o senhor de Bouteville, que se chegava ao sitio desta affectuosa scena, disse: É este o segredo com que pretenderam atormentar a minha querida senhora e ama. Logo que vos depositei no convento comecei a percorrer a Normandia, fiando pelas estradas, e pedindo em nome de Deus. O meu trabalho rendia pouco, esse pouco era para mim; a esmola rendia mais, ella era para vós! É mister que vosso marido se não envergonhe do que eu fiz: a esmola dada em nome de Deus não póde envergonhar ninguem. O bom coração de muitos sustentou-vos em quanto ereis creança; agora que sois mulher, basta o brioso coração de um homem para vos fazer feliz. Acabei de mendigar hoje, porque desde o dia que não careceis de coisa alguma, não tenho que pedir.

Isabel a principio maravilhada, depois commovida pela ternura, abraçou convulsamente a velha, que se admirava de taes transportes: tão natural era na sua alma o sentimento christão que lhes dera causa!

O sr. de Bouteville com os olhos cheios de lagrimas poz uma das mãos de Isabel sobre uma das de Bertha, e assim fallou á pobre mendiga:

—Fostes sua mãe, pertence-vos conduzil-a até ao altar para eu ahi a receber da vossa mão.

O que logo se realisou com grande pasmo dos espectadores.

Isabel vestida de seda e renda de oiro, foi levada pela mão de Bertha com a sua saia de borel, a roca e o fuso, até ao sacerdote que devia abençoar a sua união com Bouteville.

Acabada a cerimonia, Isabel veio ajoelhar ante a mendiga, e pedir-lhe a benção, como se fosse sua mãe.

As pessoas presentes choravam, e não se ouvia de um lado e outro senão dizer:

—Que Deus seja com elles! que Deus os ajude!

O voto instinctivo da multidão foi cumprido, porque a lembrança deste casamento ficou perpetuada na tradição popular; e em Bessim por muito tempo se disse como em proverbio: *Felizes como os Boutevilles!*

Os desposados não enfraqueceram nunca a sua veneração por Bertha. E quando os mais illustres fidalgos e fidalgas estavam reunidos nas explendidas salas do castello de Bouteville, a fiandeira de Evrecy, tinha entre elles o logar de honra. Annualmente os senhores do castello, mandavam celebrar na egreja parochial uma missa solemne, na qual comparecia a antiga criada com o seu traje de outros tempos, quando mendigava, não esquecendo a roca e o fuso. Assim entrava a caridade triumphante no templo de Deus, apoiando um dos braços em Isabel, e o outro em seu ditoso marido! Esta cerimonia, que recorda a dedicação e o reconhecimento, serve egualmente de exemplo para amos e servos.

Mauricio vendo o pouco effeito que a sua historia produzira no academico, voltou-se para elle e disse-lhe:

—A vossa philantropia póde arregimentar homens em um quartel, mulheres em outro, matando ás portas dos asylos a familia, que nasceu aos pés da cruz do Golgotha: póde fazer do mendigo a caricatura do soldado, agaloando e matisando o fato com que o veste. Christo, a mais perfeita imagem do pobre, tambem teve sobre os hombros um manto de escarneo; podeis portanto com o uniforme que daes por libré á pobreza, insultar as cãs do velho levado entre as catanas da policia aos vossos refeitorios, fartos para os que os dirigem, minguados para os que pertendem alimentar: mas o que não podeis é fazer de um asylo um monumento em que arda a chamma da fé, alimentada pelo sopro da caridade, sobre o altar em que a esperança põe a cruz apontando para o ceu. O vosso asylo profanaria um templo se ahi podesse caber: a chapa dos vossos mendigos petrificou o coração sobre que a pregastes; pedir é um modo de vida pelas vossas leis; e as esmolas estão reguladas nas constituições, nos codigos da administração, e nos livros do *deve* e *ha de haver*. Sois uns grandes homens, uns philantropos, que provaes nas commendas e nos titulos a graduação da vossa nobreza e dos vossos donativos; mas não sois christãos, o que não admira, porque os dias da infancia esquecem depressa, e foi nos primeiros que vos deram esse titulo, que vos não lembra, porque não serve para os editaes, nem para os bilhetes de visita.

O doutor esteve pacificamente roendo uma aza de faisão durante esta pretenciosa apostrophe. Depois, limpando os beiços robicundos, olhou compadecido para o enthusiasta Mauricio.

—Esqueceis, meu amigo, disse elle, querendo fingir-se inspirado pelos perfumes dos guisados, que o proverbio de cada terra com seu uso está pela historia mudado para cada seculo? Anteriormente á era exotica em que nascestes as pestes, por exemplo, faziam apparecer santos, que Roma

canonisava; e no vosso tempo as epidemias auxiliavam as artes e fabricas de fitas, ou *de estreito,* como lhes chamavam os vossos classicos, porque se cunhavam medalhas com a regalia de se pendurarem ao pescoço dos que tinham sabido fazer valer e documentar a sua caridade.

V

Monologo de Mauricio em quanto se despe. — Inconvenientes dos quartos de dormir aperfeiçoados. — Um recruta de Mafra a proposito do gladiador romano. — Impossibilidade de fallar com as costas voltadas para o auditorio. — Venus pudica á Boa-vista. — O poeta Gonzaga, a essencia de vespa, o tutano de rola e mais perfumarias. — Dentes artificiaes de repetição, orelhas realejos, olhos binoculos. — Um vate portuguez entre a fôrma e a fórma. — Mauricio adormece, e para o não acordarmos acabamos o prologo com quatro versos de Camões.

O doutor Universal — é bom não lhe esquecermos o nome — acompanhando os hospedes aos aposentos que lhes destinava, não deixou de chamar a sua attenção sobre muitos dos novos aperfeiçoamentos: os leitos recolhiam-se dentro das paredes para as camaras ficarem mais espaçosas: as cadeiras andavam por si mesmo: as janellas abriam-se sem se lhes tocar: os sobrados subiam e desciam á vontade. Por este motivo as roldanas e cordões abundavam a todos os cantos.

A multiplicidade das excursões do dia, e a fadíga da viagem, tinham exhausto as forças de Martha, e portanto deferiu para o dia seguinte o estudo do mechanismo domestico, e adormeceu.

Mauricio sentindo egualmente a necessidade de socego, foi para a camara visinha de Martha, e cuidava em se deitar; mas ao passo que se despia passava pela memoria as celebres aventuras do dia que tinha acabado, seguindo na mente um desses monologos muito em voga entre os embriagados, os dorminhocos, e heroes de tragedia.

— Resuscitar! murmurava elle, resuscitar ao cabo de doze seculos! Estarei verdadeiramente acordado?

Neste ponto apalpava o proprio vulto para adquirir a certeza do que dizia, e continuava:

— Em verdade estou acordado, e estou no mundo do anno TRES MIL!... uma sociedade nova cerca-me por toda a parte!...

Interrupção do monologo para despir a casaca.

— Desta fórma os meus desejos foram satisfeitos... Mauricio, vaes conhecer a geração preparada pelos teus contemporaneos! Para impassivelmente a julgares, despoja-te das superstições e crenças da infancia, das prevenções que illudem...

O espirito de Mauricio, vencido pelo somno, não pôde ir mais longe no monologo, e em logar de progredir nas exclamações, julgou mais conveniente despir as calças, e já com os olhos meio-fechados foi andando na direcção do leito que lhe tinham preparado. Estava quasi aopé delle quando reparou que tinha ficado uma janella aberta. Para fugir aos mosquitos e ás constipações, puchou por um cordão que lhe pareceu destinado a fechar as portas envidraçadas da janella. O candelabro de tres bicos que alumiava apagou-se logo, e Mauricio ficou absolutamente ás escuras. Tinha, sem o saber, puchado pelo cordão que dava movimento ao apagador! Resignado a soffrer a frescura da brisa, tantas vezes rimada com camisa pelos poetas do seu tempo, começou a procurar o leito ás apalpadelas, e já ia entrar muito satisfeito no valle de lençoes, sem lhe lembrarem os lyrios do valle, quando por acaso uma das mãos deu em uma mola, que logo cedeu. Immediatamente se ouviu o rodar de um machinismo, e o leito metendo-se pela parede dentro desappareceu.

Mauricio ficou ainda por alguns instantes na posição do gladiador victorioso, com uma perna e um braço estendidos para diante! Como a posição não era commoda para dormir, tomou outra em que parecia um recruta de Mafra ouvindo a voz de *sentido*, com as palmas dos pés nos frescos ladrilhos, as corrêas sobre a camisa, e ao hombro a arma ante-diluviana. Mauricio estava muito disposto a mandar de presente ao demo todas as invenções mechanicas,

e começou a vêr se encontrava molla que lhe podesse trazer outra vez a cama ao logar em que estava. A escuridão não lhe deixava distinguir os objectos. Apalpava as paredes sem achar coisa alguma, até que a final encontrou uma massaneta de metal a que deu volta, e logo um jorro de agua frigidissima lhe bateu na cara: recuou, como era natural, e foi dar com o corpo na parede fronteira. O sobrado deu de si, e ao ouvir o ruido de algumas corrediças, conheceu que ia descendo, como se estivesse representando em alguma magica. Mal teve tempo de dar um grito de admiração, pois que a luz tinha substituido as trevas, e achava-se no toucador da esposa do doutor, tendo entrado perpendicularmente pelo tecto, em logar de entrar horisontalmente pela porta.

Os olhos de Mauricio fitaram-se primeiramente em uma fôrma elegante e meio-nua, ante a qual se inclinou respeitoso, balbuciando algumas desculpas. Um grito dado em outro ponto da casa o obrigou a voltar-se, e viu a verdadeira proprietaria do toucador em um traje resumido, que não passava da camisa.

A sr.ª Universal deu um segundo grito tomando a posição da Venus pudica, que não carecemos de explicar ao leitor, porque a póde vêr á Boa-Vista em gesso a mais de uma janella. Mauricio desviou a vista da esposa do academico tão discretamente quanto pôde. A perspectiva osteologica presente a seus olhos despertou no mancebo o mais casto espanto de que ha memoria, e cuidando em estender modestamente, quanto podia, o seu traje indispensavel, que substituia todo o fato que tinha despido, ia começar um discurso justificativo. Qualquer leve circumstancia influe na eloquencia dos oradores: como era a primeira vez que Mauricio fallava ao seu auditorio com as costas voltadas para os ouvintes, esta desusada circumstancia tolheu de subito a liberdade habitual da sua imaginação. Inutilmente procurou no caso em que estava materia de um exordio por insinuação, a sua intelligencia apenas lhe offerecia

neste sentido reminiscencias classicas do discurso de Telemaco a Calypso.

— « Ó vós quem quer que sejaes, mortal ou deusa, apesar de que ao ver-vos todos vos considerarão como uma divindade... »

A bulha de uma porta fechada á pressa o interrompeu, e viu quando se voltou que a deusa tinha desapparecido. Mauricio temendo algum novo transtorno proveniente dos mechanismos, e vendo um leito de repouso no fundo do gabinete em que estava, resolveu ir ahi descançar das suas fadigas.

O sofá-leito, ou como melhor lhe pretendam chamar, ficava cercado por espelhos movediços, que permittiam o estudo de todos os gestos e attitudes. Em consequencia da combinação das differentes inclinações era possivel á pessoa que repousava vêr-se de costas, de frente, em posição a que os pintores chamam de tres quartos, e de perfil. Quem se sentava n'aquelle sofá tinha em volta de si, como Deus quando creou o genero humano, uma sociedade formada á sua imagem, o que nem sempre seria agradavel companhia. Aopé deste movel ficava um armario, desmentido solemne destes versos de Gonzaga:

> Só no ceu achar-se podem
> Taes bellezas como aquellas
> Que Marilia tem nos olhos
> E que tem nas faces bellas.

Era bem notavel para Mauricio a differença entre O ANNO TRES MIL e os seculos das Marilias e das Dirceus, em que a humanidade só podia amar em verso, vestida pastorilmente, encostada a um cajado, com as ovelhinhas a saltar pelas campinas, que estavam sempre cobertas de boninas.

Para se esquecer das reminiscencias pastorís foi examinar o armario dos encantos.

Nas divisões mais visiveis estavam alguns disticos, de que daremos uma pequena amostra:

OLEO DE HIPPOPOTAMO

PARA FAZER RENASCER OS DENTES

Essencia de vespa

PARA ADELGAÇAR A CINTURA

POMADA DE CISNE

PARA BRANQUEAR A PELLE

TUTANO DE ROLLA

para enternecer o olhar

ELIXIR DE VENUS

. . . .

Outras divisões do armario continham dentaduras artificiaes, que, além da mastigação mechanica, davam horas e meias horas; brincos para as orelhas, que tocavam diversos hymnos nacionaes; olhos de vidro que serviam de oculos de theatro etc.; escovas, frasquinhos e sabonetes não tinham conto.

Mauricio tendo rapidamente examinado todo este arsenal de seducção feminina, pousou a vista na *fôrma* que a principio havia tomado pela mulher do doutor. Não podia acabar de admirar a perfeição d'aquella apparencia que traduzia os angulos reentrantes em angulos salientes e os planos rectilineos em espheras harmoniosas: como Pygmalião,

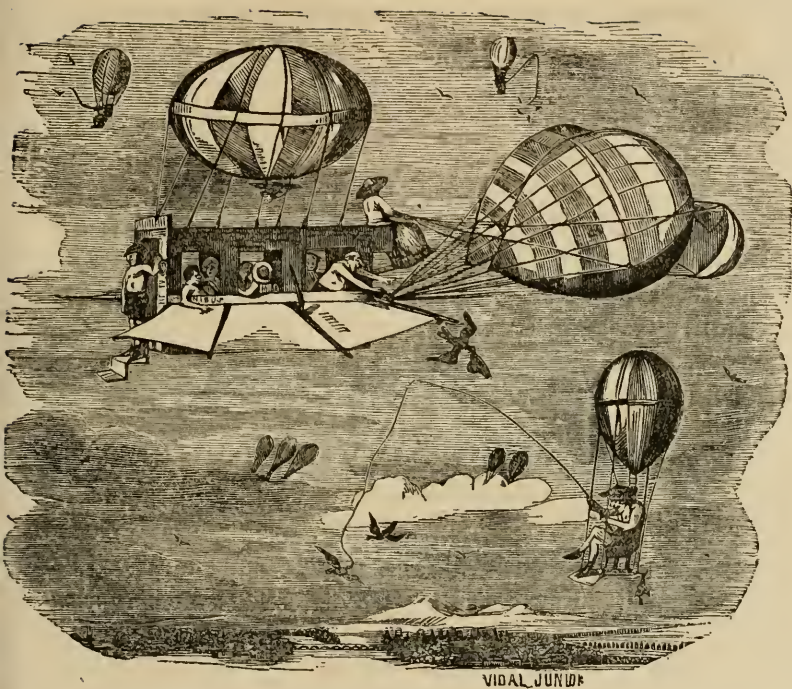
o fabricante de espartilhos havia animado a sua obra, ante a qual se poderia repetir com Sousa Caldas:

> Eis do genio o prodigio soberano
> Nem poderá jámais o sp'rito humano,
> Depois de rematar esta obra prima,
> Conter força sobeja
> Que poderosa seja
> Para novos inventos sem que o opprima
> Tão grande esforço d'arte
> E esmorecido desfalleça e cáia

O caoutchouc palpitava, e o ponto de meia parecia respirar.

Mauricio por mais que tirava a vista da fôrma, e fechava os olhos, não conseguia enxotar da lembrança, entre outros que lhe ficam visinhos, estes quatro versos do poeta, que para ser conhecido não carece de ser citado:

> De uma os cabellos de oiro o vento leva
> Correndo, e da outra as fraldas delicadas:
> Acende-se o desejo que se ceva
> Nas alvas carnes subito mostradas.
> ....

Mauricio adormeceu, e para o não acordarmos, acabemos o prologo.

PRIMEIRA DIGRESSÃO

I

Uma sala. — Multiplicidade exagerada do retrato de um academico. — O dr. Universal apresenta a seus hospedes sua legitima esposa. — Brazão formado com uma machina, uma roda de espeto e outras bugigangas. — Apotheose do dote. — Passeios no espaço. — Trapeiros aereos. — A pesca entre as nuvens. — Celebridade do Chiado da cidade *Sem Egual*. — Milady Facil e o presidente da camara dos representantes dos *Interesses-Unidos*. — Maternidade.

No dia seguinte o dr. Universal entrou no toucador da esposa, onde ficára Mauricio, quando elle acabára de acordar. O doutor já sabia das aventuras nocturnas do seu hospede, e ria ás gargalhadas. Levou-o á camara de Martha, que principiava a ter cuidado pela sua demora, e por esta occasião novamente

lhe explicou o machenismo do quarto. Estava no melhor das explicações quando o som das campainhas retiniu em todo o aposento.

— É minha mulher! disse elle, com certo respeito eivado de algum susto: para outra occasião acabarei o que estava dizendo. Deseja ver-vos, não a façamos esperar.

Sairam apressando o passo, atravessaram differentes casas, até que o doutor os fez entrar em uma grande sala que ainda não tinham visto. Era uma verdadeira galeria, ornada com muitas e variadas curiosidades. Um quadro immenso reunia todos os diplomas academicos do doutor, que formavam uma especie de aureola em volta do seu retrato.

Este retrato girava no commercio, bem como o de todos os homens mais notaveis do ANNO TRES MIL, e andava reproduzido por vinte maneiras. Era como uma careta nos amoldurados dos estuques, sustentando á similhança de cariátides, parte das cimalhas; e apparecendo em relevo nos braços entalhados das cadeiras. A necessidade de apropriar a imagem a estes diversos usos, tinha unicamente alterado algumas vezes a dignidade academica do modêlo. Em um logar representavam-no ornando o pé de um candelabro; n'outro ponto inclinado para diante com a boca aberta em fórma de bica, mais adiante vergando debaixo de qualquer ferragem a que servia de sustentaculo. Mas fosse qual fosse o destino ou attitude do doutor, sempre o conheciam como se reconhece a physionomia dos philosophos da antiguidade reproduzida em assucar ou em marmore.

A esposa do academico esperava com impaciencia os dois hospedes; e Mauricio apesar de a ter visto na vespera, não a pôde reconhecer, porque a realidade e a apparencia não formavam senão um unico ser. A mulher tinha entrado tão perfeitamente no espartilho fôrma, que havia desapparecido. Só o espartilho ficára visivel, só elle vivia. A esposa do sabio era apenas o orgão motor.

Mauricio saudou-a respeitosamente, admirando comsigo o mereeimento do fabricante do espartilho.

Martha como não estava iniciada no segredo, acreditava no que via e admirava.

A esposa do dr. Universal não tinha despresado nenhuma das circumstancias que poderam realçar a obra do mais habil fabricante da cidade *Sem Egual*. O vestido côr de amarantho chegavá até ao joelho, e a calça de gaze branca deixava vêr o rosado da perna, torneada como se fôra de uma estatua. O rosto magro e comprido contrastava muito com a perfeição de todas as fórmas; mas a pelle era tão alva, os labios tão frescos e rosados, os cabellos tão negros e ondeados, que a magreza esquecia.

A riqueza dos ornatos que a vestiam tambem desvairava a attenção. A esposa do academico trazia na cabeça a imitação, em pequenas dimenções, de uma machina de fabricar os pés dos botões, inventada por seu pae, e nos dois braços os modêlos de uma roda d'um espeto mechanico, inventado por seu tio, e um arco de caldeira aperfeiçoado por seu irmão mais velho. Mauricio soube depois que todos estes enfeites eram outros tantos brazões fallantes, que recordavam os titulos de nobreza da familia. Trazia pendente ao pescoço uma rica medalha contendo a designação da somma que tinha como dote; e dizia assim em lettras de oiro:

OITENTA CONTOS DE DOTE

SEPARAÇÃO DE BENS

Mauricio comprehendeu logo a deferencia e attenções do academico para a mulher-espartilho.

A apresentação a milady Enjoada foi feita em devida fórma. Ella attestando a luneta para os dois resuscitados dirigiu-lhes umas vinte perguntas sem esperar pelas respostas, e declarou que desejava almoçar immediatamente para depois ir com elles dar um passeio ao parque das chaminés.

Assim que se levantaram da meza, o doutor conduziu os hospedes e sua esposa ao terraço do palacio, onde os esperava um caleche aerostatico, no qual subiram, pòrque

na cidade *Sem Egual* os principaes meios de communicação, para maior commodidade, tinham sido estabelecidos atravez do espaço, outr'ora abandonado ao vento e ás andorinhas. As ruas tinham sido exclusivamente reservadas para as pessoas que andavam a pé. E no ar viam-se em todas as direcções carroagens-volantes, omnibus, balões e tiburys-alados. O ether conquistado pelo homem era um novo campo em que dominava a sua actividade. Em certos pontos da athmosphera trabalhadores aereonautas despedaçavam as nuvens para extrahirem dellas a chuva e a electricidade; n'outros pontos os trapeiros aereos andavam á respiga de algumas coisas que se tivessem perdido no espaço: mais perto da terra pairavam os pobres chimicos volantes recolhendo os gazes vagabundos, ao passo que a seu lado o honrado burguez, ao abrigo de uma ou de duas nuvens, via se lhe era possivel pescar á linha as aves que passavam.

O caleche em que iam os nossos viajantes, depois de ter atravessado varias camadas de ar, abaixou o vôo na direcção a uma especie de rua formada pelas chaminés dos mais elevados edificios da cidade. Era aquelle o Chiado dos elegantes da capital dos *Interesses-Unidos.*

O academico mostrou successivamente aos seus dois hospedes as celebridades contemporaneas; litteratos em coeiros, outros improvisando madrigaes, e dando suspiros apaixonados, com as rugas da velhice na fronte, e os cabellos brancos mascarados em preto ou louro; homens de estado que estudavam attentamente grammatica recostados nos caleches; deputados procurando um emprego nos projectos que os ministros deixavam arteiramente sair das algibeiras, como os peraltas da antiguidade deixavam a ponta do lenço namorante exposta aos caprichos do vento: auctores dramaticos procurando publico para adormecerem com as suas composições; e janotas de luneta no olho ou a cavallo no nariz a procurarem nos balões da moda o gaz de uma paixão, ou o preço mais ou menos alto de um casamento de

conveniencia. Os mais elegantes faziam trotar á Marialva os seus aerostatos puro vapor. O verdadeiro homem de lettras, e o raro deputado independente passavam, sem ninguem os saudar, pela multidão maldizente e avida de escandalos e de prazeres. O que mais surprehendeu Mauricio foi a variedade das physionomias desta sociedade a que chamavam escolhida. A mistura de todos os typos era a consequencia natural do progresso da civilisação, e abrangia o sangue de todas as raças; mas á similhança de um terreno abandonado em que as plantas mais agrestes invadem a parte em que vegetam as mais mimosas, assim neste caso as raças mais desherdadas da perfeição prevaleciam nas gerações successivas, sendo portanto a fraternidade universal causa da fealdade universal.

Uma unica excepção viu Mauricio. Era uma mulher que ia quasi deitada em um carro aereo incrustado de madreperola. Vendo-a deslisar tão ligeira pelo ar dir-se-ia que era aquella divindade de que falla Homero, que os pombos levam pelo espaço, e da qual um simples sorriso captiva os instinctos da paixão.

A beldade vestia um vestido de cassa raiada de oiro, e deixava vêr fóra do carro um dos pés breves e arqueados, que parecia banhado no azul do ether. Uma manta de gaze fluctuava-lhe nas costas, como se fôra uma nuvem: os cabellos louros sustidos em anneis por um circulo de prata, saltavam meio-desatados sobre as polidas espadoas. Os mancebos mais em voga na capital cercavam o carro como as abelhas um cortiço. Mauricio indicando-a ao academico perguntou-lhe como se chamava.

— O seu nome, interrompeu despeitada a esposa do doutor, toda a gente o sabe, é milady Facil... que tem o marido sempre despachado em continuadas embaixadas... Vêde aquelle que a segue—é o presidente da camara dos deputados.

— É verdade, parece-me que é elle, respondeu o academico.

A esposa arripiou a physionomia com um gesto de indignação.

— Que vergonha! exclamou ella; um homem serio e respeitavel com similhante fraqueza...

—Dizeis bem... uma fraqueza, observou o doutor, que não se mostrava muito forte contra a tentação.

—Ousar apparecer com ella em publico, continuou a academica, para exhibir mais uma vez a sua belleza que já está tão vulgarisada...

O doutor projectou uma olhadela a furto para o carro de madre-perola, como quem desejava conhecer melhor a tal belleza muito conhecida.

Não temer a indignação e o despreso publico! disse acabando o seu discurso, suffocada em ira, a mulher do espartilho.

Neste momento milady Facil passára perto da carroagem em que iam os nossos viajantes. O ar agitado pelo voar do carro da formosura, trouxe ao alcance do olphato do doutor o perfume do cabello, e o bello pé nu quasi que tocou o hombro do sabio.

—É um escandalo! bradou a esposa do fragil academico.

— Um verdadeiro escandalo! disse machinalmente o doutor, que ainda tremia como varas verdes, e seguia com os olhos esgazeados, e uma pitada suspensa entre o nariz e a barba, a visão que acabara de passar.

O caleche mudou de direcção. A mulher do doutor lembrando-se do filho que tinha a crear disse que o queria ir ver.

Martha sustentou a idéa, porque o instincto de mãe havia precedido nella a maternidade. Já que esta palavra nos caiu da penna, convirá pararmos um pouco considerando a sua significação, antes que os progressos da materia triumphantes no ANNO TRES MIL nos façam esquecer a infancia e os encantos que ainda a estão cercando. Contemplae a creança já fóra do berço, brincando nos jardins ou saltando nos campos: vêde-a depois no collegio ou na aula da aldêa

desguarnecida das graças dos primeiros annos, sem ainda possuir as galas da primavera florida da existencia: logo em seguida a vereis já mulher parando melancolica nas margens da vida como diante de um mar sem limites!

Se és mulher que estás lendo esta pagina, pensa nos segredos contidos no sonhar acordado da mocidade, nos vestigios das lagrimas que te revela um beijo, na troca de emoções queridas entre a mãe e a filha.

Que importa que a nossa vida decline, se renasce em nossos filhos?

Os herdeiros do nosso sangue e da nossa alma devem tambem herdar a felicidade.

Deixae o sol a quem vem tomar o seu logar na vida.

Mulher e mãe, a filha do teu sangue e dos teus cuidados será feliz sem ti, e feliz para outrem! Na successão dos seres a ingratidão é uma divida hereditaria: nossos paes são vingados por nossos filhos! Acceita portanto, mãe carinhosa, o novo logar que te offerecem: fostes rainha do destino de tua filha, serás depois a sua escrava. Segue-a com a vista do pensamento, sem que te vejam; continúa a dar sem compensação os extremos do teu affecto; presiste em ser mãe d'aquella que já não é tua filha. Serás inda feliz se ella tambem o poder ser, pois que a felicidade das pessoas que presamos é como o incenso que se eleva ao pé do altar; não se queima por nós, mas gosamos do perfume.

Tempo virá em que as alegrias da maternidade renascerão por ti nos filhos de tua filha.

Abre os braços, aproxima as cabeças louras de teus netos dos cabellos brancos que te coroam de respeito, e ouvirás outra vez a voz da creança chegar até ao coração da mulher; sentirás ainda nas faces rugosas as mãos da infancia que te pede beijos; verás os seus olhos vagos e meigos onde a vida se lê como em um livro. Tem animo; a tua missão não está acabada: bem vês que essas creanças exigem tambem o teu amor e os teus cuidados: des-

sas não soffrerás o abandono, porque já não viverás quando os netos forem homens e as netas forem mulheres.

O que seria a raça humana sem esta generosa paixão pelas creanças?

O amor é passageiro, e a amisade cança. Ao passo que o homem caminha, levando sobre si o pezo da vida, o coração se altera e corrompe como as aguas expostas ao ardor do sol dos climas ardentes. Dos homens só resiste a decomposição; o seu affecto para as creanças, e esse sentimento conserva ainda corrente a fonte quasi exhausta da dedicação.

Na época da existencia em que o calculo dirige todos os sentimentos esse fica desinteressado.

As creanças não asseguram portanto unicamente a perpetuidade da raça humana, ellas são tambem os conservadores dos seus instinctos mais nobres e respeitaveis.

II

Casa da mama. — Substituição do vapor á maternidade. — Leite de mulher aperfeiçoado pela academia das sciencias. — Como 15 réis se convertem em 54:750 contos de réis. — Lembram as celebres commissões de fazenda. — Os descendentes de um grande povo jogando a pedra em verso heroico. — Lotação das capacidades. — Programma para o curso superior de lettras. — Novos methodos de ensino. — Cabide historico. — Lamparinas volcanicas. — Conhecer as coisas pelo que não são. — O athneu nacional, um espeto com copos de espada, e os cazebres do Loreto. — Machina exame, ou exame mechanico. — Cathecismo das donzellas. — Acto de esperança matrimonial. — Fabrica de phenomenos humanos do sr. Infusa.

Voltemos ao ANNO TRES MIL no qual as considerações que ficam esboçadas passavam pela mente de Martha, ao passo que o vehiculo aereo descia para o ponto a que se dirigiam.

O doutor deu o signal da chegada. Ao apear viram diante de si um edificio, cujo aspecto participava ao mesmo tempo de quartel, collegio e hospital.

O academico indicou-lhes que estavam em frente da CASA DA MAMA.

— E todas as amas residem aqui? perguntou Martha.

O doutor surriu.

— Amas! repetiu o academico; isso era um costume dos seculos barbaros.

— Pelo que vejo os filhos são creados pelas mães, observou Martha.

— Ora essa! resmungou o sabio, era peor a emenda que o soneto! A civilisação fez-nos comprehender a loucura de similhante perda de tempo e de cuidados. Neste ponto, como em muitos outros, substituimos a machina á humanidade. No vosso seculo havia apenas uma universidade com professores; nós engrandecemos e nobilitámos a instituição, não só multiplicando os capellos, mas creando uma universidade de amas. O recemnascido entra para o collegio no dia da sua entrada no mundo, e volta dezoito annos depois, completamente educado, e até bacharel em lettras. Seria impossivel simplicar mais os chamados laços do sangue. A creança é tão livre como se fôra um engeitado, e a familia vive socegada como se não tivesse filhos. A amisade dos membros de qualquer familia é a que basta para se não detestarem, e para uns morrerem sem os outros chorarem. As gerações succedem-se na mesma casa, como os viajantes em uma hospedaria. Desta fórma resolvemos o importante problema da perpetuação da especie, evitando a reunião apaixonada dos individuos.

Na frente do edificio estava gravado em lettras collossaes este distico:

UNIVERSIDADE DAS VOCAÇÕES UNIDAS

Instituição para as creanças não desmamadas

MAMA A VAPOR

Uma machina esculpida no frontão estava cercada de creanças para as quaes estendia os braços de aço e os peitos de

cortiça envernisada. Por cima da machina tinham posto o santo preceito de outras eras em lettras de bronze:

Sinite parvulos, et nolite eos prohibere ad me venire
Deixae os meninos, e não embaraceis que elles venham a mim.

O academico quando se apresentou ao porteiro disse o numero de ordem com que seu filho estava inscripto no estabelecimento.

O porteiro folheou o volumoso catalogo dos rapazes, e disse immediatamente:

— Sala Rousseau — quarta divisão — prateleira **D**

O doutor deu o braço a sua mulher, e assim caminharam por compridos corredores. De espaço a espaço alguns guardas vestidos com a libré da casa, avental de baetilha amarella ou vermelha, e barrete com a fórma de uma mamadeira indicavam aos visitantes a direcção que deviam tomar. Martha e Mauricio observaram tudo cuidadosamente. Ao findar os corredores entraram em uma espaçosa galleria, onde estavam collocados muitos teares tecendo coeiros de variadas côres: na casa immediata machinas especiaes fabricavam caixõesinhos, já com palmito e capella. Depois de passarem por esta casa atravessaram um pateo cheio de cestos com rodas, nos quaes as creanças aprendiam a andar, e chegaram a uma vasta officina allumiada pela chamma de grandes fornos.

— Estamos nas cosinhas do estabelecimento, disse o doutor; é aqui que se fabrica a bebida que alimenta as creanças. Por muitos seculos se julgou erradamente, que o alimento mais conveniente para os recemnascidos era o leite de sua mãe, mas a chimica demonstrou que tal alimento não era sadio e nutria pouco. A nossa academia das sciencias nomeou por consequencia uma commissão subsidiada para estudar a questão. Ao cabo de alguns mezes de investigações apresentaram uma receita muito mais racional do que o leite natural, que declararam fossil. O novo elemento nutriente é composto de quinze partes de gelatina,

vinte e cinco partes de gluten, vinte partes de assucar, compondo o todo um mixto, conhecido com o nome de *supra-lacto-gune*, ou *leite de mulher aperfeiçoado pela academia das sciencias*. Uma experiencia sem replica prova a superioridade do novo invento: todos os recemnascidos que o não bebem, e são muitos, cáem em uma especie de turpor, e morrem infallivelmente ao cabo de oito dias. Julgareis vendo a perfeição dos processos usados para distribuir o *supra-lacto-gune*.

O academico abriu uma porta, e os visitantes acharam-se na casa da mama. Era uma immensa galleria guarnecida dos dois lados com prateleiras, nas quaes as creanças estavam assentadas em linha, umas ao lado das outras. Cada uma dellas tinha diante de si o seu numero de ordem, e a mamadeira privilegiada que substituia a mãe ou a ama. Uma bomba movida a vapor e collocada no fundo da sala, fazia subir o *supra lacto-gune* á canalisação que o distribuia pelas mamadeiras.

Casa da mama

A mama começava e acabava a hora fixa, o que dava ás creanças logo desde a infancia o habito da regularidade.

Todas deviam ter o mesmo appetite e a mesma força digestiva, ou corriam o risco de jejuarem ou morrerem de indigestão.

Á entrada desta sala se podia inscrever como nas portas dos republicanos de 1793: — *A egualdade ou a morte!*

O doutor fez admirar aos seus companheiros todos os promenores deste estabelecimento modêlo, ao qual se devia, segundo uma das suas mais gabadas expressões, a destruição das superstições maternaes. O doutor provou que o emprego da machina tinha realisado uma economia de 15 réis por dia sobre cada creança, ou 5$475 réis por anno, o que dava para os dez milhões de creanças que mamavam, no orçamento da instituição uma economia annual de réis 54.750:000$000! Mauricio ouvindo estes calculos mentaes, não pôde deixar de se recordar dos relatorios das commissões de fazenda das camaras do seu tempo, compostas de aspirantes a ministros, que por terem manejado as quatro operações em discursos gaguejados, e mais ou menos ensossos, eram chamados á pressa para salvar a situação, largando ás vezes um bife para pegarem na pasta, que aceitavam resignados para salvar a patria e os amigos.

No emtanto o doutor explicava como o estabelecimento estava dividido em nove salas correspondentes ás nove classes da sociedade. A bebida alimenticia, os cuidados, o ar e o sol, eram distribuidos por essas salas, conforme o principio da justiça romana: *Habita ratione personarum et dignitatum.*

Aos filhos dos ricos cabiam nove partes, e aos filhos dos mendigos a nona de uma dessas nove partes, o que servia para ensinar a uns e a outros as desigualdades sociaes. Uns costumavam-se desde a infancia a exigir tudo quanto desejavam, e os outros a não esperar coisa alguma. O que significava uma maravilhosa combinação que assegurava para sempre o equilibrio da republica. Durante as explicações, a esposa do doutor procurava o numero que tinha na mão, isto é, seu filho, de quem tinha gabado

muito a Martha a graça infantil. Finalmente achou-o no respectivo cacifo: mas a *supra-lacto-gune* estava produzindo o effeito ordinario, e o herdeiro dos *Universaes* torcia-se todo, como se fôra uma cobra partida em quatro.

O medico de dia compareceu logo, e declarou que as contorsões do n.º 763 provinham de dôres agudas do colon, d'onde tinham tomado o nome vulgar de colicas: mas o academico, pae da creança, protestou contra tal etymologia, e observou mui sabiamente que a colica tinha o mesmo radical que colera, e portanto só podia vir do grego χολκ, *bilis*. Desta dessidencia resultou uma larga discussão esmaltada de citações syriacas e chinezas, durante a qual o numero dorido continuou a padecer a doença de que estavam discutindo o nome. O medico e o dr. Universal, não podendo ficar de acordo, despediram-se um do outro na resolução de cada um delles escrever uma memoria sobre a questão.

A esposa do academico, escandalisada com as caretas do seu herdeiro, tinha ido com os hospedes para as outras casas, a fim de admirar a opulencia do edificio. A industria havia esgotado os recursos do luxo e da previdencia em tudo que dizia respeito aos recem-nascidos, aos quaes unicamente faltavam mães ou amas, e nada mais. No fim das salas que acabavam de percorrer ficava o estabelecimento de desmamar, onde as creanças entravam aos quinze mezes, e eram desde logo submettidas a uma combinação de exercicios destinada ao aperfeiçoamento dos orgãos. Havia um apparelho para os ensinar a vêr, um para os ensinar a ouvir, e outro para os habituar a sentir e a respirar.

— No vosso seculo, disse o doutor a Mauricio, a creança era entregue a si mesmo, servia-se dos pulmões sem saber como; crescia sem aprendizagem; exercitava-se a viver vivendo — methodo barbaro que só póde ser justificado pela ignorancia dos vossos tempos. Os serios estudos que temos feito da antiga litteratura, e dos primeiros poetas da vossa era, conservam os vestigios dos resultados selvaticos

d'aquella educação. Os filhos de um povo guerreiro e descobridor de novos mundos passavam a infancia á pedrada, como cantou o seu Camões, sem ser o da Beira, em nada inferior, ao celebre Antonio Duarte Ferrão, official de estudante da universidade de Coimbra, e auctor dos Lusiadas e do Pretinho do Japão. Lembram-me perfeitamente os versos do tal poeta, são primorosos:

> Bella Cotoviæ quondam infestantia campos,
> Jusque datum sceleri canto, populumque miudum
> In sua roliço assanhatum viscera seixo,
> Imberbe que acies, modo decertantia murrô
> Castra: modo adversa piolhorum torre carolos
> Rabicho fundæ et braci cascantia jactu,
> Rachatum unde domum multi trouxere cabeçam;
> Lambadas etiam, tombos topidosques boléos,
> Quos Bairraltenses, Alfamiadæque rapazi,
> Utraque gens præstans moquete, potensque calhão
> Pro bairri decore, atque honræ despique mamarunt.

O salitrado da declamação obrigando o academico a esganiçar a voz até á altura a que ella não chegava, fez que ao tocar no primeiro ponto final as garras de um pigarro o não deixassem dar nem pio, durante alguns instantes. A este incidente deveu Mauricio o ter ficado em muito menos de meio a prova de erudição antiga, que o profundo doutor desejava sempre apresentar, como sendo o poço da sua sciencia.

Bebeu um copo d'agua, tossiu, tomou a sua pitada, e voltou depois assim á prosa do seu discurso:

— Ao presente melhoramos tudo o que diz respeito á educação da infancia. A especie humana é para nós materia viva, a que damos fórma e destino. A Providencia não vem abelhuda onde não a chamam, e ficou dispensada do governo do mundo, que ella dirigia sem descernimento. Fabricâmos o homem, como o algodão, pelos processos aperfeiçoados. Estes estudos são apenas um ante-prologo da existencia, e só quando sáem da desmama é que as creanças tomam o caminho que devem seguir toda a vida.

— E quem lhes indica esse caminho? perguntou Mauricio.

— Os doutores da repartição competente, que estamos vendo nesta casa a que chegamos.

Tinham effectivamente chegado a um terceiro edificio mais pequeno do que os precedentes. Era o museu phrenelogico, onde viram uma dezena de medicos a reconhecerem as differentes aptidões.

Os moços do estabelecimento traziam-lhes successivamente cestos com creanças, ás quaes os medicos apalpavam o craneo, dando-lhes o nome e o destino, segundo as pretuberancias observadas. Um escripto deitado ao pescoço dos examinados indicava o resultado do exame.

Era nesta casa que as creanças recebiam os seus diplomas de mathematicos, artistas, ou poetas, dependendo depois unicamente delles ser qualquer dessas coisas.

Deste estabelecimento, a que chamavam *Repartição da Lotação das Capacidades*, o doutor levou os seus hospedes ás escólas, e como juntava a muitos dos seus outros titulos

o de inspector geral dos estudos, explicou-lhes tudo com perfeito conhecimento de causa.

A lingua do Tibet servia de base á educação da universidade de *Sem Egual:* e o estudo desta lingua era muito interessante pela circumstancia especial de não ser fallada haveria mil annos. Os discipulos dedicavam-lhe quatro dias todos os cinco. O resto do tempo era empregado no exame dos jeroglificos das antigas pyramides do Egypto, representados apenas em uma gravura apocrypha e a investigar a differença que existe entre o absoluto completo e o absoluto universal. Estas noções rudimentaes serviam para dispôr o alumno a entrar na vida pratica, e eram o ponto de partida para ser engenheiro, medico, ou negociante.

O academico desejando que Mauricio podesse apreciar a vastidão de conhecimentos adquiridos pelos alumnos do estabelecimento, lhe apresentou o programma do exame por que deviam passar, a fim de sairem doutores em lettras.

UNIVERSIDADE DAS VOCAÇÕES UNIDAS

GRANDE COLLEGIO DA CIDADE SEM EGUAL

PROGRAMMA PARA O CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

LINGUA DO TIBET :

1.º Os trinta livros da Historia da Partanaga verde de Rappu, por Shah-Rah-Shah ;

2.º Os doze livros da Historia do Elephante negro de Ruf-Tapuf ;

3.º Os seis cantos das Cisternas do Deserto, por Felraadi ;

4.º O tratado sobre a Felicidade dos Vesgos pelo sabio Cocles ;

5.º Os Discursos de Bal-Pul-Childe contra Childe-Pul-Bal.

HISTORIA:

1.º Indicar a successão dos reis do Congo e da Patagonia desde Noé;

2.º Explicar a inscripção da grande pyramide do Egypto, que não existe;

3.º Averiguar um dos pontos da litteratura portugueza, como por exemplo, se José Daniel foi auctor da *Historia do Futuro*, e um certo padre Vieira auctor do rarissimo livro intitulado *Barco da Carreira dos Tolos;*

4.º Calcular o numero de ignorantes celebres que se julgaram sabios.

GEOGRAPHIA:

1.º Descrever os differentes Estados das quatro partes do mundo antes do diluvio, indicando as suas capitaes;

2.º Mencionar todos os rios, lagos, mares, regatos e montanhas, com os nomes por que actualmente não são conhecidos;

3.º Indicar com exactidão os limites da celebre cidade da Lourinhã, e do notavel principado de Pico dos Regalados;

4.º Saber qual é a população das regiões ainda desconhecidas que se estendem desde o 40.º ao 60.º grau de latitude.

LITTERATURA:

O candidato deverá provar que sabe usar os differentes ingredientes que entram no estylo do folhetim, do noticiario, e do cartaz dos touros. — Deve saber a historia de todos os homens grandes no talento e pequenos na estatura, desde os tempos primitivos até ao presente.

PHILOSOPHIA TRANSCENDENTE:

Demonstrar a identidade do todo com o universal pela relação que existe entre não saber e ensinar. — Investigar em que differe o *eu* do não *eu*, e se o *eu* efficiente póde ser confundido com o *eu* correctivo, auxiliando-se do axioma que *alhos se não confundem com bugalhos.* — Estabelecer a liberdade do casual plastico na dependencia do phenomenal concreto, fundado na razão de que *o Rocio não cabia na Bitesga.*

MATHEMATICAS:

Conhecer todos os theoremas sem applicação, contidos na algebra, geometria e trignometria, e resolver promptamente todos os problemas inuteis que se lhe apresentem.

PHYSICA:

Explicar a theoria das grandes leis da natureza cuja descoberta se procura continuadamente.

CHIMICA:

Explicar pelas formulas de um livro de Cosinha, publicado por uma das mais sabias instituições antigas, a *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, todos os ingredientes que compoem cada um dos guisados scientificos, conhecidos pelo nome de *corpos.*

Mauricio ficou admirado da vastidão de conhecimentos do curso superior de lettras; mas logo se lembrou que já no seu tempo os programmas nem sempre eram verdade, e portanto ficou menos maravilhado do que estava antes de tal lembrança.

O doutor explicou-lhe tambem os methodos engenhosos que facultavam o ensino de tão transcendentes materias.

Mostrou-lhe primeiramente a sala destinada ao curso de historia, da qual cada parede representava uma raça, cada banco uma successão de reis, e cada viga uma theogonia. Ninguem podia pendurar o chapeu em qualquer cabide sem se lembrar de um homem illustre, nem limpar os pés sem se recordar de uma revolução. Em virtude deste systema mnemotechnico, tão expeditivo como erudito, a historia universal era uma questão de mobilia, mais ou menos complicada. O discipulo aprendia sem dar por isso, e unicamente olhando para os objectos que o cercavam.

Depois entraram na aula de geographia onde a terra estava representada em relevo, para que os discipulos podessem fazer idêa exacta do globo que habitavam, bem como da sua formosura e grandeza. As montanhas estavam representadas por buracos de toupeiras, os rios por tubos de barometro, e as florestas virgens por agriões. As cidades eram de papelão, e os vulcões de folha de Flandres, tendo dentro lamparinas meio-apagadas para só fumegarem.

Em uma sala proxima estava o systêma planetario de tafetá engomado, posto em movimento por meio de uma machina de vapor da força de dois burros. Havia sido impossivel conservar aos varios corpos celestes as suas dimensões proporcionaes, respectivas distancias, e os movimentos reaes; mas os discipulos advertidos destas insignificantes imperfeições, facilmente comprehendiam o que era tal systêma pela representação do que não era.

Um museu geral completava os meios de instrucção da interessante faculdade. O museu reunia todas as producções naturaes e da industria humana. O que a creança unicamente aprendia em outros seculos vivendo ou praticando, era por este meio ensinado artificialmente; e tinha a mão a creação inteira posta em cacifos com os respectivos numeros de ordem. Mostravam-lhe uma amostra do Oceano n'uma garrafa: o Niagara em um fragmento de rochedo: as minas de oiro da America do Sul em uma porção de areia amarella. Estudava a agricultura em um armario en-

vidraçado, as differentes industrias em um estojo de amostras, e as machinas em modelos pequeninos guardados em vidros proprios para se apresentar o queijo na meza.

Taes eram os principios de instrucção adoptados na universidade da cidade *Sem Egual*. A educação assentava em uma idêa muito mais engenhosa.

O unico fim da educação era formar cidadãos que soubessem enriquecer-se; e deram-lhe portanto como unica base a *dedicação por si mesmo*. Cada creança era habituada a fazer diariamente a conta corrente dos lucros e perdas provenientes de cada uma das suas acções. Calculava todas as noites o que lhe tinha rendido o seu procedimento durante o dia: chamavam a esta operação *exame de consciencia*. Havia uma tabella tanto para o ganho como para a perda, em que estava graduado o valor da paciencia, da bondade, da probidade etc. A universidade dos *Interesses-Unidos* mostrava muita prudencia ácerca da educação dos alumnos, e só animava as qualidades que um dia podessem ser proveitosas ao individuo que as possuisse. As virtudes difficeis eram consideradas como vicios.

As creanças ficavam logo habituadas ao luxo e ao conforto: e o collegio era um palacio em que a industria ostentava as suas maravilhas. Havia picadeiros, bilhares, casas de café e um theatro aopé da capella. A cada discipulo davam um quarto independente, um tilbury e um groom para o acompanhar nos passeios. O agradavel não fazia esquecer o util, e havia uma praça de commercio onde todos os discipulos se reuniam pela manhã, especulando na fructa da sobremeza, nos coelhos, nas pennas metalicas, nos lapis e no papel.

Tambem se exercitavam na imprensa periodica, redigindo quatro jornaes de opiniões contrarias, nos quaes se calumniavam e desacreditavam tão perfeitamente como se fossem já homens feitos e tivessem nascido em Portugal.

Havia ainda outro estabelecimento de instrucção publica, frequentado por alumnos de qualquer sexo ou idade — era o *Athneu Nacional*.

O doutor teve a delicadeza de levar os seus hospedes a este estabelecimento: quando ahi chegaram, o professor de numismatica estava dando uma lição sobre a cosinha do seculo dezenove, e especialmente sobre a differença que havia entre o emprego nos môlhos, do tomate fresco ou reduzido a calda. O professor de economia politica estava fallando das antiguidades dos canos da rua dos Retrozeiros da ex-cidade de Lisboa, e de um celebre espeto com copos de espada, achado nas ruinas de um monumento romano d'aquella cidade, que os sabios do anno TRES MIL julgavam ser o que os jornaes contemporaneos chamavam *Casebres do Loreto*. O professor de philosophia restricto rigorosamente ás materias do seu curso, não fazia senão injuriar os seus adversarios.

Ao sairem do Athneu, o doutor mostrou aos seus companheiros os edificios das escólas de direito, de medicina, de industria e de bellas-artes. A sua organisação pouco se differençava do que já tinham visto: pararam portanto unicamente ante o edificio destinado aos exames.

A cada faculdade pertencia uma sala disposta de modo que o candidato se examinava sem intervenção de examinadores. Era uma especie de labyrintho fechado por cem portas pequenas: na padieira de cada uma d'ellas estava escripta uma pergunta do exame, com umas vinte respostas tortas e falsas, misturadas com a resposta verdadeira. Se o candidato punha a mão sobre esta, a porta abria-se por si, e elle passava adiante: se não acertava ficava fechado como um rato apanhado na ratoeira. Este methodo excluia o erro e a injustiça. O examinador ficava sendo o symbolo da indifferença e da impassibilidade que havia tantos seculos se procurava. Não era como d'antes um homem com as suas sympathias e antipathias: mas uma machina immovel como a verdade. Os professores a respeito de exames cuidavam somente em receber a gratificação do trabalho que não faziam, como em outras eras alguns recebiam os vencimentos de lições que não davam.

*

Quando íam a sair do bairro universitario o doutor mostrou-lhes um outro estabelecimento quasi egual ao primeiro que tinham visitado, destinado á instrucção do sexo feminino.

A organisação era a mesma, pouco mais ou menos do que a outra; mas as disciplinas que se professavam eram essencialmente differentes. O principal estudo versava sobre o *orgão expressivo* applicado ás damas de caracter. As discipulas dedicavam-lhes sete horas por dia. O resto do tempo servia para aprender minerologia, anatomia e esculptura. Havia uma lição de orthographia em cada semana, e repetições ou conversas a seu respeito uma vez por mez.

A moral estava formulada em um cathecismo que devia servir de norma á vida das donzellas, e que lhes ensinavam a decorar. Havia um capitulo para a moda, outro para bailes e visitas, e tambem um especial para o casamento.

Recommendamos aos editores de cathecismos o seguinte specimen:

Pergunta. A mulher deve desejar o casamento?

Resposta. Sim, se póde fazer um bom.

Pergunta. O que é uma mulher bem casada?

Resposta. É a que tendo casado com um homem honrado, gosa e aproveita a sua posição.

Pergunta. O que intende a menina por homem honrado?

Resposta. Intendo um homem elegivel para deputado.

Pergunta. Como deve a mulher, minha menina, amar seu marido?

Resposta. Em proporção da mezada que elle lhe dá para os seus alfinetes.

Pergunta. Podeis recitar o vosso acto de esperança matrimonial?

Resposta. Meu Deus, e Senhor meu, confio na vossa infinita bondade para obter um esposo conforme os desejos do meu coração; que seja bastante rico para me dar carroagem, um bom palacio, camarote effectivo na opera; e

possa elle, oh meu Deus, mostrar tanta coragem no engrandecimento da sua fortuna, quanta será a minha satisfação em a gastar.

Mauricio não quiz ler mais, e perguntou ao academico se não havia mais alguns estabelecimentos de instrucção publica do que aquelles que tinham visto.

—Ha outros, respondeu o doutor, explorados pela industria particular, sendo o mais celebre o que pertence ao sr. Infusa, que achou meio de applicar as estufas á instrucção das creanças, e que obtem sabios, como os jardineiros da antiga Europa obtinham ananazes. Basta-lhe pôr os seus discipulos sobre uma camada propria que apresse o movimento da ceiva intellectual, e de estar attento para o thermometro que indica o grau de calor para a maturação do cerebro.

O sr. Infusa tem sempre debaixo das campandulas muitas centenas de alumnos, que são grandes homens aos dez annos, e creanças aos vinte. A fabrica de prodigios prospera. É da sua aula que sáem esses celebres mathematicos que calculam a circumferencia da terra antes de saberem fallar, e os poetas prematuros que fazem as suas primeiras elegias antes de terem formada a primeira dentição.

III

Prosperidade dos armazens de modas. — Invocação ás especialidades do seculo XIX. — Reminiscencia da virtude. — Aspecto da capital. — Edital para a numeração das portas e nomes das ruas. — Resuscita o *h*, morto pela Leitura Repentina. — Casas a pau e corda. — Fornalhas bregeiras. — A cosmopolita, povoação fluctuante. — Physionomias *safadas*. A patria é um cabide. — Doença de milady Enjoada, tratada por quatorze medicos especialistas e curada por um curioso. — O dr. Pasmado, o dr. Bexiga, o dr. Narcotico e outros. — Auto de doença. — Sociedade de seguro para que os vivos não tenham saudades dos mortos. — Encontro de um philantropo, Gaudencio Enternecido. — Sociedade Ajuda-te, o céu não te ajudará.

O doutor já se dispunha para subir ao celebre balão, quando a esposa disse que desejava conduzir Martha aos novos armazens de modas do *Bom Pastor*. Esta loja immensa, ou mais propriamente fallando, esta serie de ar-

mazens, occupava uma superficie de duzentos hectares, e tinha doze mil caixeiros. Alem da linha de omnibus interiores, havia carros volantes aopé dos balcões. As fazendas enroladas por meio de grossos cylindros passavam ante os olhos da multidão, como as vistas moveis de um panorama. Mostradores gigantescos giravam sobre si mesmo carregados de joias e de ornatos: apparadores cobertos de chrystaes, esculpturas de marfim, e muitos outros objectos variados e preciosos, iam e vinham sem cessar rodando em calhas de cobre, e parecendo chamar pelos compradores. Muitos criados com riquissimas librés andavam cuidadosamente offerecendo refrescos aos freguezes.

— Vêdes? disse o doutor, o commercio engrandeceu com o tempo, como tudo quanto o cerca. Ao presente é um banco aperfeiçoado. Os lucros que no vosso tempo davam alimento a cem familias, podem crear agora dez existencias de principes para as quaes tudo é possivel. Na vossa era ao acabar a aprendizagem o homem casava e abria uma loja, tendo como capital o amor, a esposa e a coragem do trabalho. Ao presente, a condição indispensavel para exercer o commercio, não é conhecer o ramo especial a que o homem se dedica; mas a unica e essencial condição é possuir um milhão!

Em seguida o academico começou a traçar um dos seus confusos e emaranhados quadros estatisticos que o tinham elevado á cathegoria de *especialidade*, titulo que recordava os tempos barbaros da Europa do seculo dezenove, em que os homens que se chrismavam de *especiaes* eram procurados para tudo; e sua mulher mostrava a Martha a prodigiosa variedade dos vastos armazens que iam percorrendo.

Mauricio e Martha não lhe davam muita attenção, por que tendo reparado no titulo do estabelecimento — *O Bom Pastor* — ambos se lembravam que era assim chamada no seu tempo uma loja, pequena e parcamente fornecida, em que uma mulher virtuosa e trabalhadeira chamada Ro-

mana sustentava e amparava seu pae, já velho e paralytico, e um pobre idiota que adoptára por ter ficado orphão e sem arrimo.

O que valiam moralmente todas essas riquezas dos colossaes armazens da cidade *Sem Egual* comparadas á humilde lojinha cuja vista era um ensino pratico da mais bella das virtudes?

Que significação tinham esses milhares de caixeiros, ao pé da pobre mulher, que, auxiliada unicamente pela sua coragem, tinha sustentado duas existencias, e ajudado a salvar duas almas!

Se Deus a tivesse feito nascer mais tarde na sociedade esclarecida do ANNO TRES MIL, teria trabalhado e esperado em vão, porque a *boa vontade já não podia* substituir a riqueza, segundo um dos aphorismos do dr. Universal.

Antes de os conduzir a casa, o doutor quiz dar-lhes idêa da magnificencia da capital.

Para este effeito foram a uma praça em que desembocavam todas as ruas. Á noite era allumiada por duzentos bicos de gaz apurado. O museu, a bibliotheca, o theatro nacional e a camara dos representantes, guarneciam a praça com as grandes fachadas ornadas com annuncios pintados a oleo. As ruas eram todas direitas e do comprimento de muitas legoas, compostas de casas quadrangulares, tão similhantes que unicamente os numeros as faziam distinguir. Uma floresta de tubos de chaminé, toda fumegando, coroava esta encantadora perspectiva, que se gosava com um só olhar.

Os vinte e cinco bairros em que se dividia a cidade eram designados pelas vinte e cinco lettras do alphabeto, porque o *h*, morto outr'ora pela *Leitura Repentina*, havia resuscitado no ANNO TRES MIL. Cada cidadão devia morar no bairro correspondente á primeira lettra da sua profissão. Esta sabia providencia adoptada em differentes *editaes* do governador civil, tinha apenas o inconveniente de residir o vosso sapateiro a duas ou tres leguas do vosso alfayate;

mas a cidade ganhava em symetria o que os seus habitantes perdiam em commodidade.

Esta organisação tinha sido calorosamente combatida pelo sabio astrologo o sr. Telescopio, o qual propunha para a substituir, no interesse da *unidade mathematica*, a demolição da capital para se edificar novamente em dez bairros, correspondentes aos dez algarismos conhecidos, devendo cada um residir na nova cidade, segundo o seu merito, isto é, conforme a somma de impostos que pagasse. Tão portentoso projecto era geralmente discutido, a ponto de ficarem esquecidas as importantes descobertas lunares, feitas pelo referido astronomo.

Mauricio observou que as casas eram de ferro, e que se podiam desmanchar como se fossem um movel. Se o proprietario a queria mudar, os gallegos do ANNO TRES MIL levavam a pau e corda o seu domicilio para o novo logar que este tivesse escolhido.

Havia casas para habitação de um individuo, muito commodas; consistiam em uma mala, ou bahú mechanico, de que se podia trazer comsigo a chave facilmente. Á noite a mala aberta formava um quarto para dormir, e mais duas casas pequenas. A cosinha não era precisa, porque estava vantajosamente substituida pelas chamadas *fornalhas brejeiras*, porque bastava um cigarro, que se podia fumar ao mesmo tempo, para que as taes fornalhas preparassem tres pratos de comida. Tambem existia outro invento não menos curioso — eram tijolos autoclaros, aquêcendo a sopa e preparando dois bifes com o fogo de um phosphoro.

Ao passarem pelo porto da cidade; viram uma ilha toda abundante em jardins e casas elegantes. O doutor explicou-lhes que era a importante povoação fluctuante chamada *Cosmopolita*, que chegava do seu passeio em roda do mundo.

A extensão deste barco phenomenal era de muitas legoas. Cada passageiro tinha casa com jardim, horta, e pateo para a creação. No centro ficava a egreja, e em uma das extremidades o theatro. Cento e cincoenta machinas, da

força de quatrocentos cavallos cada uma, davam movimento ao *Cosmopolita,* que fendia as ondas com rapidez nunca vista.

A sua viagem em volta do mundo costumava durar oito dias. Tocava na Nova Guiné, passava o canal aberto no Isthmo de Panama, atravessava o Occeano Athlantico, ia até ao Mediterraneo, entrava no Mar Vermelho pelo Estreito de Suez, e voltava ao ponto de partida atravez dos mares da India.

Perto do *Cosmopolita* fluctuavam muitos outros barcos que tinham a sua destinação explicada em grandes cartazes. Uns eram theatros, que atravessando os mares e navegando pelos rios, levavam ás mais longiquas povoações os beneficios da comedía e o proveitoso ensino da opera-comica: outros estavam dispostos em salas de baile, e iam ensinar ás cinco partes do mundo as polkas e mazurkas: os mais pequenos levavam dioramas, camara-opticas e até gabinetes de leitura, popularisando deste modo os animaes sabios, e as obras litterarias do sr. Cesar Torneira.

Viram tambem a grande doka onde chegavam continuadamente os productos de todas as minas conhecidas. Um systema de caes subterraneos alimentados pelas aguas das minas as ligavam umas ás outras. Era um espectaculo surprehendedor ver chegar á capital por debaixo de mil abobadas subterraneas os barcos carregados com os differentes mineraes arrancados á terra, e trazidos por homens de todas as raças, vestidos com differentes e variadissimos trajos. A facilidade e frequencia das communicações havia misturado os povos, sem que nenhuma associação fraternal os confundisse em uma só; cada povo tinha perdido o seu caracter, mas não tinha adoptado nenhum outro. Estas physionomias apagadas em tal fusão pareciam moedas gastas pelo uso em que já se não conhece a effigie, mas que differem pelo metal.

Os philosophos tanto haviam trabalhado para considerar o mundo como uma grande estrada com destino de chegar

a um ponto qualquer, que todos os homens tinham perdido a idêa da sua nacionalidade. As differentes terras ou nações eram apenas pontos de apoio em que a vista repousava alguns instantes, como um chapeu n'um cabide.

Mauricio principiava a fazer esta observação ao doutor, quando a esposa deste começando a sentir-se incommodada, entrou no caleche aereo onde todos a seguiram, partindo immediatamente para a morada do academico. Apesar da rapidez da viagem augmentou com ella a indisposição de milady Enjoada. Apenas chegou a casa disse que desejava um medico. A difficuldade das pessoas presentes era saber que medico seria chamado, porque o progresso das luzes tinha levado a divisão do trabalho até aos dominios das sciencias. Os medicos tinham dividido o corpo humano entre elles como uma herança conservada indivisa até ao ANNO TRES MIL. Cada um tinha o seu dominio na parte que lhe cabia, e não passava adiante por nenhuma circumstancia. Um tractava do estomago, outro da cabeça, outro do figado, outro do coração, etc.

Se muitos orgãos do corpo adoeciam ao mesmo tempo, chamavam-se tantos medicos quantos eram esses orgãos: cada um delles tractava á parte o seu pedaço de doença, e o doente ou ia melhorando por fragmentos, ou morria de uma vez.

Como a mulher do doutor soffria principalmente spasmos, julgaram dever chamar o dr. Pasmado. Quando elle chegou, o seu primeiro cuidado foi explicar que a vida era animada pelo sangue, e o sangue posto em movimento pelo coração; qualquer doença tinha unicamente como causa a falta de equilibrio nas funcções d'aquelle musculo cavernoso e carnudo. Declarou portanto depois de ter examinado a doente, que o incommodo cederia a um xarope antiphlogistico de que elle era inventor.

Tinha o dr. Pasmado partido, e eis que as dores mudam de logar. O academico mandou logo chamar o dr. Bexiga, conhecido pelos seus importantes estudos ácerca das visce-

ras. Este examinando a doente, foi de opinião que a séde da doença estava incontestavelmente no figado, viscera glandulosa destinada a separar a bilis do sangue, o qual sendo o elemento essencial da vida, decidia portanto da saude ou da doença. Os effeitos do seu receituario não foram mais satisfatorios do que tinham sido os da receita do seu collega, e a indisposição da sr.ª Universal augmentou.

O academico mandou chamar o dr. Nevretico, especialidade conhecida para as doenças sem causa. Logo que o afamado medico viu a doente exclamou: São nervos... ora os nervos são o orgão da vontade e da sensação; tudo depende delles. Receitou bailes, theatros, e uma infusão de folhas de laranja. Assim que elle partiu, as afflicções da doente augmentaram, e o pobre do marido continuou inutilmente a recorrer á sciencia dos especialistas. Mauricio lembrou-se da armadura estofada que servia de estojo á mulher do academico, e timidamente deu o conselho de a despir. Logo que elle se poz em pratica, a doente restituida á livre acção dos seus movimentos, achou-se subitamente curada.

O academico mandára chamar no entanto o juiz eleito da sua freguezia para com as testimunhas da lei fazer, não um corpo de delicto, mas o que chamaremos *auto de doença*. Logo que a esposa se restabeleceu, o doutor munido com tal documento, e acompanhado de Mauricio, foi ao escriptorio da *Companhia dos Centenarios*.

No anno tres mil havia seguros não só de vida, como nos tempos antigos, mas tambem seguros de saude; e nas companhias desta especialidade recebia-se uma indemnisação por qualquer incommodo de saude, como se receberia de uma companhia de incendios o prejuiso causado por qualquer sinistro parcial. Desta fórma a doença dos nossos parentes, se estavam no seguro, dava-nos meios honestos de ir vivendo em quanto a sua morte nos não enriquecia.

O interesse contemporisava a afflicção, e quem via soffrer os seus parentes podia ter ao menos a consolação,

calculando o que lhe poderia render cada um dos seus soffrimentos: a morte dos paes, vista a travez da somma do seguro, parecia menos horrivel, e assim a arithmetica applicava os algarismos bemfazejos sobre as feridas do coração. A arithmetica quebrára portanto as setas da morte... ao menos para os que sobreviviam. Ao sairem do escriptorio da companhia, encontraram o sr. Gaudencio Enternecido, um dos seguradores da mesma companhia, homem celebre nos annaes da philantropia, presidente da *Sociedade Humana*, e membro de todas as commissões de beneficencia inventadas e por inventar. Estava coberto de laços de fumo, que attestavam o numero de feridas sensiveis para o seu coração, que tinha soffrido: vinha acompanhado de um moço, que, nos sacos de dinheiro que trazia, attestava a quota das consolações pagas pela companhia ao benemerito philantropo.

Quando o dr. Universal o encontrou, elle tinha nos labios um sorriso alegremente modesto, que caracterisa o sabio na prosperidade; mas apenas reparou que era visto pelo academico, mudou de physionomia, e uma expressão dolorosa se lhe desenhou no rosto.

O doutor aproximando-se do sr. Gaudencio, perguntou o que lhe tinha acontecido.

— Bem o vêdes, disse o philantropo, olhando melancolico para os fumos que trazia, e não lhe escapando dar uma olhadella aos sacos de dinheiro que vinham ás costas do moço. A Providencia tem descarregado sobre mim golpes repetidos... meu tio... meu irmão... meu primo...

E parou deixando sair do peito um gemido, e contemplando ao mesmo tempo os maços de notas do banco, que tinha na mão.

— Lembro-me perfeitamente de todos tres...

O academico recordou-se de que todos tres tinham embarcado em uma frota de balões que se havia incendiado.

— Dizei quatro! redarguiu o sr. Enternecido, porque meu sobrinho tambem os acompanhava. É a sua morte que

eu mais lamento. Contava só vinte annos, e os directores da companhia recusaram pagar-me o seguro da sua preciosa existencia... Querem que eu lhes apresente provas authenticas da morte... Provas da sua morte... aquelles malvados não tem alma. Como se me fosse possivel estar abrindo ainda mais a ferida que a sua perda abriu no meu coração; e tanto mais que já fiz quantas diligencias se podem imaginar para obter essas provas. Hei de obrigal-os a cumprir os seus contractos, no interesse da moral publica.

O academico em um discurso digno das honras de necrologio do seculo dezenove, confundido nos annuncios do jornal, exaltou as virtudes dos mortos para dar os pesames ao seu amigo, e não se esqueceu da sua paixão estatistica, calculando á quantos soffrimentos escapavam os defunctos por meio da morte, chegando á conclusão, que neste quadro de tristezas o unico para lamentar era o herdeiro sobrevivente.

O sr. Gaudencio, agradecendo, disse que esperava minorar os desgostos causados com a morte dos seus mais queridos parentes, com o nobre exercicio da beneficencia. O genero humano seria d'ahi em diante a sua familia, e contava dedicar o resto da sua vida á propagação da sociedade *Ajuda-te — o céu não te ajudará*. Recordou ao academico que em outra occasião lhe havia promettido subscrever para tão util fim; e pediu-lhe que não faltasse no dia seguinte á exhibição dos pupilos da mesma associação.

IV

Passeios da cidade *Sem-Egual*, embellesados com legumes monstros — Rua do Casamento. — Cartazes matrimoniaes. — Mil contos em moeda forte. — Sociedade matrimonial auctorisada pelo governo (sem garantia). — Pastoral arithmetica. — Rua da Couve Flôr. — Um monstro feliz. — Cornocopia da fortuna. — Memorias philosophicas do rei Extra.

Iam ainda entregues a esta interessante conversação, quando chegaram á porta do passeio publico, que estava cheio de gente.

Mauricio entrou com os seus dois companheiros. As con-

ves colossaes formavam a rua principal: plantações de alface substituiam os bosques de acacias e de dahlias dos tempos barbaros. As flores, inutilmente cultivadas nesse tempo, estavam vantajosamente substituidas pela cultura do tabaco, do arroz e do anil.

O sr. Gaudencio chamou a particular attenção de Mauricio sobre esta innovação.

—Estaes vendo como em virtude dos esforços combinados dos philantropos e dos economistas o mundo mudou por tal fórma de apparencia, que nem Deus o conheceria. Os ornatos inuteis da terra desappareceram, e legumes aperfeiçoados e gigantescos formam ao presente a base do novo systema florestal. Os carvalhos ridiculos das eras barbaras estão substituidos pela betarraba monstro: as roseiras não se cultivam, e temos em seu logar alcaçus e rabanetes. A vegetação está por tanto sujeita ás necessidades do homem, que reduziu a creação ás proporções do seu estomago.

Mauricio reparou em certas mulheres que se dirigiam para uma rua de alcachofas gigantescas, no principio da qual se lia esta inscripção:

RUA DO CASAMENTO

Cada uma das passeantes andava elegantemente involvida em uma manta em que se lia a morada e a somma do dote.

A rua ia ter a um largo ajardinado, com muros em roda, sendo para este sitio que mais affluia a multidão. Era aqui a grande agencia matrimonial da cidade *Sem-Egual.* Havia sempre neste logar surtimento completo de corações com os esclarecimentos que se podessem exigir: annos de edade, caracter, fortuna e côr do cabello das noivas. As paredes estavam forradas de cartazes que serviam de outros tantos annuncios do estabelecimento, na maxima parte ornados com gravuras explicativas. Um delles representava uma immensa carteira recheada de notas do banco, que indica-

vam chegar á somma de tres milhões: na parte inferior estava escripto

UM HOMEM PARA CASAR

Em outro cartaz apparecia uma senhora vista pelas costas, seguida deste annuncio:

UMA VIUVA

que já fez a felicidade de cinco maridos

DESEJA FAZER AINDA A FELICIDADE DO SEXTO

Dou-lhe em dote um corpo bem feito e um coração terno

O NEGOCIO PÓDE SER TRACTADO POR CORRESPONDENCIA FRANCA DE PORTE

Aopé deste ficava outro assim composto: No cimo quatro mulheres vistas de perfil, reunidas pelo cordão de uma bolça, tendo junto a si esta inscripção:

UM PAE DE FAMILIA

tendo a seu cargo muitas filhas

deseja por motivo de mudança e alta da renda das casas ficar com menos algumas

UMA É TRIGUEIRA, OUTRA TEM CABELLOS LOUROS, TEM UMA RUIVA, E AINDA EXISTE NO COLLEGIO UMA MISTIÇA

CADA UMA DELLAS RECEBERÁ QUANDO SE CASAR

A somma de 9:635$725 réis

Muita attenção! — Unicamente serão recebidas as propostas dos concorrentes que provarem ter feito um deposito no banco, em dinheiro ou titulos de divida fundada, juntando documento de que foram vacinados tres vezes.

Em quanto Mauricio lia estes curiosos annuncios chegou um parente do sr. Gaudencio, que acabava de ajustar o casamento de seu filho com a filha de um rico advogado da capital. Os dois noivos estavam conversando em um dos kioskos mais retirados, ao passo que as respectivas familias fechavam a discussão sobre os preparativos e a época do casamento.

Mauricio, sem o pensar, e distrahido pelo sonho de acordado em que andava, achou-se aopé dos dois noivos, que,

sem o verem, continuaram o que no ANNO TRES MIL se chamava amoroso dialogo.

O mancebo estava dizendo á sua noiva:

—Eras o desejo da minha adolescencia, e da minha mocidade, ou, para fallar mais exactamente, as minhas esperanças estavam todas resumidas em ti.

—Muito amor te devo, porque podias ter escolhido outra entre a sociedade da nossa capital.

—Como poderia encontrar outra mulher com mais merito do que tu?... Mil contos de dote... apesar de serem em moeda fraca, e ganha com moeda falsa; tudo cambialmente reduzido a sonante em um dos mais acreditados bancos!

—E ainda outras esperanças!

—Bem sei, tens um tio gotoso... que foi negreiro... e é commendador... talvez por se ter batido valentemente com os cruzadores.

—E tambem tenho uma prima hydropica! disse a menina batendo as palmas.

—Sem filhos?

—Nem herdeiros collateraes. A fortuna desta minha parenta é honesta, e está liquidado que proveio da colonisação, a que alguns parvos costumavam chamar escravatura branca.

—E o mais velho de teus tios... o contrabandista?...

—Negociante! se faz favor... e visconde: esse já vae na quinta apoplexia; não fallei delle, porque é como se estivesse morto, e a herança junta ao dote.

—E brevemente herdaremos de todos tres?

—Sem duvida, pois que já estão condemnados pelos medicos.

—És um anjo! exclamou o noivo, tomando a mão da herdeira em perspectiva, e beijando-a com enthusiasmo.

O cantar dos rouxinoes, o perfume das flores, os reflexos do sol dourando as arvores, eram a moldura do quadro em que estavam os dois amantes, que, ebrios de amor

e de contentamento, começaram a cantar com acompanhamento de risadas uma antigualha, que por aquelle tempo reinava com imperio absoluto e exclusivo da moda em todas as salas da cidade *Sem-Egual,* a polka das peças de oiro.

Mauricio indignado com os progressos da civilisação applicados á felicidade conjugal, cuidou em ir ter com os seus dois companheiros de passeio. Já estavam na ultima rua chamada da cove flôr quando o doutor parou de repente para lhes mostrar um par que vinha na direcção opposta, e se compunha de uma linda rapariga, e de um homem baixo e tão feio, que a vista fugia involuntariamente d'aquelle horror. O desengraçado e disforme do todo desapparecia, por assim dizer, ante uma dessas monstruosidades citadas nos annaes das sciencias como exemplos rarissimos. Um chavelho de touro lhe nascia de cima da testa, na raiz do cabello, dando á physionomia um caracter grutesco e terrivel ao mesmo tempo.

VIDAL JUNIOR

O primeiro sentimento de Mauricio foi horror, e o immediato compaixão.

— Não o lamenteis, disse o doutor, que tinha comprimentado o monstro. Deve ao chavelho o socego, a fortuna, a gloria, finalmente até aquella formosa mulher a que póde chamar sua.

— Mauricio não podia comprehender o que estava ouvindo.

— O rei Extra foi por muito tempo similhante aos outros homens, replicou o academico, e não se lembra desse tempo senão com horror. Posso dar-vos a lêr a sua biographia, que elle publicou na edição das obras completas.

— E eu ainda muito mais facilmente vos presto esse serviço, porque as tenho comigo; haverá horas que as comprei, observou o philantropo, apresentando a Mauricio um volume nitidamente impresso adornado com muitas estampas.

O livro do rei Extra continha, entre muitas novidades, uma collecção de poesias elegiacas dirigidas por elle ás mulheres mais formosas das differentes partes do mundo.

Mauricio começou immediatamente a leitura do prefacio-biographia.

AO LEITOR

A 15 d'agosto do anno de 2971 ouviram-se gemidos de mulher em uma das miseraveis casas do bairro mais pobre da capital. Estes gemidos a principio quasi confusos, depois mais distinctos, e a final extremamente dolorosos, foram subitamente interrompidos por um grito de creança!

Esta creança era eu — a mulher que gemia era minha mãe.

Eu tinha nascido, restava-me viver.

Viver! É uma palavra que resume todas as idéas. Viver é desejar eternamente o que se ignora; é ter esperança no impossivel; é seguir o infinito... e tudo isto principia pelo nascimento dos dentes. Ossos no berço, ossos na sepultura!...

Na edade propria fui á escóla, e com o *a b c* começou a minha desgraça.

Nos exames ficava superior á maior parte dos meus condiscipulos, e era premiado; mas um rival, que frequentava comigo a mesma escóla, offuscava completamente a minha gloria. Este rival era Espiridião Espirro. Não tinha mais do que tres pés de altura, mas assim que apparecia todos olhavam para elle, admirando a graça do seu talhe diminuto, e a perspicacia da sua intelligencia. Um premio ganho por elle era como dois ou mais. Quanto a mim, como era do tamanho de toda a gente, ninguem reparava no resultado dos meus exames, por mais brilhante que fosse, e apenas diziam: o rapaz promette.

Ao sair da aula, segundo o costume geral, fui pedir um emprego: não alcancei nem uma promessa, ao passo que Espiridião, que tambem adoptou a vida de pretendente, alcançou em um dia o emprego que me tinha já custado tres resmas de papel em memoriaes, e duas moedas de sollas.

Desprezado pelo poder, voltei-me para as lettras. Escrevi um livro sobre a batata, com o titulo sympathico de —*O pão do pobre só comido pelo rico*. O meu livro devia de um pulo levar-me ao pantheon: desgraçadamente nenhum livreiro se dignou lêr o manuscripto, dizendo que lhe não convinha por ser a minha primeira obra: na opinião destes senhores, parece que o dever do auctor é começar pela segunda!

—Faria algum negocio com a vossa obra, disse-me um dos mais delicados, se fosseis já conhecido por qualquer outro motivo, como o sr. Espiridião Espirro, a quem comprei o manuscripto do seu volume de poesias com o titulo de —*Alma ao luar*, — corpo ao *sol*, —*orvalhos e raios da mocidade*.

Todos hão de querer saber que versos compoz o anão... mas não póde despertar nenhuma anciedade um livro escripto por um homem de estatura regular.

Fiquei desesperado com o que ouvi.

A unica consolação que me restava era o amor que tinha a uma prima com quem tencionava casar. Comecei a temer que o meu rival em outros pontos da vida o viesse tambem a ser neste, e tanto mais que elle era visita de minha prima Annica, a quem divertia com muitas sortes de magia branca, com tal destreza que recordava um certo Hermann, que na antiguidade tinha feito desapparecer em uma das representações todos os espectadores do theatro principal de Lisboa, para uma colonia de saloios, que viviam na ilha de Rilhafoles, ao sul do Tejo, sabiamente governados por um rei cujo nome, segundo os estudos archeologicos e antigos diccionarios, era Bornido ou Civil. Comecei por desapprovar a puerilidade do divertimento. Um dia fui convidado por meu tio para uma funcção em que o sr. Espiridião, deitando a livraria abaixo, faria coisas do arco da velha. No bilhete de convite vinha o seguinte programma composto em corpo 600, sendo cada letra formada por diabinhos em differentes posições:

PARTE I

1.° Arroz endiabrado
2.° A porta infernal
3.° A cosinha do diabo
4.° A luva do diabo
5.° O criado a crear
6.° A desapparição dos circumstantes.

PARTE II

1.° A garrafa rio
2.° O dinheiro voando para a algibeira do *cujo*
3.° O chapeu de chuva de Adão, e a sombrinha de Eva
4.° Tão rapido como a rapidez
5.° O annel em talas
6.° A suspensão suspensa sem suspensorios.

N. B. O espectaculo começa antes de acabar.

Desempenhado o programma, por mais impossivel que pareça, a minha prima Annica era toda Espiridião. Zangado, declarei-lhe que devia escolher entre o anão e eu. Respondeu-me immediatamente, que a sua escolha estava feita. Saí irado como uma furia.

Esta derrota levou-me ao suicidio, bebi veneno, e sentei-me sobre um bahu, esperando como Socrates *a apparição d'aquelle dia que não tem vespera nem ámanhã.*

O droguista foi a causa de falhar o plano. O veneno era falsificado, e só me podia matar ametade. Estive um mez inteiro entre a vida e a morte.

A minha tentativa poetica produziu logo algum resultado.

Certos amigos que me desprezavam durante a vida normal, quizeram vêr-me assim que souberam que me tinha envenenado, e trouxeram-me medicos allopathas, homeopathas, hydropathas, raspalhistas, etc. O tratamento durou um anno, e eu ia já morrendo da cura ao escapar da doença.

O effeito do veneno ou da variedade dos remedios e differença dos systemas, actuando juntos sobre o mesmo corpo, foi terrivel, e uma transformação completa se operou em mim... achei-me o que sou, no dia em que todos os doutores em côro disseram: está curado.

Quando me vi ao espelho fiquei petrificado. O meu primeiro pensamento foi de desespero, o seguinte de vergonha. Não sabia em que logar recondito da terra iria esconder o que eu chamava o fructo da acção therapeutica de todos os systemas medicos fundidos em uma só cura.

O sr. Palafox, incontestavelmente uma das mais elevadas intelligencias praticas deste seculo, veio ter comigo quando eu estava em tão afflictiva situação. Depois de me examinar attentamente propoz-me dez contos de réis pela exploração artistica e industrial do chavelho que me tinha nascido. Pensei que estava mangando comigo e mandei-o sair de casa. Voltou á noite offerecendo-me o dobro. Novamente o mandei sair. Escreveu-me offerecendo-me

trinta contos, e a final contractámos o negocio por cincoenta.

O meu pesar começava a mudar-se em admiração, e quasi que em contentamento. Ao espelho o ornato natural que me tinha alterado a fronte, onde ainda eram visiveis as linhas do talento, parecia-me menos exotico. Indubitavelmente o prejuiso tinha influido muito na minha primeira emoção.

As armas do bisão eram o mais gracioso ornato dos guerreiros nos povos primittivos da America.

Os cavalleiros da edade média coroavam os capacetes com crescentes de aço.

Os cornos biblicos e luminosos de Moysés são o symbolo do poder supremo sobrehumano.

Na Grecia houve o corno da abundancia, cornocopia em linguagem poetica.

Nos proprios seculos barbaros, especialmente no seculo dezenove, em que uma lembrança de mau gosto ridicularisou esta arma enobrecida pela antiguidade e pelo valor, a medicina recorria á raspa de veado, que tambem servia para belleza desse ornamento humano, cantado assim em um artigo de annuncio de um jornal do tempo, por um poeta-dentista:

> Les perles que rangea dans une bouche aimable
> Ce petit dieu malin qui commande en vainquer
> Trouveront dans mon art un secours favorable
> Si jamais quelque tache ternit la blancheur (1).

Um dos encantos da mocidade, nesse mesmo tempo era estar a creancelha sobre a relva olhando para o caracol, e dizendo-lhe: *Caracol, caracol põe os... ao sol.* Expressão tão meiga, que já serviu de epigraphe a uma das mais notaveis e classicas obras do ANNO TRES MIL, a nova *Carta de Guia de Cazados*, por Manuel Francisco. Convenci-me que a hora da rehabilitação do chavelho tinha soado ao meu nascimento, e havia tornado a soar á minha doença,

(1) Textualmente copiado do Jornal do Commercio — 1859 — n.º 1808.

devendo ainda ouvir-se, como todas as horas se ouvem, sobre uma campa, que será a minha.

Feitos todos estes raciocinios, e muitos outros não menos concludentes, as minhas idêas passaram por tal modificação, que não só me não lamentava de ter um chavelho, mas até sentia muito não ter dois, pois que sem duvida ficaria assim mais completo, mais harmonico, e mais esthetico: podendo nesse caso estar no meu direito, pedindo cem contos pelo meu contracto, que era apenas de cincoenta.

A exposição publica da minha pessoa teve um exito fabuloso. De toda a parte corriam a vêr o *Rei Extra* (era assim que me tinha baptisado Palafox no principio da minha vida phenomenal). As mais elevadas pessoas da republica abriram-me as salas, tornei-me o divertimento da moda: todos me queriam vêr, fallar, admirar... O monstro havia feito admirar o homem de merito.

Algumas mulheres sabias escreveram-me por curiosidade, respondi com versos galantes, que tiveram fortuna.

Todas as manhãs ao levantar-me achava uma meza coberta de albuns — esta praga veio da antiguidade até nós — e juntamente de cartas. Escrevia n'uns, respondia ás outras, e bem depressa a minha reputação foi universal. Os livreiros que não tinham querido comprar a minha primeira obra, pagavam-me a peso d'ouro os meus versos. O *Sultão da Critica* em um artigo monumental, depois de ter feito uma extensa analyse das minhas obras, sem fallar dellas em uma só linha, terminou assim o artigo, que os leitores acharão em seguida a esta biographia:

«Finalmente um estylo novo despontou no horisonte litterario: e que estylo! Saudemos nós, os homens novos desta geração, que presamos o ataque vigoroso, este estylo, que avança sobre a sociedade como um toiro saido do curro das maravilhosas corridas hispanicas, que só pertencem á historia. O estylo *achavelhado* tomará um logar distincto entre o estylo plangente, e o estylo nervoso. Ser estylista será profundar-lhe os recursos, saber-lhe aparar as marra-

das. Saudemos ainda uma vez, e com saudade, o feliz e encantador monstro de genio, cujo genio é tambem uma monstruosidade. »

Os louvores da imprensa obrigaram o governo para mostrar que sabe curvar-se respeitoso ante a opinião publica, a vir aproveitar as minhas elevadas faculdades. Como o meu forte era a litteratura e as bellas artes, collocaram-me nas caudelarias, e fui nomeado provedor das caudelarias nacionaes com dois adjuntos.

O meu emprego deu-me, alem do ordenado e do uniforme, uma posição social que me auctorisava a apresentar-me em todas as solemnidades e reuniões publicas.

Nestas alturas ia minha fortuna quando chegou a época das eleições.

O bairro dos herbolarios era notavel em todas as eleições pela escolha dos seus deputados ao corpo legislativo. Tinham successivamente eleito as seguintes notabilidades:

O gigante minhoto, que um dia no fogo de uma calorosa discussão saiu da camara levando a tribuna ás costas.

O mimico Serrate que fingia todas as vozes conhecidas, e imitava todas as physionomias. O magico Hume que fabricava maiorias *escamotando* da urna as espheras do escrutinio.

O successor de taes homens devia ser candidato pelo menos tão celebre como elles: a honra da commissão eleitoral do bairro estava empenhada nessa escolha. Assim que o meu nome foi proferido, todos unanimemente o approvaram: a recommendação do governo, o zelo dos regedores, e o corropio em que andaram os cabos de policia, eis-aqui os meios honestos e constitucionaes que me abriram as portas do parlamento. Adormeci phenomeno, e acordei representante dos herbolarios á assembléa nacional dos *Interesses-Unidos*. A minha vida continuou a ser a mesma, com a unica differença de me ir hospedar no sumptuoso hotel dos Irmãos-Unidos a 480 rs. por dia.

Os meus triumphos oratorios, e a eloquencia que eu tinha na opinião de muitas damas, não me fizeram esquecer a minha prima Annica. O amor é sempre contradictorio, e como ella me tinha desprezado eu não a podia esquecer.

O casamento com o sr. Espiridião ainda se não tinha realisado: a minha posição elevava-me muito acima dessa amostra de homem. Novamente me apresentei em casa de meu tio, e passados poucos dias *Anninhas*, porque eu suavisei-lhe assim o nome, começou a habituar-se á minha presença, e á proporção que lhe fazia o calculo do meu rendimento, as minhas pernas pareciam-lhe mais eguaes, e o meu chavelho chegava a parecer-lhe imperceptivel. Aos primeiros cem contos achou-me soffrivel, aos segundos julgou-me encantador!

O nosso casamento foi celebrado com a maior pompa, com programma publicado nos jornaes, e fiambres e gelados vindos d'alem mar.

A minha fortuna desde esse periodo ditoso não soffreu alteração, e o meu nome de Rei Extra, foi mudado em *Monstro feliz*.

Aos leitores que me perguntarem por que razão contei tão extensamente a historia da minha vida, na frente deste volume responderei: que procedi assim para dar a todos elles uma lição; e esta lição é — que o homem significa mais pelo que val do que pelo que mostra, e que a primeira condição inherente ao successo de qualquer empreza ou idêa, não consiste na acção ou em obrar, mas em pregar um cartaz sobre o que se tenha feito. O genio póde ser util para este effeito, um ridiculo serve algumas vezes, um vicio basta em muitas occasiões, mas coisa alguma substitue uma monstruosidade para a realisação do triumpho completo de qualquer successo.

V

O Tribunal da Má Hora. — O dr. Recino, envenenador de boa sociedade. — Justiça medida a metro corrente. — Salutar previsão de um diploma do ANNO TRES MIL para a gravissima questão de saber contar qualquer numero de dias. — Carta topographica da probidade legal. — Processo para fabricar a eloquencia dos advogados. — Preço corrente dos peccados mortaes. — Juizes e Delegados. — O mendigo e o cão. — Como o alimento de um cão sustenta tres quintos de um pobre do asylo. — O regulamento que prohibe ao mendigo o uso do coração fóra dos limites legaes da vida physica.

Mauricio havia acabado a leitura do prologo quando os seus dois companheiros voltaram de casa de um banqueiro onde tinham ido.

O philantropo disse-lhes que era obrigado a deixar a sua estimavel companhia para ir ao tribunal da Má Hora, especie de palacio de justiça da capital dos *Interesses-Unidos.*

— Temos algum processo celebre? perguntou o academico.

— Não sabeis que é depois de ámanhã que será julgado aquelle famoso envenenador?...

— O dr. Recino?

— Justamente. O accusado mandou cartas de convite a toda a gente, e não se lembrou de mim... que fui seu collega na *Sociedade Humana.* Vou dirigir-lhe a competente reclamação, tanto mais que mais de vinte senhoras do meu conhecimento desejam assistir á discussão, que será interessantissima: seiscentas testimunhas e sessenta advogados! O juiz já deu licença para que durante os debates se venda limonada e pastelinhos. As pausas darão tempo para se almoçar de garfo.

— E esse tal dr. Recino é accusado de ter envenenado alguem? perguntou Mauricio.

— Uma familia inteira, redarguiu o sr. Gaudencio; sete pessoas cujos restos mortaes perfeitamente bem conservados pelo novo processo, hão de ser expostos. Os venenos serão experimentados nas testimunhas; serão lidas cartas que compromettem uma senhora de alta sociedade; finalmente para coroa do interesse *palpitante* do processo, o

filho do doutor, que tem seis annos, virá depôr contra seu pae!

O academico disse que desejava muito ser do numero dos espectadores, e acompanhou o philantropo ao tribunal. Á porta estava a estatua colossal da justiça; representavam-n'a com os olhos cobertos com uma facha, para que ninguem duvidasse da sua vista maravilhosa. Na mão esquerda tinha uma balança, e na direita uma espada, como para explicar que ella estava mais disposta a bem ferir do que a bem pesar. No frontão do edificio haviam gravado estas palavras:

A JUSTIÇA É GRATUITA

E logo abaixo estavam affixadas as tabellas dos differentes termos e diplomas que entravam em qualquer processo: assignaturas do juiz, sello, rasa, contador, louvados, etc. O total prefazia sempre uma somma que só permittia aos ricos a defeza juridica dos seus direitos. Os pobres para se consolarem de não terem tal direito, podiam lêr por cima de todas as portas esta maxima gravada em lettras bem visiveis:

TODOS OS CIDADÃOS SÃO EGUAES PERANTE A LEI

Mauricio chegou a uma sala onde os advogados iam sujeitar as contas á verificação legal de um juiz, encarregado de medir os processos, porque o limite de cada genero estava antecipadamente fixado em uma tabella.

Trinta metros correntes para os negocios summarios;

Cem metros correntes para os negocios graves;

Mil metros para os casos complicados.

Quanto ao meio de encher as paginas comprehendidas nessa extensão, os homens do fôro tinham achado um facilimo: era seguir cada palavra de todas as que podiam ter com ella qualquer analogia de significação, o que lhes per-

mittia o agradavel trabalho de passarem em revista uma parte do diccionario a proposito de uma phrase.

A citação de qualquer testimunha para comparecer no praso de oito dias era assim redigida no ANNO TRES MIL:

. . . .

« Em virtude dos motivos que acima ficam citados, e de « todos que possam ser citados em qualquer outro logar, « ou que nos convenha citar mais tarde:

« Fazendo todas as reservas uteis, tanto implicitamente « como explicitamente:

« Designamos, chamamos, requisitamos, citamos, pela « presente, tanto pelo uso ou costume, como pelas leis, « decretos portarias, alvarás, o senhor...

« Para que se apresente e compareça, sem que possa op- « pôr nenhuma objecção, nenhuma reserva, nem pretexto « de não ter recebido a presente:

« E responda sinceramente, livremente, cathegoricamente, « e claramente sobre o que haja podido saber por si pro- « prío ácerca da materia do processo; o que tenha ouvido « dizer a esse mesmo respeito, e tambem sobre o que te- « nha sido induzido a pensar sobre a materia já mencio- « nada, tanto por meio do raciocinio, como da compara- « ção.

« Esta citação, ou como mais convenha chamar-lhe, sur- « tirá effeito no prazo de oito dias, a partir do de hoje, ou « como mais convenientemente se diga, a fim de não dei- « xar pretexto a nenhuma duvida, nem falsa interpretação; « a saber: para o... de fevereiro do anno...

« O qual dia fica assim bem e devidamente fixado, salvo « erro na data ou engano na conta dos dias. »

Tão engenhosa amplificação era escripta em papel sellado, com lettras de meia pollegada com entrelinhas, com o fim de melhor esclarecer a justiça e de mais subirem as custas. A data do diploma ficava, por uma duvida sabiamente estabelecida, como salutar previsão, para se resalvar a gravissima difficuldade de saber contar os dias.

Mauricio passou depois a uma galleria onde os advogados, vestidos, ou antes embrulhados em togas desbotadas, rotas e sebentas, se entregavam a differentes occupações.

Os advogados vindos da universidade para praticarem na capital, cercavam os de mais voga, que tinham a seu cargo ensinar-lhes os limites rigorosos da lei. A demonstração era facilitada por grandes quadros synopticos pendurados nas paredes, e que reuniam a legislação completa de republica dos *Interesses–Unidos*. Linhas coloridas similhantes ás que marcavam nas cartas do antigo mundo as conquistas de Alexandre, ou a invasão dos barbaros, indicavam o caminho da probidade. Tambem se viam marcados os caminhos tortos que illudiam os artigos mais temiveis das leis: as portas mal guardadas, que permittiam a fuga, os logares ermos e menos frequentados onde se podia esperar um adversario para o assassinar legalmente.

Outras desenhadas no mesmo sentido regulavam a honra do advogado por numeros de ordem. Nessas cartas aprendia como poderia injuriar, e a quem; quando podia faltar á verdade, e quando se devia animar ou enternecer.

Mauricio andou por algum tempo, no meio desta turba, alegre e sinistra ao mesmo tempo, que vivia de desordens, de crimes, e de ruinas, como os medicos vivem das febres e das ulceras; tristes doutores da alma, sempre com a mão em qualquer ferida moral, e alimentados pelos desgraçados ou pelos criminosos.

Insensivelmente se aproximou de uma sala de audiencia e entrou. As paredes estavam cheias de letreiros relativos aos artigos do codigo, e destinados a popularisar o conhecimento dos castigos respectivos aos differentes crimes. Era possivel estudar ante aquelles epitaphios da honra e do pudor, a tabella do custo dos maus instinctos sociaes: os sete peccados mortaes tinham o seu preço marcado em algarismos como as fazendas em qualquer armazem de modas.

A imagem de Jesu–Christo, conservada pela tradição,

apparecia no meio dessas sentenças legaes, com o rosto martyrisado e tristemente pendido sobre o peito. Ao pé do lado do Senhor d'onde tinha corrido o sangue pela egualdade dos homens haviam escripto:

OS PRONUNCIADOS QUE SEJAM POBRES, E NÃO POSSAM PRESTAR FIANÇA, SERÃO ENCARCERADOS

Na direcção dessa bôca sagrada que tinha proclamado a fraternidade humana estavam gravadas estas palavras:

SÓ DEVEMOS ALIMENTOS AOS NOSSOS ASCENDENTES E DESCENDENTES DIRECTOS ATÉ SEGUNDA GERAÇÃO

Os juizes estavam assentados em sophás com almofadas bem fofas. Os accusados ageitavam os sophás da fórma mais commoda aos juizes, pois que quanto mais elles estivessem á sua vontade mais benignos seriam com os réos.

O representante do ministerio publico ficava sentado em uma cadeira, cujos angulos agudos lhe causavam tanta irritação e desassocego, que o mantinham na posição constante de aggravar irado.

Quando Mauricio entrou viu um velho no banco dos réos. Era um aldeão que a edade tinha curvado: os cabellos brancos caíam-lhe sobre a manta feita em farrapos. Com a barba encostada ás duas mãos que sustinham um bordão; com os labios entre-abertos pelo sorriso vago, particular á velhice, olhava para um cão deitado aos pés, o qual com a cabeça meio-levantada o contemplava, agitando brandamente a cauda.

Esta intimidade entre o homem e o cão era a base dos debates.

O velho, muito avançado em edade, e já bastante enfraquecido pelo trabalho, havia recorrido á caridade legal.

Ao cabo de meio seculo de fadigas, de probidade e paciencia a sociedade podia tel-o deixado morrer em qualquer

campo como um animal lançado á margem: mas para que tal não acontecesse veio a philantropia em seu soccorro, abrindo-lhe um dos seus asylos, onde ella concede aos invalidos do trabalho o que elles carecem—pão negro e caldo de cebola —para esperarem pela morte! Desgraçadamente o velho tinha pretendido dividir com o pobre animal a minguada ração da philantropia. A administração, armada com o regulamento, não consentiu em similhante attentado! Quizeram tirar o cão ao asylado, este resistiu, e a resistencia o trouxe perante a justiça.

O representante do ministerio publico fallou em primeiro logar. Começou pela menção dos serviços prestados pela *Sociedade Humana*, de que tinha a honra de ser membro.

Depois de ter considerado o numero sempre progressivo dos seus asylos, como indicio incontestavel da prosperidade nacional, declarou replecto de satisfação, que a despeza dos asylos tinha recentemente sido reduzida a metade, em virtude de um meio simples e engenhoso. E para tão vantajoso resultado bastou diminuir um pouco o sustento a cada um delles, substituir as enxergas por tarimbas, e o algodão cru pela serapilheira. Mas taes melhoramentos seriam inuteis, observou elle enfatuado, se fossem combatidos por qualquer desperdicio. E aproveitando habilmente a transição, para alludir ao companheiro do mendigo, exclamou: que aquelle cão que os jurados alli estavam vendo era um escandalo humanitario! Depois de se assoar, e beber um copo d'agua para dar tempo a produzir effeito o seu rasgo oratorio, calculou o que o animal podia consumir em ossos, nervos, migalhas e lambugens, e concluiu deste calculo inçado de fracções, que tudo isso desperdiçado por um cão podia alimentar á farta tres quartos de aslyado!

Notando que este argumento havia sido justamente apreciado, sustentou calorosamente, que tendo a sociedade tomado a seu cargo o sustento do velho, tinha o direito de lhe vender o cão; o que era compensação bem fraca de tantos sacrificios, e que elle considerava o exercicio de tal

direito como um exemplo indispensavel para a moralidade e dignidade humana. Terminou representando ao tribunal, que era preciso não animar nos pobres este luxo de um companheiro inutil, devendo o asylado habituar-se a comer só a sopa economica do asylo, temperada pela sympathia dos philantropos, seus bemfeitores.

Finda esta allegação, que os juizes tinham ouvido com sympathia geral, o presidente convidou o velho para produzir qualquer argumento ou facto em sua defeza.

O réo pareceu não o ouvir, e não respondeu coisa alguma.

Com a vista dirigida para o antigo amigo que tinha aos pés, não dava attenção ao que se estava passando.

O cão percebeu sem duvida a emoção desse silencio, pois que se levantou vagarosamente, olhou para o dono de mais perto, e deu um desses latidos queixosos que parecem interrogar.

O velho poz a mão rugosa sobre a cabeça do animal.

— Ouvistes? disse elle tristemente, e sem olhar para os juizes, ouvistes? é mister separarmo-nos. A republica se arruinaria sustentando-te! Que razões posso eu dar para te conservar na minha companhia? Será por ventura porque ha quinze annos te reparto o meu pão, a agua, e até o sol com que Deus me aquece? Será porque estou costumado a ouvir a meus pés o roncar da tua respiração?

Será, finalmente, por te considerar o unico ente vivo que me estima e carece de mim? Mas de que serve a estima? ella é inutil, assim o acabam de dizer. Se vivessemos em terra de barbaros iria comtigo de aldêa em aldêa; paravamos ás portas das cabanas, e ante os meus cabellos brancos, os homens se descobririam, as creanças afagar-te-iam, as mulheres dar-nos-iam de comer. Beberiamos nas fontes das estradas; dormiriamos entre campos perfumados, ouvindo trinar as aves... mas estamos em uma nação civilisada, e não podemos andar livres pelas estradas! É prohibido ao pobre enternecer os opulentos; dormir debaixo

do céu é um crime! Tiraram-nos as vantagens da compaixão com os embaraços da liberdade, e a bondade dos homens abriu-nos uma prisão onde se mede a cada um de nós o pão, o ar e a luz? Para ti, meu amigo, é que não ha logar n'aquelle carcere, onde se póde comer e dormir. mas não estimar e amar! O regulamento do estabelecimento oppõe-se a que entre a bôca e o estomago exista isso a que chamam coração! Deixa-me... queria conservar-te comigo para saber que ainda tinha um amigo... a lei não o permitte. Procura um dono que te possa fazer esquecer de mim!

O velho a estas palavras pegou na cabeça do cão, com as mãos tremulas, chegou-a ao peito, e abaixando a fronte sobre elle ficou assim immovel por alguns instantes.

Mauricio não pôde deixar de dizer involuntariamente: Deixem-lhe o pobre animal: mas os juizes que se haviam mutuamente consultado durante a scena que descrevemos, pronunciaram a sentença da triste separação.

VI

Cellas dos trapistas. — Dez mil vivos em um sepulchro. — Um inferno ás avessas. — Moralisação dos condemnados pelo idiotismo: primeria diatribe de Mauricio. — Historia velha sempre nova. — Um sabio parecendo parvo. — Os pentagruelistas. — Vantagens da profissão do criminoso. — Discurso de um membro do conselho geral de beneficencia. — Fraternidade: segunda diatribe de Mauricio. — O dr. Universal não diz palavra, e reserva a sua opinião.

Ao sair do tribunal Mauricio encontrou o sr. Gaudencio Enternecido. Era a hora do philantropo fazer a sua visita ás prisões, e convidou Mauricio para o acompanhar. A cadêa da capital, construida em continuação do tribunal, era composta de dois estabelecimentos distinctos, regulados por systemas oppostos um ao outro; o primeiro em que entraram era chamado — *As cellas dos trapistas* —: a tristeza do aspecto justificava perfeitamente o titulo.

Não tinha nenhuma janella exterior, e recebia a luz por differentes pateos. O terreno em volta calçado com madeira,

não deixava ouvir dentro nem o mais leve rumor. O silencio era sinistro e geral. A porta de entrada abria sem bulha por meio de gonzos pollidos; tapetes espessos forrando os corredores, abafavam o som dos passos. As paredes tinham sido por tal fórma estofadas que interceptavam qualquer som: as portas eram todas construidas de modo que abriam sem se ouvir nenhum ruido.

De espaço a espaço se lia nas paredes a recommendação aos visitantes de que fallassem em voz baixa. A luz era quasi tão rara como a bulha: e o seu effeito o do crepusculo que engrandece as fórmas e apaga os contornos. Finalmente até o ar entrava imperceptivelmente, para o effeito do vento não quebrar o silencio mortal de todo o edificio.

Mauricio observou ao companheiro, que aquelle socego causava susto, e que parecia estarem em um sepulchro.

—E neste sepulchro cercam-vos dez mil presos, respondeu o sr. Gaudencio.

—Vêde que ainda comprehendereis melhor, e neste ponto correu uma cortina, e Mauricio conheceu que estava em uma grande guarita envidraçada, formando o centro do immenso circulo de cellas onde estavam os presos. Ao vêr aquellas linhas de cellas postas umas sobre as outras, e correndo como uma gigantesca espiral que se perdia no cimo do edificio, dir-se-hia estar diante do inferno de Dante collocado ás avessas, com a differença de não se ouvirem gritos, nem gemidos, nem sequer o balbuciar de qualquer palavra. Cada preso andava no respectivo cortiço, fechado por grades de ferro, como se fosse um morto que o galvanismo fizesse mexer na sepultura. Todos tinham o rosto pallido, os movimentos do corpo inquietos, e o olhar vago ou estupido. Mudos e tristes faziam mover os braços das machinas de que elles proprios não conheciam a acção.

A disposição das cellas era tal que um preso não podia vêr os outros.

Os guardas tambem não eram vistos por elles. Cercados

pela vigilancia mysteriosa, sabiam que eram sempre vistos, apesar de não poderem vêr os espias.

O sr. Gaudencio explicou a Mauricio a vantagem deste systema de isolamento aperfeiçoado.

— Por este methodo, disse elle, vencemos os caracteres mais energicos. Na obscuridade e no silencio o captivo resiste ao principio, mas reage sem effeito contra a sua situação: o aborrecimento, similhante á agua subterranea estagnada, mina-lhe insensivelmente a vontade. Sente a frouxidão dos musculos, o esfriamento do sangue. A immobilidade que o cerca communica-se á existencia, amedrontado com o vacuo que o systema fez em volta delle, olha e não vê senão as paredes do carcere; chama, e apenas ouve a propria voz.

Alguns não podendo resistir a esta provação endoudecem; mas é o menor numero: na maioria os presos ficam em um turpor continuado. O regulamento da casa é a sua consciencia, o habito o desejo, e até esquecem que sabem fallar: são apenas animaes domesticos, e nada mais. E assim levados ao idiotismo pelo nosso maravilhoso systema, só nos resta depois a missão de os moralisar e instruir.

— Comprehendo o que vejo! respondeu Mauricio; conseguistes para os presos o que a castellã de Valença havia desejado para o filho. É esta uma historia que era já velha no tempo do mundo antigo, e que vós homens do ANNO TRES MIL não ouvireis sem interesse.

« A castellã de Valença era uma santa e boa mulher, que tinha ficado viuva, tendo unicamente um filho pelo qual daria de bom grado o seu logar no paraiso; mas o filho que sentia o sangue a queimar-lhe as veias, fugia algumas vezes do castello para ir gosar os prazeres desregrados da vida. Insensivelmente se habituou ao mal, e a sua unica tristeza era não peccar tanto como desejava. Conhecia perfeitamente os tres grandes vehiculos, que arremeçam o genero humano ao abysmo: o primeiro levado pelo orgulho,

o segundo pela impureza, e o terceiro pela preguiça: mas não olhou nunca para o do arrependimento, que, tirado por animaes mancos, andava sempre muito atraz dos outros.

A santa mulher vendo infallivel a perda do filho, dirigiu-se com as lagrimas nos olhos, e a oração nos labios, ao archanjo S. Miguel, padroeiro especial da sua familia, e pediu-lhe para que houvesse por bem assegurar-lhe a salvação da alma, ainda que fosse á custa da vida.

O archanjo que se compadecia das lagrimas da mãe desde que tinha visto Nossa Senhora aos pés da cruz, ouviu a oração da triste castellã, e disse-lhe:

— Tem animo! Teu filho ainda se póde salvar. Jesu-Christo contou-lhe os dias, póde dispôr ainda de trezentos para estar sobre a terra: faze com que elles sejam isentos do peccado, e será perdoado. Á hora em que findarem os trezentos dias, eu proprio virei buscar a sua alma.

Esta revelação alegrou muito a castellã. Seu filho podia ainda ter esperança de gosar a felicidade dos eleitos. Similhante pensamento deu-lhe animo para acceitar quasi sem pesar a idéa da morte proxima do herdeiro do seu nome.

As esperanças da christã enchugaram as lagrimas da mãe.

O peccador para merecer tão elevado destino devia deixar de offender a lei de Deus. Não sabia a pobre mãe como podesse obter o cumprimento desta justissima condição posta á eternidade da gloria. Recorreu para este effeito a um celebre doutor arabe, cujos feitiços ou encantamentos exerciam influencia omnipotente sobre todas as vontades; e mandou-o chamar para o fim que tinha em vista.

O doutor depois de a ouvir foi para o quarto do filho, á hora que elle estava dormindo profundamente, e começou os exorcismos que o deviam livrar das paixões.

Primeiramente tocou os lados do dormente, e a castellã viu sair uma nuvem de genios com aspecto irado e sagaz — eram a força, a colera, a audacia — e com elles a coragem e o talento. O arabe tocou depois na fronte do mancebo, e logo d'ahi voaram a imaginação revestida com as

côres do arco iris; o intendimento volta armado com uma espada de dois gumes; a memoria tendo na mão a cadêa de oiro que liga o presente ao futuro.

Finalmente tocou-lhe o coração, que se abriu logo para deixar sair uma nuvem de desejos inflammados, de illusões aladas: reunião louca e encantadora, que fugiu dando um gemido queixoso.

Quando o mancebo acordou, estava completamente transformado! Tinham desapparecido todas as idéas que sua mãe havia combatido, todos os desejos de que ella não gostava. A vontade do filho era a vontade da mãe. O espirito do cavalleiro parecia o balão que vae na direcção para onde o vento o leva, ou a mão o conduz. Sua mãe dizia-lhe anda, e elle andava: dizia-lhe reza, e elle resava! As tentações passavam sem effeito diante delle, e se as via era como se não as tivesse conhecido.

Os trezentos dias passaram nesta somnolencia acordada, e findaram no dia em que a castellã viu outra vez o archanjo S. Miguel.

A condição imposta está satisfeita, bradou ella: meu filho ganhou o seu logar no ceu, vinde e sem mais demora levar-lhe a alma para a mansão dos justos.

O archanjo meneou tristemente a cabeça e disse:

Pobre mãe! Teu filho não tem alma. Não se tiram as pedras que compoem um edificio sem que elle desabe: o que o doutor arabe tirou a teu filho formava-lhe a alma, que elle deu a Satanaz, e apenas deixou o corpo.»

Esta legenda é a historia dos que inventaram o vosso systema. Com o pretexto de remir o criminoso, fraudulentamente lhe subtraiam a alma. Não sabeis que a perfeição do homem não póde provir da destruição dos seus instinctos? Se os desgraçados foram vencidos pelo crime é por que o espirito da sociabilidade não era bem comprehendido por elles; e para remediar este desequilibrio social ides condemnal-os á inação! Nos primeiros seculos do mundo

destruia-se o poder de um inimigo cortando-lhe com ferro os musculos dos membros: e ao presente cortaes com o aborrecimento os musculos da alma; e como os idiotas se não mexem dizeis que estão curados! Para que vos podem servir homens que perderam o sentimento da propria individualidade; que esqueceram a vontade, e que estão reduzidos a ser animaes domesticos obedecendo machinalmente ao dono? Eram ignorantes, criminosos talvez, e agora são idiotas, doidos ou hypocritas!

Não duvido que a solidão podesse ter sido utilmente empregada para vencer o primeiro fervor de um coração violento; poderia ser nesse caso como um banho frio que houvesse socegado a furia da paixão: mas fizestes um regimen do que devia ser apenas um remedio, imitando certas mães inglezas, que para não ouvirem os gritos infantis dos filhos os embriagam com opio. Não me observeis que procedeis no interesse dos criminosos para a sua rehabilitação. A obra é toda em vosso proprio interesse.

Se tivesseis respeitado no homem o poder externo, que é a vida, o vosso trabalho seria difficil e arriscado — era mister disciplinar espiritos desregrados, dominar corações endurecidos, finalmente estabelecer a ordem onde só domiminava a desordem. Preferistes transformar tudo em um tumulo.

No meu tempo prendiam-se os corpos, e ficavam livres as almas: o meio pareceu-vos brutal, e dissestes: De que servem estas cadêas que nos retinem aos ouvidos? Livremos o corpo de tal martyrio, e matemos vagarosamente a alma: este processo não é visivel, e morta a alma não se moverá o corpo. Sois homens sem fé, philantropos do ANNO TRES MIL, e de todos os annos, porque ignoraes o que o amor e a paciencia podem obter dos criminosos! Procurae o coração do mais depravado, tocae no logar proprio, e vereis rebentar uma fonte pura. Em quanto o homem vive, em quanto ama, Deus não o abandonou, e a sua alma não está perdida sem remissão.

O sr. Gaudencio Enternecido tinha aproveitado esta longa improvisação de Mauricio para entregar ao dr. Universal, que tambem estava presente, um exemplar do seu relatorio annual constatando os excellentes resultados do systema de isolamento absoluto; bem como para tomar a lapis certas notas ácerca da necessidade de suprimir a numeração das cellas, que podia servir ainda de distracção aos criminosos.

Feito isto olhou para Mauricio com o sorriso parvo de quem escuta sem ouvir:

—Muito bem!... vejo que estudastes a questão... Ainda ao presente dois systemas disputam preferencia. Vimos as cellas dos *trapistas*, queremos agora ver os *pentagruelistas*. Tende a bondade de caminhar adiante de mim, e parar na porta á esquerda; chegaremos a tempo de assistir-lhes ao jantar.

Mauricio seguindo estas indicações foi ter a um pateo, que atravessou; depois entrou em uma galleria formada por columnas de marmore, cercada de fontes, e com passeios por todos os lados—era a segunda cadêa da capital, fundada havia pouco tempo para os criminosos incorregiveis.

Por toda a parte se ouvia o canto, a musica e o riso.

A primeira casa era uma sala onde os presos recebiam as visitas. Estavam ahi senhoras da primeira sociedade, levadas áquelle logar pela curiosidade de verem os criminosos mais celebres, de conversarem com elles, ou de lhes pedirem para escreverem nos seus albuns. Tambem Mauricio encontrou nessa sala os primeiros artistas retratando assassinos famosos, litteratos redigindo, para instrucção do publico, memorias intimas de criminosos notaveis. Os presos faziam as honras da casa, com a polidez altiva dos homens que sabem comprehender a sua importancia. Ao lado desta casa ficava a sala dos concertos, na qual se ouviam canções na linguagem da giria ou dialecto dos ladrões, com acompanhamento de clarinete e de outros instrumentos. Seguia-se a *casa do fumo*, onde os presos fumavam em riquissi-

mos cachimbos, recostados em sophás de velludo. Não faltava um bilhar, nem um sumptuoso café em que podiam tomar sorvetes, vinho quente, ponche ou o que mais fosse do seu agrado.

Á noite havia theatro, e acabado o espectaculo baile de mascaras sem intervenção de policia.

Os visitantes acharam os pentagruelistas á meza. O jantar era de tres serviços com sobre meza, café e licores.

— Como estaes vendo, disse o philantropo, membro do conselho geral de beneficencia, o systema é o inverso do que ha pouco vos mostrei. Na outra prisão moralisamos o criminoso com a privação do necessario, e aqui obtemos o mesmo resultado prodigalisando-lhe o superfluo. Cada methodo tem suas vantagens, e os resultados são em ambos egualmente satisfatorios. Pelo methodo trapista obtemos a submissão extenuando o homem, e no methodo pentagruelista, satisfazendo todos os seus desejos.

Em um systema o preso perde a energia preciza para fugir ao captiveiro, e no outro o prazer da vida o liga ao carcere. Não ha exemplo de um pentagruelista fugir da prisão; a maxima parte sáem della chorando, e por essa razão temos o cuidado quando algum sáe solto, de lhe darmos certa somma para mitigar as saudades, a qual é proporcional ao tempo que esteve preso. Desta maneira os criminosos sáem d'aqui eleitores, e muitas vezes elegiveis, o que é de grande vantagem politica para combater a indifferença em materia de eleições, inconveniente grave desde que os nossos partidos se fundiram, não no bem geral, mas na conveniencia particular de cada individuo. Não falta quem estranhe esta nossa generosidade com os criminosos, mas a verdade é, como eu já disse no meu ultimo relatorio, que estes malvados não deixam de ser nossos similhantes como os outros homens. *Homo sum et nihil humani a me alienum puto.* Maxima philantropica que a *Sociedade Humana* grava no coração de todos os seus membros, e no cimo de todas as suas circulares. Porque

não será esta maxima comprehendida por todos? *Homo sum* quer dizer: posso ser um ladrão, um assassino, um incendiario: *nihil humani a me alienum puto:* logo devo considerar como irmãos todos os outros homens, quer roubem, quer assassinem, quer incendeiem.

— Concedo por hypothese, observou Mauricio, mas desejo saber como consideraes os homens que edificam, que trabalham e que sustentam muitos outros. Sois tão indulgentes para os pobres criminosos, que espero não sejaes indifferentes para os pobres diabos que são honrados. A philantropia que tanto cuida e assiste aos que succumbiram moralmente pelo crime, abrindo-lhes asylos, prestando-lhes soccorros, não devia abandonar os que resistem ao crime e o combatem. Para obter a vossa protecção é mister o attestado de um crime, como outr'ora se carecia de uma certidão de serviços ou de prestimo. Sêde compassivos para os criminosos, pois que Jesu-Christo tambem perdoou á mulher adultera e á Magdalena; mas não vos esqueçaes tanto dos innocentes. Não lhes difficulteis assim o cumprimento dos deveres. Para lhe estender a mão benefica não espereis que elles cáiam no precipicio do crime:

não mateis todos os bezerros gordos de que falla a Biblia para proveito dos filhos prodigos; guardae alguns para seus irmãos, que não vos roubaram nem offenderam.

— Os vossos votos não foram esquecidos pelo nosso systema, e a nossa tutella bemfazeja tambem chega aos que trabalham. Já que estamos conversando ácerca destas materias, que são da minha predileção, quero mostrar-vos a colonia industrial do nosso vice-presidente Isac Ferro, que não é somente um abastado capitalista, e um homem politico muito influente, mas tambem um dos homens mais zelosos pelo aperfeiçoamento das machinas e das classes laboriosas. Tomando o caminho de ferro do bairro estamos em tres segundos á porta do seu estabelecimento.

IV

Fabrica do sr. Isac Ferro (deputado independente).— Como tres botões em cada par de ceroulas fazem a fortuna politica de um cidadão.— Razões que obrigam os homens notaveis a fazer esperar e desesperar quem os procura.— Superioridade das machinas em relação ao homem.— Recordações.— O soldado Mathias.— A carga da vida em doze tempos.— Pupilos da *Sociedade Humana*.— Felicidade domestica por empreitada. — Homens aperfeiçoados pelo methodo inglez do cruzamento das raças.— Pregoeiro para a venda de bens nacionaes.— Uma mulher depravada em virtude dos instinctos da maternidade.— A humanidade adorando novamente o bezerro de oiro.

A fabrica do sr. Isac Ferro era situada ao abrigo de um monte furado em todos os sentidos tendo caminhos subterraneos, por onde sem cessar rodavam as locomotivas e as carroagens que ellas tiravam. Cem chaminés vomitavam turbilhões de fumo que se reuniam sobre a fabrica, e condensados formavam uma especie de abobada negra fluctuante.

O ruido do trabalho era forte e continuado.

Todo este movimento se empregava na confecção das marcas para os botões, especialidade a que o sr. Isac Ferro devia a sua fortuna, e a importancia politica. Em verdade o habil fabricante havia por tal arte aperfeiçoado aquella fabricação, que não podia deixar de ser muito importante.

Primeiramente arruinou os fabricantes menos ricos do

que elle, e que ousaram fazer-lhe concorrencia: depois quando se viu só em campo augmentou cincoenta por cento o preço da venda dos productos, e finalmente em virtude da sua influencia politica obteve do governo um decreto que obrigava todos os empregados publicos a trazerem nas ceroulas mais tres botões do que era costume. Havia obtido este favor por se ter offerecido para dar gratuitamente aos hospitaes todas as marcas de botões de que tivessem precizão os doentes, os mortos, e as creanças ainda em cueiros; e finalmente por se haver prestado a fundar no seu estabelecimento a colonia a que o sr. Gaudencio já se tinha referido.

Chegando á fabrica com Gaudencio, mandou o seu bilhete ao sr. Isac Ferro, que estava fechado no gabinete a olhar para uns peixes vermelhos que nadavam dentro de um vidro. O fabricante continuou neste entretenimento todo o tempo que um homem importante deve fazer esperar quem o procura, para fingir que trabalha em coisas serias e uteis. Só desceu á sala em que estavam Gaudencio, Maurício, Martha e o doutor quando teria já decorrido meia hora. Desculpou a demora com muitos negocios que lhe absorviam o tempo; disse que o governo recorria a elle para todas as questões difficeis, e que era victima da sua reputação de homem pratico. O governo tinha comprehendido o perigo de consultar os theoricos e pensadores, e já não ouvia senão as opiniões dos que tinham estudado como elle os grandes principios de economia politica a fabricar qualquer coisa.

Erâm estes os motivos por que não tinha um momento de descanço, porque todo o seu tempo pertencia ao estado e á humanidade.

Gaudencio a esta palavra o interrompeu fazendo-lhe conhecer qual era o objecto da sua visita, que era mostrar aos seus amigos a colonia modelo, cuja organisação generalisada devia um dia realisar a edade d'oiro para todas as classes.

O sr. Isac tomou a direcção da revista fabril, e os visitantes atravessaram differentes officinas explicando-lhes o seu guia os differentes trabalhos executados pelas machinas de todos os tamanhos, e de todas as fórmas.

Mauricio e Martha viram lentamente avançar os braços immensos das machinas para levantar pesados fardos; as engranagens pegar nos objectos com dedos gigantescos, e as mil rodas que as compunham rodarem, ou cruzarem-se.

Ao contemplar a exactidão de todos os movimentos, ao ouvir os murmurios apressados do vapor e da chamma, dir-se-hia que a alma infernal de um magico sopraria uma alma a esses esqueletos de ferro chamados machinas.

Não se assimilhavam a uma reunião de corpos inertes, mas não sei a que monstros cegos trabalhando e rugindo successívamente. De espaço a espaço alguns homens enegrecidos pelo carvão appareciam entre os turbilhões de fumo, trazendo para esses monstros a nutrição da agua e do fogo, enchugando-lhes o suor do corpo gigantesco, ou esfregando-lhes com azeite os membros metalicos, como outr'ora se fazia aos athletas: outros acudiam para dirigir as forças brutaes que mais tarde ou mais cedo os deviam matar esmagados com algum esforço írregular, ou devorados pela chamma da sua fogosa respiração.

Mauricio e Martha olharam tristemente para aquellas victimas das machinas aperfeiçoadas. Comprehenderam logo as machinas maravilhosas de que estavam vendo os membros polidos e luzidios, e os homens macilentos e com aspecto esfomeado que as serviam. Ouvindo o concerto horrivel do vapor assobiando, do ferro esfregado contra o ferro, o scintillar das chammas, o barulho do vento ateando as fornalhas, sentiram-se aterrados. Procuraram em vão a vida no meio da tempestade da materia e do trabalho. Ouviram o ruido da materia, viram o movimento do trabalho, mas o que presenciavam parecia-lhes uma imitação; aquella actividade não tinha impetos contagiosos, e em logar de os excitar communicava o turpor aos membros de quem a

via. O movimento uniforme das machinas não fallava a nenhum sentimento, não havia relação alguma entre ellas e quem as via — eram monstros cegos e surdos que aterravam por meio da força.

Ambos se lembraram quasi ao mesmo tempo da officina que havia no seu tempo perto da casa de um tio de Mauricio. O ruido dos teares guiados pelas mãos dos rapazes ou das raparigas, o riso franco e satisfeito que saudava o cruzamento das lançadeiras, as cantigas que se repetiam de um banco ao outro, as confidencias e chistes que se diziam em voz baixa! Mauricio lembrava-se em especial de Mathias, soldado velho, e sentia reviver lembranças queridas da adolescencia.

Mathias, como soldado, tinha andado quinze annos pela Europa soffrendo fome, vivendo entre a metralha, conquistando pela manhã com a bayoneta a pousada em que passaria a noite; e tudo isto tinha elle feito unicamente por esta palavra — patria. Acabadas as campanhas e o serviço lembrou-lhe uma irmã, unico parente que lhe restava, e tomou o caminho da aldêa onde ella devia residir. Chegado alli disseram-lhe que a irmã tinha morrido, deixando um filho e uma filha que o fazendeiro visinho recolhêra por caridade. A caridade em que não entra o coração é um emprestimo com uzura: só enriquece o que dá. Quando Mathias chegou ao casal do visinho de sua irmã encontrou á porta os dois orphãos que disputavam entre si um bocado de pão: o fazendeiro indignado com a briga gritava:

— Estas creanças não se podem soffrer!

— Dizei antes que não podem soffrer a fome! respondeu Mathias.

E pegando nas mãos dos orphãos levou-os comsigo.

O fardo era pesado para o soldado; mas não esmoreceu.

Lembrou-se da maxima do seu capitão, que para andar a mais extensa das estradas bastava ir pondo sem cessar um pé adiante do outro, maxima que applicava a todas as coisas da vida.

Assim que chegou á capital com as creanças sustentou-as com o seu trabalho até que ellas poderam tambem auxilial-o fazendo andar a roda que moe o pão nosso de cada dia. Mathias collocou ambos na mesma fabrica. Á hora em que os teraes paravam não deixavam de o vêr chegar trazendo na mão um cesto coberto, em que vinha o jantar.

Mal que o avistavam os rapazes fingiam apresentar-lhe as armas, e as raparigas comprimentavam-no. A mocidade ama sempre estes homens guerreiros que unicamente sabem ser leões contra os fortes. Depois de ter agradecido a todos, o bom do velho ia sentar-se a um canto com Jorge e Julia: descobria-lhes então o cesto, mas não de uma vez, pois que era mister adivinhar primeiro o que trazia o tio, e ás vezes não adivinhavam de proposito para elle gosar da alegria da surpreza. Quando as creanças provavam que estava finda a lista das supposições o soldado destapava o cabaz, e tirava vagarosamente o jantar, que ia apresentando aos convivas, dizendo ás vezes:

—Ah! não esperaveis tanta novidade, hoje é dia de festa: e assim ia pondo sobre o cesto, transformado em aparador, o pobre jantar, que a boa vontade mudava em banquete festivo.

Comendo e conversando as creanças contavam novidades da officina, e Mathias aproveitava o ensejo para lhes dar algum bom conselho, pois que durante as compridas noites dos acampamentos, quando a fome ou o frio o conservavam acordado, tinha reflectido para se distrahir, e assim foi fabricando uma philosophia peculiar, reunindo uns certos axiomas a que chamava a carga da vida em doze tempos. Entre estes axiomas havia quatro, que repetia amiudadamente, como se comprehendessem os outros, e vinham a ser:

1.º Serás fiel á tua bandeira até á morte:

2.º Terás menos cuidado na pelle do que na victoria do teu regimento:

3.º Não combaterás com os que não tenham cartuchame:

4.º Em tempo de chuva não pedirás sol.

E para que os orphãos podessem intender estas maximas, explicava-lhes que a bandeira para elles era a honra, o regimento eram todos os homens, e que os cartuchos faltavam aos pobres e aos fracos: ácerca do sol e da chuva dizia-lhes que significavam a sorte laboriosa ou feliz que Deus nos havia destinado. A semana, dizia o soldado, é uma caixa de viveres, levada por sete cavallos: se tiraes um, a caixa ainda andará: dois avançará com difficuldade; tres ficará no atoleiro, e deixará o exercito sem pão.

Os orphãos ouviam e aprendiam religiosamente estas lições. Tres annos decorrêram assim. Mathias era a sua experiencia, e elles eram o futuro do veterano. Ao passo que a edade lhe curvava o corpo, e despovoava a fronte, os dois sobrinhos iam crescendo a seu lado, como dois rebentos vigorosos que sáem d'um tronco já meio sêco. Muitas vezes as outras creanças da officina vinham tambem sentar-se aopé do velho, e pedir-lhe a narrativa de uma das suas batalhas: e assistiam ás lições do veterano que antes de deixar a terra depositava na infancia as sementes do fructo que tinha dado a sua boa alma.

Factos similhantes são uma escóla perpetua aberta para o povo aopé do lar da familia, ou no limiar das portas da morada do pobre. Nessas escolas os que vão partir do mundo iniciam meigamente os que veem chegando á vida honrada, que é composta de coragem, de paciencia, e de privações.

Mauricio em vão procurava no edificio grandioso em que estava alguma coisa que lhe recordasse a officina da sua aldêa. Na fabrica que visitava não via teares imperfeitos, nem trabalho irregular, mas tambem não ouvia rir, nem cantar... Procurava um tio Mathias com os sobrinhos, e não via senão machinas perfeitas, e operarios embrutecidos.

O sr. Isac Ferro chegou com os seus visitantes ao logar em que tinha os pupilos da *Sociedade Humana.*

Era uma serie de cazinholas, contendo cada uma um cazal, sem os filhos, porque estes desde a nascença ficavam separados do pae e da mãe para se darem a educar por empreitada. A mulher não só estava dispensada, como se vê, dos cuidados de mãe, mas tambem dos trabalhos de esposa. O sustento e vestuario, o arranjo domestico, tudo se fazia egualmente por empreitada. Não tinha a seu cargo nem poupar o ganho do marido, pois que havia um gerente que regulava as despezas e os salarios. Pelo que diz respeito á saude, havia um medico que todas as manhãs fazia uma visita geral. O marido estava pelo regimen dispensado da perseverança, da coragem, e da protecção que poderia querer dar á familia.

—Deste modo, disse o sr. Isac, o operario vive sob a nossa tutela, bem alojado, bem sustentado, e bem vestido; é obrigado a ser virtuoso, e recebe da nossa mão a felicidade já de todo prompta e acabada. Não somente regulamos as suas acções, mas arranjamos o seu futuro, habituando-o desde a infancia ao trabalho em que se ha de empregar. Os inglezes haviam outr'ora aperfeiçoado os animaes domesticos, segundo o destino que lhes queriam dar, nós applicámos o systema á raça humana, e conseguimos aperfeiçoal-a. Cruzamentos bem escolhidos produziram-nos uma raça de ferreiros, com a força toda concentrada nos braços: uma raça de homens de carga com amplo desenvolvimento nos rins: uma raça de andarilhos, a que só crescem as pernas: e uma raça de pregoeiros, utilmente aproveitada na venda dos bens nacionaes, e formada somente de bôca e de pulmões. Podeis vêr nessas differentes cazinholas amostras das diversas especies de proletarios que vos citei, e aos quaes pozemos o nome de mestiços industriaes.

—E não houve descuido ácerca da sua educação, observou Gaudencio, já enfastiado de ouvir explicações sem

as dar. Tirámos ao ensino popular tudo quanto não tivesse applicação pratica e immediata. Nos seculos passados em certas nações o operario perdia muito tempo precioso a lêr a historia de grandes feitos, a aprender rezas que affligiam o coração, e a repetir maximas sediças de religião: com a honrosa excepção de Portugal, os outros povos da Europa dispendiam muito dinheiro para ensinarem ao publico essas inutilidades; nós substituimos tudo isso pelo estudo da arithmetica, e de um resumo do Codigo Commercial; e os pupilos todos aprendem a ler e a escrever, mas quanto baste para lerem os preços correntes, e escreverem as contas da despeza.

—E sujeitam-se gostosamente a esse regimen? perguntou Mauricio.

—Algumas naturezas depravadas são as que resistem á nossa paternal direcção; ahi tendes um exemplo diante de vós.

— Quem? aquella rapariga com um olhar tão altivo e meigo?

—Não a podemos domar, redarguiu o fabricante. Diz que lhe tirámos o descanço livrando-a dos cuidados assiduos que precisava seu filho, e que a despojámos da sua maior satisfação tirando-lhe todo o trabalho do arranjo domestico!

Mauricio olhou para a rapariga de quem fallavam, e disse comsigo: A voz de Deus ainda não foi suffocada em todos estes corações; alguns conservam o instincto das grandes leis da natureza. Continúa a resistir, corajosa mulher, contra o socego e fortuna que te dão em troca das mais sanctas alegrias. Não poderá comprehender esta gente que as vigilias e cuidados maternaes, e labutação e economias da esposa, são os mais preciosos anneis de que se fórma a cadêa domestica? Não poderão considerar a união do homem e da mulher senão como uma associação commercial cujo fim é unicamente o lucro? No mundo como elle deve ser, ou como elle era, o fundo social não se

compunha unicamente de dinheiro, mas tambem de paciencia, de boa vontade, e de affeições: são estes os capitaes que se devem augmentar para que a sociedade prospere. Deixae á mulher a sua utilidade de todos os instantes para que o homem possa avaliar a todos os instantes o merito da companheira da vida e de trabalhos que Deus lhe deu.

Deixa-a fazer o trabalho que um estranho faria melhor, a fim de que obtenha o salario sem o qual não póde viver—a gratidão d'aquelles que ama.—Para que se ha de regenerar o pobre tirando-lhe os deveres da familia? Esses deveres são a unica fonte do bem. Em vez de os diminuir, sanctificae-os a seus olhos, facilitando-lhe o seu cumprimento: não vos substituaes á sua consciencia; mas esclarecei-a; não comprimaes essas almas, dae-lhes pelo contrario mais vida e mais vontade. O povo não é um prodigo que se deve dar por interdicto, mas um mancebo que se deve dirigir e ajudar a desenvolver.

Isac e Gaudencio continuaram as explicações mostrando aos visitantes o asylo dos operarios velhos, onde aproveitavam o resto da sua força até ao momento da agonia, não deixando de observar o sr. Enternecido, que isto era muito mais nobre para os artistas invalidos do que a pratica seguida em Lisboa na antiguidade, onde os asylados alugavam cadeiras e vendiam copos d'agua, e isto podendo ter pertencido a todas as classes da sociedade.

Não esqueceu mostrar de longe o amphitheatro, em que os corpos dos operarios eram entregues ao escalpelo dos estudantes de cirurgia por um preço modico, pois assim como o berço dos filhos não dava cuidado aos paes, tambem a sepultura dos paes não importava aos filhos.

Mauricio e Martha olharam sem vêr, escutaram sem ouvir. A tristeza estava no coração de ambos. Quando chegaram a casa do dr. Universal, e se viram sós, abraçaram-se chorando.

—Vêde o que fizeram, Mauricio! exclamou ella. Na era

em que viviamos ainda nem todos haviam abandonado o Deus das almas pelo bezerro d'oiro: os laços da familia não estavam desatados por toda a parte: as inspirações do coração não estavam extinctas. A sociedade vivia do mal, é verdade; mas ainda conhecia o bem: neste seculo em que estamos—para onde desejámos vir—tudo está perdido sem remissão.

—Porque dizes isso, Martha? balbuciou Mauricio, desejando achar a duvida na triste realidade que os cercava.

—Porquê, Mauricio? Porque tudo quanto temos visto prova que no ANNO TRES MIL já não ha quem se saiba amar.

SEGUNDA DIGRESSÃO

VIII

O dr. Barrado. — Hospital da cidade *Sem-Egual*, edificado para sabios, medicos e empregados. — Raspadeiras mechanicas. — Documentos que andam. — Cofres que somem dinheiro. — Cães mortos a bem da humanidade. — Escacez de monstros. — O bonus. — Areia nos olhos... da auctoridade. — Observações de Martha. — O dr. Maluco, medico dos alienados. — Abundancia de doutores. — Exposição universal da loucura, sem commissarios, nem commissões. — Caso em que o Padre Nosso prejudica a segurança publica.

o dia seguinte quando os dois esposos entraram na sala do seu amigo academico, encontraram-n'o com o dr. Barrado, um dos parentes que tendo noticia do incommodo de milady Enjoada, vinha officiosamente saber da sua saude.

O doutor era um homem engommado e escovado, e como tal bem querido das senhoras. Estava convidando seu primo para vêr os melhoramentos adoptados no hospital de que era medico. O dr. Universal agradecia, mas observava que lhe não era possivel aproveitar o favor n'aquella occasião. Mauricio aceitou em seu logar, e depois de ter combinado com o dr. Universal que se encontrariam em casa do sr. Telescopio, entrou com Martha na carroagem do dr. Barrado.

A carroagem parou á porta do hospital da republica, situado em um dos extremos da cidade.

Á entrada viram casas elegantes, cercadas por jardins, cuidadosamente dispostas, e destinadas para os medicos. A parte principal do edificio era um palacio sumptuoso com jardins, lagos e kioskos. Era alli que morava o administrador geral e os empregados de maior cathegoria.

—A capital dispendeu muitos centos de contos de réis, disse o dr. Barrado, para transformar o seu hospital em estabelecimento modêlo. Os administradores, contadores, adjuntos, medicos, cirurgiões, irmãos-maiores, menores, etc. eram sustentados á custa da republica. Estavam sempre carroagens postas ás suas ordens, e as mulheres e filhas destes funccionarios tinham direito a uma pensão tirada das despezas do estabelecimento.

—Mas onde estão os doentes?

—Ah! é verdade, tinham-me esquecido: estão além, disse o doutor, indicando um edificio sombrio, que ficava como escondido em seguida a muitos pateos. A vista das enfermarias entristece, e teria prejudicado o bello effeito do edificio geral: estão escondidas para que se possa bem vêr o que só constitue o hospital propriamente dito: —a morada dos seus benemeritos e zelosos empregados. Desgraçadamente faltou o terreno para a obra ser completa. E depois de se ter arranjado o jardim do administrador, a horta do contador, e uma lameda para passearem as suas familias apenas ficou um pateo estreito para os convalescen-

tes: mas como na maxima parte os doentes morrem, podemos dispensar esse luxo.

— Mas pelo que oiço recebeis os doentes no momento da agonia? observou Martha.

— Acontece ás vezes que se recebem depois, respondeu o doutor. Para ser recebido no hospital é mister primeiro ir a uma repartição chamada do *Exame*, situada no lado opposto da cidade; ahi espera a sua vez, obtem uma certidão, e depois anda oito leguas para se metter na cama. Em virtude destas acertadas providencias temos a certeza de não receber nunca no estabelecimento pessoas com saude: É verdade que os doentes podem chegar-nos mortos, mas como tudo tem inconvenientes, este é bem insignificante na presença da boa ordem que as sabias medidas da administração estabeleceram em todos os ramos de serviço que estão á vista. A administração não tem poupado esforços para que em tudo o nosso hospital sirva ao progresso das sciencias. Na contadoria as raspadeiras trabalham por si: os documentos do cartorio estão todos munidos com umas perninhas mechanicas, e dando-se-lhes corda vão para onde mais convem: os cofres são tão engenhosos, e com segredos tão especiaes, que já muitas vezes o dinheiro se tem sumido, havendo para o achar graves questões, e até processos entre a administração e os seus responsaveis, sobre se entraram ou não em caixa dezenas de contos de réis. Com uma escripturação regular como a nossa só estas artes magicas dos fabricantes de cofres explicam o enigma. Tenho aqui á mão uma collecção de communicados publicados em differentes jornaes, que fazem justiça ao zelo e intelligencia da administração de tão pio estabelecimento. Á elevação das suas vistas e altura do seu intendimento devemos a posse de uma sala de ensaios onde se experimentam as novas doutrinas. Se os doentes que servem á experiencia são curados, o tractamento é adoptado: se morre tanto peor para o systema. Temos um laboratorio e um estabelecimento especial para educarmos os cães destinados a ser envene-

nados e devorados no interesse da humanidade. Amphitheatros bem sortidos com cadaveres de boa qualidade, e uma soberba collecção de esqueletos debaixo de redomas de vidro. Assim mesmo falta-nos muita coisa: a collecção dos monstros não está completa: carecemos ha muito de uma collecção de amostras das differentes raças humanas, empalhada com perfeição, e a administração espera alcançar tudo isto, e muito mais por meio dos *bonus*.

Mauricio perguntou o que significava esse vantajoso meio economico.

— Chamamos *bonus* ás economias feitas á custa dos doentes. Se o caldo é menos substancial, temos *bonus*; o pão menos alvo, *bonus* no caso; se o vinho se disfarça com agua, mais *bonus*. É assim que o estabelecimento enriquece, e que os seus administradores, tendo o cuidado de mandar arear a porta em dia de visita, adquirem direitos ás honras, e tambem aos proveitos. Em principio pode-se dizer que um hospital bem administrado é aquelle em que os doentes passam tão mal quanto é mister para haver avultado saldo na caixa. Conversando chegaram a uma enfermaria: o sobrado estava pintado, as paredes forradas de bonito papel, e as janellas com cortinas de seda: este luxo contrastava com o aspecto dos apparelhos operatorios, de todas as dimensões que erguiam de quando em quando os braços de aço.

O doente era tractado pelo enfermeiro do ANNO TRES MIL, do mesmo modo que o fazia o seu collega do seculo dezenove.

Os medicos continuavam a examinar publicamente os doentes, descobrindo-lhes as feridas para serem vistas pelos discipulos: descreviam indifferentemente os padecimentos, e explicavam em voz bem alta as probabilidades felizes ou fataes da doença. A agonia do moribundo continuava, como na antiguidade, a levar o terror ao coração do doente que estava na crise que havia de decidir da sua vida.

O aspecto do morto coberto com o lençol funebre, desfazia o sorriso que assomava aos labios do convalescente, que se estava sentindo reviver.

Martha olhou para Mauricio com os olhos arrasados de lagrimas, e disse-lhe a meia voz:

—Não era isto que esperava vêr. A enfermaria do pobre está abandonada como no seculo dezenove. O sobrado é mais perfeito, as paredes mais enfeitadas, as janellas estão ricamente ornadas; mas que fizeram directamente a favor dos que soffrem, ao cabo de tantos seculos? Ficaram como estavam misturados como se fossem um rebanho de gado entregue ás tentativas e curiosidades da sciencia, com os instrumentos da tortura sempre diante dos olhos... Mauricio, eu esperava que a civilisação no seu caminhar tivesse feito perder ao hospital o caracter de severidade que elle tinha, e que o doente houvesse deixado de ser uma coisa, que se cura gratuitamente, para se transformar em um ente a quem fossem poupadas as sensações, respeitados os receios, e confortado o coração, e que achasse nesta pousada commum do infortunio alguns dos cuidados da familia. De que servirá o luxo que temos visto? Era melhor em seu logar conceder aos desgraçados um canto que seja de cada um delles, e onde não os perturbem os gritos dos que morrem; convinha não considerar o corpo doente do pobre como uma propriedade de que foi expropriado ao entrar a porta do hospital; não se lhe devia mostrar assim que o leito em que vem procurar o remedio é uma esmolla, e que fica á vossa discrição não somente para o mal, mas tambem para a miseria. Se o pobre é que soffre é elle o rei em um hospital, e os mais sejam quem for, são unicamente servos.

Como o medico principiára a prestar attenção ás inspiradas palavras de Martha, ella se lhe dirigiu mais particularmente.

—Dizei-me se não tenho razão? Já deveis ter conhecido que o affecto parece redobrar em nós para qualquer pes-

soa da familia que adoece: a sua vontade é como se fosse sancta, tudo se lhe desculpa: pois os pobres não serão membros da grande familia a que todos pertencemos?

— Concordo com o que tenho a honra de vos ouvír, respondeu o doutor. Tenho constantemente sustentado que não se deve economisar no serviço dos hospitaes, e que nos deviam augmentar os ordenados. Mas as verdadeiras necessidades publicas são sempre desconhecidas, e os recursos da republica são devorados em geral pelo exercito que morre de fome em particular, e pelas sinecuras que ainda não poderam satisfazer quantos as condemnam.

Tendo visitado mais algumas enfermarias foram ter a outra extremidade do edificio, que ficava em frente do hospital dos alienados.

A rogo dos seus companheiros o dr. Barrado foi pedir licença ao seu collega, o dr. Maluco, para lhes mostrar o estabelecimento confiado pelo governo aos seus padrastaes cuidados! Era este um modo de fallar do ANNO TRES MIL.

O leitor permittirá uma divagação. Deve ter reparado na abundancia de doutores do seculo a que o transportamos. São mais, seguramente, do que os conselheiros do seu tempo.

Diremos o que nos consta ácerca do que ha de vir.

Um dos capitulos da lei fundamental da *Republica dos Interesses-Unidos* — lei a que voltaremos mais tarde — tinha por titulo — *das habilitações* — ; e n'um artigo dizia: *Habilita mais o grau de bacharel para andar calçado.*

Todos os paes que não queriam ver os filhos palmilhando descalços o enlameado caminho da vida mandavam-nos para as universidades. Como o titulo de bacharel se vulgarisou, começaram todos a chamar-lhes doutores, pela mesma razão, provavelmente, por que os arreeiros de Coimbra chamam estudantes a todo e qualquer cidadão que em tempo de ferias anda na estrada, em cima de um macho.

O dr. Maluco appareceu. A pessoa correspondia ao nome, e a escolha havia sido feita expressamente pelo governo para os doentes confiarem nelle como em um irmão, ape-

sar de que nesta irmandade de capa de pelle e cabello, chamada humanidade, já houve um Caim, sendo a este facto que os sabios do ANNO TRES MIL attribuiam as desordens de algumas irmandades de capa mais garrida, de que davam noticia os jornaes do seculo dezenove e do anno sem graça de 1860.

O doutor começou a examinar Martha e Mauricio, findo o exame exclamou em tom convicto:

— Já percebo, já percebo!... olhar attento... contracção nos sobr'olhos... physionomia admirada... Deve haver absorpção das faculdades geraes em proveito de uma preoccupação parcial. A especie é ha muito conhecida, e facilmente se cura.

— Deus lhe perdoe! interrompeu o collega Barrado, julga que sois doidos; tende a bondade de lhe dizer que não vindes ao estabelecimento como doentes, mas por curiosidade.

— Ah! é por curiosidade, resmungou o dr. Maluco, examinando os dois resuscitados com olhar desconfiado... curiosidade eim?... mais um symptoma, e dos que não falham: e chegando-se ao ouvido do collega disse em voz baixa. Desconfiae delles... esta apparencia socegada... aquelle sorriso... conheço perfeitamente a especie — é a loucura do juiso, a mais prejudicial de todas.

E como o dr. Barrado ria ás gargalhadas, o dr. Maluco olhou para o seu proprio collega com a attenção que dedicava aos dois esposos.

— Incapacidade de seguir um raciocinio... credulidade cega... terceira especie, observada pelo dr. Insensato, e declarada incuravel.

Findo o arrasoado encolheu os hombros, e disse secamente aos tres, que o seguissem.

O contacto perpetuo com os doentes fôra para o doutor como um contagio. Na sua opinião a sociedade tinha encarcerado certos doidos para fazer acreditar no juiso dos que deixava em liberdade; mas em verdade o mundo

era um composto de doidos em differentes graus de loucura. Desenvolvia este principio mencionando todos os symptomas que lhe revelavam as variadissimas observações da intelligencia, e dizia: Se pensaes mais em uma coisa do que em outra, loucura; se preferis alguem á vossa individualidade... loucura maior ainda do que a antecedente... alegraes-vos com qualquer esperança incerta... loucura rematada... Desta fórma cantava o dr. Maluco em fórma de ladainha, seiscentas e trinta e tres especies de manias, não entrando a sua. Foi mostrando aos seus companheiros exemplos das diversas observações classificadas por ordem, como as familias das plantas em um herbario.

Nesta exposição universal da loucura, Mauricio parou vendo um homem socegado e risonho.

— Este, disse o doutor, foi um dos nossos mais ricos negociantes. Todos o julgavam no goso pleno do seu juiso, quando um antigo socio da casa, arruinado por seu pae, lhe intentou um processo de restituição. Os juizes decidiram a favor do nosso millionario, mas elle dizendo-se esclarecido pela discussão da causa, quiz despojar-se da fortuna para entregal-a á parte contraria. Para o impedir de praticar esta acção foi mister que os herdeiros o dessem como demente, e depois de assim ser julgado por sentença, foi confiado aos meus cuidados.

O que está escrevendo assentado n'aquella pedra, e conhecido na casa pelo nome de *Pae dos homens*, é um dos malucos mais curiosos que possuimos. Haverá meio seculo que trabalha em compôr um systema social para cada pessoa poder ser recompensada na terra, segundo as suas obras! Julga que Deus deu a todas as creaturas humanas um direito egual á felicidade, e que em uma sociedade christã a miseria não deve ser o resultado do acaso, mas o castigo do vicio! Á noite e pela manhã ajoelha, e com as mãos postas repete sempre estas mesmas palavras:

«Padre Nosso, que estaes no ceu, venha a nós o vosso

reino, e que a vossa vontade seja feita, tanto na terra como no ceu.»

A auctoridade julgou esta loucura perigosa para o socego publico, e acertadamente o mandou para o hospital!

Tinham chegado aopé de um mancebo com physionomia pensativa e nobre, quando o doutor acabou o esboço da loucura do *Pae dos homens.*

—Este é um viajante, continuou elle, referindo-se ao que despertava a attenção de Mauricio; mas um viajante que não viaja para coisa alguma. Ao passo que outros percorrem as nações civilisadas no interesse do commercio ou da industria, elle só vae ás regiões desconhecidas.

Por tres vezes já foi ao antigo continente, sem outro motivo que não fosse visitar esses povos decadentes, atravessando rios esquecidos, e dormindo sobre ruinas sem nome. É inutil interrogal-o sobre a estatistica natural, ou a base geologica das nações por onde tem andado: o infeliz não trouxe das suas viagens nem o mais insignificante fragmento de rochedo: trouxe, como elle diz, impressões e nada mais. Logo que recolheu da terceira, viagem a familia mandou-o para aqui, e ha tres annos que lhe applicamos sangrias e banhos de Duche. Se vos quereis divertir com elle um quarto de hora, podeis fazel-o sem receio, porque no entanto vou terminar a minha visita, e volto logo ao vosso encontro.

IX

O mundo antigo no anno TRES MIL. —Civilisação da Africa. — Governo constitucional na Guiné. — Republica do Capricornio. — Constituição do rei do Congo. — Botica universal. — Miseria da Asia. — O Indostão engulindo espadas.— Um grão de tamarindo dá cabo da Persia. — A China a dormir.— A Europa a cavallo na loucura. —Aborto Russo. — A liberdade e a Allemanha. — A França dança. —A Belgica arde. — A Suissa na camara optica. —A Italia é vendida. —A Turquia despedaçada. — Destruição da Inglaterra. —A Hespanha fuzilada interinamente.

Mauricio aproveitou o ensejo para se aproximar do louco indicado pelo doutor, ao qual chamavam Peregrinus, e começou a interrogal-o ácerca do que elle deveria ter visto.

O viajante que tinha andado pelo antigo continente fez-lhe um esboço rapido da situação dessa parte do mundo no anno TRES MIL. Disse-lhe que a Africa, iniciada finalmente nos mysterios do progresso tinha adoptado costumes civilisados: o governo constitucional havia sido estabelecido na Guiné, e o rei de Congo estava preparando uma constituição para os seus povos: os hottentotes tinham formado a republica do Capricornio, e a Africa central era governada por um presidente electivo. Peregrinus gabou especialmente a Mauricio a escóla polytechnica de Tamuctu, e o conservatorio dramatico do deserto. A Senegambia só era celebre pelo commercio de medicamentos, e abastecia os boticarios do mundo inteiro. A Asia havia caido em um turpor que diariamente augmentava. Peregrinus atravessou-a em differentes direcções sem poder descobrir nenhum resto da sua antiga opulencia. O Indostão era habitado por um povo de malabares que não conheciam outra industria senão engolir espadas, e fazer dançar serpentes sobre a cauda? A Persia estava dividida entre duas seitas que reciprocamente se enforcavam para saber o que seria mais do agrado de Deus, se introduzir um grão de tamarindo na venta esquerda ou na venta direita: o imperio chinez adormecido pelo opio era uma nação de somnambulos. Restava a Europa cuja transformação interessava mais peculiarmente a Mauricio e sua esposa. Peregrinus tendo permanecido muito tempo nesta parte do mundo estava no caso de satisfazer a sua curiosidade.

As transformações da Europa eram mais notaveis ainda do que no resto do mundo, pois que a vitalidade ardente dos povos precipitou o impeto de cada um no abysmo que lhe parecia destinado. Fóra da Europa as raças humanas haviam-se deixado decair sem resistencia: mas na Europa cada povo tinha montado na sua loucura, como em um cavallo infernal, que excitavam com a voz e com a espora. Vendo essas povoações apaixonadas pela propria ruina, voando para a perdição com os seus maus instin-

ctos, dir-se-hia que ellas recordavam os barbaros de outras eras, que cegos pela vertigem na occasião da derrota, lançavam os carros sobre os vencedores, e voavam á morte com toda a velocidade da sua quadriga.

Peregrinus tinha visto a Russia abortar na civilisação prematura; e contemplára de perto as ruinas desse gigante, que imperadores de genio elevado tinham inutilmente querido constituir em nação. Despojada da sua individualidade, sem vontade nem energia para crear outra; sem ser, nem civilisada nem barbara, havia esgotado os esforços de cincoenta czares, reflectindo sempre a civilisação dos povos visinhos, e voltando á obscuridade ao passo que o seu sol descia no horisonte.

A Allemanha não tinha sido mais feliz. Philosophando entre o cachimbo e o copo, tinha discutido um seculo ácerca da etymologia da palavra liberdade, um seculo sobre o seu sentido, um seculo sobre a extensão que este poderia ter, e um seculo sobre o seu resultado. Chegada a este ponto, os reis deram-lhe uma constituição que permittia pensar sem dizer o pensamento, sentir sem manifestar os sentimentos, desejar sem obter coisa alguma. A Allemanha satisfeita acendeu o cachimbo, encheu o copo, e cantou hymnos patrioticos, fazendo figas á França.

A França ao cabo de muitos governos baratos, de eleitores probos, e de festejos publicos, chegou á banca-rota nacional, seguida da banca-rota individual; e tendo voltado á feudalidade pela omnipotencia dos banqueiros, sem outro auxilio á agricultura senão os relatorios das sociedades scientificas, e os ordenados pagos aos directores das caudelarias, havia tomado a resolução de se consolar da sua decadencia com o theatro e os bailes de mascaras. O resto do povo francez dançava uma polka, nos campos incultos, nas praias desertas, e nas antigas ruinas, prohibida outr'ora pela policia. A Belgica tendo voltado á industria das contrafacções, porque o direito de propriedade tinha caído em desuzo, era unicamente habitada por fabricas

de papel, typographias, brochadores e encadernadores. Um raio incendiou um dia aquellas montanhas de papel, e o seu pouco numeroso povo foi devorado pelas chammas.

Por esse mesmo tempo a Suissa tinha sido comprada por uma companhia, que a cercou com uma muralha, formada dos restos das fortificações de Paris. A companhia explorava os sitios pittorescos da Suissa, que sem bilhete comprado com antecedencia não se podiam admirar.

A Italia era tambem uma propriedade particular, mas interdicta ao publico.

Os Estados Pontificios tinham sido comprados por um banqueiro judeu, que arredondou as suas propriedades, expropriando o rei de Napoles, o imperador da Austria e o duque da Toscana. O judeu tinha mandado levantar das ruinas alguns monumentos, envernisar alguns quadros, e restaurar certas estatuas; mas o povo andava quasi nû, e esfomeado.

A Turquia atormentada havia muito por todas as potencias da Europa, como se fosse um manto de purpura cujos pedaços ellas quizessem repartir, tomou a resolução de cruzar as pernas, e de as deixar puxar. A cada provincia que lhe levavam dizia: *Só Deus é grande*, e tomava um sorvete. Esta situação continuou até que os corvos que a comiam aos pedaços começaram a brigar para ver qual ficaria com a melhor parte. Ao cabo de uma guerra, em que morreram dois ou tres milhões de homens, todos aceitaram as condições que a principio recusavam. Convieram em repartir amigavelmente a preza; mas quando vinham buscar a parte respectiva a cada nação, a Turquia tinha-se deixado morrer socegadamente, e nos logares onde os invasores esperavam encontrar algum pedaço de povoação, só viam planices abandonadas, nas quaes pastorava algum velho camello. A Inglaterra pensava em aproveitar estes animaes, ainda que não fosse senão matando-os, e vendendo-lhes as pelles; mas uma resolução inesperada suspendeu o curso das suas usurpações triumphantes. Até esta

época a aristocracia confortavelmente vestida com lã finissima, sustentada de rosbif, Xerez e Porto, e tão instruida na sciencia do governo, como na gymnastica, tinho tido debaixo dos pés o povo em farrapos, embrutecido pela athmosphera das fabricas, pelas batatas, e bebidas espirituosas. As luzes do ceu estavam quasi apagadas na alma deste povo. Quando lhe disseram que tambem era composto de filhos de Deus, e que era mister tomar o seu logar perto dos outros homens, e não aopé dos brutos, o povo respondeu:

—Para que? O bruto trabalha mais pacientemente do que os homens: uma era veio em que a paciencia cançou, porque a dôr substituiu a coragem, e o bruto, mudado em animal feroz, matou os senhores e dominadores contra quem se rebellou.

Passada a violencia do primeiro impeto, a ira dos revoltosos passou sobre a Inglaterra, como se fôra uma tempestade devastadora. O que haviam de conservar homens que não tinham nunca possuido? A propriedade era o seu inimigo. Obedeceram-lhe por vinte seculos: como homens tinham sido escravos das coisas; quebrada a cadêa moral da escravidão, destruiram tudo quanto se lhes apresentára.

Palacios tendo nos alicerces a violencia do seu trabalho de dias e noites: fabricas em que tinham vivido prisioneiros: machinas cujas mãos de aço lhes tinham tirado bocado a bocado o pão da familia: navios para onde os embarcavam á força, e conservavam pelo susto: portos, cidades, arsenaes, monumentos de uma gloria adquirida sempre á custa do seu sangue e das suas lagrimas, tudo era ruinas, porque essas riquezas, essa gloria, e esse poder eram outros tantos anneis de uma cadêa de escravos, que a vingança tinha partido. Em logar dos edificios, arrasadas as mãos inhabeis do povo, não sabiam elevar outras construcções.

Os reis de Inglaterra ao caír tinham deixado quebrar a corôa, e o vencedor nem cuidava em lhe reunir os restos.

Deixaram crescer herva nas estradas abandonadas, plantas

aquaticas nos canaes inavegaveis, e o mato nos regos estereis do arado. A revolução não tinha sido uma reforma, mas um acto de desespero. Quando Peregrinus havia estado nos tres reinos, a transformação de que fallava já se tinha operado, e viu com admiração essas ruinas habitadas por selvagens, que viviam da pirataria, guerreando uns contra os outros, e comendo os prisioneiros em logar dos rosbif da antiga Inglaterra. Alguns restos da aristocracia proscripta escondiam-se nas montanhas, porque eram continuadamente perseguidos por John Bull, que na falta de camellos caçava lords!

A Hespanha passara tambem por um periodo de guerra devastadora: mas em razão do aperfeiçoamento a que tinha levado esse genero de exercicio, os partidos rapidamente se dizimavam e destruiam. Os fusilamentos, com intervallos de forca, acabaram a obra começada. Á medida que diminuia o numero dos hespanhoes, augmentava o numero dos animaes lanigeros, e grandes rebanhos cubriam os prados, as vinhas, e os campos, acabando por transformar o reino em um vastissimo espaço tosquiado onde a nação estava unicamente representada por cordeiros.

X

Portugal em TRES MIL. — Encolhe a especie; augmentam os individuos. — Estatistica anã. — Corrida de gatos. — Liberdade livre. — Palavra supprimida por lei. — Monopolio da mendicidade a favor de Instrucção publica. — Vida em verso de um povo de poetas. — Clero anão. — O diabo com carta de conselho. — Oracão do venha a nós. — Trajes nacionaes. — Uniformidade dos uniformes. — Nova e nunca vista reforma do imposto. — Escrivães de fazenda e outras celebreiras. — Fabrica da divida nacional a vapor. — Juro á sorte. — Já não ha creancas. — Professores ambulantes. — Uma revolucão. — Theatro da Caveira. — Ristori. — Camarote dos ministros. — A nau Cathrineta. — Rei disfarçado em mulher. — O ministerio escorrega. — As camaras e o novo gabinete. — Peregrinus embarca, e o ministerio sae do poder a toque de caixa.

Peregrinus tinha ido de um salto a Portugal, e eis o modo como essa nação acompanhava a decadencia dos outros povos do continente decrepito.

O egoismo e a inveja foram encolhendo o corpo, á pro-

porção que amesquinhavam a alma; e a raça portugueza ao cabo de quatorze seculos fizera uma realidade da ficção de Gulliver.

Os trabalhos de uma repartição de estatistica composta de homens especiaes, provaram que onde habitavam os classicos tres milhões de habitantes do continente portuguez estavam no anno TRES MIL 31.425:869 anões, desprezando por insignificante uma fração de anão. Destes, excluindo as anôas, os anõesinhos e os proletarios, ficavam 2.596:431 cidadãos no goso pleno dos seus direitos civis e politicos.

Peregrinus permaneceu muito tempo n'aquella colonia, uma das mais curiosas para o viajante ultra-civilisado. Em Lisboa tinha residido mais de um anno. As ruinas abundavam, mas os anões mostravam-se muito satisfeitos, qualquer coisa os distrahia. Passavam os dias ao sol, estendidos pelas praias, olhando ora para o Tejo ora para o ar. O seu alimento mais habitual era laranja e sardinha, e bebiam uma composição chimica chamada vinho, fabricada em varios laboratorios.

Peregrinus fez conhecimento com um anão muito sabido nas coisas antigas de Portugal, e que tinha cultivado nos diccionarios e manuaes todas as provincias dos conhecimentos humanos. Elle explicou physiologicamente o encolhimento da raça portugueza, com os exemplos historicos. Nos vestigios que existiam dos portuguezes do seculo dezenove estava a prova que não podiam ás vezes dois, nem mais homens, com as armaduras de alguns dos seus reis, ou antigos heroes; do que concluiu o sabio: se os homens do seculo dezenove em Portugal eram tão apoucados de corpo que não podiam com as armas uzadas havia pouco mais de meia duzia de seculos, não deve admirar que nós, mais de uma duzia de seculos depois delles, andemos a pau e corda com os espadins e chapeus armados dos seus homens de estado! A caixa das condecorações de um ministro dos negocios estrangeiros desse tempo, achada no sitio

onde foi o banco, só dividida em tres fretes se pôde levar para o museu.

Aos domingos havia corridas de gatos no campo de Santa'Anna, e fogo de vista á noite em todos os passeios, em beneficio dos asylos.

Quanto ao systema de governo era anarchico, e a liberdade era livre. Cada um fazia o que queria, e sobrava-lhe tempo para se divertir.

Uma grande urna talhada em marmore se levantava no centro do deserto Alemtejo, como monumento levantado pela illustração dos antigos partidos ao scepticismo politico.

Em todos os diccionarios se tinha raspado por ordem superior a palavra crença.

O exercito estava armado convenientemente e munido de cartuchos de pós contra toda a especie de insectos.

As estatuas dos portuguezes eram francezas.

De dia todos os cidadãos traziam charuto na bocca e á noite apitos. Um edital do governador civil de Lisboa aconselhava tambem ás cidades o uso daquella arma preventiva: o que fizera encarecer a materia prima mais usada para o assobio artificial.

A instrucção publica tinha grande desenvolvimento. Em cada rua havia duas aulas creadas pela lei. Como a mendicidade era punida com a pena de morte, a republica achou nesta prohibição o meio de estabelecer mais um monopolio, e este não a favor de contractadores, como o do tabaco, mas em beneficio dos professores de instrucção primaria. O seu regulamento ordenava que ensinassem a mocidade até ao meio dia a ler pelo methodo *A, arvore; B, besta; C, cesta;* sendo a taboada defendida por gregos e troiannos e os riscos das escriptas o menos tortos que fosse possivel. Do meio dia em diante eram os professores auctorisados a mendigar, o que lhes produzia um soffrivel ordenado, permittindo ao mesmo tempo a creação de novos empregos com a economia dos seus vencimentos.

A instrucção chovêra assim sobre o povo, e cada anão-

sinho aínda no berço, excedia o seu antepassado de Evora, de quem o poeta dizia.

Em Evora vi um menino,
Que a dois annos não chegava,
E intendia e fallava,
E era já bem ladino
Respondia e perguntava:
Era de maravilhar
Vêr seu saber, seu fallar,
Sendo de vinte e dois mezes;
Monstro entre portuguezes,
Para vêr, para notar.

Como estes versos provocaram o riso de Mauricio, o louco observou-lhe que metade da sua vida em quanto habitára Portugal foi em verso, porque aquelle povo era um povo de poetas. O sabio a quem já se tinha referido enviou-lhe umas trovas que faziam parte do curso de historia para explicar a decadencia do antigo reino, e que troncados como se ensinavam diziam assim:

Outro mundo novo vimos
Por nossa gente se achar,
E o nosso navegar
Tão grande, que descobrimos
Cinco mil leguas por mar;
E vimos minas reaes
D'oiro, e de outros metaes
No reino se descobrir;
Mais que nunca vi saber
Ingenho de officiaes.
. . . .
E depois vimos cuidados
Paixões, descontentamentos,
Muitos malencolisados,
Muitos sem causa aggravados,
Sobejos requerimentos:
Vimos desagradecidos,
Vimos outros esquecidos,

Que deviam de lembrar,
Vimos muito pouco dar
Pelos desfavorecidos.

. . . .

E vimos monstros na terra,
E no ceu grandes signaes,
Coisas sobrenaturaes,
Grandes prodigios de guerra,
Fomes, pestes, coisas taes;

. . . .

. . . .

Vimos os bons descahidos,
E os maus mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtude cabidos
Por meios falsificados;
A pendencia escondida,
A vergonha submettida,
O mentir mui disfarçado,
O saber desestimado,
A falsidade crescida.

. . . .

Vimos honrar lisongeiros,
E folgar com murmurar,
E caber mexeriqueiros,
Os mentirosos medrar,
Desmedrar os verdadeiros.

. . . .

Vimos esterilidades,
Pestes, e ares não sãos,
Usuras e crueldades;
Vimos comprar novidades,
E revendel-as christãos:
Ha ahi de Deus pouca lembrança,
Pouca fé, muita esperança,
E uma vã presumpção,
Bons costumes mortos são,
Justiça posta em balança.

O clero anão subia ao pulpito em occasiões solemnes, e era ouvido com louvor quando prégava como seu o que

saíra de cabeças em todo o sentido maiores do que as suas. Era isto ainda um resto dos uzos do seculo dezenove, em que alguns prégadores se agarravam a sermões de fama, que corriam impressos, como a Minerva da fabula, e os deixavam sair dos labios tão inteiros e adornados de pontos e virgulas como os tinham decorado.

Peregrinus repetiu grande parte de um que tinha ouvido nas exequias de um conselheiro anão, que foi o modêlo dos esposos, dos paes, dos padrinhos, dos primos, cantado assim sete dias pelas tubas necrologicas. O sermão era a apotheose do conselho, ou, como mais verdadeiramente se diz, a physiologia do conselheiro.

Peregrinus de cócoras para dar idêa do anão, e com voz esganiçada, batendo punhadas no assento de uma cadeira a que se encostava, recitou esta amostra do tal sermão:

Collegerunt pontifices, et pharisaeis concilium.

A melhor e peor coisa que ha no mundo, qual será? A melhor e peor coisa que ha no mundo é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é mau, é o peor mal. Supposta esta primeira verdade, de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos, a fonte dos maiores bens, e dos maiores males, quizera eu hoje que fosse materia do nosso discurso a consideração dos bens e males que concorreram neste conselho.

A causa de se governar tão mal o mundo, e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes, e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros.

Viu o propheta Micheas a Deus em conselho. Assistiam de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres gerarchias. E diz o propheta, que tambem veio o diabo a achar-se no conselho: se n'um conselho do ceu onde o presidente é Deus, e os conselheiros anjos, entra um diabo, nos conselhos da terra, onde os que presi-

dem e aconselham são homens, e talvez homens de muita carne e sangue, quantos diabos entrarão?

Qual é mais antigo no mundo o conselho ou o papel? Pois assim como antigamente se faziam os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora? Dir-me-heis que estava ainda o mundo pouco pollido, e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira nação, ou a primeira lingua que soube lêr e escrever foi a dos hebreus; e em todos os seus estados não achareis tinta, nem papel em seus conselhos. Chamava o principe diante de si os do seu conselho; propunha a materia; ouvia os pareceres, resolvia o que se havia de fazer, nomeava a quem o havia de executar; e acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem porisso mais bem aconselhado. Se os conselheiros foram mudos, e os reis surdos, então era necessario o papel; mas se os conselheiros fallam, e os reis ouvem, para que são tantos papeis? Não é melhor ouvir um conselheiro, que falla e responde, que lêr um papel mudo, que não sabe responder? E quantos conselheiros houveram de dizer de palavra o que se não atrevem a dizer e firmar por escripto? Entre a bôca do consultado e o ouvido do rei, passa a verdade com segurança: e nem todos tem liberdade e constancia para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel. Não fallo em que a tinta com ser preta póde tingir o papel de muitas côres, e a penna, de qualquer ave que seja, toda nasce de carne e sangue. Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunaes, foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida, que os negocios.

Peregrinus saindo da posição em que se tinha posto, asseverou que o resto da oração era funebre, no fundo e na fórma, e por tanto toda da lavra do pregador que ouvira. Os anões tinham conservado a religião como ornato; adoravam-n'a unicamente nas cruzes da moeda, empregavam-n'a

em exequias, baptisados, enterros, e ás vezes nos casamentos. A unica oração de que seus antepassados lhe tinham deixado lembrança era simples e curta: parecia um fragmento da que pela manhã e á tarde repetia o doido a que chamavam *pae de todos*. Na memoria e nos escriptos ella só constava de duas palavras — VENHA A NÓS — o que significava para cada cidadão — VENHA A MIM —, porque em Portugal desde a popularisação das Gazetas, todos fallavam na primeira pessoa do plural.

O commercio prosperava pela usura, e Peregrinus viu anões assentados em banquinhos nas esquinas das ruas emprestando a quem passava uma moeda ao juro de um cruzado novo por dia, com meia moeda de commissão, e só com penhor de moeda e meia de pezo, em prata ou oiro. O governo auctorisava e até protegia este e outros meios engenhosos de roubar, no interesse da sociedade, porque achando os ladrões aquelle modo decente e outros eguaes de exercerem a sua vocação, os cidadãos dormiam com as portas abertas, andavam desarmados de dia e de noite por todo o reino, porque o roubo era uma desnecessidade sabiamente extincta com a agiotagem, as loterias, e os premios conferidos ás fabricas de moeda falsa que exportavam annualmente maiores sommas de valores.

A revolução dos usos e costumes havia sido geral e completa, porque a differença do tamanho inutilisára todas as coisas da antiguidade; o seu uzo era impossivel. Só dois monumentos da civilisação antiga foram reduzidos ás proporções minimas em que podiam ser uzados — nos campos o arado, e nas cidades a sege —, da qual Peregrinus sabia aquella festiva allusão:

> Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
> De andar antes por mar, e mar com moiros,
> É triste habitação de maus agoiros:
> É um resto infeliz do terramoto!

De astuta palmatoria o bico ignoto,
Em vão pucha do macho os surdos coiros:
Em vão fulmina rigidos estoiros
Do bebado arrieiro o braço roto;

A parda caixa é documento antigo;
É prova de que os annos gastadores
De cada ponto fazem um postigo;

É sege tal que em nada poupo dôres;
Por mais que a feche, lá vão ter commigo
As injurias do tempo e dos credores.

O commercio interior dos portuguezes soffreu muito com a diminuição da fórma humana, e o Brazil para onde se exportavam por meio do humanitario trafico da escravatura branca, deixou de substituir os pretos pelos gallegos, como lhes chamavam no imperio, pois ácerca delles se verificava

Duzentos gallegos não fazem um homem
Porque quando comem
Meu dinheiro, teu dinheiro.

O systema financeiro era admiravel e engenhoso.

Não havia alfandegas, porque nenhum navio de gigantes (como os anões chamavam aos outros povos) podia entrar a foz dos seus rios. Como outr'ora se fixava o numero dos grão-cruzes de certas ordens, estava fixado por lei o numero de individuos de cada nação do novo mundo, que podia residir no continente portuguez. Esta prudente disposição legislativa, e a execução de um vasto e perfeito plano de fortificação que tinham achado nas ruinas da secretaria da guerra dos antepassados, taes eram os meios com que defendiam os seus lares dos horrores de uma invasão. De inverno andavam todos vestidos de lã com a antiga marca de Larcher & Cunhados, ou Larcher & Sobrinho: no verão vestiam tunicas de panno de linho e mudavam os

sapatos de ourello por sapatos de mouro. Ao domingo mantos de zuarte, ou de ganga azul variavam o traje nacional. O exercito no inverno era todo fardado de mescla, e no verão de riscado com quadrados pretos e brancos. As graduações dos differentes officiaes eram divisas da mesma fazenda: este bello systema excedendo a simplicidade dos systemas allemães de outros seculos, realisava uma grande idêa, dando a verdadeira uniformidade ao uniforme.

Não havendo portanto motivo para existirem muitas contribuições indirectas, a receita publica provinha toda de uma unica contribuição directa — a do contracto do tabaco.

Eis o systema da contribuição directa.

Em todas as ruas, aldêas e logares havia ao lado da caixa do correio uma outra, que dizia em cima em letras de ferro — Imposto —, e depois tinha todos os signaes convencionaes que figuravam na contabilidade publica.

A lei dizia assim:

Art. 1.º Todo e qualquer cidadão, de qualquer sexo, idade, ou condição, macho ou femea, maior ou menor, rico ou pobre, é obrigado a contribuir forçadamente dez vezes por mez com dez réis para a caixa do imposto nacional.

Art. 2.º Ficam abolidos e prohibidos os seguintes impostos:

I. Esmola ao Santissimo;

II. Missa das almas;

III. Esmola, com excepção da auctorisada por lei especial a favor dos professores d'instrucção primaria;

IV. Cautelas das loterias nacionaes e estrangeiras;

V. Tremoços, alcomonia, e similhantes;

Art. 3.º Os ditos cidadãos (são os mencionandos no art. 1.º) receberão no dia 31 de dezembro de cada anno, por mão de um cabo de policia, cento e vinte bilhetes conforme o modelo Z, contendo todos os nomes dos predictos (cidadãos), e a numeração seguida de um a cento e

vinte, mudando o mez na ordem do kalendario de dez cujos (bilhetes) de janeiro em diante.

Art. 4.º Os contribuintes tendo os bilhetes de que tracta o artigo antecedente espetados em um arame pela ordem ahi determinada, irão embrulhando nelles cada uma das moedas de dez réis a que são obrigados; e só assim as poderão deitar na caixa do imposto, pena de o perderem apesar de pago.

Art. 5.º O escrivão de fazenda dos circulos constantes do mappa Y no ultimo dia de cada mez, á vista do registo civil, feito na parochia competente, descarregará os contribuintes pagantes, relaxando aquelles a quem faltam bilhetes e a competente de X.

Art. 6.º Por cada (é official) dez réis que deixar de pagar qualquer dos supracitados contribuintes se instaurará um processo conforme o modelo F.

Art. 7.º Para não dar causa a abusos, as custas e mais encargos para cada processo não devem exceder nunca jamais em caso algum, cogitado ou por cogitar, o seguinte:

Contribuição principal	10
5 %	5
Sello do conhecimento	30
Guia	5
Aviso	10
Sollas (antigamente caminhos)	40
Custas	100
Somma	200

ARTIGO TRANSITORIO PERMANENTE

As explicações dos parentheses são destinadas a explicar a confusão e desordem da grammatica, que deve por systema caracterisar o estylo official, seja qual fôr o numero de officiaes encartados no officio de official de secretaria.

A receita mensal do imposto era de 3,142,286,900 ou por anno 37,707,442,800.

O contracto do tabaco rendia o que em sua consciencia os contractadores haviam por bem remetter ao erario.

Como quatro quintos da população eram empregados publicos, mais para matar o tempo do que para trabalharem, e o exercito era numeroso em officiaes, havia *deficit* que se satisfazia pela fabrica da divida nacional movida a vapor. O augmento progressivo da divida não dava cuidado ás intelligencias que giravam na esphera da cabeça dos anões, tidos e havidos por intendedores das nigromancias dos algarismos. Como a nação era essencialmente jogadora, o juro da divida fundada era de 20 por cento ao anno, cabendo annualmente a sorte a cem de mil numeros que teriam direito a recebel-o, esse anno, entre os milhões de numeros da numeração antiga e moderna destas portas da fortuna publica chamadas inscripções: o preço dos titulos ficava sustentado pela incerteza que havia sobre o pagamento do juro. A este ponto de perfectibilidade não tinham podido chegar nenhuns dos ministros da fazenda dos antigos tempos, apesar do empenho com que se dignaram trabalhar para tão vantajoso resultado.

É verdade que no ANNO TRES MIL as edades andavam muito antecipadas, e não só na fazenda, mas em todos os ramos da administração publica os moços faziam prodigios sem ainda terem largado a *pueril pretexta*. Se o rabugento Tacito se admirou que os filhos de Agrippa fossem illustrados com o titulo de *imperator*, no anno TRES MIL ninguem se admirava de ver coeiros entre fardas, porque as creanças tinham acabado desde a declaração dos direitos do homem.

A economia politica era desconhecida dos portuguezes anões, e a economia domestica era ensinada por casas particulares em nome e com paga do governo.

Estes professores ambulantes tinham produzido effeito maravilhoso.

O sabio amigo de Peregrinus mostrava nas meias a prova plena da incontestavel vantagem do systema, e com uma recordação de estudante as definia dizendo:

> Unir ás pontas dos pés
> Os calcanhares das meias,
> De pontos trazel-as cheias,
> Alguns tomados do invez;
> Ser preciso mais de um mez
> Para tomar os abertos;
> Em fim meias que em concertos,
> Julgo que gasto me tem,
> Dez tostões e um vintem,
> Que por lá me andam desertos.

Peregrinus assistiu a uma das muitas revoluções que regularmente havia n'aquella parte do mundo, a qual tendo sido insignificante na origem, e até ridicula, foi espantosa nos resultados.

Um navio acossado pelas tempestades tinha forçado as correntes com que estava fechada a barra do Tejo ao commercio que não fosse anão. Abordo vinha uma companhia de celebres tragicos italianos que andavam percorrendo as cidades do antigo e novo mundo, dando representações gratuitas em beneficio da arte.

Depois de vencidas gravissimas difficuldades para o desembarque, e dos requerimentos e respectiva informação para a licença terem crescido duas varas em altura, os italianos desembarcaram, porque o informe do procurador geral da corôa, na ultima folha de uma resma de papel, applicava com tal acerto ao caso toda a legislação citada nas mais folhas, que demonstrava por absurdo, que de facto e não de direito os italianos, logo que pozessem os pés no Terreiro do Paço, tinham desembarcado.

Para garantir a inviolabilidade do territorio e defender a capital de qualquer empalmação de direitos que fosse feita pelos gigantes, a tropa ficou em quarteis. A bôca das

ruas estavam pistolas engatilhadas; as patrulhas andavam centuplicadas; e havia esquadrões de cavalleria no pateo de D. Fradique, na carreirinha do Soccorro, na rua da Paz, e no beco dos Captivos.

Os italianos annunciaram uma representação, e no cartaz não se esqueceram de fallar muito na gratidão que deviam ao respeitavel publico.

Os jornaes da opposição, furiosos contra o governo por ter auctorisado a representação, consideravam-na como um perigo para a estabilidade da republica, e referiam boatos de que os gigantes começariam nesse acto a conquista do reino. Os jornaes do governo no dia seguinte, que era o do espectaculo, publicaram que estavam devidamente auctorisados para declararem sem fundamento o que tinham avançado os seus collegas, e que o governo estando á altura da sua missão, tinha a consciencia tão tranquilla, que á ultima hora a redacção fôra informada que todos os ministros estavam dormindo nos respectivos gabinetes, a fim de melhor velarem pela segurança publica.

Os homens prudentes já praticos na tradicional significação de taes artigos, que principiavam: — Estamos auctorisados — mandaram comprar mantimentos para oito dias, e trancaram as portas.

As elegantes e os janotas encheram o grande theatro nacional, chamado da *Caveira*, onde os italianos representavam Maria Stuart, desempenhando a nova Ristori o papel de protogonista.

Contava a tradicção que nas representações de uma celebre tragica da antiguidade de quem a actriz do anno TRES MIL usava o nome, os espectadores dos theatros de Londres, Paris e outras cidades, prestavam tal attenção aos encantos do seu talento, que se ouvia o voltar das paginas dos folhetos que todos tinham na mão. A nova Ristori não foi menos apreciada ou temida no ANNO TRES MIL.

Os anões e anoas tremiam como varas verdes; era tal a convulsão geral que ella se ouvia como acompanhamento ás

arias e duetos que os actores iam declamando. Como não havia orchestra, em alguns intervallos os espectadores para disfarçarem o medo dos gigantes que não intendiam, cantavam em côro:

> Lá vem a nau Cathrineta
> Que tem muito que contar!
> Ouvi agora, senhores,
> Uma historia de pasmar.

Ao começar do terceiro acto havia grande agitação no camarote dos ministros e do governador civil. Os amigos mais conhecidos do governo entravam e saíam ora, de um, ora de outro.

Na platêa correu logo o boato de que a policia tinha descoberto o fio da conspiração gigante: os comicos eram principes e generaes disfarçados, trazendo comsigo um rei vestido de mulher para melhor exito do plano. Eram parte das sobras das realezas italianas, que um congresso europeu havia mandado conquistar Portugal para socego da unidade da Italia.

A noticia augmentada de muitos pontos estava no maior auge de circulação quando a bella tragedia de Schiller, italianisada por Andre Muffei, refere a scena violenta das duas rainhás.

A tragica Ristori, tomando o rumor que ouvia como effeito da sua inspirada declamação, entra tanto no papel, como se diz em phrase de bastidor, que toda enthusiasmo chega a um desses supremos momentos em que Talma e Rachel se elevavam sobre o pedestal da arte, desapparecendo quanto os cercava para só ficar o genio illuminado pela gloria, em frente do enthusiasmo que une em uma só as almas de milhares de espectadores.

A nova Ristori voltada para o publico, ardendo-lhe os olhos em ira, com a fronte altiva, e despedindo raios nas palavras proferidas pelos labios tremulos e pallidos, com a mão esquerda a suster o peito, como se encadeasse assim a tempestade; aponta a direita com gesto ameaçador para

o meio da salla, que para ella é um ponto vago, que unicamente liga ainda á terra o sentimento da arte que plenamente a domina. É assim que ella declama:

...... Ove il buon dritto
Regnasse, tu saresti ora nella polve
Stesa a miei piedi, chè tuo ré son io

O ponto final não cáe mais rapido da penna ao fechar uma oração, do que os anões cairam sobre o palco assim que ouviram tuo ré son io. A rainha Izabel, Talbat e Leicester esqueceram a *deixa*, que os mandava retirar, e atiraram para a platea com os primeiros anões que arremeteram a grande tragica. Com isto augmentou a ira do povo, e a lucta foi geral entre espectadores e actores. O exercito acudiu, e a desordem tomou depois um aspecto horrivel. A noite era de janeiro, portugueza de lei — chovia a cantaros, e como o conselho de saude para salubridade da capital tinha supprimido a canalisação, cada rua era um regato; e muitos cidadãos pacificos e suas familias que fugiam para o lar domestico, tiveram a desgraça de morrer afogados, porque o seu diminuto tamanho não lhes permittia atravessar a corrente.

O ministerio tinha não só caido do poder, mas tambem em uma das obras do entupimento dos antigos cannos.

O novo governo cuidava da salvação da republica em tão confusas e escuras circumstancias. A sua prompta formação não deve admirar. O gabinete que escorregára e depois caira, era combatido por uma collisão dos differentes partidos: fôra ella que preparara e espalhou o boato que tinha produzido uma revolução, que não sabiam como vencer. Felizmente n'aquelle tempo as listas de conspiradores, que era coisa sem a qual não se passava nem no menor disturbio, como tinham levado muita gente á desgraça em Portugal quando não podia haver casa de pasto nem revolução sem lista, foram substituidas por listas de

empregados a demittir, empregos a crear, e empregados a nomear.

A formação do novo gabinete foi rapida como o acender de um phosphoro. As camaras estavam abertas. Peregrinus demorou um dia a sua partida para assistir ao effeito scenico da entrada no parlamento dos predestinados anões, obrigados pela etiqueta a andar sempre em carruagem aturada, com um correio atraz a cavallo em uma cana! Na camara dos deputados, onde na vespera o ministerio anterior havia tido a maioria de dez votos contra sete, teve o novo gabinete, composto destes sete individuos, a maioria de noventa e um votos contra seis em uma votação de confiança! Na camara alta a sessão foi toda mimica; fizeramse muitas cortezias, e ao toque de uma campainha todos se dispersaram. Quando Peregrinus embarcou, o novo ministerio ia saindo do poder a toque de caixa.

X

Duas doidas com juiso. — Postura contra as caretas.— Museu. — Animaes prohibidos.—Vaccas alambiques. — Porcos balões.—Jardim botanico.— Cerejas do tamanho de melões. — Casa dos bichos. — Phocas civilisadas. — Cemiterio á moda. — Carruagens funebres para vivos. — Basar mortuario.— Um ministro da fazenda e os narizes dos contribuintes. — Acaba a mendicidade. — Barbas de D. João de Castro.— Cabellos de Voltaire.— Versos de Bernardim Ribeiro. — Caixa de rapé de Byron.— Luneta do marquez de Pombal.— Epitaphios vivos.— Corretor de enterros.

Martha reparou em algumas doidas, e o doutor explicou-lhe a mania de duas, por certo ponto de contacto que as ligava. Uma chorava por sua filha que havia morrido no vigor da vida como a flor mimosa e perfumada que o vento da tempestade arranca e desfolha de um só impeto; a outra chorava por sua mãe, fallecida quando apenas a primavera da vida sorria aos affagos maternos. Ambas choravam, e as auctoridades prestando culto ao sentimento do bello, não permittiam pelas posturas municipaes o choro, porque estava classificado de careta.

Como o dia se adiantava sairam do estabelecimento em

que os doidos prendiam as pessoas com juiso, e foram andando na direcção do observatorio.

No caminho visitaram o museu, onde viram entre as amostras das raças já extinctas, os animaes domesticos unicamente recommendaveis pela sua dedicação ao homem, e os animaes ferozes, que não tinham a seu favor senão a belleza. A utilidade havia banido do reino animal todas as especies que não produzissem um lucro apreciavel e immediato. As especies que permaneciam e se propagavam tinham sido aperfeiçoadas pelo methodo de cruzamentos para lhes alterar as fórmas. Não eram já seres creados obedecendo no seu desenvolvimento a uma lei harmonica, eram coisas vivas modificadas em proveito do açougue. Os bois para engordar tinham deixado de ter ossos: as vacas eram apenas alambiques animados, que transformavam os pastos em leite: os porcos massas de carne que augmentavam de momento a momento de volume, como se fossem balões. Tudo era perfeito, mas horrivel. A creação correcta e emendada tinha deixado de ser um espectaculo, para se transformar em aparador de casa de jantar. Deus não a teria reconhecido descendo á terra. A maior parte dos seres creados pela sua omnipotencia, unicamente existiam no estado scientifico.

A obra dos sete dias tinha sido posta em um frasco de espirito de vinho, e fôra confiada aos cuidados dos empalhadores e conservadores de museus.

O jardim botanico ficava aopé do museu, e possuia a collecção completa de todas as hervas classificadas por familias, com bonitos letreiros vermelhos, contendo nomes latinos com medo que fossem reconhecidas. Tinha estufas em que se cultivavam as plantas das cinco partes do mundo para instrucção e satisfação do publico, a quem se prohibiu a entrada para não serem instruidos.

Os visitantes encontraram por fortuna sua o dr. Vertebrado, seu antigo conhecimento da Dourada, e este lhe fez abrir as portas que habitualmente estavam fechadas.

Mostrou-lhes a semente dos pinheiros do Norte debaixo de redomas de vidro: cedros em vasinhos, e um alegrete com choupos de duas pollegadas de altura. Viram cerejas do tamanho de melões, e ananazes que cerravam como se fossem as arvores gigantescas de outros seculos.

Ao sairem das estufas, o dr. Vertebrado conduziu-os á casa dos bichos, e mostrou-lhes embriões de balêa, que sustentava como nós sustentamos os peixes vermelhos em um vidro; phocas creadas por elle com mamadeiras artificiaes, e ursos brancos apenas saidos da adolescencia; esperando o sabio naturalisar todos estes animaes na ilha do Negro Animal. Despediram-se do honrado professor de zoologia muito agradecidos ás suas boas maneiras.

Os nossos viajantes encontraram um enterro ao sairem do jardim botanico. O sr. Palafox, que ia no prestito, reconheceu-os, e veio fallar-lhes. Mauricio perguntou de quem era o enterro. Palafox respondeu:

— É um morto do nosso conhecimento, o homem gordo de bordo da Dourada. Os emagrecedores conseguiram verificar a identidade da pessoa com o passaporte daguerreotypado; mas não poderam evitar esta morte tão chorada por uma familia numerosa, e especialmente pela companhia de quem o fallecido era prospecto-vivo. A minha perda tambem entra na saudade que sinto, porque não me foi possivel realisar a venda do apparelho nasal que elle me tinha recommendado.

— Dessa fórma as duvidas de um guarda barreira causaram a morte de um homem, arruinaram uma familia, e comprometteram os importantes interesses de uma companhia commercial. Conversando ácerca do triste acompanhamento foram inapercebidamente caminhando, até que se acharam quasi sem o saber á porta do cemiterio.

— Este é o cemiterio da moda, observou Palafox. Todos os que sabem viver regaladamente devem enterrar-se neste campo, sem o que não ficarão sendo considerados como gente de boa sociedade. Os directores do estabelecimento

mortuario não se esqueceram de circumstancia alguma que o possa tornar digno da preferencia com que é escolhido. Homens da sua época comprehenderam que era mister poder chorar confortavelmente os mortos, e que a saudade podia ser gosto amargo de infelizes, e delicioso pungir de acerbo espinho, sem que os pés andem sobre as pedras. ou o corpo exposto ao frio e ao sol. O cemiterio tem dentro estações de carroagens commodas denominadas — *Choradeiras* — : e a viuva e orphão entrando dentro manda andar, e quando passa á porta de um defuncto pucha o cordão que prende ao cocheiro, e este pára logo os fogosos cavallos. Tambem ha quartos reservados para as pessoas que desejam chorar a sós; e em todas as ruas se encontram vendedores ambulantes de pomada especial para tirar o vermelho dos olhos chorosos.

O basar construido ao lado do cemiterio contém tudo quanto póde ser util aos mortos, e aos que lhes sobrevivem: nem faltam redactores de necrologios, annuncios de convite para enterro, e de agradecimento, com as necessarias desculpas por qualquer falta involuntaria, que se deve attribuir á dor causada por tão inesperado como doloroso acontecimento. Alguns destes redactores são pagos pelos medicos, para os não esquecerem, recommendando indirectamente o zelo, amisade e saber com que D. Fuão, morador na rua de tal, esteve a ponto de salvar o doente se elle não morre. Os necrologios não eram caros, e por preço modico era possivel ter um soffrivel elogio de qualquer defuncto, com suas citações latinas, acabando com a tolice habitual de *que a terra lhe seja leve!*

As primeiras visitas que recebia o herdeiro ou successor de um morto eram o canteiro apresentando-lhe a collecção de modelos de tumulos para todos os preços; o coveiro, que lhe pedia uma lembrança da pessoa de quem fôra elle o ultimo a despedir-se; o guarda do cemiterio perguntando-lhe qual seria a plantação mais do seu gosto junto á campa onde descançam os restos mortaes que lhe são queridos.

Na cidade *Sem-Egual* era possivel viver dois annos com o dinheiro que custava a morte. A tutela benefica do governo não desamparava, mediante os respectivos salarios e direitos, os que sentiam o pesar da sua perda. Em todas as escadas d'onde saía um caixão entravam os empregados de fazenda ou de justiça com o fim unico de tirarem dos vivos uma parte do que herdavam, ficando depois o resto ao abrigo das leis. Deste modo cada formal de partilhas era uma lettra de cambio á ordem do fisco. Assim augmentava o activo do orçamento por fortuna de milhares de empregados occupados oito horas por dia a riscar papel, conversar e fumar. A morte do cidadão é portanto mais um dos ramos dessa robusta arvore sempre em flôr, e com os fructos pendentes, a que chamamos — systema de impostos.

— E esse systema assenta por ventura em algum principio? perguntou Mauricio.

— Em um principio maravilhoso, replicou Palafox. Sendo incontestavel que os homens de menos meios são os que na pratica da vida manifestam menos necessidades; os legisladores, pagos pelo orçamento que votam, concluiram d'aquelle principio que o proletario, vivendo sem renda devia ter mais superfluo do que outro qualquer individuo da sociedade. Por consequencia a lei carregou sobre elle o imposto do serviço e do dinheiro com acção mais energica e productiva do que sobre outras classes. Tudo quanto consome o proletario passa duas ou tres vezes pelo crivo do fisco, deixando sempre lá alguma coisa. Tão bello resultado não se obteve sem custo, e por muito tempo a obstinação desse pobre diabo chamado proletario se revoltou contra a equidade distribuitiva da lei. Lançaram-lhe contribuições sobre o alimento, e o proletario jejuava; sobre a luz, emparedava as janellas. Finalmente, já se consideravam inuteis todas as tentativas para se descobrir um imposto a que o maldito não fugisse, eis se não quando o nosso ministro da fazenda, ao cabo de largas meditações

e de muitos conselhos de ministros, descobre o que ha tanto se procurava; e n'um rasgo de portentoso e verdadeiro talento estabelece o *imposto dos narizes!* Ao presente quem possue aquelle annexo da humanidade, visto que se lhe não póde chamar feição, paga o imposto sem mais trabalho de informadores, repartidores, nem reclamações. O representante do fisco só tem a missão de constatar o nariz do contribuinte, sendo inuteis todos esses accessorios de edade, profissão, domicilio e rendimento, que consumiam tanto tempo e tanto papel. Quando a lei foi discutida nas camaras alguns deputados sustentaram que o novo imposto devia ser proporcional á materia collectavel, para o que bastava que a inspecção dos pezos e medidas lhe applicasse o metro rectificado, publicando depois as tabellas da relação do nariz de cada cidadão com o diametro da terra. Os deputados da opposição com o fundamento de que todos os homens deviam ser eguaes perante a lei, ao menos no que se escrevia, obrigavam a maioria a reverenciar a nasoestatistica proposta, com pesar bastante, porque ia dar logar á creação de mais uma repartição para a qual estava indigitado um desnarigado, intimo dos ministros, reputado como especialidade, apesar de não ter nenhuma das habilitações que a lei proposta exigia para os que deviam servir ás suas ordens.

— Não obstante essa estupenda theoria, objectou Mauricio, parece-me que as pessoas sem meios alguns, como por exemplo os mendigos, não podem pagar imposto...

— Não sabemos o que são mendigos.

— Foram os asylos que vos livraram dessa inimitavel desgraça social?

— Não senhor. Foram os editaes e a chapa de metal. O edital prohibe a mendicidade fóra do local da naturalidade, e a chapa é como a marca de ferro quente das leis da velha Europa. O mendigo marcado e numerado é uma invenção digna do aperfeiçoamento da humanidade: e fugindo dos editaes e da chapa ha de infallivelmente chegar a

algum fosso em que morra de cançado ou de fome. Não podeis imaginar a rapidez com que este processo fez desapparecer os mendigos. Alguns presistem em viver auxiliados pelos sentimentos dos maus cidadãos: mas o governo apresentou um projecto de lei, em virtude do qual a esmola será punida tanto em quem a der, como em quem a receber. Por esta fórma esperamos estirpar das almas até ás ultimas raizes do que outr'ora se chamava caridade. Quando os individuos não contarem com o proximo cuidarão melhor em si, e todos os homens gosarão tranquillamente da sua fortuna ou da sua miseria! Eis-nos chegados ao ponto mais pittoresco do cemiterio. Se quereis olhemos alguns instantes para a cidade dos mortos.

Martha e Mauricio olharam para quanto os cercava, e viram o cemiterio dividido em tres partes, cada uma separada das outras por gradamentos especiaes. Em cada divisão luzia um bom numero de empregados.

A mais pequena das tres continha os mortos famosos cujos tumulos unicamente se podiam visitar em companhia de muitos guardas. O empregado que mostrava o jazigo dos illustres guerreiros, depois de receber a competente gorgeta, passava o viajante a outro collega que, depois de lhe ter mostrado os tumulos dos immortaes, recebia outra gratificação para o levar a um terceiro guarda especialmente encarregado dos sabios empalhados. Cada um destes empregados, tinha industrias especiaes, taes como a venda dos cabellos da barba de D. João de Castro, os caracoes da cabelleira de Voltaire, louros ou pretos, conforme o gosto do comprador, versos authographos de Bernardim Ribeiro, fragmentos da caixa de rapé de lord Byron, e da luneta do marquez de Pombal, rosas brancas nascidas expontaneamente sobre a sepultura de Robispierre, e malmequeres da valla em que jaz Camões.

A segunda divisão era destinada aos banqueiros, burguezes, e empregados publicos. A enfiada dos titulos e das virtudes dos defunctos tomava a pedra tumular a ponto de

não lhe deixar campo para a cruz. Os epitaphios eram monotonos, e mais ou menos eivados de erros de grammatica e de orthographia.

A terceira divisão abrigava os mortos que tinham vivido com poucos meios e que deixavam monumentos somente no coração dos que lhes sobreviviam, e quando muito, em alguma cruz de madeira ennegrecida pelo tempo.

D'aqui passaram para a grande valla commum onde se amontoavam as gerações nascidas na miseria, que tinham vivido sem esperança e haviam morrido ao desamparo. Nessa parte do cemitèrio já se não viam tumulos, nem cruzes, mas de espaço a espaço, algumas creanças ajoelhadas, algumas mulheres chorando serviam de epitaphios vivos, que todos podiam ler, e que significavam muito mais de que os gravados no marmore e no bronze.

Mauricio e Martha iam a sair com o seu companheiro de digressão quando lhes veio ao encontro um corretor de enterros: era um gigante magro, vestido com umas ceroulas pretas, bordadas com lagrimas brancas, e com uma capa da mesma côr, figurando nos bordados caveiras e ossos humanos em differentes combinações.

— Os senhores viram o cemiterio? disse o corretor funebre, com a volubilidade mechanica que exclue não só as virgulas, mas até os pontos... devem estar satisfeitos... contenta ver os vivos com tanto cuidado pelos mortos... é o mais bello edificio da capital, o unico onde se devem mandar enterrar as pessoas de boa sociedade... os terrenos vão escaceando diariamente, e todos querem ser enterrados no logar da moda... Talvez queiram prevenir a tempo... escolhendo antecipadamente o logar em que venham um dia ou uma noite dormir o somno eterno... Posso ser-lhes muito util nesse intento... Digam se querem tres metros, seis metros, nove metros... fallo assim porque já devem estar praticos no novo systema de pesos e medidas. Tenho toda a influencia na municipalidade, disponho dos votos de todos os gatos pingados, e sempre levamos á ca-

mara um representante dos nossos tristes e luctuosos interesses... Queiram ter a bondade de indicar desde já o local... Quanto ás arvores podem escolher o cypreste mais do seu agrado... tenho viveiros de todas as variedades; mas pede a lealdade que lhes diga, que a arvore da moda é o chorão, não só no cemiterio, mas nos passeios e até nos pateos das casas particulares. Encarrego-me de monumentos por empreitada, sejam tumulos simples, historiados ou de phantasia, com estatuas ou sem ellas. Quanto aos embalsamentos sou proprietario do methodo *Putridus*, por meio do qual se conservam os corpos com toda a graça e frescura, não podendo nem a pessoa mais intima achar differença alguma entre o objecto preparado e o objecto vivo. Ponho á sua disposição epitaphios ineditos, imprimo artigos biographicos e necrologicos, e até faço entrar por favor qualquer defuncto analphabeto na divisão dos sabios. Não acham outro que os possa servir como eu. Ha vinte annos que vivo com os mortos: conheço aqui tudo... estou como em minha casa. Se querem alguma deducção pelo prompto pagamento, facilmente nos podemos intender. A occasião não póde ser mais favoravel: a camara carece de dinheiro para um aterro que deve diminuir os enterros, e portanto vende agora em conta a terra que os mortos devem pagar a bem dos vivos. Meus senhores, podem ter um jazigo quasi de graça, por dez réis de mel coado, e olhem que lhes não estou dando mel pelos beiços, apesar de que, como sabem, o mel é para bôcas intelligentes como as que estou vendo, e não para nescios! Com franqueza, digo-lhes que podem fazer um bello negocio; e se não quizerem servir-se do terreno para si podem vendel-o... um simples averbamento basta; esta propriedade tem sempre saida, e a casa não fica sem gente! Decidam, meus senhores, em quanto é tempo...

Mauricio chegou felizmente á porta do cemiterio. A voz do corretor seguiu por algum tempo os visitantes, que deixaram o cemiterio para se dirigirem ao observatorio.

XII

Observatorio. — O sabio vendo na lua o que se passa em sua casa. — Uma phrase da Arcadia. — O ministro da moral e dos cultos em ferias. — Premio grande da loteria parlamentar. — Um barito no. — Sessão solemne da academia das Sciencias. — Fabula. — Guarda nacional. — Uniforme academico. — Premios á virtude. — Ceroulas de honra. — Uma espora d'el-rei D. José. — Memoria de um academico do anno tres mil ácerca dos francezes do seculo dezenove, provando que morreram quasi todos de morte violenta, que foram ignorantes nas sciencias e lettras, e que as auctoridades redigiam epitaphios offensivos da moral publica.

O observatorio da cidade Sem-Egual estava edificado no centro de um espaçoso jardim, e ficava em altura propria, a fim de, sem obstaculo, descobrir o horisonte.

Era nesse recinto consagrado ás lentes e ás tabellas, que o maior astronomo da capital mantinha em escrupulosa exactidão o registro civil dos corpos celestes, contendo com fabuloso escrupulo, em muitas casinholas riscadas, as allianças e a época da sua morte. A lua era ha muito tempo o particular objecto da attenção do sabio. De dia andava á procura della, e á noite ficava horas inteiras em contemplação ante o pallido astro, como dizem os poetas.

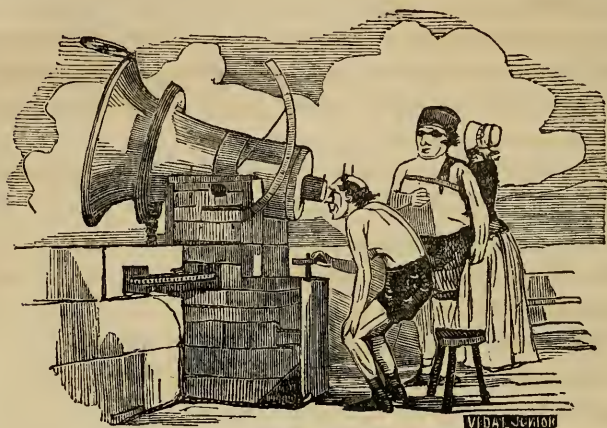
Quando Palafox, o doutor, e seus hospedes entraram, o sabio tinha a mão esquerda sobre o joelho, e a direita no movimento do telescopio pelo qual olhava em extasis com queixo caido e as farripas erguidas em volta da espaçosa calva.

— Ainda os estou vendo, dizia elle a Palafox sem se voltar; são os mesmos de hontem.

— Estaes a vêr a quem? perguntou o academico aproximando-se.

— Quem? replicou Palafox, que tinha estado aopé do astrologo, o mesmo par de amantes lunaticos, que o nosso illustre amigo está observando ha oito dias, tendo sido testimunha de todos os preliminares da paixão: signaes telegraphicos pelas janellas, troca de cartas, e saltos pelos muros.

— Eil-os que se aproximam, interrompeu o astronomo. Distingo tudo perfeitamente, menos o rosto da mulher,

porque está cuberto com um veu. A scena é n'um jardim... com um kiosque... Lá se assentam á sombra de uma figueira.

—Mau signal, resmungou o doutor; é a arvore perto da qual nossa primeira mãe encontrou Satanaz!

—A mulher parece assustada... disse o astrologo, sem deixar de olhar pelos vidros do telescopio, nem um momento... Olha em roda de si como quem desconfia.

—Dar-se-ha caso que na lua tambem haja maridos! observou o corretor de narizes e generos coloniaes; e voltando-se para o academico Universal, como quem se lembra de uma coisa a proposito de outra, disse-lhe: Meu doutor se me explicasseis a fórma symbolica do crescente da lua muito vos agradeceria...

—Silencio pelo amor de Deus, bradou o astronomo; a lua póde ter ouvidos... a mulher está resolvida a sentar-se.

Neste ponto começou o seguinte dialogo entre os dois academicos:

—Muito bem! e depois...

—Elle pede-lhe a mão com um gesto...

—E ella?

—Resiste.

— É para que peça as duas...

— Elle da-lhe um abraço...

— Bom signal.

— Ajoelha a seus pés...

— Ora essa, exclamou Palafox, em tal caso a vida na lua não é muito differente da que passamos por este mundo.

— Parece-me que deve haver alguma identidade, interrompeu sorrindo Mauricio.

— Mas por que razão deve existir essa identidade? perguntou o dr. Universal.

Mauricio respondeu, porque o telescopio retomara a sua posição horisontal, e em vez de estar voltado para a lua, está na direcção do jardim.

O astronomo recuou dando um salto de cabrito.

— O jardim! repetiu elle... os coqueiros!.. o kiosque!... a figueira!...

— Tudo isto está diante da nossa vista.

O astronomo correu novamente para o telescopio.

— É verdade! disse elle... nunca tinha reparado em similhante coisa. E pondo-se em pé, espantado como um touro saido do curro ao estacar com a praça povoada de milhares de espectadores, eis que brada:

— Mas quem será a mulher que ia deixar cair o veu?.. Dá nova investida ao telescopio, e com um grito sáem-lhe dos labios estas palavras:

— É minha mulher!

O que o pobre homem julgava vêr na lua é o que se estava passando em sua casa.

Houve um momento de perturbação geral. Palafox e o dr. Universal olharam um para o outro, Mauricio affastou-se um pouco da scena, e o dr. Telescopio foi cair sobre uma cadeira pallido e estupefacto.

— Não era o nosso querido satellite, balbuciou elle a final com terror.

— Era o vosso jardim o campo das observações que me admiravam, redargiu Palafox.

— Não era como eu pensava uma mulher lunatica... foi dizendo o astronomo, como quem segue entre dentes um monologo de grande effeito.

— Era vossa mulher, foi tambem dizendo Palafox em continuação do seu monologo, que ia correndo mais ou menos emparelhado com o outro, como trotavam dois tisicos arenques de uma das seges embandeiradas da Lisboa do Lagoia, do Castro, do Silvestre, e de outros em quem poder não teve o coupé.

— Tudo se estava passando a poucos passos de distancia, disse o astronomo.

— E nós que fomos formar uma sociedade para os telegraphos trans-aereos, disse por seu turno o corretor ambulante. Telescopio segurava a cabeça com as mãos, como se ella estivesse a cair, até que bradou enraivecido:

— Em taes termos não descubri nada!

— Não é tanto assim, interrompeu Palafox, que era o primeiro a voltar á situação normal quando deixava saltar a ambição fóra do eixo da prudencia, em phrase da Arcadia. O que observastes não é para desprezar, e póde dar algum interesse. Não vos proponho de representar o negocio em acções ao portador, nem mesmo nominaes, pois que o progresso das luzes não esclareceu este ponto, que não é final; mas podeis intentar uma acção judicial exigindo perdas e damnos.

— O que! por...

— Exactamente! acudiu Palafox, sem dar tempo a Telescopio para acabar a pergunta.

— Mas quem as pagará? observou timidamente o astrologo.

— Quem?.. essa é galante!.. o homem lunatico, que reconheci perfeitamente, e que é nada menos do que o nosso ministro da moral e dos cultos, que por alguns instantes espaireceu fóra do rigido exercicio das suas funcções. Vejam de que serve o tal ministerio, ultima tribuneca saida de um voto de confiança das nossas camaras.

— Traidor! grunhiu o astrologo.

— Dizei antes desgraçado! Podeis dizer-lhe que a nova lei chama um *premio consolador* a alguns centos de mil réis.

— Com os quaes aperfeiçoarei o telescopio de minha invenção, respondeu o astronomo já convencido. Vou aproveitar os meus direitos. Senhores! disse elle pondo-se em pé, e arranjando a physionomia como actor que diz ao publico, tomae sentido que deveis applaudir.

— Sois testimunhas do insulto, segui-me ao tribunal para que o vosso depoimento, afiando a espada da justiça, a faça cortar os cordões da bolsa do ministro, que assim esquece a pasta que a harmonia dos poderes lhe meteu debaixo do braço, quando a loteria parlamentar levou o premio grande ao que tinha jogado mais amigos; em mais numero de votos.

E nesta inutil invectiva procurava a bengala como qualquer baritono a espada com que deve sair da scena a berrar, levando os coristas atraz de si e o panno de bôca.

Mauricio inutilmente o pretendia socegar: a idêa de perdas e damnos electrisava o sabio, que na vertigem do delirio ouvia o tinir do oiro no rumor que interceptava a communicação entre elle e os circumstantes. Tinha na mente os aperfeiçoamentos que podiam enriquecer o seu observatorio, e estava certo que por meio do dinheiro do ministro da moral saberia antes de tres mezes, se os moradores da lua estavam sujeitos aos precalços dos que trazem a cabeça á roda dentro da bolla achatada a que chamam globo terraqueo.

Os visitantes teriam sido obrigados a ir acompanhar Telescopio ao tribunal se o dr. Universal se não lembra da sessão solemne da academia, de que ambos eram membros, e que se realisava nesse mesmo dia, havendo apenas tempo para chegarem ao sitio em que estava estabelecida.

O sr. Telescopio cedeu em adiar a denuncia da sua affronta, e acceitou um logar no vehiculo do collega.

Mauricio e Martha seguiram-n'os dentro do coupé voador

de Palafox. Este observando a perturbação dos esposos na occasião da descuberta feita pelo astronomo, teve o cuidado de os soceger dizendo:

— Não estamos já nesses tempos barbaros em que o marido enganado exigia a condemnação ou o sangue do seductor; ao presente basta-lhe o dinheiro! A traição da mulher é um desgosto compensado por alguns presentes, e já não peza sobre os maridos enganados do anno TRES MIL a vergonha com que no vosso seculo lhe entristeciam a vida: o dinheiro proveniente da infidelidade conjugal é como as heranças indirectas, que pelo fausto fazem esquecer a origem mais ou menos licita. Não é possivel odiar por muito tempo a mulher que nos enriquece. Se os judeus tivessem conhecido o systema da mulcta paga pelo criminoso a favor do marido victima, por certo que não teriam apedrejado a esposa adultera, e ter-lhe-iam elevado uma estatua ao lado do bezerro d'oiro. As infidelidades conjugaes não são questões de sentimento, mas de arithmetica. Cada infidelidade dá para a compra de uma quinta e de alguns titulos da divida, que se chama fundada, por não ter fundo; e isto obtem-se sem bulha nem escandalo, simplesmente por um julgamento de policia correcional! Diz-se: o sr. Fulano recebeu uma mulcta paga pelo sr. Beltrão, como se diria que foi eleito juiz de paz, ou se declarou candidato a deputado. É esta uma probidade da vida que nos enriquece sem trabalho, realisando a fabula do homem que tendo corrido muito tempo para apanhar a fortuna, vem achal-a em casa quando volta para o lar domestico. O merito do invento é inglez; o nosso merecimento consiste em o ter aperfeiçoado.

Á porta da academia estava de serviço a guarda nacional. Foi a primeira vez que Mauricio viu esta milicia urbana, e ficou admirado do seu aspecto. Uma patente de official da guarda era o sonho dos mais abastados droguistas e serigueiros da capital dos Interesses-Unidos.

A sala grande da academia era circular, com tribunas

destinadas para o publico. Cada academico vestia ceroulas azues, bordadas de folhas de louro, e trazia uma espada com a fórma de caixa d'oculos pendente de um cinturão formado de perpetuas, e ao pescoço pendente de uma cadêa uma chapa com o titulo das suas obras em relevo.

A sessão principiou pela recepção de um academico. Era um fidalgo de boa linhagem. O secretario perpetuo encarregado de explicar o merito do candidato, recordou a celebridade de um dos seus antepassados, que tinha sido general de cavalleria.

Em seguida houve a distribuição solemne dos premios de virtude.

Do relatorio especial, que foi lido, constavam os merecimentos dos premiados, a saber:

O primeiro era um homem que havia consumido a vida e a fortuna a soccorrer os pobres da sua freguezia. Durante vinte annos os vestiu e sustentou, e foi por esse motivo que estava sem ter que comer, nem que vestir. A academia, que pelo orgão do seu relator o tinha denominado o S. Vicente de Paulo da Republica dos Interesses-Unidos, concedeu-lhe a titulo de recompensa tres arrateis de chocolate, e umas ceroulas de honra.

O segundo premiado era um operario, que ao salvar uma familia das chammas, tinha partido a cabeça com risco de vida, e acabava de soffrer por tal motivo uma operação difficil. Compararam-no a Minucio Scevola, e deram-lhe como premio um barrete de algodão adornado com uma corôa de louro.

O terceiro premio foi conferido a uma mulher que tinha cegado por haver trabalhado todas as noites a fim de sustentar seu antigo amo. Deram-lhe uns oculos com as armas da academia.

O quarto premiado teve uns sapatos de honra por haver salvado vinte e duas pessoas que estavam em perigo de morrerem nas ondas.

Finalmente, muitos outros individuos mais ou menos

empobrecidos ou estropiados pelas virtudes de que tinham dado provas, receberam premios, que variaram desde 50 réis até 1$000 réis.

Premiaram tambem um empregado publico que durante trinta annos não tinha faltado um dia á hora elastica do ponto — um continuo de uma secretaria com bom modo — um janota sem dividas — um jogador honrado — um cortador magro — um advogado laconico — um deputado sem afilhados — um rico sem excellencia — um torto bacharel em direito.

Passava o programma depois aos premios de historia, de economia politica, e de poesia.

Em historia o ponto era averiguar em que parte do mundo se tinham escripto os Lusiadas, pelejado as batalhas de Ourique, de Aljubarrota e Vimieiro, edificado a Batalha, e preparado a descoberta de novos mundos, porquanto o povo a quem se attribuiam taes feitos parecia não ter existido por uma serie de factos bem sabidos que o provavam.

O secretario declara que nenhum dos concorrentes havia tractado a questão como ella pedia, e que em tal caso o premio ficava de remissa para o anno seguinte.

Tinham proposto aos economistas a questão de saber por que meios se poderia melhorar a sorte das classes mais ignorantes e pobres.

O relator declarou que todos os candidatos tinham provado zelo e intelligencia procurando esses meios que não existiam, e que dos seus conscienciosos trabalhos resultava ser a questão retirada do programma academico, e economisar-se o premio.

O premio de poesia era a descripção da primavera com um episodio elegiaco ácerca da cultura das batatas.

A commissão nomeada para julgar as tres mil peças de versos apresentadas ao concurso, ponderou que todos os poetas haviam descripto a primavera da sua patria; em vez de descreverem a primavera absoluta; e que a maxima parte

havia escripto erros incriveis ácerca da tão conhecida historia da batata — desse pão do pobre que só comem os ricos. Por taes motivos o premio foi transformado em menção honrosa, conferida ao manuscripto que tinha o n.º 940, e o qual era anonymo.

A sessão foi suspensa por uma hora. Os academicos foram tomar ar, e os espectadores conversaram em muitos assumptos, menos em coisa alguma com referencia ao que se tinha passado na sua presença.

O classico toque de uma campainha deu signal da sessão continuar.

Começou a leitura das Memorias: a primeira destinada a esclarecer o tão discutido ponto se os reis pastores eram pretos, ou trigueiro escuro: a segunda consistindo em uma dissertação archeologica relativa a uma espora do cavalleiro da memoria do Terreiro do Paço. Ao cabo de outras sobre assumptos curiosos e originaes, um academico gago, e com voz de tiple, recitou uma fabula desenvolvendo a verdade incontestada *de que o fraco é mais vezes opprimido do que o forte.*

O adormecimento da attenção geral foi interrompido quando se levantou um dos maiores sabios — tinha sete pés de altura — para ler o primeiro, unico e ultimo capitulo do seu Tratado sobre os costumes da França no seculo dezenove.

« Senhores: Muitas vezes se tem asseverado, e com razão, que em quanto existem vestigios da litteratura e das artes na historia de um povo, esse povo não morreu: o estudo póde reconstruil-o e fazel-o reviver, como aquellas celebres creações ante-diluvianas adivinhadas pelas indicações da sciencia.

« A litteratura e as artes são com effeito a imagem fiel de qualquer época, e representam com vigor e exactidão a pintura dos costumes, das crenças, dos caracteres, e dos sentimentos de um povo inteiro. Se apenas possuimos noções falsas ácerca das nações que nos precederam, é culpa

unicamente do nosso desleixo. A assiduidade do estudo nos revelaria o que desejamos e carecemos saber.

«Foi esse estudo, senhores, que ousámos tentar em relação aos francezes do seculo dezenove.

«Empregámos quinze annos da nossa vida a examinar as ruinas dos seus monumentos, a estudar os seus quadros, estatuas, e muito especialmente os livros, galleria immensa onde se apinham e movem todas as individualidades do passado.

«O trabalho que temos a honra de vos apresentar é o resultado dessas conscienciosas e demoradas investigações.

(O leitor parou com o pretexto de beber um copo de agua, o que preveniu os ouvintes de que deviam applaudir.)

«Cumpre-nos protestar neste logar contra o erro vulgar, que habitualmente considera os francezes como tendo sido um povo voluvel, superficial, e sequioso de festas. Não, senhores, mil vezes não. A historia aqui está na minha mão a provar que pelo contrario os francezes foram um povo taciturno, dominado pelas paixões violentas, sanguinario, e sempre com o punhal ou o veneno á mão.

«Os auctores dramaticos, os poetas, os romancistas, que pintaram os costumes do tempo, não nos deixam duvidar desta verdade.

«Para nos referir somente um facto, calculamos á vista de muitas das suas obras de mais incontestavel merecimento, que as onze vigesimas partes das uniões legitimas davam como resultado a morte a um dos conjuges! A consequencia normal do casamento, pavorosa hypothese encarrapitada em fortes columnas de estatistica, é o suicidio, ou o assassinato, as esposas só por excepção morrem de morte natural, sem ser para sempre.

«Era tal a força do habito, meus senhores, que um marido enforcou a mulher na primeira noite das nupcias, unicamente porque a infeliz se não recordou do seu nome, apesar de ter aprendido mnemonica. *A Confissão* por

J. Janim prova este facto, menos a circumstancia aggravante mnemonica, que eu descobri na capa de um almanach de lembranças esquecido em um dos armazens de retem das gerações extinctas. Os amantes não eram mais ditosos do que os esposos, e quer a mulher matasse o marido para o tornar mais prudente, como nas *Memorias do Diabo* de F. Soulié ou o homem matasse a mulher para a livrar do justo castigo do esposo traido, como no *Antony* de Dumas: e nem mesmo quando ambos se matassem de commum accordo e em seriedade, como se vê a cada pagina nos livros d'aquelle tempo.

«A ferocidade da época é revelada em differentes factos que não podiam escapar ao meu laborioso estudo.

Na *Grade do Castello* por Soulié vemos que fica presa entre uma porta a mão que é mister cortar: no *General Guilherme* de E. Souvestre, originariamente auctor da obra O QUE HADE SER O MUNDO NO ANNO TRES MIL deparámos com um marido cego de um olho a tirar meia vista ao seu rival com um ferro em nome do principio da egualdade; marca de ferro quente na *Mathilde* de E. Sue; duelos periodicos repetindo-se todos os annos pelo tempo da ervilha, no *Sonho de Amor* por Soulié; pedras caindo com designio determinado do alto dos andaimes na *Historia dos treze* por Balzac.

Todas estas circumstancias, e muitas outras, abrangiam indistinctamente todas as classes e todas as edades. Basta lêr os *Mysterios de Paris,* essa admiravel pintura da sociedade do seculo dezenove, para comprehender quanto devia ser difficil n'aquellas eras não morrer afogado, apunhalado, envenenado, ou estrangulado no centro da civilisação franceza! É incontestavel que as pessoas que não eram assassinadas constituiam uma classe particular, ou raridade social, que sem duvida servia para renovar a camara alta, composta, como é sabido, de anciãos, *pares aetate,* donde derivam o nome de pares.

Os medicos livravam-se dos doentes para herdarem mais

depressa como nos *Condemnados e os Eleitos* pelo mesmo auctor do ANNO TRES MIL. Os capitalistas empregavam o seu rendimento para matar homens por espadachins e a envenenar as mulheres por meio de ramos de flores, o que acontece na já citada *Historia dos treze de Balzac*. As senhoras da alta sociedade vinham galhardamente vêr esganar as suas rivaes na casa em que estas residiam, como se lê nos *Mysterios de Paris*; e os tabelliães andavam em conta corrente com os ladrões e assassinos. O unico auxilio que havia para os homens honrados, no meio de tantos crimes eram os principes allemães que saíam dos seus estados, disfarçados em operarios, para defender a virtude em uma taberna, e assegurar a fortuna da gente moça e pobre, descobrindo em um lupanar a mulher que os devia fazer felizes, como li em um romance de Balzac.

É para notar que a influencia de tão benemeritos defensores da virtude era muitas vezes annullada pela famosa companhia de Jesus, que associava aos seus intentos os domadores de feras da Allemanha, os assassinos indios, e os directores das casas de saude, com exclusão da que houve no largo do Monteiro á Boa-Morte. Podeis consultar a este respeito o *Judeu Errante*. É facil advinhar o que seriam os costumes em similhante sociedade. As senhoras tinham convertido o galanteio em habito. A arte expressa na pintura ou esculptura, unicamente escolhia para modelos ou heroinas as mais conhecidas e menos arrependidas peccadoras. As auctoridades superiores administrativas de França elevavam monumentos ás mais celebres cortezãs com epitaphios explicativos para educação da mocidade.

Será concludente a prova que vos apresento. E para fortalecer a minha rasão pedirei á archeologia, que neste ponto preste valioso soccorro á historia na parte mais intrincada da sua philosophia transcendente.

É recente e bem conhecida a prova.

« O tumulo de Ignez Sorel, ultimamente descoberto nas

margens do rio Loire, apresenta-nos o seguinte modêlo desses verdadeiros epitaphios da moralidade publica:

Os conegos de Loches, enriquecidos pelos seus legados
pediram a Luiz XI
de afastar o seu tumulo do côro da egreja.
« consinto, disse o rei, mas restitui o dote »
o tumulo ficou onde estava.
Um arcebispo de Tours mais rigorista do que os conegos
o degradou para uma capella.
durante a revolução ahi foi destruido.
homens de bom coração salvaram os restos de Ignez
e o general Pommereul, perfeito de Indre e Loire
redificou o mausuleo da unica amante dos nossos reis
que bem mereceu da patria,
deixando como preço do seu amor
a expulsão dos inglezes da França.
A restauração do monumento foi no anno MDCCCVI

« O meio de adquirir fortuna n'um tempo em que a moral se cursava desta forma em estylo lapidar era egualmente celebre. Uns enriqueciam com legados deixados pelo Judeu Errante, outros sabendo com um franco lucrar um milhão. As fortunas dessa época mais ou menos avultadas andavam sempre em uma carteira, como se prova de quasi todas as peças de Scribe, e podiam portanto ser legadas facilmente sem testamento. Se dos habitos usuaes e intimos do povo passarmos ás fórmas externas dos seus trajes, o disparate é evidente e completo. Os deputados subiam á tribuna sem outro vestuario mais do que um capote, como attesta o tumulo do general Foy: os officiaes, mesmo a pé, vestiam calça de anta e bota de montar, como se póde vêr na estatua de general Mortier. Se dermos credito ao louvor de Lamartine a Napoleão I apresentando em seus versos a idêa de que não havia coisa alguma de fragil ou humana debaixo da sua espessa armadura, devemos concluir que os militares passeavam muitas vezes adornados com uma cou-

raça, sendo pura invenção de poeta o capote pardo de que falla Beranger.

« As estatuas collossaes achadas nas ruinas da antiga Praça da Concordia indicam qual era o traje das mulheres, muito mais proprio a deixar realçar as bellas fórmas, do que a evitar as constipações. É talvez este o motivo por que as affecções pulmonares eram as doenças mais vulgares nos francezes do seculo dezenove.

« O traje variava conforme as occasiões. E se a pintura representava Luiz XIV em pé, vestindo calções de velludo, meias de seda e sapatos de talão alto, a esculptura figurava o mesmo monarcha sem outro vestuario mais do que a cabelleira — facto archeologico de grande valor que nos prova como os reis de França quando montavam a cavallo não conservavam do seu traje senão a cabelleira.

« A sciencia não progrediu um passo em França, e tanto que por terem achado um obelisco erguido havia dois mil annos pelos egypcios, gravaram no soco da pyramide uma inscripção de grande elogio como se tivessem concluido qualquer obra maravilhosa.

« Os restos de um chafariz, descobertos ha pouco tempo, apresentam ao nosso estudo um navio de fórma muito particular; tem quatro mastros, sendo um fóra do eixo do navio; e o gorupez na parte posterior, o que, segundo a opinião de um dos nossos mais estimados criticos, é como se pozessem o freio no rabo do cavallo. O vento incha as vellas na direcção da pôpa, como se fôra um moinho com uma roda que andasse para diante ao passo que o puchassem para traz.

« Ora como havemos de admittir que um navio tão opposto ás leis da estatica tivesse sido gravado em um monumento publico da França, se essa nação houvesse conhecido as verdadeiras leis da sciencia?

« Um povo não se calumnia a si, e quando a illustração o dirige não deixa gravar no ferro ou na pedra testimunhos mentidos da sua ignorancia, mormente quando tinha

uma secretaria das obras publicas, com a sua intendencia. Não nos referiremos por este incidente ao ministro da marinha, porquanto não admira, que estando preoccupado com os navios que andavam fluctuando sobre a agua salgada se houvesse esquecido dos que ornavam as fontes de agua doce.

« É triste, mas devemos reconhecer que a França do seculo dezenove foi inepta.

« A sua gloria militar anda a par da sua ignorancia. Um nosso collega provou até á evidencia que *Napoleão Bonaparte* nunca existiu, e que esse symbolo dos Cezares foi puramente uma invenção do talento raro do povo francez. O guerreiro de alguma importancia que houve no seculo dezenove, e de cuja existencia não podemos duvidar foi o general *Tom Pouce*, quasi tão celebre como outro bravo militar contemporaneo, o general *Mil Homens*.

« É sabido que em todas as eras os francezes gostaram de factos brilhantes e ruidosos. Foi a este gosto decidido pela bulha que deveram o seu primeiro nome de gallos: e tanto se honraram com a denominação, que puzeram como insignia nos seus estandartes a imagem da ave que tinha sido padrinho do seu baptismo nacional.

« Foram essas disposições primitivas que os converteram a final em uma nação exclusivamente composta de jornalistas, advogados e litterattos.

« Não terminarei, senhores, sem fallar da curiosa linguagem uzada pelos francezes do tempo a que me estou referindo — o estylo analytico e nebuloso. Se queriam dizer que uma mulher trigueira tinha alguns pellos no rosto, escreviam — *que a penugem como que brincava ao longo das faces nas planas do pescoço, absorvendo a luz que parecia assim transformar-se em seda*. Isto escreveu Balsac. O mesmo auctor para elogiar a frescura de uns labios dizia :— *o zarcão vivo e pensativo*. As orelhas pequenas e bem feitas de qualquer belleza, eram *orelhas de escrava e de mãe*. Assim falla Dumas. Quando em qualquer conversação

se fallava em uma viagem era desta fórma: *Vi Madrid com as suas varandas de ferro; Barcelona estendendo os seus dois braços para o ceu como um nadador que se lança á agua: Cadix parecendo um navio prestes a largar, preso apenas por uma fita: depois no meio da Hespanha, Sevilha, a Andalusa a favorita do sol.*

«Resumindo direi que o seculo dezenove em França foi uma época semi-barbara em que talentos engenhosos, mas ignorantes, tenazes e sanguinarios se entregaram aos excessos da superabundancia da vida.»

XIII

Erudição da ignorancia.—A historia é uma meada.—Como um litterato mata outro. — A GRANDE PETA, jornal universal, reunindo todos os periodicos e muitos mais. — Um canudo do orgão da opinião publica e o macaco do realejo.— Assignantes monarchicos, progressistas historicos e governamentaes. — Tres artigos contradictorios sobre uma verdade.— Os bastidores das reducções. — Cezar Torneira emprezario de litteratura. — Machinas de folhetins e noticiarios.— O sr. Pretorio.— A sr.ª Digna — Direitos das mulheres e torturas dos homens. — Editor especulando com o descredito do auctor.

Assim que o erudito academico se assentou, os applausos dos circumstantes foram geraes. Era coisa de pasmar vêr como um sabio sabia adivinhar o que se tinha passado havia tantos seculos.

Palafox não ouvira a leitura toda, contentando-se com ter observado o effeito que ella produziu.

Mauricio e Martha não acreditavam o que viam, e riam ambos da pasmosa erudição da ignorancia.

— D'ora avante, observou Mauricio, fico sabendo o valor da sciencia historica, e qual a crença que devemos ter nas verdades demonstradas. Percebi agora a razão por que as taes verdades mudam a cada seculo. A historia é uma meada que cada auctor divide e tece a seu modo; o fio é sempre o mesmo, mas a fazenda e o desenho do lavor são modificados á vontade do operario.

— Dar-se-ha o caso de que notareis alguns erros na Me-

moria do nosso mais acreditado bibliophilo? perguntou o dr. Universal.

—O vosso bibliophilo conhece tanto a França do ANNO TRES MIL, como os do meu tempo conheciam a Grecia. A sua Memoria parece um destes monstros artificiaes cujos membros são cada um de seu animal verdadeiro. O todo é uma phantasia, mas tudo é verdadeiro menos o monstro.

— Ser-vos-ia possivel apontar os principaes erros da Memoria?

— Se tivesse um summario della...

— Tel-o-heis, interrompeu o academico, abaixando a voz. Podemos com certeza encontrar um bom resumo da Memoria na redacção de um jornal, indo depressa. Por mais que me custe descobrir os erros de um collega, devo sacrificar a minha estima ao interesse da verdade... Não ha remedio, se elle errou é mister redigir uma analyse rigorosa, e matal-o, em phrase de litterato; convirá até mesclar na verrina algumas allusões bem transparentes. Posso dar-vos os elementos precisos, porque o emphatuado do auctor é meu amigo... conheço-lhe bem os fracos, e sei onde devemos bater para que se desconjunte aquelle esqueleto de erudição empalhado pela vaidade.

No seguimento desta conversação foram caminhando para a agencia litteraria, que tomava uma rua toda, e andava explorada por uma associação de capitalistas, que tinham na cidade o monopolio da publicidade. Haviam obtido este resultado reunindo todos os jornaes de differentes opiniões em um só intitulado — A GRANDE PETA — que alternativamente substituia todos os que se tinham fundido neste cadinho da moralidade, chamado principio da conveniencia politica e commercial.

A GRANDE PETA não tinha dia nem hora de publicação, pois que impresso em papel continuo era um jornal que se estava sempre a publicar. Um batalhão de jornalistas e addidos á Empreza mandava successivamente piquetes de publicistas para se encarregarem da redacção. Ao saír da

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL a folha immensa distribue-se por si mesmo pelas casas dos assignantes, em virtude de um apparelho geral de rolos e rodinhas. Era curioso ver como o canudo monumental do possante e maravilhoso orgão da opinião publica atravessava as ruas, subia aos terceiros andares, descia aos cafés e lojas, como se fosse o macaco do realejo do cão d'agua a marinhar até onde o deixa ir a corda que o prende; caminhava regular e immutavel em seus movimentos, fazendo desapparecer pela janella ou pela parede o artigo meio lido ou meio intendido. Certos signaes particulares postos nos artigos indicavam as suas tendencias ou côres politicas para cada assignante reconhecer o que mais especialmente se lhe dirigia. Se era monarchico lia unicamente o artigo indicado por um caranguejo: se era progressista historico, deitava a luneta para as linhas enfeitadas com a balança que equilibra o rico e o mendigo: se era governamental progressista ou não progressista, apenas olhava para elle.

Os leitores de profissão, que não assignam nem pagam, esses perseguiam a folha sem fim, e, ora a uma esquina ora a outra, iam seguindo um artigo de mais interesse, como os devotos, vão correndo de rua em rua para ver a procissão para que não obtiveram janella.

A GRANDE PETA, lida por alto pelos homens que passam o tempo a dizer que não podem dispor de um instante: estudada até aos annuncios pelos homens retirados ao encanto monotono de não trabalhar, para comer do seu rendimento tirado da bolça do orçamento — vivia — governava — influia — ganhava e mudava de côr como lhe convinha.

Tomaremos um numero do jornal, ao acaso, para o leitor das nossas petas comprehender a mentira litteraria que temos descripto.

Ei-lo:

A GRANDE PETA

JORNAL PERPETUO

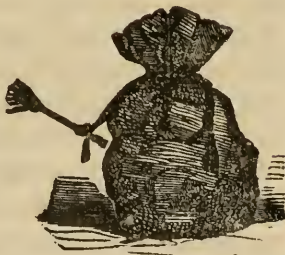
Offerecendo aos seus leitores seis mil e trinta e cinco metros quadrados de redacção

PARA

VINTE E QUATRO HORAS

Assignatura — Anno 500 réis — 6 mezes 5$000 réis, 3 mezes 10$000 reis, um mez 30$000 réis

Estando preenchido o numero de assignaturas de anno unicamente se recebem de mez

A nova lei proposta á Camara da Republica dos *Interesses-Unidos* foi approvada, não obstante os esforços da opposição. Este resultado que sem detido exame parece uma victoria do ministerio, é em verdade a sua derrota.

Examinemos a philosophia do escrutinio.

Contaram-se quinhentos e quarenta votantes, e o governo somente teve quinhentos votos. Se juntarmos aos quarenta votos da opposição, os deputados doentes e ausentes, que votam sempre contra o governo, como é sabido, teremos quatrocentos e noventa votos, e neste caso os onze votos pertencentes á opinião monarchica podiam ter feito regeitar a lei.

É facto corrente para todas as pessoas de boa fé, que a maioria depende unicamente desses onze votos, e que portanto são elles os arbitros da approvação ou regeição de qualquer lei.

A nossa situação politica é bem definida: e quando uma opinião chegou ao ponto de decidir todos os negocios

do Estado o seu triumpho necessariamente está proximo.

Mais uma vez foi salva a republica. O bom senso da camara foi justo para alguns estouvados e ambiciosos que nos queriam arrastar á época das bernardas.

O ministerio não somente obteve maioria, mas tambem unanimidade!

O que são em verdade quarenta deputados miopes de intelligencia, dominados por paixões abjectas, em comparação com quinhentos cidadãos tão notaveis pela illustração como pelo desinteresse?

Pelo que diz respeito aos deputados monarchicos é inutil aventurar supposições, dizeis vós; pois bem, é esse facto que vos mata. Vejamos o que significa similhante maioria.

É composta de algumas centenas de empregados, de irmãos ou primos, de pensionistas do Estado, que andam em carroagem, de sevandijas de todos os governos e de homens cuja casaca se abotoa sobre uma pasta, e não sobre o coração. Não admira que tal gente vos sustente, devem fazel-o, recebem a paga das vossas mãos: mas nos dias de tormenta ou de angustia quem póde contar com os lacaios? Ouvi as advertencias de inimigos leaes. A minoria de que vos estaes rindo, é o povo, e basta que elle queira para a vossa ruina ser infallivel.

Não nos ouvireis porque estaes enterrados no lodo da iniquidade, e como o verme immundo destilaes a vossa baba peçonhenta nas cousas mais santas e respeitaveis. Com o bom senso perdestes a illustração e amenidade de lingoagem esta ao presente é só nossa e de nenhum outro partido.

O dr. Universal e Mauricio encontraram logo na primeira

sala muitas pessoas de differentes idades e classes á espera da audiencia do redactor em chefe da GRANDE PETA. O academico trocou algumas palavras com muitos delles, e todos affectavam despreso identico pelo poder a quem vinham tributar homenagens: todos se queixavam da sua iniquidade e corrupção, e declaravam ser-lhes indifferente a amisade ou o odio desse homem.

O dr. Universal percebendo os symptomas de uma demorada espera, propoz ao seu companheiro acompanhal-o em uma visita rapida ao que chamavam as repartições do jornal.

Ao cabo de terem andado por differentes quartos, salas, e gabinetes em que muitos empregados trabalhavam nos differentes ramos da frondosa arvore jornalistica, chegaram ao que se chamava sala da redacção. A casa estava dividida em tresentas divisões feitas com gradamento de madeira, e destinadas aos duzentos jornalistas de serviço. Cada um tinha funcções separadas, conforme indicavam os disticos das gaiolas destes camarins da publicidade. O jornal tinha um redactor para as noticias dos envenenamentos das mulheres pelos maridos, e dois para os que referiam os envenenamentos dos maridos pelas mulheres, e nesta especie, ainda um outro redactor especial para os envenenamentos reciprocos, chamados em lingoagem jornalistica *envenenamentos sortidos*. Uma serie de gabinetes era reservada aos localistas de imaginação mais fertil, conhecidos pela designação de almocreves das petas. A um cabia a especialidade dos incendios de cidades desconhecidas, os tremores de terra da parte do mundo ainda não descoberta, os naufragios das notabilidades internacionaes, tendo por nome uma inicial; a outros as historias de ursos e feras desconhecidas, devorando veteranos, bem como tudo que dizia respeito á famosa serpente do mar: a um terceiro pertencia a especialidade do reino vegetal enriquecido com as maravilhas da mostarda branca, e das couves gigantes.

Cada um dos artigos que se ia acabando era deitado em um tubo que o levava á machina, onde era impresso, sem intermediario dos compositores, o que entre diversas vantagens tinha a de lançar á conta do jornalista, como deve ser, os erros de orthographia.

A segunda sala era destinada aos redactores de *reclames*, homens constantemente empregados em achar novas formulas para a ficção, verdadeiro Protheu dos tempos modernos.

A terceira servia para as correspondencias mantidas por meio do telegrapho electrico. A ultima podia chamar-se fabrica de noticiarios e de folhetins.

Havia annos que o celebre Cezar Torneira explorava estes dois ramos de commercio litterario, havendo tomado por empreitada a confecção de todos os romances que devia publicar a GRANDE PETA, e os outros jornaes da republica. Diversas machinas de sua invenção fabricavam folhetins e noticiarios de todas as qualidades a cem linhas por hora.

Na breve revista que vamos passar a esta secção das machinas litterarias, daremos o primeiro logar á machina historica. É nesta quasi sempre que se deitam as chronicas, as biographias, memorias e manuscriptos para sairem commentados em romances, arremedando o estylo de Walter Scott.

Na machina das variedades deitavam-se tiras de papel cortadas á thesoura, e de artigos velhos se faziam artigos novos.

A machina de noticiario recebia as partes de policia, as participações verbaes dos botequins, as petas do redactor especial; e de tudo isto resultava: — uma Rosa preta, embriagando com o perfume do vinho os sentidos das auctoridades que a deixavam todos os annos commetter um certo numero de escandalos: um homem celebre que ninguem conheceu: um assassino na Beira, uma aprehensão de machinas de moeda falsa, um morto vivo, que o noticiarista leva

á cova de tocha na mão, sendo testimunha das lagrimas dos amigos: mas como tudo se passa unicamente nas columnas do jornal, no dia seguinte os mesmos typos do necrologio servem para o morto contar a sua historia, ou nos participar que está vivo.

A machina dos residuos é onde se deitam as correspondencias das provincias, as cartas de um constante leitor, ou antigo assignante: é desta machina que sáem os duelos, os processos, e ás vezes os sôcos.

Sessenta secretarios auxiliavam Cezar Torneira no trabalho improbo de invadir todos os jornaes, para só elle alimentar a curiosidade publica, enchendo a bolsa com o producto da penna.

O dr. Universal lembrando-se que a hora de ser recebido devia estar proxima, voltou ao gabinete do Director da GRANDE PETA.

O sr. Pretorio era na cidade *Sem-Egual*, o verdadeiro fundador da liberdade de imprensa, ou da liberdade de imprensar as pessoas. Coisa alguma lhe podia ser negada impunemente, ou, para fallar com mais exactidão, não lhe negavam nada. A sua penna, estacionava ante o jornal, como a sentinella ante um acampamento. Só elle decidia quem devia ou não entrar no moderno Pantheon. Era um excellente homem para os amigos, e com elles repartia os lucros, o poder, e credito: era o melhor rei do mundo para todos quantos tinham a fortuna de não ser seus subditos.

Quando os nossos visitantes entraram, o jornalista dava audiencia ás pessoas que Mauricio tinha visto á espera da honra de lhe fallar. O despreso que essa gente manifestava antecedentemente estava agora sendo substituido pelo respeito, disputavam entre si qual havia de ser mais modestamente submisso, ou amigavelmente familiar.

Viu uma enfiada de auctores mais ou menos imberbes que vinham offerecer ao rei da imprensa os seus livros enfeitados com o autographo do costume — *offerece o*

auctor. Em seguida entraram os pintores de quadros sem côr, os esculptores em gesso, os musicos de walsas, os quaes todos vem armados com o seu prodigioso talento e pacotes de cartas de recommendação. Não faltavam tambem as actrizes gesticulando como macacas e seduzindo como as sereas, quando havia sereias e se fallava em verso. Fechavam o cortejo aos admiradores do pae da GRANDE PETA, uns certos homens graves, com os colleirinhos muito direitos, e o cabello ao acaso. trazendo já feitos os seus elogios intermeados de diatribes aos adversarios.

A visita que mais admiração causou a Mauricio foi a sr.ª Digna, fundadora da sociedade das *mulheres sabias*. composta de todas quantas não tinham podido viver com os maridos.

A sr.ª Digna era uma excepção a tal respeito, pois que, segundo ella havia declarado no seu discurso inaugural da sociedade, servindo-se pudicamente de uma imagem da antiguidade: *Nenhum homem tinha ainda desafivelado o seu cinto.*

A sua hostilidade contra os homens não provinha de nenhuma recordação pessoal, era um odio metaphisico, expressão de raiva virtuosa. nascida dos principios, e alimentada no interesse da humanidade.

A nossa heroina vinha pedir ao sr. Pretorio a publicação de muitos artigos de sua lavra, pois que a sr.ª Digna juntava ao seu titulo de fundadora de uma associação, a qualificação de mulher de lettras, ou litterata, e se o seu logar não era entre as primeiras celebridades, a culpa provinha dos homens colligados contra o sexo, fragil sempre, mas nem sempre bello: mas, conforme ella observava, essa tyrannia estava para acabar, e não distava muito o dia em que os senhores seriam obrigados a consentir que as escravas fossem livres. Os direitos da mulher, segundo os tinha formulado a sr.ª Digna, eram simples e claros, consistiam em não reconhecer aos homens nenhuns direitos.

O sr. Pretorio recebeu civilmente a rainha das insurgen-

tes, mas não lhe acceitou os artigos, o que fez com que ella saisse do gabinete do famoso redactor exclamando, que era tempo de cuidar seriamente na salvação do genero humano.

Quando todas as visitas se haviam retirado, o director da GRANDE PETA veio ter com o dr. Universal e disse-lhe:

— É esta sempre a minha vida. Sou como as arvores plantadas á beira da estrada, de que todos os passeantes tiram um ramo ou algumas folhas. Não posso guardar coisa alguma para mim, nem para os meus amigos.

— E não obstante, observou o academico, sorrindo laudatoriamente, não vos faltam recursos para ser agradavel com todos.

— Acabo de juntar mais um encargo aos muitos que tenho, interrompeu Pretorio com impavidez... é uma empreza absolutamente nova.

— Será possivel?

— É gigantesca! Vou communicar-vos o plano. Assentae-vos: peço-vos conselho a seu respeito.

O dr. Universal, que já conhecia o mundo; que estava no ANNO TRES MIL, com as manhas todas do mundo antigo, logo traduziu comsigo aquellas palavras, como querendo dizer: *quero que applaudam;* e tomou resignado a mascara de admirar, bem resolvido a aproveitar o primeiro ensejo para em seu proveito a pôr no rosto do jornalista.

Pretorio depois de ter folheado muitos papeis, mostrou o plano da sua nova publicação. Era uma *biographia geral* que devia comprehender a historia publica e privada de todos os cidadãos da republica *Sem-Egual.*

O prospecto tinha no cimo esta maxima philosophica:

OS SUBSCRIPTORES TEM DIREITO Á INDULGENCIA

QUEM NÃO ASSIGNA SÓ TEM DIREITO Á VERDADE

Expunha um systema de premios tão habilmente combinado, que o editor embolsava, pelo menos, cento e vinte vezes o preço de cada subscripção.

As vantagens das differentes cathegorias de assignantes estavam perfeitamente estabelecidas.

Cada um dos primeiros trinta mil subscriptores tinha direito a um caleche com a sua firma, e puchado a um balão.

Os quarenta mil assignantes, immediatos aos antecedentes, tinham direito a bilhetes perpetuos dos *Omnibus* da republica, com correspondencia para as cinco partes do mundo.

Os ultimos subscriptores receberiam todas as manhãs em suas casas, uma chavena de caffé com leite, e um calix de genebra ou de cognac.

O doutor depois de ter ouvido attento os promenores de tão vasta empreza, que bombasticamenta elogiava, resolveu fallar no assumpto que o resolvera a procurar o sr. Pretorio.

O jornalista puchou logo por um dos cordões, que ornavam as paredes, na divisão em que estava escripto — STENOGRAPHOS,—e no que se pendurava a palavra ACADEMIA.

Immediatamente se abriu uma das bocas mechanicas da redacção, que estavam em fieira sobre a cabeça de Pretorio, e caiu em cima da meza um papel dobrado — era o resumo da memoria do bibliophilo. O dr. desdobrou o papel começando a examinal-o juntamente com Mauricio, que suspendia a leitura de linha a linha para indicar os erros e absurdos que a memoria continha.

Pretorio extasiado declarou que era mister escrever um artigo áquelle respeito, e que produzisse escandalo, um dos recursos mais solidos do seu periodico.

— Não poupeis o bibliophilo, acrescentou o jornalista, com firmeza de expressão — a verdade é sempre a verdade e deve ser dita francamente, quando póde augmentar o numero dos assignantes. Recusa ser dos nossos, e quem não é por nós é contra nós. Devemos afogar no ridiculo a memoria sobre os Francezes no seculo XIX.

—Hein? que é isso? exclamou Palafox, entrando...: peço a palavra sobre a ordem. Com os demonios não se afoga

assim a mercadoria dos amigos, principalmente não estando segura.

—Que mercadoria? Terás por acaso feito algum contracto com o bibliophilo?

—Sim, senhor, e para as suas cinco memorias.

—Já o assignaste?

—Não só assignei, mas paguei dez contos de réis, em notas do Banco: e não posso portanto dizer mal de um livro porque dei dinheiro, e com o qual já gastei cem mil réis em annuncios.

—Tens razão, observou Pretorio com certo embaraço.

—Se me permittem observarei, como diziamos ainda agora, que a verdade...

—O que ella póde, os proprios antigos o proclamaram disse Pretorio, quando nos legaram a maxima:

Amica veritas, sed magis amicus Palafox

—Nesse caso não quereis a critica do meu amigo, respondeu o dr. mostrando-se offendido.

—Não, senhor, porque a tal critica custar-me-hia quatrocentos mil réis, e a amisade de Palafox que vale muito mais.

—Dez vezes mais, disse o corretor de generos coloniaes, narizes e litteratura, pago-lhe annualmente mais de quatro contos de réis de annuncios.

—O meu amigo Mauricio procurará outro jornal, replicou o academico, pois que felizmente A GRANDE PETA, não é o unico orgão da publicidade.

—Concedo, e podeis ir fallar com o redactor do *Occidente*, que se publica no lado oriental da Republica, accrescentou chacoteando Pretorio.

—Ou á *Independencia Dependente*, indicou Palafox com indifferença.

—E porque não havemos de ir ao escriptorio do *Beliscão?* foi a unica resposta do doutor.

O jornalista mordeu os beiços, e o seu companheiro parecia inquieto.

O *Belliscão* era um destes jornaes pequenos que todos querem ler, pelo mal que elle diz do seu proximo; um destes arlequins da imprensa que vos diverte em quanto se não diverte comvosco.

Por mais elevada que fosse no jornalismo a posição de Pretorio, temia o seu collega de menores dimensões, como se teme o zumbido e mordedura do mosquito.

Palafox sabia perfeitamente que os artigos sarcasticos do *Belliscão*, podiam diminuir-lhe os freguezes dos seus negocios, e dando á physionomia o aspecto artificialmente parvo e franco de um homem esperto que vae enganar um tolo, estendeu uma das mãos para o academico, que já ia em retirada.

— Não nos havemos de separar assim; não se dirá que os *Francezes do seculo* XIX, me roubaram a estima de um dos mais illustres escriptores do seculo actual...

O doutor ia responder.

Com o escriptor que alargou os dominios da poesia... os labios academicos deixaram saír um agradecimento gaguejado pela vaidade.

— Com esse genio fertil e encyclopedico que vos garante a posse de um logar superior em todos os generos de litteratura...

O doutor ia abraçal-o.

— Como o maior homem da era em que vivemos...

O doutor apertando commovido a mão de Palafox, pediu-lhe de não envorgonhar mais a sua reconhecida modestia com taes louvores.

Palafox tendo exhausto o seu formulario de elogios, fingiu ceder com difficuldade ao pedido do academico; mas confiando no exordio por insinuação, começou a levantar receios no animo do academico, apresentando-lhe os effeitos da polemica que ia encetar, porquanto haveria represalias que prejudicariam a fama da Academia de que elle era uma das glorias.

Estes argumentos eram convincentes, mas qualquer lit-

lerato, não renuncia tão facilmente, como se pensa, a satisfação de ridicularisar um collega: fraternidade das artes e lettras descendo em linha recta de Abel e Caim. O doutor resistia e achava sempre na sua vaidade e inveja, recursos para responder a Palafox. Allegava o interesse da sciencia, o interesse da historia, o interesse dos principios, e finalmente todos os interesses que é costume citar, quando se não quer dizer a verdade. Invocava especialmente os brados da consciencia, desse idolo que falla ou está silencioso, conforme a vontade do respectivo sacerdote.

Palafox falho já de eloquencia fez um gesto, como illuminado por subita inspiração.

— Intendo agora: não quereis perder a occasião, quem a perde não a encontra outra vez: essa critica da obra do bibliophilo deve promover a curiosidade do publico, e será possivel vender tantos exemplares, como da propria obra criticada.

— Talvez mais, disse o doutor: mas alem dessa existem outras razões.

— Bem sei, bem sei, interrompeu Palafox, a sciencia... os principios... a consciencia... compro tudo!

— O academico assoprou forte.

—Dei dez contos de réis pelo livro do bibliophilo, pago a mesma quantia pela refutação: e todos ficam bem. Vendo primeiro o livro como sendo um primor d'arte, e depois a critica que hade provar a inepcia do mesmo livro. Desta forma o publico estudará duas vezes, e eu ganharei o dobro do que esperava. Respondei, estamos de accordo, não é assim? Vou escrever as nossas condições porque no tempo em que estamos sempre é bom pôr o preto no branco.

Palafox redigiu o contracto escrevendo sobre a meza de Pretorio, o dr. Universal assignou o recibo e recebeu um cheque sobre o Banco Nacional, e já se estava despedindo do illustre redactor da GRANDE PETA, quando este tencionando ir ao museu convidou os dois resuscitados para o acompanharem.

XIV

Bibliotheca nacional e seu catalogo. — Os ratos e os alfarrabistas. — Passeio publico ao sol.— Palavra nova.— Pião chinez fabricando bollas.— Os cavàllinhos de pau moendo caffé.— Homem lendo, fazendo meia e caminhando.— Bairro dos artistas.— Vasco Valente Veleriano.— Retratos de obra feita.— Illustradini, estatuario do universo.— Os concursos e os arlequins.— O sr. Gato pintor do governo a pé e a cavallo. — Entrada de um novo ministro no seu gabinete. — As artes e as tretas em TRES MIL.

No caminho, Mauricio e Martha viram um edificio sombrio com as paredes enegrecidas, e guardado por sentinellas, e teriam julgado que era uma prisão se não lessem sobre as portas:

BIBLIOTHECA NACIONAL

Como mostrassem desejos de entrar n'aquelle carcere das sciencias e das letras, o sr. Pretorio observou que a bibliotheca estava fechada.

—Enganou-vos o letreiro, disse elle, sorrindo maliciosamente. Na capital da nossa republica a bibliotheca nacional é para ser sustentada, e não gosada pelo publico. E quando vos abrissem as portas, em attenção á vossa qualidade de almas do outro mundo, que irieis ver? Montanhas de livros empilhados ao acaso. O zelo e a sciencia dos conservadores não podem fazer surgir a luz daquelle cahos, As verbas do orçamento que os podiam auxiliar são absorvidas pelos auxilios á litteratura dos litteratos janotas, interessantes, e que não fazem nada, porque a inspiração os preocupa, o amor os persegue, e as noites são breves para o prazer, e os dias mal chegam para o somno, que os credores insofridos ousam por vezes interromper. Haverá tres seculos que os empregados trabalham no cathalogo, classificam cem volumes por mez, e recebem mil dos depositos para o mesmo effeito. O edificio já esteve para abater com o peso, e se não fossem os ratos e os alfarrabistas emprezarios dos caminhos de ferro, não estaria alliviado da parte do pezo que ia causar a sua ruina. A policia prohibe a entrada das bengalas e chapeos de chuva e auctorisa a saída dos livros.

A bibliotheca da cidade Sem Egual, é citada como verdadeiro modelo de certos methodos, pois que tudo, exceptuando os livros, é regulado com a mais impertinente ordem e symetria.

Em frente da bibliotheca fica o passeio publico, sem arvores, para os passeantes gosarem os ardores do sol. Todos os passeantes se empregavam em qualquer trabalho tendente a auxiliar a locomoção.

Uns bordavam e andavam, outros faziam crochet, cestos de junco. bolsas e mais bogigangas: não se arripie o leitor com a palavra, que já a póde ter visto empregada em nome de navios. Os jogos publicos tambem eram meios de producção. O pião chinez estava aperfeiçoado a ponto que movia um machinismo que fabricava bollos ; os cavallinhos de pau faziam trabalhar um moinho de café, e uma roda para amollar facas: os tiros de pistolla substituiam os quebra-nozes.

Mauricio ficou estupefacto, vendo um homem de idade madura que tinha resolvido o problema de fazer com que o passeio lhe fosse proveitoso por tres modos, pois que lia, fazia meia, e levava atraz de si um aparelho economico em que se ia cosinhando o seu jantar.

Depois de sahirem do passeio chegaram a um bairro desconhecido, em que não vivem senão homens com grandes barbas, mulheres desgrenhadas, vestindo todos os costumes das differentes nações e seculos, desde a folha de figueira dos nossos primeiros paes, até ao chambre do ANNO TRES MIL.

O sr. Cezar Torneira disse-lhes que aquelle era o bairro dos artistas.

Esta colonia phantastica e caprichosa, no interesse da arte, tinha um codigo porque se regulava, composto de seis artigos, a saber:

I. O esculptor julga que a pintura deixou de existir.

II. O pintor julga que o esculptor já não existe.

III. Os pintores e esculptores só reconhecem talento nos artistas depois de mortos, e ainda assim unicamente bastantes annos depois do seu fallecimento.

IV. A nação mais civilisada é aquella em que se compram mais quadros e estatuas.

V. É dever soccorrer os collegas, mas não é permittido admirar ou elogiar o seu talento.

VI. O artista deve considerar como inimigos permanentes, o droguista, o publico e o senhorio.

Cezar Torneira levou os seus companheiros a casa de algumas das celebridades artisticas mais em voga, e começou pelo afamado pintor retratista Vasco Velloso Valente Valeriano.

O sr. Vasco Valeriano tinha sobre a porta o distico: *Retratos de obra feita.*

O seu maravilhoso processo consistia em ter descoberto cinco caracteres que dominam em todas as physionomias, e era:

Seriedade:
Alegria:
Brutalidade:
Intelligencia:
Indifferença:

Tinha sempre á ordem com indosse em branco, uma collecção de retratos feitos com referencia áquelles cinco typos. Cada quadro tinha o preço calculado em pollegadas quadradas, e deste modo cada um escolhia o gesto mais do seu gosto, como podia em casa de um algibebe escolher o vestuario. Não havia mais do que ajustar a physionomia ao aspecto que se desejava, para que o retrato ficasse completo. A este respeito o sr. Vasco era obediente á vontade do comprador: e nestes termos explicou a Mauricio a sua theoria.

— A missão do retratista não é reproduzir o que vê, como julgavam antigamente, mas sim pintar o que devia ser. A natureza é geralmente feia, e pertence-nos alindal-a. Qual é o desejo da mania das pessoas que encommendam o seu retrato? é terem uma prova de que são menos feias do que parecem. Se o retrato se limita a reproduzir a nossa fealdade, mal empregada foi a despeza que nos custou. Pensará alguem que um gago pague a quem o arremede?

De casa do sr. Vasco foram a casa do sr. Illustradini, estatuario das cinco partes do mundo: centenares de operarios trabalhavam por sua conta para acudir ás encommendas de heroes que lhe faziam de todas as nações.

Quando chegaram ás suas vastas officinas estava elle vigiando uma remessa de duzentas imagens de Santos, que se iam expedir para a Irlanda, bem como o acondicionamento de uma estatua collossal da Incredulidade, encommendada pelo club dos atheus de Boston.

Assim que viu o jornalista, caminhou para elle com os braços abertos.

— Sejaes bem vindo, já que sois a nossa providencia, a

nossa estrella polar, a luz que allumia os ministros, ou, em termos mais rasteiros, os esclarece quando elles fecham os olhos para não verem a justiça.

— Não vos intendo, observou Pretorio como um homem que se não recorda do assumpto em que lhe fallam.

— É porque vos não lembraes daquelles trabalhos para certo monumento, que os ministros queriam dividir por muitos artistas, e de que me encarregaram só a mim.

— E o concurso? Pois os senhores não abrem concursos? perguntou Mauricio.

O jornalista pediu desculpa ao artista do desproposito em que o seu companheiro estava fallando, e, como não o queria deixar passar por doido, disse-lhe: Meu caro amigo, bem se conhece que soís um fossil das gerações antigas, e assim lembram-vos coisas que já no vosso tempo eram apenas degraus para os arlequins politicos subirem á corda bamba do poder, d'onde sempre desciam de salto, porque sem empurrão não largavam a maromba.

Mauricio não pôde deixar de notar como a raça jornalistica havia conservado os caracteres virulentos da especie, e ao ouvir Pretorio pareceu-lhe que estava lendo alguns jornaes da opposição do seu tempo.

— Mas se não houve concurso nomearam uma commissão com o fim de o propôr, redarguiu o estatuario, e se não fosse a influencia do meu amigo jornalista eu não teria sido servido com a concessão directa e exclusiva, que tanto me honra e me approveita.

— Vejo com satisfação que a final cederam... disse o jornalista impando de orgulho.

— Por vossa causa — bradou o sr. Illustradini — apertando as mãos de Pretorio... quem ousaria resistir-vos? sois o rei da opinião... mas podeis estar certo que o vosso obsequio não foi só a mim, foi á arte... serei digno da vossa protecção... desde hontem sinto um incendio na cabeça, não vejo senão estatuas que me abraçam, dançam e até gritam.

Illustradini possuia, como vê o leitor, aquelle enthusiasmo

mechanico de charlatão, e a que não resiste nenhum governo: quando fallava na arte cada palavra parecia ter numero dobrado de syllabas: as suas tiradas de eloquencia pareciam os trovões do theatro que fazem o ruido de um objecto pesado rodando sobre outro objecto oco. O peso era neste caso a palavra, o vazio era o espirito.

Emquanto o artista se entregava ao delirio do seu enthusiasmo ridiculo, Pretorio procurava com a vista algum objecto para destrahir a imaginação.

— Admiraes a minha Minerva, não é assim?

— Uma Minerva! proferiu com admiração Pretorio, que estava olhando para um mono informe de barro.

— É ella, sim é ella, a minha Minerva, interrompeu o charlatão, apontando para o monte de barro, e parecendo que os olhos estavam a saltar-lhe do rosto cadaverico; saiu armada da minha cabeça, que se incendiava com o fogo do genio. Modelei-a com tal enthusiasmo que o barro fumegava-me nas mãos.

— Não obstante, observou Pretorio com algum receio, parece-me que ainda falta muito para que esteja completa.

— Falta a parte material, a que reservo para os discipulos: os braços, as pernas, o corpo: mas tudo isto é zero depois de achada, de descoberta, de inventada a idéa. A deusa tendo em uma das mãos a lança a que se encosta, apresenta na outra um ramo de oliveira: eis-aqui em que consiste a estatua, o mais são promenores insignificantes, que não carecem do genio do artista. Voltae d'aqui a um mez e terá cahido o veu que aos olhos dos profanos esconde naquella obra a faisca do genio que eu lhe communiquei.

Pretorio prometteu voltar, e foi com o seu companheiro a casa do sr. Gato, pintor de fama.

O sr. Gato havia obtido o privilegio de pintar o governo tanto a pé como a cavallo.

A missão do artista não parecerá estranha quando se conhece bem a situação dos ministros no ANNO TRES MIL.

Os secretarios de estado andavam officialmente a cavallo, bem como os seus antecessores do mundo antigo andavam, em Lisboa, por exemplo, officialmente de carroagem. A civilisação imprimindo mais movimento ás idéas, havia tornado mais veloz a missão governamental, e não admira portanto que os seus representantes saissem das bocetas chamadas carroagens, para o ar livre que se gosa montado em um cavallo, mais ou menos fogoso. Tambem a civilisação havia tornado indispensavel um pintor ministerial. Eis o motivo :

Ser ministro era uma das primeiras necessidades da vida social.

A republica dos Interesses-Unidos tinha no seu codigo fundamental, logo depois do artigo que servia de garantir o direito ao trabalho, o direito ás pastas.

Os ministros seguiam-se no poder como os relampagos em uma tempestade. Alguns só tinham tempo de assignar os despachos dos amigos ou dos credores, por que logo vinham outros tomar-lhes o logar e ás vezes á força.

Decretaram portanto que as secretarias seriam forradas com os retratos dos membros dos differentes gabinetes, postos á doida nas paredes, como estampas de miscelania. Na presidencia do conselho havia um effeito admiravel do acaso : um ministro da guerra ficára a um canto, um da justiça de pernas para o ar, um da marinha rente do chão, um do interior á porta, um dos estrangeiros no meio do tecto, e havia um das obras publicas com a cara para concertar. Ás vezes o pintor não tinha tempo de acabar os retratos e as physionomias ficavam como safadas e mal se percebiam.

O sr. Gato desempenhava a sua missão com a mesma frieza com que o continuo do gabinete fecha a porta do ambicionado cubiculo, quando sáe o ministro demitido, e abre-a quando chega o que vem substituil-o, seguido pela cauda rastejante dos chefes de repartição, que se apresentam com os seus respeitos ao novo ministro. Se era a

primeira vez que o mortal feliz subia áquellas alturas, ainda elle estava estudando uma physionomia governamental, e já o sr. Gato perfilado em frente delle com pincel e palheta o advertia delicadamente, que devia voltar o nariz mais para a esquerda para não prejudicar os tres quartos de posição, escolhida para o retrato. S. ex.ª só tinha um meio de se ver livre deste impertinente, e era puchar o cordão á campainha, e dar ao continuo aquella ordem sabida:— hoje não recebo ninguem, chamarei quando poder receber os chefes. Ouvidas estas palavras todos se retiravam saudando-o respeitosamente. Então o ministro levantava-se, ia ao espelho vêr a sua nova cara, media com dois passeios o fofo tapete, no qual escorregava ás vezes por falta de uso, e todo vaidoso voltava para a cadeira de braços, afagava o bojudo tinteiro de prata, abria uma pasta que estava arrebentando de papelada, e depois adormecia, até que algum dos deputados amigos, abrindo a porta com um pontapé mostrando aos pretendentes da ante-camara a sua influencia, vinha interromper a meditação ministerial.

O sr. Gato gosando portanto de uma reputação official, era procurado com empenho para retratar a alta sociedade da republica : mas como tinha aprendido nos seus retratos os habitos ministeriaes, que não são os mais civis, deu pouca attenção aos dois visitantes.

Mauricio tinha visto os artistas, mas não formava ainda idéa sobre o estado da arte no ANNO TRES MIL ; communicando a sua observação a Pretorio, este lhe disse :

— Ah ! querem discursos e não obras ! vamos ao museu, onde um dos guardas, que é idiota, vos patenteará o que procuraes.

No caminho encontraram um cidadão do conhecimento de Pretorio, um destes homens que se encontram em toda a parte, que fallam em tudo, mas que não tem casa nem profissão. Com physionomia alegre saltou na conversa e travou um dialogo tão familiar com Mauricio, que parecia ter andado com elle na escóla, ou ter vindo no mesmo

caixão das vallas do antigo mundo para as ruas populosas da civilisação do ANNO TRES MIL.

—Oh meu caro, quer saber a idéa que fazemos da pintura disse o novo interlocutor, dando uma grande palmada em um dos hombros de Mauricio, eu lh'o digo.

—A pintura é a arte de representar quanto indicam, mais ou menos parvamente, os programmas officiaes, a contento do governo e da sua augusta familia. Sois pintor, encommendam-vos uma batalha—deveis pintar homens de uniforme engalfinhados uns nos outros—querem um grupo de nymphas? em pintando tres mulheres rechonchudas com pouca roupa, está feito o quadro. Se vos fallam em uma machina engenhosa, em desenhando um thear com um par de meias, e as competentes ligas a sairem delle, sois um perfeito artista. Em qualquer pessoa conhecendo o que está n'um quadro, sem necessidade de lhe escreverem como nos milagres, o que se representa, o auctor é pintor e pintor de nome. Ouvi dizer que na antiguidade fallavam de molodia de tom, harmonia de linhas, e cores eloquentes, tudo isto é uma loucura rematada; toda a pintura cabe em uma palavra, copiar o que se vê, de maneira que o director da Academia das Bellas Artes possa conhecer que um feixe de lenha não é um ministro de estado.

Chegaram ao museu. O idiota que servia de porteiro, era assim considerado, porque tendo estudado vinte annos a arte, não pôde realisar o desejo ideal que tinha na mente.

Pretorio apresentou Mauricio ao idiota, como uma amostra viva dos antigos seculos.

—Ah! disse o porteiro, o senhor ainda é do tempo em que se pintavam quadros que cantavam?

— Pretorio riu a bom rir.

—O idiota continuou: Duvidaes do que digo, pois sabei que nessas vastas salas onde estão degradados os quadros do antigo mundo, vou muitas vezes gosar as suas harmonias; e quantas vezes ao pôr do sol, quando os clarões inflamados da sua luz tingem de vermelho as paredes da ga-

leria, vou onde estão esquecidas as obras dos pinceis italianos, e ouço que elles cantam em côro, sem que as vozes se confundam. Reconheço a voz de Raphael pela suavidade sublime, a de Corregio ampla e terna: a de Teniers que parece dominar-me: e tambem as vozes de Carrache, Leonardo de Vince, André del Sarto, ora fogosas, brandas, expressivas ou meigas. Aos italianos seguiam-se os flamengos com a melodia menos celeste, mas tambem mui forte. Rubens cuja voz portentosa se ouve em todos os tons: Vandick arrebatado e triste: Jordanes harmonioso; o prasenteiro Teniers; Van-Ostade e Berghen entremeando o canto agreste dos pastores; as cantigas de Mieris e Gerardo Dóv. Os hespanhoes entram depois em scena: Murillo com o timbre variavel, Ribera ousado, Valasques cavalheiresco, e Zubaran, mistico. Os antigos pintores francezes são os ultimos do côro...

—Ainda bem, atalhou Pretorio, que desse cahos saiu um novo mundo.

—É verdade, disse o idiota, mas um mundo que é mudo.

—E a arte nacional? replicou o ditoso proprietario da GRANDE PETA.

—Perdeu a voz, disse o guarda com tristeza. Correi essas salas, as estatuas e os quadros não vos dirão coisa alguma. Julgam ver a arte, e só estão vendo a apparencia. A arte que vivia já não existe.

— O jornalista não pôde suster uma estrepitosa gargalhada, e deixou o idiota, convidando Mauricio para entrar nas salas do muzeu. Mauricio estava pensativo. Dos artistas que ouvira, só o idiota lhe parecia rasoavel. Os outros exploravam a arte, e o pobre artista despresado, esse sentia no coração o fogo sagrado.

XV

Reforma Dramatica.— Kleber no Egypto, drama em muitos actos e com muitos animaes. — O bosque dos illustres. — Um prato de soupa por um par de suspensorios.— Boi com batatas.—Facas a vapor.— O janota Jorge, e Jupiter Tonante. — Em que pensa a mulher, o deputado, o negociante e o jornalista. — Invocação aos manes de um Julio Cezar. — Folhetim.

Ao sairem do museu foram buscar Martha, porque Pretorio lembrou a Mauricio que deviam assistir á representação de um drama que tinha posto em movimento toda a capital. Era uma peça intitulada Kleber no Egypto, que na opinião dos verdadeiros criticos, provava aturadissimos estudos. O auctor tinha obtido traçar o seu drama conforme os modelos da simplicidade antiga do seculo XIX. No emtanto só lhe foi possivel obter a certeza de que o seu drama seria representado ao cabo de uma serie de difficuldades que Pretorio explicou a Mauricio e Martha da seguinte fórma:

—Antigamente a peça era a parte principal de qualquer representação scenica; era para ella que se dispunham os trages e os actores; admittiam a supremacia do espirito sobre a materia, a submissão do instrumento á musica que devia expressar. Felizmente invertemos tudo isto. Ao presente a peça é o accessorio; o director do theatro só cuida em adaptal-a ao scenario e aos actores. Muitas vezes é obrigado a cortal-a no principio, e dar-lhe mais proporções para o fim. Os comicos em vez de representarem um caracter historico, apresentam ao publico a sua propria individualidade. O drama Kleber no Egypto é uma prova da facilidade com que os nossos auctores se acommodam ás variadas exigencias dos senhores da arte, que são os administradores dos theatros. A peça era intitulada a principio *Virgem Escrava,* e tinha sido escripta para estrea de uma linda actriz, a qual inesperadamente se apresentou impedida, por justo motivo, de desempenhar o papel. Lembraram ao auctor, que podia mudar o seu primeiro papel para um galan. Assim fez: o galan da companhia normal não esteve pelos autos; porque não lhe admittiram calçar botas de montar no seu traje de selvagem.

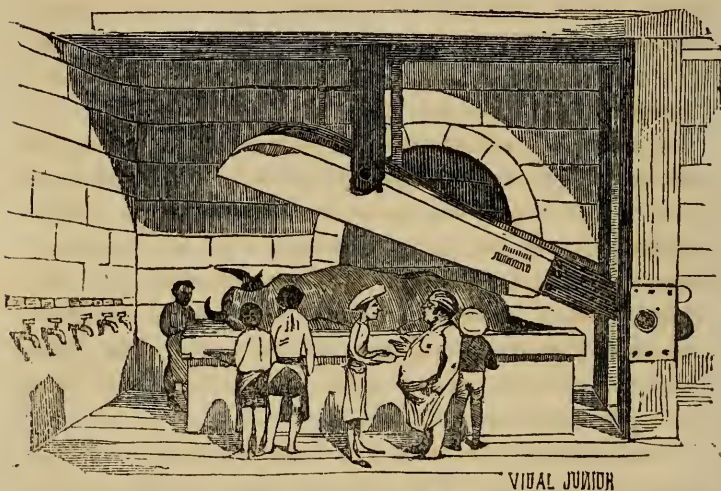
o auctor não desistiu com taes difficuldades do intento de representar a sua composição, e sabendo da chegada de um celebre domador de feras, logo cuidou em se aproveitar dos quadrupedes. Substituiu Kleber ao grande Sesostris, uma aguia careca ao capitão das guardas, e um gallan ao crocodilo. É esta a ultima transformação da peça; as vantagens scenicas, é o que esta noite vamos ver representar. Dizem que o papel de crocodilo está maravilhosamente apropriado ás faculdades dramaticas do bicho, e contém lances surprehendedores. Mas como a hora a que principia o espectaculo ainda está distante, podemos jantar. Entremos no *Bosque dos Illustres*, que é a casa mais da moda: foi uma companhia que a fundou, cujas acções estão a 84 por cento, ora acima, ora abaixo do par, conforme as varias relações da bolsa para com o apetite dos janotas. Assenta as suas transacções em um principio novo e curioso. Acceita qualquer objecto em troca dos seus primores culinarios — chapeos rapados, casacas voltadas; qualquer pobre diabo em chegando diante do balcão póde trocar um par de botas já remontadas, e carecendo de meias-solas, por uma costeleta, ou os suspensorios por um prato de sopa. Reparae como o povo invade as salas do *Bosque dos Illustres*. Os freguezes que pagam a dinheiro são acommodados em salas especiaes, e servem-lhes os melhores pratos.

Entraram em uma casa espaçosa, guarnecida com doze mezas de grandes dimensões: em cada um dellas estavam animaes inteiros, cozidos, fritos e assados. Viram sobre uma dellas um boi deitado em pilhas de batatas; em outra vitellas mergulhadas em almudes de molho, porcos aos pares, e duzias de patos enterrados em feijão verde ou em montanhas de sallada.

Facas enormes movidas a vapor cortavam os guisados deste festim.

— Estaes admirado, observou Pretorio a Mauricio. A exposição culinaria que estamos vendo é um meio de as-

segurar aos freguezes que não são enganados pela casa de pasto. Cada um delles póde ter a certeza de que não come gato por lebre, e como S. Thomaz, póde ver e tocar. Assentemo-nos á meza em que se vae servir aquelle boi ainda intacto, e ao qual conservaram os chavelhos e a pelle, a fim de authenticar a identidade do animal. Apontae para o logar de que mais gostaes, e para logo cortarão um pedaço para vos servirem.

VIDAL JUNIOR

— Pelo que diz respeito á bebida, lêde os rotulos dos toneis, e abri a torneira d'aquelle que mais vos agradar.

Quando acabaram a succulenta refeição, foram para o theatro, na companhia de Pretorio.

O peristylo estava ornado com estatuas de Shakspeare, Schiller, Calderon e Gil Vicente, com advertencia de que dentro da sala não havia logar para nenhum destes genios.

Quando chegaram, o lustre já estava acezo e os camarotes guarnecidos de espectadores.

Pretorio mandou abrir um dos camarotes perto da scena, onde estavam já Milady Facil, com Isac Ferro, Palafox e o celebre Jorge Jupiter Tonante, o primeiro elegante da capital, ou o rei da moda.

O sr. Tonante merecia este titulo: tinha as mais vistosas carroagens, as amantes mais falladas e exigentes, sustentava apostas avultadas, e apparecia em todos os logares em que se não podia fazer coisa alguma util. Não era possivel achar em toda a sua vida um acto de dedicação, qualquer prova de sympathia, um rasgo de nobreza d'alma. O seu fim não era viver, mas apparecer; regulava as suas acções pela conveniencia, e não pelo bem geral. Era um pobre egoista impando de vaidade, que representava o mesmo papel do tambor mór, que em dia de parada official marcha na frente dos regimentos, ricamente fardado, applaudido pelos gaiatos, e admirado pelas velhas.

Quando Pretorio entrou no camarote com os seus companheiros estava o sr. Tonante servindo-se de uma trombeta acustica, que por meio de uma contracção nervosa sustinha no ouvido, como os janotas antigos sustinham a luneta em um dos olhos. A corneta acustica era na cidade Sem-Egual o signal da suprema elegancia. Antigamente era bom tom ser miope, no ANNO TRES MIL o requinte da moda consistia em parecer surdo. Era mais uma feição para o caracter excentrico do janota.

Jorge Jupiter tinha deixado crescer as unhas á moda chineza para servirem de attestado da sua occiosidade. Todo o seu fato era de pelle de melros, com enfeites de pennas de arara. Como os brilhantes se haviam tornado ridiculos, desde que os imitaram em vidro, uzava botões de pederneira, de azeitona, e de pevide de marmello.

O jornalista e o janota comprimentaram-se como se fossem dois reis, um que tivesse conquistado a corôa como Napoleão III sobrinho da antiguidade, e outro que o tivesse herdado como Victor Manuel.

Milady Facil pareceu ficar muito satisfeita com o encontro de Mauricio e de Martha: disse-lhes que se assentassem ao pé della; quiz ouvir a sua historia, e admirou-se mais do estranho desejo que haviam tido do que da sua realisação.

— Conhecer o futuro do mundo, dizia ella, e atravessar

tantos seculos para esse fim, é coisa que não comprehendo! Não nos deve importar o futuro, porque não temos presente—os homens que nos hão de seguir não nos pertencem; portanto não póde haver interesse que vá além do que podemos vêr e sentir. O futuro é o que se não conhece: e o que se ignora ha de ser sempre uma coisa inutil.

—Não é assim para quem espera, disse Mauricio. O futuro é o campo em que estão semeados os nossos sonhos, onde os vemos germinar, crescer e florir. Não sei que haja quem queira viver sem essa vantagem da incerteza, que tanto conforta a nossa desgraça: o que seria a vida sem o horisonte do futuro? Pelo que oiço não conheceis a impaciencia que nos faz desejar em cada um dos dias que vivemos o dia seguinte; mas permitti que vos pergunte em que pensaes quando estaes a sós com a vossa consciencia?

—Quereis saber em que ella pensa Lady Facil, quando está só pensa na chuva ou no bom tempo para dar o seu passeio.

—Eu penso nas sessões da camara, disse com vaidade um deputado novato.

—Eu nas visitas que devo fazer, observou Jorge Jupiter, assucarando a voz.

—Eu nas lettras a pagar, disse Isac Ferro.

—Pois, meus srs., eu na minha qualidade de Jornalista, não penso em coisa nenhuma, porque sou obrigado a escrever sobre tudo.

Mauricio olhou espantado para elles.

—Será crivel o que oiço? Se vos não dá cuidado o mundo invisivel, para que viveis?

—Para que vivemos? é boa pergunta essa: para viver, respondeu o sr. Isac, deputado independente, com o entono de quem falla como presidente de uma deputação qualquer: e chegando-se mais perto de Pretorio, disse-lhe ao ouvido: Verdade, verdade, o nosso resuscitado parece-me doido.

Pretorio respondeu tambem em voz baixa: Não o tenho por doido, mas parece-me um bom tolo, e nada mais.

A conversação foi interrompida com signal de que ia começar o espectaculo.

Neste ponto somos obrigados a imitar o estylo do folhetim, e invocando os manes de Julio Cezar, em dia de terça feira, desenterramos do pó dos seculos para nosso exemplar algumas folhas da *Revolução de Setembro.*

Saiba o leitor que estamos cubrindo letra sêca, para lhe fallar a candida linguagem dos primeiros annos.

Eis-aqui o folhetim.

Não sei se a leitora prefere aos banhos de barca os banhos do Nilo, não do doutor, mas do tormentoso rio deste nome.

Imagino que prefere o rio — as aguas são fèrtilisantes, e a leitora... oh! onde eu ia ter.

Volto ao Nilo, isto é, voltemos ao Cairo, eu e a leitora.

Não pense, minha amavel senhora, que sou o homem da camara-optica. O folhetim calça luva cor de palha, fuma charuto havano, e bebe punch no Marrare.

Estamos por tanto no Cairo, eu e v. ex.ª, por mais que peze a um marido occioso, a um pae rigorista, ou a qualquer amante impertinente.

Tenha a leitora a bondade de olhar: á direita fica o palacio de Achemet, antigo ministro do sultão do Egypto: o resto da paisagem é conhecido: estou seguro que v. ex.ª a tem visto mil vezes em um dos seus albuns — o Cairo e as ladys de caracoes incriveis, são assumpto eterno de todas as gravuras inglezas, e v. ex.ª morre pelas gravuras inglezas... eu bem o sei.

Esta minha cabeça é tão distrahida, que já me ia esquecendo que estavamos no Cairo.

Os ministros no Egypto tambem caíam como os nossos; e o que morava naquella casa não só caiu, mas morreu e é o seu cadaver que está exposto á porta do palacio.

A turba reza ou recita decimas contra uma decima que o ministro lhe deixou.

As figurantas estão *agremiadas*, e para ser completa a illusão benzem-se, mas nem todas com a mão direita... falta de costume. No meio dellas Astarbea chora a sua orphandade com os braços erguidos para o ceu.

O côro canta, como todos os coros, e quando a orchestra acaba o intervallo destinado a pintar, com o cadente movimento dos arcos das rebecas, a dôr publica, todos sáem da scena ficando só a filha inconsolavel, como dizia a celebre Anna Radclife, que cercou de espectros a minha mocidade, e talvez tambem a de v. ex.ª

O estrangeiro que estamos vendo entrar pelos bastidores da direita, é um hospede que o pae de Atarbea tinha acolhido em casa alguns dias antes de morrer.

Não sei se a leitora terá reparado que os amantes no theatro entram, em regra, pela direita da scena — é o lado do coração!

O hospede annuncia a sua partida; Astarbea não póde ouvir que a *deixa* sem chorar — nas lagrimas está o amor.

O estrangeiro exclama:

Sou amado!

Ella não responde, e como quem cala consente, o interlocutor propõe-lhe a fuga, e ella pede para que fique em sua companhia. Ouvindo os rogos da pobre donzella, o estrangeiro fazendo um semi-circulo pela scena, a fim de se convencer que só poderá ser ouvido pelos dez mil espectadores, conduz Astarbea ao pé da rampa, quasi em cima das luzes — é o logar das confidencias — e diz:

— Enganei-te — não sou egypcio, sou francez, e chamome Kleber.

Astarbea, passados os primeiros instantes de surpreza, manifesta o seu contentamento por ter conquistado o coração do general em chefe do exercito francez, que veio ao Cairo unicamente para conhecer, ajudado pelo disfarce, as forças inimigas, e que ao presente deve voltar ao exercito.

Astarbea promette acompanhal-o, com a condição de que um marabuto abençoe a sua união.

Kleber consente a fim de provar os seus principios de tolerancia religiosa, e vae elle mesmo chamar o sacerdote mouro.

Convenho em que os acontecimentos galopam nesta scena... mas estamos no theatro... e no Cairo onde o thermometro anda mais alto do que no Chiado. V. ex.ª dispensa-me de lhe explicar o thermometro, que ficou popular desde a febre amarella.

Temos monologo de Astarbea, e confesso que distrahido para um camarote, só ouvi o final em que a sensivel moura se despede, em mente, de um amphibio que tinha domesticado. Neste ponto a orchestra arripia-nos os nervos com os instrumentos de latão, e eu peço á leitora que se não arripie, porque a palavra é tão suave que pertence á diplomacia portugueza.

D'entre as ondas de folha de Flandres surge a cabeça de um crocodilo.

Ah! horror, horror, dirá v. ex.ª!

Mas, minha sr.ª, este animal é do nosso conhecimento.

O crocodilo é meu, fui eu que o inventei. Elle entrou n'outra peça sem ninguem o applaudir. Dei-lhe um bravo no meu folhetim.

Repare v. ex.ª como á entrada é saudado por duas salvas de palmas. O bicho agradece, e eu tambem—se elle é meu!

O crocodilo pondo as patinhas sobre a taboa verde que serve de margem do Nilo, caminha solemnemente para um pastel que lhe offerece Astarbea, e depois de o engolir de um trago, como se fosse qualquer cidadão caido ao rio, volta-se de costas, rebola sobre o palco, e vem coçar a cabeça escamosa em um dos pés da nossa heroina.

É admiravel, incrivel, surprehendente! Novos applausos accordaram os espectadores velhos, e chamam ao mundo os namorados perdidos com o pensamento desde as frizas até ás torrinhas.

Das differentes habilidades que o animal executa á voz de Astarbea, estou persuadido que a do agrado da leitora foi aquella walsa, doida, fumegante voluptuosa inopinada e rescendente do perfumo de mil illusões, apertadas e desfolhadas em mil abraços. Ah! minha sr.ª, a walsa e como a dançavam no club naquelle baile monstruoso do carnaval... Mas voltemos ao Cairo.

A bulha que se ouve de fóra da scena obriga o domesticado e feroz amphibio a voltar para o seu Nilo; a donzella fica só, e eis que pelo fundo do theatro entra o sultão com os guardas e povo, coisas que sempre apparecem em havendo córos.

Acabado o côro, o principe manda todos embora, menos Astarbea.

Ah! minha sr.ª, não sei de pejo como o conte! mas no folhetim as roupas são quasi sempre mais ligeiras, e as saias de luxuosa seda nem sempre arrastam... ás vezes é mister vêr um pé — um pé admiravelmente arqueado, timido, buliçoso, incomprehensivel.

O estylo tambem abafa nos paizes calmosos, e deve-lhe ser permittido como a v. ex.ª e a mim chegar á janella e tomar o fresco.

Ora a leitora sabe que moro na baixa, que escrevo quando o sol do meio dia derrete o macadam, e ha de desculpar que o folhetim refresque o estylo, mormente agora que assim o exige a verdade historica.

O sultão viu no banho Astarbea, ficou doido de amores por ella, e destinou-a para arredondar o numero das suas quinhentas mulheres.

Astarbea responde que é impossivel: o rei não ouve, não vê senão paixão, desejo e raiva.

Os guardas vão empregar a força para arrancar a pobre moura da scena.

Chega Kleber com o povo que se ajuntou para julgar os mortos, conforme a pratica.

No Cairo como não ha liberdade de imprensa para pro-

cessar os ministros em vida, vem o povo fazer-lhe o processo depois de mortos.

O cadaver de Acmet é portanto posto sobre o banco dos réos em plena praça publica.

O sultão que não quer fazer um golpe de estado, finge obedecer á lei, mas quando já vão conceder um tumulo ao pae de Astarbea, apresenta um conhecimento de decima relaxado que o ministro não pagou, e na fórma do costume, pede o corpo como penhor da somma em divida.

Se os agiotas fossem mouros de turbante, e aceitassem o cadaver para saldo de contas, era uma grande descoberta. As sepulturas ficavam desertas, e os agiotas fartos de gente morta.

A filha pede ajoelhada que a sombra do velho não fique exposta a andar errante estando o corpo insepulto.

O sultão é inflexivel. Kleber no entanto apodera-se de um dos cavallos do rei, toma Astarbea nos braços, monta a cavallo e desapparece como o relampago. O crocodilo corre em seguida do cavallo que parece voar, e leva ás costas—amavel bicho—o cadaver do pae da sua bemfeitora!

Que lição, minha sr.ª, para o Thesouro de Meninas, ou para o Methodo Facilimo!

O acto acaba, e eu largo um instante a penna para acabar um delicioso charuto que me deu um russo;—não sei se v. ex.ª sabe que estou em intimidade com um russo, que é uma joia. A historia do russo fica para outra vez.

Passemos ao segundo acto. Estamos no deserto, e a pyramide fica ao fundo.

Chegam Kleber, Astarbea e Acmet, que, na qualidade de morto embalsamado, é personagem muda.

O sol é abrasador, e Kleber tenta fugir para a sombra das pyramides.

A arêa do deserto vem nas azas do vento escandecente, o cavallo cáe morto. Kleber manifesta o seu desespero em gestos ferozes. O sultão e a cavalleria entram em scena. Intimam Kleber, para que se entregue. O francez resiste,

e vão ser mortos pelos alfanges—elle e sua mulher, quando o Nilo transbordando a proposito afoga o tyranno e os seus guardas.

Kleber toma nos braços Astarbea, que está desmaiada; sóbe com ella ao cume da pyramide, em quanto o crocodilo com o morto ás costas foge na direcção do grupo. Com o ponto final que venho de pôr no papel desceu o panno sobre a ultima scena do segundo acto. Se a leitora dá licença vou tomar chá neste intervallo.

Esta cabeça! Valha-nos Deus. O folhetim não toma chá no theatro. Se vissem o folhetinista no botequim com a classica bandeja diante de si, tomavam-no por algum provinciano, ou tio André vindo do Brazil. O folhetinista só conhece a provincia de nome, e não vem senão do Gremio.

Eu estava agora muito agradavelmente conversando com v. ex.ª, mas como começa o acto, oiço sio, sio na platea, desço para a cadeira, e vejamos o terceiro acto.

A scena representa o interior da grande pyramide. Acmet está nas suas sete quintas, em companhia das illustres mumias que o cercam. Os vivos é que não estão á sua vontade, e cada um delles anda como se fôra deputado provinciano a passeiar pelas salas da Philarmonica.

Astarbea não se descuida de alimentar muito bem o seu general em chefe, sendo auxiliada neste intento pelo habil crocodilo, que todos os dias lhe entrega o producto de sua pesca e caça. Assim mesmo Kleber emagrece.

Na volta da caça o crocodilo apresenta um dia á sua protectora uma garrafa de vinho de Bordeus.

Abriram a garrafa, e ficaram admirados de unicamente acharem dentro papeis deitados ao mar pela guarnição de um navio francez, na occasião de naufragar.

O general sabe por esses papeis que o exercito julga que elle morreu, e pensa desesperadamente em voltar á companhia dos seus bravos.

Ah! minha sr.ª, como o auctor é insigne nas caretas de raiva, no esbracejar do desespero.

E ella, a pobre e amorosa filha do deserto, como é meiga e terna para desarmar o seu amante da ira que lhe illumina os olhos, e cinge a face de um rubor igneo e flamejante!

É plangente a scena — é sublime a situação.

Kleber enraivecido apresenta aos espectadores em cada mão um punhado de cabellos, arrancados á cabelleira no furor do desespero.

Astarbea lembrando-se das differentes communicações que devem existir entre as pyramides e a praia, corre os bastidores sem achar saida : já sem esperança a extremosa amante se dirige aos restos de seu pae, como conhecedor de todos os cantos das pyramides.

Acmet ouve que o chamam, abre a porta do seu armario de mumia, sáe, aponta solemnemente para uma saida, e volta para o escaninho !

Ah! como a leitora está ralhando do meu estylo !

Senhor folhetinista, a sua liberdade não chega a tanto — um morto que ouve ; um morto que anda ; um morto que aponta, nem liberdade de poeta vae tão longe !

Se v. ex.ª me permitte uma observação, talvez façamos as pazes. Vejo que a leitora se esquece dos *mortos que andam depressa*, representados no theatro portuguez ; e que ainda não mandou o seu criado á rua Augusta á loja do Cobellos comprar um interessante folheto — *Um morto a contar a sua historia...*

Mas para que havemos de saír de casa... não digo bem, sair do folhetim?...Eu pela minha parte estou aqui perfeitamente na amavel companhia de v. ex.ª; e bem me lembro que a semana passada tive o gosto de lhe apresentar, em quanto iamos de S. Carlos para o theatro de D. Maria, a carta engraçadissima de um estimavel morto... se acaso v. ex.ª se esqueceu, basta um Almanak de Lembranças para que se recorde.

Estou secante, semsabor, não é assim?

Perdoe-me a leitora a divagação, pois que o nosso dialogo não interrompeu o espectaculo, porque a scena final do acto foi muda. Astarbea e Kleber fugiram precipitadamente

pela saida que lhe descobriu o morto, e foram seguidos pelo crocodilo... e como elle dava a cauda em signal de contentamento!...

Não podemos continuar o dialogo, porque já estamos no quarto acto.

Que scena minha sr.ª! E como o publico applaudiu Rambois e Cinati!...

Ha vinte annos que pintam palmeiras, mas nunca excederam aquella que está abrigando o sultão, que, meditabundo e sentado como os alfayates, nem repara nas escravas que dançam para o destrahir.

Comparar um sultão a um alfayate parece estranho; mas como a palavra é arabe... ah! minha sr.ª, perdoe-me estes ataques de erudição! ficaram-me daquelles concursos de philosophia transcendente que nos divertiram no folhetim!

O fundo da scena é o mar, com uma ilha a tentar a gente que nem que fôra a dos amores!

Chega um official com despachos relativos ao exercito francez: o sultão põe-nos em uma bandeja de bollos sem os abrir.

Entra um ethiope com uma grande aguia calva, a qual depois de ter sido apresentada a todas as cabeças coroadas da Africa, é offerecida como presente ao sultão.

A aguia estava perfeitamente ensinada.

Levava cartas como as pombas-correios, pescava e nadava como peixe.

O sultão mandou sair todos, e assim que ficou só, tirou do peito um sapato que pertencêra á filha de Acmet, e depois de o contemplar com paixão, entoou ao som da viola tristes endeixas, que diziam assim:

Primas, que na guitarra da constancia
Tão eguaes retinis no contraponto,
Que não ha contra-prima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonancia;

Oh! falsa não sejaes nesta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos conto,
Nessa belleza harmonica remonto
Ao plectro da phebina consonancia.

Já que primas me sois, sêde terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste.
Ouvir de um cavalete as frioleiras.

Se encordoaes de ouvir-me, oh primas, baste
De dar á escravelha em taes asneiras;
Que em fim isto de amor é um lindo traste.

Acabou os seus lamentos com esta expressiva quadra:

Viola, minha viola,
Fica-te aqui pendurada
Que lá vão os meus amores
Por essa agua salgada.

O sultão adormeceu depois de ter pendurado a viola a um tronco de palmeira.

A orchestra para o auxiliar a adormecer executa aquella tão conhecida musica da nossa infancia:

Ó pápão vae-te embora, etc.

Dispense-me a leitora o resto, que esta erudição da infancia não carece de recordações como a que se aprende no collegio.

Kleber entra em scena, seguido de Astarbea, que vestida de amazona vem montada no crocodilo.

O bicho não tendo perdido de todo a ferocidade natural, mal que vê o sultão abre a rasgada boca para o tragar.

Kleber não consente; mas vendo os officios que estão fechados, rompe os sêllos, e lê com satisfação a nova de que anda perto o exercito francez.

Kleber ebrio de contentamento grita a ponto que o sultão accorda: chegam as guardas, que nunca faltam nestes casos, e cercam o general francez, que se vê obrigado a desembainhar a espada, e para enthusiasmar o crocodilo aponta para a pyramide, que se destaca no horisonte, e diz:

Do alto d'aquelle monte vinte seculos te contemplam.

O crocodilo desejoso de que tão respeitavel espectador o applauda, executa prodigios de habilidade e de valor.

Kleber repudia corajosamente o ataque dos guardas.

Neste ponto o auctor introduz uma peripecia de grande effeito.

A aguia careca que tem estado, como nós, a presenciar a scena, paira alguns momentos sobre a cabeça de Kleber, e dando um grito selvatico, toma-lhe a espada, e desapparece, ficando o general á mercê dos egypcios que o vão prender.

O crocodilo recúa até ao mar, levando Astarbea, e assim vae á nado até chegar á ilha que estamos a vêr no fundo.

O sultão ordena que os persigam, o côro berra dizendo que não tem nem uma barca. A aguia reapparece, com a espada de Kleber nas garras, e vem deixal-a cair aos pés do sultão!

Neste ponto, a ave bate as azas, os guardas agitam as espadas, e cantam um côro desesperado, com o qual finda o acto.

No acto seguinte, que é o quinto, vemos um rochedo eriçado de ninhos gigantescos. É a capital dos crocodilos.

Não se assuste a leitora, que a scena é menos perigosa do que a exposição dos animaes ferozes de Mr. Charles, que povoavam de senhoras as ruinas do convento de S. Francisco.

Os crocodilos parecem gente!

As mães cuidam dos filhos; os paes vão para a caça ou para a pesca, e os crocodilos moços fazem a côrte ás crocodilas, como se estivessem no theatro ou em um baile.

O scenario é tão perfeito que o folhetim declara á leitora com toda a candura, que os amphibios lhe pareceram formar um povo civilisado, que nem se quer fusila o proximo. Astarbea não vê nem ouve o que se passa, e está melancolicamente sentada em um rochedo. O seu inseparavel companheiro, aquelle amavel e delicioso crocodilo, que nós conhecemos desde os actos anteriores, deixou-a só por algum tempo, a fim de fazer certas visitas, a que não podia faltar.

Astarbea pensa no seu general, contempla a miniatura, ou, para fallar em termos mais civilisados, um bilhete de visita de Kleber em que se vê o retrato do amante.

Ao cabo de uma torrente de lagrimas, e outra de versos, embrulha a cabeça e o corpo em um chaile-manta, e diz que não podendo vêr o seu amante, não quer vêr mais coisa alguma, nem a nós os espectadores, que a applaudimos até nos estalar a pelle das luvas.

É este o momento em que a aguia calva apparece novamente, mas desta vez pousada sobre uma nuvem de papelão.

A ave imperial desce lentamente do seu estravagante poleiro, apanha com as garras as quatro pontas do chaile, como se fossem quatro coroas de reis, e ella ahi vae levando a pobre rapariga pelos ares.

Ah! que scena, minha sr.ª! Que suspensão de espirito!... e que esforço supremo do machinista, que as *Variedades* pagam com palmas e bravos!...

O crocodilo que neste instante volta das suas visitas, tenta inutilmente levantar-se sobre a cauda, estendendo para ella as patas com accionado afflictivo.

Astarbea desapparece nas nuvens.

A situação é pathetica, sentimental, terna, affectuosa e crocodilica!

È neste ponto que se nota o famoso e estrambotico monologo pantominado, do habil amphibio, em que exprime a sua dôr por todos os modos uzados, e não uzados na mimica italiana. Geme como se estivesse rugindo, sustem

a cabeça com as patas, como se ella houvesse de cair no tablado; tenta arrancar os cabellos se os tivesse, o que não seria impossivel, havendo na ilha *pomada florestal,* e cáe em scena vencido e abatido pelo soffrimento!

O rufar do tambor arranca o terno bicho ao delirio que o succumbe!

É o exercito francez que desembarcou sem difficuldade na ilha dos crocodilos!

Temos annexação? perguntará a leitora, a quem o meu visinho do andar de cima, inicia nas questões europeas!

Não, minha sr.ª, porque os bichos ainda conservam o direito de não viverem á mercê dos tratados e da força das armas!

O folhetim como amigo da independencia e da liberdade pede licença para interinamente se declarar bicho, ou mesmo bicha, se a therapeutica fôr amavel no destino que lhe der!

Fica intendido que me poderei metamorphosear em occasião opportuna... e ás bichas não faltam ellas...

Ai! que cabeça esta! Que desvarios folhetinisticos! Nem sei onde estou!

Procuro-me, e só acho linhas e linhas para as seis columnas de que não posso ser Samsão: se o fôra v. ex.ª que me está seguindo com os seus lindos olhos não ficava sepultada nas ruinas, que eu sempre havia de ter tempo para prevenir o caso!

Oiço o tambor. Agora me lembro que temos em scena o exercito francez.

O crocodilo já está com elles ás voltas, explicando-lhes o melhor que póde a conveniencia de o seguirem se querem libertar o general.

Os francezes, que não fallam outra lingua senão a sua, não intendem o crocodilo, e desconfiando do bicho, cruzam bayonetas.

O crocodilo desesperado quer fugir. Julgam-no algum traidor, e prendem-no. Ao mesmo tempo um official des-

cobre o bilhete de visita, com o retrato de Kleber, e aopé uma conta de terem custado a 500 réis por duzia.

Os soldados furiosos gritam. E como a civilisação dando a volta do mundo ainda o não tinha passeado todo no ANNO TRES MIL, instauraram um conselho de guerra, e vão fuzilar o crocodilo ao som do hymno da liberdade.

Os espectadores ouvem o hymno em pé; o panno desce, e vamos assistir ao sexto acto.

O sexto acto! repete v. ex.ª admirada! Tambem o folhetim repetiu o mesmo ao seu visinho da esquerda, que estava meditando no libreto da peça.

E como não tive resposta, tambem não posso dal-a a v. ex.ª... pelo menos satisfatoria. Sei que a peça ha de acabar, porque tudo acaba, até o folhetim, mas quando, é que não sei!

Mas note v. ex.ª que desgraça não era se as lagrimas de Astarbea apagam a pintura, e se eu como poeta *singular* tivesse sido obrigado a repetir:

Maricas chorae de sizo,
E vosso pranto dobrae,
Pois com elle já la vae
O retrato de Narciso,
E com razão vos aviso,
Que choreis, e vos exhorto
A dobrar o pranto absorto
De ver, que neste incidente,
Se até agora estava ausente,
Agora o chorareis morto.

Se não é como suspeito,
Que vosso sugeito nobre,
(Por ter invejas do cobre)
O trasladou a seu peito;
Sendo que era mui bem feito,
Que perecesse nas fragoas
Dessas aguas, e sem magoas
Acabasse aqui Narciso;
Pois tem tão pouco juiso,
Que ainda se fia das agoas.

Tantos assumptos de choro!
Já não posso chorar tanto,
Somos aqui planideiras,
Para andar sempre chorando?
Já lagrimas de chrystal
Derramei de quatro em quatro,
Já andei feito choramigas.
Á cabra cega jogando

Agora querem que chore
O despintar-se um retrato,
Chore Nize muito embora,
Porém não chore um barbado.
Saber quizera de Nize,
Se chora sabão acaso,
Porque safar as pinturas
Somente ao sabão é dado.

Estamos portanto no sexto acto, e no palacio do sultão.

Kleber está preso em uma sala que deita para o rio, e trabalha em fazer um balão para se poder evadir.

A muitas reflexões pessoaes, junta algumas geraes que se referem aos balões, e são traduzidas dos Manuaes e Encyclopedias, que a sciencia escreve a beneficio da ignorancia.

O monologo é interrompido pelo estampido da artilheria.

O general conhece a lingoagem das suas bôcas de fogo, e logo percebe que está ouvindo a artilheria em francez!

Entra o sultão: vem perturbado. A cidade está cercada, e vae ser assaltada se Kleber não ordena ao seu exercito que se retire.

Kleber não está pelos autos, apesar de que o sultão diz-lhe que morrerá, se não manda retirar o exercito.

No mais renhido do dialogo a aguia calva apparece, e vem deixar cair aos pés de Kleber a desditosa Astarbea, ainda envolta no chaile-manta.

A filha de Acmet abraça Kleber, e declara cathegoricamente que ha de morrer com elle.

O caso cada vez se torna mais serio. E os tres já se tractam por tu.

Kleber diz:

Treme!

Astarbea tambem brada:

Treme!

E o sultão arremeçando para os dois exclama:

Tremam!

Como vem advertil-o que os francezes já estão senhores da cidade, o sultão desembainha a espada para ferir os dois amantes. Kleber corre á janella da prisão, arranca uma barra de ferro, e os egypcios fogem a bom fugir.

Mas atravez da porta que separa os dois amantes do seu perseguidor, este não cessa de repetir:

Tremam!

Os escravos tambem ameaçam.

Astarbea assustada abraça Kleber, como seu unico defensor; e olha com terror para quanto a cerca.

A orchestra executa um trecho de musica apropriado. Trabalham os ferrinhos, as campainhas, e os pratos atordoam os ouvidos.

Abre-se a terra, isto é, o tablado, e duas enormes serpentes começam a erguer compassadamente as cabeças!

Os amantes permanecem no mesmo logar petreficados de horror!

As serpentes avançam para elles.

Um pensamento subito assalta a mente do grande Kleber, o que dá a conhecer aos espectadores batendo uma grande palmada na testa.

Corre ao balão que aproxima da janella; colloca a sua Astarbea na barquinha... Ah! eu bem percebo a inquietação nervosa da amavel leitora... É tarde, os amantes não poderão salvar-se.

V. ex.ª tem razão... as serpentes distam poucos passos dos amantes: assobiam alegres!

Socege, minha sr.ª, socegue, aquelle uivo, bramido, ou

rugido que estamos ouvindo annuncia-nos a salvação dos amantes.

O crocodilo entra por uma janella, e avança corajosamente com as serpentes, as quaes recuam atemorisadas.

Kleber, que não é homem de perder a occasião quando ella se apresenta, salta para a barquinha, e elle ahi vae por esses ares e ventos, abraçando a amante, e dizendo adeus aos espectadores a quem distribue rebuçados embrulhados em versos como estes:

> Subi com a minha amada
> Até onde ninguem nos viu
> As nuvens disseram: basta
> Até aqui ninguem subiu.

O auctor do drama, homem do seu seculo, e perfeitamente romantico, se havia de estafar os actores com dialogos e monologos, esmaltados de gritos, murros, desmaios, punhaladas, tiros, e mais recursos dramaticos, meteu acertadamente em scena a bicharia!

As serpentes luctam com o crocodilo.

Estamos em uma verdadeira praça de toiros, falta o sol e a sombra, mas não faltam partidos; uns são pelas cobras, outros pelo amphibio.

As palmas e a pateada não se distinguem, e seguem as peripecias do combate, a ponto que a leitora julgará que está em scena alguma dançarina *reconduzida* pela vigesima vez.

São bichos, minha sr.ª, não são dançarinas. Fiquemos bem certos nisto.

Ouvimos musica marcial: a esta hora não póde ser a guarda da praça, e bernarda tambem não é, porque passaram da moda.

A musica vem dos bastidores.

É bem bonito! Parece o templo de Salomão, quando esteve no Rocio!

Astarbea e Kleber marcham á frente dos soldados fran-

cezes. Os cavallos cabriolam, as bandeiras tremulam, o côro canta, e o zabumba está quasi a estoirar e a ensurdecer-nos.

O cortejo parou: é já tarde para salvar o heroe da peça, o sagaz crocodilo.

O bicho está exhausto de forças, e apenas póde erguer-se um pouco da terra, e pôr uma pata sobre o coração, e depois expirar.

Astarbea desmaia: Kleber fica aterrado, e cada soldado tirando um lenço da muchila, enxuga o pranto dos valentes, nas faces crestadas pelo sol de cem combates! As palmas e os bravos retumbam por toda a sala.

Corrido o panno, fervem os chamados.

O crocodilo vem agradecer, trazido pela dama e pelo galan.

O bicho está realmente sensibilisado. Todos lhe acenam com o lenço, chovem retratos de cima do lustre, e não faltam poesias em que o crododilo e a fabula inspiram poetas que presam a arte até nos brutos.

O leitor ha de achar o folhetim hoje theatral de mais; mas estão acabadas as seis columnas, e eu, verdade, verdade, não tenho mais que dizer-lhe.

Ah! agora me lembra; tenho um dialogo de dois touros que a noite passada estiveram conversando ao luar no Terreiro do Paço!

Se a leitora dá licença o folhetim guarda o dialogo para terça feira proxima, para não parecer hoje um arremedo dos *animaes fallantes*.

Depois, minha sr.ª, este espaço é pequeno para outra arca, que não seja a da nossa alliança... litteraria: e eu, aqui em segredo, ainda sou novo para Noé.

— A peça terá mil representações, disse Lady Facil, até os jornalistas dirão bem, como é representado na maior parte pelos bichos... Accresce que o auctor é desconhecido, e pouca gente percebe as recommendações que se resumem nesta qualificação. O escriptor que já é celebre,

quando apresenta qualquer obra ao publico, é odiado, não sómente pelos que estão a par delle, mas pelos que no caminho da gloria já vem perto do logar que a critica destina aos seus idolos.

Para os primeiros é um rival; para os segundos é um homem que está no logar para onde póde ir outro qualquer; e para todos os litteratos, um inimigo commum. O auctor desconhecido, esse, não inspira receio nem ciume. Os candidatos á celebridade applaudem-no, como sendo um dos seus, e cada um dos heroes da época presta-lhe louvores com a esperança de que elle occupará o logar de um dos seus companheiros de gloria.

Cada litterato armado com o successo proprio, procura desacreditar os que se acreditavam antes delle: levantam até onde podem o extremo da prancha onde se assenta o recemchegado, para fazer descer o outro extremo até que chegue á terra. É tão agradavel dizer bem de um collega, quando isto offerece occasião para dizer mal de muitos outros! Os desconhecidos são quasi como os mortos. e bem sabeis, como presamos os mortos... com idéa nos vivos já se entende. Vão transformar em genio o auctor da peça, ainda que seja unicamente para ter a satisfação de considerar parvos os seus predecessores.

—Ainda ha outro motivo, observou Pretorio, o novo poeta é conhecido de nós todos, consultou-nos sobre a sua composição scena a scena, por assim dizer: todos temos no seu drama alguma cousa que nos pertença, ora esta parte de cada um, é pelo menos admiravel para o seu auctor. Desta fórma sustentamos a obra mutuamente. O conselho que o litterato nos vem pedir é como um compromisso tacito tomado antecipadamente em relação a cada jornalista. A musa que dictou o drama é nossa conhecida, não podemos recusar-lhe cousa alguma, pois que para admirarmos uma composição ou uma mulher, o ponto essencial não é que seja formosa, mas que seja condescendente com estes reis da época chamados jornalistas.

É uma explicação bem pouco amavel para os pobres elogiados, interrompeu Lady Facil

— E porque? perguntou Pretorio.

— Porque no vosso diccionario condescender é synonymo de ceder.

— E quando assim fosse... pertencer a um jornalista é governar um rei...

— Com sceptro de ferro, e coroa de papel impresso... atalhou Lady Facil.

— Devieis ensaiar um desses reinados... offereço-me para a experiencia.

— Sim?

— Sem duvida.

— E que diria a isso a rainha do vosso destino?

— Diria, como todos, que ninguem vos póde resistir.

— É por'esse motivo que resisto a todos...

— Saldaes todas as contas com os recursos do espirito?

— É a nossa moeda... e dèsta não me consta que haja peças falsas.

— Falli ha muito, e desbaratei os cabedaes... não me restam nem trocos...

— Compadeço-me de tanta pobreza... quereis ceiar comigo?

— Esta noite?

— Certamente, e com todos quantos aqui estão, espero ter tambem á minha meza os vossos resuscitados. Teremos um divertimento interessante, uma sessão da sociedade das *mulheres sabias*. A Sr.ª Digna ha de fallar: será a farça depois do drama.

Pretorio acceitou o convite, bem como as outras pessoas, e todos se dirigiram para casa de Lady Facil.

XVI

Residencia da Musa do governo. — Sociedade escolhida. — Critico magro e critico pigmeu. — Duelista. — Ceia de sopa de coração de pombos, empadinhas de olhos de canario, miolos de papagaio e outras iguarias. — Uma das esperanças da imprensa. — Marido feito em salada — Aviso ás incomprehensiveis. — Brancos victimas dos pretos. — Discurso da sr.ª Digna a favor da liberdade das mulheres. — Candidatos femeas aos logares de commandante da guarda municipal, governador civil, ajudante do procurador geral da corôa e reitor da universidade. — O nariz da presidente. — Meio de substituir o saco da beneficencia. — Bernarda latente. — Catão de saias. — Moralidade da fabula.

A casa onde habitava Lady Facil, tinha fama de ser o mais bello palacio da capital.

Aquella encantadora morada era o resultado da rivalidade do galanteio que havia entre os membros do governo para com a heroina da época.

O ministro das obras publicas tinha concorrido com as riquissimas e artisticas ruinas de uma antiga cathedral:

O director da academia das bellas-artes offereceu quadros e estatuas, tudo pago pela verba do orçamento academico destinada a fomentar os instinctos da arte, e as suas multiplices manifestações:

O bibliothecario mór uma collecção de livros especiaes com estampas apropriadas, e ricamente encadernados:

O director das caudelarias nacionaes mimoseou a bella com os mais perfeitos typos hippicos da raça indigena, e das raças cruzadas e aclimatadas: em phrase menos hippica e mais alveitar isto quer dizer, que esse benemerito funccionario da republica mandou para as cavallariças de Lady Facil algumas excellentes parelhas de cavallos:

O ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça tomou a seu cargo a ornamentação do oratorio particular, que esta previdente Magdalena desejava ter preparado para o caso de adoecer de arrependimento, como ella dizia muitas vezes.

Lady Facil reconhecia todas estas amabilidades de differente modo.

Magnetisava concessionarios a favor do ministro das obras publicas, e aclarava as questões technicas entre um sorriso e um beijo: passeava a cavallo, vestida de amasona, com o director das caudelarias, que era ao mesmo tempo director

do observatorio astronomico: obtinha commissões para estudarem differentes coisas, a muitos dos seus admiradores, e alcançou votos para o ministerio em todas as questões importantes.

Tinha amigos e conhecidos em todos os partidos, e em todas as classes. A sua casa franca para todos os homens notaveis, era um terreno neutro onde os adversarios se encontravam comendo á mesma meza, bebendo pelos mesmos copos, jogando com as mesmas cartas, e perdendo ás vezes o mesmo dinheiro.

A rainha d'aquelles salões apontava algumas vezes com o sceptro, com o leque, para a porta, e dizia: Deixem ahi, meus senhores, tudo quanto não seja o desejo de se divertirem.

Na casa de Lady Facil todos zombavam dos sentimentos que professavam em qualquer outro logar, e riam á sua vontade do proximo e de si mesmo; as salas deste palacio encantado eram como os bastidores de um theatro em que os actores parodiam os seus proprios papeis.

Era ahi que a geração nova da capital vinha aprender esse sorriso sceptico, que é como o vento da tempestade que açouta as floridas colheitas da mocidade. Era sobre os largos sophás, e nas amplas poltronas, que a ironia campeava fazendo parar successivamente no seu vôo o enthusiasmo innocente, a crença bem viva, as esperanças fugitivas, as illusões mudaveis, pobres borboletas de cores brilhantes, que essa mesma ironia fere, não só com punhaes, mas com alfinetes de aço envenenado, para expor nas convulsões da morte, aos motejos das turbas.

A indifferença para o bem e para o mal substitue o bom senso nas reuniões da moda: o egoismo é a regra da vida: o desprezo dos homens toma o nome de experiencia. A sciencia da corrupção é a sciencia da vida. Ninguem propunha que levantassem patibulos aviltantes para os imitadores de Jesu-Christo, mas davam-lhes por sceptro um polichinello, e ornavam-nos, e coroavam-nos com o barrete

ornado de guisos, que desde os tempos classicos figura na cabeça dos bobos. O sublime nem já produzia ira; ninguem comprehendia, mas todos riam.

Mauricio chegando algum tempo depois de Lady Facil, achou as salas cheias de gente d'aquella que a si mesmo se considera com a classificação de sociedade escolhida... Escolhida!... Onde?... Por quem?...

Vamos, é mister rir como elles.

Pretorio mostrou-lhe um certo numero de homens celebres na politica ou nas artes, por terem feito cada um delles alguma coisa util ou agradavel; e mostrou-lhe um muito maior numero dos que eram conhecidos no mundo elegante por não fazerem coisa alguma.

Entre os primeiros notou Mauricio um homem magro, gesto de aborrecido, e fallando a todos desdenhosamente.

— É o sr. Sceptico, morador na rua da Inveja, e o nosso primeiro critico: vendo que não podia ser auctor de nenhuma producção litteraria, começou a criticar as producções contemporaneas, similhando certas mulheres, que, não tendo nunca filhos, acham insupportaveis os filhos alheios.

Em quanto era só recommendavel pelo talento, ninguem fazia caso delle; mas desde que se mostrou calumniador e cinico, foi declarado homem celebre. O seu processo de criticar é muito simples, consiste em oppôr constantemente dois ou tres nomes antigos e acreditados aos nomes novos.

Nas suas mãos a gloria desses tres nomes é o veneno com que dava cabo de todas as glorias contemporaneas. Oppunha a qualquer livro uma theoria transcendente que o condemnava, e com bastante segurança, porque já tinha sido inventada para esse fim. O methodo surtiu bom effeito, não para o publico que zomba das sentenças de certas criticas, mas para as desgraçadas victimas, que apesar de se indignarem com as censuras sempre as estimam. Os artistas são como as mulheres, preferem que digam mal delles a que os esqueçam, e não lhes dediquem se quer uma li-

nha, ou meia duzia de phrases: não vos admireis portanto de vêr que muitas pessoas se aproximam do sr. Sceptico.

— É o vosso unico Aristarcho?

— Temos tambem aquelle homem baixote, prasenteiro, buliçoso, que se declara bobo do publico para o divertir com epigrammas, e com escandalos. Tem levado algumas bengaladas, mas é chefe de escóla, e já formou uma seita, que não tendo talento para saber louvar, escarnece de tudo. Esta missão é similhante á de carrascos das obras de pensamento, mas apesar de desprezivel dá valor a quem o exerce. O homem que dispõe da vida, não é um homem vulgar para os que podém ser enforcados. É assim que esses algozes da reputação moral e litteraria são lisongeados e festejados, e chegam a ser celebres á custa da sua má fé, como muitos outros em virtude da lealdade ou do talento.

— E não tereis excepções?

— São raras, mas existem. Temos ainda juizes litterarios com certa rectidão de espirito; mas poucas vezes escrevem nos jornaes. A folha diaria é uma casa de pasto para satisfazer o appetite intellectual das turbas, e que presa mais as iguarias apimentadas do que as que são hygienicas.

Da critica Pretorio passou aos elegantes da moda, que estavam em força nas salas de Lady Facil. Cada um delles tinha a sua especialidade que o recommendava ao que se chamava gente escolhida — jogo, cavallos, amantes, eis-aqui os caracteres essenciaes destas classes.

Mauricio reparou mais particularmente para um que parecia merecer consideração especial dos convidados.

— É o barão do Estoque, o mais temido espadachim da republica. Mata quasi sempre o adversario, e por isso é objecto da mais alta consideração. Desculpam todas as suas ousadias, soffrem-lhe as parvoices, com receio de que elle não peça uma satisfação a quem não estiver para o aturar.

Quando se estava fallando nestes termos, o barão veio ao encontro de Pretorio.

—Já sabeis a noticia do dia, ou, para melhor dizer, da noite, disse elle sem comprimentar o jornalista: houve um deputado que apresentou na camara o projecto de lei contra os duelos.

—Talvez seja precaução pessoal, observou Pretorio.

—É um insulto, replicou o barão com gesto furioso... a proposta é incontestavelmente dirigida contra mim, e podia exigir-lhe uma satisfação.

—Mas o tal deputado é procurador, e respondia-vos com a chicana.

—E deixareis passar similhante lei? continuou o barão, dirigindo as suas palavras para Isaac Ferro—uma lei que condemna a pagar multa a quem matar um homem?

—Temeis ficar arruinado? disse o industrial sorrindo.

—Quem sabe? Talvez, replicou o conde lisongeado com o comprimento... assim acontecerá a quem fôr sensivel em pontos de honra... já me bati setenta e quatro vezes.

—Com effeito!

—E matei trinta e dois dos meus adversarios.

—Foi um negocio de cincoenta por cento, disse o sr. Isaac Ferro, com a mesma amabilidade da sua primeira observação.

—E hade um deputado de campanario tentar coarctar-me a liberdade de continuar a minha missão civilisadora, replicou o barão indignado. Não ha de conseguir o seu intento. O duello é a unica defeza da moral e da honra. Sem o duello quem não souber jogar as armas terá o direito de vos dizer impunemente o que lhe veio á mente. Bastará ter a razão do seu lado para ousar levantar a voz. Não havemos de passar por similhante vergonha. O meio unico de conservar a polidez, a justiça, e a lealdade, é manter o direito a quem se julgue offendido de metter uma bala no corpo de quem o offender.

Proferindo estas palavras em tom solemne, o barão voltou as costas, e foi ter com outro grupo.

—Acabaes de ouvir a opinião de um grupo especial que

nos prova a necessidade do duello para castigar os crimes que a lei não alcança. Esqueceu-lhe accrescentar que na sua justiça do acaso é ás vezes o offendido que morre, e o criminoso que triumpha. Dizem que o duello é uma garantia contra a existencia dos covardes, e fingem esquecer que póde servir de auxiliar á ousadia dos espadachins.

Annunciaram que se ia servir a ceia.

A meza vergava com o pezo das iguarias mais delicadas, que eram as mais raras.

Mauricio não pôde reconhecer em tantos inventos que tinha diante de si nenhum vestigio dos antigos livros de cozinha.

Nas paredes da sala de jantar estavam pendurados grandes quadros contendo o programma da ceia.

Reparando mais especialmente em um dos quadros leu :

Sopa de coração de pombos;
Compota de linguas de perdiz;
Fritura de figados de andorinha;
Empadinhas de olhos de canarios;
Miollos de papagaio.

Mauricio não quiz ler mais, e para logo comprehendeu que a civilisação tinha imitado os contos das fadas, que já eram antigas no seu tempo, em cujos banquetes a esquisitisse chegava a ponto de se apresentarem na meza, das fadas, bem se intende, pratos com unhas de formiga.

Os convidados comiam a bom comer, e a conversação que affrouxou em quanto os estomagos se não fortificaram, tomou calor ao ser refrescada pela primeira descarga das baterias de garrafas com preciosos e delicados vinhos. Aopé de Mauricio ficava um mancebo com barbas de pacha, e um par de lunetas a cavallo no nariz. Este figurão tinha sido apresentado ao nosso resuscitado como uma das mais frondosas esperanças da imprensa da republica. Chamavam-lhe Marcellus, como allusão ao heroe cantado por Virgilio : *Tu Marcellus eris!*

Fallava com extrema facilidade, e á sua fé era tão incontestavel que se acommodava a tudo. Passava successivamente dos cafés para as capellas em que se resava o terço; dos bailes e das casas de jogo para ouvir os sermões do padre Pancada, ou de outro orador de fama... e era tão orthodoxo quando cantava o *dies iræ*, como quando dançava fogosamente com as deidades duvidosas e suspeitas de qualquer café-concerto.

Marcellus tinha começado por applicar a sua piedade instinctiva a comer e beber; e assim que havia cumprido estes seus primeiros deveres para com a *sua prisão* (nome que dava á barriga) começou a conversar com Mauricio.

— Pelo que oiço vivestes no seculo dezenove, disse Marcellus, acabando de engolir a ultima garfada de um guisado: era bem ditoso esse tempo de innocencia em que o homem desembaraçado de tantos desejos que ao presente nos tentam e perdem, unicamente pensava em nutrir a alma...

Neste ponto encheu a bôca com outra garfada, e não pôde continuar no entanto o edificante discurso.

Mal que desembuchou seguiu assim o exordio:

Felizes tempos eram esses: não voltarão, e com elles se perderam essas gerações corajosas e fieis, que se preparavam para gosarem de um mundo melhor, bebendo com o leite as idêas puras da fé.

Tomando o calix, que despejou com um trago, saboreou bem o gosto do vinho côr de topasio, que era precioso, e assim ficou alguns instantes, como um verdadeiro crente que está meditando e digerindo.

A conversação era animada no outro extremo da meza, Pretorio estava contando a historia de uma das elegantes da capital, que, entre os desejos originaes do seu estado interessante, tinha tido o de comer o marido em salada com azeite de mandubi e vinagre de cerveja.

— E a tal heroina devorou o marido? perguntou Palafox.

— Deixou-lhe os ossos, e bem descarnados!

— Estava no seu direito... a lei declara que o marido deve alimentar a mulher...

— E a egreja accrescenta, que são ambos a mesma carne...

— O que não impediu o ministerio publico de querellar da antropophaga!...

— Certamente que o delegado é casado, e quer evitar maus exemplos a sua mulher!...

— Ora essa!

— Mas se a desgraçada provar que cedeu a um desejo irresistivel?

— E que assim conservou a vida de um innocente?... disse o critico.

— Matando o pae para conservar o filho? accrescentou o sr. Isaac Ferro.

— E ella ainda é moça? perguntou o barão.

— Vinte annos.

— É bonita?

— Encantadora.

— Está portanto provado que o tal alimento é sadio, e deve ser adoptado pelas nossas elegantes.

— Não admira o facto, porque é sabido que as pessoas que comem bastante carne, criam muito bom sangue.

— A verdadeira fonte da mocidade está portanto no matadouro.

— Como Hippocrene, Shakspeare era filho de um cortador.

— É em virtude do rosbife que a Inglaterra classica foi denominada por Byron *um ninho de cisne.*

— A proposito de Inglaterra, disse um dos convidados: sabem o que succedeu á filha do nosso embaixador? Foi roubada pelo secretario do pae, e ambos fugiram para o cabo.

— Isso é velho.

— Sim, é velho; mas o que é novo e original, é que o roubador julgou a final que miss Confiança era meiga e loura de mais.

— Então mandou tingir-lhe o cabello por algum Baron?

— Jogou-a ao bilhar.

— Ah! é admiravel, originalissimo.

— E perdeu?

— O ratão foi toda a vida feliz ao jogo.

— E o capitão que havia ganho quiz fazer valer os seus direitos.

— E a loura esteve pelo jogo?

— Não, deitou-se da janella abaixo.

— De pouca altura, de rez do chão?

— De um terceiro andar.

— Com effeito! E o amante?

— Mandou-a enterrar com decencia, embarcou logo no vapor submarino, e chegou ha pouco á nossa capital, apto e disposto para continuar as suas proezas, o que se deve annunciar no *Jornal do Commercio* como aviso ás meninas incomprehensiveis, que desejem repousar em terra estranha.

— O sr. Cezar Torneira deve escrever um romance sobre o caso.

— Em verdade é uma optima idéa, disse o fabricante de folhetins, que estava devorando um refugado de orelhas de macaco: heide communical-a ao meu contra-mestre.

— E o romance será moral, ou immoral?

— Conforme a encommenda, replicou Cezar; temos no escriptorio quatro amostras de genero: gosto de Luiz XIV para os jornaes da alta sociedade; gosto allemão, inintelligivel para os nossos collegas litteratos — gosto theatral para a classe popular — e genero virtuoso ou insipido para os jornaes sem partido, isto é, para os que ninguem lê, senão os respectivos redactores. Qualquer assumpto póde ser tractado pelo genero que o freguez escolhe.

— Tambem vos recommendo como assumpto palpitante a historia do branco da Martinica, disse o sr. Isaac Ferro.

— Ainda ha brancos nas Antilhas? observou Lady Facil com admiração.

— Uma unica familia escapou do exterminio, e os negros divertiram-se atormentando-a.

— Pobres negros... se elles não tem divertimentos, nem theatros subsidiados!

— Já mataram o pae com dois filhos...

— Foi por ignorancia!

— Afogaram o avô...

— A intenção não era má!... se elles são como as creanças!

— Finalmente, a mãe foi preza até se poder resgatar mediante cem mil piastras...

— Preço que bem prova a alta estima em que tem os brancos! disse o sr. Gaudencio Enternecido, philantropo de quem eram as interrupções deste dialogo a favor dos pretos.

— Foi ao saber deste facto, que o filho, uma creança com dez annos, partiu a fim de reunir a somma exigida.

— E já chegou á capital?

— Depois de ter naufragado por duas vezes.

—Eis-ahi um modelo de amisade filial! exclamou Palafox; voto para que o declarem heroe...

— Com uma dotação de cem escudos.

— Obterá ainda mais, observou o deputado fabricante. Vão organisar uma loteria a seu beneficio, e um baile de subscripção, onde o beneficiado dançará a polka dos negros!

— E tudo por sua mãe, que a pobre creança não poderá já salvar da morte!

— Longe vão as tristezas, exclamou Palafox... Aposto que o vosso rapaz da Martinica já põe navalha na cara ha muitos annos... O que tudo isso me parece é um aperfeiçoamento do roubo á americana. Sois bem desprecavido se ainda acreditaes nos orphãos... A questão, quanto a mim, está fóra da ordem; como se tracta de uma mulher escrava, o assumpto é incontestavelmente da competencia do gremio da sr.ª Digna.

— Ah! já me esquecia que tinha promettido uma sessão da sociedade das *mulheres sabias*, observou Lady Facil.

— Da qual sois socia?

— Benemerita.

— E que se reune em minha casa, continuou Lady Facil, no meu theatrinho... reservei logares para nós todos... a sessão já deve ter começado, vamos presencial-a.

Todos se levantaram da sala, e foram seguindo Lady Facil, que ia pelo braço do ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça da republica.

Quando entraram no theatro, e tomaram os seus logares, a sala já estava cheia de mulheres de differentes edades, dos trinta aos sessenta annos, e de todas as classes, desde a viuva do general reformado até á adella ambulante não agremiada.

Assim que a famosa assembléa viu os homens que acompanhavam a Lady, foi geral a gritaria; as mais freneticas bradavam: morram os homens; e as mais bem educadas ameaçavam-nos com os punhos cerrados, como se os convidassem para alguma partida do classico sôco inglez.

— Lady Facil pediu silencio, e nestes termos se dirigiu á multidão ensaiada, que sem ensaios representava a metade fragil, e imberbe da humanidade.

— « Senhoras! disse ella com voz firme.

« Trouxe-vos os chefes do exercito inimigo para que possam julgar da vossa força, e conhecer as vossas resoluções. Quando elles conhecerem o perigo que os ameaça, comprehenderão que é inutil a resistencia opposta ao nosso dominio, e perceberão que já raiou o dia annunciado por aquellas palavras do evangelho — *que os primeiros serão os ultimos,* o que evidentemente significa — que as mulheres marcharão d'ora ávante pelo caminho dos progressos materiaes, resignando-se os homens a segurar-lhes a cauda dos vestidos, porque o tal caminho é muito sujeito á lama que suja a reputação dos benemeritos caminhantes. » *(Bravos geraes corresponderam a este brilhante improviso.)*

Soou o toque de uma campainha. Era a sr.ª Digna que

subindo ao tablado com os outros membros da meza ia tomar a presidencia.

Houve alguns applausos, mas fracos e contrafeitos. Facilmente se conhecia, pelo aspecto da assembléa, que cada uma das assistentes se julgava pelo menos com tanto direito á presidencia como podia ter a sr.ª D. Digna.

Esta disposição de espirito era traduzida por varios dialogos.

— Ah! é aquella a nossa presidente?

— Não é a oitava maravilha, por certo!

— E que vestido tão mal feito!

— Quando me revolucionar heide ter general mais bonito do que ella!

— E que nariz! Santo Deus!

— Não admira que tenha odio aos homens: elles hão de pagar-lhe bem na mesma moeda!

— Attenção que vae escancarar a bôca!

— Temos discurso!

— Que semsaboria! Se ella me désse ao menos uma pitada!

— Tinham dito que havia musica e bolaxa á vontade!...

— É sempre assim em todos os programmas, sem excluir os dos ministros! Todos promettem mais manteiga do que pão!

— Silencio! Ella levantou o braço, é signal que vae fallar.

A sr.ª Digna tinha com effeito aberto um volume manuscripto, ajustou mais convenientemente os oculos, e levantou um pouco a cabeça para fingir aspecto nobre.

O susurro que havia na assembléa foi cessando, e a presidente do gremio das mulheres sabias tomou a palavra nos seguintes termos:

— « Estando ainda commovida com as provas universaes de benevolencia que me são prodigalisadas por esta nobre assemblêa, mal sei como possa investir com a grave questão que nos reuniu neste logar.

O meu coração está por tal fórma perturbado, que re-

ceio os desvarios do espirito, porque sinto, contra a propria vontade, que me enterneço de gratidão.

Senhoras! É essa mesma gratidão que me recorda a importancia da minha missão, é ella — a gratidão — que me reanima as forças, e aquece as esperanças. Passado o extasis de sensibilidade, que é um tributo pago á natureza, enceto mais forte e inabalavel a exposição dos meus principios.

Conheceis já o meu plano. Quero realisar para o nosso sexo a grande revolução que a França realisou outr'ora para as classes.

Mirabeau proclamou do alto da tribuna, que tinham acabado os plebeus — eu digo-vos deste logar onde os vossos votos me elevaram, que se acabaram as mulheres!

Sim, senhoras, não haja mais mulheres — deixemos a fragilidade, e fiquemos com a belleza, visto que os homens nos tem condemnado até hoje aos cuidados abjectos do arranjo da casa, e aos deveres equivocos da maternidade.

Não haja mulheres, já que ellas não podem dirigir as fabricas, commandar os navios de guerra, nem desempenhar o benemerito serviço de cabos de policia. Não haja mulheres, já que os homens assumiram o privilegio e monopolio de poderem morrer na guerra, nas viagens, ou no trabalho, em quanto nos deixam a roca, as chaves da despensa, a crinolini, os cueiros, e o rol da roupa...

Mas por que meios chegaremos a essa transfiguração? Tal é a pergunta que na sua mente nos está dirigindo cada uma de vós.

Essa é a chave do negocio, o ponto serio do problema cuja solução se tem procurado, haverá vinte seculos, que se continnaria a procurar se eu não tivesse nascido no beco do Encerrabodes, para vos libertar.

Senhoras e mulheres: é duro, mas é mister conservar estas distincções dos editaes do passeio publico: como ia dizendo, senhoras e mulheres, eu venho acabar o que Eva não soube começar. Nasci para vos dar o sceptro do mundo!

Neste periodo a sr.ª Digna interrompeu o discurso, a fim de prolongar a palpitante attenção da assembléa, o que todos aproveitaram para se assoarem.

Socegados os narizes (pois em todos os auditorios o nariz representa o elemento rebelde e turbulento), a oradora continúa gesticulando como uma macaca:

Deslumbra-vos a perspectiva que vos apresento? Parece-vos que não podereis obter o resultado que vos annuncio senão ao cabo de muitos e dolorosos esforços? Estaes prevendo alguma combinação nova e imprevista?

Desenganae-vos, sexo amavel, de que tenho a honra de fazer parte, o meio inventado por mim já foi proposto ha dois mil annos por um poeta grego, chamado Aristophanes, mas sem lhe comprehender todo o alcance.

O meio a que me referi é baseado sobre a observação e a natureza: domará o homem tão facilmente como a fome doma o cavallo de circo, quando aprende a comer salada á meza, ou a disparar uma pistola: como a falta de somno domestíca o cão para jogar o dominó; como o opio e o ferro em brasa vencem a panthera que deve representar sobre o tablado.

Bem estou percebendo que estaes impacientemente procurando na mente qual possa ser esse meio. Segui outro methodo se quereis adivinhar-me o pensamento.

Investigae qual era a paixão mais vehemente do homem, a mais geral, a mais continuada e persistente; recordae-vos do que fez arder Troia, do que transformou Roma em republica, e se ainda me não expremi claramente, lêde a explicação do proprio poeta grego, traduzida para instrucção da ignorancia: os exemplares estão á vossa disposição.

A estas palavras a sr.ª Digna fez um signal ás secretarias, que tirando de um elegante cesto os impressos a que ella se referia, os distribuiam abundantemente pelos circumstantes.

Dentro em poucos instantes os impressos giravam por todas as mãos.

Os exemplares que chegaram ao camarote de Lady Facil e seus convidados mostravam que o folheto distribuido era um fragmento da Lysistratata.

O meio exposto pela presidente do gremio das mulheres sabias estava perfeitamente explicado na comedia grega.

Os homens seriam vencidos pela fome, não da boca, mas do coração. Todas as mulheres para se alcançar o prodigioso resultado se deviam sujeitar a uma especie de bloqueio continental, admittindo que a palavra diplomatica do seculo dezenove se deriva de continencia. Por este meio os seus tyrannos, mudados em victimas, entregar-se-iam á discrição.

A leitura grega produziu grande effeito na assembléa, todas percorriam as paginas do folheto, manifestando curiosidade, e depois de terem lido ainda comprehendiam melhor a singularidade e belleza do plano.

A sr.ª Digna quando julgou que os espiritos deviam já estar sufficientemente esclarecidos, pegou novamente no caderno, e seguiu assim a leitura do estravagante discurso:

Conheceis ao presente, irmãs e amigas, o meio que deve assegurar o vosso triumpho, e nenhuma de vós ousaria duvidar da sua efficacia.

No dia que as mulheres recorrerem a esse meio, o homem ficará subjugado.

Victus et inermis drago! Não vos espante a citação latina; uma vez que a realeza pertença ao vosso sexo, o latim fica incontestavelmente á vossa disposição, assim como a esgrima e os tiros de pistola.

Repetirei portanto:

Victus et inermis drago!

Assim que os vossos inimigos se deem por vencidos, convem dispor as coisas de modo que elles não levantem mais cabeça. O meio mais seguro de obter similhante resultado, é outhorgar uma nova carta, á qual não chamaremos constitucional, mas *carta femenil.*

A revolução franceza proclamou na antiguidade os direi-

tos do homem, nós vamos substituil-os com os direitos da mulher, que de hoje em diante serão a nossa lei.

DIREITOS DA MULHER LIVRE

ARTIGO 1.º

Deus será do sexo femenino, desde a data da presente carta, em razão da sua omnipotencia e perfectibilidade.

ARTIGO 2.º

Os direitos da mulher consistem em não reconhecer nenhuns direitos ao homem.

ARTIGO 3.º

Todas as mulheres serão eguaes para mandar, e todas os homens serão eguaes para lhes obedecer.

ARTIGO 4.º

Todos os logares do orçamento pertencerão ao sexo mais interessante e mais fraco, exceptuando aquelles que o referido sexo não quizer, os quaes neste caso, e em nenhum outro, pertencerão de direito ao sexo feio, e mais forte.

ARTIGO 5.º

Todas as mulheres casarão, e todos os homens ficarão solteiros, ou, em outros termos, os homens não terão senão deveres para cumprir, em quanto as mulheres permanecendo livres, não conhecerão senão direitos.

ARTIGO 6.º

As mulheres terão exclusivamente as chaves dos cofres publicos e particulares, cumprindo aos homens o encargo de os encher.

Ao cabo deste decalogo rebentaram exclamações freneticas. O que mais admirava, sobretudo, o auditorio era a equidade com que se estabelecia a egualdade humana!

Os bravos de *Viva a nossa libertadora! Viva a sr.ª Digna!* traduziam o enthusiasmo geral: e cada uma das ouvintes já indicava o logar que desejava; umas redactoras de bolletins, fiscaes de companhias, e quasi todas gritavam para que as nomeassem officiaes de secretaria, indicando mais de trinta repartições novas para se crearem, e sem as quaes não podiam viver certas cidadoas mais chegadas ao ministerio.

Era notavel um grupo de quatro que disputavam entre si os logares de commandante da guarda municipal, governador civil, ajudante do procurador geral da corôa, e reitor da universidade.

A que se julgava com mais direito a commandar a guarda municipal, era miope, e sem uma perna, o que a obrigava a trazer muleta: o mais valioso titulo para a sua pretenção era o bigode grisalho, que rebentava de dois amplos signaes nas duas extremidades do labio superior.

A candidata ao logar de governador civil era cega e surda, mas berrava por tres, para sustentar o direito de ser provida em um logar que tantas vezes se tinha dado á imbecilidade ou á intriga. Sou fidalga, e basta, dizia ella. Os governos civis pertencem aos pergaminhos, e ninguem os tem mais velhos do que eu.

Em frente destas duas velhas ficavam duas formosas mulheres, uma loura, de olhos azues, e faces rosadas.

Ao vel-a lembravam aquelles versos:

> Ella tem as douradas molles tranças
> Que Adonis tantas vezes, pelos bosques,
> Te desembaraçou de humida relva,
> E de amassadas flores:
> Seus olhos como os teus, dardejam gosto
> Que aquece, que inquieta o assento d'alma.

Aspirava á procuradoria da corôa.

A pretenção verdadeiramente celebre era a que defendia a outra mulher com mais alguns annos do que a loura, mas ainda bella. Esta era o typo romano aquecido pelo sangue hespanhol. Fórmas robustas, mas elegantes. As espadoas nuas tinham a alvura do marmore, quando a luz do sol vinha, coada pelos veus, illuminar as bellas estatuas da Grecia; o cabello era negro, fino, basto e ondeado: os olhos grandes e expressivos feriam com a vista o olhar ousado que os tentasse fictar por algum tempo. Não eram nem negros, nem castanhos, mas de um tom de côr que fica entre estas duas, que participa de ambas, e liga a fereza com a ternura, a provocação com o despeito, o delirio com a razão. Estes olhos quando por fortuna se encontram estão pelo menos nos trinta annos, e d'ahi em diante ninguem lhes póde saber a edade, até que elles se fechem para o amor e para a vida, porque morrem como a rosa, quando depois de desabrochada, e na força do viço, perde a côr e o perfume, e para logo secca e fenece.

Perdoe-me o leitor se estive seguindo estes olhos com a mesma attenção com que o faziam os convidados de Lady Facil; e já satisfaço a sua curiosidade dizendo-lhe que o logar pretendido pela socia do gremio de que nos estamos occupando, era o de reitora da universidade! Com tal reitora os estudantes certamente não seriam riscados, mas andavam em risco de perder a cabeça, e quem sabe se a alma.

A ambição era neste congresso como a mascara: cada associada tomava o que mais lhe convinha.

A sr.ª Digna expressava por muitos modos a satisfação que a dominava assistindo á reitoria das suas idêas.

A socia que tinha embirrado com o nariz da presidente, era uma velha classica, empregada na bibliotheca, e não deve admirar que voltada para a que lhe ficava ao lado estivesse dizendo:

— Um dos meus classicos que fez vocabularios, prosas e charadas é que pintou acertadamente á parte do rosto

que acho mais expressivo na nossa presidente; se quereis saber qual é adivinhae:

> No frontispicio do Microcosmo
> Sou a parte, que para fóra mais sáe,
> Entre duas meninas é o meu assento;
> Sempre pendente estou, mas tão firme,
> Que não posso cair para baixo.
> Com licença de palacianos,
> Sem offender magestades,
> Na presença dellas me alimpo;
> E com licença dos theologos
> Sem affectar santidades,
> No ponto que a natureza me deu,
> O logar da virtude occupa:
> Mas quando a mostarda me chega,
> Não dissimulo o enfado.

A presidente tinha oculos içados para a testa, olhava replecta de contentamento para um masso de manuscriptos que estavam sobre a meza, e eram o verdadeiro motor de todas as rodas do seu engenho, como diria um academico do conde da Ericeira.

Tendo serenado o enthusiasmo ella tornou a tomar o fio do discurso, em estylo parlamentar, em que o homem se fia no fio d'aquelle em quem não confia.

« Previa a satisfação e o enthusiasmo que manifestaes: vejo em signaes tão evidentes de jubilo mais uma garantia de que o nosso triumpho será incontestavel. Sim, queridas cumplices, deveis reunir-vos para vencer a ferocidade desse sexo que repelle os adversarios, sem respeitar a sua fraqueza, e não tendo ao menos nem a generosidade de se deixar atacar sem se defender.

Convem, portanto, minhas queridas amigas, que todas as mulheres nos auxiliem e conspirem comnosco a favor da liberdade; mas só poderemos alcançar este resultado por meio de uma propaganda em que nos auxilie a publicidade.

As instrucções que se devem imprimir existem, estão ha muito redigidas por mim: dez annos de vida consagrei

a esse improbo trabalho. Constam de romances, poesias, tratados philosophicos, impressões de viagem, dramas, comedias, scenas comicas. Adoptei successivamente todas as fórmas litterarias.

Este saco, que tenho a honra de vos apresentar, contém a materia de noventa e quatro volumes em oitavo, sem rasuras, entrelinhas, nem coisa que duvida faça. É a revolução do mundo em manuscripto; falta unicamente o mais insignificante, as despezas da impressão; e de cada uma destas folhas de papel que aos milhares estão nestes maços, se póde apropriadamente dizer:

> Em uma planicie mais direita,
> Que as folhas da açucena,
> Apparecem muitas irmãs,
> Que sem estarem de nojo,
> Andam vestidas de luto.
> Este campo é tão fertil,
> Que sem sol e sem chuva,
> Nelle logo se vê nascer
> O que nelle se seméa.
> Andam por elle Apollo,
> As musas e Minerva,
> E na superficie é capaz
> De coisas muito fundas.
> Todos nelle tem logar,
> Vivos, ausentes e mortos,
> E para todos é egual.
> Quanto mais branco é
> E menos para visto.
> Somente dá para intender,
> Quando se faz escuro.

As despezas de que vos fallo, minhas amaveis socias, comprehendendo a justa retribuição do trabalho da auctora, não póde ser feita senão por esta benemerita associação. Tenho portanto a honra de vos propôr em nome da meza uma subscripção, aberta desde já para a immediata impressão das minhas obras completas.

O nome de cada subscriptora, e a quantia com que concorrer para este acto de civilisação femea, serão lançados

em um livro, pela minha secretaria, que para esse effeito achareis á porta principal.

Ao acabar de proferir estas palavras, a sr.ª Digna tirou os oculos, comprimentou a illustre assembléa, e saiu com os outros membros da meza.

Ninguem applaudiu.

A idéa de uma subscripção tinha gelado as esperanças, e amortecido a coragem mais fogosa.

Um certo rumor de descontentamento principiou a circular pela assembléa.

— Foi um laço que nos armou com esta sessão, em que nem ouvimos a philarmonica, nem versos ao piano...

— O seu unico fim é obrigar-nos a concorrer para que se imprimam as obras do seu talento dorminhoco...

— Quer fazer um patrimonio á nossa custa para ver se acha algum marido, não obstante os oculos, e aquelle portentoso nariz...

— É uma visionaria...

— Uma doida...

— Uma intrigante...

— Eu não dou nada...

— Nem eu...

— Nem eu...

— Nem eu...

Não obstante as intenções que tão unanimes se apresentavam, todas olhavam com certo embaraço para a porta em que as estava esperando a secretaria particular da sr.ª Digna. Passar diante de um livro de subscripção sem dar coisa alguma, é sempre mais difficil do que se pensa. Custa sacrificar, não a generosidade, mas a parvoice.

Todas dizemos:

O que hão de pensar? Julgarão que é uzura, regidez de caracter, ou pobreza. A esta ultima supposição coramos, e metemos insensivelmente a mão na algibeira.

Era isto mesmo que tencionavam fazer as mulheres sabias, muito contra vontade, quando viram uma porta mais

retirada por onde podiam sair, evitando o perigo da subscripção na porta principal.

Todas tomaram este caminho como se fôra um novo cabo, não da boa esperança, mas da boa saida.

Quando um lacaio agaloado vinha ver se podia apagar os lustres, achou a sala já sem viva alma.

A presidente, que estava no tablado, veio á rampa, para se assegurar do triste desengano com os proprios olhos.

Infeliz mulher! Teve que deixar cair os oculos no nariz, e, cobrindo a cara com o seu par de luvas de algodão pardo, exclamou como Catão depois da batalha de Philippes:

Diutius vixi!...

Palavras que a secretaria traduziu assim:

Eu tinha muitos manuscriptos...

No entanto Lady Facil, e as suas visitas, haviam saido da galleria, rindo desapiedadamente da sessão que findára.

Mauricio e Martha permaneceram sós na sala deserta, no mesmo logar em que tinham estado, e com as mãos enlaçadas olhavam um para o outro.

Foi Mauricio que primeiro fallou, encostando a cabeça a um dos hombros de Martha, que se conservava pensativa.

— Não mudam com os seculos, os desvarios da humanidade! Para que se haviam de querer dividir em dois campos os filhos de Deus? Não será Eva da mesma carne de que foi formado Adão?

Porque não comprehenderá a humanidade que só o amor em vez do direito póde acabar com a escravidão?

A base das allianças, a sua força, não póde provir das suspeitas, nem das recriminações. Amae como Deus ordenou que vos ameis, e não se distinguirá quem manda de quem obdece.

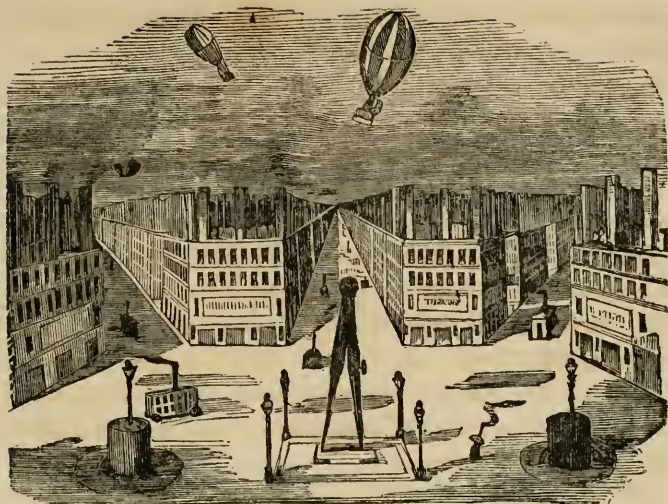
— Foi assim que vivemos, e que devemos continuar a

viver, respondeu Martha, voltando-se para Mauricio que lhe beijava os annellados cabellos.

As lagrimas saltavam dos olhos do mancebo, e depois de ter abraçado Martha disse-lhe a custo.

— A nossa falta entre os convidados já deve ter sido notada ; e que pensariam elles, se nos podessem vêr e ouvir? Nem se quer nos comprehendiam, pois que a intelligencia unicamente se eleva á comprehensão das idéas sublimes nas aspirações da alma, ao passo que entregue aos interesses materiaes da realidade, apenas rasteja pela terra, parecendo-lhe o horisonte da vida cada vez mais limitado de dia para dia. Hontem choravas sobre este mundo novo, porque o amor o tinha desamparado; mas na fuga levou comsigo uma companheira.

— E qual foi ella?

— A poesia.

VIDAL JUNIOR

TERCEIRA DIGRESSÃO

I

Meia doze de philosophia. — Correspondencia monstro. — O Secretario portuguez em 3000. — Mais philosophia. — Um livro andante de cavallarias paradas. — O egoismo pisando a fé. — Nesga de governo constitucional. — A Constituição. — Poder moderador da cadeira. — Como se concerta o chefe legitimo do governo. — Vantagens politicas e economicas da escova e do espanejador. — Os deputados. — Camara dos valetudinarios. — Habilitações especiaes. — O quarto poder. — O carro do estado. — As opiniões politicas e os quartos para alugar. — Eleitores pagos pelos deputados. — Circular de um Centro aos circulos.

alma humana é alimentada no ardor pelas difficuldades.

Ao ser ameaçada de perder a coisa mais futil, para logo se apaixona; ao passo que se mostra indifferente com o que obteve sem sacrificios. Ambicionamos com todas as forças do desejo o elogio que nos difficultam, e no entanto recebemos com indifferença a carta de um admirador vulgar e desconhecido.

Compramos com avidez os livros do escriptor que nunca vimos; mas desde o dia que elle pessoalmente nos offerece um exemplar, não lemos nem mais uma das suas paginas.

Acontece algumas vezes estarmos a descobrir os meios de nos apresentarmos em casa de um visinho; mas se elle nos visita primeiro já ficamos desconfiados. Para esquecermos qualquer homem que estimamos, bastará vel-o todos os dias. Quando o encontramos unicamente uma vez por anno informamo-nos cuidadosamente dos seus intentos, das suas idéas: tomamos verdadeiro interesse na sua sorte, mas assim que todos os dias lhe fallamos, mal a sua presença significa um costume, e não um desejo, não nos dá cuidado a sua vida, nem as suas infelicidades ou venturas.

É bem singular a natureza humana! Só presamos o que nos sabe repudiar; e tudo quanto nos procura suscita indifferença ou desconfiança.

Taes eram as observações mentaes que o nosso dr. Universal estava fazendo diante da sua meza de trabalho, coberta de volumes cujas folhas estavam por abrir, não obstante os auctores terem vindo pessoalmente offerecel-os ao enfatuado academico, bem como de jornaes gratuitos com as cintas intactas.

No começo da carreira, essas homenagens publicas teriam embriagado o futuro academico; mas depois, quando se julgava bem forte na sua posição litteraria e economica, já o enfastiavam similhantes testimunhos de consideração, mais pela fama do que pelo homem.

O que mais o preocupava era a necessidade de responder ás trezentas cartas que tinha diante de si, porque o doutor sabia que a exactidão não era só a pollidez dos reis, mas tambêm a dos individuos que se entregavam com paixão á epistolographia. O nosso academico correspondia sempre a quem lhe escrevia. Tinha para isto abundancia de exemplares lithographados de tres modêlos, a que reduzira a sua numerosa correspondencia.

Se devia responder ao offerecimento de um volume de poesias que tinha vindo acompanhado com uma carta extatica, tomava o modêlo n.º 1, e só tinha a pôr-lhe o sobrescripto e assignar.

« Meu estimadissimo vate!

« O vosso coração é uma lyra! Perdi, antes lucrei uma
« noite da minha trabalhosa vida lendo... *(aqui o titulo
« do livro).* As horas que deviam ser de mais somno foram
« as de mais enthusiasmo: tal era o poder do estro que
« me arrebatava a alma ao som da cadencia homerica dos
« vossos versos.

« A musa que os inspirou é como aquellas aves de lati-
« tudes differentes da nossa, que fazem os ninhos nas ar-
« vores gigantescas, cantando sobre o pincaro dos roche-
« dos, e pairando nas nuvens. Continue, meu caro poeta,
« continue, e o que ao presente a sua extrema benevolen-
« cia pensa a meu respeito, será um dia repetido com mais
« justiça do seu talento, pela posteridade que imparcial-
« mente nos ha de julgar. »

Se a resposta dizia respeito a qualquer publicação periodica servia o modêlo n.º 2:

« Meu querido Redactor!

« Salve, athleta da imprensa! Tendes a tempera do aço
« mais fino. Li, reli, e tornei a lêr *(o nome da publicação).*
« Os argumentos que empregaes parecem essas armas que
« ferem pelos dois lados, e tambem pela ponta. O minis-
« terio treme á vossa voz, e seguramente cairá, ou vos
« dará uma cadeira: a opposição, ciosa da vossa ascenden-
« cia curva a cabeça como vencida e subjugada por um
« campeão, que sabiamente se mantem entre o poder e os
« seus inimigos, como intoleravel a ambos, ardendo no santo
« amor de patria, que o fará seguir um ou outro rumo,
« segundo os acertados caprichos da vossa desinteressada
« conveniencia.

« Continuae, Samsão das columnas typographicas de

« todos os jornaes, e o louvor com que honraes as minhas
« obras, centuplicará no futuro a vosso respeito. »

Para responder á remessa de um manuscripto, recorria ao modelo n.º 3:

« Meu caro e modestissimo confrade !

« Tendes uma orchestra na imaginação. Li com enthu-
« siasmo, delirio, encanto e avidez... (*titulo do manuscripto*).
« As concessões do vosso genio são similhantes áquellas
« symphonias, em que se ouvem todos os tons e harmo-
« nias.»

« Continue, e o que dizem de mim, segundo a sua opi-
« nião, será muito mais augmentado pelo futuro quando a
« imprensa multiplicar essa prova do seu admiravel ta-
« lento.

A expedição diaria de todas estas cartas tinha augmentado prodigiosamente a popularidade do academico.

Todas as pessoas a quem elle louvava tão hyperbolicamente, eram pregoeiros da fama do doutor.

Quem ha de deixar de elogiar uma celebridade que lhe escreve?

Quanto mais illustre é o homem que nos escreve, mais nos deve honrar o louvor. Devemos transformal-o em heroe quando não fosse senão para augmentar o valor dos seus authographos.

O dr. Universal conhecia todas estas circumstancias e não despresava nenhum dos meios conhecidos de inventar e conservar qualquer reputação.

A gloria dos individuos é semeada pelo acaso, mas só a estudada habilidade de quem a requesta a póde fazer desenvolver e engrandecer. Muitas pessoas são aptas para estabelecerem a boa reputação do seu merito, mas são poucas as que bem conhecem a arte de a conservar.

É mister para obter este resultado a destreza que pre-

para, a presistencia que funda, e o egoismo que fortalece. É necessario principalmente muita vaidade e pouca soberba, pois que a vaidade é uma vela que nos leva pelos mares deste mundo, e que nós mesmos inchamos: e a soberba é a ancora forte e vigorosa que nos obriga a ficar immoveis.

Lisongeae a quantos fôr possivel, cûrvae-vos ante algumas das potestades frageis deste mundo, ainda mais fragil; mas apparecei em todos os logares onde o homem é apreciado, ou considerado. Deveis ter do vosso merito a opinião que desejaes impor aos outros, porque o homem é imitador até das sensações. A estima que a vaidade fizer bem patente como sendo da nossa alma para o nosso merito será infallivelmente contagiosa. Livrae-vos unicamente de justificar demasiadamente as vossas pretenções.

A admiração não quer ser obrigada, podem-na obter de nós como favor, mas nunca a obtem como um direito.

Todos os homens são pouco mais ou menos da familia de Themistocles, e os tropheos dos Miltiadas tiram-lhes o somno. Contentae-vos, portanto, em fazer sobresair o passado; tomae logar entre esses duques e pares da gloria, que hoje figuram muito, porque outr'ora representaram alguma coisa. Assim sereis acceito como uma illustração posthuma, que todos honram, porque não faz sombra a ninguem. Tomarão a vossa preguiça como sobriedade, a esterilidade do talento como discrição, darão valor a tudo quanto não fazeis, e o vosso logar será nessa phalange de celebridades estimadas pelo silencio.

Já dissemos o modo como este systema havia aproveitado ao dr. Universal, a quem pertencia a mais elevada posição litteraria da republica dos Interesses-Unidos, e isto sem elle escrever, sendo tambem professor sem professar. Era por estes motivos que estava bem resolvido a permanecer em um caminho, onde, sem o incommodo de andar, encontrava a satisfação de todos os desejos.

Acabou o mais breve que pôde a correspondencia do

costume, e depois lembrando-se do seu hospede foi ter com elle.

Mauricio tinha um livro na mão.

O doutor estendeu a cabeça para ler o titulo.

— O que estaes lendo? Ah! são os fastos da revolução franceza.

— É verdade, respondeu Mauricio, estava lendo a historia desses estoicos audaciosos: o somenos d'entre elles soube morrer como um Socrates. Contava os sacrificios modestos d'aquelle povo de Decius, e achava o segredo de tanta simplicidade e grandeza em uma só palavra: A FÉ.

O academico encolheu os hombros.

— É possivel que assim fosse, observou o doutor: o elemento dominante dessas eras remotas era a alma immortal do corpo da sociedade; mas o tempo esclarece os homens; e aperfeiçoamos o patriotismo como no vosso seculo se aperfeiçoava a machina de cozer ou de amolar facas. O motor dessas gerações que nos precederam tinha muita similhança com o vapor, poder irresistivel, mas difficil para guiar: as explosões são sujeitas a desastres; é por esse motivo que lhe substituimos uma força mais amavel, mais docil, e não menos irresistivel.

— Qual?

— A do interesse. A nossa constituição foi tão sabiamente combinada, que os deveres de cidadão ficaram reduzidos á obrigação de procurar em tudo a sua propria conveniencia.

Não posso negar que o governo constitucional do vosso tempo conhecia os germens desta maravilhosa reforma, germens que jaziam escondidos, como envergonhados, e que nós acertadamente cobrimos com a legalidade para os desenvolver, e facilitar que brilhassem ao sol das liberdades publicas.

É por esta razão que ao presente o systema politico dos Interesses-Unidos corresponde a todas as necessidades do homem verdadeiramente civilisado.

É composto de quatro poderes que resumem os principios sociaes da época.

Na frente dessa organisação figura o presidente da republica, ou o *impeccavel*, assim denominado, porque não póde fazer o mal, e se o não póde fazer é pela fortissima razão de que lhe não permittem o arbitrio para fazer coisa alguma.

O *impeccavel*, é como lhe chamam, mas não é nem um homem, nem uma mulher, nem uma creança; é na realidade o que se denomina ficção governamental.

Compõe-se esta ficção de uma cadeira sem ninguem assentado, e posta debaixo de um docel.

Esta cadeira representa o chefe legitimo do governo.

Os ministros não podem fallar officialmente senão em nome desse chefe, e por essa razão as suas mais solemnes declarações politicas chamam-se discursos da cadeira.

Tão feliz concepção livrou-nos do embaraço de escolhermos um presidente temporario, bem como dos inconvenientes do poder hereditario.

Quando o chefe do estado envelhece, chamamos um estofador que o renova, e ás vezes basta uma duzia de pregos para restaurar a ordem das coisas publicas.

Com este systema não temos encargos regios no orçamento quando casam.

A casa presidencial consta de uma escova e de um espanejador. Não temos côrte nem dotação real.

O estado não tem que dotar as filhas do seu chefe, nem filhos para casar.

Não existe na republica o receio dos golpes de estado, nem das usurpações, porque uma cadeira é forçosamente obrigada ao *statuquo*.

Finalmente, como esse poder não póde executar coisa alguma, confiamos-lhe sem reserva o poder executivo.

A segunda auctoridade do estado é a camara dos deputados, eleita por todos os cidadãos que podem comer prato de meio, beber bom vinho, e dormir no colchão phenix.

O legislador pensou muito acertadamente que todo e qualquer cidadão em comendo bem, bebendo melhor, e dormindo commodamente, deve ser incontestavelmente um homem amigo da ordem, ou, em outros termos, dedicado á sua meza e á sua cama; e que possue os conhecimentos precisos para não consentir que a fortuna publica seja dividida com os que se alimentam com pão de toda a farinha e dormem sobre a palha.

Não obstante as previdentes disposições da lei eleitoral, como por acaso poderiam fazer parte da camara dos deputados certos caracteres excentricos, tão egoistas que preferissem as suas idêas aos seus interesses, a nossa constituição contrabalançou a sua influencia com a camara dos valetudinarios, composta de individuos que se inquietam com o movimento, e que se cançam com o mais leve ruido.

Para ser admittido nesta camara é mister provar pelo menos a surdez ou a cegueira, ser gotoso ou asmatico. São preferidos os que reunem maior numero de enfermidades; mas cumpre advertir que havendo protecção tambem a teima e a ignorancia supprem todos aquelles requesitos.

O quarto poder, finalmente, é composto dos banqueiros, que se constituiram os administradores da republica, ou seus verdadeiros tutores. Emprestam-lhe á semana, e tomam a si o encargo de passarem os vencimentos publicos por um crivo que só deixa cair os miudos.

O estado, não havendo já papel nas fabricas para estampar titulos de divida, empenhou a esses banqueiros a terra, os rios, os mares, as minas, e os transportes aereos, por tal fórma que já seriam senhores de tudo, se a cadeira e as duas camaras não fossem os garantes dos nossos direitos.

O ponto sublime da nova organisação politica é que tudo se compensa e pondera.

O carro do estado, porque não lhe chamam náu como no vosso tempo, parece exactamente um outro carro mais

material e menos ideal que foi achado nas ruinas do arco de triumpho, chamado Carrousel em Paris: e que era puchado em sentido inverso por quatro cavallos de forças eguaes. O nosso permanece portanto no mesmo ponto, estando livre do risco de se quebrar nos despenhadeiros.

— Mas não de se desconjuntar! disse Mauricio, e tarde ou cedo é o que lhe ha de acontecer.

— Assim seria se não tivessemos uma cavilha magica para consolidar tudo, replicou o academico.

— E em que consiste?

— No medo! Outr'ora empregavam a paixão na politica, mas ao presente o progresso das luzes fez desapparecer esses homens *niquentos* que se apegavam ao que chamavam as suas idéas, e que desejavam a todo o custo achar o que para elles era a verdade!

Hoje tanto acreditamos no que se condemna, como no que se defende.

As opiniões são quartos para allugar, que se não annunciam nos jornaes, mas que sempre tem porta independente para a escada, a fim de nos mudarmos facilmente logo que descobrimos outra melhor, isto é, mais conveniente ao nosso interesse.

É por este motivo que as luctas politicas são mais apparentes do que reaes.

Os deputados, e os jornalistas combatem na camara e na imprensa, como os comparsas no theatro, pondo todo o cuidado em não se ferir, e unicamente para entreter os espectadores, que pagam subsidio ou assignaturas.

Nenhum descarrega nos inimigos espadeiradas de matar, com medo de morrer na festa.

Os adversarios de hoje são os colligados do dia seguinte: o laço que apupamos será depois o emblema da nossa crença. Esta previsão é comparada á benevolencia.

Olhae para os partidos, parece que vae cada um para o seu lado — é tudo um effeito optico — miragem e nada mais.

— Comprehendo, observou Mauricio, estaes livres das febres politicas; mas quem vos livrará da indifferença?

— A constituição, que é o nosso remedio para tudo, respondeu o doutor. Eu vos explico. Com as idêas retrogradas aprendidas no seculo XIX, estou certo que vos julgaes ainda no tempo em que o orçamento pedia aos eleitores a paga dos deputados.

Comprehendemos o que esse systema era desanimador para o zelo eleitoral, e tomámos a resolução de o inverter. Agora é o deputado que paga ao eleitor! Cada circulo é posto em praça por sua vez; os candidatos lançam o que podem, e ás vezes o que pedem e ficam a dever; a cadeira de deputado é adjudicada ao que dá mais. Com este systema acabaram os enganos, as intrigas, e até os chapeus á Hermann do ministro; tambem foi a perda destes chapeus a unica que nos foi sensivel. Era divertido na epoca de uma eleição ver sair deputados de um chapeu, saltando como peixes vivos que se deixam cair na rede do astuto pescador.

O novo systema eleitoral assenta na base de que o deputado é que paga ao eleitor: como já vos disse uma eleição é por este motivo coisa muito para vêr. Os eleitores são tão acerrimos no cumprimento do direito civico, que alguns já moribundos pedem para ser levados até junto á urna independente, onde deitam o voto, ganhando assim a parte respectiva do producto da candidatura arrematada.

Este exemplo de energia politica, que mantem as instituições no unico principio verdadeiramente social — o egoismo — não poderá ser perdido para a posteridade!

Tenho aqui por acaso na minha carteira a ultima circular do celebre Isac Ferro, a qual nos fará apreciar melhor do que outra qualquer explicação as vantagens do systema.

ISAC FERRO

CANDIDATO A DEPUTADO

Aos eleitores do Bairro B da cidade Sem Egual

« Senhores: — Se eu obedecesse á minha vontade, e ás minhas inclinações não iria pedir-vos os votos.

«Vivendo satisfeito na minha honrosa e commoda situação, continuaria a gosar as delicias da vida domestica, longe do ruido, e das intrigas da politica; se não fossem as assiduas e repetidas instancias dos meus amigos, que poderam a final vencer a violencia das minhas inclinações, decidindo-me a reclamar a candidatura que se offerece ao publico.

« As minhas opiniões são conhecidas.

«Desejo a felicidade de todos os cidadãos da republica, e quero tudo quanto possa assegurar a sua ventura.

«Votarei sempre pelo bem e pela verdade. Seguirei tão somente o partido que tenha a razão do seu lado, e combaterei o que fôr injusto.

«Sustentarei os ministros em quanto elles se sustentarem pelos seus actos; e se cairem do poder, lembrar-me-hei que a voz do povo é a voz de Deus.

«Eis-aqui, portanto, quaes são as minhas ideas governamentaes.

« Cumpre-me expor-vos agora os direitos que tenho á vossa confiança.

« Eil-os:

«Ganho annualmente, termo medio, trezentos e seis contos de réis, o que vos deve convencer que sou um homem amigo da ordem:

«Por amor á liberdade não me tenho querido casar, nem tomar nenhum associado aos meus negocios:

«Fabrico botões de todas as qualidades, e para todas as classes, provando assim o muito que respeito a egualdade:

«Finalmente em todos os relatorios que tenho escripto para a Sociedade Humana chamo aos homens *meus similhantes*, expressão que prova as minhas ardentes crenças na fraternidade.»

«A minha profissão de fé não será menos explicita do que as francas declarações que vos tenho dirigido.

«Obrigo-me em primeiro logar a fazer uma ampla distribuição de marcas de osso, ou botões nacionaes e populares, a todos os pobres do bairro:

Darei annualmente seis bailes, doze jantares, aos quaes serão convidados todos os eleitores que tiverem votado em mim:

« Os que me alcançarem dez votos terão direito a uma gratificação do valor de cento e oitenta mil réis, pagavel em raspa de osso, e de outras materias duras empregadas na minha fabrica; em cerveja da fabrica que projecto estabelecer em Noukaiva, ou em acções da Companhia dos telegraphos aereos:

« Os que me obtiverem quinze votos terão, além de quaesquer das gratificações mencionadas, uma medalha de bronze dentro de uma caixa de marroquim artificial:

« Finalmente quem angariar a meu favor vinte votos realisaveis receberá durante toda a sua vida uma pensão representada em uma tijella de sopa economica, que poderá mandar buscar ás cozinhas da respectiva sociedade, até que se vendam em leilão os caldeirões e os novos guindastes de os suster sobre o lume, o que já está annunciado nas folhas periodicas, como prova de que não temos pobreza, nem pensamos na sopa da economia:

« Farei distribuir aos meus partidarios, durante a votação, as respectivas listas, bem desenhadas e carimbadas, tendo o meu nome escripto por extenso, como manda a lei; e para que o vosso voto imparcial e independente tenha mais peso perante a opinião publica, cada lista vos será entregue embrulhando um cruzado novo dos menos roubados que se encontrarem:

« É inutil accrescentar que deve cada cidadão deitar a lista na urna e guardar o pinto na algibeira: apesar de ser de casta pequena, não ha outros, visto que a sarrilha não os deixa ir senão pouco além do tamanho dos doze vintens, e que ainda se não descobriu remedio para esta gosma da moeda.

« Confio em que a franqueza das minhas explicações obterá os vossos votos, e que brevemente me será possivel proclamar do alto da tribuna nacional as necessidades locaes

e geraes dos concidadãos *meus similhantes*, a quem tenho a honra de me dirigir.

« *Isac Ferro.* »

— E essa circular produziu effeito nos leitores? perguntou Mauricio quando acabou de a lêr.

— Foi tal o effeito do famoso documento que Isac Ferro é ao presente um dos membros mais influentes da camara, replicou o dr. Universal: na sessão de hoje dirigirá elle ao ministerio uma d'estas interpellações arripiadas e escandalosas, que principiam na invectiva e acabam quasi sempre nas vias de facto.

— Nesse caso o homem pertence á opposição?

— Desde que o ministerio permittiu a entrada dos colchetes estrangeiros, cuja fabrica sendo interdicta no reino, protegia e animava duplamente a confecção dos botões nacionaes.

— Será possivel assistir á sessão?

— Vinha propôr-vos para irmos hoje á camara; a occasião não póde ser mais bem escolhida.

Mauricio acceitou com agradecimento, e milady Enjoada, que entrou neste momento com Martha, disse que tambem os acompanhava.

XI

Camara de Deputados. — Nariz genealogico. — Os oculos de theatro, a luneta, uma cabeça quadrada, um sardento e uma aguia, representam certas potencias, — Miscelania Diplomatica. — Antes da ordem do dia. — Insecticidio do Presidente. — Necrologia da pulga e requerimento da Commissão de Fazenda. — Usam e abusam da palavra os Srs. Redondo, Bacalhau, Resurreição, Ramos e Rombo. — O apagador em verso. — Desordem de uma questão de ordem. — Elegantes da 3.ª secção que assistem á sessão. — Pensionistas requeridos e requerentes. — Maioria, opposição e direito. — Coreto parlamentar. — Arias da presidencia. — Lembra o Taborda. — Canta um deputado. — Desalina o presidente. — Contribuição nos cabellos. — O orçamento e a taboada. — Tacito, Pégas e o dr. Vesgo. — Partidos. — A ordem do dia. — O Negro melro. — Famoso discurso das luvas. — O dr. Esculapio, o general Patarata e outros. — Escandalo. — A Camara vota todos os artigos de uma lei e regeita a generalidade. — O porquê da votação. Mauricio chora pelos Catões parlamentares de 1860.

As discussões da camara da republica dos Interesses-Unidos eram publicas, isto é, ninguem podia assistir a el-

las sem vir munido de um bilhete assignado pelo presidente.

Como o dr. Universal era amigo intimo do embaixador do Congo, obteve por sua intervenção poder entrar com o seu hospede na tribuna diplomatica.

Mauricio observou attento as pessoas que o cercavam. A diplomacia tinha conservado todas as singularidades particulares do seu seculo.

Os fidalgos no tempo chamado da nobreza, e antes de irem ás burras da classe media buscar os dotes dos filhos e filhas, conservavam pela perpetuação das familias, typos especiaes e caracteristicos. É verdade que as raças enfraqueciam, ás vezes não só na parte physica, mas tambem nos recursos da intelligencia: mas as feições, o gesto e a voz passavam de familia em familia com o brasão esculpido na pedra d'armas, e com a libré do numeroso sequito de criados.

Não era preciso ser nenhum Cuvier do Nobiliario para conhecer por um nariz a genealogia do possuidor, ou para vêr em uma careta, estampada sempre em certa physionomia, a serie de avós a que ella tinha pertencido.

Todos estes factos tinham portanto uma explicação physiologica e racional; mas o que não sabemos explicar é a razão por que o corpo diplomatico, de que fazem parte individuos de differentes nações e classes, ha de conservar fallas e modos que o transformam em uma colonia, mais ou menos interessante dentro de qualquer nação.

Deixando o assumpto apontado para estudo critico mais competente, saltemos ao ANNO TRES MIL, e entremos com Mauricio na tribuna diplomatica: não conhecendo como elle as differentes nações em que o mundo se divide nessa época, somos obrigados a limitar as observações ao aspecto dos individuos sem sabermos a que nação pertencem.

A differença mais notavel entre o corpo diplomatico estrangeiro e o resto da humanidade, que habitava a republica dos Interesses-Unidos, era que os diplomatas anda-

vam completamente vestidos, em quanto os bons patriotas nesse ponto, como já ponderámos, não passavam da ceroula mais ou menos rica e enfeitada.

Feito este reparo notaremos o individuo que fica aopé de Mauricio.

É um homem sem edade, com uma destas physionomias que dos trinta aos cincoenta annos são um quarto de papel branco, em que se póde escrever o algarismo que mais agrade, entre esses dois marcos annuaes.

As barbas eram apenas dois tufos de cabellos loiros, rebentando de cada uma das faces.

Os olhos de côr azul deslavado, não traduzem nenhum sentimento nem affecto.

A bôca, que poucas vezes se abre para fallar, e que boceja a miudo com enfado, é a feição mais reveladora. Em certos movimentos que se não podem descrever, mas que bem se comprehendem, mostrava que o egoismo, o orgulho, e a indifferença, deviam ser a base do caracter da nação, representado por aquelle individuo.

O modo excentrico e significativo como estava sentado, denotava que o conforto se devia juntar ás paixões que ficam indicadas, como dominantes em uma das nações da nova carta da Europa.

Como ultimo traço deste esboço, diremos que estava quasi sempre olhando para os deputados com um par de oculos de theatro, que pareciam uma das centenares de peças com que os inglezes defendiam, no tempo que os havia, o estreito de Gibraltar.

Um outro individuo, com aspecto mais altivo do que o diplomata dos oculos de theatro, trocava com elle algumas palavras de quarto a quarto de hora. Este era russo no cabello e na curta barba, que descia ao longo do ouvido, sem passar das alturas do immovel colleirinho. Tinha só luneta em um olho, porque não podia vêr com ambos a civilisação, que enfraquecia o poder da potencia a que pertencia.

Atraz de ambos ficava outro collega com a cabeça quasi quadrada, e olhando para os dois com olhar desconfiado e curioso.

Os olhos eram de aguia já velha, e que não podia portanto olhar para o sol impunemente. Voltava-lhe as costas um diplomata *sardento*, e que para symbolisar a unidade tinha só um olho, uma perna, e um braço, e assim mesmo dava que fazer ao visinho, e taes voltas deu que annexou a si quasi todo o banco em que o outro estava sentado. Neste grupo figuravam ainda um sugeito com visos de principe allemão das eras antigas, outro nedio como um queijo flamengo, e que parecia contra-mestre de uma fabrica, e não representante de qualquer augusto amo: ao pé delle ficava outro collega espalmado como um arenque, e ao qual os balaustres da tribuna serviam de dique para não cair na sala.

Mauricio, sem reparar nos restantes, considerou por alguns momentos a pessoa que em estrado mais superior dominava o grupo que tinha estado a observar.

Era um homem de meia edade, todo adamado, envernizado e perfumado: a cabeça girava, como se fôra um moinho, de um para outro lado. A expressão da força sobresaía nos modos graciosos, e a segurança do pensamento era como o eixo bem fixo de todos os meneios da cabeça. O olhar era de aguia, mas de aguia que se não deslumbra com a luz, e que estende as garras vigorosas á preza que deseja.

Ao canto da tribuna viu dois diplomatas, que pela proximidade em que estavam podiam conservar até sem incommodar os visinhos: no entanto estavam embasbacados, e olhando desconfiados um para o outro.

Mauricio achou muito notaveis os dois typos nacionaes representados pelos individuos que estava observando.

Á similhança do panno do diorama, que ao correr nos apresenta outra vista quando ainda estamos a contemplar a primeira, assim um d'aquelles diplomatas, ora parecia um

dos intrepidos e cavalleirosos guerreiros, que recordavam o Cid, ora um bolero infatigavel, ou um garboso fidalgo.

O visinho, ou companheiro de carta, porque jogavam sempre na mesma partida, era mais baixo, parecia somnambulo; mas apresentava vestigios de ter sido homem de tino e de nomeada, em outro tempo: tinha na sobrecasaca em logar de fita de habito, uma folha de louro já sêca, uma saudade, e um martyrio.

Mauricio teve que interromper a revista diplomatica, aturdido com o tocar de mais de um cento de sinos, que pareciam deitar abaixo outros tantos campanarios.

Averiguado o caso estava acabada a leitura da acta e do expediente, e a camara entrava naquelle delicioso periodo de vida agitada, para os intrigantes e entes nullos, a que se chama *antes da ordem do dia*.

O presidente havendo deitado a cabeça fóra de um capuz com que resguardava a vasta calva, abriu um volumoso livro, e estava, de lapis na mão prompto, a fim de inscrever os impacientes oradores.

Os deputados berrando em côro pediam todos a palavra.

O presidente dava indicios de estar muito impaciente, e até iracundo; e com uma das mãos esfregava o peito com gesto enfadado: mas qual foi o espanto de Mauricio quando viu o alto funccionario immolar sobre a meza da presidencia a causa verdadeira e unica da sua impaciencia.

Eis-aqui o necrologio daquella victima do presidente da camara da republica dos Interesses-Unidos:

As côres são de cigana,
E como cigana, ando vaga,
Não digo la buena dicha,
Buena dicha tem
Quem me não conhece:
Dos pés que me deu a natureza,
Não costumo valer-me,
Para andar, nem para correr.
Quer triste, quer alegre,

Passo a vida saltando:
Accusam-me de sanguinaria,
Por que de sangue me sustento,
Para mim todos são algozes.
Tão amigos de matar,
Que por uma picada me tiram a vida:
Mas eu de todos me vingo,
Em toda a parte os sigo,
Até a magestades me atrevo.
Tambem quando me apanham,
Sem appellação, nem recurso,
Ao seu poder me sacrificam.

As pequenas causas produzem grandes effeitos, e os paes da patria riram vendo morrer aquella imperceptivel filha da natureza.

O relator da commissão de fazenda, pondo-se em pé sobre a cadeira, conseguiu ser ouvido, e disse:

Aproveito a occasião e o facto, e mando para a meza um requerimento urgente, a fim da commissão poder dar o seu parecer consciencioso sobre o orçamento do estado. A verba de despeza, a que o requerimento se refere, deveria ser votada sem os esclarecimentos pedidos, antes de se crear uma repartição de estatistica; mas ao presente é impossivel, tanto mais que é um dever da camara e do governo provar pelos seus actos, que as repartições novas não são apparatosas sinecuras: passo portanto a ler o requerimento.

A vossa commissão de fazenda, para apreciar devidamente a verba applicada no orçamento ás caixas e folles insecticidios, requer que pela repartição competente se confeccionem mappas, bem explicativos, pelos quaes se conheça a media annual de cada especie de insectos, com relação aos differentes estabelecimentos publicos, e á sua população.

O sr. Redondo chamou á attenção do ministro das obras publicas para que a directriz da estrada da villa das Bicas, no sitio dos Quadrados, passe pela porta da sua casa.

O sr. Bacalhau apresenta um protesto contra a eleição

do sr. Pescada, e manda para a meza o diploma do sr. Roballo.

O sr. Resurreição leu um projecto de lei, tendente a promover a creação dos coelhos na provincia da Encarnação.

O sr. Ramos rectificou um facto narrado pelo sr. Palma na sessão antecedente.

Leu-se na meza um requerimento de cinco deputados requerendo a permissão de entrarem na sala alguns cães de caça, attendendo á abundancia dos coelhos.

O sr. Rombo disse que não penetrava as intenções do governo: mas que julgava a patria em perigo, despresados os direitos dos cidadãos, e que se Catilina não bate ás portas de Roma, já lhe tocou á campainha da sua casa, porque o governo, depois da ultima votação em que foi contrario, demittiu um primo seu, que era cabo de policia.

O orador continuou um destes extensos aranzeis que o deputado recita sem ninguem ouvir, e que depois produz o seu effeito na botica da terra, quando é publicado a pedido em qualquer periodico da capital.

Em frente da tribuna parlamentar ficava um banco debaixo de um grande apagador em fórma de docel.

Mauricio comprehendeu o fim deste logar reservado, quando um dos deputados mais centraes da maioria se levantou, e caminhando, seguido pelas risadas dos collegas, até ao banco que servia de berlinda para as prendas de certos jogos, se assentou, e d'ahi em voz altisonante, requereu que fosse acabada a discussão.

O apagador era um ente parlamentar de tanta importancia no primeiro seculo da vida de Mauricio que para mnemonisar a figura de que estava ouvindo, foi passando pela memoria uns versos estimados no seu tempo, e que diziam:

> Corpo pequeno,
> Rosto tostado,
> Magro, escarnado,
> De frouxas rugas,

Entretecido;
De cans ornado,
O mal bornido
Cabello preto:
Eis o retrato
Deste bisneto
Do grão Neptuno.
Dizem que Juno
Já pretendera
Fazel-o sposo
De uma sereia,
Que mal o viu,
De medo cheia,
A côr perdeu,
E entre gemidos
Em fim morreu.

A camara approvou em virtude dos signaes telegraphicos, communicados entre a presidencia e as cadeiras dos ministros, pois que é mister saber que o presidente da camara e o do conselho de ministros, estavam em correspondencia por fios electricos.

Veio uma questão de ordem promover grande desordem, como de costume, e um representante com um masso de papeis na mão ateimava que tinha o direito de maçar a camara com o seu projecto de lei, precedido do respectivo relatorio.

Os deputados vencidos pela teima do collega, começaram a bradar: lei-a, lei-a.

O bom do homem pediu agua, e começou a lêr, e os seus amigos começaram a conversar.

Mauricio seguiu o seu exame pelas gallerias. Havia uma reservada em que realçavam as elegantes da terceira secção, remoçadas no toucador antes de se exporem á contemplação dos seus infatigaveis affeiçoados.

O gesto destas deidades falsas era artificial, como os cabellos caprichosamente dispostos, como os alvos dentes, mostrados no sorriso methodico e desdenhoso.

A mocidade e a meia edade da camara contemplava aquella velhice mascarada; e apenas o deputado provinciano lhe

voltava as costas para se embasbacar, devorando com os olhos luzentes as damas equivocas, que em outra galleria, occultavam as mãos de cosinheiras, nos regallos de fina martha, ao passo que trabalhavam sem descanço para o chapeu lhes não cair pelas costas abaixo.

Nas elegantes, havia pensionistas de consideração, consideradas pela belleza, ou pela influencia dos parentes. Na tribuna publica tambem havia pensionistas, mas em perspectiva. Estas, sem protecção, mas herdeiras de serviços valiosos e relevantes, corriam havia annos atraz de uma récua sem fim de informações. Um veu que o tempo crestára, e de preto fizera castanho, era o distinctivo d'estas infelizes victimas, que de dia mendigavam justiça dos ministros e deputados, e á noite dos que passavam pelas ruas ou saíam dos theatros.

Os nossos resuscitados para se distrahirem do quadro que o dr. Universal pintára, com a indifferença do pintor que esboça na tela uma caveira entoando uma canção bachica, começaram a estudar a physionomia da camara, auxiliados pelo distincto academico.

As suas impressões foram poucas, mas significativas.

A maioria ficava atraz dos ministros, e era toda composta de individuos barrigudos; e com as faces nedias, e o gesto satisfeito, mas indifferente.

A esquerda opposicionista era magra, buliçosa, e desalinhada no trajar. Não tiravam os olhos das cadeiras ministeriaes, alvo unico de todos os seus desejos.

Na direita velhos magros e miopes, representavam as tradições do antigo regimen.

O que mais espantou Mauricio foi quando deu com a vista em um coreto, ornado com todos os arrebiques do seu seculo. Maestro na frente de batuto na mão, todo encarniçado e gesticulando como um possesso em adro de convento a vomitar o demo; primeiros e segundos rebecas; zabumba, pratos e ferrinhos!

O coreto com os seus musicos a formarem parte de uma

camara de deputados, era uma verdadeira charada figurada para os nossos resuscitados.

O dr. Universal percebendo a surpreza de Mauricio, explicou-lhe como os progressos da musica, devidos ás philarmonicas e aos theatros de canto, subsidiados largamente pelos governos, haviam chegado a tão elevado grau, que tomavam parte no modo como funccionava a representação nacional.

O presidente não tocava campainha, e cantava differentes *solos* mencionados no regimento da camara, a fim de harmonicamente dirigir os trabalhos de tão conspicua assembléa.

O academico demonstrou como esta innovação havia elevado a posição da presidencia do corpo legislativo. No vosso seculo era ignobil vêr um dos primeiros funccionarios da republica a tocar uma campainha, como se fosse qualquer sachristão, ou andador de irmandade. Seguramente que foi para algum desses presidentes que se fizeram os versos de que temos um rarissimo exemplar na bibliotheca da capital, e que dizem :

> Cuida o parvo que me engana ;
> Co'a tal bandeja na mão,
> De capa rota e parrana
> A fingir que é bom christão.
>
> . . . .
>
> Quem come a cêra das tochas
> Para pôr casa o que tem ?
> Um farroupilhas andador,
> Que *anda*... mas sem vintem
>
> . . . .
>
> Que mal póde ter-se em pé !
> Um bolinho derretido
> Um golo de capilé.

E como é expressivo quando o heroe do poema falla! accrescentou o doutor, e nos diz

> . . . . . . Quando o sinciro,
> Na molestia impertinente,
> Nos soffrimentos ronceiro,
> Dá parte que está doente,

Sou eu que subo lampeiro
A puchar pelos badallos!
Não são toques, são estallos
Com que estallo a freguezia!

Mauricio não podia acreditar o que lhe estavam dizendo, e quando no seu tempo tinha ouvido o Taborda cantar aquelles versos em casa de um dos actores de Paris, mal podia pensar que as assiduas investigações dos sabios haviam de transformar em presidente de uma camara de representantes a caricatura de um misero andador das almas.

Reparando bem para o coreto viu que não tinha estantes, e o seu Mentor lhe disse que eram inuteis, porque a musica era de improviso. O deputado cantava quando lhe parecia, e como queria, e a orchestra era obrigada a seguil-o com acompanhamento improvisado. Só as arias da presidencia eram sempre as mesmas, e estavam tão popularisadas, que se tocavam sem musica.

Não tardou que a orchestra viesse em auxilio da eloquencia, e um deputado que durante o dialogo de Mauricio e o academico tinha estado a interpellar o ministro da justiça, ácerca da introducção das irmãs da caridade, e dos lazaristas, começou a cantar em voz de baixo profundo:

Executores da lei
Haverei vergonha algum dia.
. . . .

Como o rumor da camara o não deixava continuar, seguiu o discurso em prosa violenta, e berrando como um pregoeiro.

—Ah! querem que eu me cale? Estão enganados; cederei á força, e só á força. Não é a mim que insultam com essas risadas, é a respeitavel antiguidade... O que vos ia cantar não são versos meus, são de Sá de Miranda, auctor do tragico entremez da Castanheira...

A gargalhada foi geral e estrepitosa: mal se ouviu esta amostra de sabedoria classica.

O tumulto, e a citação do entremez recordaram ao presidente abstracto quaes eram os seus deveres, e pondo-se em pé sobre a meza entoou este recitativo acompanhado pelas harpas:

Ó lá da parte da ronda,
Tenha mão ninguem se bula;
Quero saber miudamente
Quem é toda esta matula.

Assim que o presidente voltou á cadeira, um dos membros, que era doutor no regimento, pede a palavra sobre a ordem, e cheio de enthusiasmo exclamou:

— Senhor presidente! Senhor presidente! O caso não pedia que v. ex.ª fizesse uso dos versos do artigo 1025, mas sim os do artigo 4007, e nestas circumstancias mando para a meza uma proposta, a fim de que a commissão do regimento se entretenha estudando, se eu fazendo esta observação, estou ou não na ordem.

Ficou para segunda leitura.

Em quanto se estava lendo um projecto de lei de contribuição sobre os cabellos, o dr. Universal fez uma rapida revista de algumas notabilidades da camara, nos seguintes termos:

—Aquelle deputado que fica em frente, e que está attentamente examinando columnas e columnas de algarismos, faz constituir a sua especialidade no orçamento; e não pensa, não falla, e não escreve sobre outra coisa. Leva dias a sommar o que já está sommado, e a diminuir o que já está diminuido. Para elle, achar um erro de conta, é achar um thesouro. Na ultima sessão propoz treze milhões de economias, e a camara apenas lhe votou 3$200 réis!

Aopé d'elle fica um dos vossos collegas da academia, que na camara passa por litterato, e na academia por homem politico. Todos os annos renova um discurso contra os auctores contemporaneos, que não lhe concedem um logar distincto nos seus triumphos, e logo depois improvisa outra a favor do ministerio, que lhe concede seis ou

sete logares no orçamento. Lá está o general Patacoada, conhecido pela sua eloquencia campanuda, e cheirando a polvora e casa da guarda. Aquelle velho que passeia ao fundo da sala é o famoso Tacito, especie de Montesquieu em miniatura, que alcançou a fama de cidadão exemplar, porque não pensa, e de pensador respeitavel porque diz mal de todos. O figurão que está n'aquelle canto da sala conversando com outro, e sorvendo pitadas, de phrase a phrase, é um rabula de aldêa, reputado como o nosso primeiro João das Regras: é o sr. Pegas, e para elle o governo do estado deve ser considerado como os autos de um processo: deixaria vender a republica, e votaria pela venda, com tanto que fosse realisada conforme as Ordenações e o Codigo.

Está conversando com elle o sr. Grave, ex-ministro, que foi o primeiro que adoptou a austeridade na corrupção.

No lado opposto passeia o dr. Vesgo, que falla sempre a favor do governo popular, que detesta, para nos fazer voltar á monarchia, que ninguem deseja.

Na tribuna está fallando agora o sr. Patranha, defensor dos interesses positivos da republica, sempre que taes interesses se ligam com os seus.

Todos os deputados que tenho mencionado são chefes de outros tantos partidos, que se colligam quando se não podem destruir mutuamente.

O mais numeroso dos partidos é o chamado dos *equilibristas,* composto dos individuos que sabem conservar a posição com todos os ministerios, e cuja opinião se resume em um ou mais logares de bom ordenado. Tambem lhes chamam *conservadores,* por causa do afinco e do zelo com que conservam os logares, subsidios e pensões. Os seus mais implacaveis adversarios estão no partido dos

aspirantes, o qual comprehende todos os individuos que já foram ministros, e todos que o desejam e pretendem ser.

Entre os dois partidos andam pairando os *independentes*. A politica deste partido é similhante ao andar de um homem embriagado, e quando parece que os independentes se vão inclinando para a esquerda, eis que de subito se chegam para a direita, unicamente como demonstração de que não andam nunca em uma só direcção.

Temos além destes grupos mais consideraveis e considerados, uma duzia de facções, ora separadas, ora unidas, que servem para determinar a força e a significação da maioria: é d'ellas que dependem certas votações em que a camara contradiz n'uma o que decidiu na outra.

O dr. Universal não póde continuar a sua revista, porque a attenção de Mauricio se voltou toda para a camara.

Finda a leitura do projecto, o presidente cantou o que o regimento marcava como signal de começar a interpellação, dada para ordem do dia.

Eram motivos do negro melro entremeiados com phantasias do carnaval de Veneza: Mauricio só comprehendeu estes dois versos repetidos mais de uma vez:

Eu perdi o meu ourelo
Eu perdi-o, e vós trazel-o.

Um dos deputados que ainda tinha a palavra para antes da ordem do dia, não se mostrava satisfeito, e mal o presidente se sentou, e em quanto o orador chamado á tribuna caminhava para ella, carregado de livros e de papeis, começou na toada do toque de recolher dos caçadores do seculo dezenove a cantar:

Fui bailar, cahi na festa,
Nunca mais me verão nella.

E pondo o chapeu saiu da sala. indignado contra a presidencia e contra os collegas.

Mauricio reconheceu no orador que já estava na tribuna o celebre Isac Ferro.

O academico notou que era neste ponto que principiava o verdadeiro interesse da sessão, e que tudo quanto se havia passado era obra de dez ou doze comparsas, encarregados do prologo chamado — antes da ordem do dia — ; e que apenas serviam para encher tempo, e nada mais. Eram como o copo de absyntho que se bebe antes do jantar, não porque seja agradavel ao gosto, mas porque desenvolve o appetite.

O illustre fabricante tinha a barba metida na gravata, e os braços cruzados sobre o peito, indicios seguros de profunda meditação.

Olhou por algum tempo para a assembléa, estendeu o braço direito, e começou a bater aereamente o compasso das phrases do seu discurso, em voz ora de trompa, ora de flauta.

Para sermos exactos, nesta parte da sessão vamos copiar do *Diario de Sem-Egual, folha official da Republica dos Interesses-Unidos*, a integra da sessão:

Senhores! Por mais firme que seja a resolução de um homem publico, para desempenhar o seu dever, existem occasiões em que a sua missão é um doloroso encargo, e nas quaes elle inveja a posição dos homens sem responsabilidade, que podem subordinar a convicção ás sympathias, concedendo aos amigos, com quem não concordam o favor do silencio.

Desgraçadamente não é esta a minha situação, nem a dos meus amigos. Investidos de uma missão politica, devemos aos eleitores, e á propria consciencia, a obrigação de manifestarmos francamente a nossa opinião.

Por muito tempo confiamos em que os factos esclarecessem os cavalheiros que nos governam, mas essa esperança foi sem effeito, e prolongal-a seria impossivel.

A salvação da republica deve ser a lei de nós todos — a suprema lei que regule as acções e os pensamentos; de-

vemos dizel-o, com a mão na consciencia — é chegado o momento de a perder ou de a salvar. *(Rumor no centro. Applausos nas extremidades. Agitação. O orador bebe agua com assucar.)*

Sim, senhores, a situação nunca foi mais assustadora do que ao presente. O futuro é medonho. Olhando para o interior ou exterior, tudo nos atemorisa. A republica parece-nos uma locomotiva guiada por mão inhabil, que estremece contrariada nos movimentos, fazendo gemer as rodas como se fosse saltar pelos ares. (*Profunda sensação.*)

É nesta situação que nos fallam em impôr novos tributos á nação, e nos apresentam essas tabellas que hão de levar a pelle ao povo, tributando desde o leite da burra, que alimenta os nossos tisicos, até ás rodas dos moinhos de café, que nos enfeitam as cozinhas á sombra do ramo de louro, que nos aguça o appetite!

Pedem-nos um credito de duzentos milhões, e repetem os arautos do poder, enganei-me — os arautos de todos os poderes — que isto é um simples voto de confiança. Pois bem, seja: mas vejamos primeiramente o que tem feito o governo para merecel-a. (*Movimento em toda a camara. O orador começando a enthusiasmar-se bebe mais agua com assucar.*)

Podia multiplicar as censuras neste ponto até ao infinito; mas serei moderado. Não repetirei as accusações dirigidas tantas vezes ao poder; quanto aos remedios aconselhados pelo medico ministerial peço licença para os apreciar — rindo-me. *(Riso geral. Interrupção. O dr. Esculapio pede a palavra para uma explicação, e canta enfurecido:)*

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus:
. . . .
Credite mihi,
Qui sum peritus
Non mediquitus
De cacaracá.

(Restabelecido o silencio continúa o orador:)

Examinarei um só dos actos do poder, o mais recente, e basta elle para nos dar a medida exacta da habilidade, tacto e politica dos homens que estão á frente do governo.

Quando fallo assim todos comprehendem que as minhas palavras se referem a quem me póde responder, aos ministros que estão naquellas cadeiras, os unicos responsaveis, e que julgo culpados. Ha um nome que deve sempre ficar fóra de todas as nossas discussões; sei que as minhas observações não podem ir além da esphera inviolavel, onde reside o chefe do estado — impeccavel e impassivel, aconteça o que acontecer. *(Approvação geral.)*

Mas os agentes da sua administração, esses estão sujeitos á nossa vigilancia, e a constituição permitte-nos o exame dos seus actos. *(O silencio é tal que se ouve o voar das moscas.)*

Quando disse ha pouco que examinaria um só acto do poder, para o julgar e condemnar no seu systema governativo, todos comprehenderam que me referia á suppressão dos tres pares de luvas offerecidos pela republica aos defensores das suas colonias: suppressão que desorganisou e indignou o exercito.

O general Patarata. É verdade, foi idêa de um beca, de um homem de saias.

Vozes de advogados: Isso é insultar a Camara.

Outras vozes: Não é.

Um antigo pharmaceutico, antigo regedor. É uma indecencia.

Vozes geraes. Á ordem, á ordem.

(O general Patarata põe o chapeu armado de travez, torce os bigodes, e fica em attitude ameaçadora: a gritaria augmenta até que o presidente consultando o regimento canta:)

Meno furia, meu senhor.

(O general senta-se, cessa o tumulto, e o orador segue no seu discurso.)

Convem advertir que esta suppressão inepta se levou a effeito, com manifesta offensa das prerogativas das camaras. O governo ligou assim a illegalidade com a ignorancia. Sinto ter de o dizer, mas esta importantissima resolução, quem o acreditará! foi obra de um decreto! *(Sensação profunda.)*

O dr. Digesto brada com energia: O acto é contrario a todas as praxes do processo, quero dizer aos artigos da Constituição.

Muitas vozes: É verdade. É verdade.

Outras vozes: Não é tal, não é tal...

(Os ministros olham inquietos uns para os outros: o tumulto é cada vez mais horrivel. A final o presidente consultando o regimento pega em um folheto de papel quasi pardo, e acompanhado pelos tambores e zabumbas canta:)

Já me vae chegando muito
Toda a mostarda ao nariz:
Ninguem deve respingar-me
Que aqui sou eu juiz.

O sr. Isac Ferro: (continuou dirigindo-se para o governo) E qual era o vosso fim, ministro da cadeira, ousando emprehender esse golpe de estado? Adivinho, — o vosso orgulho, não consente que as mãos que defendem a patria calcem luvas como as vossas.

O sr. Vesgo: Podieis ter respeitado as apparencias, não dando as luvas aos soldados, mas conservando no orçamento a verba respectiva, pois que deste modo, ao menos pouca gente saberia do facto, e ficava salva a honra nacional.

O sr. Grave: (com gesto de approvação) Era o que se devia ter feito.

O sr. Isac Ferro: (*continuando*) Procedestes como é do vosso costume, com audacia e leviandade: são estas as duas bases unicas da vossa politica. A ellas deveis os feitos gloriosos da vossa administração, como disse um dos

profundos pensadores do tempo, quando descrevem a fortuna ministerial dizendo: Subiram porque estavam vazios. (*Movimento na assembléa; todos os olhos se voltam para o sr. Tacito, que dorme a somno solto; risadas e applausos.*)

Em consequencia do que tenho exposto, com a franqueza que me caracterisa, proponho á camara o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º A camara declara que não approva o decreto com que o governo offendeu o exercito, e decide que se conceda a cada soldado, tanto do continente como do ultramar, seis pares de luvas, em vez de tres pares que lhe concedia a tarifa de 2809.

Art. 2.º As luvas de que tracta o artigo antecedente serão de algodão nacional, com elastico para os punhos.

Art. 3.º Deverão ser distribuidas a todos os regimentos, tres dias antes da promulgação desta lei.

Art. 4.º Não sendo possivel, que os ministros actuaes procedam com imparcialidade á distribuição ordenada no artigo antecedente, são convidados pela camara a legarem esse encargo aos seus successores.

Finda a leitura desta proposta o sr. Isac Ferro desceu da tribuna, e foi comprimentado, não só pelos numerosos amigos, mas tambem pelas fracções fluctuantes da camara, e pelos independentes.

Como a narrativa do resto da sessão veio adulterada no *Diario Official,* somos obrigados a recorrer ao jornal da opposição mais descabellada, onde a encontraremos com este titulo em logar de artigo de fundo:

ESCANDALO E MAIS ESCANDALO

Quando o novo apostolo da corrupção desceu da tribuna, trazendo na mão o preço corrente das consciencias, o mi-

nistro do reino fingiu querer subir a ella para desaffrontar o gabinete; mas o ministro das obras publicas disputou-lhe o passo, e a final veio o ministro dos estrangeiros querer tomar a dianteira aos seus collegas. Houve acalorada discussão entre os ministros, a qual cessou tomando a camara uma attitude digna dos antigos congressos constituintes, e gritando todos votos, votos, no delirio da eloquencia e do convencimento.

O presidente, não obstante o muito que os ministros lhe tocavam nos arames, em logar de obedecer ao telegrapho, teve desta vez que obedecer á camara. A proposta do sr. Isac Ferro, que se deve chamar d'ora ávante Isac Ventoinha, foi posta a votos.

Artigo 1.º:

Numero de votantes	613
Espheras pretas	290
Espheras brancas	323

A camara approva.

Os ministros arrancam os cabellos, os que não são calvos, e todos abraçam as pastas com affecto.

Os artigos 2.º e 3.º são egualmente approvados.

Os ministros vão cahir desmaiados nos braços dos correios, quando o presidente com gesto de raposa começa a ler pausadamente o artigo 4.º O gabinete sae da sala, e entra immediatamente para um dos cubiculos das commissões.

O artigo 4.º é tambem approvado sem discussão.

Como não seguimos o prudente uzo dos antigos parlamentos, e votamos a generalidade depois da especialidade, foi este ensejo habilmente aproveitado pelos ministros, que avisados por um *recadista* entraram na camara radiantes de satisfação, como se fossem frades a caminhar para o refeitorio.

O sr. Isac Ferro recebe logo um bilhete em papel côr de rosa de xadrez.

O paiz deve saber o seu contheudo, e nós vamos dizel-o, porque já não é segredo para ninguem — era o seguinte:

« De ámanhã em diante será prohibida a importação de colchetes estrangeiros. »

As gallerias atiraram ás faces do sr. Isac um sorriso de despreso, quando o viram metter na algibeira o bilhete com a esphera branca. O seu voto contra a proposta de que era auctor foi a apotheose do cinismo.

Outro bilhete amoroso, noticiou ao sr. Digesto, que estava nomeado procurador geral da corôa; e um terceiro, da mesma força corruptora, participou ao general Patarata, que estava commandante da mais importante divisão, com tantas forragens quantos fossem os dentes do seu filho mais novo, que tinha 16 annos.

Um dos heroes da maioria, confidente dos ministros, veio segredar aos ouvidos do sr. Grave; mas tão desprevenido que um dos nossos amigos ouviu a fraternal advertencia, de que se iam publicar certas cartas a uma titular, com as respectivas respostas, traducção livre da correspondencia de Heloisa e Abeillard.

Um outro confidente, tão pouco discreto como o antecedente, disse a Tacito, que seu sobrinho ia ser despachado, em uma das reformas das secretarias, e que sua mana teria uma administração do tabaco.

Diziam nos antigos seculos que as casacas se voltavam: os nossos leitores vão pasmar como as ceroulas se voltam no anno TRES MIL, em que estamos. Só dois pares ficaram firmes, porque os nossos collegas na redacção, não são homens de se bandear ao poder, nem que offendam a decencia publica.

Veja o paiz com espanto o resultado da votação da generalidade de uma proposta já approvada por artigos.

Votantes	613
Espheras pretas	611
Espheras brancas	2

A camara regeita portanto a proposta!!!

Escandalo e mais escandalo. Não admirará se amanhã annunciarem que se abriu uma loja onde se comprem e vendam votos.

Mauricio á vista do exposto chorou pelos Catões parlamentares do seu tempo!

XII

Café-concerto desconcertado. — Sir Louse Viajante. — Cartaz da imprensa Universal. — Sala do paraiso. — Almanak de pedra e cal. — Um pé de chumbo entre as maravilhas da civilisação. — Rodrigues Lobo no supplemento do Avisador. — Gallinha fallante. — Tritão do poeta Caldas. — Requerimento contra os projectos do governo e a favor das toiradas. — As tabellas — Leilões sem fim. — Depois de chover. — A egreja nacional. — Entre as dez e as onze. — Frei Camaleão explica a novissima reforma ao sr. Aniceto. — Desengano.

Marcellus aquelle devoto comillão da ceia de Lady Facil, tinha combinado com Mauricio para em um dia determinado se encontrarem no *Café-Concerto dos dois mundos*, que se acabava de concertar de alguns desconcertos que havia levado até ao passeio publico da capital.

No dia aprasado com uma carta topographica da cidade na mão foi ter ao sitio determinado.

O sr. Marcellus jogava o bilhar com sir Louse Viajante, missionario de origem ingleza, que exercia as profissões de dentista, pastor evangelico, segundo a sua phrase, e vendedor de generos coloniaes.

Sir Louse Viajante havia percorrido todas as terras idolatras do mundo, em nome e por ordem de uma sociedade de *propagação*, e facilmente obteve merecer a confiança plena dos povos barbaros!

Não imitou esses rabugentos apostolos catholicos, que sem outras armas que não fossem um livro de orações, e um crucifixo, se apresentavam ás tribus selvagens, como enviados verdadeiros de Deus, para lhes intimar que abjurassem o erro.

O missionario inglez despresando taes exemplos já sediços de velhos, resignava-se a participar do erro em que

viviam os barbaros, com tanto que elle fosse proveitoso ás suas crenças, e ao seu commercio, renovando assim a historia de Alcibiades.

Em obediencia á sua missão passou por circumsivo em Mascat, foi marido de doze mulheres nas ilhas Mariannas: negociante de escravos no Zanguebar, e semi-antropophago nas ilhas Sandwiches, sempre sem quebrar a sua fé, que era de torcer, e tudo por conta da humanitaria sociedade que representava.

Taes eram os meios efficazes de que se tinha servido sir Louse para distribuir muitos centenares de sermões impressos, destinados a educar os idolatras, que não sabiam ler, e a facilitar a venda de muitas carregações de mercadorias avariadas.

Marcellus não era ovelha do rebanho de sir Louse, e não obstante vivia com elle na maior intimidade, pois que sempre lhe trazia bons presentes das suas digressões, talvez com o fim reservado de adquirir tão proveitoso adepto para a religião novissimamente reformada.

O sr. Marcellus apresentou o seu amigo a Mauricio, e como galanteria o missionario inglez dançou com uma das frequentadoras do Café alguns passos de uma polka, que não tinha captivado as sympathias da policia.

A dança continuaria por muito tempo, se Mauricio não recordasse ao sr. Marcellus a promessa feita de lhe explicar a nova religião, conhecida na capital com o titulo de religião nacional.

Sairam portanto os dois conhecidos, depois de se despedirem de sir Louse, e foram procurar Fr. Camaleão; mas ao passarem pelo *Largo dos Annuncios*, viram um d'aquelles immensos e retumbantes cartazes que denunciam ao longe a *Imprensa Universal*.

Marcellus exclamou:

— É a abertura do paraiso, deixae-me ver bem que me não engano.

Parando a distancia de poucos passos, leram o seguinte cartaz:

SALA DO PARAISO

BAILE DE MASCARAS

DOMINGO Á NOITE

ESTUPENDA FUNCÇÃO

A FESTA DOS SELVAGENS

Duas mil mulheres pertencentes ao estabelecimento executarão danças adequadas ao seu caracter

Os homens receberão ao entrar uma senha indicando o numero de ordem ou de policia da parceira com quem deverão dançar durante o baile.

O meritissimo inspector não permitte que se troquem as referidas senhas, a bem da ordem publica. Figurino adoptado, o que representa os indigenas da America antes da descoberta do novo mundo, com a clausula de que as luvas são obrigatorias para ambos os sexos.

Haverá uma casa especial para se guardarem as bengallas e chapeus de chuva.

Entrada uma libra

O devoto e folgasão Marcellus logo que findou a leitura do cartaz foi comprar um bilhete, depois do que disse a Mauricio:

— Ainda fui a tempo. D'aqui a cinco minutos já seria tarde, e não teria par. Deram-me a senha 1983, que representa uma parceira loura com vinte annos, quando eu não posso olhar senão para as mulheres de cabello preto... mas em fim que remedio haverá senão acceitar as mortificações, quando ellas se offerecem, ainda que seja a preço de ouro. Desculpae-me se vos deixo, mas devo prevenir o presidente da sociedade dos *bons costumes*, para quem estava com-

pondo um relatorio, que motivos inesperados me obrigam a retardar o meu trabalho.

Ensinou a Mauricio onde ficava o novo templo, e despediu-se abreviadamente delle.

Era a primeira vez que o nosso resuscitado se via só nas ruas da capital da republica dos *Interesses-Unidos*.

Começou attentamente a examinar certas circumstancias em que ainda não tinha reparado.

Citaremos algumas.

Os moradores das differentes casas tinham taboletas sobre as portas, ou nas janellas com o seu nome e profissão. A cidade era portanto como um Almanak muito mais perfeito do que os publicados no seculo dezenove, com as moradas dos mortos e ausentes, e as numerações das portas trocadas.

Á entrada de cada predio havia um mechanismo adequado, com tantas cadeiras quantos eram os inquilinos, e todas com a indicação do andar a que pertenciam.

Quem entrava na loja de qualquer casa, tomava assento na cadeira do andar para onde ia, carregava em uma molla, e era immediatamente guindado até á porta que procurava.

Mauricio viu tambem uma sala de baile na qual os pares dançantes, davam movimento a um par de mós de um moinho de trigo; fazendo tambem reparo nos carros que na volta do terreiro, e quando vinham descarregados, punham em giro fusos mechanicos que dobavam algodão.

De espaço a espaço as ruas eram atravessadas por viaductos pelos quaes voava assobiando a locomotiva, ora movida pelo vapor, ora por outras novas forças desconhecidas seculos antes.

Os fios do telegrapho electrico chegavam em certos pontos a escurecer a athmosphera.

Os para-raios eram aos milhares, e subindo até prodigiosa altura, sustentavam em si perpetuamente a electricidade em proveito dos douradores, das emprezas de omnibus galvanicos, e das companhias de illuminação.

Debaixo de cada rua corria uma outra, ao longo da qual se estendiam milhares de encanamentos de ferro, distribuindo por toda a cidade o calor, a luz e a agua.

Mauricio ouvia ecoar por baixo dos pés a voz dos operarios misturada com o sibillar do vento, o crepitar das chammas, e o rumor confuso de centenares de passos.

Era em verdade uma cidade servindo de base a outra.

Na capital subterranea se elaborava a vida da capital que resplandecia á luz do sol.

Mauricio foi arrebatado ás suas cogitações pelo valente encontrão de um passeante, que vinha todo embasbacado para as janellas.

Era um homem robusto, queimado pelo sol, trazendo na cabeça um chapeu de palha com amplissimas abas, e ao pescoço muitos cordões de oiro.

Produziu no resuscitado o effeito de qualquer dos passageiros, que no seu tempo enriqueciam as companhias transathlanticas. Nem o anel de chapa, faltava no dedo indicador do tal mocetão.

Mauricio o julgou como vindo da terra onde

> Têm valor só prata e oiro,
> Branco assucar, rijo couro,
> É melhor *ter* que virtude;
> Pelo menos assim pensa
> Gente douta e povo rude.

Existe um magnetismo natural que nos leva a procurar com a vista a parte para onde vem olhando qualquer pessoa, que encontramos.

Assim aconteceu a Mauricio, e voltando a cara para o lado leu sobre uma porta este distico:

EXPOSIÇÃO DOS TEMPOS PRIMITIVOS

OU

A BELLA SELVAGEM PORTUGUEZA

Entrou depois de pagar a entrada já reduzida a 40 réis,

como dizia o cartaz, em virtude da paixão do emprezario pelo respeitavel publico.

Como o papel impresso que lhe deram, suppre muito bem a descripção do que viu, aqui o inserimos:

Uma fraldilha vestida
Trazia ella de pombinho,
Com pospontos um sainho
De arenoso,
Um corpinho mui custoso
De chamalote encarnado,
De veludo debruado
Com pestanas,
Que era inveja das serranas,
E dos pegureiros falla;
Bactilhas de Bengalla
Mui singella,
Fita de seda amarella
Que por baixo reluzia,
Que á cinte tudo a fazia
Mais formosa;
Continhas de pau de roza,
Cordão de linhas bem finas,
Gavarin com mil boninas
Debuxado,
Capirote laranjado,
Surrão de branco cordeiro,
Cajadinho de salgueiro
Traz na mão.

Mauricio não se podia recordar que no seu tempo houvesse noticia de pastores tão pittorescos, e admirou as tendencias classicas das povoações do anno TRES MIL, que andavam constantemente a recuar o carro da civilisação para as escavações litterarias, que no seculo dezenove unicamente se faziam com subsidio dos governos.

Ao sair da exposição da pastora classica, Mauricio vinha repetindo de si para si:

Porém a larga historia
De minha vida triste,
Tão differente é já da que me ouvistes,
Como eu de quem era
Sou qual estio após a primavera.

Mauricio chegou a uma praça, a que chamavam dos

phenomenos, e como se não queria demorar para não esquecer o caminho que Marcellus lhe tinha ensinado, apressou o passo, e pouca attenção prestou ás differentes barracas e theatros ambulantes, que transformavam a praça em uma feira.

Já ia quasi na extremidade opposta da praça, e acabava de se livrar de um explicador de camara optica, que mostrava o mundo de pernas para o ar, quando se lhe perfila diante um homem disparando-lhe estas palavras ao ouvido:

— A gallinha fallante! meu senhor, por dez réis venha vêr o phenomeno dos phenomenos! Eu sou descendente de Hermann, e dou ámanhã uma recita em beneficio de todos os asylos existentes. Dez réis uma scena de gallinha fallante! Entrem, meus senhores, que só ha logar nas dobradiças.

Mauricio agarrado pelo homem como o amador da *Outra-banda* pelo impertinente barqueiro, foi entrando pela barraca, que estava forrada de artigos de jornaes das differentes nações em louvor do novo Hermann. Uma orchestra de pifanos e berimbaus executou magistralmente a *Casta Diva*. Levantado o panno appareceu em scena uma gallinha com as azas depennadas, e acocorada sobre um cesto de rosas.

Era a galinha fallante!

O ventriloquo insigne, saiu do bastidor vestido de mulher, e começou neste ponto, entre bravos surprehendedores do publico a seguinte scena:

GALINHA

Acode-me, filha;
Que estou ha meia hora
A cacarejar.

CORO DE CAMAPHEUS

Que triste cantar
É o cacarejar.

DAMA

Mas não te agastes,
Que eu vou-te a soltar.

GALLINHA

Vem já, que não posso
Mais tempo penar.

DAMA *(voltada para o publico.)*

Que é pena, que é magoa,
Que uma ave de penna
Não possa voar.

As palmas retumbaram e os pombinhos voaram sobre o palco, juntamente com as corôas e os ramos.

Mauricio sem esperar o fim da ovação já estava fóra, não só da barraca magica, mas tambem da praça dos phenomenos, e ainda se admirava da boa fé de tanta gente, que não percebeu, que a martyrisada gallinha fallava pela boca do philantropico ventriloquo.

Ao voltar de uma rua percebe que se perdeu, e dá comsigo na praia onde fica por algum tempo a vêr navios.

É neste momento que um vulto humano com fórmas collossaes, surge do mergulho que o sumia na agua ás vistas de Mauricio.

Um Tritão todo coberto
De marisco e verde limo,
Traz somente descuberto
O nariz agudo e frio.

Saindo da agua o Tritão de fórma humana ameaça Mauricio, que se julga um pygmeu vendo aopé de si aquelle monte de carne e ossos, em que julga perceber escama de peixe.

Como não sabia a lingua que elle intenderia, reune as

reminiscencias do tempo em que andava entre gente do seu seculo, e nestes termos e linguas, tenta socegal-o:

Basta já, senhor Tritão,
Per pietá, Tritone amato,
Triton Ican no more,
Prudence, seigneur Triton,
O Triton, esto pacato
Corde, animo, naso e ore.

O amphibio humano não se demovia da sua furia, e já Mauricio mentalmente poderia dizer:

Eis que as bochechas engrossa,
Ai de mim onde esconder-me,

quando um sugeito risonho, e com trajes de arlequim, lhe apparece ao lado dizendo:

—Não se enfade com o meu gigante, que accumula tambem a particularidade de ser *menino gordo*. É uma pobre crença, que estranha a liberdade, assim como quem o vê pela primeira vez estranha os seus oito pés de altura. Todos os dias aqui o venho banhar para logo poder apparecer, na praça dos phenomenos, vestido de zephiro, sem que por falta de asseio as damas deixem de honrar a nossa barraca.

Mauricio perguntou ao arlequim onde era a egreja nacional, e depois de o gratificar seguiu o caminho que lhe indicou.

Ao voltar de uma esquina, reparou em alguns individuos que estavam á porta de uma loja, discutindo com certa vivacidade de gestos.

O mais velho de entre elles, depois de o saudar attenciosamente, pediu-lhe o favor de se aproximar dos seus companheiros. Aceite o convite, o hospede de Mauricio foi instado por todos para assignar o requerimento contra os novos projectos do ministro de fazenda.

—Eu não sou deste seculo, meus senhores, pertenço ao museu, e nada tenho com as contribuições da republica.

—Está o sr. perfeitamente enganado, disse um dos assistentes em voz de tiple.

—Ora veja, acrescentou outro, sacando dos bolsos das ceroulas dois massos de papeis...

—Mas se permittem continúo o meu caminho...

—Tenha paciencia, proseguiu o que estava armado com os dois rolos de papel... Este é o projecto do governo, e este o parecer K K K da commissão de fazenda. Do projecto escapava o senhor, mas do parecer não tenha medo dessa. Aqui está... Tabella Y classe 102... homem exotico, em terra de qualquer ordem:

Exposto	em theatro	13$000
»	em barraca	6$000
»	em casa particular	3$000
Andando	em liberdade..........	1$500

—Esta ultima é a sua hypothese.

—Ergo deve assignar, acudiu o tiple.

—Se me dispensam agradecerei o seu obsequio...

A este tempo saltou por cima do balcão um caixeiro todo secio, estacando mesmo defronte de Mauricio, e trazendo um papel na mão.

—Ao meu requerimento é que se não resiste—é a favor das touradas... no seu tempo aquillo é que eram touros... não é assim?

—Ainda vivem os touros! exclamou involuntariamente Mauricio.

—E porque não!... Ámanhã temos uma corrida explendida... em beneficio do asylo... o gado é de esmola... todas as lavouras serão representadas: o cartaz diz que todas as senhoras da primeira nobreza se dignam offerecer os enfeites para os bichos, trazendo cada um nas armas a divisa da sua dama: se duvida eu lhe vou buscar a folha official, e lerá o annuncio textualmente, como lhe estou dizendo.

—Eu não duvido, mas não assigno para me não comprometter.

—Bem se vê que no seu seculo não se conhecia nem usava o direito sagrado de petição.

Mauricio obteve convencel-os, que sendo estranho na cidade, e até no seculo devia abster-se de tomar parte nas questões nacionaes: e feitas as reciprocas despedidas continuou o seu caminho.

Começava a chover; vendo-se sem chapéo para se livrar da chuva, pensava em se recolher em qualquer loja quando leu em uma amplissima taboleta:

LEILÕES

PERMANENTES E CONTINUOS

OBJECTO POSTO EM PRAÇA NÃO SE RETIRA

Venda quasi de graça

Dez milhões de chapeus de chuva e de sol,
vinte milhões de ceroulas da ultima moda, e varios outros objectos
presentes no acto do leilão

O corretor sem numero

Bento da Boa Fé.

Mauricio entrou, e poucos instantes depois um individuo mal encarado e mal trajado se aproximou delle, e lhe disse ao ouvido:

—O nosso compadre director do estabelecimento pede-lhe que lance em tudo, e que vá picando sempre.

—Apenas careço de um chapeu de chuva e nada mais.

O interlocutor mal isto ouviu desappareceu entre os concorrentes, mas logo voltou, e chegando-se a Mauricio disse-lhe:

—Aqui estão dois chapeus em logar de um... mas cubra sempre o ultimo lance... Ande, homem... ponha mais

cinco réis... que o ramo vae ser entregue... nós aqui mais de metade somos compadres...

—E o resto?

—São patos disfarçados em gente, disse em voz baixa o chefe do estado maior do corretor de leilões.

Mauricio largando os dois chapeus saiu sem elles, e com uma illusão de menos.

No anno tres mil a humanidade permanecia estaccionanaria até nos leilões de especulação.

O tempo tinha estiado, e o sol reflectia de nuvem em nuvem a luz corada com que ao cair da tarde, se despede de uma parte da terra.

Era melancolicamente agradavel contemplar como o campo agradecia a fertilidade com que as aguas do ceu lhe fecundavam a vegetação.

As flores silvestres desabroxavam exhalando o perfume variado das campinas: as folhas das arvores desprendiam de si, como lagrimas de alegria, as gotas de agua que resvalavam de tronco em tronco até se sumirem no solo.

Ao longe o arco iris, desenhava-se vivo e bello na abobada negra de uma parte do firmamento.

Os regatos murmurando mais alto a corrente, annunciando que vinha perto a hora em que cessa o bulicio do homem para que as harmonias da natureza, acompanhem a voz eterna de Deus.

Como era bello este quadro! Como eram grandiosas as idéas que suscitava na mente!

A imaginação floria, como a planta, o animo erguia-se como o arbusto, e o coração sentia regosijo, porque a terra estava satisfeita e louvava o Senhor no encantado e mysterioso concerto dos seus milhares de vozes.

Taes eram os pensamentos de Mauricio quando percebeu que tinha passado as barreiras da cidade. Era este um dos ultimos marcos do seu itinerario, e do mundo ideal das illusões caiu sobre a dureza da triste realidade!

Tinha andado mais alguns passos quando parou oppri-

mido pela crise da transicção: tanto é certo que o meditar opera prodigios de sentimento!

Mauricio avistando já perto o edificio que lhe haviam indicado como sendo a egreja nacional, não podia desviar da lembrança as maravilhas da civilisação do ANNO TRES MIL.

Contemplava com desconforto a obra do progresso humano!

Entre tantos aperfeiçoamentos da materia, procurou o homem, e deu com elle tão pobre de recursos proprios, tão vicioso e inconstante como no seu tempo.

Todos os rostos que encontrou eram a imagem do soffrimento ou da duvida.

Não comprehendia o effeito de tantos esforços da industria, porque via os homens tão pobres como o eram no seu seculo.

Não atinou com a egualdade, nem com a fraternidade humana entre tantos milagres do calculo!

E pensava no que teria sido da religião verdadeira, que liga os homens uns com os outros, como irmãos, mostrando o caminho da bemaventurança eterna na pratica das virtudes.

Ora foi neste momento, que erguendo as vistas, e parando na meditação em que vinha, conheceu que estava ao pé de um vasto edificio que tinha esculpido no frontão em lettras de bonze:

IGREJA NACIONAL

Entrou.

O templo do ANNO TRES MIL era uma antiga praça de leilões, pintada e atapetada por conta da nova religião.

No logar da pia da agua benta estavam cabides para as bengallas e chapeus de chuva.

Os officios idolatras haviam acabado, e o padre nacional, como lhe chamavam, commodamente sentado em um sophá,

pregava uma extrema diatribe contra as outras religiões, que se não prestavam a seguir na transformação das idéas os progressos das luzes. Anathematisou o uso de uma lingua morta como expressão de culto, e provou citando Tacito, Cicero, Tertuliano e Santo Agostinho, que se devia ignorar e condemnar o latim, acabando o seu discurso pela apotheose do cultivo do sorgho, e da creação do bicho da seda!

Finda a predica saiu do templo o auditorio, que apenas se compunha de trinta pessoas.

Mauricio ia tambem sair, quando viu que um operario, que havia assistido ao sermão, com visiveis gestos de impaciencia, veio tomar o passo ao prégador, que se encaminhava para a porta.

— Faça favor, meu padre, e dizendo isto, o operario levou a mão aos cabellos, como se quizesse tirar um barrete. Posso saber se tenho a honra de fallar ao fundador da egreja nacional?

— Em carne e osso! accrescentou o prégador com sorriso vaidoso.

— Nesse caso, replicou o operario, que já estava entre as dez e as onze, é o sr. Frei Camaleão, o verdadeiro e unico Frei Camaleão?

— Sem duvida alguma.

O operario deu-lhe no estomago um murro de amisade.

Frei Camaleão não estava menos alegre do que o seu interlocutor, e de ambos se podia dizer:

Ah! quantas vezes,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta,
Guerra emprehenderam
Contra esquadrões.
Em ala postos
De garrafões.
A que arrancaram
Rolhas teimosas,
E despejaram

Nas sequiosas
Goellas vorazes;
Sem um momento,
Ouvido a pazes
Quererem dar.
Depois tocando
Na docil lyra,
E descantando
Suas victorias,
Nos descreveram,
Quanto beberam.

A viajar,
O Tejo e Nilo
Talvez bebessem
Se em vinho os rios
Se convertessem:
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria.
E coroados
De verdes parras,
A Bacho um dia
Quaes estiveram
Para votar
Que o mesmo mar
Enxugariam;
Se as suas aguas
Bacho podesse
Vinho tornar.

Com o punho ainda cerrado, o desequilibrado operario exclama:

—Estou com o meu homem!... Desde pela manhã que ando pelas vendas de vinho para saber onde era á egreja nacional, nenhum lhe sabia o poiso!...

—Quereis dirigir-me alguma pergunta? disse o prégador para investir sem rodeios com a questão.

—Quero fazer-vos vinte ou mais perguntas, replicou o operario, porque todos me dizem que sois um bom patusco, e eu morro por quem está sempre alegre!...

—Dizei o que me quereis?

—De vagar se vae ao longe, isto não vae a matar!... Começarei pelo principio. As coisas significam o que repre-

sentam, e a circumstancia do objecto ficará desconhecida, se eu, apesar de homem rude, me não explicar, como quem sabe o nome ás coisas, e não ignora o nome aos bois. Ora, meu padreca... eu chamo-me Aniceto, e não me envergonho de apresentar as mãos calejadas. porque o homem significa o que representa, isto é um modo de fallar. Tenho uma filha com doze annos que ajuda a mãe a cardar lã para colxões, o que não é peccado, segundo me parece, salvo o respeito á sua opinião: mas eu sendo rustico sei que dois e dois são quatro, e, louvado Deus, não ando com as mãos pelo chão... Tenho muita honra em ser artista e trabalhar...

—O trabalho é um dever...

—É o que digo todos os dias á minha filha, apesar de que Thomaz nem sempre prega o que faz. O trabalho é um dever para a mulher... mas a mãe, que tem algumas teas de aranha na cabeça, quer que a rapariga commungue, e vá ao catecismo... Ora isto de opiniões são como o vinho... cada um tem o seu gosto e o seu freguez, e fui portanto procurar o parocho, e dei-lhe parte do caso...

—E que vos respondeu?

—Ahi é que bate o ponto: disse-me que para commungar era mister cada um saber o que fazia; como cada um é como cada qual, não estou pelos autos. Como é possivel que a rapariga vá ao catecismo e me deixe o trabalho!... Se me sáe de casa, trabalha e ganha menos. Sabeis o que me respondeu? É mister que todos saibam a religião em que vivem. Não me opponho, repliquei eu, com tanto que não aprenda o catecismo a cardar a lã; não póde ser por menos. Ora isto era claro como a luz do dia; mas o bom do padre fez-se de novas, e não me intendeu.

Frei Camaleão encolheu os hombros, e disse com modos catequisadores:

—Não me admira. O clero não intende quaes são as verdadeiras necessidades do povo. Trazei-me vossa filha, e a mãe ficará contente...

— Mas não falle em catecismo! meu heroe.

— Para que? A sciencia não serve de coisa alguma. A egreja nacional só exige a boa vontade, e nada mais.

Aniceto batia as palmas de satisfeito.

— Isto é que é uma religião, o mais é historia! A boa vontade não evita dinheiro, e não arruina ninguem. Tomae-me a rol na vossa freguezia, quero ser vosso freguez... e haveis de enterrar minha mulher quando ella morrer.

— O que precisamos unicamente é a certidão do baptismo da morgada.

O operario olhou attonito para o sacerdote do novo culto, e torcendo o barrete, como se estivera ensaboando, titubeou:

— Ah! sim, a certidão do baptismo... Ora essa... e não nos poderemos arranjar sem esse luxo?

— Talvez.

— Foi o caso que... ora oiça... Como eu e a mãe temos sempre muito que fazer... não se póde apostar, nem meio quartilho que a pequena fosse baptisada com toda a perfeição.

— Podeis reparar o esquecimento?

— Não digo que não... mas a cousa custa oito tostões, o preço de oito garrafas de vinho, e não ha de ser do melhor! E de mais a mais ella tem nome: todos lhe chamam Rosa.

— Quasi que tendes razão. A egreja nacional não é exigente; havemos de arranjar tudo ás mil maravilhas.

— Venha esse abraço... o senhor é que é um padre, tudo o mais é historia. Está dito, não me convem outra religião.

— Ficamos de accordo, redargiu o prégador sorrindo; e basta que vossa mulher apresente a certidão do casamento.

Aniceto fez um destes movimentos nervosos com a cabeça como de quem sem querer engole um osso.

— Ah! é preciso a certidão do casamento?

— Indispensavel!

O operario coçou a cabeça com ambas as mãos.

—Vamos de mal a peior, redargiu elle balbuciando... Não respondo que ache o documento porque temos viajado muito, e nas viagens sempre se perdem os papeis... tanto mais que minha mulher e eu não nos lembramos de ter ido á egreja para a tal ceremonia.

—O caso é serio!

—Meu padre, a economia é tambem quem tem a culpa! Bem sabeis que o casamento tambem custa dinheiro... oito tostões, como o baptisado... e na situação em que vivemos olhamos para todas as despezas, e soffremos com paciencia certas privações...

—Tendes razão, observou o representante da nova egreja. Deus perdoou á mulher adultera!

—Nesse caso...

—Acharemos meio de remediar o vosso esquecimento, motivado pela economia.

—Outro abraço!...

—A egreja nacional respeita a vida privada!...

—Se é como dizeis, não quero já saber de outra religião que não seja essa... Sois um heroe, e é necessario que vos pague um copinho...

O bom do prégador só com muita difficuldade se desembaraçou da sua nova ovelha, e a final conseguiu ir para o interior do edificio, deixando o operario em perfeito desequilibrio de corpo e de espirito.

Aniceto começou um destes monologos resmungados em que a eloquencia natural se conserva por algum tempo fresca e ridente em espirito de vinho.

—Está dito... renego... ponho escriptos fóra de tempo — e mudo de religião... a mudança é economica, pois que se não pagam fretes... A religião que me não permittia beber até fartar... que me não deixava viver segundo o meu gosto... era uma coisa apoquentadora... mas já que este Camaleão descobriu um Deus, que é bom principe, tambem eu o adopto para meu uzo, e declaro em alto e bom

som, que eu Aniceto Perdigão, bem como a sr.ª Ambrosia Perdiz, e mais a Rosinha Perdigota, fazemos d'ora ávante parte da nova egreja nacional.

Ditas estas palavras enterrou o barrete na cabeça, e foi cambaleando para a porta principal, por onde sahiu.

Mauricio voltou para casa desanimado e pensativo.

Martha, que o estava esperando com impaciencia e cuidado, estranhou a sua tristeza, e perguntou com anciedade:

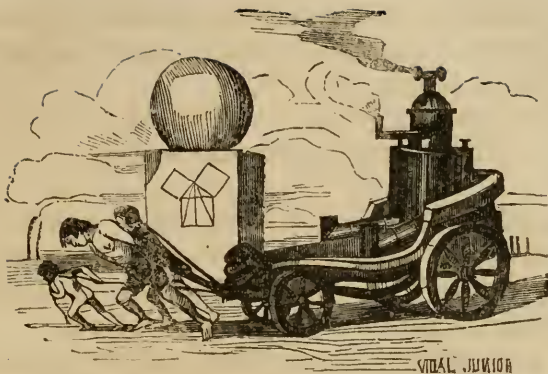
— O que vistes, que assim vens perturbado?

— O que devia ter supposto antes de o ver! respondeu Mauricio apertando affectuosamente a mão de sua esposa.

— Mauricio socega...

— Ah! minha querida Martha, tinhamos procurado inutilmente neste mundo aperfeiçoado, o amor e a poesia: restava-nos a fé, que serve de allivio a todos os tormentos!

— E não a poderemos encontrar, ainda que seja vacillante como a luz de uma alampada no templo, que abre aos fieis todas as suas portas, em dia de tempestade?...

— Não, Martha! A fé voou para longe do mundo, seguida pelo amor que vae chorando a desventura dos homens, e pela poesia, que, abraçada á lyra, arreda a vista das miserias da terra!

CONCLUSÃO

Martha e Mauricio estavam afflictos.

Ambos choravam sobre o destino do mundo, onde o homem se tornara escravo da machina, e o interesse substituira o amor.

Eram tristes os seus pensamentos, quando adormeceram.

Ambos contemplaram uma visão.

Deus volvendo os olhos para a terra, e vendo a obra da corrupção humana, dizia:

« Aos que esqueceram as leis que eu gravara em seus « corações, turbou-se-lhes a vista interior, e cada um d'el- « les não vê objecto algum além de si mesmo.

« Os homens assim como encadearam as aguas, prende- « ram o ar, e dominaram o fogo, bradaram:—Somos os se- « nhores do mundo, e ninguem tem direito de julgar os « nossos intentos. Eu os desenganarei severamente, par- « tindo as cadêas com que sustiveram as aguas, abrindo a

« prisão do ar, e dando ao fogo a violencia que lhe ven-
« ceram; e para logo esses reis de um dia conhecerão a
« sua fraqueza. »

A estas palavras o Omnipotente fez um signal!

Os tres anjos da ira precipitaram-se sobre a terra, e tudo foi ruina e confusão!

Durante um extenso sonho, Mauricio e Martha viram abater os porticos, trasbordar os rios, os incendios rolarem sobre o mundo em ondas de fogo, e o genero humano fugir da destruição geral.

No maior impeto da catastrophe uma voz bradou:

Paz aos homens de boa vontade. É por sua causa que a humanidade renascerá, e que o mundo surgirá das ruinas allumiado pela fé, confortado pela caridade, e defendido pela esperança.

FIM

L'AN

DEUX MILLE

QUATRE CENT QUARANTE.

L'AN
DEUX MILLE
QUATRE CENT QUARANTE.

Rêve s'il en fut jamais.

Le tems préſent eſt gros de l'avenir . . .
L E I B N I T Z.

A LONDRES.

M. DCC. LXXVI.

ÉPITRE

DÉDICATOIRE

A L'ANNÉE

DEUX MILLE

QUATRE CENT QUARANTE.

Auguste & respectable année, qui dois amener la félicité sur la terre; toi, hélas? que je n'ai vue qu'en songe, quand tu viendras à jaillir du sein de l'éternité, ceux qui verront ton soleil fouleront aux pieds mes cendres & celles de trente générations, successivement éteintes & disparues dans le profond abîme de la mort. Les Rois, qui sont aujourd'hui assis sur des trônes, ne seront plus; leur postérité ne sera plus: & toi, tu jugeras & ces Monarques décédés & les écrivains qui vivoient soumis à leur puissance. Les noms des amis, des défenseurs de l'humanité, brilleront honorés: leur gloire sera pure & radieuse. Mais cette vile populace de Rois qui auront, en tout sens, tourmenté l'espece humaine, plus enfoncés encore dans l'oubli que dans la région des morts, ne s'échapperont de l'opprobre qu'à la faveur du néant.

La pensée survit à l'homme; & voilà son plus glorieux appanage! La pensée s'éleve de son tombeau, prend un corps durable, immortel; & tandis que les tonnerres du despotisme tombent & s'éteignent, la plume d'un écrivain franchit l'intervalle des tems, absout ou punit les maîtres de l'univers.

J'ai usé de l'empire que j'ai reçu en naissant; j'ai cité devant ma raison solitaire les loix, les abus, les

coutumes du pays où je vivois inconnu & obſcur. J'ai connu cette haine vertueuſe que l'être ſenſible doit à l'oppreſſeur : j'ai déteſté la tyrannie, je l'ai flétrie, je l'ai combattue avec les forces qui étoient en mon pouvoir. Mais, auguſte & reſpectable Année, j'ai eu beau, en te contemplant, élever, enflammer mes idées, elles ne ſeront peut-être à tes yeux que des idées de ſervitude. Pardonne ! le génie de mon ſiecle me preſſe & m'environne : la ſtupeur regne : le calme de ma patrie reſſemble à celui des tombeaux. Autour de moi, que de cadavres colorés, qui parlent, qui marchent, & chez qui le principe actif de la vie n'a jamais pouſſé le moindre rejetton ! Déja même la voix de la philoſophie, laſſe & découragée, a perdu de ſa force ; elle crie au milieu des hommes comme au ſein d'un immenſe déſert.

Oh, ſi je pouvois partager le tems de mon exiſtence en deux portions ; comme je deſcendrois à l'inſtant même au cercueil ! comme je perdrois avec joie l'aſpect de mes triſtes, de mes malheureux contemporains, pour aller me réveiller au milieu de ces jours purs que tu dois faire éclore, ſous ce ciel fortuné, où l'homme aura repris ſon courage, ſa liberté, ſon indépendance & ſes vertus. Que ne puis-je te voir autrement qu'en ſonge, Année ſi deſirée & que mes vœux appellent ! Hâte-toi ! viens éclairer le bonheur du monde ! Mais, que dis-je ? délivré des preſtiges d'un ſommeil favorable, je crains, hélas ! je crains plutôt que ton ſoleil ne vienne un jour à luire triſtement ſur un informe amas de cendres & de ruines !

TABLE

Des Chapitres contenus dans cet ouvrage.

Fin de la Table.

L'AN DEUX MILLE QUATRE CENT QUARANTE.

Rêve s'il en fut jamais.

AVANT-PROPOS.

DESIRER que tout ſoit bien, eſt le vœu du Philoſophe. J'entends par ce mot, dont on a ſans doute abuſé, l'être vertueux & ſenſible qui veut le bonheur général, parce qu'il a des idées préciſes d'ordre & d'harmonie. Le mal fatigue les regards du Sage, il s'en plaint; on ſoupçonne qu'il a de l'humeur; on a tort. Le Sage ſait que le mal abonde ſur la terre; mais en même tems il a toujours préſente à l'eſprit cette perfection ſi belle & ſi touchante, qui peut & qui doit même être l'ouvrage de l'homme raiſonnable.

En effet, pourquoi nous ſeroit-il défendu d'eſpérer qu'après avoir décrit ce cercle extravagant de ſottiſes autour duquel l'égarent ſes paſſions, l'homme ennuyé reviendra à la lumiere pure de l'entendement? Pourquoi le genre humain ne ſeroit-il pas ſemblable à l'individu? Emporté, violent, étourdi dans ſon jeune âge; ſage, doux,

modéré dans ſa vieilleſſe (*a*). L'homme qui penſe ainſi, s'impoſe à lui-même le devoir d'être juſte.

Mais ſavons-nous ce que c'eſt que perfection ? Peut-elle être le partage d'un être foible & borné? Ce grand ſecret n'eſt-il pas caché ſous celui de la vie ? & ne faudra-t-il pas dépouiller notre vêtement mortel pour percer cette ſublime énigme ?

En attendant tachons de rendre les choſes paſſables, ou ſi c'eſt encore trop, rêvons du moins qu'elles le ſont. Pour moi, concentré avec Platon, je rêve comme lui. O mes chers Concitoyens ! vous que j'ai vu gémir ſi fréquemment ſur cette foule d'abus dont on eſt las de ſe plaindre, quand verrons-nous nos grands projets, quand verrons-nous nos ſonges ſe réaliſer ? Dormir, voilà donc notre félicité.

(*a*) *Le monde n'auroit-il été fait qu'en faveur d'un ſi petit nombre d'hommes qui couvrent actuellement la face de la terre ? Que ſont tous les êtres qui ont exiſté en comparaiſon de tous ceux que Dieu peut créer ? D'autres générations viendront occuper la place que nous occupons ; elles paroîtront ſur le même théatre ; elles verront le même ſoleil, & nous pouſſeront ſi avant dans l'antiquité, qu'il ne reſtera de nous ni trace, ni veſtige, ni mémoire.*

CHAPITRE PREMIER.

Paris entre les mains d'un vieil Anglois.

FACHEUX ami, pourquoi m'éveilles-tu ? Ah, quel tort tu viens de me faire ! tu m'ôtes un ſonge dont je préférois la douce illuſion au jour importun de la vérité. Que mon erreur étoit délicieuſe, & que ne puis-je y demeurer plongé le reſte de ma vie ! Mais non, me voilà retombé dans le cahos affreux dont je me croyois dégagé. Aſſieds-toi & m'écoutes, tandis que mon eſprit eſt encore plein des objets qui l'ont frappé.

Je converſai hier fort tard avec ce vieil Anglois dont l'ame eſt ſi franche. Tu ſais que j'aime l'homme vraiment anglois. On ne trouve nulle part de meilleurs amis ; on ne rencontre chez aucun autre peuple des hommes d'un caractere auſſi ferme & auſſi généreux. Cet eſprit de liberté qui les anime, leur donne un degré de force & de conſiſtance bien rare chez les autres peuples.

Votre nation, me diſoit-il, eſt remplie d'abus auſſi étranges que multipliés : on ne peut ni les concevoir, ni les nombrer, & l'eſprit s'y perd. Rien ne me confond ſur-tout, comme ce repos, ce calme apparent qui couvre les débats affreux de tant de guerres inteſtines. Votre capitale eſt un compoſé incroyable (*a*). Ce monſtre difforme eſt

(*a*) *Tout le Royaume eſt dans Paris. Le Royaume reſſemble à un enfant rachitique. Tous les ſucs montent à ſa tête & la groſſiſſent. Ces ſortes d'enfans ont plus d'eſprit que les autres, mais le reſte du corps eſt diaphane & exténué. L'enfant ſpirituel ne vit pas long-tems.*

le réceptacle de l'extrême opulence & de l'excessive misere : leur lutte est éternelle. Quel prodige ! que ce corps dévorant qui se consume dans chaque partie, puisse subsister dans son épouvantable inégalité (a).

On fait tout dans votre Royaume pour cette capitale : on lui sacrifie des villes, des provinces entieres. Eh, qu'est-elle autre chose qu'un diamant entouré de fumier ! Quel mêlange inoui d'esprit & de bêtise, de génie & d'extravagance, de grandeur & de bassesse ! Je quitte l'Angleterre, je me presse, j'accours, je crois arriver dans un centre éclairé, où les hommes, en unissant leurs talens mutuels, auroient dû faire régner tous les plaisirs ensemble, & cette aisance, cette commodité qui ajoutent à leur charme. Mais, Dieu ! que mon espérance est cruellement déçue ! Sur ce point où tout abonde, je vois des malheureux qui souffrent la faim. Au milieu de tant de loix sages, on commet mille crimes. Parmi tant de réglemens de police, tout est en désordre. Ce ne sont par-tout qu'entraves, qu'embarras, qu'usages contraires au bien public.

La foule risque à chaque instant d'être écrasée par cette innombrable profusion de voitures, où sont portés tout à leur aise des gens qui valent infiniment moins que ceux qu'ils éclaboussent & qu'ils menacent d'écraser. Je frissonne dès que j'entends les pas précipités d'une paire de chevaux qui avancent à toutes jambes dans une ville peuplée de femmes grosses, de vieillards & d'enfans. En vérité, rien n'est plus insultant à la nature

(a) *Quelque chose de plus étonnant encore, c'est la maniere dont il subsiste. Il n'est pas rare de voir un homme qui ne sauroit vivre avec cent mille livres de rente, emprunter de l'argent à un autre qui est à son aise avec cent pistoles.*

humaine, que cette indifférence cruelle ſur des dangers qui renaiſſent à chaque minute (*a*).

Vos affaires vous appellent malgré vous dans un tel quartier, & il s'en exhale une odeur fétide qui tue. Des milliers d'hommes reſpirent forcement cet air empoiſonné (*b*).

Vos Temples ſcandaliſent plus qu'ils n'édifient. On en fait des lieux de paſſage & quelquefois pis. On ne s'y aſſied que pour de l'argent : indécent monopole dans un lieu ſaint où tous les hommes devant l'Etre Suprême doivent ſe regarder, au moins, égaux entr'eux.

Si vous copiez d'après les Grecs & les Romains, vous n'avez pas ſeulement l'eſprit de vous tenir dans leur genre ; vous gâtez leur matiere qui eſt ſimple & noble ; vous la gâtez, dis-je, vous la défigurez par la petiteſſe de vos vues, & par cette fureur puérile que vous avez tous pour le joli. Vous avez quelques pieces de théatre qui ſont des chef-d'œuvres. Si ſur leur lecture il me prend envie de les aller voir repréſenter, je ne les reconnois plus.

(*a*) *Premiers habitans de la terre, auriez-vous jamais penſé qu'il exiſteroit un jour une ville où l'on marcheroit impitoyablement ſur les infortunés piétons, à tant par jambes & par bras ?*

(*b*) *Les Innocens ſervent de cimetiere à 22 paroiſſes de Paris. On y enterre des morts depuis mille ans. On auroit dû les placer bien loin hors des murs. Qu'a-t-on fait ? On les a mis au centre de la ville, & dans la crainte apparemment qu'ils ne fuſſent pas aſſez fréquentés, on les a entourés de boutiques & de marchands. C'eſt un tombeau toujours ouvert, toujours rempli, toujours vuide. Nos petites-maîtreſſes vont prendre ſur les oſſemens pourris d'un milliard de morts la meſure de leurs pompons & de leurs autres colifichets.*

Vous avez trois petits théatres ſombres & meſquins. Dans le premier on chante à grands fraix ; on vous étourdit magnifiquement, & le ridicule machiniſte prodigue des miracles au milieu deſquels vous bâillez. Dans le ſecond on vous fait rire, quand on devroit vous faire pleurer. Le coſtume eſt toujours manqué ; & outre vos pitoyables acteurs tragiques que l'on ne ſe donne pas même la peine de critiquer, vous avez telle confidente dont le nez plat & gigantesque ſuffiroit ſeul pour faire évanouir la plus parfaite illuſion. Quant au troiſieme, ce ſont des farceurs qui tantôt ſecouent le grelot de Momus, & tantôt glapiſſent de fades ariettes. Je les préfere cependant à vos fades Comédiens François, parce qu'ils ont plus de naturel, & par conſéquent plus de graces, parce qu'ils ſervent un peu mieux le public *(a)* ; mais j'avoue en même tems qu'il faut être excédé de loiſir pour s'amuſer des frivolités qu'ils débitent.

Ce qui me fait ſourire de pitié, c'eſt que de pareilles gens, auxquels chaque particulier fait en quelque ſorte l'aumône, entaſſent impertinemment leurs juges dans un parterre étroit, où debout & ſerrés les uns contre les autres, ils ſouffrent mille tortures, & où il ne leur eſt pas ſeulement permis de crier qu'ils étouffent quand ils vont rendre l'ame. Un peuple qui juſques dans ſes plaiſirs endure une ſervitude auſſi gênante, prouve juſqu'à quel point on peut le réduire en

---

(a) Il y a une différence eſſentielle entre les Comédiens François & les Comédiens Italiens. Les premiers ſe croient de la meilleure foi du monde des gens de mérite ; & ils ſont inſolens. Les ſeconds ſont intéreſſés & ne viſent qu'à l'argent. Les uns par amour propre veulent maitriſer le goût public ; les autres tachent de s'y conformer par avarice.

esclavage. Ainsi tous ces plaisirs vantés de loin, de près sont troublés, corrompus, & il faut marcher sur la tête de la multitude, si l'on veut respirer à son aise.

Comme je ne me sens pas ce barbare courage, adieu, je me retire. Soyez fiers de tous vos beaux monumens qui tombent en ruine : montrez avec admiration votre Louvre dont l'aspect vous fait plus de honte que d'honneur, sur-tout lorsque l'on apperçoit de tout côté tant de colifichets brillans qui vous coûtent plus à entretenir que vos monumens publics ne vous coûteroient à achever.

Mais tout cela n'est encore rien. Si je m'étendois sur l'horrible disproportion des fortunes ; si j'étalois au grand jour les raisons secrettes qui la causent ; si je parlois de vos mœurs dures & superbes sous des dehors faciles & polis (*a*) ; si je retraçois l'indigence du misérable & l'impossibilité où il est d'en sortir en conservant sa probité ; si je comptois les rentes qu'un malhonnête homme àcquiert, & les degrés de considération dont il jouit à mesure qu'il devient plus fripon... (*b*) tout

---

(*a*) *Si vous exceptez les Financiers qui sont durs & impolis tout ensemble, le reste des riches n'a que l'un de ces deux défauts ; ou ils vous laissent mourir de faim poliment, ou ils vous donnent brusquement quelque secours.*

(*b*) *Autrefois on n'aidoit point l'homme vertueux, mais on l'estimoit au moins. Aujourd'hui, ce n'est plus cela. Je me rappelle la réponse d'une Princesse à son Intendant. Elle lui donnoit six cent livres de gages, & il se plaignoit de n'être point assez payé. Comment faisoit donc votre prédécesseur, lui dit-elle ? il n'est demeuré que dix ans à mon service, & il s'est retiré avec vingt mille livres de rente. Madame, il vous voloit, répondit l'Intendant ; Eh bien, Monsieur, répliqua la Princesse, volez-moi.*

cela me meneroit trop loin : bon ſoir. Je pars demain ; je pars demain, vous dis-je : je ne puis être plus long-tems dans une ville ſi malheureuſe, avec tant de moyens de ne l'être pas.

Je ſuis dégoûté de Paris comme de Londres. Toutes les grandes villes ſe reſſemblent ; Rouſſeau l'a fort bien dit. Il ſemble que plus les hommes font de loix pour être heureux en ſe réuniſſant en corps, plus ils ſe dépravent, & plus ils augmentent la ſomme de leurs maux. On pouvoit cependant raiſonnablement penſer qu'il devoit en arriver le contraire ; mais trop de gens ſont intéreſſés à s'oppoſer au bien général. Je vais chercher quelque village où, dans un air pur & des plaiſirs tranquilles, je puiſſe déplorer le ſort des triſtes habitans de ces faſtueuſes priſons que l'on nomme villes (a).

J'eus beau lui répéter le proverbe vulgaire, que *Paris n'avoit pu ſe faire en un jour*, que tout étoit déja perfectionné en comparaiſon des ſiecles précédens. Encore quelques années, lui diſois-je, & peut-être n'aurez-vous plus rien à deſirer ; s'il eſt poſſible toutefois de remplir dans toute leur étendue les différens projets qui ont été conçus ... Ah ! me répliqua-t-il, voilà bien le tic de votre nation. Toujours des projets ! & vous y croyez ! Vous êtes François, mon ami ; avec tout votre bon ſens le goût du terroir vous a gagné. Mais, ſoit : je reviendrai vous voir quand tous ces projets auront été mis à exécution. D'ici là j'irai vivre ailleurs. Je n'aime point habiter parmi tant de mécontens,

---

(a) *Dans ce torrent de modes, de fantaiſies, d'amuſemens, dont aucun ne dure, & dont l'un détruit l'autre, l'ame des grands perd juſqu'à la force de jouir, & devient auſſi incapable de ſentir le grand & le beau, que de le produire.*

tant

tant de malheureux, dont le regard ſouffrant déchire mon cœur (*a*).

Je vois qu'il ſeroit aiſé de remédier aux maux les plus preſſans; mais croyez-moi, l'on n'y remédiera pas : les moyens ſont trop ſimples pour que l'on y ait recours ; on s'en éloignera, je le parierois. Je ferois un autre pari encore, c'eſt que l'on ne répete parmi vous avec tant d'affectation le mot ſacré d'humanité, que pour s'exempter de remplir les devoirs qu'il renferme (*b*). Il y a long-tems que vous ne péchez plus par ignorance, ainſi vous ne vous corrigerez jamais. Adieu.

CHAPITRE II.

J'ai Sept Cent Ans.

IL étoit minuit quand mon vieil Anglois ſe retira. J'étois un peu las : je fermai ma porte & me couchai. Dès que le ſommeil ſe fut étendu ſur

---

(*a*) *Il n'eſt aucun établiſſement en France qui ne tende au détriment de la nation.*

(*b*) *Malheur à l'écrivain qui flatte ſon ſiecle & acheve de l'aſſoupir, qui le berce de l'hiſtoire de ſes héros antiques & des vertus qu'il n'a plus, pallie le mal qui le mine & le dévore, & tel qu'un charlatan adroit & courtiſan lui inſinue qu'il porte un front rayonnant de ſanté, tandis que la gangrene va opérer la diſſolution de ſes membres. L'écrivain courageux ne profere point ce dangereux menſonge ; il s'écrie ; ô mes concitoyens ! non, vous ne reſſemblez pas à vos peres : vous êtes polis & cruels, vous n'avez que les apparences de l'humanité ; lâches & fourbes, vous n'avez pas même le courage des grands forfaits, vos crimes ſont petits, comme vous.*

mes paupieres, je rêvai qu'il y avoit des ſiecles que j'étois endormi, & que je m'éveillois (a). Je me levai, & je me trouvai d'une peſanteur à laquelle je n'étois pas accoutumé. Mes mains étoient tremblantes, mes pieds chancelans. En me regardant dans mon miroir, j'eus peine à reconnoître mon viſage. Je m'étois couché avec des cheveux blonds, un teint blanc & des joues colorées. Quand je me levai, mon front étoit ſillonné de rides, mes cheveux étoient blanchis, j'avois deux os ſaillans au-deſſous des yeux, un long nez, & une couleur pâle & blême étoit répandue ſur toute ma figure. Dès que je voulus marcher, j'appuyai machinalement mon corps ſur une canne; mais du moins je n'avois point hérité de la mauvaiſe humeur trop ordinaire aux vieillards.

En ſortant de chez moi je vis une place publique qui m'étoit inconnue. On venoit d'y dreſſer une colonne pyramidale qui attiroit les regards des curieux. J'avance, & je lis très-diſtinctement : L'an de grace MM. IVC. XL. Ces caracteres étoient gravés ſur le marbre en lettres d'or.

D'abord je m'imaginai que c'étoit une erreur de mes yeux, ou plutôt une faute de l'artiſte, & je m'apprêtois à en faire la remarque, lorſque ma ſurpriſe devint plus grande en jettant la vue ſur deux ou trois édits du Souverain attachés aux murailles. J'ai toujours été curieux lecteur des affiches de Paris. Je vis la même date MM. IVC. XL. fidelement empreinte ſur tous les papiers publics. Eh, quoi! dis-je en moi-même, je ſuis donc devenu bien vieux ſans m'en appercevoir : quoi,

---

(a) *Il n'eſt que d'avoir l'imagination fortement frappée d'un objet, pour ſe le retracer pendant la nuit. Il y a des choſes étonnantes dans les rêves. Celui-ci, comme on le verra par la ſuite, eſt aſſez bien conditionné.*

j'ai dormi ſix cent ſoixante - douze années (*a*).

Tout étoit changé. Tous ces quartiers qui m'étoient ſi connus, ſe préſentoient à moi ſous une forme différente & récemment embellie. Je me perdois dans des grandes & belles rues proprement alignées. J'entrois dans des carrefours ſpacieux où régnoit un ſi bon ordre, que je n'y appercevois pas le plus léger embarras. Je n'entendois aucun de ces cris confuſément bizarres qui déchiroient jadis mon oreille (*b*). Je ne rencontrois point de voitures prêtes à m'écraſer. Un goutteux auroit pu ſe promener commodément. La ville avoit un air animé, mais ſans trouble & ſans confuſion.

J'étois ſi émerveillé, que je ne voyois pas les paſſans s'arrêter & me conſidérer des pieds à la tête avec le plus grand étonnement. Ils hauſſoient les épaules & ſourioient, comme nous ſourions nous-mêmes lorſque nous rencontrons un maſque. En effet mon habillement devoit leur paroître original & groteſque, tant il étoit différent du leur.

Un citoyen (que je reconnus dans la ſuite pour un ſavant) s'approcha de moi, & me dit poliment, mais avec une gravité ferme : Bon vieillard, à quoi ſert ce déguiſement ? Votre projet eſt-il de nous retracer les ridicules uſages d'un ſiecle bizarre ? Nous n'avons aucune envie de les imiter. Laiſſez-là ce vain badinage.

Comment ? lui répondis-je, je ne ſuis point déguiſé ; je porte les mêmes habits que je portois hier : ce ſont vos colonnes, vos affiches qui mentent. Vous ſemblez reconnoître un autre Souverain que Louis XV. Je ne ſais quelle peut être votre idée,

---

(*a*) *Cet ouvrage a été commencé en* 1768.

(*b*) *Les cris de Paris forment un langage particulier dont il faut avoir la grammaire.*

mais je la crois dangereuſe, je vous en avertis ; on ne joue point de pareilles maſcarades ; on n'eſt point fou de cette force-là : en tout cas vous êtes des impoſteurs bien gratuits, car vous ne pouvez pas ignorer que rien ne prévaut contre l'évidence de ſa propre exiſtence.

Soit que cet homme ſe perſuadât que j'extravaguois, ſoit qu'il pensât que le grand âge que je paroiſſois avoir me faiſoit radoter, ſoit qu'il eût quelqu'autre ſoupçon, il me demanda en quelle année j'étois né ? En 1740, lui répondis-je.—— Eh bien ! à ce compte, vous avez au juſte ſept cent ans. Il ne faut s'étonner de rien, dit-il à la multitude qui m'environnoit : Enoch, Elie ne ſont point morts ; Mathuſalem & quelques autres ont vécu 900 ans ; Nicolas Flamel court le monde comme le Juif errant, & Monſieur, peut-être, a trouvé l'élixir immortel ou la pierre philoſophale.

En prononçant ces mots il ſourioit, & chacun ſe preſſoit autour de moi avec une complaiſance & un reſpect tout particulier. Ils bruloient tous de m'interroger, mais la diſcrétion enchaînoit leur langue ; ils ſe contentoient de ſe dire tout bas : un homme du ſiecle de Louis XV ! oh, que cela eſt curieux !

CHAPITRE III.

Je m'habille à la Fripperie.

J'ÉTOIS fort embarraſſé de ma perſonne. Mon ſavant me dit : étonnant vieillard, je m'offre volontiers à vous ſervir de guide ; mais commençons, je vous prie, par entrer chez le premier

frippier que nous allons trouver, car (ajouta-t-il avec franchise) je ne pourrois pas vous accompagner si vous n'étiez pas vêtu décemment.

Vous m'avouerez, par exemple, que dans une ville bien policée, où le gouvernement défend tout combat & répond de la vie de chaque particulier, il est inutile, pour ne pas dire indécent, de s'embarrasser les jambes d'une arme meurtriere, & de mettre une épée à son côté pour aller parler à Dieu, aux femmes & à ses amis : c'est tout ce que pourroit faire le soldat dans une ville assiégée. Dans votre siecle on tenoit encore au vieux préjugé de la gothique chevalerie; c'étoit une marque d'honneur de traîner toujours une arme offensive; & j'ai lu dans un des ouvrages de votre tems, que le foible vieillard faisoit encore parade d'un fer inutile.

Que votre habillement est gênant & mal sain ! Vos épaules & vos bras sont emprisonnés, votre corps est comprimé, votre poitrine est serrée ; vous ne respirez pas. Et pourquoi, s'il vous plaît, exposer vos cuisses & vos jambes à l'intempérie des saisons ?

Chaque tems amene de nouvelles modes ; mais ou je suis bien trompé, ou la nôtre est aussi agréable que salutaire : voyez. En effet, la maniere dont il étoit habillé, quoique nouvelle pour moi, n'avoit rien qui me déplût. Son chapeau n'avoit plus cette couleur triste & lugubre, ni ces cornes embarrassantes (*a*) : il n'en restoit que la calotte, qui

---

(a) *Si j'écrivois l'histoire de France, je m'étendrois avec une complaisance marquée sur le chapitre des chapeaux. Ce morceau, traité avec soin, seroit curieux & intéressant ; j'y serois contraster l'Angleterre & la France, l'une prendroit un petit chapeau, quand l'autre en prendroit un grand ; & celle-ci en quitteroit un grand, quand celle-là en quitteroit un petit.*

étoit assez profonde pour tenir dans la tête, & qui d'ailleurs étoit entourée d'un bourrelet. Ce bourrelet roulé avec grace, demeuroit plié sur lui-même lorsqu'il étoit inutile, & pouvoit se rabattre & s'avancer au gré de celui qui le portoit, pour le garantir du soleil ou du mauvais tems.

Ses cheveux proprement tressés, formoient un nœud derriere sa tête (a), & un léger soupçon de poudre leur laissoit leur couleur naturelle. Ce simple accommodage ne présentoit point une pyramide plâtrée de pommade & d'orgueil, ni ces aîles maussades qui donnent un air effaré, ni ces boucles immobiles, qui loin de retracer une chevelure flottante, n'ont d'autre mérite que celui d'une roideur sans expression comme sans grace.

Son cou n'étoit plus étranglé par une bande étroite de mousseline (b), il étoit entouré d'une cravate plus ou moins chaude, suivant la saison. Ses bras jouissoient de toute leur liberté dans des manches médiocrement larges; & son corps lestement vêtu d'une espece de soubreveste, étoit couvert d'un manteau en forme de robe, dont l'usage étoit salutaire dans les tems de pluie ou dans les froids.

Une longue écharpe ceignoit noblement ses reins, & procuroit une chaleur égale. Il n'avoit

---

(a) *S'il me prenoit fantaisie de donner un traité sur l'art de la frisure, dans quel étonnement je jetterois les lecteurs, en leur prouvant qu'il y a trois ou quatre cent manieres de tordre les cheveux d'un honnête homme. Oh! que les arts ont de profondeur, & qui peut se vanter de les parcourir en détail!*

(b) *Je n'aime point que l'on crie contre nos cols, ils nous servent plus qu'on ne l'imagine. Les veilles, la bonne chere, & quelques autres excès, nous rendent pâles; nos cols, en nous étranglant un peu, réparent ce défaut, & nous redonnent des couleurs.*

point de ces jarretieres qui coupent les jarrets & gênent la circulation. Un long bas lui prenoit des pieds jusqu'à la ceinture, & un soulier commode entouroit son pied en forme de brodequin.

Il me fit entrer dans une boutique où l'on me proposa de changer de vêtement. Le siege sur lequel je me reposai, n'étoit point de ces chaises chargées d'étoffes, qui fatiguent au lieu de délasser; c'étoit une espece de canapé court, revêtu de natte, fait en pente, & qui se prêtoit sur un pivot au mouvement du corps. Je ne pouvois me croire chez un frippier, car il ne parloit point d'honneur & de conscience, & son magazin étoit fort clair.

CHAPITRE IV.

Les Porte-faix.

MON guide se rendoit chaque instant plus affable. Il paya la dépense que j'avois faite chez le frippier, elle se montoit à un louis de notre monnoie que je tirai de ma poche. Le marchand se promit de le garder comme une piece antique. On payoit comptant dans chaque boutique, & ce peuple, ami d'une probité scrupuleuse, ne connoissoit point ce mot *crédit*, qui d'un côté ou de l'autre servoit de voile à une industrieuse friponnerie. L'art de faire des dettes & de ne les point payer n'étoit plus la science des gens du beau monde (a).

(a) *Charles VII, Roi de France, se trouvant à Bourges, se fit faire une paire de bottes; mais comme on les lui essayoit, l'Intendant entra & dit au bottier : remportez votre marchandise, nous ne pourrions vous payer ces bottes de quelque tems; Sa Majesté peut encore aller un mois avec les vieilles. Le Roi approuva l'Intendant, & il méritoit d'avoir un*

En ſortant la foule m'environnoit encore, mais les regards de la multitude n'avoient rien de railleur, rien d'inſultant ; ſeulement on bourdonnoit de tout côté à mes oreilles : voilà l'homme qui a ſept cents ans ! Qu'il a dû être malheureux pendant les premieres années de ſa vie (*a*) !

J'étois étonné de trouver tant de propreté & ſi peu d'embarras dans les rues, on eût dit de la Fête-Dieu. La ville paroiſſoit cependant extraordinairement peuplée.

Il y avoit dans chaque rue un garde qui veilloit à l'ordre public ; il dirigeoit la marche des voitures & celle des hommes chargés ; il ouvroit ſurtout un libre paſſage à ces derniers, dont le fardeau étoit toujours proportionné à leurs forces.

On ne voyoit point un malheureux haletant,

---

pareil homme à ſon ſervice. Que penſera en liſant ceci le jeune drôle qui ſe laiſſe chauſſer, riant en lui-même d'avoir encore trouvé un pauvre ouvrier à tromper ; il mépriſe l'homme qui lui met des ſouliers aux pieds & qu'il ne paye point, & court prodiguer l'or dans les aziles de la débauche & du crime. Que la baſſeſſe de ſon ame n'eſt-elle gravée ſur ſon front, ſur ce front qui ne rougit pas de ſe détourner à chaque coin de rue pour éviter l'œil d'un créancier ! Si tous ceux auxquels il doit les vêtemens qu'il porte, l'arrêtoient dans un carrefour, & reprenoient ce qui leur appartient, que lui reſteroit-il pour ſe couvrir ? Je voudrois que ſur le pavé de Paris chaque homme vêtu d'un habit au-deſſus de ſon état, fût forcé, ſous des peines ſéveres, de porter dans ſa poche la quittance de ſon tailleur.

(*a*) *Celui qui a en main la milice d'un Etat, celui qui a en main les finances, eſt deſpote dans toute la force du terme, & s'il n'acheve pas de tout courber, c'eſt qu'il ne convient pas toujours à ſes intérêts d'uſer de ſa toute-puiſſance.*

tout en ſueur ; l'œil rouge & la tête comprimée ; gémir ſous un poids qui n'étoit fait que pour une bête de ſomme chez un peuple humain : le riche ne ſe jouoit point de l'humanité moyennant quelques pieces de monnoie. On voyoit encore moins un ſexe délicat & foible, né pour remplir des devoirs plus doux & plus heureux, attriſter les regards des paſſans en ſe métamorphoſant en portefaix : on ne ſe voyoit point dans les marchés publics forcer à chaque pas la nature, & accuſer la barbare inſenſibilité des hommes, tranquilles ſpectateurs de leurs travaux. Rendues aux devoirs de leur état, les femmes rempliſſoient l'unique ſoin que leur impoſa le Créateur, celui de faire des enfans, & de conſoler ceux qui les environnent des peines de la vie.

CHAPITRE V.

Les Voitures.

JE remarquai que tous les allans prenoient la droite, & que les venans prenoient la gauche (*a*). Ce moyen ſi ſimple de n'être point écraſé venoit d'être imaginé tout-à-l'heure, tant il eſt vrai que ce n'eſt qu'avec le tems que ſe font les découvertes utiles. On évitoit par-là les rencontres fâcheuſes. Toutes les iſſues étoient sûres & faciles : & dans les cérémonies publiques où ſe trouvoit l'affluence de la multitude, elle jouiſſoit d'un ſpectacle qu'elle aime naturellement, & qu'il auroit été injuſte de

(*a*) *L'étranger ne conçoit gueres ce qui occaſionne en France ce mouvement perpétuel des hommes, qui du matin au ſoir ſont hors de leurs maiſons, ſouvent ſans affaires, & dans une agitation incompréhenſible.*

lui refuser. Chacun s'en retournoit paisiblement chez soi, sans être ou froissé ou mort. Je ne voyois plus le coup d'œil risible & révoltant de mille carosses mutuellement accrochés demeurer immobiles pendant trois heures, tandis que l'homme doré, l'homme imbécille qui se faisoit traîner, oubliant qu'il avoit des jambes, crioit à la portiere, & se lamentoit de ne pouvoir avancer (*a*).

Le plus grand peuple formoit une circulation libre, aisée & pleine d'ordre. Je rencontrai cent charettes chargées de denrées ou de meubles, pour un seul carosse, encore ce carosse traînoit-il un homme qui me parut infirme. Que sont devenues, dis-je, ces brillantes voitures élégamment dorées, peintes, vernissées, qui de mon tems remplissoient les rues de Paris? Vous n'avez donc ici ni traitans, ni courtisannes (*b*), ni petits-maîtres? Jadis ces trois misérables especes insultoient au public, & sembloient jouer à l'envi l'une de l'autre à qui auroit l'avantage d'épouvanter l'honnête bourgeois qui fuyoit à grands pas, de peur d'expirer sous la roue de leur char. Nos seigneurs prenoient le pavé de Paris pour la lice des Jeux Olympiques, & mettoient leur gloire à crever des chevaux. Alors se sauvoit qui pouvoit.

Il n'est plus permis, me répondit-on, de faire de pareilles courses. De bonnes loix somptuaires

---

(*a*) *Rien de plus comique que de voir sur un pont une file de carosses qui s'embarrassent les uns dans les autres. Les maîtres regardent & s'impatientent, les cochers se levent sur leurs sieges & jurent. Ce coup d'œil venge un peu les malheureux piétons.*

(*b*) *On a vu six chevaux magnifiquement enharnachés : ils étoient attelés à un carosse superbe : on se rangeoit en deux hayes pour le voir passer. Les artisans ôtoient leur bonnet, & c'étoit une catin qu'ils avoient saluée.*

ont réprimé ce luxe barbare, qui engraissoit un peuple de laquais & de chevaux (a). Les favoris de la fortune ne connoissent plus cette mollesse coupable qui révoltoit l'œil du pauvre. Nos seigneurs font usage aujourd'hui de leurs jambes; ils ont de l'argent de plus & la goutte de moins.

Vous voyez pourtant quelques voitures; elles appartiennent à d'anciens magistrats ou à des hommes distingués par leurs services & courbés sous le poids de l'âge. C'est à eux seuls qu'il est permis de rouler lentement sur ce pavé où le moindre citoyen est respecté; s'ils avoient le malheur d'estropier un homme, ils descendroient à l'instant même de leur carosse pour l'y faire monter, & lui entretiendroient une voiture pour toute sa vie à leurs dépens.

Ce malheur n'arrive jamais. Les riches titrés sont des hommes estimables, qui ne croient point se déshonorer en souffrant que leurs chevaux cedent le pas au citoyen.

Notre Souverain lui-même se promene souvent à pied parmi nous; quelquefois même il honore nos maisons de sa présence, & presque toujours quand il est las d'avoir marché, il choisit pour se reposer la boutique d'un artisan. Il aime à retracer l'égalité naturelle qui doit régner parmi les hommes: aussi ne voit-il dans nos yeux qu'amour & reconnoissance; nos acclamations partent du cœur, & son cœur les entend & s'y complaît. C'est un second Henri IV. Il a sa grandeur d'ame, ses entrailles, son auguste simplicité; mais il est plus fortuné. La voie publique reçoit sous ses pas comme une empreinte sacrée que chacun révere: on n'ose s'y quereller; on rougiroit d'y commet-

(a) *On a comparé avec raison les sots opulens qui entretiennent une foule de valets, à des cloportes, ils ont beaucoup de pieds, & leur marche est fort lente.*

tre le moindre désordre : *Si le Roi passoit*, dit-on ; cette réflexion seule arrêteroit, je crois, une guerre civile. Que l'exemple devient puissant, lorsqu'il est donné par la premiere tête ! comme il frappe ! comme il devient une loi inviolable ! comme il commande à tous les hommes

---

CHAPITRE VI.

Les Chapeaux brodés.

LES choses me paroissent un peu changées, dis-je à mon guide ; je vois que tout le monde est vêtu d'une maniere simple & modeste, & depuis que nous marchons je n'ai pas encore rencontré sur mon chemin un seul habit doré : je n'ai distingué ni galons, ni manchettes à dentelles. De mon tems un luxe puéril & ruineux avoit dérangé toutes les cervelles ; un corps sans ame étoit surchargé de dorure, & l'automate alors ressembloit à un homme. ----- C'est justement ce qui nous a porté à mépriser cette ancienne livrée de l'orgueil. Notre œil ne s'arrête point à la surface. Lorsqu'un homme s'est fait connoître pour avoir excellé dans son art, il n'a pas besoin d'un habit magnifique ni d'un riche ameublement pour faire passer son mérite ; il n'a besoin ni d'admirateurs qui le prônent, ni de protecteurs qui l'étayent : ses actions parlent, & chaque citoyen s'intéresse à demander pour lui la récompense qu'elles méritent. Ceux qui courent la même carriere que lui, sont les premiers à solliciter en sa faveur. Chacun dresse un placet, où sont peints dans tout leur jour les services qu'il a rendus à l'Etat.

Le Monarque ne manque point d'inviter à ſa cour cet homme cher au peuple. Il converſe avec lui pour s'inſtruire ; car il ne penſe pas que l'eſprit de ſageſſe ſoit inné en lui. Il met à profit les leçons lumineuſes de celui qui a pris quelque grand objet pour but principal de ſes méditations. Il lui fait préſent d'un chapeau où ſon nom eſt brodé ; & cette diſtinction vaut bien celle des rubans bleus, rouges & jaunes, qui chamaroient jadis des hommes abſolument inconnus à la patrie (*a*).

Vous penſez bien qu'un nom infame n'oſeroit ſe montrer devant un public dont le regard le démentiroit. Quiconque porte un de ces chapeaux honorables, peut paſſer par-tout ; en tout tems il a un libre accès au pied du Trône, & c'eſt une loi fondamentale. Ainſi, lorſqu'un Prince ou un Duc n'ont rien fait pour faire broder leur nom, ils jouiſſent de leurs richeſſes ; mais ils n'ont aucune marque d'honneur ; on les voit paſſer du même œil que le citoyen obſcur qui ſe mêle & ſe perd dans la foule.

La politique & la raiſon autoriſent à la fois cette diſtinction : elle n'eſt injurieuſe que pour ceux qui ſe ſentent incapables de jamais s'élever. L'homme n'eſt pas aſſez parfait pour faire le bien, pour le ſeul honneur d'avoir bien fait. Mais

---

(*a*) *Chez les anciens la vanité des hommes conſiſtoit à tirer leur origine des Dieux ; on faiſoit tous ſes efforts pour être neveu de Neptune, petit-fils de Vénus, couſin-germain de Mars : d'autres, plus modeſtes, ſe contentoient de deſcendre d'un fleuve, d'une nymphe, d'une nayade. Nos fous modernes ont une extravagance plus triſte ; ils cherchent à deſcendre, non d'ayeux célebres, mais bien anciennement obſcurs.*

cette nobleſſe, comme vous le penſez bien, eſt perſonnelle, & non héréditaire ou vénale. A vingt-un ans le fils d'un homme illuſtre ſe préſente, & un tribunal décide s'il jouira des prérogatives de ſon pere. Sur ſa conduite paſſée, & quelquefois ſur les eſpérances qu'il donne, on lui confirme l'honneur d'appartenir à un citoyen cher à ſa patrie. Mais ſi le fils d'un Achille eſt un lâche Therſite, nous détournons les yeux, nous lui épargnons la honte de rougir à notre vue : il deſcend dans l'oubli à meſure que le nom de ſon pere devient plus glorieux.

De votre tems on ſavoit punir le crime, & l'on n'accordoit aucune récompenſe à la vertu ; c'étoit une légiſlation bien imparfaite. Parmi nous, l'homme courageux qui a ſauvé la vie à un citoyen dans quelque danger (*a*), qui a prévenu quelque malheur public, qui a fait quelque choſe de grand & d'utile, porte le chapeau brodé, & ſon nom reſpectable expoſé aux yeux de tous, marche avant celui qui poſſede la plus belle fortune, fut-il Midas ou Plutus (*b*). —Cela eſt fort bien imaginé. De mon tems on donnoit

---

(*a*) *Il eſt étonnant que l'on n'accorde aucune récompenſe à l'homme qui ſauve la vie à un citoyen. Une ordonnance de police donne dix écus au bâtelier qui retire un noyé de la riviere, mais le bâtelier qui ſauve la vie à un homme en danger n'a rien.*

(*b*) *Quand l'extrême cupidité remue tous les cœurs, l'enthouſiaſme de la vertu diſparoît, & le gouvernement ne peut plus récompenſer que par des ſommes immenſes ceux qu'ils récompenſent par de légeres marques d'honneur. Leçon à tous les Monarques de créer une monnoie qui illuſtre ; mais elle n'aura cours que lorſque les ames ſentiront vivement ce noble aiguillon.*

des chapeaux, mais ils étoient rouges : on alloit les chercher au-delà des mers ; ils ne ſignifioient rien ; on les ambitionnoit ſinguliérement, & je ne ſais trop à quel titre on les recevoit.

CHAPITRE VII.

Le Pont Débaptiſé.

LORSQU'ON cauſe avec intérêt, on fait du chemin ſans s'en appercevoir. Je ne ſentois plus le poids de la vieilleſſe, tout rajeuni que j'étois par l'aſpect de tant d'objets nouveaux. Mais qu'apperçois-je ! ô Ciel ! quel coup d'œil ! Je me trouve ſur les bords de la Seine. Ma vue enchantée ſe promene, s'étend ſur les plus beaux monumens. Le Louvre eſt achevé ! L'eſpace qui regne entre le château des Thuileries & le Louvre, donne une place immenſe où ſe célebrent les fêtes publiques. Une galerie nouvelle répond à l'ancienne, où l'on admiroit encore la main de Perrault. Ces deux auguſtes monumens ainſi réunis, formoient le plus magnifique palais qui fut dans l'univers. Tous les artiſtes diſtingués habitoient ce palais. C'étoit-là le plus digne cortege de la Majeſté Souveraine. Elle ne s'enorgueilliſſoit que des arts qui faiſoient la gloire & le bonheur de l'Empire. Je vis une ſuperbe place de ville qui pouvoit contenir la foule des citoyens. Un temple lui faiſoit face ; ce temple étoit celui de la Juſtice. L'architecture de ſes murailles répondoit à la dignité de ſon objet.

Eſt-ce bien-là le Pont-Neuf, m'écriai-je ! Comme il eſt décoré ! — Qu'appellez-vous le Pont-Neuf ? Nous lui avons donné un autre nom. Nous en avons changé beaucoup d'autres pour leur en ſubſtituer de plus ſignificatifs ou de plus convenables ; car rien n'influe plus ſur l'eſprit du peuple que lorſque les choſes ont leurs termes propres & réels. Voilà le Pont de Henri IV, entendez-vous ? formant la communication des deux parties de la ville : il ne pouvoit porter un titre plus reſpecté. Dans chacune des demi-lunes nous avons placé l'effigie des grands hommes qui, comme lui, ont aimé les hommes, & qui n'ont voulu que le bien de la patrie. Nous n'avons pas héſité de mettre à ſes côtés le Chancelier l'Hôpital, Sully, Jannin, Colbert. Quel livre de morale ! Quelle leçon publique eſt auſſi forte, auſſi éloquente que cette file de héros, dont le front muet, mais impoſant, crie à tous qu'il eſt utile & grand d'obtenir l'eſtime publique ! Votre ſiecle n'a point eu la gloire de faire pareille choſe. — Oh ! mon ſiecle éprouvoit les plus grandes difficultés à la moindre entrepriſe. On faiſoit les plus rares préparatifs pour annoncer avec pompe un avortement. Un grain de ſable arrêtoit le mouvement des reſſorts les plus orgueilleux. On bâtiſſoit les plus belles choſes en ſpéculation : & la langue ou la plume ſembloient l'inſtrument univerſel. Tout a ſon tems. Le nôtre étoit celui des innombrables projets ; le vôtre eſt celui de l'exécution. Je vous en félicite. Que je me ſais bon gré d'avoir vécu ſi long-tems !

CHAPITRE

CHAPITRE VIII.

Le Nouveau Paris.

EN me tournant du côté du pont que je nommois jadis le pont au change, je vis qu'il n'étoit plus écrasé de vilaines petites maisons (*a*). Ma vue se plongeoit avec plaisir dans tout le vaste cours de la Seine; & ce coup d'œil vraiment unique m'étoit toujours nouveau.

En vérité, voilà des changemens admirables! -- Il est vrai; c'est dommage qu'ils nous rappellent un événement funeste, causé par votre extrême négligence.---Nous! comment, s'il vous plait?--- L'histoire rapporte que vous parliez toujours d'abattre ces vilaines maisons, & que vous ne les abattiez point. Un jour donc que vos échevins faisoient

(*a*) *Des milliers d'hommes qui viennent se réunir sur le même point, qui habitent des maisons à sept étages, qui s'entassent dans des rues étroites, qui rongent, qui dessechent un sol déja épuisé, tandis que la nature leur ouvroit de tout côté ses vastes & riantes campagnes, présentent un spectacle bien étonnant à l'œil du Philosophe. Les riches s'y rendent pour multiplier leur puissance, & défendre l'abus de leur puissance par leur puissance même. Les petits fourbent, flattent & se vendent. On pend ceux qui échouent; les autres deviennent des importans. On sent que dans ce conflit perpétuel & barbare d'intérêt, on ne doit plus gueres connoitre les devoirs de l'homme & du citoyen.*

précéder un ſomptueux repas d'un maigre feu d'artifice, (le tout pour célébrer l'anniverſaire d'un ſaint à qui, ſans doute, les François ont la plus grande obligation) le bruit des canons, des boëtes & des pétards ſuffit à renverſer les vieilles maſures dreſſées ſur ces vieux ponts ; ils tremblerent & s'écroulerent ſur leurs habitans. Le bouleverſement de l'un entraîna la ruine de l'autre. Mille citoyens périrent ; & les échevins à qui appartenoit le revenu des maiſons, maudirent le feu d'artifice & juſqu'au repas.

Les années ſuivantes on ne fit plus tant de bruit à propos de rien. L'argent qui ſautoit en l'air, ou qui cauſoit de graves indigeſtions, fut employé à faire ſomme pour la reſtauration & l'entretien des ponts. On regretta de n'avoir point ſuivi cette idée les années précédentes ; mais c'étoit le lot de votre ſiecle de ne vouloir reconnoître ſes énormes ſottiſes que lorſqu'elles étoient complétement achevées.

Venez-vous promener un peu de ce côté ; vous verrez quelques démolitions que nous avons faites, je crois fort à propos. Ces deux aîles des Quatre Nations ne gâtent plus un des plus beaux quais, en laiſſant ſubſiſter des marques d'une Vindication Cardinale. Nous avons placé l'Hôtel-de-ville en face du Louvre ; & lorſque nous donnons quelques réjouiſſances publiques, nous penſons bonnement qu'elles ſont faites pour le peuple. La place eſt ſpacieuſe : perſonne n'eſt eſtropié par les feux d'artifice ou par les coups de bourrade de la ſoldateſque qui, de votre tems, (ô choſe incroyable !) bleſſoit quelquefois le ſpectateur, & le bleſſoit impunément (*a*).

(*a*) *C'eſt ce que j'ai vu, c'eſt ce que je défere publiquement aux magiſtrats, qui doivent plus veiller*

Voyez comme nous avons mis chaque ſtatue équeſtre des Rois qui ont ſuccédé au vôtre, au milieu de chaque pont. Cette file de Rois élevés ſans pompe au ſein de la ville, préſente un coup d'œil intéreſſant. Dominant ſur le fleuve qui arroſe & féconde la cité, ils en paroiſſent les Dieux Tutélaires. Placés tous comme le bon Henri IV ils ont un air plus populaire, que s'ils étoient renfermés dans des places (*a*) où l'œil eſt borné. Celles-ci, vaſtes & naturelles, n'ont pas jetté dans de grands fraix. Nos Rois après leur mort ne levent pas ce dernier tribut qui, dans votre ſiecle, fatiguoit le citoyen déja épuiſé.

Je vis avec beaucoup de ſatisfaction qu'on avoit ôté ces eſclaves enchaînés (*b*) aux pieds des ſtatues de nos Rois; qu'on avoit effacé toute inſcription faſtueuſe, & quoique cette groſſiere flatterie ſoit la moins dangereuſe de toutes, on avoit écarté ſoigneuſement la moindre apparence de menſonge & d'orgueil.

On me dit que la Baſtille avoit été renverſée de fond en comble, par un Prince qui ne ſe croyoit pas le Dieu des hommes, & qui craignoit le Juge des Rois; que ſur les débris de cet affreux château, ſi bien appellé le palais de la vengeance,

---

à la conſervation d'un homme qu'aux apprêts de vingt fêtes publiques.

(*a*) *Les maiſons des traitans ceignent pour la plupart les ſtatues de nos Rois. Ils ne peuvent même après leur mort éviter le cercle des fripons!*

(*b*) *Louis XIV diſoit que de tous les gouvernemens du monde celui du Grand Turc lui plaiſoit davantage. On ne pouvoit être à la fois plus orgueilleux & plus ignorant.*

(& d'une vengeance royale) on avoit élevé un temple à la Clémence : qu'aucun citoyen ne disparoissoit de la société sans que son procès ne lui fût fait publiquement ; & que les lettres de cachet étoient un nom inconnu au peuple : que ce nom n'exerçoit plus que l'infatigable érudition de ceux qui perçoient dans la nuit des tems barbares ; on avoit composé même un livre intitulé : *Parallele des lettres de cachet & du cordeau asiatique.*

Insensiblement nous traversâmes les Thuileries, où tout le monde entroit : elles ne m'en parurent que plus belles (*a*). On ne me demanda rien pour m'asseoir dans ce jardin royal. Nous nous trouvâmes à la place de Louis XV. Mon guide me prenant par la main, me dit en souriant : vous avez dû voir l'inauguration de cette statue équestre. --- Oui, j'étois jeune alors, & tout aussi curieux qu'à présent. --- Mais savez-vous bien que voilà un chef-d'œuvre digne de notre siecle ; nous l'admirons encore tous les jours ; & lorsque nous voulons en contempler la perspective du château, elles nous paroît, sur-tout au soleil couchant, couronnée des plus beaux rayons. Ces magnifiques allées forment un ceintre heureux, & celui qui a donné ce plan ne manquoit point de goût ; il a eu le mérite de pressentir le grand effet que cela devoit faire un jour. J'ai lu cependant que de votre tems, des hommes aussi jaloux qu'ignorans exerçoient leur censure sur cette statue & sur cette place, qu'ils n'auroient dû qu'admirer (*b*). S'il se trouvoit aujourd'hui un homme

---

(*a*) *Refuser l'entrée de ce jardin au petit peuple me semble une insulte gratuite, & d'autant plus grande, qu'il ne la sent pas.*

(*b*) *Il n'y a qu'en France où l'art de se taire n'est*

capable de dire une telle ſottiſe, dès qu'il ouvriroit la bouche, nous lui tournerions le dos.

Je continuai ma curieuſe promenade ; mais le détail en ſeroit trop long. D'ailleurs on perd toujours en ſe rappellant un ſonge. Chaque coin de rue m'offroit une belle fontaine, qui laiſſoit couler une eau pure & tranſparente : elle retomboit d'une coquille de nappe d'argent, & ſon cryſtal donnoit envie d'y boire. Cette coquille préſentoit à chaque paſſant une taſſe ſalutaire. Cette eau couloit dans le ruiſſeau toujours limpide, & lavoit abondamment le pavé.

Voilà le projet de votre M. Deſparcieux, Académicien de l'Académie des Sciences, accompli & perfectionné. Voyez comme toutes ces maiſons ſont fournies de la choſe la plus néceſſaire & la plus utile à la vie. Quelle propreté ! quelle fraîcheur en réſulte dans l'air ! Regardez ces bâtimens commodes, élégans. On ne conſtruit plus de ces cheminées funeſtes, dont la ruine menaçoit chaque paſſant. Les toîts n'ont plus cette pente gothique qui, au moindre vent faiſoit gliſſer les tuiles dans les rues les plus fréquentées.

Nous montâmes au haut d'une maiſon par un eſcalier où l'on voyoit clair. Quel plaiſir ce fut pour moi qui aime la vue & le bon air, de rencontrer une terraſſe ornée de pots de fleurs & couverte d'une treille parfumée. Le ſommet de chaque maiſon offroit une pareille terraſſe ; de ſorte que les toîts, tous d'une égale hauteur,

---

point un mérite. Vous reconnoîtrez moins un François à ſon viſage & à ſon accent qu'à la légéreté qu'il a de parler & de prononcer ſur tout ; jamais il n'a ſu dire : Je ne me connois à cela.

formoient enſemble comme un vaſte jardin ; & la ville apperçue du haut d'une tour étoit couronnée de fleurs, de fruits & de verdure.

Je n'ai pas beſoin de dire que l'Hôtel - Dieu n'étoit plus enfermé au centre de la cité. Si quelque étranger ou quelque citoyen, me dit-on, tombe malade hors de ſa patrie ou de ſa famille, nous ne l'empriſonnons pas, comme de votre tems, dans un lit dégoûtant entre un cadavre & un agoniſant, pour y reſpirer l'haleine empoiſonnée du trépas, & convertir une ſimple incommodité en une cruelle maladie.

Nous avons partagé cet Hôtel-Dieu en vingt maiſons particulieres, ſituées aux différentes extrêmités de la ville. Par-là le mauvais air que ce gouffre d'horreur (*a*) exhaloit, ſe trouve diſperſé & n'eſt plus dangereux à la capitale. D'ailleurs les malades ne ſont pas conduits dans ces hôpitaux par l'extrême indigence : ils n'arrivent point déja frappés de l'idée de mort, & pour s'aſſurer uniquement de leur ſépulture ; ils viennent, parce

---

(*a*) *Six mille malheureux ſont entaſſés dans les ſalles de l'Hôtel-Dieu, où l'air ne circule point. Le bras de la riviere qui coule auprès, reçoit toutes les immondices, & cette eau qui contient tous les germes de la corruption, abreuve la moitié de la ville. Dans le bras de la riviere qui baigne le quai Pelletier, & entre les deux ponts, nombre de teinturiers répandent leur teinture trois fois par ſemaine. J'ai vu l'eau en conſerver une couleur noire pendant plus de ſix heures. L'arche qui compoſe le quai de Gévres eſt un foyer peſtilentiel. Toute cette partie de ville boit une eau infecte, & reſpire un air empoiſonné. L'argent qu'on prodigue en fuſées volantes, ſuffiroit à la ceſſation d'un tel fléau.*

que les ſecours y ſont plus prompts, plus multipliés que dans leurs propres foyers. On ne voit plus ce mêlange horrible, cette confuſion révoltante, qui annonçoit plutôt un ſéjour de vengeance qu'un ſéjour de charité. Chaque malade a ſon lit, & peut expirer ſans accuſer la nature humaine. On a reviſé les comptes des directeurs. O honte ! ô douleur ! ô forfait incroyable ſous la voûte du ciel ! des hommes dénaturés s'engraiſſoient de la ſubſtance des pauvres ; ils étoient heureux des douleurs de leurs ſemblables ; ils avoient conclu un marché avantageux avec la mort. . . . Je m'arrête : le tems de ces iniquités eſt écoulé : l'aſyle des malheureux eſt reſpecté comme le temple où les regards de la Divinité s'arrêtent avec le plus de complaiſance : les abus énormes ſont corrigés, & les pauvres malades n'ont plus à combattre que les maux que leur impoſa la nature. Quand on n'a à ſouffrir que d'elle, on ſouffre en ſilence (*a*).

(*a*) *Un jour je me ſuis promené ſeul & à pas lents dans les ſalles de l'Hôtel-Dieu de Paris. Quel lieu plus propre à méditer ſur l'homme ! j'ai vu l'avarice inhumaine décorée du nom de charité publique. J'ai vu des moribonds plus preſſés qu'ils ne devoient l'être dans le tombeau, confondre leur haleine, & précipiter le trépas des triſtes compagnons de leur miſere. J'ai vu la douleur & les larmes n'attendrir perſonne; le glaive de la mort frapper à droite & à gauche ſans élever aucun gémiſſement : on eût dit qu'il abattoit des vils animaux dans un ſéjour de carnage. J'ai vu des hommes endurcis à ce ſpectacle, s'étonner que l'on pût y être ſenſible. Deux jours après je me ſuis trouvé à la ſalle de l'opéra. Quel ſpectacle diſpendieux ! Décorations, acteurs, muſiciens, on n'avoit rien épargné pour rendre le coup d'œil magnifique.*

Des médecins ſavans & charitables ne dictent point des ſentences de mort, en prononçant au hazard des préceptes généraux : ils ſe donnent la peine d'examiner chaque malade en particulier; & la ſanté ne tarde point à refleurir ſous leur œil attentif & prudent. Ces médecins ſont au rang des citoyens les plus conſidérés. Et quel ouvrage plus beau, plus auguſte, plus digne d'un être vertueux & ſenſible, que celui de renouer le fil délicat des jours de l'homme, de ces jours fragiles, paſſagers, mais dont un art conſervateur accroît la force & augmente la durée ! ----- Et l'hôpital général, où eſt-il ſitué ? ----- Nous n'avons plus d'hôpital général, plus de Bicêtre (*a*),

---

Mais que dira la poſtérité, lorſqu'elle ſaura que la même ville enfermoit deux endroits auſſi différens ? Hélas ! comment peuvent-ils repoſer ſur le même ſol? L'un n'exclud-il pas néceſſairement l'autre ? Depuis ce jour l'Académie Royale de Muſique contriſte mon ame ; au premier coup d'archet j'ai ſous les yeux le lit dégoûtant des pauvres malades.

(*a*) *Il y a à Bicêtre une ſalle qu'on nomme la ſalle de force ; c'eſt une image de l'enfer. Six cent malheureux, preſſés les uns les autres, opprimés de leur miſere, de leur infortune, de leur haleine mutuelle, de la vermine qui les ronge, de leur déſeſpoir, & d'un ennui plus cruel encore, vivent dans la fermentation d'une rage étouffée. C'eſt le ſupplice de Mezence mille fois multiplié. Les magiſtrats ſont ſourds aux réclamations de ces infortunés. On en a vu qui ont commis des hommicides ſur les géoliers, les chirurgiens, ou les prêtres qui les viſitoient, dans la ſeule vue de ſortir de ce lieu d'horreur, & de repoſer plus librement ſur la roue de l'échaffaud. On a raiſon d'avancer que la mort ſeroit une moindre barbarie que*

de

de maiſons de force, ou plutôt de rage. Un corps ſain n'a pas beſoin de cautere. Le luxe, comme un cauſtique brulant, avoit gangrené chez vous les parties les plus ſaines de l'Etat, & votre corps politique étoit tout couvert d'ulceres. Au lieu de fermer doucement ces plaies honteuſes, vous les envenimiez encore. Vous comptiez étouffer le crime ſous le poids de la cruauté. Vous étiez inhumains, parce que vous n'aviez pas ſu faire de bonnes loix (*a*).

Il vous étoit plus facile de tourmenter le coupable & le malheureux, que de prévenir le déſordre & la miſere. Votre violence barbare n'a

---

celle que l'on exerce contr'eux. O cruels magiſtrats, hommes de fer, hommes indignes de ce nom, vous outragez l'humanité plus qu'ils ne l'ont outragée eux-mêmes! Jamais les brigands dans leur férocité n'ont égalé la vôtre. Oſez être plus inhumains, avec une juſtice moins lente : faites bruler vif ce troupeau malheureux ; vous vous épargnerez la peine d'étendre votre vigilance ſur leur horrible eſclavage. Vous ne paroiſſez que pour le redoubler. Quoi! on pourroit leur mettre un boulet de cent livres au pied, & les faire travailler en plein champ. Mais, non ; il eſt des victimes d'un deſpotiſme arbitraire qu'on veut dérober à tous les regards.... J'entends.

(*a*) *Eh! oui, magiſtrats, c'eſt votre ignorance, c'eſt votre pareſſe, c'eſt votre précipitation qui cauſe le déſeſpoir du pauvre. Vous l'empriſonnez pour une vêtille, vous le couchez à côté d'un ſcélérat, vous aigriſſez, vous empoiſonnez ſon ame, vous l'oubliez dans la foule des malheureux ; mais lui ſe ſouvient de votre injuſtice : comme vous n'avez point mis de proportion entre le délit & la punition, il vous imitera, & tout lui deviendra égal.*

fait qu'endurcir les cœurs criminels ; vous y avez fait entrer le déſeſpoir. Et qu'avez-vous recueilli ? Des larmes, des cris de rage, & des malédictions. Vous ſembliez avoir modélé vos maiſons de force ſur cet horrible ſéjour que vous nommiez l'enfer, où des miniſtres de douleur accumuloient les tortures pour le plaiſir affreux d'imprimer un long ſupplice à des êtres ſenſibles & plaintifs.

Enfin, pour abréger (car je ſerois trop long) on ne ſavoit pas même de votre tems faire travailler les mendians ; toute la ſcience de votre gouvernement conſiſtoit à les enfermer & à les faire mourir de faim. Ces malheureux expirant d'une mort lente dans un coin du Royaume, ont cependant fait parvenir juſqu'à nous leurs gémiſſemens : nous n'avons point dédaigné leurs obſcures clameurs ; elles ont percé l'intervalle de ſept ſiecles : & cette baſſe tyrannie ſuffit à en révéler mille autres.

Je baiſſois les yeux & n'oſois répondre, car j'avois été témoin de ces turpitudes, & je n'avois pu que gémir, ne pouvant faire mieux (*a*). Je gardai le ſilence quelque tems, & je repris en lui diſant : Ah ! ne renouvellez pas les bleſſures de mon cœur. Dieu a réparé les maux que leur ont fait les humains, il a puni ces cœurs durs ; vous ſavez.... Mais allons en avant. Vous avez, je crois, laiſſé ſubſiſter un de nos vices politiques. Paris me paroît auſſi peuplé que de mon tems ; il étoit prouvé que la tête étoit trois fois trop groſſe pour le corps. Je ſuis bien aiſe de vous

---

(*a*) *J'aurai ſatisfait mon cœur & la juſtice en dénonçant cet attentat contre l'humanité, attentat horrible qu'on aura peine à croire ; mais, hélas ! il ſubſiſte encore.*

annoncer, reprit mon guide, que c nombre des habitans du Royaume eſt augmenté de moitié; que toutes les terres ſont cultivées, & que par conſéquent le chef ſe trouve aujourd'hui dans une juſte proportion avec ſes membres. Cette belle ville produit toujours autant de grands perſonnages, de ſavans, d'hommes utilement induſtrieux, de beaux génies, que toutes les autres villes de France réunies enſemble. --- Mais encore un petit mot aſſez important à recueillir. Placez-vous le magazin des poudres preſque au centre de votre ville? --- Nous ne ſommes pas imprudens de cette force-là : c'eſt aſſez des volcans qu'allume la main de la nature, ſans en former d'artificiels qui ſont cent fois plus dangereux (*a*).

CHAPITRE IX.

Les Placets.

JE remarquai pluſieurs officiers revêtus des marques de leur dignité, qui venoient recevoir pu-

(*a*) *Preſque toutes les villes renferment dans leur ſein des magazins à poudre. Le tonnerre & mille autres accidens imprévus, inconnus même, peuvent y mettre le feu. Mille exemples terribles (choſe incroyable!) n'ont pu corriger juſqu'ici l'eſpece humaine. Deux mille cinq cent hommes enſevelis récemment ſous des ruines dans la ville de Breſcia, rendront peut-être les gouvernemens attentifs à un fléau, ouvrage de leurs mains, & qu'il leur ſeroit ſi facile de nous éviter.*

bliquement les plaintes du peuple, & qui en faisoient un fidele rapport aux premiers magiſtrats. Tous les objets qui regardent l'adminiſtration de la police, étoient traités avec la plus grande célérité : on rendoit juſtice aux foibles (*a*), & tous béniſſoient le gouvernement. Je me répandis en louanges ſur cette inſtitution ſage & ſalutaire. --- Meſſieurs, vous n'avez pas toute la gloire de cette découverte. De mon tems la ville commençoit à être bien gouvernée. Une police vigilante embraſſoit tous les rangs & tous les faits. Un de ceux qui l'a maintenue avec le plus d'ordre, doit être nommé encore avec éloge parmi vous : on lit parmi ſes belles ordonnances celle d'avoir défendu ces extravagantes & lourdes enſeignes, qui défiguroient la ville & menaçoient les paſſans ; d'avoir perfectionné, pour ne pas dire créé, le luminaire ; d'avoir mis un plan admirable dans le ſecours prompt des pompes, & d'avoir préſervé par ce moyen les citoyens de pluſieurs incendies, autrefois ſi fréquens.

Oui, me répondit-on, ce magiſtrat étoit un homme infatigable, habile à remplir ſes devoirs, tout étendus qu'ils étoient ; mais la police n'avoit pas encore reçu toute ſa perfection. L'eſpionage étoit la principale reſſource d'un gouvernement foible, inquiet, minutieux. Il y entroit le plus ſouvent une curioſité méchante, plutôt qu'un but

---

(*a*) *Quand un miniſtre d'Etat malverſe ou met la Monarchie en danger, lorſqu'un général d'armée verſe le ſang des ſujets mal-à-propos & perd honteuſement une bataille, ſon châtiment eſt tout prêt, on lui défend de revoir le viſage du Monarque. Ainſi des délits qui perdent une Nation entiere, ſont punis comme des bagatelles.*

bien déterminé d'utilité publique. Tous ces secrets adroitement volés, portoient souvent une lumiere fausse qui égaroit le magistrat. D'ailleurs cette armée de délateurs qu'on avoit séduits à prix d'argent, formoit une masse corrompue qui infectoit la société (*a*). Adieu toutes ses douceurs. Il n'étoit plus d'épanchement de cœur : on étoit réduit à la cruelle alternative d'être imprudent ou hypocrite. En vain l'ame s'élançoit vers des idées patriotiques : elle ne pouvoit se livrer à sa sensibilité ; elle appercevoit le piege, & retomboit tristement sur elle-même, solitaire & froide. Enfin il falloit déguiser sans cesse son front, son geste, sa voix. Eh ! quel tourment n'étoit-ce pas pour l'homme généreux qui voyoit les monstres de la patrie sourire en égorgeant qui les voyoit & n'osoit les nommer (*b*).

(a) Tout cet amas de réglemens frivoles, bizarres ; toute cette police si recherchée n'est propre à en imposer qu'à ceux qui n'ont jamais médité sur le cœur de l'homme. Cette sévérité déplacée produit une subordination odieuse, dont les liens sont mal assurés.

(b) Nous n'avons pas encore eu un Juvenal. Eh ! quel siecle l'a mieux mérité ? Juvenal n'étoit pas un satyrique égoïste, comme ce flatteur d'Horace & ce plat Boileau. C'étoit une ame forte, profondement indignée du vice, lui livrant la guerre, le poursuivant sous la pourpre. Qui osera se saisir de cet emploi sublime & généreux ? Qui sera assez courageux pour rendre l'ame avec la vérité, & dire à son siecle ? Je te laisse le testament que m'a dicté la vertu ; lis & rougis : c'est ainsi que je te fais mes adieux.

CHAPITRE X.

L'Homme au Masque.

MAIS, quel est, s'il vous plaît, cet homme que je vois passer un masque sur le visage ? Comme il marche précipitamment, il semble fuir. -- C'est un auteur qui a écrit un mauvais livre. Quand je dis mauvais, je ne parle pas des défauts de style ou d'esprit : on peut faire un excellent ouvrage avec un gros bon sens (*a*). Nous disons seulement qu'il a mis au jour des principes dangereux, opposés à la saine morale, à cette morale universelle qui parle à tous les cœurs. Pour réparation il porte un masque, afin de cacher sa honte jusqu'à ce qu'il l'ait effacée en écrivant des choses plus raisonnées & plus sages.

Chaque jour deux citoyens vertueux vont lui rendre visite, combattre ses opinions erronées avec les armes de la douceur & de l'éloquence, écouter ses objections, y répondre, & l'engager à se rétracter dès qu'il sera convaincu. Alors il sera réhabilité ; il tirera de l'aveu même de sa faute une plus grande gloire : car qu'y a-t-il de plus beau que d'abjurer ses erreurs (*b*) & d'embrasser une lumiere nouvelle avec une noble sincérité ! --- Mais son livre auroit-il été approuvé ?

(*a*) *Rien n'est plus vrai, & tel prône d'un curé de campagne est plus solidement utile que tel livre ingénieux rempli de vérités & de sophismes.*

(*b*) *Tout est démonstratif dans la théorie ; l'erreur elle-même a sa géométrie.*

-- Quel est l'homme, je vous prie, qui oseroit juger un livre avant le public ? Qui peut deviner l'influence de telle pensée dans telle circonstance ? Chaque écrivain répond en personne de ce qu'il écrit, & ne déguise jamais son nom. C'est le public qui le frappe d'opprobre, s'il contredit les principes sacrés qui servent de base à la conduite & à la probité des hommes ; mais c'est lui en même tems qui le soutient s'il a avancé quelque vérité neuve, propre à réprimer certains abus: enfin la voix publique est seule juge dans ces sortes de cas, & c'est elle qu'on écoute. Tout auteur, qui est un homme public, est jugé par cette voix générale, & non par les caprices d'un homme qui rarement aura le coup d'œil assez juste, assez étendu pour découvrir ce qui devant la nation sera véritablement digne de louange ou de blâme.

On l'a tant de fois prouvé ; la liberté de la presse est la vraie mesure de la liberté civile (*a*). On ne peut donner atteinte à l'une sans détruire l'autre. La pensée doit avoir son plein effet. Y mettre un frein, vouloir l'étouffer dans son sanctuaire, c'est un crime de leze-humanité. Et qui m'appartiendra donc, si ma pensée n'est pas à moi ?

Mais, repris-je, de mon tems les hommes en place ne redoutoient rien tant que la plume des bons écrivains. Leur ame orgueilleuse & coupable frémissoit dans ses derniers replis, dès que l'équité osoit dévoiler ce qu'ils n'avoient pas rougi de commettre (*b*). Au lieu de protéger cette cen-

---

(a) Ceci équivaut à une démonstration géométrique.

(b) Dans un drame intitulé : les noces d'un fils de roi, *un ministre de la justice, scélérat de cour, dit à son valet, en parlant des écrivains philosophes :*

ſure publique, qui bien adminiſtrée, auroit été le frein le plus puiſſant du crime & du vice, on condamna tous les écrits à paſſer par un crible; mais le crible étoit ſi étroit, ſi ſerré, que ſouvent les meilleurs traits étoient perdus : les élans du génie étoient ſubordonnés au ciſeau cruel de la médiocrité, qui lui coupoit les aîles ſans miſéricorde (*a*).

On ſe mit à rire autour de moi. Ce devoit, me dit-on, être une choſe fort plaiſante que de voir des gens gravement occupés à couper une penſée en deux, & à peſer des ſyllabes. Il eſt bien étonnant que vous ayiez produit quelque choſe de bon avec de pareilles entraves. Comment danſer avec grace & légéreté ſous le poids énorme des chaînes ? --- Oh ! nos meilleurs écrivains ont pris le parti tout naturellement de les ſecouer. La crainte abâtardit l'ame ; & l'homme qu'anime l'amour de l'humanité, doit être fier & courageux. — Vous pouvez écrire ſur tout ce qui vous choquera, reprit-on, car nous n'avons plus ni crible, ni ciſeaux, ni menotes ; & l'on écrit très-peu de ſottiſes, parce qu'elles tombent d'elles-

---

mon ami, ces gens-là ſont pernicieux. On ne peut ſe permettre la moindre injuſtice ſans qu'ils la remarquent. C'eſt en vain qu'un maſque adroit dérobe notre vrai viſage aux regards les plus perçans. Ces hommes en paſſant, ont l'air de vous dire : Je te connois. --- Meſſieurs les philoſophes, j'eſpere vous apprendre qu'il eſt dangereux de connoître un homme de ma ſorte : je ne veux pas être connu.

(a) La moitié des cenſeurs dit royaux, ſont des gens qu'on ne peut compter parmi les Littérateurs, même de la derniere claſſe ; & l'on peut dire d'eux, à la lettre, qu'ils ne ſavent point lire.

mêmes

mêmes dans la fange qui eſt leur élément. Le gouvernement eſt bien au-deſſus de tout ce que l'on peut dire ; il ne craint point les plumes éclairées ; il s'accuſeroit lui-même en les redoutant. Ses opérations ſont droites & ſinceres. Nous ne faiſons que le louer ; & lorſque l'intérêt de la patrie l'exige, chaque homme dans ſon genre eſt auteur, ſans prétendre excluſivement à ce titre.

CHAPITRE XI.

Les Nouveaux Teſtamens.

QUOI, tout le monde eſt auteur ! ô ciel ! que dites-vous-là ? Vos murailles vont s'embraſer comme le ſalpêtre, & tout va ſauter en l'air. Bon Dieu, tout un peuple auteur ! --- Oui, mais il eſt ſans fiel, ſans orgueil, ſans préſomption. Chaque homme écrit ce qu'il penſe dans ſes meilleurs momens, & raſſemble à un certain âge les réflexions les plus épurées qu'il a eues pendant ſa vie. Avant ſa mort il en forme un livre plus ou moins gros, ſelon ſa maniere de voir & de s'exprimer : ce livre eſt l'ame du défunt. On le lit le jour de ſes funérailles à haute voix, & cette lecture compoſe tout ſon éloge. Les enfans raſſemblent avec reſpect toutes les penſées de leurs ancêtres, & les méditent. Telles ſont nos urnes funebres. Je crois que cela vaut bien vos ſomptueux mauſolées, vos tombeaux chargés de mauvaiſes inſcriptions, que dictoit l'orgueil & que gravoit la baſſeſſe.

C'eſt ainſi que nous nous faiſons un devoir de tracer à nos deſcendans une image vivante de notre vie. Ce ſouvenir honorable ſera le ſeul

bien qui nous reftera alors fur la terre (a). Nous ne le négligeons pas. Ce font des leçons immortelles que nous laiffons à nos defcendans ; ils nous en aimeront davantage. Les portraits & les ftatues n'offrent que les traits corporels. Pourquoi ne pas repréfenter l'ame elle-même & les fentimens vertueux qui l'ont affectée ? Ils fe multiplient fous nos expreffions animées par l'amour. L'hiftoire de nos penfées, & celle de nos actions inftruit notre famille. Elle apprend par le choix & la comparaifon des penfées à perfectionner la maniere de fentir & de voir. Remarquez cependant que les écrivains prédominans, que les génies du fiecle font toujours les foleils qui entraînent & font circuler la maffe des idées. Ce font eux qui impriment les premiers mouvemens ; & comme l'amour de l'humanité brule leur cœur généreux, tous les cœurs répondent à cette voix fublime & victorieufe qui vient de terraffer le defpotifme & la fuperftition. --- Meffieurs, permettez-moi, je vous prie, de défendre mon fiecle, du moins dans ce qu'il avoit de louable. Nous avons eu, je crois, des hommes vertueux, des hommes de génie ? --- Oui ; mais, barbares ! vous les avez tantôt méconnus, tantôt perfécutés. Nous avons été obligés de faire une réparation expiatoire à leurs mânes outragées. Nous avons dreffé leurs buftes dans la place publique, où ils reçoivent notre hommage & celui de l'étranger. Leur pied droit foule la face ignoble de leur zoïle ou de leur tyran : par exemple, la tête de Richelieu eft fous le cothurne de Cor-

---

(a) Cicéron fe demandoit fouvent à lui-même ce qu'on diroit de lui après fa mort ? L'homme qui ne fait aucun cas d'une bonne réputation négligera les moyens de l'acquérir.

neille (*a*). Savez-vous bien que vous avez eu des hommes étonnans ? & nous ne concevons pas la rage folle & téméraire de leurs perſécuteurs. Ils ſembloient proportionner leur degré de baſſeſſe au degré d'élévation que parcouroient les aigles ; mais ils ſont livrés à l'opprobre qui doit être leur éternel partage.

En diſant ces mots il me conduiſit vers une place où étoient les buſtes des grands hommes. J'y vis Corneille, Moliere, La Fontaine, Monteſquieu, Rouſſeau (*b*), Buffon, Voltaire, Mirabeau, &c. --- Tous ces célebres écrivains vous ſont donc bien connus ? --- Leur nom forme l'alphabet de nos enfans ; dès qu'ils ont atteint l'âge du raiſonnement, nous leur mettons en main votre fameux dictionnaire encyclopédique que nous avons rédigé avec ſoin. --- Vous me ſurprenez ! L'encyclopédie, un livre élémentaire ! Oh, quel vol vous avez dû prendre vers les hautes ſciences, & que je brule de m'inſtruire avec vous ! Ouvrez-moi tous vos tréſors, & que je jouiſſe au même inſtant des travaux accumulés de ſix ſiecles de gloire!

(a) Je voudrois bien que l'auteur eût nommé ſur quelles têtes marcheront & Rouſſeau & Voltaire & ceux dont les noms s'uniſſent à ces grands noms. Il ſe trouvera ſûrement des têtes mitrées & non-mitrées qui ne ſeront pas à leur aiſe ; mais chacun ſon tour.

(b) On veut parler ici de l'auteur d'Emile, & non de ce poete empoulé, vuide d'idées, qui n'a eu que le talent d'arranger des mots & de leur donner quelquefois une pompe impoſante, mais qui cachoit ainſi la ſtérilité de ſon ame & la froideur de ſon génie.

CHAPITRE XII.

Le College des Quatre Nations.

Enseignez-vous le grec & le latin à de pauvres enfans qu'on faisoit de mon tems mourir d'ennui ? Consacrez-vous dix années de leur vie (les plus belles, les plus précieuses) à leur donner une teinture superficielle de deux langues mortes qu'ils ne parleront jamais ? --- Nous savons mieux employer le tems. La langue grecque est très-vénérable, sans doute, par son antiquité ; mais nous avons Homere, Platon, Sophocle parfaitement traduits (*a*) : quoiqu'il ait été dit par des pédans insignes qu'on ne pourroit jamais atteindre à leur beauté. Quant à la langue latine qui, plus moderne, ne doit pas être si belle, elle est morte de sa belle mort. --- Comment ! --- La langue françoise a prévalu de toute part. On a fait d'abord des traductions si achevées, qu'elles ont presque dispensé de recourir aux sources ; ensuite on a composé des ouvrages dignes d'effacer ceux des anciens. Ces nouveaux

---

(*a*) *Au lieu de nous donner des dissertations sur la tête d'Anubis, sur Osiris & mille rapsodies inutiles, pourquoi les académiciens de l'académie royale des inscriptions n'occupent-ils leur tems à nous donner des traductions des ouvrages grecs ? Eux qui se vantent de les entendre. Demosthene est à peine connu. Cela vaudroit mieux que d'examiner quelle sorte d'épingle les femmes romaines portoient sur leur tête, la forme de leur collier, & si les agraffes de leurs robes étoient rondes ou ovales.*

poëmes ſont incomparablement plus utiles, plus intéreſſans pour nous, plus relatifs à nos mœurs, à notre gouvernement, à nos progrès dans nos connoiſſances phyſiques & politiques, au but moral, enfin, qu'il ne faut jamais perdre de vue. Les deux langues antiques dont nous parlions tout-à-l'heure ne ſont plus que celles de quelques ſavans. On lit Tite-Live à-peu-près comme l'Alcoran. --- Mais cependant ce college que j'apperçois, porte encore ſur ſon frontiſpice écrit en gros caracteres: *Ecole des Quatre Nations?* --- Nous avons conſervé ce monument & même ſon nom, mais pour le mettre mieux à profit. Il y a quatre différentes claſſes dans ce college, où l'on enſeigne l'italien, l'anglois, l'allemand & l'eſpagnol. Enrichis des tréſors de ces langues vivantes, nous n'envions rien aux anciens. Cette derniere nation qui portoit en elle-même un germe de grandeur que rien n'avoit pu détruire, s'eſt tout-à-coup éclairée par un des coups puiſſans qu'on ne pouvoit attendre ni prévoir. La révolution a été rapide & heureuſe, parce que la lumiere a d'abord occupé la tête, tandis que dans les autres états celle-ci a preſque toujours été plongée dans l'ombre.

La ſottiſe & le pédantiſme ſont bannis de ce college, où les étrangers ſont appellés pour faciliter la prononciation des langues qu'on y enſeigne. On y traduit les meilleurs auteurs. De cette correſpondance mutuelle jaillit une maſſe de lumieres. Un autre avantage s'y rencontre; c'eſt que le commerce de la penſée s'étendant davantage, les haines nationales s'éteignent inſenſiblement. Les peuples ont vu que quelques coutumes particulieres ne détruiſoient pas cette raiſon univerſelle qui parle d'un bout du monde à l'autre, & qu'ils penſoient à-peu-près la même choſe ſur les mêmes objets qui avoient allumé des diſputes ſi

longues & ſi vives. --- Mais que fait l'univerſité, cette fille aînée des Rois ? --- C'eſt une princeſſe délaiſſée. Cette vieille fille, après avoir reçu les derniers ſoupirs d'une langue faſtidieuſe, dénaturée, vouloit encore la faire paſſer pour neuve, fraîche & raviſſante. Elle voloit des périodes, eſtropioit des hémiſtiches, & dans un jargon barbare & mauſſade prétendoit reſſuſciter la langue du ſiecle d'Auguſte. Enfin l'on s'apperçut qu'elle n'avoit plus qu'un filet de voix aigre & diſcordant, & qu'elle faiſoit bâiller la cour, la ville & ſur-tout ſes diſciples. Il lui fut ordonné par arrêt de l'académie françoiſe de comparoître devant ſon tribunal, pour rendre compte du bien qu'elle avoit fait depuis quatre ſiecles, pendant leſquels on l'avoit alimentée, honorée & penſionnée. Elle vouloit plaider ſa cauſe dans ſon riſible idiôme que sûrement les Latins n'auroient jamais pu comprendre. Pour le françois, elle n'en ſavoit pas un mot; elle n'oſa pas ſe hazarder devant ſes juges.

L'académie eut pitié de ſon embarras. Il lui fut ordonné charitablement de ſe taire. On eut enſuite l'humanité de lui apprendre à parler la langue de la nation; & depuis ce tems, dépouillée de ſon antique coëffure, de ſa morgue & de ſa férule, elle ne s'applique plus qu'à enſeigner avec ſoin & facilité cette belle langue que perfectionne tous les jours l'académie françoiſe. Celle-ci, moins timide, moins ſcrupuleuſe, la châtie, ſans toutefois l'énerver. --- Et l'école militaire, qu'eſt-elle devenue ? --- Elle a ſuivi le deſtin des autres colleges: elle en réuniſſoit tous les abus, ſans compter les abus privilégiés qui tenoient à ſon inſtitution particuliere. On ne fait pas des hommes comme on fait des ſoldats. --- Pardon, ſi j'abuſe de votre complaiſance, mais ce point eſt trop important pour que je l'abandonne; on ne

parloit dans ma jeunesse que d'éducation. Chaque pédant faisoit son livre ; heureux encore tant qu'il n'étoit qu'ennuyeux. Le meilleur de tous, le plus simple, le plus raisonnable & en même tems le plus profond, avoit été brulé par la main d'un bourreau, & décrié par des gens qui ne l'entendoient pas plus que le valet de cet exécuteur. Enseignez-moi, de grace, la marche que vous avez suivie pour former des hommes ?

— Les hommes sont plutôt formés par la sage tendresse de notre gouvernement que par toute autre institution ; mais pour ne parler ici que de la culture de l'esprit, en familiarisant les enfans avec les lettres, nous les familiarisons avec les opérations de l'algebre. Cet art est simple & d'une utilité générale ; il n'en coûte pas plus le savoir que d'apprendre à lire ; l'ombre même des difficultés a disparu, les caracteres algébriques ne passent plus chez le vulgaire pour des caracteres magiques (a). Nous avons remarqué que cette science accoutumoit l'esprit à voir les choses rigoureusement telles qu'elles sont, & que cette justesse est précieuse, appliquée aux arts.

On apprenoit aux enfans une infinité de con-

(a) L'imprimerie étoit connue depuis peu à Paris, lorsque quelqu'un entreprit de faire imprimer les Elémens d'Euclide ; mais comme il y entre, comme chacun sait, des cercles, des quarrés, des triangles & toutes sortes de lignes, un ouvrier de l'imprimeur crut que c'étoit un livre de sorcellerie, propre à évoquer le diable qui pourroit l'emporter au milieu de son travail. Cependant le maître insistoit ; ce malheureux imbécille s'imagina qu'on avoit machiné sa perte, & sa tête fut tellement frappée, que n'écoutant ni raison, ni confesseur, il mourut d'effroi quelques jours apres.

noiſſances qui ne ſervent de rien au bonheur de la vie. Nous n'avons choiſi que ce qui pouvoit leur donner des idées vraies & réfléchies. On leur enſeignoit à tous indiſtinctement deux langues mortes, qui ſembloient renfermer la ſcience univerſelle, & qui ne pouvoient leur donner la moindre idée des hommes avec leſquels ils devoient vivre. Nous nous contentons de leur enſeigner la langue nationale, & nous leur permettons même de la modifier d'après leur génie, parce que nous ne voulons pas des grammairiens, mais des hommes éloquens. Le ſtyle eſt l'homme, & l'ame forte doit avoir un idiôme qui lui ſoit propre & bien différent de la nomenclature, la ſeule reſſource de ces eſprits foibles qui n'ont qu'une triſte mémoire.

On leur enſeigne peu d'hiſtoire, parce que l'hiſtoire eſt la honte de l'humanité, & que chaque page eſt un tiſſu de crimes & de folies. A Dieu ne plaiſe que nous leur mettions ſous les yeux ces exemples de brigandage & d'ambition ! Le pédantiſme de l'hiſtoire a pu ériger les rois en dieux. Nous enſeignons à nos enfans une logique plus sûre & des idées plus ſaines. Ces froids chronologiſtes, ces nomenclateurs de tous les ſiecles, tous ces écrivains romaneſques ou corrompus, qui ont pâli les premiers devant leur idole, ſont éteints avec les panégyriſtes des princes de la terre (*a*). Quoi ! le tems eſt court & rapide, & nous employerions le loiſir de nos enfans à arranger dans leur mémoire des noms, des dates, des

---

(*a*) *Depuis Pharamond juſqu'à Henri IV, à peine compte-t-on deux rois, je ne dis pas qui aient ſu régner, mais qui aient ſu mettre dans l'adminiſtration publique le bon ſens qu'un particulier emploie dans l'économie de ſa maiſon.*

faits

faits innombrables, des arbres généalogiques? Quelles futilités miſérables, lorſqu'on a devant les yeux le vaſte champ de la morale & de la phyſique! En vain dira-t-on que l'hiſtoire fournit des exemples qui peuvent inſtruire les ſiecles ſuivans; exemples pernicieux & pervers (*a*), qui ne ſervent qu'à enſeigner le deſpotiſme, à le rendre plus fier, plus terrible, en montrant les humains toujours ſoumis comme un troupeau d'eſclaves, & les efforts impuiſſans de la liberté expirant ſous les coups que lui ont porté quelques hommes qui fondoient ſur l'ancienne tyrannie les droits d'une tyrannie nouvelle. S'il fut un homme eſtimable, vertueux, il a été le contemporain des monſtres: il a été étouffé par eux; & ce tableau de la vertu foulée aux pieds, n'eſt que trop vrai, ſans doute, mais il eſt tout auſſi dangereux à préſenter. Il n'appartient qu'à un homme fait de contempler ce tableau ſans pâlir, & d'en reſſentir même une joie ſecrette, en voyant le triomphe paſſager du crime, & le ſort éternel qui doit appartenir à la vertu. Mais pour les enfans; il faut éloigner ce tableau, il faut qu'ils contractent une habitude heureuſe avec les notions d'ordre & d'équité, & en compoſer, pour ainſi dire, la ſubſtance de leur ame. Ce n'eſt point cette morale oiſive qui conſiſte en queſtions frivoles, que nous leur enſeignons;

(a) La ſcene change, il eſt vrai, dans l'hiſtoire, mais le plus ſouvent pour amener de nouveaux malheurs; car avec les rois c'eſt une chaine indiſſoluble de calamités. Un roi à ſon avénement au trône, croiroit ne pas régner s'il ſuivoit les anciens plans. Il faut abîmer les anciens ſyſtêmes qui ont coûté tant de ſang, & en établir de nouveaux; ils ne s'accordent pas avec les premiers, & ne deviennent pas moins préjudiciables que ceux-ci étoient nuiſibles.

c'eſt une morale pratique qui s'applique à chacune de leurs actions, qui parle par images, qui forme leurs cœurs à la douceur, au courage, au ſacrifice de l'amour-propre, ou pour dire tout, en un mot, à la généroſité.

Nous avons aſſez de mépris pour la métaphyſique, cet eſpace ténébreux où chacun édifioit un ſyſtême chimérique & toujours inutile. C'eſt-là qu'on alloit puiſer des images imparfaites de la Divinité, qu'on défiguroit ſon eſſence à force de ſubtiliſer ſur ſes attributs, & qu'on étourdiſſoit la raiſon humaine en lui offrant un point gliſſant & mobile, d'où elle étoit toujours prête à tomber dans le doute. C'eſt à l'aide de la phyſique, cette clef de la nature, cette ſcience vivante & palpable, que parcourant le dédale de cet enſemble merveilleux, nous leur apprenons à ſentir l'intelligence & la ſageſſe du Créateur. Cette ſcience bien approfondie les délivre d'une infinité d'erreurs, & la maſſe informe des préjugés cede à la lumiere pure qu'elle répand ſur tous les objets.

A un certain âge nous permettons à un jeune homme de lire les poëtes. Les nôtres ont ſu allier la ſageſſe à l'enthouſiaſme. Ce ne ſont point de ces hommes qui impoſent à la raiſon par la cadence & l'harmonie des paroles, qui ſe trouvent conduits, comme malgré eux, dans le faux & dans le bizarre, ou qui s'amuſent à parer des nains, à faire tourner des moulinets, à agiter le grelot & la marotte : ils ſont les chantres des grandes actions qui illuſtrent l'humanité ; leurs héros ſont choiſis par-tout où ſe rencontre le courage & la vertu. Cette trompette vénale & menſongere, qui flattoit orgueilleuſement les coloſſes de la terre, eſt à jamais briſée. La poéſie n'a conſervé que cette trompette véridique qui doit retentir dans l'étendue des ſiecles, parce qu'elle annonce, pour ainſi dire, la voix de la poſtérité. Formés

ſur de tels modeles, nos enfans reçoivent des idées juſtes de la véritable grandeur ; & le rateau, la navette, le marteau, ſont devenus des objets plus brillans que le ſceptre, le diadême, le manteau royal, &c.

CHAPITRE XIII.

Où eſt la Sorbonne ?

DANS quelle langue ſe diſputent donc MM. les Docteurs de Sorbonne ? Ont-ils toujours un riſible orgueil, des robes longues & des chaperons fourrés ? --- On ne ſe diſpute plus en Sorbonne ; car dès qu'on a commencé à y parler françois, cette troupe d'ergoteurs a diſparu : graces à Dieu, les voûtes ne retentiſſent plus de ces mots barbares, moins inſenſés encore que les extravagances qu'ils vouloient ſignifier. Nous avons découvert que les bancs ſur leſquels s'aſſeioient ces Docteurs hibernois, étoient formés d'un certain bois, dont la vertu funeſte dérangeoit la tête la mieux organiſée, & la faiſoit déraiſonner avec méthode. --- Oh ! que ne ſuis-je né dans votre ſiecle ! Les miſérables faiſeurs d'argumens ont fait le ſupplice de mes jeunes ans ; je me ſuis cru long-tems un imbécille, parce que je ne pouvois les comprendre. Mais que fait-on de ce palais élevé par ce Cardinal (a), qui faiſoit de mauvais vers avec enthou-

---

(a) O cruel Richelieu, triſte auteur de tous nos maux, que je te hais ! Que ton nom afflige mon oreille ! Après avoir détrôné Louis XIII, tu as établi le deſpotiſme en France. Depuis ce tems la nation n'a rien fait de grand : car que peut-on attendre d'un peuple composé d'eſclaves ?

ſiaſme, & qui faiſoit couper de bonnes têtes avec tout le ſang-froid poſſible ? ---- Ce grand bâtiment renferme pluſieurs ſalles où l'on fait un cours d'étude bien plus utile à l'humanité. On y diſſeque toutes ſortes de cadavres. Des anatomiſtes ſages cherchent dans les dépouilles de la mort, des reſſources pour diminuer les maux phyſiques. Au lieu d'analyſer de ſottes propoſitions, on eſſaie de découvrir l'origine cachée de nos cruelles maladies, & le ſcalpel ne s'ouvre une voie ſur ces cadavres inſenſibles, que pour le bien de leur poſtérité. Tels ſont les Docteurs honorés, ennoblis, penſionnés par l'Etat. La Chirurgie s'eſt réconciliée avec la Médecine, & cette derniere n'eſt plus diviſée avec elle-même.

Oh ! l'heureux prodige ! On parloit de l'animoſité des jolies femmes, de la fureur jalouſe des poëtes, du fiel des peintres; c'étoient des paſſions douces en comparaiſon de la haine qui, de mon tems, enflammoit les ſuppôts d'Eſculape. On a vu plus d'une fois, comme l'a dit un bon plaiſant, la Médecine ſur le point d'appeller la Chirurgie à ſon ſecours.

--- Tout eſt changé aujourd'hui : amies & non rivales, elles ne forment plus qu'un corps; elles ſe prêtent un ſecours mutuel, & leurs opérations ainſi réunies tiennent quelquefois du miracle. Le médecin ne rougit pas de pratiquer lui-même les opérations qu'il juge convenables; quand il ordonne quelques remedes, il ne laiſſe pas à un ſubalterne le ſoin de les apprêter, tandis que la négligence ou l'impéritie de ſon miniſtre peuvent les rendre mortels; il juge par ſes propres yeux de la qualité, de la doſe & de la préparation : choſes importantes,& d'où dépend rigoureuſement la guériſon. Un homme ſouffrant ne voit plus au chevet de ſon lit trois praticiens qui, comiquement ſubordonnés l'un à l'autre, ſe diſputent, ſe meſu-

rent des yeux, & attendent quelque bévue de leurs rivaux pour en rire tout à leur aiſe. Une médecine n'eſt plus l'alliage bizarre des principes les plus oppoſés. L'eſtomac affoibli du malade ne devient plus l'arêne où les poiſons du midi accourent combattre les poiſons du nord. Les ſucs bienfaiſans des herbes nées dans notre ſol, & appropriées à notre tempérament, diſſipent les humeurs, ſans déchirer nos entrailles.

Cet art eſt jugé le premier de tous, parce qu'on en a banni l'eſprit de ſyſtême & de routine, qui a été auſſi funeſte au monde que l'avidité des rois & la cruauté de leurs miniſtres.

--- Je ſuis bien aiſe de ſavoir que les choſes ſont ainſi. J'aime vos médecins : ils ne ſont donc plus des charlatans intéreſſés & cruels, tantôt adonnés à une routine dangereuſe, tantôt faiſant des eſſais barbares & prolongeant le ſupplice du malade qu'ils aſſaſſinoient ſans remords. A propos, juſqu'à quel étage montent-ils ? --- A tout étage où ſe trouve un homme qui aura beſoin de leur ſecours. --- Cela eſt merveilleux : de mon tems les fameux ne paſſoient pas le premier ; & comme certaines jolies femmes ne vouloient recevoir chez elles que des manchettes à dentelle, ils ne vouloient guérir eux que des gens à équipage. --- Un médecin qui parmi nous ſe rendroit coupable d'un pareil trait d'inhumanité, ſe couvriroit d'un déſhonneur ineffaçable. Tout homme a droit de les appeller. Ils ne voient que la gloire d'ordonner à la ſanté de refleurir ſur les joues d'un malade ; & ſi l'infortuné, ce qui eſt très-rare, ne peut produire un juſte ſalaire, l'Etat ſe charge alors du ſoin de la récompenſe. Tous les mois on tient régiſtres des malades morts ou guéris. Le nom du mort eſt toujours ſuivi du nom du médecin qui l'a traité. Celui-ci doit rendre compte de ſes ordonnances, & juſtifier la marche qu'il a tenue pen-

dant chaque maladie. Ce détail eſt pénible : mais la vie d'un homme a paru trop précieuſe pour négliger les moyens de la conſerver ; & les médecins ſont intéreſſés eux-mêmes à l'accompliſſement de cette ſage loi.

Ils ont ſimplifié leur art : ils l'ont débarraſſé de pluſieurs connoiſſances abſolument étrangeres à l'art de guérir. Vous penſiez fauſſement qu'un médecin devoit renfermer dans ſa tête toutes les ſciences poſſibles ; qu'il devoit poſſéder à fond l'anatomie, la chymie, la botanique, les mathématiques ; & tandis que chacun de ces arts demanderoit la vie entiere d'un homme, vos médecins n'étoient rien, ſi par-deſſus le marché ils n'étoient pas encore de beaux-eſprits, plaiſans, adroits à ſemer de bons mots. Les nôtres ſe bornent à bien ſavoir définir toutes les maladies, à en marquer exactement les diviſions, à en connoître tous les ſymptômes, à bien diſtinguer ſurtout les tempéramens en général & celui de chacun de ſes malades en particulier. Ils n'emploient gueres de ces médicamens eaux & dits précieux, ni de ces recettes myſtérieuſes, composées dans le cabinet : un petit nombre de remedes leur ſuffiſent. Ils ont reconnu que la nature agit uniformément dans la végétation des plantes & dans la nutrition des animaux. Voici un jardinier, diſent-ils, il eſt attentif à ce que la ſeve, c'eſt-à-dire, l'eſprit univerſel circule également dans toutes les parties de l'arbre ; toutes les maladies de la plante viennent de l'épaiſſiſſement de ce fluide merveilleux. Ainſi tous les maux qui affligent la race humaine, n'ont d'autre cauſe que la coagulation du ſang & des humeurs : rendez-leur leur liquidité naturelle, ſitôt que la circulation reprendra ſon cours, la ſanté commencera à refleurir. Ce principe poſé, il n'eſt pas queſtion d'un grand nombre de connoiſſances pour en

remplir les vues, puiſqu'elles s'offrent d'elles-mêmes. Nous regardons comme un remede univerſel toutes les plantes odoriférantes, abondantes en ſels volatils, comme infiniment propres à diſſoudre le ſang trop épaiſſi : c'eſt le plus précieux don de la nature pour conſerver la ſanté; nous l'étendons à toutes les maladies, & nous en avons vu naître toutes les guériſons.

CHAPITRE XIV.

L'Hôtel de l'Inoculation.

DITES-MOI, je vous prie, quel eſt ce bâtiment iſolé que je découvre de loin au milieu de la campagne ? --- C'eſt l'hôtel de l'inoculation, ſi combattue de vos jours, comme tous les préſens utiles qu'on nous a donnés. Vous aviez des têtes bien opiniâtres, puiſque les expériences évidentes & multipliées ne pouvoient vous faire entendre raiſon pour votre propre bien. Sans quelques femmes amoureuſes de leur beauté & qui craignoient plus de la perdre que la vie, ſans quelques princes peu curieux de dépoſer leur ſceptre entre les mains de Pluton, vous n'auriez jamais hazardé cette heureuſe découverte. Le ſuccès l'ayant pleinement couronnée, les laides ont été obligées de ſe taire, & ceux qui n'avoient point de diadême, n'en ont pas moins ſenti le deſir de reſter ici-bas un peu plus long-tems.

Tôt ou tard il faut que la vérité perce & regne ſur les eſprits les plus indociles. Nous pratiquons aujourd'hui l'inoculation, comme on la pratiquoit de votre tems à la Chine, en Turquie, en Angleterre. Nous ſommes loin de bannir des ſecours ſalutaires, parce qu'ils ſont nouveaux. Nous n'avons point, comme vous, la fureur de diſputer uniquement pour paroître en ſcene & captiver l'œil du public.

Graces à notre activité, à notre esprit de recherche, nous avons découvert plusieurs secrets admirables, qu'il n'est pas tems de vous exposer encore. L'étude approfondie de ces simples merveilleux. que votre ignorance fouloit aux pieds, nous a donné l'art de guérir la pulmonie, la phthysie, l'hydropisie, & d'autres maladies que vos remedes peu connus faisoient ordinairement empirer : l'hygienne, sur-tout, a été traitée avec tant de clarté, que chacun a su veiller par lui-même sur sa santé. On ne se repose plus entiérement sur le médecin, quelqu'habile qu'il soit ; on s'est donné la peine d'étudier son tempérament, au lieu de vouloir qu'un étranger le devine au premier aspect ; d'ailleurs, la tempérance, ce véritable élixir réparateur & conservateur, contribue à former des hommes sains & vigoureux, qui logent des ames fortes & pures comme leur sang.

CHAPITRE XV.

Théologie & Jurisprudence.

HEUREUX mortels ! vous n'avez donc plus de Théologiens (*a*) ? Je ne vois plus ces gros volumes qui sembloient les piliers fondamentaux de nos bibliotheques, ces masses pesantes que l'imprimeur seul, je pense, avoit lues : mais enfin, la théologie est une science sublime &... ---Comme

(a) Il ne faut point ici confondre les moralistes avec les théologiens : les moralistes sont les bienfaiteurs du genre humain ; les théologiens en sont l'opprobre & le fléau.

nous.

nous ne parlons plus de l'Etre Suprême que pour le bénir & l'adorer en ſilence, ſans diſputer ſur ſes divins attributs à jamais impénétrables, on eſt convenu de ne plus écrire ſur cette queſtion trop ſublime & ſi fort au-deſſus de notre intelligence. C'eſt l'ame qui ſent Dieu, elle n'a pas beſoin de ſecours étrangers pour s'élancer juſqu'à lui (*a*).

Tous les livres de théologie, ainſi que ceux de juriſprudence, ſont ſcellés ſous de gros barreaux de fer dans les ſouterrains de la bibliotheque; & ſi jamais nous ſommes en guerre avec quelques nations voiſines, au lieu de pointer des canons, nous leur enverrons ces livres dangereux. Nous conſervons ces volcans de matiere inflammable pour ſervir de vengeance contre nos ennemis: ils ne tarderont point à ſe détruire, au moyen de ces poiſons ſubtils qui ſaiſiſſent à la fois la tête & le cœur.

--- Vivre ſans théologie, je conçois cela très-aiſément; mais ſans juriſprudence, c'eſt ce que je ne conçois gueres. --- Nous avons une juriſpru-

---

(*a*) *Deſcendons en nous-mêmes, interrogeons notre ame, demandons-lui de qui elle tient le ſentiment & la penſée? Elle nous révélera ſon heureuſe dépendance, elle nous atteſtera cette intelligence ſuprême, dont elle n'eſt qu'une foible émanation. Lorſqu'elle ſe replie ſur elle-même, elle ne peut ſe dérober à ce Dieu dont elle eſt la fille & l'image; elle ne peut méconnoître ſa céleſte origine. C'eſt une vérité de ſentiment qui a été commune à tous les peuples. L'homme ſenſible ſera ému du ſpectacle de la nature, & reconnoîtra ſans peine un Dieu bienfaiſant qui nous réſerve d'autres largeſſes. L'homme inſenſible ne mêlera point à nos louanges le cantique de ſon admiration. Le cœur qui n'aima point, fut le premier athée.*

dence, mais différente de la vôtre, qui étoit gothique & bizarre. Vous portiez encore l'empreinte de votre antique servitude. Vous aviez adopté des loix, qui n'étoient faites ni pour vos mœurs, ni pour vos climats. Comme la lumiere est descendue par degrés dans presque toutes les têtes, on a réformé les abus qui faisoient du sanctuaire de la justice un antre de voleurs. On s'est étonné que le monstre noir qui dévore la veuve & l'orphelin, ait joui si long-tems d'une coupable impunité. On ne conçoit pas qu'un procureur ait pu traverser paisiblement la ville, sans être lapidé par quelque main désespérée.

Le bras auguste qui tenoit le glaive de la justice a frappé cette foule de corps sans ame, qui n'avoient que l'instinct du loup, la ruse du renard, & le croassement du corbeau : leurs propres clercs, qu'ils faisoient mourir de faim & d'ennui, ont été les premiers à révéler leurs iniquités & à s'armer contr'eux. Thémis a parlé, & la race a disparu. Telle fut la fin tragique & effrayante de ces larrons qui ruinoient des familles entieres, en barbouillant du papier.

--- De mon tems on prétendoit que sans leur ministere, une partie des citoyens resteroit oisive aux barrieres des tribunaux, & que les tribunaux deviendroient peut-être le théatre de la licence & de la fureur. --- Assurément, c'étoit la ferme du papier timbré qui parloit ainsi. ---- Mais, comment les affaires se jugent-elles ? que faire sans procureurs ? --- Ah ! les affaires se jugent le mieux du monde. Nous avons conservé l'ordre des avocats, qui connoît toute la noblesse & l'excellence de son institution ; encore plus désintéressé, il est devenu plus respectable. Ce sont eux qui se chargent d'exposer clairement & sur-tout d'un style laconique la cause de l'opprimé, le tout sans emphase, sans déclamation. On ne voit plus un long

plaidoyé bien froid, bien nourri d'invectives ; en les échauffant seuls, leur coûter la perte de la vie. Le méchant, dont la cause est injuste, ne trouve dans ces défenseurs integres que des hommes incorruptibles : ils répondent sur leur honneur des causes qu'ils entreprennent ; ils abandonnent le coupable, déja condamné, par le refus qu'ils font de le servir, s'excuser en tremblant devant les juges où il comparoît sans défenseur.

Chacun est rentré dans le droit primitif de plaider sa cause. On ne laisse jamais le tems aux procès de s'embrouiller : ils sont éclaircis & jugés dans leur naissance ; & le plus long tems qu'on leur accorde, quand l'affaire est obscure, est l'espace d'une année. Mais aussi les juges ne reçoivent plus d'épices : ils ont rougi de ce droit honteux, modique en sa naissance (*a*), & qu'ils ont fait monter à des sommes exorbitantes : ils ont reconnu qu'ils donnoient eux-mêmes l'exemple de la rapacité, & que s'il est un cas où l'intérêt ne doit pas prévaloir, c'est le moment honorable & terrible où l'homme prononce au nom sacré de la justice. --- Je vois que vous avez prodigieusement changé nos loix. --- Vos loix ! encore un coup, pouviez-vous donner ce nom à ce ramas indigeste de coutumes opposées, à ces vieux lambeaux décousus, qui ne présentoient que des idées sans liaison & des imitations grotesques. Pouviez-vous adopter ce monument barbare, qui n'avoit ni plan, ni ordonnance, ni objet ; qui n'offroit qu'une compilation dégoûtante, où la

(a) Il consistoit alors en quelques boetes de dragées ou de confitures seches. Aujourd'hui il faut remplir ces mêmes boëtes en especes d'or. Tels sont les goûts friands de ces augustes sénateurs, peres de la patrie.

patience du génie s'engloutiſſoit dans un abîme bourbeux ? Il eſt venu des hommes aſſez intelligens, aſſez amis de leurs ſemblables, aſſez courageux pour méditer une refonte entiere, & d'une maſſe bizarre en faire une ſtatue exacte & bien proportionnée.

Nos Rois ont donné toute leur attention à ce vaſte projet qui intéreſſoit des milliers d'hommes. On a reconnu que l'étude par excellence étoit celle de la légiſlation. Les noms de Lycurgue, des Solon, & de ceux qui ont marché ſur leurs traces, ſont les plus reſpectables de tous. Le point lumineux a parti du fond du nord ; & comme ſi la nature avoit voulu humilier notre orgueil, c'eſt une femme qui a commencé cette importante révolution *(a)*.

Alors la juſtice a parlé par la voix de la nature, ſouveraine légiſlatrice, mere des vertus & de tout ce qui eſt bon ſur la terre : appuyée ſur la raiſon & l'humanité, ſes préceptes ont été ſages, clairs, diſtincts, en petit nombre. Tous les cas généraux ont été prévus & comme enchaînés par la loi. Les cas particuliers en dérivent naturellement, comme des branches qui ſortent d'un tronc fertile ; & la droiture, plus ſavante que la juriſprudence elle-même, appliqua la probité pratique à tous les événemens.

Ces nouvelles loix ſont avares ſur-tout du ſang des hommes : la peine eſt proportionnée au délit. Nous avons banni & vos interrogatoires captieux, & les tortures de la queſtion, dignes d'un tribunal d'inquiſiteurs, & vos ſupplices affreux faits pour un peuple de Cannibales. Nous ne mettons

---

(a) On a bruîé à Paris ſecrettement une édition entiere du code de Catherine II. J'en conſerve un exemplaire échappé par hazard des flammes.

plus à mort le voleur, parce que c'est une injustice inhumaine de tuer celui qui n'a point donné la mort : tout l'or de la terre ne vaut pas la vie d'un homme ; nous le punissons par la perte de sa liberté. Le sang coule rarement, mais lorsqu'on est forcé de le verser pour l'effroi des scélérats, c'est avec le plus grand appareil. Par exemple, il n'y a pas de grace pour un ministre (*a*) qui abuse de la confiance du souverain, & qui se sert contre le peuple du pouvoir qui lui est confié. Mais le criminel ne languit point dans les cachots : la punition suit le forfait ; & si quelque doute s'éleve, on aime mieux lui faire grace que de courir le risque horrible de retenir plus long-tems un innocent.

Le coupable qu'on arrête est enchaîné publiquement. On peut le voir, parce qu'il doit être un exemple visible & éclatant de la vigilance de la justice. Au-dessus de la grille qui le renferme, demeure à perpétuité un écriteau qui porte la cause de son emprisonnement. Nous n'enfermons plus des hommes vivans dans la nuit des tombeaux, supplice infructueux & plus horrible que le trépas ! C'est en plein jour qu'il offre la honte du châtiment. Chaque citoyen sait pourquoi tel homme est condamné à la prison, & tel autre aux travaux publics. Celui que trois châtimens n'ont

---

(a) La bonne farce à représenter que le tableau de nos ministres ! Celui-ci entre dans le ministere à l'aide de quelques vers galans ; celui-là, après avoir fait allumer des lanternes passe aux vaisseaux, & croit que les vaisseaux se font comme des lanternes : un autre, lorsque son pere tient encore l'aune, gouverne les finances, &c. Il sembleroit qu'il y ait une gageure pour mettre à la tête des affaires des gens qui n'y entendent rien.

pu corriger, eſt marqué, non ſur l'épaule, mais au front, & chaſſé pour jamais de la patrie.

--- Eh ! dites-moi, je vous prie, les lettres de cachet ? Qu'eſt devenu ce moyen prompt, infaillible, qui tranchoit toute difficulté, qui mettoit ſi à leur aiſe l'orgueil, la vengeance & la perſécution ? --- Si vous faiſiez cette queſtion ſérieuſement, me répondit mon guide d'un ton ſévere, vous inſulteriez au Monarque, à la nation, à moi-même. La queſtion & les lettres de cachet (*a*) ſont au même rang ; elles ne ſouillent plus que les pages de votre hiſtoire.

(*a*) *Un citoyen eſt enlevé ſubitement à ſa famille, à ſes amis, à la ſociété. Une feuille de papier eſt un trait de foudre inviſible. L'ordre d'exil ou d'empriſonnement eſt expédié au nom du roi & motivé uniquement de ſon bon plaiſir. Il n'eſt revêtu d'autres formes que de la ſignature des miniſtres. Des intendans, des évêques ont à leur diſpoſition des liaſſes de lettres de cachet ; ils n'ont plus qu'à mettre le nom de celui qu'ils veulent perdre : la place eſt en blanc. On a vu des malheureux vieillir dans les priſons, oubliés de leurs perſécuteurs ; & jamais le monarque n'a pu être informé de leur faute, de leur infortune & de leur exiſtence. Il ſeroit à ſouhaiter que tous les parlemens du royaume ſe réuniſſent contre cet étrange abus du pouvoir ; il n'a aucun fondement dans nos loix. Cette cauſe importante ainſi éveillée ſeroit celle de la nation, & l'on ôteroit au deſpotiſme ſon arme la plus redoutable.*

CHAPITRE XVI.

Exécution d'un criminel.

Les coups redoublés d'un bourdon effrayant frapperent tout-à-coup mon oreille : ces ſons triſtes & lugubres ſembloient murmurer dans les airs les noms de déſaſtre & de mort. Le tambour des gardes de la ville faiſoit lentement ſa ronde, en battant l'alarme ; & cette marche ſiniſtre, qui ſe répétoit dans les ames, y portoit une profonde terreur. Je vis chaque citoyen ſortir triſtement de ſa maiſon, parler à ſon voiſin, lever les mains au ciel, pleurer & donner toutes les marques de la plus vive douleur. Je demandai à l'un d'eux pourquoi on ſonnoit ces cloches funebres, & quel accident étoit arrivé ?

Un des plus terribles, me répondit-il en gémiſſant. Notre juſtice eſt forcée de condamner aujourd'hui un de nos concitoyens à perdre la vie, dont il s'eſt rendu indigne en trempant une main homicide dans le ſang de ſon frere. Il y a plus de trente ans que le ſoleil n'a éclairé un ſemblable forfait : il faut qu'il s'expie avant la fin du jour. Oh ! que j'ai verſé de larmes ſur les fureurs où ſe porte une aveugle vengeance ! Avez-vous appris le crime qui s'eſt commis avant-hier au ſoir ? . . . O douleur ! ce n'eſt donc pas aſſez d'avoir perdu un vrai citoyen, il faut que l'autre ſubiſſe encore la mort.... Il ſanglottoit.... Ecoutez, écoutez le récit du triſte événement qui répand un deuil univerſel.

Un de nos compatriotes, d'un tempérament ſanguin, né avec un caractere emporté, mais qui d'ailleurs avoit des vertus, aimoit à l'excès une jeune fille qu'il étoit ſur le point d'obtenir en mariage. Son caractere étoit auſſi doux que celui

de ſon amant étoit impétueux. Elle ſe flattoit de pouvoir adoucir ſes mœurs ; mais pluſieurs traits de colere qui lui échapperent fréquemment ; (malgré le ſoin qu'il prenoit à les déguiſer) la firent trembler ſur les ſuites funeſtes que pourroit entraîner ſon union avec un homme auſſi violent.

Toute femme, par nos loix, eſt abſolument maîtreſſe de diſpoſer de ſa main. Elle ſe détermina donc, dans la crainte d'être malheureuſe, à en épouſer un autre, qui poſſédoit un caractere plus conforme au ſien. Les flambeaux de cet hymen allumerent la rage dans un cœur extrême, & qui dès ſa plus tendre jeuneſſe n'avoit jamais connu la modération. Il fit pluſieurs défis ſecrets à ſon heureux rival, mais celui-ci les mépriſa ; car il y a plus de bravoure à dédaigner l'inſulte, à étouffer un juſte reſſentiment, qu'à céder en furieux à un appel que d'ailleurs nos loix & la raiſon proſcrivent également. Cet homme paſſionné n'écoutant que la jalouſie, l'attaqua avant-hier au détour d'un ſentier hors de la ville ; & ſur le refus nouveau que celui-ci fit d'en venir aux mains, il ſaiſit une branche d'arbre & l'étendit mort à ſes pieds. Après ce coup affreux le barbare oſa ſe mêler parmi nous ; mais le crime étoit déja gravé ſur ſon front. Dès que nous le vîmes, nous reconnûmes le forfait qu'il vouloit cacher. Nous le jugeâmes criminel ſans connoître encore la nature du délit. Bientôt nous apperçûmes pluſieurs citoyens, les yeux mouillés de pleurs, qui portoient à pas lents & juſqu'au pied du trône de la juſtice, ce cadavre ſanglant qui crioit vengeance.

A l'âge de quatorze ans, on nous lit les loix de la patrie. Chacun eſt obligé de les écrire de ſa main (*a*), & nous faiſons tous ferment de les ac-

(*a*) *C'eſt une choſe inconcevable que nos loix les*

complir.

complir. Ces loix nous ordonnent de déclarer à la justice tout ce qui peut l'éclairer sur les infractions qui troublent l'ordre de la société, & ces loix ne poursuivent que ce qui lui porte un dommage réel. Nous renouvellons ces sermens sacrés tous les dix ans ; & sans être délateurs, chacun de nous veille à la garde du dépôt respectable des loix.

Hier on a lancé le monitoire, qui est un acte purement civil. Quiconque tarderoit à déclarer ce qu'il a vu, se couvriroit d'une tache infamante. C'est par cette voie que l'homicide s'est tout-à-coup découvert. Il n'y a que le scélérat familiarisé dès long-tems avec le crime, qui puisse nier de sang-froid l'attentat qu'il vient de commettre ; & ces sortes de monstres dont notre nation est purgée, ne nous épouvantent plus que dans l'histoire des derniers siecles.

Venez, courez avec moi à la voix de la justice, qui appelle tout le peuple pour être témoin de ses arrêts formidables. C'est le jour de son triomphe, & tout funeste qu'il est, nous ne pouvons qu'y applaudir. Vous ne verrez point un malheureux plongé depuis six mois dans les cachots, les yeux éblouis de la lumiere du soleil, les os brisés par un supplice préliminaire & obscur (a), plus hor-

---

plus importantes, tant civiles que criminelles, soient ignorées de la plus grande partie de la nation. Il seroit si facile de leur imprimer un caractere de majesté; mais elles n'éclatent que pour foudroyer, & jamais pour porter le citoyen à la vertu. Le code sacré des loix est écrit en langage sec & barbare, & dort dans la poussiere du greffe. Seroit-il mal-à-propos de le revêtir des charmes de l'éloquence, & de le rendre ainsi précieux à la multitude?

(a) *Malheur à l'Etat qui rafine les loix pénales.*

rible que celui qu'il va ſubir, s'avancer hideux & mourant vers un échafaud dreſſé dans une petite place. De votre tems, le criminel jugé ſous le ſecret des guichets, étoit quelquefois roué dans le ſilence des nuits, à la porte du citoyen qui dormoit, & qui s'éveilloit en ſurſaut aux cris lamentables du patient ; incertain ſi le malheureux tomboit ſous le glaive d'un bourreau, ou ſous le fer d'un aſſaſſin ! Nous n'avons point de ces tourmens qui font frémir la nature : nous reſpectons l'humanité dans ceux-mêmes qui l'ont outragée. Il ſembloit dans votre ſiecle qu'on ne vouloit tuer qu'un homme, tant vos ſcenes tragiques, multipliées de ſang-froid, avoient perdu de leur force énergique, toutes horribles qu'elles étoient.

Le coupable, loin d'être traîné d'une maniere qui donne à la juſtice un air bas & ignoble, ne ſera pas même enchaîné. Eh ! pourquoi ſes mains ſeroient-elles chargées de fers, lorſqu'il ſe livre volontairement à la mort ! La juſtice a bien le droit de le condamner à perdre la vie, mais elle n'a pas le droit de lui imprimer la marque de l'eſclavage. Vous le verrez marcher librement au milieu de quelques ſoldats, poſés ſeulement pour contenir la multitude. On ne craint point qu'il ſe

---

La mort ne ſuffit-elle pas, & pouvoit-on penſer que l'homme ajouteroit à ſon horreur ? Qu'eſt-ce qu'un magiſtrat qui interroge avec des leviers, & qui écraſe à loiſir un malheureux ſous la progreſſion lente & graduée des plus horribles douleurs ; qui, ingénieux dans ſes tortures, arrête la mort, lorſque douce & charitable elle s'avançoit pour délivrer la victime ? Ici le ſentiment ſe révolte. Mais s'il faut raiſonner l'inutilité de la queſtion, voyez l'admirable Traité des délits & des peines ; *je défie qu'on réponde quelque choſe de ſolide en faveur de cette loi barbare.*

flétriſſe une ſeconde fois, en voulant échapper à la voix terrible qui l'appelle. Et où fuiroit-il ? Quel pays, quel peuple recevroit dans ſon ſein un homicide (a) ? Et lui, comment pourroit-il effacer cette marque effrayante qu'une main divine imprime ſur le front d'un meurtrier ? La tempête du remords s'y peint en caracteres viſibles ; & l'œil accoutumé au viſage de la vertu, diſtingueroit ſans peine la phyſionomie du crime ? Comment, enfin, le malheureux reſpireroit-il librement ſous le poids immenſe qui peſe ſur ſon cœur ?

Nous arrivâmes à une place ſpacieuſe, qui environnoit les marches du palais de la juſtice. Un large perron régnoit en face de la ſalle des audiences. C'étoit ſur cette eſpece d'amphithéatre que le Sénat s'aſſembloit dans les affaires publiques, en préſence du peuple ; c'étoit ſous ſes yeux qu'il ſe plaiſoit à traiter des grands intérêts de la patrie. La multitude des citoyens aſſemblés leur inſpiroit des penſées dignes de la cauſe auguſte remiſe entre leurs mains. La mort d'un homme étoit une calamité pour l'Etat. Les juges ne manquoient pas de donner à ce jugement tout l'appareil, toute l'importance qu'il mérite. L'ordre des avocats étoit d'un côté, tout prêt à parler pour l'innocent, à

(a) *On dit que l'Europe eſt policée ; & un homme qui a commis un aſſaſſinat à Paris, ou qui a fait une banqueroute frauduleuſe, ſe retire à Londres, à Madrid, à Lisbonne, à Vienne, où il jouit paiſiblement du fruit de ſon forfait. Au milieu de tant de traités puérils, ne pourroit-on pas ſtipuler que le meurtrier ne trouveroit nulle part aucun aſyle ? Tous les Etats & tous les hommes ne ſont-ils pas intéreſſés à pourſuivre un homicide ? Mais les monarques s'accordent plutôt ſur la deſtruction des Jéſuites.*

ſe taire pour le coupable. De l'autre, le prélat, accompagné des paſteurs, la tête nue, invoquoit en ſilence le Dieu des miſéricordes, & édifioit le peuple répandu en foule ſur toute la place (*a*).

Le criminel parut. Il marchoit revêtu d'une chemiſe enſanglantée. Il ſe frappoit la poitrine avec toutes les marques d'un repentir ſincere. Son

---

(a) Notre juſtice n'épouvante point, elle dégoûte : s'il eſt au monde un ſpectacle odieux, révoltant, c'eſt de voir un homme ôter ſon chapeau bordé, dépoſer ſon épée ſur l'échafaud, monter à l'échelle en habit de ſoie ou en habit galonné, & danſer indécemment ſur le malheureux qu'il étrangle. Pourquoi ne pas donner à ce bourreau l'aſpect formidable qu'il doit avoir? Que ſignifie cette atrocité froide ? Les loix perdent leur dignité, & le ſupplice ſa terreur. Le juge eſt encore mieux poudré que le bourreau. Faut-il accuſer ici l'impreſſion que j'ai reſſentie? J'ai frémi, non du forfait du criminel, mais du ſang-froid horrible de tous ceux qui l'environnoient. Il n'y a eu que l'homme généreux qui réconcilioit l'infortuné avec l'Etre Suprême, qui lui aidoit à boire le calice de mort, qui m'ait ſemblé conſerver quelque choſe d'humain. Ne voulons-nous que tuer des hommes? Ignorons-nous l'art d'effrayer l'imagination, ſans outrager l'humanité? Apprenez, enfin, hommes légers & cruels, apprenez à être juges : ſachez prévenir le crime : conciliez ce qu'on doit aux loix & à l'homme. Je n'aurai point la force de parler ici de ces tortures recherchées, qu'on a fait ſubir à quelques criminels réſervés, pour ainſi dire, à un ſupplice privilégié. O honte de ma patrie! les yeux de ce ſexe qui ſembloit fait pour la pitié, furent ceux qui reſterent le plus long-tems attachés ſur cette ſcene d'horreur. Tirons le rideau. Que dirois-je à ceux qui ne m'entendent pas?

front ne préſentoit point cet accablement affreux, qui ne convient point à un homme qui doit ſavoir mourir lorſqu'il le faut, & ſur-tout lorſqu'il a mérité la mort. On le fit paſſer auprès d'une eſpece de cage, que l'on me dit être le lieu où l'on avoit expoſé le cadavre de l'homme aſſaſſiné. On le conduiſit à cette grille; & cette vue porta dans ſon cœur de ſi violens remords, qu'on lui permit de ſe retirer. Il s'approcha de ſes juges; mais il ne mit un genou en terre que pour baiſer le livre ſacré de la loi. Alors on l'ouvrit, & on lut à haute voix l'article qui regardoit les homicides; on le lui mit ſous les yeux, afin qu'il le lût. Il tomba à genoux une ſeconde fois, & s'avoua coupable. Le chef du Sénat, monté ſur une eſtrade, lut ſa condamnation d'une voix forte & majeſtueuſe. Tous les conſeillers, ainſi que les avocats, qui s'étoient tenus debout, s'aſſirent alors pour annoncer que nul d'entr'eux ne prenoit ſa défenſe.

Après que le chef du Sénat eut achevé la lecture, il tendit la main au criminel & daigna le relever, en lui diſant : » Il ne vous reſte plus qu'à » mourir avec fermeté, pour obtenir votre par- » don de Dieu & des hommes. Nous ne vous » haïſſons pas; nous vous plaignons, & votre » mémoire ne ſera pas en horreur parmi nous. » Obéiſſez volontairement à la loi, & reſpectez » ſa rigueur ſalutaire. Voyez nos larmes qui cou- » lent, elles vous ſont un sûr témoignage que » l'amour ſera le ſentiment qui ſuccédera dans » nos cœurs, lorſque la juſtice aura accompli » ſon fatal miniſtere. La mort eſt moins affreuſe » que l'ignominie. Subiſſez l'une, pour vous af- » franchir de l'autre. Il vous eſt encore permis de » choiſir : ſi vous voulez vivre, vous vivrez, » mais dans l'opprobre & chargé de notre indi- » gnation. Vous verrez ce ſoleil, qui vous accu-

» ſera chaque jour d'avoir privé un de vos ſem-
» blables de ſa douce & brillante lumiere. Elle ne
» vous ſera plus qu'odieuſe, car les regards de
» tous, tant que nous ſommes, ne vous pein-
» dront que le mépris que nous faiſons d'un aſſaſ-
» ſin. Vous porterez par-tout le poids de vos re-
» mords & la honte éternelle d'avoir réſiſté à la
» loi juſte qui vous condamne. Soyez équitable
» envers la ſociété, & jugez-vous vous-même *(a)*.

Le criminel fit un ſigne de tête, par lequel il ſignifioit qu'il ſe jugeoit digne de mort *(b)*. Il s'apprêta alors à la ſubir avec courage, & même avec cette décence qui, dans ce dernier moment, eſt le plus beau caractere de l'humanité *(c)*. Il ceſſa d'être traité en coupable. Le cercle des paſteurs

---

(a) Ceux qui occupent une place qui leur donne quelque pouvoir ſur les hommes, doivent trembler d'agir ſuivant leur caractere : ils doivent regarder tous les coupables comme des malheureux plus ou moins inſenſés. Il faut donc que l'homme qui agit ſur eux ſente toujours dans ſon cœur qu'il agit ſur ſes ſemblables, que des cauſes qui nous ſont inconnues ont égaré dans des routes malheureuſes. Il faut que le juge ſévere, en prononçant la condamnation avec majeſté, gémiſſe de ne pouvoir ſouſtraire le criminel au ſupplice. Epouvanter le crime par le plus grand appareil de la juſtice, ménager en ſecret le coupable ; tels doivent être les deux pivots de la juriſprudence criminelle.

(b) Heureuſe conſcience, juge équitable & prompt, ne t'éteins point dans mon être ! Apprends-moi que je ne puis porter aux hommes la moindre atteinte ſans en recevoir le contre-coup, & qu'on ſe bleſſe toujours ſoi-même en bleſſant un autre.

(c) Agéſilas, voyant un malfaiteur endurer conſtamment le ſupplice : ah ! le méchant homme, *dit-il*, d'abuſer ainſi de la vertu.

vint & l'environna. Le prélat lui donna le baiser de paix, & lui ôtant sa chemise ensanglantée, le revêtit d'une tunique blanche, emblême de sa réconciliation avec les hommes. Ses parens, ses amis coururent à lui & l'embrassèrent. Il parut consolé en recevant leurs caresses, en se voyant couvert de ce vêtement, gage du pardon qu'il recevoit de la patrie. Les témoignages de leur amitié lui déroboient l'horreur de ses derniers momens. Livré à leurs embrassemens, il perdoit de vue l'image de la mort. Le prélat s'avança vers le peuple, & choisit ce moment pour faire un discours véhément & pathétique sur le danger des passions. Il étoit si beau, si vrai, si touchant, que tous les cœurs étoient saisis d'admiration & de terreur. Chacun se promettoit bien de veiller avec soin sur soi-même, & d'étouffer ces germes de ressentiment qui croissent à notre insu, & qui forment bientôt la matiere des passions désordonnées.

Pendant ce tems un député du Sénat portoit la sentence de mort au Monarque, pour qu'il la signât de sa propre main. Personne ne pouvoit être mis à mort que par la volonté de celui en qui résidoit la puissance du glaive. Ce bon pere auroit bien voulu sauver la vie à un infortuné (*a*); mais il sacrifia dans ce moment les plus chers desirs de son cœur à la nécessité d'une justice exemplaire.

Le député revint. Alors les cloches de la ville recommencerent leur son funebre; les tambours répéterent leur marche lugubre, & les gémissemens d'un peuple nombreux se mêlant dans l'air à

(*a*) *Je suis fâché que nos Rois aient renoncé à cette ancienne & sage coutume : ils signent tant de papiers ; pourquoi ont-ils renoncé au plus auguste privilege de leur couronne ?*

ces déplorables accens, on eût dit que la ville touchoit à un désastre universel. Les amis, les parens de l'infortuné qui alloit perdre la vie, lui donnerent les derniers baisers. Le prélat invoqua à haute voix la miséricorde de l'Etre Suprême ; & tout le peuple, d'une voix unanime, cria vers la voûte des cieux : *Grand Dieu, ouvre-lui ton sein ! Dieu clément, pardonne-lui, comme nous lui pardonnons !* Ce n'étoit qu'une voix immense qui montoit fléchir la colere céleste.

On le conduisit à pas lents près de cette grille dont j'ai parlé, toujours environné de ses proches. Six fusiliers, le front voilé d'un crêpe, s'avancerent : le chef du Sénat donna le signal, en élevant le livre de la loi ; les coups partirent, & l'ame disparut (*a*).

On releva le corps de l'infortuné ; son crime étant pleinement expié par la mort, il rentroit dans la classe des citoyens. Son nom qui avoit été effacé, fut inscrit de nouveau sur les registres publics, avec les noms de ceux qui étoient décédés le même jour. Ce peuple n'avoit pas la basse cruauté de poursuivre la mémoire d'un homme jusques dans le tombeau, & de faire rejaillir sur toute une famille innocente le crime d'un seul (*b*) ; il ne se plaisoit pas à déshonorer gratuitement des citoyens utiles, à faire des malheureux pour le

---

(*a*) *Il m'est arrivé plusieurs fois d'entendre débattre cette question :* si la personne du bourreau est infame ? *J'ai toujours tremblé qu'on ne prononçât en sa faveur, & je n'ai jamais pu me lier d'amitié avec ceux qui le rangeoient dans la classe des autres citoyens. J'ai peut-être tort, mais je sens ainsi.*

(*b*) *Vil & méprisable préjugé, qui confond toutes les notions de justice, contraire à la raison, & fait pour un peuple méchant ou imbécille.*

plaisir

plaiſir barbare de les humilier. On porta ſon corps pour être brulé avec les corps de ſes compatriotes, qui la veille avoient payé l'inévitable tribut qu'exige la nature. Ses parens n'avoient d'autre douleur à combattre que celle que leur inſpiroit la perte d'un ami ; & le ſoir même une place de confiance étant venue à vaquer , le Roi conféra cette place honorable au frere du criminel. Chacun applaudit à ce choix , que dictoit à la fois l'équité & la bienfaiſance.

Tout attendri , tout pénétré, je diſois à mon voiſin : ô ! que l'humanité eſt reſpectée parmi vous ! La mort d'un citoyen eſt un deuil univerſel pour la patrie ! --- C'eſt que nos loix , me répondit-il , ſont ſages & humaines : elles penchent vers la réformation plutôt que vers le châtiment ; & le moyen d'épouvanter le crime n'eſt point de rendre la punition commune , mais formidable. Nous avons ſoin de prévenir les crimes : nous avons des lieux deſtinés à la ſolitude ; où les coupables ont auprès d'eux des gens qui leur inſpirent le repentir , qui amolliſſent peu-à-peu leur cœur endurci , qui l'ouvrent par degré aux charmes purs de la vertu , dont les attraits ſe font ſentir à l'homme le plus dépravé.

Voyons-nous le médecin au premier accès d'une fievre violente abandonner le malade à la mort ? Pourquoi n'agiroit-on pas de même avec ceux qui ſe ſont rendus coupables , mais qui peuvent s'améliorer ? Il y a peu de cœurs aſſez corrompus pour que la perſévérance ne puiſſe les corriger ; & peu de ſang verſé à propos cimente notre tranquillité & notre bonheur.

Vos loix pénales étoient toutes faites en faveur des riches , toutes impoſées ſur la tête du pauvre. L'or étoit devenu le dieu des nations. Des édits , des gibets entouroient toutes les poſſeſſions ; & la tyrannie , le glaive en main , marchandoit les jours , la ſueur & le ſang du malheureux : elle

ne mit point de distinction dans le châtiment, & accoutuma le peuple à n'en point voir dans les crimes : elle punissoit le moindre délit comme un attentat énorme. Qu'arriva-t-il ? La multitude de ces loix multiplia les crimes, & les infracteurs devinrent aussi cruels que leurs juges : ainsi le législateur, en voulant unir les membres de la société, serra les liens jusqu'à produire des mouvemens convulsifs. Au lieu de soulager, ces liens déchirerent, & la plaintive humanité jettant un cri de douleur, vit trop tard que les tortures des bourreaux n'inspirerent jamais la vertu (a).

(a) Si l'on vient à examiner la validité du droit que les sociétés humaines se sont attribué de punir de mort, on demeure effrayé du point imperceptible qui sépare l'équité de l'injustice. Alors on a beau accumuler les raisonnemens, toutes les lumieres ne servent qu'à nous égarer. Il faut revenir à la seule loi naturelle, qui respecte bien plus que nos institutions la vie les uns des autres : elle nous apprend que la loi du talion est la plus conforme de toutes à la droite raison. Parmi ces gouvernemens naissans qui ont encore l'empreinte de la nature, il n'y a presque pas de crime qui soit puni de mort. Dans le cas du meurtre, ce n'est plus douteux, car la nature crie de s'armer contre les meurtriers ; mais dans le cas de vol, la barbarie qui condamne au trépas se fait pleinement sentir : c'est une punition immense pour une bagatelle, & la voix d'un million d'hommes, adorateurs de l'or, ne peut rendre valable ce qui est essentiellement nul. On dira que le voleur aura fait un contrat avec moi, de consentir à être puni de mort s'il me vole mon bien; mais aucun n'a droit de faire ce marché, parce qu'il est injuste, barbare & insensé : injuste, en ce que sa vie ne lui appartient pas ; barbare, en ce qu'aucune proportion n'est gardée ; insensé, en ce qu'il est incomparablement plus utile que deux hommes vivent,

CHAPITRE XVII.

Pas si éloigné qu'on le pense.

NOUS conversâmes long-tems sur cette matiere importante ; mais, comme ce sujet sérieux nous gagnoit profondément & que notre tête échauffée alloit tomber dans cet excès de sentiment où l'on perd le calme toujours nécessaire à la réflexion, je l'interrompis brusquement, comme on va le voir. --- Dites-moi, je vous prie, qui l'emporte, du *Moliniste* ou du *Janséniste* ? --- Mon savant me répondit par un grand éclat de rire. Je ne pus en tirer autre chose. Mais, disois-je, répondez-moi, de grace. Ici étoient les capucins, là les cordeliers, plus loin les carmes : que sont devenus tous ces porte-frocs avec leurs sandales, leur barbe & leurs disciplines ?

--- Nous n'engraissons plus dans notre état une foule d'automates aussi ennuyés qu'ennuyeux, qui faisoient le vœu imbécille de n'être jamais hommes, & qui rompoient toute société avec ceux qui l'étoient. Nous les avons cru cependant plus dignes de pitié que de blâme. Engagés dès l'âge le plus tendre dans un état qu'ils ne connoissoient pas, c'étoient les loix qui étoient coupables en leur permettant de disposer aveuglément d'une liberté dont ils ne connoissoient pas le prix.

Les solitaires, dont la maison de retraite étoit élevée avec pompe au milieu du tumulte des villes, sentirent peu-à-peu les charmes de la société & s'y livrerent. En voyant des freres unis, des

---

qu'il ne l'est qu'un autre jouisse de quelque commodité exclusive ou superflue.

Cette note est tirée d'un bon roman intitulé : Ministre de Wakefield.

peres heureux, des familles tranquilles, ils regretterent de ne pas partager ce bonheur : ils ſoupirerent en ſecret ſur ce moment d'erreur qui leur avoit fait abjurer une vie plus douce ; & ſe maudiſſant les uns les autres, comme des forçats dans les chaînes (*a*), ils hâterent l'inſtant qui devoit ouvrir les portes de leur priſon. Il ne tarda pas : le joug fut ſecoué ſans criſe & ſans efforts, parce que l'heure étoit venue. Ainſi l'on voit un fruit mûr ſe détacher à la plus légere ſecouſſe de la branche qui le portoit (*b*). Sortis en foule, & avec toutes les démonſtrations de la plus grande allégreſſe, ils redevinrent hommes, d'eſclaves qu'ils étoient.

Ces moines robuſtes (*c*), en qui ſembloit revivre la ſanté des premiers âges du monde, le front vermeil d'amour & de joie, épouſerent ces colombes gémiſſantes, ces vierges pures, qui ſous le voile monaſtique avoient ſoupiré plus d'une fois après un état un peu moins ſaint & plus

---

(*a*) *Toutes ces maiſons religieuſes où les hommes ſont entaſſés les uns ſur les autres, couvent des guerres inteſtines. Ce ſont des ſerpens qui ſe déchirent dans l'ombre. Le moine eſt un animal froid & chagrin : l'ambition d'avancer dans ſon corps le deſſeche ; il a tout le loiſir de réfléchir ſa marche, & ſon ambition plus concentrée a quelque choſe de ſombre. Lorſqu'une fois il a ſaiſi le commandement, il eſt dur & impitoyable par eſſence.*

(*b*) *En fait d'adminiſtration publique, point de ſecouſſe violente ; rien n'eſt plus dangereux : la raiſon & le tems operent les plus grands changemens & y mettent un ſceau irrévocable.*

(*c*) *Luther tonnant avec ſon éloquence fougueuſe contre les vœux monaſtiques, a avancé qu'il étoit auſſi peu poſſible d'accomplir la loi de continence que de ſe dépouiller de ſon ſexe.*

doux (*a*). Elles accomplirent les devoirs de l'hymen avec une ferveur édifiante ; leurs chaſtes flancs enfanterent des rejettons dignes d'un ſi beau lien. Leurs époux fortunés & non moins radieux, eurent moins d'empreſſement à ſolliciter la canoniſation de quelques os vermoulus : ils ſe conten-

---

(a) Quelle cruelle ſuperſtition enchaîne dans une priſon ſacrée tant de jeunes beautés qui récelent tous les feux permis à leur ſexe, que redouble encore une clôture éternelle, & juſqu'aux combats qu'elles ſe livrent. Pour bien ſentir tous les maux d'un cœur qui ſe dévore lui-même, il faudroit être à ſa place. Timide, confiante, abuſée, étourdie par un enthouſiaſme pompeux, cette jeune fille a cru long-tems que la Religion & ſon Dieu abſorberoient toutes ſes penſées : au milieu des tranſports de ſon zele, la nature éveille dans ſon cœur ce pouvoir invincible qu'elle ne connoît pas & qui la ſoumet à ſon joug impérieux. Ces traits innés portent le ravage dans ſes ſens : elle brule dans le calme de la retraite ; elle combat, mais ſa conſtance eſt vaincue : elle rougit & deſire. Elle regarde autour d'elle, & ſe voit ſeule ſous des barreaux inſurmontables, tandis que tout ſon être ſe porte avec violence vers un objet fantaſtique que ſon imagination allumée pare de nouveaux attraits. Dès ce moment plus de repos. Elle étoit née pour une heureuſe fécondité : un lien éternel la captive & la condamne à être malheureuſe & ſtérile. Elle découvre alors que la loi l'a trompée, que le joug qui détruit la liberté n'eſt pas le joug d'un Dieu, que cette religion qui l'a engagée ſans retour, eſt l'ennemie de la nature & de la raiſon. Mais que ſervent ſes regrets & ſes plaintes ? Ses pleurs, ſes ſanglots ſe perdent dans la nuit du ſilence. Le poiſon brulant qui fermente dans ſes veines, détruit ſa beauté, corrompt ſon ſang, précipite ſes pas vers le tombeau. Heureuſe d'y deſcendre, elle ouvre elle-même le cercueil où elle doit goûter le ſommeil de ſes douleurs.

terent tout uniment d'être bons peres, bons citoyens ; & je crois fermement qu'ils n'en allerent pas moins en paradis après leur mort, sans avoir fait leur enfer pendant leur vie.

Il est vrai qu'au tems de cette réforme cela parut un peu extraordinaire à l'évêque de Rome; mais lui-même eut bientôt de si sérieuses affaires à démêler pour son propre compte . . . — Qu'appellez-vous l'évêque de Rome ? --- C'est le pape, pour parler conformément à vos expressions ; mais, comme je vous l'ai dit, nous avons changé beaucoup de termes gothiques. Nous ne savons plus ce que c'est que canonicats, bulles, bénéfices, évêchés d'un revenu immense *(a)*. On ne va plus baiser les pantoufles du successeur d'un apôtre, à qui son maître n'a donné que des exemples d'humilité : & comme ce même apôtre prêchoit la pauvreté, tant par son exemple que par sa parole, nous n'avons plus envoyé l'or le plus pur, le plus nécessaire à l'Etat, pour des indulgences dont ce bon magicien n'étoit rien moins qu'avare. Tout cela lui a causé d'abord quelques déplaisirs ; car on n'aime pas à perdre de ses droits, lors même qu'ils sont peu légitimes : mais bientôt il a senti que son véritable appanage étoit le ciel ; que les choses terrestres n'étoient pas de son regne, & qu'enfin les richesses du monde étoient des vanités, comme tout ce qui est sous le soleil.

Le tems, dont la main invisible & sourde mine les tours orgueilleuses, a sappé ce superbe & incroyable monument de la crédulité humaine *(b)*.

(a) Je ne puis m'accoutumer à voir des princes ecclésiastiques, environnés de tout l'appareil du luxe, sourire dédaigneusement aux malheurs publics, & oser parler de mœurs & de religion dans de plats mandemens qu'ils font écrire par des cuistres qui insultent au bon sens avec une effronterie scandaleuse.

(a) Le Muphti chez les Turcs étend son infail-

Il eſt tombé ſans bruit : ſa force étoit dans l'opinion ; l'opinion a changé, & le tout s'eſt exhalé en fumée. C'eſt ainſi qu'après un redoutable incendie on ne voit plus qu'une vapeur inſenſible & légere, où régnoit un vaſte embraſement.

Un Prince digne de régner tient ſous ſa main cette partie de l'Italie ; & cette Rome antique a revu des Céſars ; j'entends par ce mot des Titus, des Marc-Aurele, & non ces monſtres qui portoient une face humaine. Ce beau pays s'eſt ranimé, dès qu'il a été purgé de cette vermine oiſive qui végétoit dans la craſſe. Ce royaume tient aujourd'hui ſon rang, & porte une phyſionomie vive & parlante, après avoir été emmaillotté pendant plus de dix-ſept ſiecles dans des haillons ridicules & ſuperſtitieux qui lui coupoient la parole & lui gênoient la reſpiration.

CHAPITRE XVIII.

Les Miniſtres de Paix.

POURSUIVEZ, charmant endoctrineur ! cette révolution, dites-vous, s'eſt faite de la maniere la plus paiſible & la plus heureuſe ? --- Elle a été l'ouvragre de la philoſophie : elle agit ſans bruit, elle agit comme la nature, avec une force d'autant plus sûre qu'elle eſt inſenſible. --- Mais j'ai bien des difficultés à vous propoſer. Il faut une Religion. --- Sans doute, reprit-il avec tranſport. Eh! quel eſt l'ingrat qui demeurera muet au milieu des miracles de la création, ſous la voûte brillante du firmament ? Nous adorons l'Etre Suprême ;

libilité juſques ſur les faits hiſtoriques. Il s'aviſa ſous le regne d'Amurat de déclarer hérétiques tous ceux qui ne croiroient pas que le Sultan iroit en Hongrie.

mais le culte qu'on lui rend ne cause plus aucun trouble, aucun débat. Nous avons peu de ministres : ils sont sages, éclairés, tolérans : ils ignorent l'esprit de faction, & en sont plus chéris, plus respectés : ils ne sont jaloux que d'élever des mains pures vers le trône du Pere des humains : ils le chérissent tous à l'imitation du Dieu de bonté ; l'esprit de paix & de concorde anime leurs actions, autant que leurs discours ; aussi, vous dis-je, sont-ils universellement aimés. Nous avons un saint prélat qui vit avec ses pasteurs comme avec ses égaux & ses freres.

Ces places ne s'accordent qu'à l'âge de quarante ans, parce que c'est alors seulement que les passions turbulentes s'éteignent, & que la raison si tardive dans l'homme exerce son paisible empire. Leur vie exemplaire marque le plus haut degré de la vertu humaine. Ce sont eux qui consolent les affligés, qui découvrent aux malheureux un Dieu bon, qui veille sur eux & qui contemple leurs combats pour les récompenser un jour. Ils cherchent l'indigence cachée sous le manteau de la honte, & lui donnent des secours sans la faire rougir. Ils réconcilient les esprits divisés, en leur portant des paroles de douceur & de paix. Les plus fiers ennemis s'embrassent en leur présence, & leurs cœurs attendris ne sont plus ulcérés. Enfin ils remplissent tous les devoirs d'hommes qui osent parler au nom du Maître Eternel.

--- J'aime beaucoup ces ministres, repris-je : mais vous n'avez donc plus parmi vous de gens spécialement consacrés à réciter à toutes les heures du jour d'une voix nasale des cantiques, des pseaumes, des hymnes ? Aucun parmi vous n'aspire à la canonisation ? Qu'est-elle devenue ? Quels sont vos saints ? ---Nos saints ! vous voulez, sans doute, dénoter ceux qui prétendent à un plus haut degré de perfection, qui s'élevent au-dessus de la foiblesse humaine : oui, nous avons de ces hommes

mes céleſtes ; mais vous croyez bien qu'ils ne menent pas une vie obſcure & ſolitaire, qu'ils ne ſe font pas un mérite de jeûner, de pſalmodier de mauvais latin, ou de demeurer muets & ſots toute leur vie : c'eſt au grand jour qu'ils montrent la force, la conſtance de leurs ames. Apprenez qu'ils ſe chargent volontairement de tous les travaux pénibles ou qui dégoûtent le reſte des hommes : ils penſent que les bons offices, les œuvres charitables, ſont plus agréables à Dieu que la priere.

S'agit-il, par exemple, de curer les égouts, les puits, de tranſporter les immondices, de s'aſſujettir aux emplois les plus bas, les plus abjects ou les plus dangereux, comme de porter au milieu d'un incendie le ſecours des pompes, de marcher ſur des poutres brulantes, de s'élancer dans les eaux pour ſauver la vie à un malheureux prêt à périr, &c. ces généreuſes victimes du bien public ſe rempliſſent, s'enflamment d'un courage actif, par l'idée grande & ſublime de ſe rendre utiles & d'épargner le ſentiment de la douleur à leurs compatriotes. Ils ſe font un devoir de ces occupations, avec autant de joie & de plaiſir, que ſi c'étoient les plus douces, les plus belles: ils font tout pour l'humanité, tout pour la patrie, & jamais rien pour eux. Les uns ſont cloués au chevet du lit des malades, & les ſervent de leurs mains, d'autres deſcendent dans les carrieres, en détachent, en arrachent les pierres : tour-à-tour manœuvres, pionniers, porte-faix, &c. ils ſemblent des eſclaves qu'un tyran a courbés ſous un joug de fer. Mais ces ames charitables ont en vue le deſir de plaire à l'Eternel en ſervant leurs ſemblables : inſenſibles aux maux préſens, ils attendent que Dieu les récompenſera, parce que le ſacrifice des voluptés de ce monde eſt fondé ſur une utilité réelle, & non ſur un caprice bigot.

Je n'ai pas besoin de vous dire que nos respects les accompagnent pendant leur vie & après leur mort ; & comme notre plus vive reconnoissance seroit insuffisante, nous laissons à l'auteur de tout bien cette dette immense à acquitter, persuadés qu'il est le seul qui sache la juste mesure des récompenses méritées.

Tels sont les saints que nous vénérons, sans croire autre chose sinon qu'ils ont perfectionné la nature humaine dont ils sont l'honneur. Ils ne font d'autres miracles que ceux dont je viens de vous entretenir. Les martyrs du Christianisme avoient assurément leur dignité. Il étoit beau, sans doute, de braver les tyrans des ames, de souffrir la mort la plus horrible, plutôt que d'immoler le sentiment intime d'une vérité qu'on a adoptée de cœur & d'esprit : mais qu'il y a plus de grandeur à consacrer une vie entiere à des ouvrages renaissans & serviles, à se rendre les bienfaiteurs perpétuels de l'humanité affligée & plaintive, à sécher toutes les larmes qui coulent (*a*) à arrêter, à prévenir l'effusion d'une seule goutte de sang. Ces

---

(*a*) *Un conseiller au parlement, dans le siecle dernier, avoit donné tout son bien aux pauvres : n'ayant plus rien il quêtoit par-tout pour eux. Il rencontre dans la rue un traitant, s'attache à lui, le poursuit, en disant*; quelque chose pour mes pauvres, quelque chose pour mes pauvres. *Le traitant résiste & répond la formule ordinaire :* je ne puis rien pour eux, Monsieur, je ne puis rien. *Le conseiller ne le quitte pas, le prêche, le sollicite, le suit jusques dans son hôtel, monte à son appartement, le supplie à plusieurs reprises, le relance jusques dans son cabinet, toujours intercédant pour ses pauvres. Le brutal millionnaire impatienté lui donne un soufflet.* Eh bien ! voilà pour moi, *reprit le conseiller,* & pour mes pauvres ?

hommes extraordinaires ne préſentent point leur genre de vie comme un modele à ſuivre ; ils ne ſe glorifient point de leur héroïſme : ils ne s'abaiſſent point pour attirer la vénération publique : ſur-tout ils ne cenſurent point les défauts du prochain ; beaucoup plus attentifs à lui procurer une vie douce & commode, fruit de leurs innombrables ſoins. Lorſque ces ames auguſtes vont rejoindre l'Etre parfait dont elles ſont émanées, nous n'enchaſſons point leurs cadavres dans un métal plus vil encore ; nous écrivons l'hiſtoire de leur vie, & nous tachons de l'imiter, au moins dans ſon détail. --- Plus j'avance, plus je vois des changemens inattendus. --- Vous en verrez bien d'autres ! Si vingt plumes n'atteſtoient la même choſe, nous révoquerions aſſurément en doute l'hiſtoire de votre ſiecle. Comment ! les ſerviteurs des autels étoient turbulens, cabaleurs, intolérans. De miſérables vermiſſeaux ſe perſécutoient & ſe haïſſoient pendant le court eſpace de leur vie, parce que ſouvent ils ne penſoient pas de même ſur de vaines ſubtilités & ſur des choſes incompréhenſibles : de foibles créatures avoient l'audace de ſonder les deſſeins du Tout-puiſſant, en les marquant au coin de leurs paſſions minutieuſes, orgueilleuſes & folles.

J'ai lu que ceux qui avoient moins de charité, & par conſéquent de religion, étoient ceux qui la prêchoient aux autres ; que l'on avoit fait un métier de prier Dieu ; que le nombre de ceux qui portoient cet habit lucratif, gage d'une indolente pareſſe, s'étoit multiplié à un point incroyable ; qu'ils vivoient enfin dans un célibat ſcandaleux (*a*). On ajoute que vos égliſes reſſembloient à des mar-

(*a*) *Quelle lepre ſur un Etat, qu'un clergé nombreux, faiſant profeſſion publique de ne s'attacher à d'autre femme qu'à celle d'autrui !*

chés, que la vue & l'odorat y étoient égalcment bleſſés, & que vos cérémonies étoient plus faites pour diſtraire, que pour élever l'ame vers Dieu.... Mais j'entends la trompette ſacrée, qui annonce l'heure de la priere par ſes ſons édifians. Venez connoître notre religion, venez dans le temple voiſin rendre graces au Créateur d'avoir vu lever ſon ſoleil.

CHAPITRE XIX.

Le Temple.

NOUS tournâmes le coin d'une rue, & j'apperçus au milieu d'une belle place un temple en forme de rotonde, couronné d'un dôme magnifique. Cet édifice ſoutenu ſur un ſeul rang de colonnes avoit quatre grands portails. Sur chaque fronton on liſoit cette inſcription : *Temple de Dieu.* Le tems avoit déja imprimé une teinte vénérable à ſes murailles; elles en avoient plus de majeſté. Arrivé à la porte du temple, quel fut mon étonnement lorſque je lus dans un tableau ces quatre vers tracés en gros caracteres :

Loin de rien décider ſur cet Etre Suprême,
Gardons, en l'adorant, un ſilence profond ;
Sa nature eſt immenſe & l'eſprit s'y confond.
Pour ſavoir ce qu'il eſt, il faut être lui-même.

Oh ! pour le coup, lui dis-je à voix baſſe, vous ne me direz pas que ceci ſoit de votre ſiecle. ------ Cela ne fait pas plus l'éloge du vôtre, reprit-il, car vos théologiens devoient s'en tenir-là. Mais cette réponſe qui ſemble avoir été faite par Dieu même, eſt reſtée confondue parmi les vers dont on ne faiſoit pas grand cas ; je ne ſais cependant

s'il y en a de plus beaux pour le ſens qu'ils renferment, & je crois qu'ils ſont ici à leur véritable place.

Nous ſuivîmes le peuple qui, d'un air recueilli, d'un pas tranquille & modeſte, alloit remplir la profondeur du temple. Chacun s'aſſeyoit à ſon tour ſur des rangs de petits ſieges ſans dos, & les hommes étoient ſéparés des femmes. L'autel étoit au centre ; il étoit abſolument nud, & chacun pouvoit diſtinguer le prêtre qui faiſoit fumer l'encens. A l'inſtant où ſa voix prononçoit les cantiques ſacrés, le chœur des aſſiſtans élevoit alternativement la ſienne. Leur chant doux & modéré peignoit le ſentiment reſpectueux de leur cœur ; ils ſembloient pénétrés de la majeſté divine. Point de ſtatues, point de figures allégoriques, point de tableaux (*a*). Le ſaint nom de Dieu mille fois répété, tracé en pluſieurs langues, régnoit ſur toutes les murailles. Tout annonçoit l'unité d'un Dieu ; & l'on avoit banni ſcrupuleuſement tout ornement étranger : Dieu ſeul enfin étoit dans ſon temple.

Si on levoit les yeux vers le ſommet du temple, on voyoit le ciel à découvert ; car le dôme n'étoit pas fermé par une voûte de pierre, mais par des vitraux tranſparens. Tantôt un ciel clair & ſerein annonçoit la bonté du Créateur ; tantôt d'épais nuages qui fondoient en torrens, peignoient le ſombre de la vie, & diſoient que cette triſte terre n'eſt qu'un lieu d'exil : le tonnerre publioit combien ce Dieu eſt redoutable lorſqu'il eſt offenſé ; & le calme des airs qui ſuccédoit aux éclairs enflammés annonçoit que la ſoumiſſion déſarme ſa

(*a*) *Les proteſtans ont raiſon. Tous ces ouvrages des hommes diſpoſent le peuple à l'idolâtrie. Pour annoncer un Dieu inviſible & préſent, il faut un temple où il n'y ait que lui.*

main vengereſſe. Quand le ſouffle du printems faiſoit deſcendre l'air pur de la vie, comme un fleuve balſamique, alors il imprimoit cette vérité ſalutaire & conſolante, que les tréſors de la clémence divine ſont inépuiſables. Ainſi les élémens & les ſaiſons, dont la voix eſt ſi éloquente à qui ſait l'entendre, parloient à ces hommes ſenſibles & leur découvroient le maître de la nature ſous tous ſes rapports (*a*).

On n'entendoit point de ſons diſcordans. La voix des enfans mêmes étoit formée à un plein chant majeſtueux. Point de muſique ſautillante & profane. Un ſimple jeu d'orgue (lequel n'étoit point bruyant), accompagnoit la voix de ce grand peuple, & ſembloit le chant des immortels qui ſe mêloit aux vœux publics. Perſonne n'entroit ni ne ſortoit pendant la priere. Aucun Suiſſe groſſier, aucun quêteur importun ne venoit interrompre le recueillement des fideles adorateurs. Tous les aſſiſtans étoient frappés d'un religieux & profond reſpect; pluſieurs étoient proſternés le viſage contre terre. Au milieu de ce ſilence, de ce recueillement univerſel, je fus ſaiſi d'une terreur ſacrée : il ſembloit que la divinité fût deſcendue dans le temple & le rempliſſoit de ſa préſence inviſible.

Il y avoit des troncs aux portes pour les aumônes, mais ils étoient placés dans des paſſages obſcurs. Ce peuple ſavoit faire des œuvres de charité ſans le beſoin d'être remarqué. Enfin dans les momens d'adoration le ſilence étoit ſi religieuſement obſervé, que la ſainteté du lieu, jointe à l'idée

---

(*a*) *Un ſauvage errant dans les bois, contemplant le ciel & la nature, ſentant, pour ainſi dire, le ſeul maître qu'il reconnoît, eſt plus près de la véritable religion qu'un chartreux enfoncé dans ſa loge & vivant avec les fantômes d'une imagination échauffée.*

de l'Etre Suprême, portoit dans tous les cœurs une impreſſion profonde & ſalutaire.

L'exhortation du paſteur à ſon troupeau étoit ſimple, naturelle, éloquente par les choſes encore plus que par le ſtyle. Il ne parloit de Dieu que pour le faire aimer ; des hommes, que pour leur recommander l'humanité, la douceur & la patience. Il ne cherchoit point à faire parler l'eſprit, tandis qu'il devoit toucher le cœur. C'étoit un pere qui converſoit avec ſes enfans ſur le parti qui leur étoit le plus convenable de prendre. On étoit d'autant plus pénétré, que cette morale ſe trouvoit dans la bouche d'un parfait honnête homme. Je ne m'ennuyai point ; car le diſcours ne comportoit ni déclamation, ni portraits vagues, ni figures recherchées, & ſur-tout point de lambeaux de poëtes découſus & fondus dans une proſe qui en devient ordinairement plus froide (*a*).

C'eſt ainſi, me dit mon guide, que tous les matins on a coutume de faire une priere publique. Elle dure une heure, & le reſte du jour les portes de l'édifice demeurent fermées. Nous n'avons gueres de fêtes religieuſes ; mais nous en avons de civiles, qui délaſſent le peuple ſans le porter au libertinage. En aucun jour l'homme ne doit reſter

---

(*a*) *Ce qui me déplaît ſur-tout dans nos prédicateurs, c'eſt qu'ils n'ont point de principes ſtables & aſſurés en fait de morale ; ils puiſent leurs idées dans leur texte & non dans leur cœur : aujourd'hui ils ſont modérés, raiſonnables ; allez les entendre le lendemain, ils ſeront intolérans, extravagans. Ce ne ſont que des mots qu'ils proferent : peu leur importe même qu'ils ſe contrediſent, pourvu que leurs trois points ſoient remplis. J'en ai entendu un qui pilloit l'Encyclopédie, & qui déclamoit contre les Encyclopédiſtes.*

oisif : à l'exemple de la nature qui n'abandonne point ses fonctions, il doit se reprocher de quitter les siennes. Le repos n'est point l'oisiveté. L'inaction est un dommage réel fait à la patrie, & la cessation du travail est au fond un diminutif du trépas. Le tems de la priere est fixé : il est suffisant pour élever le cœur vers Dieu. De longs offices amenent la tiédeur & le dégoût. Toutes les oraisons secrettes sont moins méritoires que celles qui réunissent la publicité à la ferveur.

Ecoutez la formule de la priere usitée parmi nous ; chacun la répete & médite sur toutes les pensées qu'elle renferme.

„ Etre unique, incréé, Créateur intelligent de ce vaste univers ! puisque ta bonté l'a donné en spectacle à l'homme, puisqu'une aussi foible créature a reçu de toi les dons précieux de réfléchir sur ce grand & bel ouvrage, ne permets pas qu'à l'exemple de la brute elle passe sur la surface de ce globe sans rendre hommage à ta toute puissance & à ta sagesse. Nous admirons tes œuvres augustes. Nous bénissons ta main souveraine. Nous t'adorons comme maître : mais nous t'aimons comme pere universel des êtres. Oui, tu es bon, autant que tu es grand ; tout nous le dit, & surtout notre cœur. Si quelques maux passagers nous affligent ici-bas, c'est sans doute parce qu'ils sont inévitables ; d'ailleurs tu le veux, cela nous suffit ; nous nous soumettons avec confiance, & nous espérons en ta clémence infinie. Loin de murmurer, nous te rendons grace de nous avoir créés pour te connoître ".

„ Que chacun t'honore à sa maniere & selon ce que son cœur lui dictera de plus tendre & de plus enflammé : nous ne donnerons point de bornes à son zele. Tu n'as daigné nous parler que par la voix éclatante de la nature. Tout notre culte se réduit à t'adorer, à te bénir, à crier vers ton trône

trône que nous ſommes foibles, miſérables, bornés, & que nous avons beſoin de ton bras ſecourable ".

,, Si nous nous trompions, ſi quelque culte ancien ou moderne étoit plus agréable à tes yeux que le nôtre, ah! daigne ouvrir nos yeux & diſſiper les ténebres de notre eſprit; tu nous trouveras fideles à tes ordres. Mais ſi tu es ſatisfait de ces foibles hommages que nous ſavons être dûs à ta grandeur, à ta tendreſſe vraiment paternelle, donnes-nous la conſtance pour perſévérer dans les ſentimens reſpectueux qui nous animent. Conſervateur du genre humain! toi, qui l'embraſſes d'un coup d'œil, fais que la charité embraſe de même les cœurs de tous les habitans de ce globe, qu'ils s'aiment tous comme freres, qu'ils t'adreſſent le même cantique d'amour & de reconnoiſſance "!

,, Nous n'oſons dans nos vœux limiter la durée de notre vie; ſoit que tu nous enleves de cette terre, ſoit que tu nous y laiſſes, nous n'échapperons point à ton regard: nous ne te demandons que la vertu, dans la crainte d'aller contre tes impénétrables décrets, mais humbles, ſoumis & réſignés à tes volontés, daigne, ſoit que nous paſſions par une mort douce, ſoit par une mort douloureuſe, daigne nous attirer vers toi, ſource éternelle du bonheur. Nos cœurs ſoupirent après ta préſence. Qu'il tombe ce vêtement mortel, & que nous volions dans ton ſein! Ce que nous voyons de ta grandeur nous fait deſirer d'en voir davantage. Tu as trop fait en faveur de l'homme, pour ne pas donner de l'audace à ſes penſées: il n'éleve vers toi des vœux ſi ardens, que parce que ta créature ſe ſent née pour tes bienfaits ".

Mais, mon cher Monſieur, lui dis-je, votre religion, ſi vous me permettez de vous le dire, eſt à peu près celle des anciens patriarches, qui

adoroient Dieu en eſprit & en vérité ſur le ſommet des montagnes. ---- Juſtement, vous avez trouvé le mot propre. Notre religion eſt celle d'Enoch, d'Elie, d'Adam. C'eſt bien-là du moins la plus ancienne. Il en eſt de la religion comme de la loi; la plus ſimple eſt la meilleure. Adorer Dieu, reſpecter ſon prochain, écouter cette conſcience, ce juge qui toujours veille aſſis au-dedans de nous, n'étouffer jamais cette voix céleſte & ſecrette, tout le reſte eſt impoſture, fourberie, menſonge. Nos prêtres ne ſe diſent point excluſivement inſpirés de Dieu : ils ſe nomment nos égaux; ils avouent qu'ils nagent, comme nous, dans les ténebres; ils ſuivent le point lumineux que Dieu a daigné nous montrer; ils l'indiquent à leurs freres ſans deſpotiſme, ſans oſtentation. Une morale pure, & point de dogmes extravagans, voilà le moyen de n'avoir ni impies, ni fanatiques, ni ſuperſtitieux. Nous l'avons trouvé ce moyen heureux, & nous en remercions ſincérement l'auteur de tout bien.

--- Vous adorez un Dieu ; mais admettez-vous l'immortalité de l'ame ? Quelle eſt votre opinion ſur ce grand & impénétrable ſecret ? Tous les philoſophes ont voulu le percer. Le ſage & l'inſenſé ont dit leur mot. Les ſyſtêmes les plus diverſifiés, les plus poétiques ſe ſont élevés ſur ce fameux chapitre. Il ſemble avoir allumé par excellence l'imagination des légiſlateurs. Qu'en penſe votre ſiecle ?

--- Il ne faut que des yeux pour être adorateur, me répondit-il ; il ne faut que rentrer en ſoi-même pour ſentir qu'il y a quelque choſe en nous qui vit, qui ſent, qui penſe, qui veut, qui ſe détermine. Nous penſons que notre ame eſt diſtincte de la matiere, qu'elle eſt intelligente par ſa nature. Nous raiſonnons peu ſur cet objet : nous aimons à croire tout ce qui éleve la nature humaine. Le

ſyſtême qui l'agrandit davantage nous devient le plus cher, & nous ne penſons pas que des idées qui honorent les créatures d'un Dieu puiſſent jamais être fauſſes. En adoptant le plan le plus ſublime, ce n'eſt point ſe tromper, c'eſt frapper au véritable but. L'incrédulité n'eſt que foibleſſe, & l'audace de la penſée eſt la foi d'un être intelligent. Pourquoi ramperions-nous vers le néant, tandis que nous nous ſentons des aîles pour voler juſqu'à Dieu, & que rien ne contredit cette hardieſſe généreuſe ? S'il étoit poſſible que nous nous trompaſſions, l'homme auroit donc imaginé un ordre de choſes plus beau que celui qui exiſte ; la puiſſance ſouveraine ne ſeroit donc limitée ; j'ai preſque dit ſa bonté.

Nous croyons que toutes les ames ſont égales par leur eſſence, différentes par leurs qualités. L'ame d'un homme, & celle d'un animal, ſont également immatérielles ; mais l'un a fait un pas de plus que l'autre vers la perfectibilité ; & voilà ce qui conſtitue ſon état actuel, mais qui toutefois peut changer.

Nous penſons enſuite que tous les aſtres & que toutes les planettes ſont habités, mais que rien de ce que l'on voit, de ce qu'on ſent dans l'un ne ſe trouve dans l'autre. Cette magnificence ſans bornes, cette chaîne infinie de ces différens mondes, ce cercle radieux devoit entrer dans le vaſte plan de la création. Eh, bien ! ces ſoleils, ces mondes ſi beaux, ſi grands, ſi divers, ils nous paroiſſent les habitations qui ont été toutes préparées à l'homme : elles ſe croiſent, ſe correſpondent, & ſont toutes ſubordonnées l'une à l'autre. L'ame humaine monte dans tous ces mondes, comme à une échelle brillante & graduée, qui l'approche à chaque pas de la plus grande perfection. Dans ce voyage elle ne perd point le ſouvenir de ce qu'elle a vu & de ce qu'elle a appris : elle con-

ferve le magazin de fes idées, c'eſt ſon plus cher tréſor ; elle le tranſporte par-tout avec elle. Si elle s'eſt élancée vers quelque découverte ſublime, elle franchit les mondes peuplés d'habitans qui ſont reſtés au-deſſous d'elle ; elle monte en raiſon des connoiſſances & des vertus qu'elle a acquiſes. L'ame de Newton a volé par ſa propre activité vers toutes ces ſpheres qu'il avoit peſées. Il ſeroit injuſte de penſer que le ſouffle de la mort eût éteint ce puiſſant génie. Cette deſtruction ſeroit plus affligeante, plus inconcevable que celle de l'univers matériel. Il ſeroit de même abſurde de dire que ſon ame ſe ſeroit trouvée de niveau à celle d'un homme ignorant ou ſtupide. En effet, il eût été inutile à l'homme de perfectionner ſon ame, ſi elle n'eût pas dû s'élever, ſoit par la contemplation, ſoit par l'exercice des vertus; mais un ſentiment intime, plus fort que toutes les objections lui crie : *développe toutes tes forces, mépriſe la mort; il n'appartient qu'à toi de la vaincre & d'augmenter ta vie qui eſt la penſée.*

Pour ces ames rampantes, qui ſe ſont avilies dans la fange du crime ou de la pareſſe, elles retournent au même point d'où elles ſont parties, ou bien elles retrogradent. C'eſt pour long-tems qu'elles ſont attachées ſur les triſtes bords du néant, qu'elles penchent vers la matiere, qu'elles forment une race animale & vile ; & tandis que les ames généreuſes s'élancent vers la lumiere divine, éternelle, elles s'enfoncent dans ces ténebres où jaillit à peine un pâle rayon d'exiſtence. Tel monarque à ſon décès devient taupe ; tel miniſtre, un ſerpent venimeux, habitant des marais empeſtés : tandis que l'écrivain qu'il dédaignoit, ou plutôt qu'il méconnoiſſoit, a obtenu un rang glorieux parmi ces intelligences amies de l'humanité.

Pythagore avoit apperçu cette égalité des ames ;

il avoit ſenti cette tranſmigration d'un corps à un autre ; mais ces ames tournoient ſur le même cercle, & ne ſortoient jamais de leur globe. Notre métempſycoſe eſt plus raiſonnée, & ſupérieure à l'ancienne. Ces eſprits nobles & généreux qui ont choiſi pour guide de leur conduite le bonheur de leurs ſemblables, la mort leur ouvre une route glorieuſe & brillante. Que penſez-vous de notre ſyſtême ? --- Il me charme ; il ne contredit ni le pouvoir ni la bonté de Dieu. Cette marche progreſſive, cette aſcenſion dans différens mondes, tous l'ouvrage de ſes mains, cette viſite de la création des globes, tout me paroît répondre à la dignité du monarque qui ouvre tous ſes domaines à l'œil fait pour les contempler. --- Oui, mon frere, reprit-il avec enthouſiaſme, quelle image intéreſſante que tous ces ſoleils parcourus, que toutes ces ames s'enrichiſſant dans leur courſe où ſe rencontrent des millions de nouveautés, ſe perfectionnant ſans ceſſe, devenant plus ſublimes à meſure qu'elles s'approchent du Souverain Etre, le connoiſſant plus parfaitement ; l'aimant d'un amour plus éclairé, ſe plongeant dans l'océan de ſa grandeur ! O homme, réjouis-toi ! tu ne peux marcher que de merveilles en merveilles : un ſpectacle toujours nouveau, toujours miraculeux t'attend ; tes eſpérances ſont grandes ; tu parcourras le ſein immenſe de la nature, juſqu'à ce que tu ailles te perdre dans le Dieu dont elle tire ſa ſuperbe origine. --- Mais les méchans, m'écriai-je, qui ont péché contre la loi naturelle, qui ont fermé leur cœur au cri de la pitié, qui ont égorgé l'innocence, qui ont régné pour eux ſeuls, que deviendront-ils ? Sans aimer la haine & la vengeance, je bâtirois de mes mains un enfer pour y plonger certaines ames cruelles, qui ont fait bouillonner mon ſang d'indignation à la vue des maux qu'elles ont fait tomber ſur le foible & le

juſte. —— Ce n'eſt point à notre foibleſſe ſubordonnée encore à tant de paſſions, à prononcer ſur la maniere dont Dieu les punira ; mais il eſt certain que le méchant ſentira le poids de ſa juſtice. Loin de ſes regards, tout être perfide, cruel, indifférent aux maux d'autrui. Jamais l'ame de Socrate ou de Marc-Aurele ne rencontrera celle de Néron : elles ſeront toujours à une diſtance infinie. Voilà ce que nous oſons aſſurer. Mais ce n'eſt point à nous à meſurer les poids qui entreront dans la balance éternelle. Nous croyons que les fautes qui n'ont pas entiérement obſcurci l'entendement humain, que le cœur qui ne s'eſt point avili juſqu'à l'inſenſibilité, que les rois mêmes qui ne ſe ſont point cru des dieux, pourront ſe purifier en améliorant leur eſpece pendant une longue ſuite d'années. Ils deſcendront dans des globes où le mal phyſique prédominant ſera le fouet utile qui leur fera ſentir leur dépendance, le beſoin qu'ils ont de clémence, & rectifiera les preſtiges de leur orgueil. S'ils s'humilient ſous la main qui les châtie, s'ils ſuivent les lumieres de la raiſon pour ſe ſoumettre, s'ils reconnoiſſent combien ils ſont éloignés de l'état où ils pourroient parvenir, s'ils font quelques efforts pour y arriver, alors leur pélérinage ſera infiniment abrégé ; ils mourront à la fleur de leur âge ; on les pleurera ; tandis que ſouriant en abandonnant ce triſte globe, ils gémiront ſur le ſort de ceux qui doivent reſter après eux ſur une planette malheureuſe dont ils ſont délivrés. Ainſi tel qui craint la mort, ne ſait ce qu'il craint : ſes terreurs ſont filles de ſon ignorance, & cette ignorance eſt la premiere punition de ſes fautes.

Peut-être auſſi que les plus coupables perdront le précieux ſentiment de la liberté. Ils ne ſeront point anéantis ; car l'idée du néant nous répugne : il n'y a point de néant ſous un Dieu Créateur,

Conſervateur & Réparateur. Que le méchant ne ſe flatte point de pouvoir s'y enfoncer ; il ſera pourſuivi par cet œil abſolu qui pénetre tout. Les perſécuteurs de toute eſpece végéteront ſtupidement dans la derniere claſſe de l'exiſtence ; ils ſeront livrés inceſſamment à une deſtruction renaiſſante qui ramenera leur eſclavage & leur douleur : mais Dieu ſeul ſait le tems qui doit les punir ou les abſoudre.

CHAPITRE XX.

Le Prélat.

TENEZ, voilà par exemple un ſaint vivant qui paſſe ; cet homme ſimplement vêtu d'une robe violette, ſe ſoutenant ſur un bâton, & dont la démarche & le regard n'annoncent ni oſtentation ni modeſtie affectée, c'eſt notre prélat. ----- Quoi ! votre prélat à pied ? --- Oui, à l'imitation du premier des apôtres. On lui a donné cependant depuis peu une chaiſe à porteurs, mais il ne s'en ſert que dans la plus grande néceſſité. Son revenu coule preſque en entier dans le ſein des pauvres : avant de répandre ſes bienfaits, il ne s'informe pas ſi un homme eſt attaché à ſes opinions particulieres ; il diſtribue des ſecours à tous les malheureux : il ſuffit qu'ils ſoient hommes. Il n'eſt point entêté, point fanatique, point opiniâtre, point perſécuteur ; il n'abuſe point d'une autorité ſacrée pour ſe croire au niveau du trône. Son œil eſt toujours ſerein, image de cette ame douce, égale & paiſible, qui ne met de chaleur & d'activité que dans l'emploi de faire le bien. Il dit ſouvent à ceux qu'il rencontre : *Mes amis, la charité, comme dit St Paul, marche avant la foi. Soyez*

bienfaiſans, & vous aurez accompli la loi. Reprenez votre prochain s'il s'égare, mais ſans orgueil, ſans aigreur. Ne tourmentez perſonne au ſujet de ſa croyance, & gardez-vous de vous préférer dans le fond du cœur à celui que vous voyez commettre une faute, car demain vous ſerez peut-être plus coupable que lui. Ne prêchez que d'exemple. N'allez point mettre au nombre de vos ennemis un homme qui diſpoſeroit abſolument de ſa penſée. Le fanatiſme, dans ſa cruelle opiniâtreté, a déja fait trop de mal pour ne pas redouter & prévenir juſqu'à ſes moindres apparences. Ce monſtre paroît d'abord flatter l'orgueil humain & agrandir l'ame qui lui donne accès ; mais bientôt il a recours à la ruſe, à la perfidie, à la cruauté ; il foule aux pieds toute vertu, & devient le plus terrible fléau de l'humanité.

Mais, lui dis-je, quel eſt ce magiſtrat au port vénérable qui l'arrête & avec qui il converſe avec tant d'amitié ? --- C'eſt un des peres de la patrie, c'eſt le chef du Sénat qui emmene notre patriarche dîner avec lui. Dans leur ſobre & court repas, il ſera plus d'une fois queſtion du pauvre indigent, de la veuve, de l'orphelin, & des moyens de ſoulager leurs maux. Tel eſt l'intérêt qui les raſſemble & qu'ils traitent avec le plus beau zele ; ils n'entrent jamais dans la vaine diſcuſſion de ces antiques & riſibles prérogatives qui exerçoient ſi puérilement les eſprits graves de votre tems.

CHAPITRE XXI.

Communion des deux Infinis.

MAIS quel eſt ce jeune homme que je vois environné d'une foule empreſſée ? Comme la joie ſe peint dans tous ſes mouvemens ! comme ſon front

front eſt brillant ! que lui eſt-il arrivé d'heureux ? d'où vient-il ? --- Il vient d'être initié, me répondit gravement mon guide. Quoique nous ayons peu de cérémonies, nous en avons cependant une qui répond à ce que vous appelliez parmi vous *premiere communion.* Nous obſervons de fort près le goût, le caractere, les actions les plus ſecrettes d'un jeune homme. Dès qu'on s'apperçoit qu'il cherche les endroits ſolitaires pour y réfléchir ; dès qu'on le ſurprend l'œil attendri, attaché ſur la voûte du firmament, contemplant dans une douce extaſe ce rideau azuré qui lui ſemble prêt à s'ouvrir ; alors il n'y a plus de tems à perdre, c'eſt un ſigne que ſa raiſon a toute ſa maturité & qu'il peut recevoir avec fruit le développement des merveilles que le Créateur a opérées.

Nous choiſiſſons une nuit où, dans un ciel ſerein, l'armée des étoiles brille dans tout ſon éclat. Accompagné de ſes parens & de ſes amis, le jeune homme eſt conduit à notre obſervatoire ; tout-à-coup nous appliquons à ſon œil un téleſcope (*a*) ; nous faiſons deſcendre ſous ſes yeux Mars, Saturne, Jupiter, tous ces grands corps flottans avec ordre dans l'eſpace : nous lui ouvrons, pour ainſi dire, l'abîme de l'infini. Tous ces ſoleils allumés viennent en foule ſe preſſer ſous ſon regard étonné. Alors un paſteur vénérable lui dit d'une voix impoſante & majeſtueuſe : » Jeune homme !
» voilà le Dieu de l'univers qui ſe révele à vous
» au milieu de ſes ouvrages. Adorez le Dieu de
» ces mondes, ce Dieu dont le pouvoir étendu

(*a*) *Le téleſcope eſt le canon moral qui a battu en ruine toutes les ſuperſtitions, tous les fantômes qui tourmentoient la race humaine. Il ſemble que notre raiſon ſe ſoit agrandie à proportion de l'eſpace imméſurable que nos yeux ont découvert & parcouru.*

» ſurpaſſe & la portée de la vue de l'homme &
» celle même de ſon imagination. Adorez ce
» Créateur, dont la majeſté reſplendiſſante eſt im-
» primée ſur le front des aſtres qui obéiſſent à ſes
» loix. En contemplant les prodiges échappés de
» ſa main, ſachez avec quelle magnificence (*a*) il
» peut récompenſer le cœur qui s'élévera vers
» lui. N'oubliez point que parmi ſes œuvres au-
» guſtes, l'homme doué de la faculté de les ap-
» percevoir & de les ſentir, tient le premier rang,
» & qu'enfant de Dieu il doit honorer ce titre
» reſpectable !

Alors la ſcene change : on apporte un microſ-cope ; on lui découvrè un nouvel univers, plus étonnant, plus merveilleux encore que le premier. Ces points vivans que ſon œil apperçoit pour la premiere fois, qui ſe meuvent dans leur

---

(a) Monteſquieu dit quelque part que les tableaux qu'on fait de l'enfer ſont achevés, mais que lorſqu'on parle du bonheur éternel on ne ſait que promettre aux honnêtes gens. Cette penſée eſt un abus de cet eſprit ſaillant qu'il place quelquefois mal-à-propos. Que tout homme ſenſible réfléchiſſe un moment ſur la foule des plaiſirs vifs & délicats qu'il doit à l'eſprit ! Combien ils ſurpaſſent ceux qu'il reçoit des ſens ! Et le corps lui-même, qu'eſt-il ſans ame ? Que de fois l'on tombe dans une léthargie délicieuſe & profonde, où l'imagination agréablement flatéée vole ſans obſtacle & ſe crée des voluptés exquiſes & variées, qui n'ont aucune reſſemblance avec les plaiſirs matériels. Pourquoi la puiſſance du Créateur ne pourroit-elle pas prolonger, fortifier cet heureux état ? L'extaſe qui remplit l'ame du juſte méditant ſur de grands objets n'eſt-elle pas un avant-goût du plaiſir qui l'attend lorſqu'il contemplera ſans voile le vaſte plan de l'univers ?

inconcevable petiteſſe, & qui ſont doués des mêmes organes appartenans aux coloſſes de la terre, lui préſentent un nouvel attribut de l'intelligence du Créateur.

Le paſteur reprend du même ton : » Etres foi-
» bles que nous ſommes, placés entre deux infi-
» nis, opprimés de tout côté ſous le poids de la
» grandeur divine, adorons en ſilence la même
» main qui alluma tant de ſoleils, imprima la vie
» & le ſentiment à des atômes imperceptibles !
» Sans doute, l'œil qui a compoſé la ſtructure
» délicate du cœur, des nerfs, des fibres du ci-
» ron, lira ſans peine dans les derniers replis de
» notre cœur. Quelle penſée intime peut ſe déro-
» ber à ce regard abſolu devant lequel la voie
» lactée ne paroît pas plus que la trompe de la
» mite ? Rendons toutes nos penſées dignes du
» Dieu qui les voit naître & qui les obſerve. Com-
» bien de fois dans le jour le cœur peut s'élancer
» vers lui & ſe fortifier dans ſon ſein ! Hélas !
» tout le tems de notre vie ne peut être mieux em-
» ployé qu'à lui dreſſer au fond de notre ame un
» concert éternel de louanges & d'actions de
» graces !

Le jeune homme ému, étonné, conſerve la double impreſſion qu'il a reçue preſque au même inſtant : il pleure de joie, il ne peut raſſaſier ſon ardente curioſité ; elle s'enflamme à chaque pas qu'il fait dans ces deux univers.Ses paroles ne ſont plus qu'un long cantique d'admiration. Son cœur palpite de ſurpriſe & de reſpect ; & dans ces inſtans ſentez-vous avec quelle énergie, avec quelle vérité il adore l'Etre des êtres ? Comme il ſe remplit de ſa préſence ! Comme ce téleſcope étend, agrandit ſes idées, les rend dignes d'un habitant de cet étonnant univers ! Il guérit de l'ambition terreſtre & des petites haines qu'elle enfante ; il chérit tous les hommes animés du ſouffle égal de

la vie ; il eſt le frere de tout ce que le Créateur a touché (*a*).

Sa gloire déſormais ſera de moiſſonner dans les cieux cet amas de merveilles. Il ſe trouve moins petit depuis qu'il a eu l'avantage d'appercevoir ces grandes choſes. Il ſe dit : Dieu s'eſt manifeſté à moi, mon œil a viſité Saturne, l'étoile Sirius & les ſoleils preſſés de la voie lactée. Je ſens que mon être s'eſt agrandi depuis que Dieu a daigné établir une relation entre mon néant & ſa grandeur. Oh ! que je me trouve heureux d'avoir reçu l'intelligence & la vie ! J'entrevois quel ſera le deſtin de l'homme vertueux ! O Dieu magnifique ! fais que je t'adore, fais que je t'aime éternellement !

Il revient pluſieurs fois ſe remplir de ces objets ſublimes. Dès ce jour il eſt initié avec les êtres penſans ; mais il garde ſcrupuleuſement le ſecret, afin de ménager le même degré de plaiſir & de ſurpriſe à ceux qui n'ont point atteint l'âge où l'on ſent de tels prodiges. Au jour conſacré aux louanges du Créateur, c'eſt un ſpectacle édifiant, que de voir ſur notre obſervatoire les nombreux adorateurs de Dieu tomber tous à genoux, l'œil appliqué ſur un téleſcope & l'eſprit en prieres, élancer leur ame avec leur vue vers le fabricateur de ces pompeux miracles (*b*). Alors nous chantons

---

(*a*) *On a voulu ridiculiſer un ſaint qui diſoit :* paiſſez, ma ſœur, la brebis ; bondiſſez de joie, poiſſons qui êtes mes freres. *Ce ſaint valoit mieux que ſes confreres, il étoit vraiment philoſophe.*

(*b*) *Si demain le doigt de l'Eternel gravoit ces mots ſur la nue, en caracteres de feu :* Mortels, adorez un Dieu ! *Qui doute que tout homme ne tombât à genoux & n'adorât ? Eh, quoi, mortel inſenſé & ſtupide ! as-tu beſoin que Dieu te parle françois, chinois, arabe ? Que ſont les étoiles innombrables ſe-*

certaines hymnes qui ont été composées en langue vulgaire par les premiers écrivains de la nation ; elles sont dans toutes les bouches, & peignent la sagesse & la clémence de la Divinité. Nous ne concevons pas comment un peuple entier invoquoit jadis Dieu dans une langue qu'il n'entendoit point ; ce peuple étoit bien absurde, ou bruloit du zele le plus dévorant.

Parmi nous, souvent un jeune homme cédant à son transport, exprime à toute l'assemblée les sentimens dont son cœur est plein (*a*) ; il communique son enthousiasme aux cœurs les plus froids ; l'amour enflamme & frappe ses expressions. L'Eternel semble alors descendu au milieu de nous, écouter ses enfans qui s'entretiennent de ses soins augustes & de sa clémence paternelle. Nos physiciens, nos astronomes s'empressent dans ces jours d'allégresse à nous révéler les plus belles découvertes ; héraults de la Divinité, ils nous font sentir sa présence dans les objets qui nous paroissent les plus inanimés : tout est rempli de Dieu, disent-ils, & tout le révele (*b*) !

---

mées dans l'espace, sinon des caracteres sacrés, intelligibles à tous les yeux, & qui annoncent visiblement un Dieu qui se révele.

(a) Quand un jeune homme a l'enthousiasme de la vertu, fut-il dangereux ou faux, il faut craindre de le détromper ; laissez-le faire, il se rectifiera sans vous : en voulant le corriger, d'un mot vous tueriez peut-être son ame ?

(b) Le culte extérieur des anciens consistoit en fêtes, en danses, en hymnes, en festins, le tout avec très-peu de dogmes. La Divinité n'étoit pas pour eux un être solitaire, armé de foudres. Elle daignoit se communiquer & rendre sa présence visible. Ils croyoient l'honorer plutôt par des fêtes que par la tristesse & les larmes. Le Législateur qui connoîtra

Auſſi nous doutons que dans toute l'étendue du royaume il ſe trouve un ſeul athée (*a*). Ce n'eſt point la crainte qui fermeroit ſa bouche : nous le trouverions aſſez à plaindre pour lui infliger d'autre ſupplice que la honte ; nous le bannirions ſeulement du milieu de nous, s'il devenoit l'ennemi public & opiniâtre d'une vérité palpable, conſolante & ſalutaire (*b*). Mais avant nous lui ferions faire un cours aſſidu de phyſique expérimentale ; il ne ſeroit pas poſſible alors qu'il ſe refusât à l'évidence que lui préſenteroit cette ſcience approfondie. Elle a ſu découvrir des rapports ſi étonnans, ſi éloignés & en même tems ſi ſimples, depuis qu'ils ſont connus ; il y a tant de merveilles accumulées qui dormoient dans ſon ſein, maintenant expoſées au grand jour, la nature enfin eſt ſi éclairée dans ſes moindres parties, que celui qui nieroit un Créateur intelligent, ne ſeroit pas regardé ſeulement comme un fou, mais comme un être pervers, & la nation entiere prendroit le deuil à cette occaſion pour marquer ſa douleur profonde (*c*).

---

le mieux le cœur humain, le conduira toujours à la vertu par la route du plaiſir.

(*a*) *C'eſt à l'athée de prouver que la notion d'un Dieu eſt contradictoire, & qu'il eſt impoſſible qu'un tel être exiſte : c'eſt le devoir de celui qui nie d'alléguer ſes raiſons.*

(*b*) *Quand on me parle des mandarins athées de la Chine, qui annoncent la morale la plus admirable, & qui ſe conſacrent tout entiers au bien public, je ne démentirai point l'hiſtoire, mais cela me paroît la choſe du monde la plus inconcevable.*

(*c*) *La préſence intime & univerſelle d'un Dieu bon & magnifique, ennoblit la nature & répand partout je ne ſais quel air vivant & animé qu'une doctrine ſceptique & déſeſpérante ne peut donner.*

Graces au ciel, comme perſonne dans notre ville n'a la miſérable manie de vouloir ſe diſtinguer par des opinions extravagantes & diamétralement oppoſées au jugement univerſel des hommes, nous ſommes tous d'accord ſur ce point important; & celui-là poſé, je n'aurai pas de peine (*a*) à vous faire comprendre que tous les principes de la morale la plus pure ſe déduiſent d'eux-mêmes appuyés qu'ils ſont ſur cette baſe inébranlable.

On penſoit dans votre ſiecle qu'il étoit impoſſible de donner au peuple une religion purement ſpirituelle; c'étoit une erreur grave. Pluſieurs de vos philoſophes outrageoient la nature humaine par cette opinion fauſſe. L'idée d'un Dieu, dégagée de tout alliage impur, n'étoit pas cependant ſi difficile à ſaiſir. Il eſt bon de le répéter encore une fois: *C'eſt l'ame qui ſent Dieu.* Pourquoi le menſonge ſeroit-il plus naturel à l'homme que la vérité? Il vous auroit ſuffi de bannir les impoſteurs qui trafiquoient des choſes ſacrées, qui ſe prétendoient médiateurs entre la divinité & l'homme, & qui diſtribuoient des préjugés encore plus vils que l'or qu'ils en recevoient.

Enfin l'idolâtrie, ce monſtre antique, que les peintres, les ſtatuaires & les poëtes avoient déïfié à l'envi l'un de l'autre pour l'aveuglement & le malheur du monde, eſt tombé ſous nos mains triomphantes.

L'unité d'un Dieu, Etre incréé, Etre ſpirituel, telle eſt la baſe de notre religion. Il ne faut qu'un ſoleil pour l'univers. Il ne faut qu'une idée lumineuſe pour éclairer la raiſon humaine. Tous ces ſoutiens étrangers & factices que l'on vouloit donner à l'entendement, ne faiſoient que l'étouffer;

(*a*) Je crains Dieu, *diſoit quelqu'un*, & après Dieu je ne crains que celui qui ne le craint pas.

ils lui prêtoient quelquefois (nous l'avouerons) une énergie que ne produit pas toujours l'aspect de la simple vérité ; mais c'étoit un état d'ivresse qui devenoit dangereux. L'esprit religieux a fait naître le fanatisme ; on a voulu commander telle & telle adoration, & la liberté de l'homme blessée dans son plus beau privilege s'est justement révoltée. Nous abhorrons cette espece de tyrannie ; nous ne demandons rien au cœur qui ne sait pas sentir ; mais en est-il un seul qui se refuse à ces traits lumineux & touchans qui ne lui sont offerts que pour son propre bonheur ?

C'est donner atteinte à l'Etre infiniment parfait, que de calomnier la raison & de la présenter comme un guide incertain & trompeur. La loi divine qui parle d'un bout du monde à l'autre, est bien préférable à ces religions factices, inventées par des prêtres. La preuve qu'elles sont fausses, c'est qu'elles ne produisent que de funestes effets : c'est un édifice qui penche & qui a besoin d'être perpétuellement étayé. La loi naturelle est une tour inébranlable (*a*) ; elle n'apporte point la

---

(*a*) *La loi naturelle, si simple & si pure, parle un langage uniforme à toutes les nations ; elle est intelligible pour tout être sensible ; elle n'est point environnée d'ombres, de mysteres, elle est vivante, elle est gravée dans tous les cœurs en caracteres ineffaçables : ses décrets sont à couvert des révolutions de la terre, des injures du tems, des caprices de l'usage. Tout homme vertueux en est le prêtre. Les erreurs & les vices sont ses victimes. L'univers est son temple, & Dieu la seule Divinité qu'elle encense. On a répété ceci mille fois, mais il est bon de le redire encore. Oui, la morale est la seule religion nécessaire à l'homme ; il est religieux dès qu'il est raisonnable, il est vertuux dès qu'il se rend utile : en rentrant dans le fond de son cœur, en consultant son être, tout*

discorde,

difcorde, mais la paix & l'égalité. Les fourbes qui ont ofé faire parler Dieu au ton de leurs propres paffions, ont fait paffer pour des vertus les actions les plus noires; mais ces malheureux, en annonçant un Dieu barbare, ont précipité dans l'athéifme les cœurs fenfibles qui aimoient mieux anéantir l'idée d'un Etre vindicatif, que de montrer cet Etre effroyable à l'univers (*a*).

Nous au contraire, c'eft fur la bonté du Créateur fi vifiblement empreinte que nous élevons nos cœurs vers lui. Les ombres d'ici-bas, les maux paffagers qui nous affligent, les douleurs, la mort ne nous épouvantent point : tout cela, fans doute, eft utile, néceffaire, & nous eft même impofé pour notre plus grande félicité. Il eft un terme à nos connoiffances; nous ne pouvons favoir ce que Dieu fait. Que l'univers vienne à fe diffoudre! pourquoi craindre? quelque révolution qui arrive, nous tomberons toujours dans le fein de Dieu.

---

homme faura ce qu'il fe doit à lui-même & ce qu'il doit aux autres.

(*a*) *C'eft en écrafant les hommes à force de terreurs, c'eft en troublant leur entendement, que la plupart des légiflateurs en ont fait des efclaves & fe font flattés de les retenir éternellement fous le joug. L'enfer des Chrétiens eft fans contredit le blafphême le plus injurieux fait à la bonté & à la juftice divine. Le mal fait toujours fur l'homme des impreffions beaucoup plus fortes que le bien. Ainfi un Dieu méchant frappe plus l'imagination qu'un Dieu bon. Voilà pourquoi on voit dominer une teinte lugubre & noire dans toutes les religions du monde. Elles difpofent les mortels à la mélancolie. Le nom de Dieu renouvelle fans ceffe en eux le fentiment de la frayeur. Une confiance filiale, une efpérance refpectueufe honoreroient davantage l'Auteur de tout bien.*

CHAPITRE XXII.

Singulier Monument.

JE ſortois du temple. On me conduiſit dans une place non éloignée pour conſidérer à loiſir un monument nouvellement bâti : il étoit en marbre, il aiguiſoit ma curioſité & m'inſpira le deſir de percer le voile des emblêmes dont il étoit environné. On ne voulut pas m'expliquer ce qu'il ſignifioit ; on me laiſſa le plaiſir & la gloire de le deviner.

Une figure dominante attiroit tous mes regards. A la douce majeſté de ſon front, à la nobleſſe de ſa taille, à ſes attributs de concorde & de paix, je reconnus l'humanité ſainte. D'autres ſtatues étoient à genoux, & repréſentoient des femmes dans l'attitude de la douleur & du remords. Hélas! l'emblême n'étoit pas difficile à pénétrer ; c'étoient les nations figurées qui demandoient pardon à l'humanité des plaies cruelles qu'elles lui avoient cauſées pendant plus de vingt ſiecles.

La France, à genoux, imploroit le pardon de la nuit horrible de la St Barthelemi, de la dure révocation de l'Edit de Nantes, & de la perſécution des ſages qui nâquirent dans ſon ſein. Comment avec la douceur de ſon front commit-elle de ſi noirs attentats ! L'Angleterre abjuroit ſon fanatiſme, ſes deux roſes, & tendoit la main à la philoſophie ; elle promettoit de ne plus verſer que le ſang des tyrans (*a*). La Hollande déteſtoit ſes partis de Gomar & d'Arminius, & le ſupplice du vertueux Barnevelt. L'Allemagne cachoit ſon front altier, & ne voyoit qu'avec horreur l'hiſ-

(*a*) *Elle a tenu parole.*

toire de ſes diviſions inteſtines, de ſes fureurs énergumenes, de ſa rage théologique, qui avoit ſinguliérement contraſté avec ſa froideur naturelle. La Pologne avoit en indignation ſes mépriſables confédérés, qui, de mon tems, déchirerent ſon ſein & renouvellerent les atrocités des croiſades. L'Eſpagne, plus coupable encore que ſes ſœurs, gémiſſoit d'avoir couvert le nouveau continent de trente-cinq millions de cadavres, d'avoir pourſuivi les reſtes déplorables de mille nations dans le fond des forêts & dans les trous des rochers, d'avoir accoutumé des animaux, moins féroces qu'eux, à boire le ſang humain (*a*)..... Mais l'Eſpagne avoit beau gémir, ſupplier, elle ne devoit point obtenir ſon pardon ; le ſupplice lent de tant de malheureux condamnés aux mines devoit dépoſer à jamais contre elle (*b*). Le ſtatuaire avoit repréſenté pluſieurs eſclaves mutilés, qui crioient vengeance en regardant le ciel : on recu-

---

(*a*) *Les Européens au Nouveau Monde, quel livre à faire !*

(*b*) *Lorſque je ſonge à ces infortunés qui ne tiennent à la nature que par la douleur, enſevelis vivans dans les entrailles de la terre, ſoupirant après ce ſoleil qu'ils ont eu le malheur de voir & qu'ils ne verront plus, qui gémiſſent dans ces horribles cachots, autant de fois qu'ils reſpirent, & qui ſavent ne devoir ſortir de cette nuit effroyable que pour entrer dans l'ombre éternelle de la mort ; alors un friſſon intérieur parcourt tout mon être, je crois habiter les tombeaux qu'ils habitent, reſpirer avec eux l'odeur des flambeaux qui éclairent leur affreuſe demeure, je vois l'or, idole de la terre, ſous ſon véritable aſpect, & je ſens que la Providence doit attacher à ce même métal, ſource de tant de barbarie, le châtiment des maux innombrables qu'il a cauſés, même avant de voir le jour.*

loit d'effroi, on croyoit entendre leurs cris. Un marbre veiné de ſang compoſoit ſa figure, & cette couleur effrayante étoit ineffaçable, comme la mémoire de ſes forfaits (*a*).

On voyoit dans le lointain l'Italie, cauſe originelle de tant de maux, premiere ſource des fureurs qui couvrirent les deux mondes, proſternée & le front contre terre, elle étouffoit ſous ſes pieds la torche ardente de l'excommunication; elle ſembloit n'oſer avancer pour ſolliciter ſon pardon. Je voulus conſidérer de près les traits de ſon viſage; mais un coup de foudre récemment tombé l'avoit défiguré, & lorſque je m'approchai elle étoit méconnoiſſable & toute noircie des feux du tonnerre.

L'humanité radieuſe levoit ſon front touchant au milieu de ces femmes humbles & humiliées. Je remarquai que le ſtatuaire avoit donné à ſon viſage les traits de cette nation libre & courageuſe qui avoit briſé les fers de ſes tyrans. Le chapeau du grand Tell ornoit ſa tête (*b*); c'étoit le diadême le plus reſpectable qui ait jamais ceint le

---

(*a*) *Vingt millions d'hommes ont été égorgés ſous le fer de quelques Eſpagnols, & l'Empire d'Eſpagne contient à peine ſept millions d'ames!*

(*b*) *Si Platon revenoit au monde, ſes regards tomberoient, ſans doute, avec admiration ſur les républiques Helvétiques. Les Suiſſes ont excellé dans ce qui fait l'eſſence des républiques, c'eſt-à-dire, dans la conſervation de leur liberté ſans rien entreprendre ſur celle des autres. La bonne foi, la candeur, l'amour du travail, cette alliance avec toutes les nations qui eſt unique dans l'hiſtoire, la force & le courage entretenus dans une paix profonde, malgré la différence des religions, voilà ce qui devroit ſervir de modele aux peuples & les faire rougir de leur extravagance.*

front d'un monarque. Elle ſourioit à l'auguſte philoſophie, ſa ſœur, dont les mains pures & blanches étoient étendues vers le ciel qui la regardoit d'un œil plein d'amour.

Je ſortois de cette place, lorſque vers la droite j'apperçus ſur un magnifique piedeſtal un negre, la tête nue, le bras tendu, l'œil fier, l'attitude noble, impoſante. Autour de lui étoient les débris de vingt ſceptres. A ſes pieds on liſoit ces mots : *Au vengeur du nouveau monde !*

Je jettai un cri de ſurpriſe & de joie. —— Oui, me répondit-on avec une chaleur égale à mes tranſports ; la nature a enfin créé cet homme étonnant, cet homme immortel, qui devoit délivrer un monde de la tyrannie la plus atroce, la plus longue, la plus inſultante. Son génie, ſon audace, ſa patience, ſa fermeté, ſa vertueuſe vengeance ont été récompenſés : il a briſé les fers de ſes compatriotes. Tant d'eſclaves opprimés ſous le plus odieux eſclavage, ſembloient n'attendre que ſon ſignal pour former autant de héros. Le torrent qui briſe ſes digues, la foudre qui tombe, ont un effet moins prompt, moins violent. Dans le même inſtant ils ont verſé le ſang de leurs tyrans. François, Eſpagnols, Anglois, Hollandois, Portugais, tout a été la proie du fer, du poiſon & de la flamme. La terre de l'Amérique a bu avec avidité ce ſang qu'elle attendoit depuis long-tems, & les oſſemens de leurs ancêtres lâchement égorgés ont paru s'élever alors & treſſaillir de joie.

Les naturels ont repris leurs droits impreſcriptibles, puiſque c'étoient ceux de la nature. Ce héroïque vengeur a rendu libre un monde dont il eſt le Dieu, & l'autre lui a décerné des hommages & des couronnes. Il eſt venu comme l'orage qui s'étend ſur une ville criminelle que ſes foudres vont écraſer. Il a été l'ange exterminateur à qui le Dieu de juſtice avoit remis ſon glaive : il a donné

l'exemple que tôt ou tard la cruauté sera punie ; & que la Providence tient en réserve de ces ames fortes qu'elle déchaîne sur la terre pour rétablir l'équilibre que l'iniquité de la féroce ambition a su détruire (*a*).

CHAPITRE XXIII.

Le Pain, le Vin, &c.

J'ÉTOIS si charmé de mon conducteur, que je craignois à chaque instant qu'il ne me quittât. L'heure du dîner étoit sonnée. Comme j'étois loin de mon quartier, & que tous les gens de ma connoissance étoient morts, je cherchois des yeux quelque traiteur pour l'inviter poliment à dîner & reconnoître du moins sa complaisance : mais à chaque pas je perdois la carte ; je traversai plusieurs rues sans rencontrer un seul bouchon.

Que sont devenus, m'écriai-je, tous ces traiteurs, tous ces aubergistes, tous ces marchands de vin, qui, unis & divisés dans le même emploi, étoient toujours en procès (*b*) & peuploient

(a) Ce héros, sans doute, épargnera ces généreux Quakers qui viennent de rendre la liberté à leurs negres ; époque mémorable & touchante qui m'a fait verser des larmes de joie, & qui me fera détester les chrétiens qui ne les imiteront pas.

(b) Celui qui tourne la broche ne peut mettre la nappe, & celui qui met la nappe ne peut tourner la broche. C'est une chose curieuse à examiner que les statuts des communautés de la bonne ville de Paris. Le parlement siege gravement pendant plusieurs audiences pour fixer invariablement les droits d'un rôtisseur. Il vient de s'élever une cause unique en ce genre : la

jadis cette grande ville ? On en rencontroit deux pour un à chaque carrefour ? ------ C'étoit encore là un des abus que votre ſiecle laiſſoit ſubſiſter. On toléroit une falſification mortelle qui tuoit les citoyens en ſanté. Le pauvre, c'eſt-à-dire, les trois quarts de la ville, qui, ne pouvant faire venir à grands fraix des vins naturels, entraîné par la ſoif, par le beſoin de réparer ſes forces abattues, trouvoit après le travail une mort lente dans cette boiſſon déteſtable, dont l'uſage journalier cachoit la perfidie. Les tempéramens étoient affoiblis, les entrailles deſſéchées... --- Que voulez-vous ? les droits d'entrée étoient devenus ſi exceſſifs, qu'ils ſurpaſſoient de beaucoup le prix de la denrée. On eût dit que le vin étoit défendu par la loi, ou que le ſol de la France fût celui de l'Angleterre. Mais peu importoit qu'une ville entiere fût empoiſonnée, pourvu que le bail des fermes hauſſât d'année en année (*a*). Il falloit

---

communauté des libraires de Paris prétend que le genie des Monteſquieux, des Corneilles, &c. lui appartient de droit, que tout ce qui émane des cervelles penſantes forme ſon patrimoine, que les connoiſſances humaines fixées ſur le papier ſont un effet qu'elle ſeule peut commercer, & que le créateur du livre n'en pourra retirer d'autre fruit que celui qu'elle voudra bien lui accorder. Ces prétentions ſingulieres ont été publiquement expoſées dans un mémoire imprimé. M. Linguet, homme de lettres éloquent & plein de génie, a verſé le ridicule à pleines mains ſur ces riſibles marchands; mais ce ridicule perçant retombe naturellement ſur la pauvre légiſlation du commerce en France.

(*a*) *Un villageois poſſédoit un âne, lequel portoit deux grands paniers poſés en équilibre ſur ſon dos. On remplit les paniers de pommes, & les pommes excédoient la meſure des paniers. Le pauvre animal,*

que le papier timbré ruinât les familles, que le vin fût hors de prix, pour ſatisfaire l'horrible avidité du traitant; & comme les grands ne mouroient point de ce poiſon caché, il leur étoit fort indifférent que la populace diſparoiſſe: c'étoit ainſi qu'ils appelloient la partie laborieuſe de la nation. ---- Comment ſe pouvoit-il qu'on eût détourné les yeux volontairement d'un abus meurtrier & auſſi funeſte à la ſociété? Quoi! l'on vendoit publiquement du poiſon dans votre ville, & l'exactitude du magiſtrat s'eſt trouvée en défaut? Ah, peuple barbare! parmi nous, dès que le mêlange trompeur ſe fait ſentir, ce crime eſt capital, l'empoiſonneur eſt mis à mort: mais auſſi nous avons balayé ces vils maltôtiers qui corrompent tous les biens qu'ils touchent. Les vins arrivent ſur les marchés publics tels que la nature les a façonnés, & le bourgeois de Paris, riche ou pauvre, boit actuellement un verre de vin ſalutaire à la ſanté de ſon roi, de ſon roi qu'il aime, & qui eſt ſenſible autant à ſon eſtime qu'à ſon amour. ---- Et le pain, eſt-il cher? — Il reſte

---

quoique lourdement leſté, marchoit d'un pas obéiſſant & docile. A quelques pas du village le manant vit des pommes mûres qui pendoient à des arbres; tu porteras bien celles-ci, dit-il, puiſque tu portes les autres, & il en chargea ſon âne. L'âne auſſi patient que ſon maître étoit exigeant, redoubloit d'efforts, mais n'en pouvoit plus, la meſure étoit comblée. Le manant rencontra encore une pomme ſur ſon chemin; oh, dit-il, pour une, pour une ſeule tu ne la refuſeras pas! Le pauvre âne ne put rien répondre, mais tomba de laſſitude, & mourut ſous le faix.

Or, voici la moralité. Le villageois eſt le prince, & le peuple eſt l'âne: mais il eſt un peuple âne pacifique, qui aura la complaiſance de ne point tomber à terre; il mourra debout.

preſque

presque toujours au même prix (*a*), parce qu'on a sagement établi des greniers publics, toujours pleins en cas de besoin ; & que nous ne vendons pas imprudemment notre bled à l'étranger, pour le racheter deux fois plus cher trois mois après. On a balancé l'intérêt du cultivateur & du consommateur, & tous deux y trouvent leur compte. L'exportation n'est pas défendue, parce qu'elle est très-utile ; mais on y met des bornes judicieuses. Un homme éclairé & integre veille à cet équilibre, & ferme les portes dès qu'il penche trop d'un côté (*b*). D'ailleurs, des canaux coupent le royaume & permettent une libre circulation : nous avons su joindre la Saone à la Moselle & à la Loire, & opérer ainsi une nouvelle jonction des deux mers, infiniment plus utile que l'ancienne. Le commerce répand ses trésors d'Amsterdam à

(*a*) *Le meilleur moyen pour diminuer la masse du crime est de rendre un peuple aisé & content. La nécessité, le besoin enfantent les trois quarts des forfaits, & le peuple chez qui régne l'abondance ne recele ni meurtriers ni voleurs. La premiere maxime qu'un roi devroit savoir, c'est que les mœurs honnêtes dépendent d'une honnête suffisance.*

(*b*) *Nous faisons les plus belles spéculations du monde, nous calculons, nous écrivons, nous nous enivrons de nos idées politiques, & jamais les bévues n'ont été si multipliées. Le sentiment nous éclaireroit sans doute d'une maniere plus sûre. Nous sommes devenus barbares & sceptiques, une prétendue balance à la main. Redevenons hommes. C'est le cœur & non le génie qui fait les opérations grandes & généreuses. Henri IV a été le meilleur des rois, non par l'étendue de ses connoissances, mais parce qu'aimant sincérement les hommes, le cœur lui dictoit ce qui devoit assurer leur bonheur. Quel siecle malheureux que celui où on le raisonne !*

Nantes, & de Rouen à Marſeille. Nous avons fait ce canal de Provence, qui manquoit à cette belle province favoriſée des plus doux regards du ſoleil. En vain un citoyen zélé vous offroit ſes lumieres & ſon courage; tandis que vous payiez chérement des ouvriers frivoles, vous avez laiſſé cet honnête homme ſe morfondre pendant vingt ans dans une inaction forcée. Enfin nos terres ſont ſi bien cultivées, l'état de laboureur eſt devenu ſi honorable, l'ordre & la liberté regnent tellement dans nos campagnes, que ſi quelqu'homme puiſſant abuſoit de ſon miniſtere pour commettre quelque monopole, alors la juſtice qui s'éleve au-deſſus des palais, mettroit un frein à ſa témérité. La juſtice n'eſt plus un vain nom, comme dans votre ſiecle; ſon glaive deſcend ſur toute tête criminelle, & cet exemple doit être encore plus fait pour intimider les grands que le peuple; car les premiers ſont cent fois plus diſpoſés au vol, à la rapine, aux concuſſions de toute eſpece. ---- Entretenez-moi, je vous prie, de cette matiere importante. Il me ſemble que vous avez adopté la ſage méthode d'emmagaziner les bleds; cela eſt très-bien fait; on prévient ainſi & d'une maniere sûre les calamités publiques. Mon ſiecle a commis de graves erreurs à ce ſujet; il étoit fort en calcul, mais il n'y faiſoit jamais entrer la ſomme épouvantable des abus. Des écrivains bien intentionnés ſuppoſoient gratuitement l'ordre, parce qu'avec ce reſſort tout rouloit le plus facilement du monde. Oh! comme on ſe diſputoit ſur la fameuſe loi d'exportation (*a*); & pendant

---

(*a*) *Cette fameuſe loi, qui devoit être le ſignal de la félicité publique, a été le ſignal de la famine: elle s'eſt aſſiſe ſur les gerbes des récoltes les plus fortunées; elle a dévoré le pauvre à la porte des greniers qui crouloient ſous l'abondance des grains. Un fléau mo-*

ces belles diſputes, comme le peuple ſouffroit la faim ! ---- Remerciez la providence qui gouvernoit ce royaume ; ſans elle vous auriez brouté

---

ral, juſqu'alors inconnu à la nation, lui a rendu ſon propre ſol étranger, & a montré dans le jour le plus horrible la dépravation humaine. L'homme s'eſt montré le plus cruel ennemi de l'homme. Epouvantable exemple, auſſi dangereux que le fléau même. La loi enfin a conſacré elle-même l'inhumanité particuliere. Je crois beaucoup à la profonde humanité des écrivains qui ont été les fauteurs de cette loi ; elle fera peut-être du bien un jour : mais ils doivent éternellement ſe reprocher d'avoir cauſé, ſans le vouloir, la mort de pluſieurs milliers d'hommes & les ſouffrances de ceux que la mort a épargnés. Ils ont été trop précipités; ils ont vu tout, excepté la cupidité humaine, puiſſamment excitée par cette amorce dangereuſe. C'eſt un ſiphon, (*dit énergiquement M. Linguet*) qu'ils ont mis dans la main du commerce, & avec lequel il a ſuccé la ſubſtance du peuple *La Clameur publique doit l'emporter ſur les* Ephémérides. *On pouſſe des cris douloureux ; donc l'inſtitution eſt actuellement mauvaiſe. Que le mal parte d'une cauſe locale, n'importe, il falloit la déviner, la prévoir, la prévenir, ſentir qu'un beſoin de premiere néceſſité ne devoit pas être abandonné au cours fortuit des événemens ; qu'une nouveauté auſſi étrange dans un vaſte royaume lui donneroit une ſecouſſe qui opprimeroit certainement la partie la plus foible. C'étoit cependant le contraire que les économiſtes ſe promettoient. Ils doivent avouer qu'ils ont été égarés par le deſir même du bien public, qu'ils n'ont pas aſſez mûri le projet, qu'ils l'ont iſolé, tandis que tout ſe touche dans l'ordre politique. Ce n'eſt pas aſſez d'être calculateur ; il faut être homme d'état ; il faut eſtimer ce que les paſſions détruiſent, alterent ou changent ; il faut peſer ce que l'action des riches peut opérer ſur la*

l'herbe des champs ; mais elle a eu pitié de vous, & vous a pardonné, parce que vous ne ſaviez ce que vous faiſiez. Que l'erreur eſt prolifique !

Il eſt une profeſſion commune à preſque tous les citoyens, c'eſt l'agriculture, priſe dans un ſens univerſel. Les femmes, comme plus foibles & deſtinées aux ſoins purement domeſtiques, ne travaillent jamais à la terre ; leurs mains filent la laine, le lin, &c. les hommes rougiroient de les charger de quelque métier pénible.

Trois choſes ſont ſpécialement en honneur parmi nous ; faire un enfant, enſemencer un champ, & bâtir une maiſon. Auſſi les travaux des campagnes ſont modérés. On ne voit point de manouvriers ſe fatiguer dès l'aurore pour ne ſe repoſer qu'après le coucher du ſoleil, porter

---

partie pauvre. On n'a voulu appercevoir l'objet que ſous trois faces, & l'on a oublié la partie la plus importante, celle des manouvriers, qui compoſe à elle ſeule les trois quarts de la nation. Le prix de leur journée n'a point hauſſé, & l'avide fermier les a tenus dans une plus étroite dépendance : ils n'ont pu appaiſer les cris de leurs enfans par un travail redoublé. La cherté du pain a été le thermometre des autres alimens, & le particulier s'eſt trouvé moins riche de moitié. Cette loi donc n'a été qu'un voile décevant pour exercer légalement les plus horribles monopoles ; on l'a tournée contre la patrie, dont elle devoit faire la ſplendeur. Gémiſſez, écrivains ! & quoique vous ayez ſuivi les mouvemens généreux d'un cœur vraiment patriotique, ſentez combien il a été dangereux de ne pas connoître votre ſiecle & les hommes, & de leur avoir préſenté un bienfait qu'ils ont changé en poiſon ; c'eſt à vous préſentement de ſoulager le malade dans la cure qui le tue, de lui indiquer le remede, & de le ſauver, s'il vous eſt poſſible : hic labor, hoc opus.

toute la chaleur du jour & tomber épuisés, implorant en vain une parcelle des biens qu'ils ont fait naître. Etoit-il une destinée plus affreuse, plus accablante que celle de ces cultivateurs en sous-ordre, qui ne voyoient après leur labeur que de nouvelles fatigues, & qui remplissoient de gémissemens l'étroit & court espace de leur vie! Quel esclavage n'étoit pas préférable à cette lutte éternelle contre les vils tyrans qui venoient piller leurs foyers en imposant des tributs à l'indigence la plus extrême! Cet excès de mépris affoiblissoit en eux le sentiment même du désespoir; & dans sa déplorable condition, le paysan accablé, avili, en traçant un dur sillon, courboit la tête & ne se distinguoit plus de son bœuf.

Nos campagnes fertilisées retentissent de chants d'allégresse. Chaque pere de famille donne l'exemple. La tâche est modérée, & dès qu'elle est finie la joie recommence : des intervalles de repos rendent le zele plus actif; il est toujours entretenu par des jeux & des danses champêtres. On alloit autrefois chercher le plaisir dans les villes; on va aujourd'hui le trouver dans les villages, on n'y voit que des visages rians. Le travail n'a plus cet aspect hideux & révoltant, parce qu'il ne semble plus le partage des esclaves. Une voix douce invite au devoir, & tout devient facile, aisé, même agréable. Enfin, comme nous n'avons pas cette quantité prodigieuse d'oisifs qui, comme des humeurs stagnantes, gênoient la circulation du corps politique, la paresse bannie, chaque individu connoît de doux loisirs, & aucune classe ne se trouve écrasée pour supporter l'autre.

Vous concevez donc que n'ayant ni moines, ni prêtres, ni domestiques nombreux, ni valets inutiles, ni ouvriers d'un luxe puéril, quelques heures de travail rapportent beaucoup au-delà des besoins publics; elles fructifient en bonnes pro-

ductions & de toute espece : le superflu va trouver l'étranger, & nous rapporte de nouvelles denrées.

Voyez ces marchés abondamment pourvus de toutes les choses nécessaires à la vie, légumes, fruits, poissons, volailles. Les riches n'affament point ceux qui ne le sont pas. Loin de nous la crainte de ne point jouir suffisamment ! On ne connoît point cette insatiable avidité d'enlever trois fois plus qu'on ne peut consumer : le gaspillage est en horreur.

Si la nature, pendant une année, nous traite en marâtre, cette disette n'emporte point plusieurs milliers d'hommes ; les greniers s'ouvrent, & la sage prévoyance de l'homme a dompté l'inclémence des airs & le courroux du ciel. Une nourriture maigre, seche, mal préparée & de mauvais suc n'entre point dans l'estomac des hommes les plus laborieux. L'opulent ne sépare point la plus pure farine pour ne laisser aux autres que le son ; cet outrage inconcevable seroit un crime honteux. S'il parvenoit à nos oreilles qu'un seul eût ressenti la langueur de la faim, nous nous regarderions tous comme coupables de ses maux, & la nation entiere seroit dans les larmes.

Ainsi le plus pauvre est affranchi de toute inquiétude sur ses besoins. La famine, comme un spectre menaçant, ne l'arrache point du grabat où il goûtoit pour quelques minutes l'oubli de ses douleurs. Il s'éveille sans regarder tristement les premiers rayons du soleil. S'il appaise le sentiment de la faim, il ne craint point en touchant les alimens de porter du poison dans ses veines.

Ceux qui possedent des richesses, les emploient à faire des expériences neuves & utiles, qui servent à approfondir une science, à porter un art vers sa perfection ; ils élevent des édifices majestueux ; ils se distinguent par des entreprises ho-

norables : leur fortune ne s'écoule pas dans le sein impur d'une concubine, ou sur une table criminelle où roulent trois dés ; leur fortune prend une forme, une consistance respectable aux yeux charmés des citoyens. Aussi les traits de l'envie n'attaquent point leurs possessions ; on bénit les mains généreuses qui, dépositaires des biens de la providence, ont rempli ses vues en élevant ces monumens utiles.

Mais quand nous considérons les riches de votre siecle, les égouts, je crois, ne charioient point de matiere plus vile que leurs ames : l'or dans les mains, la bassesse dans le cœur, ils avoient formé une espece de conspiration contre les pauvres ; ils abusoient du travail, de la peine, de la fatigue, des efforts de tant d'infortunés ; ils comptoient pour rien la sueur de leur front, & cette crainte affreuse de l'avenir où ils voyoient en perspective une vieillesse abandonnée. Cette violence-là s'étoit tournée en justice. Les loix n'agissoient plus que pour consacrer leur brigandage. Comme un incendie embrâse ce qui l'avoisine, ainsi ils dévoroient les limites qui touchoient leurs terres ; & dès qu'on leur voloit une pomme, ils poussoient des cris inextinguibles, & la mort seule pouvoit expier un attentat aussi énorme.... Qu'avois-je à répondre ? Je baissois la tête, & tombé dans une profonde rêverie, je marchois concentré dans mes pensées. ----- Vous aurez d'autres sujets de réfléchir, me dit mon guide ; remarquez (puisque vos yeux sont fixés en terre) que le sang des animaux ne coule point dans les rues & ne réveille point des idées de carnage. L'air est préservé de cette odeur cadavreuse qui engendroit tant de maladies. La propreté est le signe le moins équivoque de l'ordre & de l'harmonie publique ; elle regne dans tous les lieux. Par une précaution salubre, & j'oserai dire morale, nous avons établi

les tueries hors de la ville. Si la nature nous a condamnés à manger la chair des animaux, du moins nous nous épargnons le ſpectacle du trépas. Le métier de boucher eſt exercé par des étrangers forcés de s'expatrier ; ils ſont protégés par la loi, mais non rangés dans la claſſe des citoyens. Aucun de nous n'exerce cet art ſanguinaire & cruel ; nous craindrions qu'il n'accoutumât inſenſiblement nos freres à perdre l'impreſſion naturelle de commiſération ; & la pitié, vous le ſavez, eſt le plus beau, le plus digne préſent que nous ait fait la nature (*a*).

CHAPITRE XXIV.

Le Prince Aubergiſte.

VOUS voulez dîner, me dit mon guide, car la promenade vous a ouvert l'appétit ? Eh bien ! entrons dans cette auberge.... Je reculai trois pas. Vous n'y penſez pas, lui dis-je, voilà une porte cochere, des armes, des écuſſons. C'eſt un prince qui demeure ici. ---- Eh, vraiment oui ! c'eſt

(*a*) *Les Banianes ne mangent de rien de ce qui a eu vie, ils craignent même de tuer le moindre inſecte, ils jettent du riz & des fêves dans la riviere pour nourrir les poiſſons, & des graines ſur la terre pour nourrir les oiſeaux. Quand ils rencontrent ou un chaſſeur ou un pécheur, ils le prient inſtamment de ſe déſiſter de ſon entrepriſe, & ſi on eſt ſourd à leurs prieres, ils offrent de l'argent pour le fuſil & pour les filets, & quand on refuſe leurs offres, ils troublent l'eau pour épouvanter les poiſſons, & crient de toute leur force pour faire fuir le gibier & les oiſeaux.* (Hiſtoire des Voyages.)

c'eſt un bon prince, car il a toujours chez lui trois tables ouvertes ; l'une pour lui & ſa famille, l'autre pour les étrangers, & la troiſieme pour les néceſſiteux. ---- Y a-t-il beaucoup de tables pareilles dans la ville ? ---- Chez tous les princes. --- Mais il doit s'y trouver bien des paraſites fainéans ? --- Point du tout : car dès que quelqu'un s'en fait une habitude & qu'il n'eſt pas étranger, alors on le remarque, & les cenſeurs de la ville en ſondant ſes diſpoſitions lui aſſignent un emploi ; mais s'il ne paroît propre qu'à manger, on le bannit de la cité, comme dans la république des abeilles on chaſſe de la ruche toutes celles qui ne ſavent que dévorer la part commune. --- Vous avez donc des cenſeurs ? ---- Oui, ou plutôt ils méritent un autre nom : ce ſont des admoneſteurs qui portent par-tout le flambeau de la raiſon, & qui guériſſent les eſprits indociles ou mutinés, en employant tour-à-tour l'éloquence du cœur, la douceur & l'adreſſe.

Ces tables ſont inſtituées pour les vieillards, les convaleſcens, les femmes enceintes, les orphelins, les étrangers. On s'y aſſied ſans honte & ſans ſcrupule. Ils y trouvent une nourriture ſaine, légere, abondante. Ce prince qui reſpecte l'humanité, n'étale point un luxe auſſi révoltant que faſtueux ; il ne fait point travailler trois cent hommes pour donner à dîner à douze perſonnes ; il ne fait point de ſa table une décoration d'opéra ; il ne ſe fait pas gloire de ce qui eſt une véritable honte, d'une profuſion outrée, inſenſée (a) :

(a) *En voyant l'eſtampe de Gargantua, dont la bouche, large comme celle d'un four, engloutit en un ſeul repas douze cent livres de pain, vingt bœufs, cent moutons, ſix cent poulets, quinze cent lievres, deux mille cailles, douze muids de vin, ſix mille pê-*

quand il dîne, il ſonge qu'il n'a qu'un eſtomac ; & que ce ſeroit en faire un dieu que de lui préſenter, comme aux idoles de l'antiquité, cent ſortes de mets dont il ne ſauroit goûter.

Tout en converſant nous traversâmes deux cours, & nous entrâmes dans une ſalle extrêmement profonde : c'étoit celle des étrangers. Une ſeule table déja ſervie en pluſieurs endroits en occupoit toute la longueur. On honora mon grand âge d'un fauteuil : on nous ſervit un potage ſucculent, des légumes, un peu de gibier & des fruits, le tout ſimplement accommodé *(a)*.

Voilà qui eſt admirable, m'écriai-je : oh ! que c'eſt faire un bel emploi de ſes richeſſes, que de nourrir ceux qui ont faim. Je trouve cette façon de penſer bien plus noble & bien plus digne de leur rang. Tout ſe paſſa avec beaucoup d'ordre ; une converſation décente & animée prêtoit de nouveaux agrémens à cette table publique. Le prince parut, donnant ſes ordres de côté & d'autre d'une maniere noble & affable. Il vint à moi en ſouriant ; il me demanda des nouvelles de mon ſiecle ; il exigea que je fuſſe ſincere. Ah ! lui dis-je, vos premiers ancêtres n'étoient pas ſi généreux que vous ! ils paſſoient leurs jours à la chaſſe *(b)* & à

---

ches, &c. &c. &c. quel homme ne dit pas ? cette grande bouche eſt celle d'un roi.

(a) J'ai vu un roi entrant chez un prince traverſer une grande cour toute remplie de malheureux, qui crioient d'une voix languiſſante : donnez-nous du pain ! *& après avoir traverſé cette cour ſans leur répondre, le roi & le prince ſe ſont aſſis à la table d'un feſtin qui coûtoit pres d'un million.*

(b) La chaſſe doit être regardée comme un divertiſſement ignoble & bas. On ne doit tuer les animaux que par néceſſité, & de tous les emplois c'eſt aſſurément le plus triſte. Je relis toujours avec un nouveau

table. S'il tuoient des lievres, c'étoit par oisiveté, & non pour les faire manger à ceux qui en avoient été mangés. Ils n'éleverent jamais leur ame vers quelque objet grand & utile. Ils ont dépensé des millions pour des chiens, des valets, des chevaux & des flatteurs : enfin ils ont fait le métier de courtisans ; ils ont abandonné la cause de la patrie.

Chacun levoit les mains au ciel d'étonnement ; on avoit toutes les peines du monde à ajouter foi à mes paroles. L'histoire, me disoit-on, ne nous avoit pas dit tout cela ; au contraire. ---- Ah ! répondis-je, les historiens ont été plus coupables que les princes.

---

degré d'attention ce que Montaigne, Rousseau & autres philosophes ont écrit contre la chasse. J'aime ces bons Indiens qui respectent jusqu'au sang des animaux. Le naturel des hommes se peint dans le genre des plaisirs qu'ils choisissent. Et quel plaisir affreux, de faire tomber du haut des airs une perdrix ensanglantée, de massacrer des lievres sous ses pieds, de suivre vingt chiens qui hurlent, de voir déchirer un pauvre animal ! il est foible, il est innocent, il est la timidité même ; libre habitant des forêts, il succombe sous les morsures cruelles de ses ennemis : l'homme survient & lui perce le cœur d'un dard ; le barbare sourit en voyant ses belles côtes rouges de sang, & les larmes inutiles qui ruissellent dans ses yeux. Un tel passe-tems prend sa source dans un ame naturellement dure, & le caractere des chasseurs n'est autre chose qu'une indifférence prête à se changer en cruauté.

CHAPITRE XXV.

Salle de Spectacle.

APRÉS le dîner on me proposa la comédie. J'ai toujours aimé le spectacle, & je l'aimerai dans mille ans d'ici, si je vis encore. Le cœur me battoit de joie. Quelle piece va-t-on jouer ? Quelle est la piece de théatre qui passera pour un chef-d'œuvre parmi ce peuple ? Verrai-je la robe des Persans, des Grecs, des Romains, ou l'habit des François ? Détrônera-t-on quelque plat tyran, ou poignardera-t-on quelqu'imbécille qui ne sera point sur ses gardes ? Verrai-je une conspiration, ou quelqu'ombre sortant du tombeau au bruit du tonnerre ? Messieurs, avez-vous du moins de bons acteurs ? De tout tems ils ont été tout aussi rares que les grands poëtes. ---- Mais, oui, ils se donnent de la peine, ils étudient, ils se laissent instruire par les meilleurs auteurs, pour ne pas tomber dans les plus risibles contre-sens ; ils sont dociles, quoiqu'ils soient moins illetrés que ceux de votre siecle. Vous aviez peine, dit-on, à rencontrer un acteur & une actrice passables ; le reste étoit digne des treteaux des boulevards. Vous aviez un petit théatre mesquin & misérable dans la capitale, rivale de Rome & d'Athenes ; encore ce théatre étoit pitoyablement gouverné. Le comédien, à qui l'on donnoit une fortune qu'il ne méritoit gueres, osoit avoir de l'orgueil, molestoit l'homme de génie (*a*) qui se voyoit forcé de

(*a*) *En France le gouvernement est monarchique, & le théatre républicain. Ce n'est point là le moyen que l'art dramatique se perfectionne de sitôt ; j'ose*

lui abandonner ſon chef-d'œuvre. Ces hommes ne mouroient pas de honte d'avoir refuſé & joué à regrets les meilleures pieces de théatre, tandis que celles qu'ils accueilloient avec tranſport portoient par ce ſeul témoignage le ſigne de leur réprobation & de leur chûte. Bref, ils n'intéreſſent plus le public aux querelles de leur ſale miſérable tripot.

Nous avons quatre ſalles de ſpectacles au milieu des quatre principaux quartiers de la ville. C'eſt le gouvernement qui les entretient; car on en a fait une école publique de morale & de goût. On a compris toute l'influence que l'aſcendant du génie peut avoir ſur des ames ſenſibles (*a*). Le gé-

---

même dire que toute piece excellente pour le peuple ſera proſcrite par le gouvernement. Meſſieurs les auteurs, faites des tragédies ſur des ſujets antiques : on vous demande des romans, & non des peintures capables de toucher & d'inſtruire la nation; bercez-nous d'anciens contes de peau d'âne, & ne peignez point les événemens & ſur-tout les hommes préſens.

(*a*) *A la foire & ſur les remparts, on donne au peuple des pieces groſſieres, obſcenes, ridicules, tandis qu'il ſeroit ſi aiſé de lui donner de petits drames honnêtes, inſtructifs, réjouiſſans, mis enfin à ſa portée. Mais peu importe à ceux qui gouvernent, qu'on empoiſonne ſon corps au cabaret; en lui verſant un vin frélaté dans des pintes d'étain, & qu'on corrompe ſon ame à la foire par des farces miſérables. S'il prend au pied de la lettre les leçons de vols qu'il reçoit chez Nicolet, (préſentés comme des tours de gentilleſſe) une potence eſt bientôt dreſſée. Il exiſte même une ſentence de police qui condamne expreſſément le peuple à des parades licencieuſes, & qui défend aux hiſtrions des remparts de rien dire de raiſonnable ſur leurs treteaux; le tout par conſidération pour les reſpectables privileges des comédiens du roi.*

nie a frappé les coups les plus étonnans, sans effort, sans violence. C'est entre les mains des grands poëtes que résident pour ainsi dire les cœurs de leurs concitoyens : ils les modifient à leur gré. Qu'ils sont coupables, lorsqu'ils produisent des maximes dangereuses ! Mais que notre plus vive reconnoissance devient bornée, lorsqu'ils frappent le vice & qu'ils servent l'humanité ! Nos auteurs dramatiques n'ont d'autre but que la perfection de la nature humaine, ils tendent tous à élever, à affermir l'ame, à la rendre indépendante & vertueuse. Les bons citoyens se montrent empressés, assidus à ces chef-d'œuvres, qui remuent, intéressent, entretiennent dans les cœurs cette émotion salutaire qui dispose à la pitié : caractere distinctif de la véritable grandeur (*a*).

C'est dans un siecle policé, c'est en 1767, qu'on a rendu une telle sentence. Quel mépris on fait du pauvre peuple ! comme on néglige son instruction ! comme on craint de faire entrer dans son ame quelques traits d'une lumiere pure ! Il est vrai qu'en récompense on épluche avec le plus grand soin les hémistiches qui doivent être récités sur la scene françoise.

(a) Quelle force, quelle énergie, quel triomphe assuré n'auroit pas notre théâtre, si notre gouvernement, au lieu de le regarder comme l'asyle des hommes oisifs, le considéroit comme l'école des vertus & des devoirs du citoyen ? Mais qu'ont fait nos plus beaux génies ? Ils ont puisé leurs sujets chez les Grecs, chez les Romains, chez les Perses, &c. ils nous ont présenté des mœurs étrangeres ou plutôt factices : poëtes harmonieux, peintres infideles, ils ont fait des tableaux de fantaisie ; avec leurs héros, leurs vers empoulés, leur couleur monotone, leurs cinq actes, ils ont gâté l'art dramatique, qui n'est autre chose qu'une peinture simple, fidelle, animée des mœurs contemporaines & subsistantes.

Nous arrivâmes ſur une belle place, au milieu de laquelle étoit ſitué un édifice d'une compoſition majeſtueuſe. Sur le haut de la façade étoient pluſieurs figures allégoriques. A droite, Thalie arrachoit au vice un maſque dont il étoit couvert, & du bout du doigt montroit ſa laideur. A gauche, Melpomene armée d'un poignard, ouvroit le côté d'un tyran & expoſoit aux yeux de tous ſon cœur dévoré de ſerpens.

Le théatre formoit un demi-cercle avancé, de ſorte que les places des ſpectateurs étoient commodément diſtribuées. Tout le monde étoit aſſis; & lorſque je me rappellois la fatigue que j'eſſuyois pour voir jouer une piece, je trouvois ce peuple plus ſage, plus attentif aux aiſes des citoyens. On n'avoit point l'inſolente avidité de faire entrer plus de perſonnes que la ſalle n'en pouvoit raiſonnablement contenir; il reſtoit toujours des places vuides en faveur des étrangers. L'aſſemblée étoit brillante; & les femmes étoient galamment vêtues, mais décemment arrangées.

Le ſpectacle ouvrit par une ſymphonie qu'on avoit eu ſoin de marier au ton de la piece qu'on alloit repréſenter. ---- Sommes-nous à l'opéra, dis-je; voilà un morceau ſublime? --- Nous avons ſu réunir ſans confuſion les deux ſpectacles en un ſeul, ou plutôt reſſuſcité l'ancienne alliance que la poéſie & la muſique formoient chez les anciens. Dans les entre-actes de nos drames on nous fait entendre des chants animés qui peignent le ſentiment & diſpoſent l'ame à bien goûter ce qui va lui être offert. Loin de nous toute muſique efféminée, baroque, bruyante, ou qui ne peint rien. Votre opéra étoit un compoſé bizarre, monſtrueux; nous avons ſaiſi ce qu'il avoit de meilleur. Tel qu'il étoit de votre tems, il étoit loin d'être à l'abri des juſtes reproches des ſages & des gens

de goût (*a*) ; mais aujourd'hui. . . . .

Comme il disoit ces mots on leva la toile. La scene étoit à Toulouse. Je vis son capitole, ses capitouls, ses juges, ses bourreaux, son peuple fanatique. La famille de l'infortuné *Calas* parut & m'arracha des larmes. Ce vieillard paroissoit avec ses cheveux blancs, sa fermeté tranquille, sa douceur héroïque. Je vis le fatal destin marquer sa tête innocente de toutes les apparences du crime. Ce qui m'attendrit, c'étoit la vérité qui respiroit dans ce drame. On s'étoit donné bien de garde de défigurer ce sujet touchant par l'invraisemblance & la monotonie de nos vers rimés. Le poëte avoit suivi la marche de cet événement cruel ; & son ame ne s'étoit attachée qu'à saisir ce que la situation déplorable de chaque victime faisoit naître, ou plutôt il empruntoit leur langage ; car tout l'art consiste à répéter fidelement le cri qui échappe à la nature. A la fin de cette tragédie on me montroit au doigt, & l'on disoit : » voilà le contemporain de ce siecle malheureux. Il a entendu le » cris de cette populace effrenée que soulevoit ce » David ; il a été témoin des fureurs de ce fana- » tisme absurde ! « Alors je m'enveloppai de mon manteau, je me cachai le visage, & je rougis pour mon siecle.

On annonça pour le lendemain la tragédie de *Cromvvel, ou la mort de Charles premier* (*a*) ; & toute l'assemblée parut extrêmement satisfaite de cette annonce. On me dit que la piece étoit un chef-

(*a*) *L'opéra ne peut être que fort dangereux mais il n'est point de spectacle plus cher au gouvernement, c'est le seul même auquel il s'intéresse.*

(*b*) *A quoi songez-vous, poëtes tragiques ? Vous avez un pareil sujet à traiter, & vous allez me parler des Persans & des Grecs ; vous me donnez des romans rimés : eh ! peignez-moi Cromvel !*

d'œuvre,

d'œuvre, & que jamais la cauſe des rois & celle des peuples n'avoient été préſentées avec cette force, cette éloquence & cette vérité. Cromwel étoit un vengeur, un héros digne du ſceptre qu'il avoit fait tomber d'une main perfide & criminelle envers l'Etat; & les rois dont le cœur étoit diſpoſé à quelque injuſtice, n'avoient pu jamais lire ce drame ſans que la pâleur ne vînt blanchir leur front orgueilleux.

On donna pour ſeconde piece *la partie de chaſſe de Henri IV*. Son nom étoit toujours adoré, & de bons rois n'avoient pu effacer ſa mémoire. On ne trouvoit point dans cette piece que l'homme défigurât le héros; & le vainqueur de la ligue ne me parut jamais ſi grand que dans l'inſtant où, pour épargner quelque peine à ſes hôtes, ſon bras victorieux porte une pile d'aſſiettes. Le peuple battoit des mains avec tranſport; car en applaudiſſant aux traits de bonté & de grandeur d'ame du monarque, c'étoit ſon propre roi qu'il combloit d'applaudiſſemens.

Je ſortis fort ſatisfait: mais, dis-je à mon guide, ces acteurs ſont excellens, ils ont de l'ame, ils ſentent, ils expriment, ils n'ont rien de gêné, de faux, de giganteſque, d'outré. Juſqu'aux confidens repréſentent comme ils le doivent. En vérité cela m'édifie: un confident remplir ſon rôle! ----- C'eſt, me répondit-il, que ſur le théatre, comme dans la vie civile, chacun met ſa gloire à bien faire ſon emploi; quelque mince qu'il ſoit, il devient glorieux dès qu'on y excelle. La déclamation eſt parmi nous un art important & cher au gouvernement. Héritiers de vos chef-d'œuvres, nous les avons joués dans une perfection qui vous étonnera. On ſe fait honneur de ſavoir rendre ce que le génie a tracé. Eh! quel plus bel art que celui qui peint, qui rend toutes les nuances du ſentiment, avec le regard, la voix & le geſte! Quel

enſemble harmonieux & touchant, & quelle énergie lui prête ſa ſimplicité ! --- Vous avez donc bien changé les préjugés. Je me doute que les comédiens ne ſont plus avilis ? ---- Ils ont ceſſé de l'être dès qu'ils ont eu des mœurs. Il eſt des préjugés dangereux, mais il en eſt d'utiles. De votre tems il falloit, ſans doute, mettre un frein à la pente ſéduiſante & dangereuſe qui tournoit la jeuneſſe vers un métier dont le libertinage formoit la baſe : mais tout èſt changé. De ſages réglemens, en les faiſant ſortir de l'oubli d'eux-mêmes, leur ont ouvert un retour à l'honneur ; ils ſont entrés dans la claſſe des citoyens. Derniérement notre prélat a prié le roi de donner le chapeau brodé à un comédien qui l'a touché ſinguliérement. ---- Quoi ! ce bon prélat va donc au ſpectacle ? --- Pourquoi y manqueroit-il, puiſque le théatre eſt devenu une école de mœurs, de vertus & de ſentimens ? On a écrit que le pere des chrétiens, dans le temple de Dieu, s'amuſoit beaucoup à entendre les voix équivoques de malheureux privés de leur virilité. Nous n'avons jamais écouté de ſi déplorables accens qui affligent à la fois l'oreille & le cœur. Comment des hommes ont-ils pu ſe plaire à cette muſique cruelle ? Il eſt bien plus permis, je penſe, de voir jouer l'admirable tragédie de Mahomet, où le cœur d'un ſcélérat ambitieux eſt dévoilé, où les fureurs du fanatiſme ſont ſi énergiquement exprimées, qu'elles font frémir les ames ſimples ou peu éclairées qui y auroient quelque diſpoſition.

Tenez, voilà le paſteur du quartier qui s'en retourne en raiſonnant avec ſes enfans ſur la tragédie de Calas. Il leur forme le goût, il éclaire leur eſprit, il abhorre le fanatiſme, & lorſqu'il ſonge à cette rage atrabilaire qui, comme une maladie épidémique, a déſolé pendant douze ſiecles la moitié de l'Europe, il rend graces au ciel d'être

arrivé plus tard au monde. Dans certains tems de l'année nous jouiſſons d'un plaiſir qui vous étoit abſolument inconnu : nous avons reſſuſcité l'art de la pantomime, ſi cher aux anciens. Combien d'organes la nature a donné à l'homme, & que de reſſources a cet être intelligent pour exprimer & concevoir le nombre preſque infini de ſes ſenſations ! Tout eſt viſage chez ces hommes éloquens ; ils nous parlent auſſi clairement avec les doigts de la main, que vous le pourriez faire avec la langue. Hypocrate diſoit jadis que le pouce ſeul de l'homme révéloit un Dieu ordonnateur. Nos habiles pantomimes annoncent de quelle magnificence un Dieu a voulu uſer en formant la tête humaine ! ---- Oh, je n'ai plus rien à dire ; tout eſt au mieux ! ---- Que dites-vous ? Il nous reſte encore bien des choſes à perfectionner. Nous ſommes ſortis de la barbarie où vous étiez plongés ; quelques têtes furent d'abord éclairées, mais la nation en gros étoit inconſéquente & puérile. Peu-à-peu les eſprits ſe ſont formés. Il nous reſte à faire plus que nous n'avons fait ; nous ne ſommes gueres qu'à la moitié de l'échelle : patience & réſignation font tout ; mais j'ai bien peur que le mieux abſolu ne ſoit pas de ce monde. Toutefois, c'eſt en le cherchant, je penſe, que nous rendrons les choſes au moins paſſables.

CHAPITRE XXVI.

Les Lanternes.

NOUS ſortîmes de la ſalle du ſpectacle ſans regret & ſans confuſion ; les iſſues étoient nombreuſes & commodes. Je vis les rues parfaitement éclairées. Les lanternes étoient appliquées à la muraille, & leurs feux combinés ne laiſſoient au-

cune ombre ; elles ne répandoient pas non plus une clarté de réverbere dangereuse à la vue : les opticiens ne servoient pas la cause des oculistes. Je ne rencontrai plus au coin des bornes de ces prostituées qui, le pied dans le ruisseau, le visage enluminé, l'œil aussi hardi que le geste, vous proposoient d'un ton soldatesque des plaisirs aussi grossiers qu'insipides. Tous ces lieux de débauche où l'homme alloit se dégrader, s'avilir & rougir à ses propres yeux, n'étoient plus tolérés : car toute institution vicieuse n'arrête point une autre sorte de vice, ils se tiennent tous par la main ; & malheureusement il n'est point de vérité mieux prouvée que cette vérité triste (*a*).

Je vis des gardes qui surveilloient à la sûreté publique, & qui empêchoient qu'on ne troublât les heures du repos. ----- Voilà la seule espece de soldats dont nous ayons besoin, me dit mon guide ; nous n'avons plus une armée dévorante à entretenir en tems de paix. Ces dogues que nous nourrissions pour qu'ils s'élançassent à point nommé contre l'étranger, ont été sur le point de dévorer le fils de la maison. Mais le flambeau de la guerre enfin consumé est pour jamais éteint. Les souverains ont daigné écouter la voix du philosophe (*b*). Enchaînés par le plus fort des liens, par

---

(a) Toute ville où se trouve un grand nombre de coutisanes est une ville malheureuse. La jeunesse s'use ou périt dans une volupté basse ou criminelle ; & ces jeunes débauchés se marient, lorsqu'énervés & totalement éteints, ils sont incapables de féconder l'épouse jeune & trompée qui languit auprès d'eux.

Semblables à ces flambeaux, à ces lugubres feux,
Qui brulent près des morts sans échauffer leur cendre.
(Colardeau.)

(b) Charles XII est entre les mains d'un gouver-

leur propre intérêt qu'ils ont reconnu après tant de siecles d'erreurs, la raison s'est fait jour dans leur ame ; ils ont ouvert les yeux sur le devoir que leur imposoit le salut & la tranquillité des peuples ; ils n'ont mis leur gloire qu'à bien gouverner, préférant de faire un petit nombre d'heureux à l'ambition frénétique de dominer sur des pays dévastés, remplis de cœurs ulcérés, à qui la puis-

---

neur sans capacité. Il monte sur le trône, il est dans cet âge où l'on ne sait que sentir, & où nos premieres sensations nous paroissent des vérités immuables. Toute idée lui est bonne, parce qu'il ne sait pas laquelle il doit préférer. Dans cet état pernicieux d'activité & d'ignorance, il a lu Quinte-Curce ; il a vu le caractere d'un roi conquérant exalté avec chaleur, présenté comme un modele : il l'adopte. Il ne voit plus que la guerre capable d'illustrer. Il arme ; il s'avance. Quelques succès le confirment dans cette passion qui le flatte. Il désole les campagnes, détruit les villes, saccage les provinces & les états, renverse les trônes. Il immortalise à jamais sa folie & sa vanité. Supposons qu'on lui eût appris de bonne heure, qu'un roi ne doit chercher que le repos & l'avantage de ses sujets ; que la véritable gloire consiste dans leur amour ; qu'un héroisme paisible, occupé des loix, des arts, vaut bien un héroisme belliqueux ; supposons enfin qu'on lui eût donné des idées justes de ce pacte tacite que les peuples ont nécessairement fait avec les rois ; qu'on lui eût montré les conquérans flétris par les larmes de leurs contemporains & par le blâme de la postérité, cet amour inné de la gloire se seroit porté vers des objets utiles ; il eût employé son intelligence & ses lumieres à polir ses états, à leur procurer le bonheur ; il n'eut pas ravagé la Pologne, il eût gouverné la Suede. Ainsi une seule idée fausse, reçue dans la tête d'un monarque, l'éloigne de ses véritables intérêts, & fait le malheur d'une partie du globe.

ſance du vainqueur devoit toujours être odieuſe. Les rois, d'un commun accord, ont mis des bornes à leur empire, bornes que la nature elle-même ſembloit leur avoir aſſignées, en ſéparant reſpectivement les états par des mers, des forêts ou des montagnes : ils ons compris qu'un royaume dont l'étendue ſeroit moins immenſe, ſeroit ſuſceptible d'une meilleure forme de gouvernement. Les ſages des nations ont dicté le traité général ; il s'eſt conclu d'une voix unanime : & ce qu'un ſiecle de fer ou de boue, ce qu'un homme ſans vertu appelloit les rêves d'un homme de bien, s'eſt réaliſé parmi des hommes éclairés & ſenſibles. Les anciens préjugés, non moins dangereux, qui diviſoient les hommes au ſujet de leur croyance, ſont également tombés. Nous nous regardons tous comme freres, comme amis. L'Indien & le Chinois ſeront nos compatriotes dès qu'ils mettront le pied ſur notre ſol. Nous accoutumons nos enfans à regarder l'univers comme une ſeule & même famille, raſſemblée ſous l'œil du pere commun. Il faut que cette maniere de voir ſoit la meilleure, puiſque cette lumiere a percé avec une rapidité inconcevable. Les livres excellens, écrits par des hommes ſublimes, ont été comme autant de flambeaux qui ont ſervi à en allumer mille autres. Les hommes, en doublant leurs connoiſſances, ont appris à s'aimer, à s'eſtimer entre eux. Les Anglois, comme nos plus proches voiſins, ſont devenus nos intimes alliés : deux peuples généreux ne ſe haïſſent plus pour épouſer follement l'inimitié particuliere de leurs chefs. Nos lumieres, nos arts, nous réuniſſons tout en commerce & dans un degré également avantageux. Par exemple, les Angloiſes pleines de ſenſibilité, ont convenu parfaitement aux François qui ont un peu trop de légéreté ; & nos Françoiſes ont adouci merveilleuſement l'humeur mélancolique des An-

glois. Ainſi de ce mêlange mutuel naît une ſource féconde de plaiſirs, de commodités, d'idées neuves, heureuſement reçues & adoptées. C'eſt l'imprimerie (*a*), qui en éclairant les hommes, a amené cette grande révolution.

Je ſautai de joie en embraſſant celui qui m'annonçoit des choſes ſi conſolantes. O ciel! m'écriai-je avec tranſport; les hommes ſont enfin dignes de tes regards, ils ont compris que leur force réelle n'étoit que dans leur union. Je mourrai content, puiſque mes yeux ont vu ce que j'ai deſiré auec tant d'ardeur. Qu'il eſt doux d'abandonner la vie en n'appercevant autour de ſoi que des cœurs fortunés, qui s'avancent enſemble comme des freres, leſquels après un long voyage vont rejoindre l'auteur de leurs jours.

CHAPITRE XXVII.

Le Convoi.

J'APPERÇUS un corbillard couvert de drap blanc, précédé d'inſtrumens de muſique, & couronné de palmes triomphantes: des hommes vêtus d'un bleu céleſte le conduiſoient, des lauriers à la main. — Quel eſt ce char, demandai-je? —

(*a*) *Elle a un autre avantage: elle ſera le plus redoutable frein du deſpotiſme, parce qu'elle publiera ſes moindres attentats, que rien ne ſera caché, & qu'elle éterniſera les ſottiſes & juſqu'aux foibleſſes des rois. Une ſeule injuſtice marquée peut retentir dans tous les coins de l'univers, & ſoulever toutes les ames libres & ſenſibles. L'ami de la vertu doit chérir cet art; mais le méchant doit frémir en voyant la preſſe qui propagera au loin l'hiſtoire de ſes iniquités.*

C'eſt le char de la victoire, me répondit-on. Ceux qui ſont ſortis de cette vie, qui ont triomphé des miſeres humaines, ces hommes heureux qui ont été rejoindre l'Etre Suprême, ſource de tous les biens, ſont regardés comme des vainqueurs; ils nous deviennent ſacrés : on les porte avec reſpect au lieu où ſera leur éternelle demeure. On chante l'hymne ſur le mépris de la mort. Au lieu de ces têtes décharnées qui couronnoient vos ſarcophages, on voit ici des têtes qui ont un air riant; c'eſt ſous cet aſpect que nous conſidérons le trépas. Perſonne ne s'afflige ſur leurs cendres inſenſibles. On pleure ſur ſoi, & non ſur eux. On adore en tout la main de Dieu qui les a retirés du monde. Soumis à la loi irrévocable de la nature, pourquoi ne pas embraſſer de bonne volonté cet état paiſible qui ne peut qu'améliorer notre être *(a)* ?

Ces corps vont être réduits en cendre à trois mille de la ville. Des fourneaux toujours allumés à cet uſage conſument ces dépouilles mortelles. Deux ducs & un prince ſont enfermés dans le même char avec de ſimples citoyens. A la mort toute diſtinction ceſſe, & nous ramenons cette égalité que la nature a miſe parmi ſes enfans. Cette ſage coutume affoiblit dans le cœur du peuple l'horreur du trépas, en même tems qu'elle interdit l'orgueil aux grands. Ils ne ſont tels que par leurs vertus : tout le reſte s'efface; dignités, richeſſes, honneurs. La matiere corruptible qui compoſoit leurs corps n'eſt plus eux, elle va ſe mêler à la cendre de leurs égaux, & l'on n'attache aucune idée à cette dépouille périſſable.

Nous ne connoiſſons point ces épitaphes, ces

(a) L'homme qui a une crainte exceſſive de la mort, ſi ce n'eſt pas une femelette, c'eſt à coup ſûr un méchant.

mauſolées,

mausolées, ces mensonges orgueilleux & puérils (a). Les rois même, à leur décès, ne remplissent point d'une feinte terreur leurs vastes palais ; ils ne sont pas plus flattés à leur mort que pendant leur vie. En descendant dans le cercueil, leurs mains glacées n'achevent point d'arracher encore une partie de nos biens : ils meurent sans ruiner une ville (b).

Pour prévenir cet accident, aucun mort n'est enlevé de sa maison que le visiteur ne l'ait empreint du cachet du trépas. Ce visiteur est un homme habile, qui détermine en même tems le sexe, l'âge & l'espece de maladie du défunt. On met dans les papiers publics à quel médecin il a eu affaire. Si dans le livre des pensées que chaque homme, comme je vous l'ai dit, laisse après sa mort, il s'en trouve quelqu'une de vraiment utile ou grande, alors on la détache, on la publie, & il n'y a point d'autre oraison funebre.

(a) O mort, je te bénis ! C'est toi qui frappes les tyrans, qui en purges la terre, qui mets un frein à la cruauté & à l'ambition ; c'est toi qui confonds dans la poussiere ceux que le monde avoit flattés & qui regardoient les hommes avec mépris : ils tombent, & nous respirons. Sans toi, nos maux seroient éternels. O mort, qui tiens en respect les hommes durs & heureux, qui jettes l'effroi dans leurs cœurs coupables, espoir des infortunés, acheve d'étendre ton bras sur les persécuteurs de ma patrie : & vous, insectes dévorans, qui peuplez les sépulcres, mes amis, mes vengeurs, venez, accourez tous en foule sur ces cadavres engraissés de crimes.

(b) A ces pompes funebres qui conduisent superbement les rois dans un caveau obscur, à ces cérémonies lugubres, à ces festins, à ces emblêmes multipliés de la douleur publique, à ce deuil universel, il ne manque rien qu'une seule larme sincere.

Il eſt une idée ſalutaire répandue parmi nous ; c'eſt que l'ame ſéparée du corps a la liberté de fréquenter les lieux qu'elle chériſſoit. Elle ſe plaît à revoir ceux qu'elle a aimés. Elle plane en ſilence au-deſſus de leurs têtes, contemplant les regrets vifs de l'amitié. Elle n'a pas perdu ce penchant, cette tendreſſe qui l'uniſſoit ici-bas à des cœurs ſenſibles. Elle ſe fait un plaiſir d'être en leur préſence ; d'écarter les dangers qui environnent leurs corps fragiles. Ces mânes chéris repréſentent vos anges gardiens. Cette perſuaſion ſi douce & ſi conſolante inſpire une certaine confiance, tant pour entreprendre que pour exécuter, qui vous manquoit, vous qui, loin de ces images attendriſſantes, rempliſſiez vos cerveaux de chimeres triſtes & noires.

Vous ſentez quel reſpect profond inſpire une telle idée à un jeune homme qui, ayant perdu ſon pere, ſe le repréſente encore comme témoin de ſes actions les plus ſecrettes. Il lui adreſſe la parole dans la ſolitude ; elle devient animée par cette préſence auguſte qui lui recommande la vertu, & s'il étoit tenté de faire le mal, il ſe diroit : *mon pere me voit ! mon pere m'entend !*

Le jeune homme ſeche ſes larmes, parce que l'idée horrible du néant ne vient point attriſter ſon ame ; il lui ſemble que les ombres de ſes ancêtres l'attendent pour s'avancer enſemble vers le ſéjour éternel, & qu'ils ne retardent leur marche que pour l'accompagner. Et qui pourroit ſe refuſer à l'eſpoir de l'immortalité ! quand ce ſeroit une illuſion, ne devroit-elle pas nous être chere & ſacrée (*a*) ?

(a) Je crois pouvoir joindre ici ce morceau, qui convient aſſez au chapitre & qui même le développe; il eſt dans le goût d'Young, mais je l'ai compoſé en françois.

L'ÉCLIPSE DE LUNE.

C'est un Solitaire qui parle.

J'HABITE une petite maiſon de campagne qui ne contribue pas peu à mon bonheur. Elle a deux points de vue différens : l'un s'étend ſur des plaines fertiliſées où germe le grain précieux qui nourrit l'homme ; l'autre, plus reſſerré, préſente le dernier aſyle de la race humaine, le terme où finit l'orgueil, l'eſpace étroit où la main de la mort entaſſe également ſes paiſibles victimes.

L'aſpect de ce cimetiere, loin de me cauſer cette répugnance, fille d'une terreur vulgaire, fait fermenter dans mon ſein de ſages & utiles réflexions. Là, je n'entends plus ce tumulte des villes qui étourdit l'ame. Seul avec l'auguſte mélancolie je me remplis de grands objets. Je fixe d'un œil immobile & ſerein cette tombe où l'homme s'endort pour renaître, où il doit remercier la nature & juſtifier un jour la ſageſſe éternelle.

L'état pompeux du jour me paroît triſte. J'attends le crépuſcule du ſoir, & cette douce obſcurité qui, prêtant des charmes au ſilence des nuits, favoriſe l'eſſor de la ſublime penſée. Dès que l'oiſeau nocturne, pouſſant un cri lugubre, fend d'un vol peſant l'épaiſſeur de l'ombre, je ſaiſis ma lyre. Je vous ſalue, majeſtueuſes ténébres ! élevez mon ame en éclipſant à mes yeux la ſcene changeante du monde ; découvrez-moi le trône radieux où ſiege l'auguſte vérité.

Mon oreille a ſuivi le vol de l'oiſeau ſolitaire : bientôt il s'abat ſur des oſſemens, & d'un coup d'aîle il fait rouler avec un bruit ſourd une tête où logoient jadis l'ambition, l'orgueil & des projets follement audacieux.

Tour-à-tour il repoſe, & ſur la froide pierre où l'oſtentation a gravé des noms qu'on ne lit plus, & ſur la foſſe du pauvre couronné de fleurs.

Pouſſiere de l'homme orgueilleux ! diſparois pour jamais de l'univers. Vous oſez donc encore reproduire des titres chimériques ! Miſérable vanité dans l'empire de la mort ! J'ai vu des os en poudre enfermés dans un triple cercueil, qui refuſoient de mêler leurs cendres aux cendres de leurs ſemblables.

Approche, mortel ſuperbe ; jette un coup d'œil ſur ces tombeaux. Qu'importe un nom à ce qui n'a plus de nom ! Une épitaphe menſongere ſoutient ces triſtes ſyllabes dans un jour plus déſavantageux que la nuit de l'oubli ; c'eſt une banderolle flottante, qui ſurnage un moment & qui va bientôt ſuivre le navire englouti.

O ! que plus heureux eſt celui qui n'a point bâti de vaines pyramides, mais qui a ſuivi conſtamment le chemin de l'honneur & de la vertu. Il a regardé le ciel, en voyant tomber cet édifice fragile où l'eſſaim des peines tourmentoit ſon ame immortelle ; il a béni ce glaive, effroi du méchant ; & lorſqu'on ſe rappelle la mémoire de ce juſte expirant, c'eſt pour apprendre à mourir comme lui.

Il eſt mort, cet homme juſte, & il a vu couler nos larmes, non ſur lui, mais ſur nous-mêmes ! Ses freres entouroient ſon lit funebre. Nous l'entretenions de ces vérités conſolantes dont ſon ame étoit remplie ; nous lui montrions un Dieu dont il ſentoit la préſence mieux que nous. Un coin du rideau ſembloit ſe ſoulever devant ſon œil mourant.... il a levé une tête radieuſe, il nous a tendu une main paiſible, il nous a ſouri avant d'expirer.

Vil coupable ! toi qui fus un ſcélérat heureux,

ta mort ne ſera pas ſi douce, redoutable tyran! Maintenant pâle, moribond, c'eſt pour toi que le trépas préſentera un ſpectre effrayant! ſois abreuvé de ce calice amer, bois-en toutes les horreurs. Tu ne peux lever les yeux vers le ciel, ni les arrêter ſur la terre; tu ſens que tous deux t'abandonnent & te repouſſent: expire dans la terreur, pour ne plus vivre que dans l'opprobre.

Mais ce moment terrible, dont l'idée ſeule fait pâlir le méchant, n'aura rien d'affreux pour l'homme innocent. Mon cœur avoue la loi irrévocable de la deſtruction. Je contemple ces tombeaux comme autant de creuſets brulans où la matiere ſe fond & ſe diſſout, où l'or s'épure & ſe ſépare à jamais du vil métal. Les dépouilles terreſtres tombent, l'ame s'élance dans ſa beauté originelle. Pourquoi donc jetter un œil d'effroi ſur ces reſtes que l'ame a habités? Ils ne doivent offrir que l'image heureuſe de ſa délivrance: un temple antique conſerve de ſa majeſté juſques dans ſes ruines.

Pénétré d'un ſaint reſpect pour les débris de l'homme, je deſcends ſur cette terre parſemée de cendres ſacrées de mes freres. Ce calme, ce ſilence, cette froide immobilité, tout me diſoit: *ils repoſent!* J'avance; j'évite de fouler la tombe d'un ami, ſa tombe encore labourée par la bêche qui creuſa la foſſe. Je me recueille pour honorer ſa mémoire. Je m'arrête. J'écoute attentivement, comme pour ſaiſir quelques ſons échappés de cette harmonie céleſte dont il jouit dans les cieux. L'aſtre des nuits en ſon plein éclairoit de ſes rayons argentés cette ſcene funebre. Je levois mes regards vers le firmament Ils parcouroient ces mondes innombrables, ces ſoleils enflammés, ſemés avec une magnificence prodigue; puis ils retomboient triſtement ſur ce cercueil muet où pourriſſoient les yeux, la langue, le cœur de l'homme qui converſoit avec moi de ces ſublimes merveilles, &

qui admiroit le fabricateur de ces pompeux miracles.

Tout-à-coup ſurvint une éclipſe de lune que je n'avois point prévue. L'effet ne me devint même ſenſible que lorſque déja les ténebres m'environnoient. Je ne diſtinguois plus qu'un petit point brillant que l'ombre rapide alloit bientôt couvrir. Une nuit profonde arrête mes pas. Je ne puis diſcerner aucun objet. J'erre ; je tourne cent fois ; la porte fuit : des nuages s'aſſemblent, l'air ſiffle, un tonnerre lointain ſe fait entendre, il arrive avec bruit ſur les aîles enflammées de l'éclair. Mes idées ſe confondent. Je friſſonne, je trébuche ſur des monceaux d'oſſemens ; l'effroi précipite mes pas. Je rencontre une foſſe qui attendoit un mort ; j'y tombe. Le tombeau me reçoit vivant. Je me trouve enſeveli dans les entrailles humides de la terre. Déja je crois entendre la voix de tous les morts qui ſaluent mon arrivée. Un friſſon glacé me pénetre ; une ſueur froide m'ôte le ſentiment, je m'évanouis dans un ſommeil léthargique.

Que n'ai-je pu mourir dans ce paiſible état ! J'étois inhumé. Le voile qui couvre l'éternité ſeroit préſentement levé pour moi. Je n'ai point la vie en horreur ; j'en ſais jouir, je m'applique à en faire un digne uſage : mais tout crie au fond de mon ame que la vie future eſt préférable à cette vie préſente.

Cependant je reviens à moi. Un foible jour commençoit à blanchir la voûte étoilée. Quelques rayons ſillonnoient le flanc des nuages : de degrés en degrés ils recevoient une lumiere plus éclatante & plus vive ; ils s'enfoncerent bientôt ſous l'horiſon, & mes yeux diſtinguerent le diſque de la lune à moitié dégagé de l'ombre. Il luit enfin dans tout ſon éclat ; il reparoît auſſi brillant qu'il étoit. L'aſtre ſolitaire pourſuit ſon cours. Je retrouve mon courage ; je m'élance de ce cercueil.

Le calme des airs, la sérénité du ciel, les rayons blanchissans de l'aurore, tout me rassure, me raffermit & dissipe les terreurs que la nuit avoit enfantées.

Debout, je regardois en souriant cette fosse qui m'avoit reçu dans son sein. Qu'avoit-elle de hideux ? C'étoit la terre, ma nourrice, & qui me redemanderoit dans le tems cette portion d'argile m'avoit prêtée. Je n'apperçus rien des fantômes dont les ténebres avoient frappé ma crédule imagination.

C'est elle, elle seule qui enfante de sinistres images. Amis ! j'ai cru voir le tableau du trépas dans cette aventure. Je suis tombé dans la fosse avec cet effroi, le seul appui peut-être dont la nature pouvoit étayer la vie contre les maux qui l'assiegent ; mais je m'y suis endormi d'un sommeil doux & qui même avoit sa volupté. Si cette scene fut affreuse, elle n'a duré qu'un instant, elle n'a presque point existé pour moi : je me suis réveillé à la douce clarté d'un jour pur & serein ; j'ai banni une terreur enfantine, & la joie est descendue dans la profondeur de mon ame. Ainsi après ce sommeil passager que l'on nomme la mort, nous nous réveillerons à la splendeur de ce soleil éternel qui, en éclairant l'immensité des êtres, nous découvrira & la folie de nos préjugés craintifs & la source intarissable & nouvelle d'une félicité dont rien n'interrompra le cours.

Mais aussi, mortel, pour ne rien redouter, sois vertueux ! En marchant dans le court sentier de la vie, mets ton cœur en état de te dire : » ne » crains rien, avance sous l'œil d'un Dieu, pere » universel des hommes. Au lieu de l'envisager » avec effroi, adore sa bonté, espere en sa clé- » mence, aie la confiance d'un fils qui aime, & » non la terreur d'un esclave qui tremble, parce » qu'il est coupable.

CHAPITRE XXVIII.

La Bibliotheque du Roi.

J'EN étois-là de mon rêve, lorſqu'une maudite porte tournante, ſituée au chevet de mon lit, en criant ſur ſes gonds, fit une révolution dans mon ſommeil. Je perdis de vue & mon guide & la ville; mais l'eſprit toujours frappé du tableau qui s'y étoit vivement imprimé, je retombai heureuſement dans le même ſonge. J'étois ſeul alors, abandonné à moi-même : il faiſoit grand jour ; & par ſympathie je me trouvois à la bibliotheque du roi : mais j'eus beſoin de m'en aſſurer plus d'une fois.

Au lieu de ces quatre ſalles d'une longueur immenſe & qui renfermoient des milliers de volumes, je ne découvris qu'un petit cabinet où étoient pluſieurs livres qui ne me parurent rien moins que volumineux. Surpris d'un ſi grand changement, je n'oſois demander ſi un incendie fatal n'avoit pas dévoré cette riche collection ? --- Oui, me répondit-on, c'eſt un incendie, mais ce ſont nos mains qui l'ont allumé volontairement.

J'ai peut-être oublié de vous dire que ce peuple eſt le plus affable du monde, qu'il a un reſpect tout particulier pour les vieillards, & qu'il répond aux queſtions qu'on lui fait, non en françois, qui interroge en répondant. Le bibliothécaire, qui étoit un véritable homme de lettres, s'avança vers moi, & peſant toutes les objections ainſi que les reproches que je lui faiſois, il me tint le diſcours ſuivant.

Convaincus par les obſervations les plus exactes, que l'entendement s'embarraſſe de lui-même dans mille difficultés étrangeres, nous avons découvert

découvert qu'une bibliotheque nombreuſe étoit le rendez-vous des plus grandes extravagances & des plus folles chimeres. De votre tems, à la honte de la raiſon, on écrivoit, puis on penſoit. Nos auteurs ſuivent une marche toute oppoſée : nous avons immolé tous ces auteurs qui enſeveliſſoient leurs penſées ſous un amas prodigieux de mots ou de paſſages.

Rien n'égare plus l'entendement que des livres mal faits ; car les premieres notions une fois adoptées ſans aſſez d'attention, les ſecondes deviennent des concluſions précipitées, & les hommes marchent ainſi de préjugé en préjugé & d'erreur en erreur. Le parti qu'il nous reſtoit à prendre étoit de réédifier l'édifice des connoiſſances humaines. Ce projet paroiſſoit infini : mais nous n'avons fait qu'écarter les inutilités qui nous cachoient le vrai point de vue : comme pour créer le palais du Louvre, il n'a fallu que renverſer les maſures qui le maſquoient de toutes parts ; les ſciences dans ce labyrinthe de livres ne faiſoient que tourner & circuler, revenant ſans ceſſe au même point ſans s'élever, & l'idée exagérée de leurs richeſſes ne faiſoit que déguiſer l'indigence réelle.

En effet, que contenoit cette multitude de volumes ? Ils étoient pour la plupart des répétitions continuelles de la même choſe. La philoſophie s'eſt préſentée à nos yeux ſous l'image d'une ſtatue toujours célebre, toujours copiée, mais jamais embellie : elle nous paroît plus parfaite dans l'original, & ſemble dégénérer dans toutes les copies d'or & d'argent que l'on a faites depuis ; plus belle, ſans doute, lorſqu'elle a été taillée en bois par une main preſque ſauvage, que lorſqu'on l'a environnée d'ornemens étrangers. Dès que les hommes ſe livrant à leur pareſſeuſe foibleſſe s'abandonnent à l'opinion des autres, leurs talens

deviennent imitateurs & serviles, ils perdent l'invention & l'originalité. Que de projets vastes & de spéculations sublimes ont été éteints par le souffle de l'opinion ! Le tems n'a voituré jusqu'à nous que les choses légeres & brillantes qui ont eu l'approbation de la multitude, tandis qu'il a englouti les pensées mâles & fortes qui étoient trop simples ou trop élevées pour plaire au vulgaire.

Comme nos jours sont bornés, & qu'ils ne doivent pas être consumés dans une philosophie puérile, nous avons porté un coup décisif aux misérables controverses de l'école. ---- Qu'avez-vous fait ? achevez, s'il vous plaît. ---- D'un consentement unanime, nous avons rassemblé dans une vaste plaine tous les livres que nous avons jugé ou frivoles, ou inutiles, ou dangereux ; nous en avons formé une pyramide qui ressembloit en hauteur & en grosseur à une tour énorme : c'étoit assurément une nouvelle tour de Babel. Les journaux couronnoient ce bizarre édifice, & il étoit flanqué de toutes parts de mandemens d'évêques, de remontrances de parlemens, de réquisitoires & d'oraisons funebres. Il étoit composé de cinq ou six cent mille commentateurs, de huit cent mille volumes de jurisprudence, de cinquante mille dictionnaires, de cent mille poëmes, de seize cent mille voyages & d'un milliard de romans. Nous avons mis le feu à cette masse épouvantable, comme un sacrifice expiatoire offert à la vérité, au bon sens, au vrai goût. Les flammes ont dévoré par torrent les sottises des hommes, tant anciens que modernes. L'embrasement fut long. Quelques auteurs se sont vus bruler tout vivans, mais leurs cris ne nous ont point arrêtés ; cependant nous avons trouvé au milieu des cendres quelques feuilles des œuvres de P***, de De la H***, de l'abbé A***, qui, vu leur extrême froideur, n'avoient jamais pu être consumées.

Ainſi nous avons renouvellé par un zele éclairé ce qu'avoit exécuté jadis le zele aveugle des barbares. Cependant comme nous ne ſommes ni injuſtes ni ſemblables aux Sarrazins qui chauffoient leurs bains avec des chef-d'œuvres, nous avons fait un choix : de bons eſprits ont tiré la ſubſtance de mille volumes in-folio, qu'ils ont fait paſſer tout entier dans un petit in-douze ; à-peu-près comme ces habiles chymiſtes, qui expriment la vertu des plantes, la concentrent dans une phiole, & jettent le marc groſſier (a).

Nous avons fait des abrégés de ce qu'il y avoit de plus important ; on a réimprimé le meilleur : le tout a été corrigé d'après les vrais principes de la morale. Nos compilateurs ſont des gens eſtimables & chers à la nation ; ils avoient du goût, & comme ils étoient en état de créer, ils ont ſu choiſir l'excellent, & rejetter ce qui ne l'étoit pas. Nous avons remarqué (car il faut être juſte) qu'il n'appartenoit qu'à des ſiecles philoſophiques de compoſer très-peu d'ouvrages ; mais que dans le vôtre, où les connoiſſances réelles & ſolides n'é-

---

(a) Tout eſt révolution ſur ce globe : l'eſprit des hommes varie à l'infini le caractere national, change les livres & les rend méconnoiſſables. Eſt-il un ſeul auteur, s'il fait penſer, qui puiſſe ſe flatter raiſonnablement de n'être point ſiflé chez la génération ſuivante ? Ne nous moquons pas de nos devanciers ? Savons-nous les progrès que feront nos enfans ? Avons-nous une idée des ſecrets qui tout-à-coup peuvent ſortir du ſein de la nature ? Connoiſſons-nous à fond la tête humaine ? Où eſt l'ouvrage fondé ſur la connoiſſance réelle du cœur humain, ſur la nature des choſes, ſur la droite raiſon ? Notre phyſique ne nous préſente-t-elle pas un océan dont à peine nous côtoyons les bords ? Quel eſt donc ce riſible orgueil qui s'imagine follement avoir poſé les limites d'un art ?

toient pas ſuffiſamment établies, on ne pouvoit trop entaſſer les matériaux. Les manœuvres doivent travailler avant les architectes.

Dans les commencemens chaque ſcience ſe traite par partie, chacun porte ſon attention ſur la portion qui lui eſt échue : rien n'échappe par ce moyen ; on obſerve les plus petits détails. Il étoit néceſſaire que vous fiſſiez une multitude innombrable de livres ; c'étoit à nous de raſſembler ces parties diſperſées. Les hommes, qui ont la tête vuide & des demi-lueurs, ſont d'éternels babillards ; l'homme ſage & inſtruit parle peu, mais parle bien.

Vous voyez ce cabinet : il renferme les livres qui ont échappé aux flammes ; ils ſont en petit nombre ; mais ceux qui ſont reſtés ont mérité l'approbation de notre ſiecle.

Curieux, je m'approchai, & conſultant la premiere armoire, je vis qu'on avoit conſervé parmi les Grecs Homere, Sophocle, Euripide, Demoſthene, Platon, & ſur-tout notre ami Plutarque ; mais on avoit brulé Hérodote, Sapho, Anacréon, & le vil Ariſtophane. Je voulus défendre un peu la cauſe du défunt Anacréon ; mais on me donna les meilleures raiſons du monde, que je n'expoſerai point ici, parce qu'elles ne ſeroient point entendues de mon ſiecle.

Dans la deuxieme armoire, deſtinée aux auteurs Latins, je trouvai Virgile, Pline en entier, ainſi que Tite Live *(a)* ; mais on avoit brulé Lucrece, à l'exception de quelques morceaux poétiques, parce que ſa phyſique eſt fauſſe & que ſa morale eſt dangereuſe. On avoit ſupprimé les longs plai-

---

(a) Je viens de relire cet hiſtorien, & j'ai reconnu que la vertu des Romains conſiſtoit à égorger le genre humain ſur l'autel de la patrie : c'étoient de bons citoyens & des hommes affreux.

doyers de Cicéron, habile rhéteur plutôt qu'homme éloquent; mais on avoit conſervé ſes ouvrages philoſophiques, un des morceaux les plus précieux de l'antiquité. Salluſte étoit reſté. Ovide & Horace (*a*) avoient été purgés : les odes du dernier paroiſſoient bien inférieures à ſes épîtres. Séneque étoit réduit à un quart. Tacite avoit été conſervé ; mais comme il regne dans ſes écrits une teinte ſombre qui montre l'humanité en noir, & qu'il faut n'avoir pas une mauvaiſe idée de la nature humaine, parce que ſes tyrans ne ſont pas elle, on ne permettoit la lecture de cet auteur profond qu'à des cœurs bien faits. Catulle avoit diſparu, ainſi que Petrone. Quintilien étoit d'un volume fort mince.

La troiſieme armoire contenoit les livres Anglois. C'étoit celle qui renfermoit le plus de volumes. On y rencontroit tous les philoſophes qu'a produit cette iſle guerriere, commerçante & politique. Milton, Shakeſpear, Pope, Young (*b*),

---

(*a*) *Cet écrivain a toute la délicateſſe, toute la fleur d'eſprit, toute l'urbanité poſſible, mais il a été trop admiré dans tous les ſiecles. Sa muſe inſpire un repos voluptueux, un ſommeil léthargique, une indifférence douce & dangereuſe ; elle doit plaire aux courtiſans & à toutes ces ames efféminées dont toute la morale ſe borne à ne voir que le préſent & à ne chérir que des jouiſſances ſolitaires.*

(*b*) *M. le Tourneur a publié une traduction de ce poëte qui a eu chez nous le ſuccès le plus décidé, le plus grand, le plus ſoutenu : tout le monde a lu ce livre moral, tout le monde y a admiré ce langage ſublime qui éleve l'ame, qui la nourrit & qui l'attache ; parcequ'il eſt fondé ſur de grandes vérités, qu'il n'offre que de grands objets, & qu'il tire toute ſa dignité de leur réelle grandeur. Pour moi, je n'ai jamais rien lu de ſi original, de ſi neuf, même de ſi intéreſſant.*

Richardson jouissoient encore de toute leur renommée. Leur génie créateur, ce génie que rien ne captivoit, tandis que nous étions obligés de mesurer tous nos maux; l'énergie féconde de ces

---

J'aime ce sentiment profond qui, toujours le même, se nuance & se diversifie à l'infini. C'est un fleuve qui m'entraine. Je goûte ces images fortes & vives dont la hardiesse répond au sujet qu'il embrasse. On voit ailleurs des preuves plus méthodiques de l'immortalité de l'ame; mais nulle part le sentiment n'en est frappé comme ici. Le poëte bat le cœur, le soumet, le met hors d'état de raisonner contre. Telle est donc la magie de l'expression & la force de l'éloquence qui laisse l'aiguillon dans l'ame.

Young a raison, selon moi, contre la note que le censeur a exigée du traducteur, quand il veut que sans la vue de l'éternité & des récompenses la vertu ne soit qu'un nom, qu'une chimere: aut virtus nomen inane est aut decus & pretium recte petit experiens vir. *Ne nous faisons point de fantôme métaphysique. Qu'est-ce qu'un bien dont il ne résulte aucun bien, ni en ce monde ni en l'autre? Quel bien résulte en ce monde de la vertu pour le juste infortuné? Demandez-le à Brutus, à Caton, à Socrate mourant: voilà le Stoïcien à la derniere épreuve; avec de la bonne foi il découvrira la vanité de sa secte. Je me souviens & me souviendrai toujours d'un mot frappant que dit J. J. Rousseau à un de mes amis. J. J. Rousseau parloit d'une proposition à lui faite de fortune sous une condition honteuse, mais de nature à être secrette:* Monsieur, *disoit-il*, je ne suis point matérialiste, Dieu merci; si je l'eusse été, je n'aurois pas valu mieux qu'eux tous: je ne connois que la récompense qui attache à la vertu.

J'avoue que je ne vaux pas mieux que Rousseau, & plut à Dieu que je le valusse! Mais si je me croyois tout mortel, dès l'instant je me ferois mon dieu, je

ames libres faisoit l'admiration d'un siecle difficile. Le reproche futile que nous leur faisions de manquer de goût étoit effacé devant des hommes qui, amoureux d'idées vraies & fortes, se donnoient la peine de lire & savoient ensuite méditer sur leur lecture. On avoit retranché cependant du nombre des philosophes ces sceptiques dangereux qui avoient voulu ébranler les fondemens de la morale. Ce peuple vertueux, conduit par le sentiment, avoit dédaigné ces vaines subtilités, & rien n'avoit pu lui persuader que la vertu fût une chimere.

La quatrieme armoire offroit les livres Italiens. La Jérusalem délivrée, le plus beau des poëmes connus, étoit à la tête. On avoit brulé une bibliotheque entiere de critiques faites contre ce

---

rapporterois tout à ma divinité, c'est-à-dire, à ma personne : je ferois ce qu'on appelle vertu, quand j'y gagnerois pour mon plaisir ; ce qu'on appelle vice de même : je volerois aujourd'hui pour donner à mon ami ou à ma maîtresse ; brouillé avec eux, demain, je les volerois eux-mêmes pour mes menus plaisirs : en tout cela je serois très-conséquent, puisque je serois toujours ce qui seroit agréable à ma divinité. Au lieu qu'aimant la vertu à cause de la récompense, & cette récompense n'étant pas attachée à des actions arbitraires, il faut que je me regle non plus sur ma fantaisie momentanée, mais sur la regle inflexible qu'a proposé le rénumérateur éternel, qui est aussi le législateur. Ainsi il faut que souvent je fasse ce que je dois, quoiqu'il ne me plaise pas trop ; & si ma liberté se décide au bien, malgré l'attrait contraire, alors je fais ce que je veux & non ce qui me plait. Si Dieu n'eût voulu nous mener que par le goût du beau, il ne nous eût donné qu'une ame raisonnable, sans y mêler la sensibilité du cœur : il nous mene par l'attrait des récompenses, parce qu'il a fait de nous des êtres sensibles.

poëme enchanteur. Le fameux traité des délits & des peines avoit reçu toute la perfection dont cet important ouvrage étoit susceptible. Je fus agréablement surpris en voyant nombre d'ouvrages pensés & philosophiques sortis du sein de cette nation ; elle avoit brisé le talisman qui sembloit devoir perpétuer chez elle la superstition & l'ignorance.

Enfin j'arrivai en face des écrivains François. Je portai une main avide sur les trois premiers volumes: c'étoient Descartes, Montaigne & Charron. Montaigne avoit souffert quelque retranchement : mais comme il est le philosophe qui a mieux connu la nature humaine, on avoit conservé ses écrits, quoique toutes ses idées ne soient pas absolument irréprochables. On avoit brulé & Mallebranche le visionnaire, & le triste Nicole, & l'impitoyable Arnauld, & le cruel Bourdaloue. Tout ce qui concernoit les disputes scholastiques étoit tellement anéanti, que lorsque je parlai des Lettres Provinciales & de la destruction des Jésuites, le savant bibliothécaire fit un anachronisme des plus considérables : je le relevai poliment, & il me remercia avec sincérité. Je ne pus jamais rencontrer ces Lettres Provinciales, ni l'histoire même plus moderne qui contenoit le détail de cette grande affaire : elle étoit alors bien petite ! On parloit des Jésuites comme nous parlons aujourd'hui des anciens Druides.

On avoit fait rentrer dans le néant dont elle n'auroit jamais dû sortir, cette foule de théologiens dits *peres de l'église*, les écrivains les plus sophistiques, les plus bizarres, les plus obscurs, les plus déraisonnables, qui furent jamais diamétralement opposés aux Loke, aux Clarke ; ils sembloient (me dit le bibliothécaire) avoir posé les bornes de la démence humaine.

J'ouvrois, je feuilletois, je cherchois des écri-
vains

vains de ma connoiſſance. Ciel, quelle deſtruction ! que de gros livres évaporés en fumée ! Où eſt donc ce fameux Boſſuet, imprimé de mon tems en 14 vol. in-quarto ? ---- Tout a diſparu, me répondit-on. ---- Quoi ! cet aigle, qui planoit dans la haute région des airs, ce génie... ---- En conſcience, que pouvions-nous conſerver ? Il avoit du génie, d'accord (*a*) ; mais il en a fait un pitoyable uſage. Nous avons adopté la maxime de Montaigne. *Il ne faut pas s'enquérir quel eſt le plus ſavant, mais quel eſt le mieux ſavant.* L'hiſtoire univerſelle de ce Boſſuet n'étoit qu'un pauvre ſquelette chronologique (*b*), ſans vie & ſans couleur ; puis il avoit donné un tour ſi forcé, ſi extraordinaire aux longues réflexions qui accompagnoient cette maigre production, que nous avons peine à croire qu'on ait lu cet ouvrage pendant plus de cinquante années. ---- Mais du moins ſes oraiſons funebres. ---- Nous ont fort irrité contre

---

(*a*) *Quels ſervices n'auroient pas pu rendre à la raiſon humaine des hommes tels que Luther, Calvin, Melanchton, Eraſme, Boſſuet, Paſchal, Arnaud, Nicole, &c. s'ils euſſent employé leur génie à attaquer les erreurs de l'eſprit humain, à perfectionner la morale, la légiſlation, la phyſique, au lieu de combattre ou d'établir quelques dogmes ridicules ?*

(*b*) *Pour donner un air de vérité à la chronologie, on a formé des époques, & c'eſt ſur ce fondement illuſoire qu'on a élevé l'édifice de cette ſcience imaginaire. Elle a été entiérement livrée au caprice. On ne ſait à quel tems rapporter les principales révolutions du globe, & l'on veut aſſigner dans quel ſiecle tel roi a vécu. La ſomme des erreurs repoſe à ſon aiſe à l'aide même des calculs chronologiques ; on part, par exemple, de la fondation de Rome, & cette fondation eſt appuyée ſur des probabilités, ou plutôt ſur des ſuppoſitions.*

lui. C'étoit bien-là le misérable langage de la servitude & de la flatterie. Qu'est-ce qu'un ministre du Dieu de paix, du Dieu de vérité, qui monte en chaire pour louer un politique sombre, un ministre avare, une femme vulgaire, un héros meurtrier, & qui tout occupé, comme un poëte, d'une description de bataille, ne laisse pas échapper un seul soupir sur cet horrible fléau qui désole la terre? En ce moment il ne pensoit point à soutenir les droits de l'humanité, à présenter au monarque ambitieux, par l'organe sacré de la religion, des vérités fortes & terribles; il songeoit plutôt à faire dire : *voilà un homme qui parle bien; il fait l'éloge des morts lorsque leurs cendres sont encore tiedes : à plus forte raison donnera-t-il une bonne dose d'encens aux rois qui ne sont pas décédés.*

Nous ne sommes point amis de ce Bossuet. Outre qu'il étoit un homme orgueilleux, dur, un courtisan souple & ambitieux, c'est lui qui a accrédité ces oraisons funebres qui depuis se sont multipliées comme les flambeaux funéraires, & qui, comme eux, exhalent en passant une odeur empoisonnée. Ce genre nous a paru le plus mauvais, le plus futile, le plus dangereux de tous, parce qu'il étoit tout à la fois faux, froid, menteur, fade, impudent; en ce qu'il contredisoit toujours le cri public qui alloit frapper les murailles où l'orateur, qui déclamoit avec faste, rioit lui-même tout bas des couleurs mensongeres dont il paroit son idole.

Voyez son rival, son vainqueur doux & modeste, cet aimable, ce sensible Fenelon, auteur du Télémaque & de plusieurs autres ouvrages que nous avons soigneusement conservés, parce qu'on y trouve l'accord rare & heureux de la raison & du sentiment (*a*). Avoir composé le Télémaque à

(*a*) *L'Académie Françoise a proposé son éloge pour*

la cour de Louis XIV nous ſemble une vertu étonnante, admirable. Certainement le monarque n'a pas compris le livre, & c'eſt ce qu'on peut avancer de plus favorable en ſon honneur. Sans doute il manque à cet ouvrage des lumieres plus vaſtes, des connoiſſances plus approfondies; mais que dans ſa ſimplicité il a de force, de nobleſſe & de vérité! Nous avons mis à côté de cet écrivain les œuvres du bon abbé de St Pierre, dont la plume étoit foible, mais dont le cœur étoit ſublime. Sept ſiecles ont donné à ſes grandes & belles idées la maturité convenable. C'étoient ceux qui le railloient d'être viſionnaire, qui embraſſoient de pures chimeres. Ses rêves ſont devenus des réalités.

Parmi les poëtes François, je revis Corneille, Racine, Moliere; mais on avoit brulé leurs commentaires (*a*). Je fis au bibliothécaire la queſtion

---

le prochain prix d'éloquence. Mais ſi l'ouvrage eſt ce qu'il doit être, l'Académie ne pourra couronner le diſcours. Pourquoi donner des ſujets qu'on ne ſauroit traiter dans toute leur plénitude?

Au reſte, j'aime ce genre, où en diſcutant le génie d'un grand homme, on diſcute & on approfondit l'art auquel il s'eſt adonné. Nous avons eu d'excellens ouvrages en ce genre & ſur-tout ceux de M. Thomas. *C'eſt le livre le plus inſtructif que l'on puiſſe mettre entre les mains d'un jeune homme; il y puiſera, à la fois, & d'utiles connoiſſances & un amour raiſonné de la gloire.*

(a) Ils ſont l'ouvrage ou de l'envie ou de l'ignorance. Ces commentateurs me font pitié avec leur zele pour les loix de la grammaire. Le plus cruel deſtin qui attend l'homme de génie de ſon vivant ou après ſa mort, eſt d'être jugé par le pédantiſme: il ne ſait rien voir, rien ſentir. Ces malheureux critiques qui marchent de mots en mots, reſſemblent à ces vues myopes qui, au lieu d'embraſſer un tableau de le Sueur

que l'on fera encore probablement pendant ſept cent années : auquel donneriez-vous la préférence des trois ? ---- Nous n'entendons plus gueres Moliere, me répondit-il ; les mœurs qu'il a peintes ont paſſé. Nous penſons qu'il a plus frappé le ridicule que le vice, & vous aviez plus de vices que de ridicules (*a*). Pour les deux tragiques, dont les couleurs étoient plus durables, je ne ſais comment un homme de votre âge peut faire une pareille queſtion. Le peintre du cœur humain par excellence, celui qui éleve & agrandit le plus l'ame, celui qui a le mieux connu le choc des paſſions & la profondeur de la politique, avoit ſans doute plus de génie (*b*) que ſon rival harmonieux, qui, avec un ſtyle plus pur, plus exact, eſt moins fort, moins ſerré, n'a eu ni ſa vue perçante, ni ſon élévation, ni ſa chaleur, ni ſa logique, ni la diverſité prodigieuſe de ſes caracteres. Ajoutez le but moral, toujours marqué dans Corneille ; il élance l'homme vers l'élément de toutes les vertus, vers la liberté. Racine, après

---

ou du Pouſſin, *viſitent ſtupidement chaque trait, & n'apperçoivent jamais l'enſemble.*

(a) Il eſt faux, comme on l'a avancé dans un éloge de Moliere, que la guériſon du ridicule ſoit plus aiſée que celle du vice : mais quand cela ſeroit, à quelle maladie du cœur humain doit-on apporter les premiers remedes ? Le poëte deviendra-t-il complice de la perverſité générale, en adoptant le premier les miſérables conventions qu'ont fait les méchans pour mieux déguiſer leur ſcélérateſſe ? Malheur à qui ne ſent pas tout l'effet que peut produire une excellente piece de théâtre, & ce qu'a de ſublime l'art qui de tous les cœurs ne fait qu'un cœur.

(b) Corneille a ſouvent un air de franchiſe, de liberté & de ſimplicité originale, & même quelque choſe de plus naturel que Racine.

avoir efféminé ses héros, effémine ses spectateurs (*a*). Le goût est l'art de relever les petites choses : en ce cas Corneille en avoit moins que Racine. Le tems, juge souverain, qui anéantit également & les éloges & les critiques, le tems a prononcé & a mis une grande distance entre ces deux écrivains : l'un est un génie du premier ordre ; l'autre, à quelques traits près empruntés des Grecs, n'est qu'un bel esprit, comme on l'a apprécié dans son siecle même. Dans le vôtre, les hommes n'avoient plus la même énergie ; on vouloit du fini, & le grand a toujours quelque chose de rude & de grossier ; le style étoit devenu le mérite principal, comme il arrive chez toutes les nations affoiblies & corrompues.

Je retrouvai le terrible Crébillon, qui a peint le crime sous les couleurs effrayantes qui le caractérisent. Ce peuple le lisoit quelquefois, mais on ne pouvoit consentir à le voir jouer.

On peut bien s'imaginer que je reconnus mon ami La Fontaine (*b*), également chéri & toujours lu. C'est le premier des poëtes moralistes, & Moliere, juste appréciateur, avoit pressenti son immortalité. Il est vrai que la fable est le ton allégorique de l'esclave qui n'ose parler à son maître ;

(a) Racine & Boileau étoient deux plats courtisans, qui approchoient du monarque avec l'étonnement de deux bourgeois de la rue St Denis. Ce n'étoit pas ainsi qu'Horace fréquentoit Auguste. Rien de plus petit que les lettres de ces deux poëtes extasiés de se trouver à la cour. Il est difficile de concevoir de plus basses platitudes. Enfin Racine mourut de chagrin, parce que Louis XIV l'avoit regardé de travers en traversant l'œil de bœuf.

(b) C'est le confident de la nature, c'est le poëte par excellence, & j'admire l'audace de ceux qui font des fables après lui avec la présomption de l'imiter.

mais comme elle tempere en même tems ce que la vérité peut avoir de dur, elle doit être long-tems précieuſe ſur un globe livré à toutes ſortes de tyrans. La ſatyre n'eſt peut-être que l'arme du déſeſpoir.

Que ce ſiecle avoit mis ce fabuliſte inimitable au-deſſus de Boileau (*a*), qui, (comme dit l'abbé Coſtard) faiſoit le dictateur au Parnaſſe, & qui, privé d'invention, de génie, de force, de grace & de ſentiment, n'avoit été qu'un verſificateur exact & froid. On avoit conſervé pluſieurs autres fables, entr'autres quelques-unes de la Motte & celles de Nivernois (*b*).

Le poëte Rouſſeau me parut bien chétif : on avoit gardé quelques odes & cantates ; mais pour ſes triſtes épîtres, ſes fatigantes & dures allégories, ſa Mandragore, ſes épigrammes, ouvrage d'un cœur dépravé, on penſe bien que de telles ordures avoient ſubi le feu qu'elles méritoient depuis long-tems. Je ne peux nombrer ici toutes les ſalutaires mutilations qui avoient été faites dans pluſieurs livres, d'ailleurs renommés. Je ne vis aucun de ces poëtes frivoliſtes qui n'avoient flatté

(a) Le critique qui, au lieu d'éclairer un auteur, ne veut que l'humilier, décele ſa vanité, ſon ignorance & ſa jalouſie ; ſa malignité ne peut lui permettre d'appercevoir nettement le bon & le mauvais d'un ouvrage. La critique n'eſt permiſe qu'à celui en qui les lumieres, le diſcernement & la probité ne ſont altérés par aucun intérêt perſonnel. O critique ! comprends-toi bien, & ſi tu veux juger ſainement de quelque choſe, juges que livré à tes ſeules lumieres tu ne ſais juger de rien.

(b) Dans ſept cent ans on ne ſe ſouviendra probablement point que ce charmant fabuliſte a été un duc, un cordon bleu, mais bien qu'il fut un philoſophe ingénieux.

que le goût de leur ſiecle, qui avoient répandu ſur les objets les plus ſérieux ce vernis trompeur de l'eſprit qui abuſe la raiſon (*a*) : toutes ces ſaillies d'une imagination légere & emportée, réduites à leur juſte valeur, s'étoient évaporées, comme ces étincelles qui ne brillent avec plus de vivacité que pour s'éteindre plutôt. Tous ces romanciers, ſoit hiſtoriques, ſoit moraux, ſoit politiques, chez qui les vérités iſolées ne s'étoient rencontrées que par hazard, qui n'avoient pas ſu les lier enſemble & les fortifier par leur liaiſon, & ceux qui n'avoient jamais vu un objet ſous toutes ſes faces & dans tous ſes rapports, & ceux enfin qui, égarés par l'eſprit de ſyſtême, n'avoient vu, n'avoient ſuivi que leurs propres idées ; tous ces écrivains, dis-je, trompés par l'abſence ou la préſence du génie, étoient diſparus, ou avoient été ſoumis à la ſerpe d'une judicieuſe critique, laquelle n'étoit plus un inſtrument de dommage (*b*).

La ſageſſe & l'amour de l'ordre avoient préſidé à cet utile abatis. Ainſi dans ces forêts épaiſſes où les branches entrelaſſées faiſoient diſparoître les routes où régnoit une ombre éternelle & mal ſaine, ſi l'induſtrie de l'homme y porte le fer & la flamme, on voit naître & les ſentiers fleuris & les doux rayons du ſoleil ; il diſſipe les ténebres ; la verdure plus animée recrée les yeux du voyageur

---

(*a*) *Lorſqu'Hercule vit dans le temple de Vénus la ſtatue d'Adonis, ſon favori, il s'écria :* Il n'y a point de divinité en toi ! *On peut appliquer ce mot à tant d'ouvrages polis, délicats, ingénieux, efféminés.*

(*b*) *Un bon eſprit devroit indiquer un catalogue raiſonné & approfondi des meilleurs livres en tout genre, & l'ordre & la maniere de les lire, donner les propres obſervations qu'il auroit faites, & indiquer dans d'autres les morceaux les plus propres à faire penſer.*

qui peut traverſer les routes ſans crainte ni dé-goût. J'apperçus dans un coin un livre curieux & qui me parut bien fait ; il avoit pour titre : *des réputations uſurpées* ; il motivoit les raiſons qui avoient décidé de l'extinction de pluſieurs livres, & du mépris attaché à la plume de certains écrivains, admirés néanmoins de leur ſiecle. Le même livre redreſſoit les torts des contemporains des grands hommes, quand leurs adverſaires avoient été injuſtes, jaloux ou aveuglés par quelqu'autre paſſion (*b*).

Je tombai ſur un Voltaire. O ciel ! m'écriai-je, qu'il a perdu de ſon embonpoint ! Où ſont ces vingt-ſix volumes *in-quarto*, émanés de ſa plume brillante, intariſſable ? Si ce célebre écrivain revenoit au monde, qu'il ſeroit étonné ! ---- Nous avons été obligés d'en bruler une bonne partie, me répondit-on. Vous ſavez que ce beau génie a payé un tribut un peu fort à la foibleſſe humaine. Il précipitoit ſes idées & ne leur donnoit pas le tems de mûrir. Il préféroit tout ce qui avoit un caractere de hardieſſe à la lente diſcuſſion de la vérité. Rarement auſſi avoit-il de la profondeur. C'étoit une hirondelle rapide, qui friſoit avec grace & légéreté la ſurface d'un large fleuve, qui buvoit, qui humectoit en courant : il faiſoit du génie avec de l'eſprit. On ne peut lui refuſer la premiere, la plus noble, la plus grande des vertus, l'amour de l'humanité. Il a combattu avec chaleur pour les intérêts de l'homme. Il a déteſté,

---

(*a*) *Il reſte un beau livre à faire, quoique déja fait :* des grands événemens par de petites cauſes. *Mais quel eſt l'homme qui ſaiſira le véritable fil ? J'en indiquerai un autre qui conviendroit fort à notre ſiecle :* des hommes en place qui ſe ſont rendus perſécuteurs pour ſervir la baſſeſſe de ceux qu'ils mépriſoient ; *encore un autre :* les crimes des ſouverains.

il

il a flétri la persécution, les tyrans de toute espece. Il a mis sur la scene la morale raisonnée & touchante. Il a peint l'héroïsme sous ses véritables traits. Il a été enfin le plus grand poëte des François. Nous avons conservé son poëme, quoique le plan en soit mesquin ; mais le nom de Henri IV le rendra immortel. Nous sommes sur-tout idolâtres de ses belles tragédies, où regne un pinceau si facile, si varié, si vrai. Nous avons conservé tous les morceaux de prose où il n'est pas bouffon, dur ou mauvais plaisant : c'est-là qu'il est vraiment original (*a*). Mais vous savez que vers les

---

(*a*) *Je chéris le peintre de la nature, qui laisse jouer son pinceau sur la toile, qui préfere une certaine liberté franche & hardie, qui vivifie les couleurs ; à cette exactitude froide, à cette régularité qui me rappelle sans cesse l'art & son mensonge. Oh ! qu'il sera brillant, l'écrivain livré tout entier à son génie, qui s'abandonne à des négligences volontaires, seme d'une main légere des traits heureux & mêlangés, daigne avoir des défauts, se plaît dans un certain désordre, & n'est jamais si intéressant que lorsqu'il se montre irrégulier. Voilà l'homme de goût par excellence ; il sait que l'ennuyeuse symétrie n'enchante que les sots, que toutes les imaginations vives aiment qu'on leur prête encore des ailes, que c'est à cette vivacité heureuse qui réveille l'ame, qu'on doit la foule des lecteurs ; que, comme le feu élémentaire, l'écrivain doit toujours être en action. Mais ce secret n'est que pour le petit nombre ; le plus grand travaille, sue, fait mille efforts, aspire à une perfection glaçante. Celui qui est né pour écrire, vif, étincelant, rapide, au-dessus des regles, jette du même trait de plume & son idée & le plaisir dans l'ame du lecteur. Voilà Voltaire : c'est un cerf qui parcourt le champ de la littérature ; & ses prétendus imitateurs, ses froids copistes, tels que La H** & autres auteurs congelés, sont des tortues rampantes.*

quinze dernieres années de ſa vie, il ne lui reſtoit plus que quelques idées qu'il repréſentoit ſous cent faces diverſes. Il rabachoit perpétuellement la même choſe. Il livroit le combat à des gens qu'il auroit dû mépriſer en ſilence. Il a eu le malheur d'écrire des injures plates & groſſieres contre *J. J. Rouſſeau*, & une fureur jalouſe l'égaroit tellement alors qu'il écrivoit ſans eſprit. Nous avons été obligé de bruler ces miſeres, qui l'eurent infailliblement déshonoré dans la poſtérité la plus reculée. Jaloux de ſa gloire plus qu'il ne le fut, pour conſerver le grand homme, nous avons détruit la moitié de lui-même.

Meſſieurs, je ſuis charmé, édifié, de trouver ici J. J. Rouſſeau tout entier. Quel livre que cet Emile ! (*a*) Quelle ame ſenſible répandue dans ce beau roman de la Nouvelle Héloïſe ! Que d'idées fortes, étendues & politiques dans ſes Lettres de la Montaigne ! Quelle fierté, quelle vigueur dans ſes autres productions ! Comme il penſe, & comme il fait penſer ! Tout me paroît digne d'être lu. --- Nous en avons jugé ainſi, reprit le bibliothécaire. L'orgueil étoit bien petit & bien cruel dans votre ſiecle, ajouta-t-il : vous ne l'avez pas entendu, en vérité ; la frivolité de votre eſprit ne s'eſt pas donné la peine de le ſuivre : il avoit quelque raiſon de vous dédaigner. Vos philoſophes eux-mêmes ont été peuples. . . Mais je crois que nous ſommes d'accord ſur ce philoſophe ; nous nous entendons, il eſt inutile d'en dire davantage.

En dérangeant les livres de la derniere armoire, je revis avec plaiſir pluſieurs ouvrages jadis chers à ma nation : l'Eſprit des Loix, l'Hiſtoire Naturelle, le livre de l'Eſprit, commenté en quelques

---

(*a*) *Que de platitudes imprimées contre cet immortel ouvrage ! Comment un homme oſe-t-il écrire, lors même qu'il ne ſait pas lire !*

endroits (*a*). On n'avoit pas oublié l'Ami des Hommes, le Bélisaire, les Oeuvres de Linguet, ni les Discours éloquens de Thomas (*b*), de Saint Servan, de Dupaty, de Le Tourneur, & les Entretiens de Phocion. Je reconnus les ouvrages nombreux & philosophiques que le siecle de Louis XV avoit produit (*c*). On avoit refait l'Encyclopédie sur un plan plus heureux. Au lieu de ce misérable goût de réduire tout en dictionnaire, c'est-à-dire, de hacher les sciences par morceaux, on avoit présenté chaque art en entier. On embrassoit d'un coup d'œil leurs différentes parties: c'étoient des tableaux vastes & précis qui se succédoient avec ordre; ils étoient liés entr'eux par le fil d'une méthode intéressante & simple. Tout ce qu'on avoit écrit contre la religion chrétienne avoit été brulé comme livres devenus absolument inutiles.

Je demandai les historiens, & le bibliothécaire me dit: ce sont en partie nos peintres qui se sont chargés de cet emploi. Les faits ont une certitude physique, qui est du ressort de leur pinceau. Qu'est-ce que l'histoire? Ce n'est au fond que la

---

(*a*) *L'araignée tire du poison, de la même rose d'où l'abeille extrait un miel doux; ainsi un méchant trouve souvent de quoi nourrir sa perversité dans le même livre où un sage rencontre son plus grand contentement.*

(*b*) *Il n'y a plus de tribune aux harangues; mais l'éloquence n'est point décédée: elle parle, elle tonne encore quelquefois; & si elle ne peut rallumer en nous les sentimens vertueux, du moins elle nous confond & nous fait rougir.*

(*c*) *La philosophie qui s'occupe de la nature de l'homme, de la politique & des mœurs, s'empresse à répandre des lumieres utiles; ses détracteurs sont des sots, ou de mauvais citoyens.*

ſcience des faits. Les réflexions, les raiſonnemens ſont de l'hiſtorien & non de la choſe même ; mais auſſi les faits ſont innombrables. Que de bruits populaires ! de fables ſurannées ! de détails ſans fin ! Les affaires de chaque ſiecle ſont les plus intéreſſantes de toutes pour les contemporains, & dans tous les ſiecles ce ſont les ſeules qu'ils n'ont pu approfondir.

On a écrit laborieuſement des faits antiques, étrangers, tandis que l'on détournoit ſon attention des faits préſens. L'eſprit de conjecture brille aux dépens de l'exactitude. Les hommes ont ſi peu connu leur foibleſſe, que pluſieurs ont oſé entreprendre des hiſtoires univerſelles ; plus inſenſés que ces bons Indiens qui donnoient du moins quatre éléphans pour baſe au monde phyſique. Enfin l'hiſtoire a été ſi défigurée, ſi hériſſée de menſonges, de réflexions puériles, que le roman devant tout eſprit ſenſé a paru trouver grace en comparaiſon de ces hiſtoires, où, comme ſur une mer ſans rives, on naviguoit ſans bouſſole(*a*).

Nous avons fait un rapide extrait, peignant les ſiecles à grands traits, & ne montrant que les perſonnages qui ont véritablement influé ſur le deſtin des empires (*b*). Nous avons omis ces re-

---

(*a*) *En réfléchiſſant ſur la nature de l'eſprit humain, on peut reconnoître l'impoſſibilité d'une hiſtoire ancienne, véritable. La moderne choque moins le vraiſemblable ; mais du vraiſemblable à la vérité il y a toujours preſque auſſi loin que de la vérité au menſonge. Auſſi n'apprenons-nous rien dans les hiſtoires modernes. Chaque hiſtorien accommode les faits à ſes idées, à-peu-près comme un cuiſinier apprête des viandes à ſa maniere : il faut dîner au goût du marmiton ; il faut lire au gré de l'écrivain.*

(*b*) *Je ne ſais pourquoi en écrivant l'hiſtoire on dit le regne de Charles VI, de Louis XIII ? C'eſt une*

gnes où l'on ne voit que des batailles & des exemples de fureur. Il a fallu les taire, & ne présenter que ce qui pouvoit faire l'honneur de l'homme. Il est peut-être dangereux de tenir registre de tous les excès où s'est porté le crime. Le nombre des coupables semble servir d'excuse ; & moins on voit d'attentats, moins on est tenté d'en commettre. Nous avons traité la nature humaine, comme ce fils respectueux qui craignit de faire rougir son pere, & qui couvrit d'un voile les désordres de l'ivresse.

Je m'approchai du bibliothécaire, & je lui demandai tout bas à l'oreille l'histoire du siecle de Louis XV pour servir de suite au siecle de Louis XIV de Voltaire. Cette histoire avoit été composée dans le vingtieme siecle. Je n'en lus jamais de plus curieuse, de plus étonnante, de plus singuliere. L'historien, en faveur de la bizarrerie des circonstances, n'avoit sacrifié aucun détail. Ma curiosité, mon étonnement redoubloient à chaque page. J'appris à réformer plusieurs de mes idées, & je compris que le siecle où l'on vit est pour nous le siecle le plus reculé. Je ris, j'admirai beaucoup ; mais je pleurai pour le moins tout autant.... Je n'en puis dire ici davantage : les événemens actuels sont comme ces pâtés qui ne deviennent bons à manger que lorsqu'ils sont refroidis (*a*).

---

maniere fautive de s'énoncer. Cela induit en erreur un lecteur qui n'est pas philosophe. Un monarque qui le plus souvent n'a point influé sur son siecle, doit rentrer dans la classe des hommes obscurs, & l'on doit dire, par exemple, après la mort de Henri IV, nous allons peindre le siecle de Richelieu, *&c.*

(*a*) *Tout se fait à la longue. Les secrets qu'on croyoit exactement renfermés vont se rendre au public, comme les rivieres vont à la mer : nos neveux sauront tout.*

CHAPITRE XXIX.

Les Gens de Lettres.

EN ſortant de la bibliotheque, un particulier, qui ne m'avoit pas dit un mot depuis trois heures, m'arrêta, & nous liâmes converſation enſemble. Elle tomba ſur les gens de lettres. J'en ai peu connu de mon tems, lui dis-je; mais ceux que j'ai fréquentés étoient doux, honnêtes, modeſtes, pleins de probité. Auroient-ils eu des défauts, ils les rachetoient par tant de qualités précieuſes, qu'il auroit fallu être incapable d'amitié pour ne point s'attacher à eux. L'envie, l'ignorance & la calomnie ont défiguré le caractere des autres: car tout homme public eſt expoſé aux ſots diſcours du vulgaire; tout aveugle qu'il eſt, il prononce hardiment (*a*). Les grands, privés pour la plupart de talens comme de vertus, étoient jaloux de ce qu'ils attachoient les regards de la nation, & feignoient de les mépriſer (*b*). Ces écrivains avoient

(a) Tel homme incapable d'écrire une ligne, mais qui a le talent verbal de la ſatyre, à force de fronder tous les livres, de dépriſer tous les auteurs & de flatter ainſi la malignité, s'eſt enfin perſuadé qu'il eſt lui-même un homme de goût & d'un tact fin; il ſe trompe, & dans le jugement qu'il porte de ſoi, & dans le jugement qu'il parte des autres.

(b) Ce n'eſt point aux plus puiſſans monarques, ni aux princes les plus riches, ni aux gouverneurs particuliers d'une nation, que la plupart des Etats doivent leur ſplendeur, leur force & leur gloire. Ce ſont de ſimples particuliers qui ont fait des progrès étonnans dans les arts, dans les ſciences, dans l'art même de gouverner. Qui a meſuré la terre? qui a découvert le

encore à combattre le goût dédaigneux du public, qui d'autant plus avare de louanges qu'il étoit riche de leurs travaux, abandonnoit quelquefois des chef-d'œuvres pour aller s'extasier à quelques plates bouffonneries. Enfin ils avoient besoin du plus grand courage pour se soutenir dans une carriere où l'orgueil des hommes leur offroit mille dégoûts ; mais ils ont bravé & l'insolent mépris des grands, & les propos imbécilles du vulgaire : la renommée juste, en flétrissant leurs adversaires, a couronné leurs nobles efforts.

Je les reconnois à ce portrait, me dit poliment mon interlocuteur. Les gens de lettres sont devenus les citoyens les plus respectables. Tous les hommes éprouvent le besoin d'être émus, attendris ; c'est le plaisir le plus vif que l'ame puisse goûter. C'est à eux que l'Etat a confié le soin de développer ce principe des vertus. En peignant des tableaux majestueux, attendrissans, terribles, ils rendent les hommes plus susceptibles de ten-

---

systême du ciel ? qui a mis en jeu ces curieuses manufactures qui habillent les nations ? qui a écrit l'histoire naturelle ? qui a scruté les profondeurs de la chymie, de l'anatomie, de la botanique ? Encore un coup ce sont de simples particuliers. Ils doivent aux yeux du sage éclipser ces prétendus grands, nains orgueilleux, qui ne se nourrissent que de leur propre vanité. Ce ne sont pas en effet ces rois, ces ministres, ces gens constitués en autorité, qui sont les véritables maîtres du monde ; ce sont ces hommes supérieurs, dont la voix puissante a dit à leur siecle : Bannis tel préjugé imbécille, pensée d'une maniere plus élevée, avilis ce que tu as follement respecté, & respecte ce que tu avilissois par ignorance ; profite de tes sottises passées pour mieux connoître les droits de l'homme ; adopte toutes mes idées : ta route est tracée, marche, je te réponds du succès.

dreſſe, & les diſpoſent en perfectionnant leur ſenſibilité à toutes les grandes qualités dont elle eſt l'origine. Nous trouvons, pourſuivit-il, que les écrivains de votre ſiecle, du côté de la morale & des vues profondes & utiles, ont ſurpaſſé de beaucoup les écrivains du ſiecle de Louis XIV. Ils ont peint les fautes des rois, les malheurs des peuples, les ravages des paſſions, les efforts de la vertu, les ſuccès même du crime. Fideles à leur vocation (*a*), ils ont eu le courage d'inſulter aux trophées ſanglans que la ſervitude & l'erreur avoient conſacrés à la tyrannie. Jamais la cauſe de l'humanité ne fut mieux plaidée; & quoiqu'ils l'aient perdue par une fatalité inconcevable, ces intrépides avocats n'en ſont pas moins demeurés couverts de gloire.

Tous ces traits de lumiere échappés à ces ames fortes & courageuſes, ſe ſont conſervés & tranſ-

---

(*a*) *Néron logeoit dans ſon palais la fameuſe* Locuſta, *ſavante dans l'art d'apprêter des poiſons ſubtils. Il étoit ſi jaloux de conſerver une femme auſſi utile à ſes deſſeins, qu'il lui donna des gardes. Ce fut elle qui compoſa le breuvage qui fit périr Britannicus. Comme l'effet du poiſon avoit noirci le viſage de ce malheureux prince, Néron fit étendre deſſus une couche de blanc qui n'offroit aux yeux que la pâleur d'une mort naturelle. Mais comme on le portoit au tombeau, une groſſe pluie qui ſurvint lava le fard & mit en évidence ce que l'empereur vouloit déguiſer. Je trouve dans ce fait une aſſez juſte allégorie: les rois careſſent avec complaiſance des monſtres fideles; ſoit aveuglement, ſoit mépris des loix, ſoit confiance en leur pouvoir, ils croient en impoſer à l'œil qui les contemple; mais bientôt l'hiſtoire eſt la pluie abondante qui emporte la couche menſongere & rend au crime la couleur qui lui eſt propre.*

mis

mis d'âge en âge (*a*). Tel un germe long-tems foulé aux pieds, est tout-à-coup transporté par un vent favorable ; s'il trouve un abri commode, il croît, s'éleve, forme un arbre, dont le feuillage épais devient à la fois un ornement & un asyle.

Si plus éclairés sur la véritable grandeur, nous méprisons le faste & l'ostentation des puissances, si nous avons tourné nos regards vers des objets dignes de la recherche des hommes, c'est aux lettres que nous en sommes redevables (*b*). Nos écrivains ont encore surpassé les vôtres en courage. Si quelque prince s'écartoit des loix, ils feroient revivre ce tribunal fameux à la Chine, ils graveroient son nom sur l'airain terrible où sa honte vivroit éternellement ; l'histoire est entre leurs mains l'écueil de la fausse gloire, l'arrêt porté contre les illustres criminels, le creuset où le héros disparoît s'il n'a pas été homme.

(a) Le commun des esprits, & ceux qui n'ont point approfondi jusqu'à un certain point les matieres du gouvernement, sont bien éloignés d'appercevoir la liaison des spéculations des sciences avec le bonheur & la richesse de l'Etat.

(b) On peut avancer avec une espece de certitude, que les lumieres faisant chaque jour de nouveaux progrès, descendant par degré dans presque tous les états, anéantiront d'une maniere sûre cette foule bizarre de loix, & y substitueront des usages plus naturels, plus sensés. La raison publique aura une volonté puissante & sage qui changera la face des nations. Ce sera l'imprimerie qui rendra cet important service à l'humanité. Imprimons donc ! & que tout le monde lise, femmes, enfans, valets, &c. mais en même tems, n'imprimons que des choses vraies, utiles, & méditons bien avant d'écrire.

Eh ! que les maîtres du monde, qui se plaignent que tout ce qui les approche ressent la contrainte & la dissimulation, soient confondus; n'ont-ils pas toujours auprès d'eux ces orateurs muets, indépendans, intrépides, qui peuvent les instruire sans les offenser, & qui n'ont auprès de leur trône ni faveurs à obtenir, ni disgrace à craindre (*a*) ?

Nous devons rendre justice à ces nobles écrivains, c'est qu'il n'est point d'état parmi les hommes qui ait mieux rempli sa destination. Les uns ont foudroyé la superstition, les autres ont soutenu les droits des peuples; ceux-ci ont creusé la mine féconde de la morale, ceux-là ont montré la vertu sous les traits d'une indulgente sensibilité (*b*). Nous avons oublié les foiblesses particu-

---

(a) J'ai lu une excellente tragédie d'Eschyle, c'est son Promethée: l'allégorie est belle & claire; c'est l'homme de génie qui accable un despote. Pour avoir éclairé les humains, pour leur avoir porté le feu céleste, il est attaché au sommet d'un rocher; brulé lentement par les rayons du soleil, son corps change de couleur: les nymphes des bois, des campagnes, l'entourent en gémissant, le plaignent & ne peuvent le soulager. La furie lui met des fers aux pieds qui pénetrent jusques dans les chairs: mais au milieu de ses tourmens le remords d'avoir été vertueux ne peut entrer dans son cœur.

(b) Quelle récompense pour un auteur, ami du bien & de la vérité, lorsqu'en lisant son livre on laisse tomber dessus une larme brulante, lorsqu'il attire du fond du cœur un profond soupir, & que refermant le livre pour quelques momens, on leve les yeux vers le ciel en formant des résolutions vertueuses ! Voilà sans doute le plus beau salaire qu'il doive espérer. Que sont auprès de ce triomphe les bruits discordans d'une renommée aussi vaine que passagere, aussi incertaine qu'enviée ?

lieres qu'en qualité d'hommes ils ont pu avoir.
Nous ne voyons que cette maſſe de lumiere qu'ils ont formée, agrandie, c'eſt un ſoleil moral qui ne s'éteindra plus qu'avec le flambeau de l'univers !

---- Je voudrois bien jouir de la préſence de vos grands hommes, car j'ai toujours eu un attrait particulier pour les bons écrivains; j'aime à les voir & ſur-tout à les entendre. ---- Vous tombez fort bien : on ouvre aujourd'hui les portes de l'académie ; l'on doit y recevoir un homme de lettres. ---- A la place, ſans doute, d'un académicien décédé ? ---- Que dites-vous ? le mérite doit-il attendre que le glaive du trépas ait frappé une tête pour venir occuper ſa place ? Le nombre des académiciens n'eſt point fixé : chaque talent trouve ſa couronne ; il en eſt aſſez pour les récompenſer tous (*a*).

CHAPITRE XXX.

L'Académie Françoiſe.

NOUS nous acheminâmes vers l'Académie Françoiſe : elle avoit conſervé ſon nom ; mais que ſa ſituation étoit différente ! que le lieu où elle tenoit ſes aſſemblées étoit changé ! Elle n'habitoit plus le palais des rois. O révolution étonnante des âges ! un pape s'eſt aſſis à la place des Céſars ! L'-

(*a*) *Un auteur, qui ne fait pas une grande ſenſation, peut aiſément ſe conſoler en ſongeant que dans un ſiecle moins éclairé il eût été un écrivain illuſtre : s'il étoit plus ſenſible aux progrès des connoiſſances humaines qu'aux intérêts de ſa vanité, au lieu de s'affliger il ſe réjouiroit de ne pouvoir ſortir de ſon obſcurité !*

gnorance & la superstition ont habité Athenes ! Les beaux arts ont volé en Russie ! Auroit-on cru de mon tems que ce mont autrefois tant ridiculisé pour avoir laissé remarquer sur son sommet quelques ânes paissant des chardons, étoit devenu la fidelle image du Parnasse antique, le séjour du génie, la demeure des fameux écrivains ? Aussi avoit-on aboli le nom de *Montmartre*, mais par pure complaisance pour les préjugés reçus.

Ce lieu auguste, ombragé de toutes parts de bois vénérables, étoit consacré à la solitude. Une loi expresse défendoit qu'on frappât l'air aux environs d'aucun bruit discordant. Les carrieres de plâtre étoient taries. La terre avoit enfanté de nouveaux lits de pierre pour servir de fondemens à ce noble asyle. Cette montagne, favorisée des plus doux regards du soleil, nourrissoit des arbres, dont les sommets élancés tantôt se croisoient dans les airs, tantôt laissoient de distance en distance quelques points entr'ouverts par où l'œil avide s'échappoit vers les cieux.

Je monte avec mon guide, j'apperçois çà & là de jolis hermitages, éloignés les uns des autres. Je demandai qui habitoit ces bosquets demi-sombres, demi-éclairés, dont l'aspect avoit quelque chose d'intéressant ? Vous ne tarderez pas à le savoir, me dit-on ; hâtez-vous, l'heure approche. En effet je vis un grand nombre de personnes qui arrivoient de côté & d'autre, non en carosse, mais à pied : leur conversation sembloit plus vive & plus animée. Nous entrâmes dans un édifice assez vaste, mais très-simplement décoré. Je n'apperçus aucun Suisse, armé d'une lourde hallebarde, à la porte du paisible sanctuaire des muses : rien ne m'empêcha de passer avec la foule des honnêtes gens (*a*).

(*a*) *J'ai toujours été très-curieux d'envisager un*

La ſalle étoit fort ſonore, de maniere que la plus foible voix académique ſe faiſoit diſtinctement entendre dans les points les plus éloignés. L'ordre qui régnoit dans les places n'étoit pas moins remarquable ; pluſieurs rangs de gradins tapiſſoient le contour de la ſalle ; car ce peuple ſavoit que l'oreille doit être à ſon aiſe à l'académie, comme l'œil au ſallon de peinture. Je conſidérai le tout à mon aiſe. Le nombre des ſieges académiques ne me parut pas ridiculement fixé ; mais ce qu'il y avoit de particulier, c'eſt que chaque fauteuil étoit ſurmonté d'un drapeau flottant: deſſus on liſoit diſtinctement le titre des ouvrages de l'académicien dont il ombrageoit la tête. Chacun pouvoit s'aſſeoir dans un fauteuil, ſans autre formule, ſous la ſeule loi qu'il déployeroit le drapeau où ſeroient inſcrits ſes titres. On ſe doute bien que perſonne n'oſoit arborer le drapeau blanc, comme faiſoient dans mon ſiecle Evêques, Ducs, Maréchaux, Précepteurs (*a*). On oſoit encore moins produire à l'œil ſévere du public le titre d'un ouvrage médiocre ou ſervilement imitateur ; il falloit que ce fût un ouvrage qui marquât un nouveau pas dans la carriere des arts, & le public n'adoptoit aucun livre qui ne l'emportât

---

grand homme, & j'ai cru reconnoître que le port, l'action, l'air de tête, la contenance, le regard, tout le diſtinguoit du commun des hommes. Il reſte une ſcience neuve à parcourir, l'étude de la phyſionomie.

(a) On a vu ſur les boulevards un automate qui articuloit des ſons, & le peuple de courir & d'admirer. Que d'automates à face humaine, à la cour, au barreau, dans les académies, doivent leurs accens au ſouffle inviſible & caché qui délie leurs langues ; dès qu'il ceſſe, ils reſtent muets.

ſur le dernier qui traitoit de la même matiere (*a*).

Mon guide me tira par la manche. ----- Vous avez un air bien étonné : mais voici de quoi l'être encor plus. Vous avez vu ſur votre chemin pluſieurs de ces retraites iſolées & charmantes, qui ont attiré vos regards. Eh bien ! c'eſt-là que ſe retire l'homme frappé du pouvoir inconnu qui lui commande d'écrire. Nos académiciens ſont des chartreux (*b*). C'eſt dans la ſolitude que le génie s'étend, ſe fortifie, s'élance de la voie commune pour s'ouvrir de nouveaux ſentiers. Quand l'enthouſiaſme vient-il à naître ? C'eſt quand l'auteur deſcend en lui-même, qu'il creuſe ſon ame, cette mine profonde dont le poſſeſſeur ignore quelquefois toute la valeur. La retraite & l'amitié, quels dieux inſpirateurs (*c*) ! Que faut-il de plus à des hommes qui cherchent la nature & la vérité ? Où font-elles entendre leur voix ſublime ? Eſt-ce dans le tumulte des villes, parmi cette foule de petites paſſions qui, à notre inſu, aſſiegent nos cœurs ? Non : c'eſt à la campagne où l'ame ſe rajeunit ; c'eſt-là qu'elle ſent la majeſté de l'univers, cette majeſté éloquente & paiſible : l'expreſſion part & s'enflamme, le ſentiment la frappe, la colore,

---

(*a*) *Il n'y a plus moyen de ſe diſtinguer, dit-on ! Gens avides de fumée, il reſte encore le ſentier de la vertu ; là vous ne rencontrerez pas beaucoup de concurrens. Mais ce n'eſt point de cette gloire-là que vous voulez : j'entends, vous voulez faire parler de vous ; je gémis ſur vous & ſur le genre humain.*

(*b*) *Que celui qui veut acquérir la force de l'ame, l'exerce par des fonctions aſſidues : l'homme le plus oiſif eſt le plus eſclave.*

(*c*) *L'homme a plus long-tems à vivre avec l'eſprit qu'avec les ſens : donc il ſera plus ſage de chercher les plaiſirs dans l'un, plutôt que dans les autres.*

& l'image devient plus grande, comme l'horizon qui nous environne.

De votre tems, les gens de lettres se répandoient dans les cercles pour y amuser des femmelettes & pour obtenir d'elles un sourire équivoque; ils sacrifioient des idées mâles & fortes à l'empire superstitieux de la mode; ils dénaturoient leur ame en voulant plaire à leur siecle : au lieu d'envisager l'auguste série des siecles à venir, ils se rendoient esclaves d'un goût momentané; ils couroient enfin après des mensonges ingénieux; ils étouffoient cette voix intérieure qui leur crioit : *sois sévere comme le tems qui fuit ! sois inexorable comme la postérité* (a). D'ailleurs, ils jouissent ici de cette heureuse médiocrité qui, parmi nous, est la souveraine richesse. Nous n'allons point les interrompre pour nous distraire, ou pour épier les moindres mouvemens de leur ame, ou pour nous vanter seulement de les avoir vus : nous respectons leur tems, comme nous respectons le pain sacré de l'indigent; mais attentifs à tous leurs besoins, au moindre signal ils se trouvent satisfaits. --- S'il est ainsi, vous devez avoir beaucoup de presses. Ne se trouveroit-il pas des gens qui prendroient ce titre pour honorer leur paresse ou leur foiblesse réelle ? ---- Non : c'est ici un séjour lumineux, où les moindres taches se font aisément reconnoître. Le fourbe & l'imposteur fuient ces lieux; ils ne peuvent regarder en face l'homme de génie dont rien n'abuse l'œil pénétrant. Quant à celui que la présomption (b) y con-

---

(a) *Le grand homme est modeste; l'homme médiocre fait sonner ses moindres avantages : ainsi les fleuves majestueux roulent en silence leurs eaux, tandis qu'un petit ruisseau coule avec bruit à travers les cailloux.*

(b) *Il n'est point d'objet qui n'ait cent faces diffé-*

duiroit en raiſon inverſe de ſon incapacité, il eſt des perſonnes charitables qui s'empreſſeroient à le guérir, à le diſſuader d'un projet qui ne tourneroit pas à ſon honneur. Enfin la loi porte... Notre converſation fut interrompue par un ſilence général qui ſe fit tout-à-coup dans l'aſſemblée. Mon ame paſſa toute entiere dans mon oreille, lorſque je vis un des académiciens s'apprêter à lire un manuſcrit qu'il tenoit en main, & d'aſſez bonne grace, ce qui n'eſt pas à dédaigner.

Trop ingrate mémoire, ſois maudite ! quel tour la perfide m'a joué ! Oh ! que ne puis-je me ſouvenir ici du diſcours éloquent que prononça cet académicien ! La force, la méthode, l'arrangement du ſtyle me ſont échappés ; mais l'impreſſion en eſt reſtée vivement empreinte dans mon ame. Non ; jamais je ne me ſentis ſi tranſporté. Le front de chaque aſſiſtant peignoit le ſentiment dont j'étois moi-même pénétré : c'étoit une des jouiſſances les plus délicieuſes que mon cœur ait éprouvées. Que de profondeur ! d'images ! de vérités ! Quelle flamme auguſte ! quel ton ſublime ! L'orateur parloit contre l'envie (*a*), les ſources de cette funeſte paſſion, ses horribles effets, l'infamie dont elle a ſouillé les lauriers qui couronnoient pluſieurs grands hommes : tout ce qu'elle a de vil, d'in-

---

rentes : il n'eſt qu'un point pour ſaiſir le côté vrai : pour peu qu'on s'en écarte, le travail & le génie même deviennent inutiles.

(a) Que je plains les eſprits envieux & jaloux ! Ils gliſſent ſur le beau de l'ouvrage, & ne ſavent point s'en nourrir ; ils ne cherchent que ce qui leur eſt analogue, le mauvais. L'homme de lettres, qui par l'exercice habituel de la raiſon & du goût fortifie l'un & l'autre, & ſe crée des jouiſſances ſans ceſſe renouvellées, eſt le plus heureux des hommes, s'il ſait ſe défendre de la jalouſie ou d'une ſenſibilité outrée.

juſte,

juſte, de déteſtable, étoit ſi fortement exprimé, qu'en déplorant les malheureuſes victimes de cette aveugle paſſion, on frémiſſoit en même tems de porter en ſoi-même un cœur infecté de ſes poiſons. Le miroir étoit ſi adroitement préſenté devant chaque caractere particulier; leurs petiteſſes ſe montroient ſous tant de faces ridicules & variées; le cœur humain étoit approfondi d'une maniere ſi neuve, ſi fine, ſi piquante, qu'il étoit impoſſible de ne pas s'y connoître ou de s'y reconnoître ſans former le deſſein d'abjurer cette miſérable foibleſſe. La peur qu'on avoit d'avoir quelque reſſemblance avec le monſtre affreux de l'envie produiſit un effet ſalutaire. Je vis, ô ſpectacle édifiant! ô moment inoui dans les annales de la littérature! je vis les perſonnes qui compoſoient l'aſſemblée ſe conſidérer d'un œil doux & careſſant. Je vis les académiciens ouvrir mutuellement leurs bras, s'embraſſer, pleurer de joie, le ſein appuyé & palpitant l'un contre l'autre. Je vis (le croira-t-on?) les auteurs répandus dans la ſalle imiter leurs tranſports affectueux, convenir des talens de leurs confreres, ſe jurer une amitié éternelle, inaltérable. Je vis des larmes d'attendriſſement & de bienveillance couler de tous les yeux. C'étoit un peuple de freres qui avoient ſubſtitué un applaudiſſement auſſi honorable à nos ſtupides battemens de mains (*a*).

Après qu'on eut bien ſavouré ces inſtans délicieux, après que chacun ſe fut rendu compte des

(*a*) *Lorſqu'au ſpectacle, à l'académie, un trait touchant ou ſublime vient ſaiſir l'aſſemblée, & qu'au lieu de ce profond ſoupir de l'ame, de cette émotion ſilencieuſe, j'entends ces claquemens redoublés qui ébranlent le plafond, je me dis à moi-même: ces gens-là ont beau battre des mains, ils ne ſentent rien; ce ſont des hommes de bois qui font jouer deux planches.*

ſenſations diverſes qu'il avoit reſſenties, que chacun eut cité les morceaux qui l'avoient le plus frappé, après qu'on ſe fut renouvellé cent fois le ſerment de s'aimer toujours, un autre membre de cette auguſte ſociété ſe leva d'un air riant : un bruit flatteur ſe répandit dans toute la ſalle, car il paſſoit pour un railleur ſocratique (*a*) ; il éleva la voix & dit :

Meſſieurs,

Pluſieurs raiſons m'ont engagé à vous donner aujourd'hui un petit extrait aſſez curieux, je penſe, de ce qu'étoit notre Académie dans ſon enfance, c'eſt-à-dire, vers le dix-huitieme ſiecle. Ce cardinal qui nous a fondés, & que nos prédéceſſeurs louoient à toute outrance, à qui on prêtoit dans notre établiſſement les vues les plus profondes, ne nous a jamais inſtitués, (avouons-le) que parce qu'il faiſoit lui-même de mauvais vers qu'il idolâtroit & qu'il vouloit qu'on admirât. Ce cardinal, dis-je, en invitant les écrivains à ne faire qu'un corps, dévoila ſon génie deſpotique, & les aſſujettit à des regles qu'a toujours méconnu le génie. Ce fondateur avoit ſi peu l'idée d'une ſociété pareille, qu'il crut ne devoir fonder que 40 places ; ainſi, vu les circonſtances, Corneille & Monteſquieu auroient pu ſe trouver à la porte & y reſter pendant toute leur vie. Ce cardinal s'imagina en même tems que le génie ſeroit obſcur par lui-même, ſi les titres & les dignités ne venoient relever ſon néant. Lorſqu'il porta ce jugement étrange, sûrement il n'avoit en vue que des ri-

---

(*a*) *Autant une raillerie mordante eſt le fruit de l'iniquité, autant une plaiſanterie ingénieuſe eſt le fruit de la ſageſſe : l'enjouement & la gaieté furent les armes les plus triomphantes de Socrate.*

mailleurs, tels que Colletet & ces autres poëtes qu'il alimentoit par pure vanité.

Il paſſa donc en coutume alors que ceux qui auroit de l'or en place de mérite, & des titres en place de génie, viendroient s'aſſeoir à côté de ceux dont la renommée publieroit les noms dans toute l'Europe. Il en donna l'exemple le premier, & il ne fut que trop ſuivi. Ces grands hommes qui attirerent l'attention de leur ſiecle, qui fixerent tous ſes regards en attendant ceux de la poſtérité, ayant couvert de gloire le lieu où ils tenoient leurs aſſemblées, l'homme titré & doré vint aſſiéger la porte; il oſa preſque leur faire entendre qu'il venoit faire rejaillir ſur eux l'éclat de ſes vains cordons, & il crut bonnement, ou parut croire, qu'il ſuffiſoit de s'aſſeoir à leurs côtés pour leur reſſembler.

On vit des maréchaux tant vainqueurs que battus, des têtes mitrées qui n'avoient point fait leurs mandemens, des gens de robe, des précepteurs, des financiers vouloir paſſer pour beaux eſprits, & n'étant tout au plus que la décoration du ſpectacle, ſe croire les véritables acteurs. A peine huit ou dix parmi les quarante figuroient par leur propre mérite; le reſte étoit d'emprunt.

Cependant il falloit la mort d'un académicien pour remplir une place qui, le plus ſouvent, n'en reſtoit pas moins vuide.

Quoi de plus riſible, que de voir cette académie dont la renommée alloit aux deux bouts de la capitale, tenir ſes aſſemblées dans une petite ſalle étroite & baſſe! Là, ſur pluſieurs fauteuils jadis rouges, paroiſſoient de tems à autre pluſieurs hommes ennuyés, nonchalamment aſſis, peſant des ſyllabes, épluchant gravement les mots d'une piece de vers, ou d'un diſcours en proſe, pour couronner enſuite le plus froid de tous: mais, en revanche, (obſervez-le bien, Meſſieurs) ils ne

ſe trompoient jamais dans le calcul des jettons qu'ils partageoient en profitant de l'abſence de leurs confreres. Croiriez-vous qu'ils donnoient au vainqueur une médaille d'or au lieu d'un rameau de chêne, & que cette médaille portoit pour deviſe cette inſcription riſible : *à l'immortalité ?* Hélas ! cette immortalité paſſoit le lendemain dans le creuſet d'un orfevre, & c'étoit-là l'avantage le plus réel qui reſtât à l'athlete couronné.

Croiriez-vous que quelquefois ce petit vainqueur perdoit la tête (*a*), tant ſon orgueil devenoit fol & ridicule ; & que les juges ne faiſoient gueres d'autres fonctions que de diſtribuer ces prix inutiles, dont perſonne ne ſe ſoucioit même d'être informé ?

Leur ſalle n'étoit ouverte qu'au peuple auteur, & ce peuple n'entroit que par billets. Le matin, l'opéra venoit chanter une meſſe en muſique ; puis un prêtre tremblant débitoit le panégyrique de Louis IX, (je ne ſais trop pourquoi) le louoit pendant plus d'une heure, quoiqu'il eût été aſſurément un mauvais ſire (*b*) ; puis l'on attendoit l'o-

---

(*a*) *Après les prix de l'univerſité qui font germer un ſot orgueil dans des têtes enfantines, je ne connois rien de plus dangereux que les médailles de nos académies littéraires. Le vainqueur ſe croit réellement un perſonnage, & le voilà gâté pour le reſte de ſa vie. Il dédaignera tous ceux qui n'auront pas été couronnés d'un laurier auſſi rare, auſſi illuſtre. Voyez dans le Mercure de France du mois de Septembre* 1769, *page* 184, *ligne* 13, *un exemple du plus ridicule égoïſme. Un très mince auteur rappelle au public qu'étant au college il faiſoit ſon thême mieux que ſes camarades ; il s'en glorifie, & s'imagine tenir le même rang dans la république des lettres* . . . riſum teneatis amici....

(*b*) *Le premier édit pénal contre des ſentimens ou*

rateur au morceau des croiſades : ce qui allumoit grandement la bile de l'archevêque, qui interdiſoit le prêtre orateur pour avoir eu la témérité de montrer du bon ſens. Le ſoir ſuccédoit encore un autre éloge : mais comme celui-ci étoit profane, l'archevêque heureuſement ne prononçoit pas ſur la doctrine qui y étoit renfermée.

Il faut dire que le lieu, où l'on faiſoit de l'eſprit, étoit défendu par des fuſiliers & par de gros Suiſſes qui n'entendoient pas le françois. Rien n'étoit plus plaiſant que de voir la maigre encolure d'un ſavant contraſter à leur rencontre avec leur ſtature énorme & repouſſante. On appelloit ces jours-là *aſſemblées publiques*. Le public, il eſt vrai, s'y rendoit, mais pour reſter à la porte ; ce qui n'étoit gueres reconnoître la complaiſance qu'on avoit de venir les entendre.

Cependant la ſeule liberté, qui reſtoit à la nation, étoit de prononcer ſouverainement ſur la proſe & ſur les vers, de ſiffler tel auteur, d'en applaudir tel autre, & par fois de ſe moquer d'eux tous.

La rage académique s'emparoit néanmoins de toutes les cervelles : tout le monde vouloit être cenſeur royal (*a*), puis académicien. On comptoit les jours de tous les membres qui compoſoient l'académie ; on calculoit le degré de vigueur que leur eſtomac conſervoit à table : au gré des aſpirans, la mortalité ne deſcendoit pas aſſez promptement ſur leurs têtes. Ils ſont *immortels !* diſoit-on.

---

opinions particulieres fut rendu par Louis IX, vulgairement dit St Louis.

(*a*) *Cenſeur royal ! Je n'ai jamais pu entendre ce mot ſans pouſſer de rire. Nous ignorons nous autres François combien nous ſommes ridicules, & les droits que nous donnons à la poſtérité de nous regarder en pitié.*

L'un marmotoit tout bas, en voyant un élu : ah! quand pourrai-je faire ton éloge au bout de la grande table, le chapeau ſur la tête, & te déclarer un grand homme conjointement avec Louis XIV & le Chancelier Seguier, lorſque déja oublié tu dormiras dans un cercueil à épitaphe.

Enfin les riches comploterent ſi bien dans un ſiecle où l'or tenoit lieu de tout le reſte, qu'ils chaſſerent les gens de lettres; de ſorte qu'à la génération ſuivante MM. les fermiers-généraux ſe trouverent poſſeſſeurs abſolus des quarante fauteuils, où ils ronflerent tout auſſi à leur aiſe que leurs devanciers, & ils furent encore plus habiles qu'eux dans le partage des jettons.

Alors nâquit l'ancien proverbe : *on ne peut entrer à l'Académie ſans équipage.*

Les gens de lettres déſeſpérés, & ne ſachant comment rentrer dans leur domaine uſurpé, conſpirerent en forme : ils ſe ſervirent de leurs armes ordinaires, épigrammes, chanſons, vaudevilles (*a*) ; ils épuiſerent toutes les fleches du carquois de la ſatyre : mais, hélas! tous leurs traits devinrent impuiſſans. Le calus étoit tellement formé ſur les cœurs, qu'ils n'étoient plus ſenſibles, même aux traits perçans du ridicule. MM. les auteurs auroient perdu leurs bons mots, ſans le ſecours d'une grave indigeſtion qui ſurprit un jour les académiciens raſſemblés à un feſtin ſplendide. Apollon, Plutus, & le dieu qui fait digérer, ſont trois divinités brouillées enſemble. L'indigeſtion les accablant au double titre de financiers & d'académiciens, ils en moururent preſque tous. Les gens de lettres rentrerent dans leur ancien domaine, & l'académie fut ſauvée. . . . . . .

(*a*) *Pauvres armes ! qu'on leur interdit encore, & que l'inſolent orgueil des grands tout à la fois appelle & redoute.*

Il s'éleva dans l'aſſemblée un éclat de rire univerſel. Quelqu'un vint me demander à l'oreille ſi la relation étoit exacte ? Oui, lui dis-je, à peu de choſe près ? Mais quand du ſommet de ſept cent années on plonge ſes regards dans le paſſé, il eſt aiſé ſans doute de donner des ridicules aux morts. Au reſte, l'académie convenoit même de mon tems que chaque membre qui la compoſoit valoit beaucoup mieux qu'elle. Il n'y a rien à ajouter à cet aveu. Le malheur eſt que dès que les hommes s'aſſemblent, leurs têtes ſe rétréciſſent, comme l'a dit Monteſquieu qui devoit le ſavoir.

Je paſſai dans la ſalle où ſe trouvoient les portraits des académiciens, tant anciens que modernes. Je contemplai les portraits de ceux qui doivent ſuccéder aux académiciens actuellement vivans ; mais pour ne chagriner perſonne, je me garderai bien de les nommer.

Hélas ! la vérité ſi ſouvent eſt cruelle,
On l'aime, & les humains ſont malheureux par elle.
Volt.

Mais je ne puis me refuſer à rapporter un fait qui cauſera sûrement beaucoup de plaiſir aux ames honnêtes, aimant la juſtice & déteſtant la tyrannie ; c'eſt que le portrait de l'abbé de Saint Pierre avoit été réhabilité & remis dans ſon rang avec tous les honneurs dûs à ſa rare vertu. On avoit effacé la baſſeſſe dont l'académie s'étoit rendue lâchement coupable, lorſqu'elle ploya ſous le joug d'une ſervitude qui devoit lui être étrangere. On avoit placé ce digne & vertueux écrivain entre Fenelon & Monteſquieu. Je donnai des louanges à cette noble équité. Je ne vis plus ni le portrait de Richelieu, ni le portrait de Chriſtine, ni le portrait de... ni le portrait de... ni le portrait de... qui, quoiqu'en peinture, étoient ſouverainement déplacés.

Je descendis de cette montagne, en reportant plusieurs fois la vue sur ces bosquets couverts, où résidoient ces beaux génies, qui dans le silence & la contemplation de la nature, travailloient à former le cœur de leurs concitoyens à la vertu, à l'amour du beau & du vrai, & je dis en moi-même : *je voudrois bien me rendre digne de cette Académie-là !*

CHAPITRE XXXI.

Le Cabinet du Roi.

NON-LOIN de ce séjour enchanté j'apperçus un temple vaste qui me remplit d'admiration & de respect. Sur son frontispice étoit écrit : *Abrégé de l'Univers*. Vous voyez, me dit-on, *le Cabinet du Roi.* Ce n'est pas que cet édifice lui appartienne ; il est à l'Etat : mais nous lui donnons ce titre comme une marque d'estime que nous avons pour sa personne ; d'ailleurs, à l'exemple des anciens rois, notre souverain exerce la médecine, la chirurgie & les arts. Il est revenu ce tems heureux où les hommes puissans qui ont en main les fonds nécessaires aux expériences, flattés de la gloire de faire des découvertes importantes au genre humain, se hâtent de porter les sciences à ce degré de perfection qui attendoit leurs regards & leur zele. Les plus considérables de la nation font servir leur opulence à arracher à la nature ses secrets ; & l'or, autrefois germe du crime & gage de l'oisiveté, sert l'humanité & ennoblit ses travaux.

J'entre, & je fus saisi d'une douce surprise ! Ce temple étoit le palais animé de la nature : toutes les productions qu'elle enfante y étoient rassemblées avec une profusion qui n'excluoit point l'ordre. Ce temple formoit quatre aîles d'une immense

menſe étendue : il étoit ſurmonté du dôme le plus vaſte qui ait jamais frappé mes regards.

De côté & d'autre ſe préſentoient des figures de marbre, avec cette inſcription : *A l'inventeur de la ſcie ; à l'inventeur du rabot ; à l'inventeur de la machine à bas ; à l'inventeur du tour, du cabeſtan, de la poulie, de la grue,* &c. &c.

Toutes les ſortes d'animaux, de végétaux & de minéraux étoient placés ſous ces quatre grandes aîles, & apperçus d'un coup d'œil. Quel immenſe & merveilleux aſſemblage !

Sous la premiere aîle, on voyoit depuis le cedre juſqu'à l'hyſope.

Sous la ſeconde, depuis l'aigle juſqu'à la mouche.

Sous la troiſieme, depuis l'éléphant juſqu'au ciron.

Sous la derniere, depuis la baleine juſqu'au goujon.

Au milieu du dôme étoient les jeux de la nature, les monſtres de toute eſpece, les productions bizarres, inconnues, uniques en leur genre : car la nature, au moment où elle abandonne ſes loix ordinaires, marque une intelligence encore plus profonde que lorſqu'elle ne s'écarte point de ſa route.

Sur les côtés, des morceaux entiers arrachés des mines préſentoient les laboratoires ſecrets où la nature travaille ces métaux que l'homme a rendus tour-à-tour utiles & dangereux. De longues couches de ſable, ſavamment enlevées & artiſtement placées, offroient l'intérieur de la terre & l'ordre qu'elle obſerve dans les différens lits de pierre (*a*), d'argile, de plâtre, qu'elle arrange.

(*a*) Voici ce qu'un de mes amis m'écrit. » *J'ai* » *plus que jamais le goût des carrieres. Je penſe qu'il* » *me rendra habitant des minéraux & pétrifications,*

De quel étonnement je fus frappé, lorsqu'au lieu de quelques os desséchés, j'apperçus l'im-

---

» *& qu'il me prépare peut-être un tombeau dans les*
» *entrailles de la terre. Je suis descendu à près de neuf*
» *cent pieds dans son enveloppe, près ***, très-fâ-*
» *ché de ne pouvoir aller plus avant. J'aurois voulu*
» *imprimer mes pas sur son noyau, & de-là l'interro-*
» *ger sur les nations diverses qui ont passé sur sa sur-*
» *face, lui demander si dans le nombre infini de ses*
» *enfans quelqu'un l'a remerciée de ses bienfaits; si*
» *à l'endroit où je médite, loin de la clarté du jour,*
» *elle auroit produit des fruits nourriciers; si là étoit*
» *un peuple ou un trône, & combien de couches for-*
» *mées des débris du genre humain elle recele du fond*
» *de cet abîme jusqu'au dernier point de son diamê-*
» *tre? Je l'aurois sollicitée à me laisser lire toutes*
» *les catastrophes qu'elle a essuyées; & je l'aurois*
» *trempée de mes larmes en apprenant tous les désas-*
» *tres dont elle n'a pu garantir sa nombreuse famille:*
» *désastres gravés sur des médailles incontestables;*
» *mais dont le souvenir est entiérement effacé: dé-*
» *sastres qui renaîtront quand elle dévorera dans ses*
» *flancs la génération présente, qui, à son tour,*
» *sera foulée par des générations sans nombre qui n'au-*
» *ront peut être d'autre ressemblance avec celle-ci que*
» *le partage des mêmes infortunes. C'est alors qu'au*
» *milieu de ma douleur, aussi juste qu'humain, j'au-*
» *rois formé des vœux cruels & charitables, j'aurois*
» *souhaité qu'elle engloutît dans son sein jusqu'au*
» *dernier être animé, qu'elle dérobât tout animal né*
» *sensible aux rayons de ce soleil, dont toutes les fa-*
» *veurs sont insuffisantes à la dédommager de l'oppres-*
» *sion des tyrans, qui se la partagent & la consu-*
» *ment.*

» *Il rouleroit ce globe qui porte tant de malheu-*
» *reux, il rouleroit alors dans un vaste & fortuné si-*
» *lence; il n'offriroit aux rayons du soleil aucun in-*

mense baleine en personne, le monstrueux hippopotame, le terrible crocodile, &c. On avoit observé dans l'arrangement les dégradations & les variétés que la nature a mises dans ses productions. Ainsi l'œil suivoit sans effort la marche des êtres, depuis le plus grand jusqu'au plus petit : on voyoit le lion, le tigre, la panthere, dans l'attitude fiere qui les caractérise. Les animaux voraces étoient figurés s'élançant sur leur proie : on leur avoit presque conservé l'énergie de leurs mouvemens, & ce souffle créateur qui les animoit. Les animaux plus doux, ou plus ingénieux, n'avoient rien perdu de leur physionomie : ruse, industrie, patience, l'art avoit tout rendu. L'histoire natu-

---

» *fortuné forcé de le maudire. Aucun cri plaintif ne*
» *s'éléveroit de cette planette, qui marcheroit dans*
» *les cieux avec une majesté tranquille. Ses enfans*
» *endormis dans le même tombeau la laisseroient obéir*
» *aux loix de la création, sans être les victimes de*
» *ces loix écrasantes qui frappent sur l'homme comme*
» *sur la plus vile portion d'argile : & la mort, envi-*
» *ronnant ce double hémisphere de son ombre paisi-*
» *ble, donneroit peut-être un spectacle plus touchant,*
» *que le regne bruyant de cette vie orgueilleuse, qui*
» *traine après elle l'enchaînement des crimes, le dé-*
» *bordement des malheurs & l'effroi même de leur fin.*

» J'ai répondu à cet ami que je ne formois pas
» avec lui ce dernier souhait; que les maux phy-
» siques étoient les plus supportables de tous, qu'ils
» étoient passagers, & qu'étant d'ailleurs inévita-
» bles, il n'y avoit qu'à se soumettre; mais qu'il
» étoit au pouvoir de l'homme de s'exempter
» des passions malheureuses qui le trompent & l'a-
» vilissent. Je lui ai répondu conformément aux
» principes suffisamment répandus dans cet ou-
» vrage; mais je n'ai pas moins cru devoir con-
» server ce morceau rempli d'une sensibilité forte,

relle de chaque animal étoit gravée à côté de lui ; & des hommes expliquoient verbalement ce qu'il eût été trop long de mettre par écrit.

L'échelle des êtres, ſi combattue de nos jours, & que pluſieurs philoſophes avoient judicieuſement ſoupçonnée, avoient alors reçu le trait de l'évidence. On voyoit diſtinctement que les eſpeces ſe touchent, ſe fondent, pour ainſi dire, l'une dans l'autre ; que par des paſſages délicats & ſenſibles, depuis la pierre brute juſqu'à la plante, depuis la plante juſqu'à l'animal, & depuis l'animal juſqu'à l'homme rien n'étoit interrompu, que les mêmes cauſes enfin d'accroiſſement, de durée & de deſtruction leur étoient communes. On avoit remarqué que la nature dans toutes ſes opérations tendoit avec énergie à former l'homme, & qu'élaborant patiemment & même de loin cet important ouvrage, elle s'eſſayoit à pluſieurs repriſes pour arriver à ce terme graduel de ſa perfection, lequel ſemble le dernier effort qui lui ſoit réſervé.

Ce cabinet n'étoit point un cahos . un amas indigeſte, où les objets épars ou entaſſés ne donnoient aucune idée nette ou préciſe. La gradation étoit ſavamment ménagée & ſuivie. Mais ce qui ſur-tout favoriſoit l'ordre, c'eſt qu'on avoit découvert une préparation qui préſervoit les pieces conſervées des inſectes nés de la corruption.

Je me ſentis opprimé du poids de tant de miracles. Mon œil embraſſoit tout le luxe de la nature. Comme en ce moment j'admirois ſon auteur ! Comme je rendois hommage à ſon intelligence, à ſa ſageſſe, à ſa bonté, plus précieuſe encore ! Que l'homme étoit grand ! en ſe promenant au milieu de tant de merveilles raſſemblées par ſes mains, & qui ſembloient créées pour lui ; puiſque lui ſeul a l'avantage de les ſentir & de les appercevoir. Cette file proportionnelle, ces nuances obſervées, ces lacunes apparentes & toujours

remplies, cet ordre gradué, ce plan qui n'admettoit point d'intermédiaire, après la vue des cieux, quel ſpectacle plus magnifique ſur cette terre qui, elle-même, n'eſt cependant qu'un atôme (*a*) !

Par quel courage étonnant a-t-on exécuté de ſi grandes choſes, demandai-je ?

C'eſt l'ouvrage de pluſieurs rois, me répondit-on : tous jaloux d'honorer le titre d'être intelligent, la curioſité de déchirer les voiles qui couvrent le ſein de la nature, cette paſſion ſublime & généreuſe, les a enflammés d'un feu toujours entretenu avec le même ſoin. Au lieu de compter des batailles gagnées, des villes priſes d'aſſaut, des conquêtes injuſtes & ſanguinaires, on dit de nos rois : *il a fait telle découverte dans l'océan des*

(*a*) *Il faut avouer que l'hiſtoire de la phyſique n'eſt que celle de notre foibleſſe. Le peu que nous ſavons nous révele l'étendue de notre ignorance. La phyſique eſt pour nous, comme pour les anciens, une ſcience occulte. On ne peut lui conteſter quelques parties, on peut lui nier le tout. Quel eſt l'axiome qui lui ſoit particulier ? Le projet d'une hiſtoire naturelle eſt très-digne d'éloges ; mais il eſt un peu faſtueux. Tel homme a conſumé ſa vie à pourſuivre la plus petite propriété d'un minéral, & il eſt mort avant d'avoir épuiſé la matiere. Cette immenſité d'objets, animaux, arbres, plantes, doit effrayer l'intelligence d'un ſeul homme. Mais doit-il ſe décourager ? Non : c'eſt ici que l'audace eſt vertu, l'opiniâtreté ſageſſe, la préſomption choſe utile. Il faut tant épier la nature, qu'à la fin elle laiſſe échapper ſon ſecret : la deviner ne paroît pas impoſſible à l'eſprit humain, pourvu que la chaîne des obſervations ne ſoit pas interrompue, & que chaque phyſicien ſe montre plus jaloux de la perfection de la ſcience que de ſa propre gloire ; ſacrifice rare, mais néceſſaire, & qui ſera diſtinguer le véritable ami des hommes.*

choſes, il a accompli tel projet favorable à l'humanité. On ne dépenſe plus cent millions pour faire égorger des hommes pendant une campagne ; on les emploie à augmenter les véritables richeſſes, à faire ſervir le génie & l'induſtrie, à doubler leurs forces, à completter leur bonheur.

De tout tems il y a eu des ſecrets découverts par les hommes les plus groſſiers en apparence ; on en a perdu plusieurs qui n'ont brillé que comme l'éclair ; mais nous avons ſenti qu'il n'y a rien de perdu que ce qu'on veut bien qu'il le ſoit. Tout repoſe dans le ſein de la nature ; il ne faut que chercher : il eſt vaſte, il préſente mille reſſources pour une. Rien ne s'anéantit dans l'ordre des êtres. En agitant perpétuellement la maſſe des idées, les rencontres les plus éloignées peuvent renaître (*a*).

(a) A voir le point d'où les hommes ſont partis en phyſique, & le point où ils s'arrêtent aujourd'hui, il faut avouer qu'avec toutes nos machines nous ne faiſons point un uſage auſſi étendu de notre ſagacité & de notre pénétration. L'homme livré à lui-même ſembloit plus fort qu'avec tous ces leviers étrangers. Plus nous avons acquis, plus nous ſommes devenus pareſſeux. Ce nombre infini d'expériences n'a gueres ſervi qu'à conſacrer l'erreur. Content de voir on a cru toucher le but ; on a dédaigné d'aller plus loin. Nos phyſiciens gliſſent ſur mille objets importans, dont ils paroîtroient devoir donner la ſolution. La phyſique expérimentale eſt devenue un ſpectacle ou plutôt une eſpece de charlatanerie publique. Le démonſtrateur aide ſouvent du doigt l'expérience qu'il a annoncée, ſi elle eſt pareſſeuſe ou déſobéiſſante. Que voit-on aujourd'hui ? Des découvertes iſolées, inutiles ; des phyſiciens dogmatiques, immolant tout à un ſyſtême ; des diſeurs de mots, éblouiſſant le vulgaire & faiſant pitié à l'homme qui ſouleve l'écorce polie de ces vaines paroles. Les Mémoires de l'Académie des Sciences

Intimement convaincus de la possibilité des plus étonnantes découvertes, nous n'avons point tardé à les faire.

Nous n'avons rien remis au hazard, c'est un vieux mot dépourvu de sens, & entiérement banni de notre langue. Le hazard n'est que le synonyme d'ignorance. Le travail, la sagacité, la patience, voilà les instrumens qui forcent la nature à découvrir ses trésors les plus cachés. L'homme a su tirer tout le parti possible des dons qu'il a reçus. En appercevant le point où il pouvoit monter, il a mis sa gloire à s'élancer dans la carriere infinie qui lui étoit ouverte. La vie d'un seul homme est, disoit-on, trop bornée. Eh bien! qu'avons-nous fait? Nous avons réuni les forces de chaque individu. Elles ont eu un empire prodigieux. L'un achéve ce que l'autre a commencé. La chaîne n'est jamais interrompue; chaque anneau s'unit fortement à l'anneau voisin: c'est ainsi qu'elle plonge dans l'étendue de plusieurs siecles; & cette chaîne d'idées & de travaux successifs doit un jour environner, embrasser l'univers. Ce n'est plus le seul intérêt d'une gloire personnelle, c'est l'intérêt du genre humain, à peine connu de vos jours, qui seconde les plus difficiles entreprises.

Nous ne nous égarons plus dans de vains systêmes (a): graces à Dieu, (& à votre folie) ils

---

présentent une multitude de faits; on y rencontre des observations étonnantes: mais toutes ces observations ressemblent à l'histoire de ces peuples inconnus où un seul homme s'est trouvé, & chez lesquels personne ne sauroit aborder de nouveau. Il faut croire le voyageur & le physicien; il faut les croire même s'ils se sont trompés: on ne peut tirer aucune utilité de leurs discours, vu la distance des lieux & la difficulté d'appliquer leur récit à quelque objet réel.

(a) Que les faiseurs de systêmes physiques ou mé-

ſont tous épuiſés & détruits. Nous ne marchons qu'au flambeau de l'expérience. Notre but eſt de connoître les mouvemens ſecrets des choſes, & d'étendre la domination de l'homme, en lui donnant le moyen d'exécuter tous les travaux qui peuvent agrandir ſon être.

Nous avons certains hermites (les ſeuls que nous connoiſſions) qui vivent dans les forêts : mais c'eſt pour herboriſer. Ils y vivent par choix, par amour : ils ſe rendent ici à certains jours marqués, afin de nous enſeigner pluſieurs découvertes précieuſes.

Nous avons élevé des tours ſituées ſur le ſommet des montagnes ; c'eſt de-là qu'on fait des obſervations continuelles qui ſe croiſent & ſe correſpondent.

Nous avons formé des torrens & des cataractes artificiels, afin d'avoir un force ſuffiſante pour produire les plus grands effets du mouvement (*a*).

---

taphyſiques m'expliquent ceci : le pere Mabillon étoit fort borné dans ſa jeuneſſe. A vingt-ſix ans il fit une chûte, ſa tête porta contre l'angle d'un eſcalier en pierre. On trépana mon imbécille. Il ſortit de cette opération avec un entendement lumineux, une mémoire étonnante, un zele exceſſif pour l'étude. Le trépan, en agiſſant ſur ſa cervelle, en fit un homme nouveau.

(*a*) *Les plus brillans & les plus coûteux monumens ne ſont pas les plus admirables, quand ils ne ſont élevés que pour un faſte inutile. La machine qui fait mouvoir les eaux qui vont baigner Marli, aux yeux du ſage, n'a pas tant de valeur que la ſimple roue que fait tourner un petit ruiſſeau pour moudre le pain de pluſieurs villages, ou ſoulager les travaux du laborieux manufacturier. Le génie peut être puiſſant, mais il n'eſt grand que lorſqu'il ſert l'humanité.*

Nous

Nous avons établi des bains aromatiques pour rétablir les corps ſéchés par l'âge, pour renouveller les forces & la ſubſtance : car Dieu n'a créé tant de plantes ſalutaires, & n'a donné à l'homme l'intelligence de les connoître, que pour confier à ſon induſtrie le ſoin de conſerver ſa ſanté & la trame fragile & précieuſe de ſes jours.

Nos promenades mêmes, qui chez vous ne ſembloient faites que pour l'agrément, nous paient un tribut utile. Ce ſont des arbres fruitiers qui réjouiſſent la vue, qui embaument l'odorat, & qui remplacent le tilleul, le ſtéril maronier & l'orme rabougri. Nous entons & nous greffons nos arbres ſauvages, afin que nos travaux répondent à l'heureuſe libéralité de la nature, qui n'attend que la main du maître à qui le créateur l'a, pour ainſi dire, ſoumiſe.

Nous avons de vaſtes ménageries pour toutes ſortes d'animaux. Nous avons rencontré dans le fond des déſerts des eſpeces qui vous étoient abſolument inconnues. Nous mêlangeons les races pour en voir les différens réſultats. Nous avons fait des découvertes extraordinaires & très-utiles, & l'eſpece eſt devenue plus groſſe & plus grande du double ; nous avons enfin remarqué que les peines que l'on ſe donne avec la nature ſont rarement infructueuſes.

Auſſi avons-nous retrouvé pluſieurs ſecrets qui étoient perdus pour vous, parce que vous ne vous donniez pas même la peine de les chercher ; vous étiez plus amoureux d'entaſſer des mots dans des livres, que de reſſuſciter à force de main d'œuvre des inventions merveilleuſes. Nous poſſédons aujourd'hui, comme les anciens, le verre malléable, les pierres ſpéculaires, la pourpre tyrrhienne qui teignoit les vêtemens des empereurs, le miroir d'Archimede, l'art des embaumemens des Egyptiens, les machines qui dreſſerent leurs

obélisques, la matiere du linceul où les corps se consumoient en cendre sur le bûcher, l'art de fondre les pierres, les lampes inextinguibles, & jusqu'à la sauce appienne.

Promenez-vous dans ces jardins où la botanique a reçu toute la perfection dont elle étoit susceptible (*a*). Vos aveugles philosophes se plaignoient de ce que la terre étoit couverte de poissons; nous avons découvert que c'étoient les remedes les plus actifs que l'on pût employer : la providence a été justifiée, & elle le seroit en tout point, si nos connoissances n'étoient pas si foibles & nous si bornés. On n'entend plus de plaintes sur ce globe; une voix lamentable ne s'écrie plus : *tout est mal!* On dit sous l'œil d'un Dieu : *tout est bien!* Les effets mêmes des poissons ont été apperçus & décrits, & nous nous jouons avec eux.

Nous avons extrait le suc des plantes avec tant de succès, que nous en avons formé des liqueurs pénétrantes & non moins douces, qui s'insinuent dans les pores, se mêlent aux fluides, rétablissent les tempéramens, & rendent le corps plus ferme, plus souple & plus robuste.

Nous avons trouvé le secret de dissoudre la pierre dans le corps humain, sans bruler les entrailles. Nous guérissons la phthisie, la pulmonie, toutes ces maladies autrefois jugées mortelles (*b*).

(a) Toi, qui traverses les campagnes en songeant peut-être au vaisseau qui porte tes trésors & sillonne les mers, arrête, imprudent! tu foules aux pieds une herbe obscure & salutaire qui feroit germer dans ton cœur la joie & la santé. C'est un plus riche trésor que tous ceux dont ton navire peut être chargé : après avoir poursuivi mille chimeres, finis, comme J. J. Rousseau, par herboriser.

(b) Il est honteux à un homme d'annoncer qu'il a un secret utile à l'humanité & de le conserver pour lui

Mais le plus beau de nos exploits eſt d'avoir exterminé cette hidre épouvantable, ce fléau honteux & cruel qui attaquoit les ſources de la vie & celles du plaiſir : le genre humain touchoit à ſa ruine, nous avons découvert le ſpécifique heureux qui devoit le rendre à la vie, & au plaiſir plus précieux encore *(a)*.

Chemin faiſant, le Buffon de ce ſiecle joignoit la démonſtration aux paroles, & me montroit les objets phyſiques, en y joignant ſes propres réflexions.

Mais ce qui me ſurprit davantage, ce fut un cabinet d'optique où l'on avoit ſu réunir tous les accidens de la lumiere. C'étoit une magie perpétuelle. On fit paſſer ſous mes yeux des payſages, des points de vue, des palais, des arcs-en-ciel, des météores, des chiffres lumineux, des mers qui n'exiſtoient point, & qui me firent une illuſion plus frappante que la vérité même. C'étoit un ſéjour d'enchantement. Le ſpectacle de la création, qui nâquit dans un clin d'œil, ne m'auroit pas procuré une ſenſation plus vive & plus exquiſe.

On me préſenta des microſcopes, au moyen deſquels j'apperçus de nouveaux êtres échappés à

& pour ſa famille. Eh, quelle récompenſe attend-il ? Malheureux ! tu peux te promener au milieu de tes freres & te dire à toi-même : ces êtres qui marchent me doivent une partie de leur ſanté & de leur félicité! Et tu ne ſens point ce noble orgueil, & tu n'es pas ému de cette idée attendriſſante ! Prends de l'or, miſérable, & ferme ton ame à cette jouiſſance ; tu te rends juſtice, tu te punis toi-même.

(a) Je ſuis triſte lorſque j'entends plaiſanter ſur ce fléau douloureux : on ne doit parler de cette horrible maladie que la larme à l'œil, & en cela ne point imiter le bouffon Voltaire.

la vue perçante de nos modernes obſervateurs. L'œil n'étoit point fatigué, tant l'art étoit ſimple & merveilleux. Chaque pas que l'on faiſoit dans ce ſéjour ſatisfaiſoit la curioſité la plus ardente. Plus elle paroiſſoit inépuiſable, plus elle trouvoit d'alimens à dévorer. Oh ! que l'homme eſt grand ici, m'écriai-je pluſieurs fois, & que ceux qu'on appelloit de mon ſiecle de grands hommes étoient petits en comparaiſon (*a*).

L'acouſtique n'étoit pas moins miraculeuſe. On avoit ſu imiter tous les ſons articulés de la voix humaine, du cri des animaux, du chant varié des oiſeaux : on faiſoit jouer certains reſſorts, & l'on ſe croyoit tout-à-coup tranſporté dans une forêt ſauvage. On entendoit le rugiſſement des lions, des tigres & des ours, qui ſembloient ſe dévorer entr'eux. L'oreille étoit déchirée, on eût dit que l'écho, plus formidable encore, répétoit au loin ces ſons diſcordans & barbares. Mais voici que le chant des roſſignols ſuccédoit à ces tons diſcordans. Sous leurs goſiers harmonieux, chaque particule d'air devenoit mélodieuſe ; l'oreille ſaiſiſſoit juſqu'aux frémiſſemens de leurs aîles amoureuſes, & ces ſons flattés & doux que le goſier de l'homme n'a jamais pu imiter qu'impar-

---

(*a*) *On pourroit faire un ouvrage volumineux des différentes queſtions, tant phyſiques, morales & métaphyſiques, qui ſe préſentent en foule à l'eſprit & ſur leſquels les hommes de génie ſont auſſi ignorans que les ſots, & l'on pourroit répondre en un ſeul mot à toutes ces queſtions phyſiques, morales & métaphyſiques : mais ce mot eſt celui du profond logogryphe qui nous environne. Je ne déſeſpere pas qu'on le trouve un jour ; j'attends tout de l'eſprit humain quand il connoitra ſes forces, quand il les unira, quand il regardera ſon intelligence comme devant pénétrer ce qui eſt, & ſoumettre ce qu'il touche.*

faitement. A l'ivreſſe du plaiſir ſe joignoit la douce ſurpriſe ; & la volupté qui naiſſoit de ce mêlange heureux, deſcendoit dans tous les cœurs.

Ce peuple, qui avoit toujours un but moral dans les prodiges mêmes d'un art curieux, avoit ſu tirer parti de ſa profonde invention. Dès qu'un jeune prince parloit de combats, ou inclinoit à quelque paſſion belliqueuſe (*a*), on le conduiſoit dans une ſalle qu'on avoit juſtement nommée *l'enfer :* auſſi-tôt un machiniſte mettoit en jeu les reſſorts accoutumés, & l'on produiſoit à ſon oreille toutes les horreurs d'une mêlée, & les cris de la rage, & ceux de la douleur, & les clameurs plaintives des mourans, & les ſons de la terreur, & les mugiſſemens de cet affreux tonnerre, ſignal de la deſtruction, voix exécrable de la mort. Si la nature ne ſe ſoulevoit pas alors dans ſon ame, s'il ne jettoit pas un cri d'horreur, ſi ſon front demeuroit calme & immobile, on l'enfermoit dans cette ſalle pour le reſte de ſes jours ; mais chaque matin on avoit ſoin de lui répéter ce morceau de muſique, afin qu'il ſe contentât du moins ſans que l'humanité en ſouffrît.

L'Intendant de ce cabinet me joua un tour ; il fit raiſonner tout-à-coup ſon infernal opéra ſans m'avoir prévenu. Ciel ! Ciel ! grace ! grace ! m'é-

---

(*a*) *Puiſſans potentats, qui vous partagez ce globe, vous avez des canons, des mortiers, des armées nombreuſes, qui développent des files éblouiſſantes de ſoldats : d'un mot vous les envoyez exterminer un royaume ou conquérir une province. Je ne ſais pourquoi au milieu de vos enſeignes flottantes, vous me paroiſſez miſérables & petits. Les Romains, dans leurs jeux, faiſoient combattre des pigmées ; ils ſourioient des coups qu'ils ſe portoient : ils ne ſoupçonnoient pas qu'ils étoient eux-mêmes devant l'œil du ſage ce que ces nains paroiſſoient à leurs yeux.*

criai-je de toutes mes forces & en me bouchant les oreilles : épargnez-moi, épargnez-moi ! Il fit cesser. --- Comment, me dit-il, ceci ne vous plaît point ? --- Il faut être un démon, lui répondis-je, pour se plaire à cet horrible tapage.---C'étoit cependant de votre tems un divertissement fort commun, que les rois & les princes prenoient tout comme celui de la chasse (*a*), (laquelle, on l'a fort bien dit, étoit la fidelle image de la guerre) (*b*). En-

---

(*a*) *Dans les calamités actuelles qui désolent l'Europe, ce que je trouve de plus avantageux est la dépopulation. Du moins, puisque les hommes doivent être si malheureux, il y aura moins d'infortunés. Si cette réflexion est barbare, que le blâme en retombe sur ses auteurs.*

(*b*) *Singuliere & déplorable constitution de notre monde politique ! Huit à dix têtes couronnées tiennent l'espece humaine à la chaine, se correspondent, se prêtent des secours mutuels, pour la maintenir entre leurs mains royales, pour la serrer à leur gré jusqu'à produire des mouvemens convulsifs. La conspiration n'est point cachée dans l'ombre ; elle est publique, elle est ouverte, elle se traite par ambassadeurs. Nos plaintes n'arrivent plus jusqu'à leurs superbes oreilles. Jettons un coup d'œil sur l'Europe : elle n'est plus qu'un vaste arsenal où des milliers de barils de poudre n'attendent pour prendre feu qu'une légere étincelle. Souvent c'est la main d'un ministre étourdi qui cause l'explosion. Elle embrase à la fois le midi, le nord, les deux bouts de la terre. Combien de pieces de canons, de bombes, de fusils, de boulets, de balles, d'épées, de bayonnettes, &c. de marionettes meurtrieres, obéissantes au fouet de la discipline, attendent l'ordre émané d'un cabinet pour jouer leurs parades sanglantes ? La géométrie elle-même a profané ses divins attributs ! elle favorise les fureurs tour-à-tour ambitieuses, tour-à-tour*

ſuite les poëtes venoient les féliciter d'avoir effrayé les oiſeaux du ciel à dix lieues à la ronde, & d'avoir ſagement pourvu à la curée des corbeaux : ſur-tout ces poëtes ſe plaiſoient fort à décrire une

---

extravagantes des ſouverains. Avec quelle préciſion on ſait détruire une armée, foudroyer un camp, aſſiéger une place; incendier une ville! J'ai vu des académiciens combiner de ſang-froid la charge d'un canon. Eh! Meſſieurs, attendez que vous ayiez ſeulement une principauté. Que vous importe quel nom doit régner dans tel pays? Votre patriotiſme eſt une vertu fauſſe & dangereuſe à l'humanité. Car examinons un peu ce que ſignifie ce mot patriotiſme. *Pour être attaché à un état, il faut être membre de l'état. Excepté deux ou trois républiques, il n'y a plus de patrie proprement dite. Pourquoi l'Anglois ſeroit-il mon ennemi? Je ſuis lié avec lui par le commerce, par les arts, par tous les nœuds poſſibles : il n'exiſte entre nous aucune antipathie naturelle. Pourquoi voulez-vous donc que paſſé telle borne je ſépare ma cauſe de celle des autres hommes? Le patriotiſme eſt un fanatiſme inventé par les rois, & funeſte à l'univers. Car ſi ma nation étoit trois fois plus petite, j'aurois à haïr trois fois plus de gens; mes affections dépendroient des limites changeantes des états : dans la même année il faudroit aller porter la flamme chez mon voiſin, & me réconcilier avec celui que j'aurois égorgé la veille. Je ne ſoutiendrois donc au fond que les droits capricieux d'un maître qui voudroit commander à mon ame. Non : l'Europe ne doit plus former à mes yeux qu'un vaſte état : & le ſouhait que j'oſe faire, c'eſt qu'elle ſe réuniſſe ſous une ſeule & même domination. Tout vu, tout conſidéré, ce ſeroit-là un grand avantage : alors je pourrois être patriote. Mais aujourd'hui, qu'eſt-ce que la liberté moderne? Elle n'eſt autre choſe (dit un écrivain), que l'héroïſme de l'eſclavage.*

bataille. ----- Ah ! je vous prie, ne me parlez plus de cette maladie épidémique qui attaquoit la pauvre eſpece humaine. Hélas ! elle avoit tous les ſymptômes de la rage & de la folie. Des rois poltrons, du haut de leur trône, l'envoyoient mourir : & le troupeau obéiſſant, ſous la garde d'un ſeul chien, alloit joyeuſement à la boucherie. Comment la guérir dans ces tems d'illuſion? Comment briſer le taliſman magique ! Un petit bâton, un cordonnet rouge ou bleu, une petite croix d'émail répandoit par-tout l'eſprit de vertige & de fureur. D'autres devenoient enragés ſeulement à l'aſpect d'une cocarde ou de quelques oboles. La guériſon a dû être longue : mais j'avois preſque deviné que tôt ou tard le baume calmant de la philoſophie cicatriſeroit ces plaies honteuſes (*a*).

On me fit entrer dans le cabinet de mathématiques : il me parut très-riche, & on ne peut pas mieux ordonné. On avoit banni de cette ſcience tout ce qui reſſembloit à des jeux d'enfans, tout ce qui n'étoit que ſpéculation ſeche, oiſive, ou qui paſſoit les bornes de notre pouvoir. Je vis des machines de toute eſpece faites pour ſoulager les bras de l'homme, douées de puiſſances beaucoup plus fortes que celles que nous connoiſſions. Elles produiſoient toutes ſortes de mouvemens. On ſe jouoit ainſi des plus peſans fardeaux. ---- Vous voyez, me dit-on, ces obéliſques, ces arcs de

(*a*) *Quel ſpectacle ! deux cent mille hommes répandus dans de vaſtes campagnes, & qui n'attendent que le ſignal pour s'égorger. Ils ſe maſſacrent à la face du ſoleil, ſur les fleurs du printems. Ce n'eſt point la haine qui les anime : ce ſont des rois qui leur ordonnent de mourir. Si ce cruel événement arrivoit pour la premiere fois, ceux qui n'en ont pas été témoins ne ſeroient-ils pas en droit de le révoquer en doute ?* Cette penſée appartient à M. Gaillard.

triomphe,

triomphe, ces palais, ces hardis monumens dont l'œil est étonné : ils ne sont point l'ouvrage de la force, du nombre & de la dextérité ; les instrumens, les leviers plus perfectionnés, voilà ce qui a tout fait. Je trouvai en effet & dans le plus grand détail les instrumens les plus exacts, soit pour la géométrie, soit pour l'astronomie, &c.

Tous ceux qui avoient tenté des expériences d'un genre neuf, hardi, étonnant, eussent-ils même échoué ? (car on ne s'instruit pas moins en ne réussissant pas) avoient leurs bustes en marbre environnés des attributs convenables.

Mais l'on me dit tout bas à l'oreille, que plusieurs secrets singuliers, merveilleux, n'étoient remis qu'entre les mains d'un petit nombre de sages ; qu'il étoit des choses bonnes par elles-mêmes, mais dont on pourroit abuser par la suite (*a*) : l'esprit humain, selon eux, n'étoit pas encore au terme où il devoit monter, pour faire usage sans risque des plus rares ou des plus puissantes découvertes (*b*).

(*a*) *Le roi Ezéchias (dit la Bible) fit supprimer un livre qui traitoit de la vertu des plantes, crainte qu'on n'en fit usage mal-à-propos, & que cela même n'engendrât des maladies. Ce fait est curieux & donne beaucoup à penser.*

(*b*) *Quel jour horrible & funeste au genre humain que celui où un moine trouva dans le salpêtre une poudre meurtriere ! L'Arioste dit que le diable ayant imaginé une carabine, ému de pitié, la jetta au fond d'un fleuve. Hélas ! il n'est plus d'asyle sur la terre : il n'est plus besoin de courage ; il est inutile : le citoyen valeureux n'a rien à attendre de son bras. Le canon est remis entre les mains d'un petit nombre d'hommes ; le canon les rend propriétaires absolus de notre existence : & si par malheur ils venoient à s'entendre, que deviendrions-nous tous ?*

CHAPITRE XXXII.

Le Sallon.

COMME les Arts parmi ce peuple se tenoient par la main, au figuré comme au moral, je n'eus que quelques pas à faire, & je me trouvai à l'académie de peinture. J'entrai dans de vastes sallons garnis des tableaux des plus grands maîtres. Chacun donnoit l'équivalent d'un livre moral & instructif. On ne voyoit plus dans cette collection le refrein de cette éternelle mythologie, mille & mille fois recopiée. Ingénieuse dans le commencement de l'art, elle avoit bien acquis le droit de paroître fastidieuse. Les plus belles choses à la longue deviennent communes : le refrein est la langue des sots. Il en étoit ainsi de toutes les flatteries grossieres de ces peintres adulateurs qui avoient déifié Louis XIV. Le tems, semblable à la vérité, avoit dévoré cette toile mensongere ; ainsi qu'il avoit mis à leur véritable place les vers de Boileau & les prologues de Quinaut. Il étois défendu aux arts de mentir (*a*). Il n'existoit plut

(*a*) *Quand je vois dans la galerie de Versailles Louis XIV une foudre à la main, assis sur des nuages azurés, peint en dieu tonnant, la pitié dédaigneuse que je ressens pour le pinceau de le Brun rejaillit presque sur l'art; mais cette peinture survit au dieu foudroyant, à l'artiste qui lui fit présent du tonnerre : cette réflexion me calme, & je souris.*

La premiere fois que Louis XIV vit des Tenieres, il détourna la tête avec un air de dégoût & les fit ôter de ses appartemens. Si ce monarque n'a pu souffrir la peinture de ces bonnes gens qui trinquent & dansent avec gaieté ; s'il leur a préféré ces hommes bleus, qui courent à cheval à travers la fumée & la poussiere d'un camp, l'ame de Louis XIV est jugée.

auſſi de ces hommes épais qu'on nommoit *amateurs*, & qui commandoient au génie de l'artiſte, un lingot d'or en main. Le génie étoit libre, ne ſuivoit que ſes propres loix, & ne s'aviliſſoit plus.

Dans ces ſallons moraux on ne voyoit plus de ſanglantes batailles, ni les débauches honteuſes des dieux de la fable, & encore moins des ſouverains environnés des vertus qui préciſément leur manquerent : on n'expoſoit que des ſujets propres à inſpirer des ſentimens de grandeur & de vertu. Toutes ces divinités payennes, auſſi abſurdes que ſcandaleuſes, n'occupoient plus des pinceaux précieux, déſormais deſtinés au ſoin de tranſmettre à l'avenir les faits les plus importans : on entendoit par ce mot ceux qui donnoient une plus noble idée de l'homme, comme la clémence, la généroſité, le dévouement, le courage, le mépris de la molleſſe.

Je vis qu'on avoit traité tous les beaux ſujets qui méritoient de paſſer à la poſtérité : la grandeur d'ame des ſouverains étoit ſur-tout immortaliſée. J'apperçus Saladin faiſant promener un linceul ; Henri IV nourriſſant la ville qu'il aſſiégeoit ; Sulli comptant avec lenteur une ſomme d'argent que ſon maître deſtinoit à ſes plaiſirs ; Louis XIV au lit de la mort, diſant : *j'ai trop aimé la guerre* ; Trajan déchirant ſes vêtemens pour bander les plaies d'un infortuné ; Marc-Aurele deſcendant de cheval dans une expédition preſſée pour prendre le placet d'une pauvre femme ; Titus faiſant diſtribuer du pain & des remedes ; Saint Hilaire, le bras emporté, & montrant à ſon fils qui pleuroit Turenne couché ſur la pouſſiere, le généreux Fabre prenant la chaîne des forçats à la place de ſon pere, &c. On ne trouvoit point ces ſujets ſombres ou attriſtans. Il n'étoit plus de vils courtiſans qui diſoient d'un air moqueur : *juſqu'aux*

peintres ſe mêlent de prêcher ! On leur ſavoit bon gré d'avoir raſſemblé les plus ſublimes traits de la nature humaine : c'étoient de grands tableaux tirés d'après l'hiſtoire. Ils avoient ſagement penſé que rien ne ſeroit plus utile. Tous les arts avoient fait, pour ainſi dire, une admirable conſpiration en faveur de l'humanité. Cette heureuſe correſpondance avoit jetté un jour plus lumineux ſur l'effigie ſacrée de la vertu : elle en étoit devenue plus adorable, & ſes traits toujours embellis formoient une inſtruction publique, auſſi sûre que touchante. Eh ! comment réſiſter à la voix des beaux arts, qui d'une voix unanime encenſent & couronnent le citoyen libre & généreux ?

Tous ces tableaux attachoient l'œil, & par le ſujet & par l'exécution. Les peintres avoient ſu réunir le trait italien au coloris flamand, ou plutôt ils les avoient ſurpaſſés par une étude approfondie. L'honneur, ſeule monnoie faite pour les grands hommes, en animant leurs travaux, les récompenſoit d'avance. La nature ſembloit rendue comme dans un miroir. L'ami de la vertu ne pouvoit contempler ces belles peintures ſans ſoupirer de plaiſir. L'homme coupable n'oſoit les regarder ; il auroit craint que ces figures inanimées n'euſſent tout-à-coup pris la parole pour l'accuſer & le confondre.

On me dit que ces tableaux étoient propoſés au concours. Les étrangers y étoient admis : car on ne connoiſſoit pas cette petite tyrannie qui proſcrivoit tout ce qui paſſoit les limites d'une province. On donnoit quatre ſujets par année, afin que chaque artiſte eût le tems de conduire ſon tableau à la perfection. Le plus parfait avoit bientôt la voix du peuple. On faiſoit attention à ce cri général, qui ordinairement eſt la voix de l'équité même. Les autres n'en recevoient pas moins le degré de louanges qui leur étoit dû. On n'avoit point

l'injuſtice de dégoûter les éleves. Les maîtres en place ne connoiſſoient point cette indigne & baſſe jalouſie, qui exila le Gouſſin loin de ſa patrie & fit périr le Sueur au printems de ſes jours. Ils s'étoient corrigés de cet entêtement dangereux & funeſte, qui, de mon tems, ne permettoit pas à leurs diſciples de ſuivre une autre maniere que la leur. Ils ne faiſoient point de froids copiſtes de ceux qui auroient pu s'élever fort haut, livrés à eux-mêmes & dirigés ſeulement par quelques conſeils. L'éleve enfin n'étoit plus courbé ſous un ſceptre qui le rendoit timide : il ne ſe traînoit point en tremblant ſur les pas d'un chef capricieux, qu'il étoit encore obligé de flatter : il le devançoit, s'il avoit du génie, & ſon guide étoit le premier à s'enorgueillir de la perfection de l'art.

Il y avoit pluſieurs académies de deſſin, de peinture, de ſculpture, de géométrie pratique. Autant ces arts étoient dangereux dans mon ſiecle, parce qu'ils favoriſoient le luxe, le faſte, la cupidité & la débauche, autant ils étoient devenus utiles, parce qu'ils n'étoient employés qu'à inſpirer des leçons de vertu, & à donner à la ville cette majeſté, ces agrémens, ce goût ſimple & noble qui, par des rapports ſecrets, éleve l'ame des citoyens.

Ces écoles étoient ouvertes au public. Les éleves y travailloient ſous ſes regards. Il étoit libre à chacun d'y venir dire ſon avis. Cela n'empêchoit point que les maîtres penſionnés ne vinſſent faire leur ronde : mais aucun apprentif n'étoit l'éleve titré de M. un tel, mais de tous les habiles maîtres en général. C'étoit en évitant l'ombre même d'eſclavage, ſi funeſte à la trempe mâle & indépendante du génie, qu'on étoit parvenu à faire des hommes qui s'étoient élevés au-deſſus des chef-d'œuvres de l'antiquité ; de ſorte que leurs ta-

bleaux étoient si achevés, si finis, que les restes de Raphaël & de Rubens n'étoient plus recherchés que par quelques antiquaires, gen s de nature opiniâtre & toujours entêtés.

Je n'ai pas besoin de dire que tous les arts, que toutes les professions étoient également libres. Ce n'est que dans un siecle barbare, tyrannique, imbécille, qu'on a donné des fers à l'industrie, qu'on a exigé une somme d'argent de celui qui vouloit travailler, au lieu de lui accorder une récompense. Tous ces petits corps burlesques ne rassembloient les hommes que pour faire fermenter leurs passions à un dégré plus violent : une foule d'affaires interminables naissoit de leur captivité, & les rendoit nécessairement ennemis de leurs voisins. C'est ainsi que dans les prisons, les hommes accablés des mêmes chaînes se communiquent leurs fureurs & leurs vices. En voulant séparer leur intérêt, on l'avoit rendu plus actif, & c'étoit tout le contraire de ce qu'une sage législation sembloit demander. La source de mille désordres provenoit de cette gêne perpétuelle où se trouvoit chaque homme de suivre son talent. Delà naissoient l'oisiveté & la friponnerie. Le misérable étoit dans l'impuissance réelle de sortir d'un état déplorable, parce qu'un bras d'airain lui fermoit tous les passages, & que l'or seul faisoit tomber les barrieres. Le monarque, pour jouir d'un léger tribut, avoit détruit la liberté la plus sacrée, & avoit étouffé tous les ressorts du courage & de l'industrie.

Parmi ce peuple qui étoit éclairé sur les premieres notions du droit des gens, chacun suivoit l'emploi où l'appelloit son goût particulier, gage assuré du succès. Ceux qui ne marquoient aucune disposition pour les beaux arts embrassoient des états plus faciles ; car le médiocre n'étoit point souffert dans tout ce qui avoit rapport au génie ;

la gloire de la nation sembloit attachée à ces talens qui distinguent non moins l'homme que les Empires.

CHAPITRE XXXIII.

Tableaux Emblématiques.

J'ENTRAI dans une salle particuliere où l'on avoit représenté les siecles. On avoit conservé à chaque, outre sa physionomie, les traits qui l'avoient distingué de ses freres. Les siecles d'ignorance étoient revêtus d'une robe noire & lugubre. Le personnage, l'œil rouge & sombre, tenoit en main une torche, & dans le fond découvroit un bûcher, des prêtres revêtus d'une étole, & des malheureux un bandeau sur le front, qui se dévouoient, les uns aux autres, aux supplices des flammes.

Plus loin, un enthousiaste fanatique, sans autre vertu qu'une imagination ardente, frappoit celle de ses concitoyens, non moins inflammable, & tonnant au nom de Dieu il entraînoit une foule d'hommes, comme un troupeau docile se précipite au cri du pasteur. Les rois ont quitté leurs trônes, ont abandonné leurs Etats dépeuplés, & croyant entendre la voix du ciel, ils courent se perdre, eux, leur couronne & leurs sujets, dans de vastes déserts. On voyoit dans le fond du tableau le fanatisme marchant sur la tête des hommes, secouant ses flambeaux homicides : géant monstrueux ! ses pieds touchoient les deux bouts de la terre, & son bras tenant la palme du martyre s'élevoit jusqu'aux nues.

Celui-ci, moins ardent, plus contemplatif, livré au mystere & à l'allégorie, se précipitoit

dans le merveilleux. Toujours environné d'énigmes, il prenoit ſoin d'épaiſſir les ténebres qui l'environnoient. On voyoit les anneaux des Platoniciens, les nombres des Pythagoriciens, les vers des Sybilles, les formules toutes-puiſſantes de la magie, & les preſtiges tour-à-tour ingénieux & ſtupides qu'a créés l'eſprit humain.

Un autre tenoit un aſtrolabe, conſultoit attentivement un calendrier, & calculoit les jours heureux ou infortunés. Une gravité froide & taciturne étoit empreinte ſur ſa phyſionomie alongée : il pâliſſoit de la conjonction de deux aſtres : le préſent n'exiſtoit pas pour lui, & l'avenir étoit ſon bourreau : il avoit même tranſporté ſon culte dans la ridicule ſcience de l'aſtrologie, & il embraſſoit ce fantôme comme une colonne inébranlable.

Celui-là, tout couvert de fer, enſeveliſſoit ſa tête dans un caſque d'airain : revêtu d'une cotte de mailles, armé d'une longue lance, il ne reſpiroit que les combats particuliers. L'ame de ſes héros étoit plus dure que l'acier qui les couvroit. C'étoit le fer qui décidoit les droits, les opinions, la juſtice, la vérité. Dans le fond on diſtinguoit un champ clos, des juges & des hérauts, relevant le vaincu ou plutôt le coupable.

Tel autre perſonnage paroiſſoit d'une bizarrerie extrême : architecte barbare, il bâtiſſoit des colonnes, ſans proportion avec la maſſe qu'elles ſoutenoient, & chargées d'ornemens ridicules ; il prenoit tout cela pour une délicateſſe de travail inconnu aux Grecs & aux Romains. Le même déſordre régnoit dans ſa logique ; c'étoient des chicanes perpétuelles, des idées abſtraites. On avoit repréſenté dans le fond des eſpeces de ſomnambules, qui parloient, agiſſoient les yeux ouverts, & qui, plongés dans un long rêve, ne devoient la liaiſon de deux idées qu'au pur hazard.

Je repaſſai ainſi tous les ſiecles en revue ; mais le

le détail en ſeroit ici trop long. Je m'arrêtai un peu plus long-tems devant le XVIII, lequel avoit été jadis de ma connoiſſance. Le peintre l'avoit repréſenté ſous la figure d'une femme. Les ornemens les plus recherchés fatiguoient ſa tête ſuperbe & délicate. Son cou, ſon bras, ſa gorge étoient couverts de perles & de diamans : ſes yeux étoient vifs & brillans ; mais un ſourire un peu forcé faiſoit grimacer ſa bouche : ſes joues étoient enluminées. L'art ſembloit devoir percer dans ſes paroles, comme dans ſon regard : il étoit ſéduiſant, mais il n'étoit pas vrai. Elle avoit à chaque main deux longs rubans couleur de roſe, qui ſembloient un ornement ; mais ces rubans cachoient deux chaînes de fer auxquelles elle étoit fortement attachée. Elle avoit cependant les mouvemens aſſez libres pour geſticuler, ſauter & gambader. Elle en uſoit avec excès, afin de déguiſer (à ce qu'il me ſembloit) ſon eſclavage, ou du moins pour le rendre facile & riant. J'examinai cette figure en détail, & ſuivant de l'œil la draperie de ſes vêtemens, je m'apperçus que cette robe ſi magnifique étoit toute déchirée par le bas & couverte de boue. Ses pieds nuds plongeoient dans une eſpece de bourbier ; & elle étoit auſſi hideuſe par les extrêmités, qu'elle étoit brillante par le ſommet : elle ne reſſembloit pas mal dans cet équipage à une courtiſanne qui ſe promene dans la rue, à l'entrée de la nuit. Je découvris derriere elle pluſieurs enfans au teint maigre & livide, qui crioient à leur mere & dévoroient un morceau de pain noir : elle vouloit les cacher ſous ſa robe, mais à travers les trous on diſtinguoit ces petits malheureux. Dans l'enfoncement du tableau on diſcernoit des châteaux ſuperbes, des palais de marbre, des parterres ſavamment deſſinés, de vaſtes forêts peuplées de cerfs & de daims, où le cor réſonnoit au loin. Mais la campagne à demi-cultivée étoit

Dd

remplie de payſans infortunés, qui, haraſſés de fatigue, tomboient ſur leurs javelles : enſuite venoient des hommes, qui enrôloient les uns de force, & emportoient le lit & la marmite des autres (*a*).

Le caractere des nations étoit auſſi fidelement exprimé.

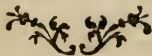
Aux couleurs variées de mille nuances, à la fonte inſenſible du coloris, au viſage triſte, mélancolique, on reconnoiſſoit l'Italien jaloux, vindicatif. Dans le même tableau ſon viſage ſérieux diſparoiſſoit au milieu d'un concert, & le peintre avoit ſaiſi merveilleuſement cette facilité de ſe transformer avec ſoupleſſe, & comme dans un coup d'œil. Le fond du tableau repréſentoit des pantomimes, faiſant des grimaces & autres geſtes comiques.

L'Anglois, dans une attitude plutôt fiere que

(*a*) *La tyrannie eſt un arbre dangereux qu'il faut ſe hâter de déraciner dans ſa naiſſance. L'éclat de cet arbre eſt trompeur. C'eſt d'abord un jeune arbriſſeau qui ſe couronne de fleurs & de lauriers, mais qui boit ſecrettement le ſang qui l'arroſe. Bientôt il croît, s'agrandit, leve une tête altiere. Ses branches s'étendent avec orgueil. Il couvre tout ce qui l'environne d'une ombre ſuperbe & funeſte. La fleur, le fruit voiſin tombent, privés des rayons bienfaiſans du ſoleil qu'il intercepte. Il force la terre à ne nourrir que lui. Enfin il devient ſemblable à cet arbre vénimeux dont les fruits doux ſont des poiſons, qui change en eau corroſive les gouttes de pluie que ſes feuilles diſtillent, & qui au défaut des tourmens procure au voyageur fatigué le ſommeil & la mort. Cependant ſon tronc eſt noueux : les principes de ſa ſeve ſont couverts d'un bois dur : ſes racines d'airain s'étendent ; & la hache de la liberté s'émouſſe & ne peut plus y mordre.*

majeſtueuſe, placé ſur la pointe d'un rocher, dominoit l'océan & faiſoit ſigne à un vaiſſeau de s'élancer au nouveau monde & de lui en rapporter les tréſors. On liſoit dans ſes regards hardis que la liberté civile égaloit chez lui la liberté politique. Les flots oppoſés, grondant ſous les coups de la tempête, étoient une harmonie douce à ſon oreille. Son bras étoit toujours prêt à ſaiſir le glaive de la guerre civile : il regardoit en ſouriant un échafaud d'où tomboit une tête & une couronne.

L'Allemand, ſous un ciel étincelant d'éclairs, étoit ſourd aux cris des élémens. On ne ſavoit s'il bravoit l'orage ou s'il y étoit inſenſible. Des aigles ſe déchiroient avec furie à ſes côtés : ce n'étoit pour lui qu'un ſpectacle : renfermé en lui-même, il portoit ſur ſes propres deſtins un œil indifférent ou philoſophique.

Le François, plein de graces nobles & élevées, préſentoit des traits finis. Sa figure n'étoit pas originale, mais ſa maniere étoit grande. L'imagination & l'eſprit ſe peignoient dans ſes regards : il ſourioit avec une fineſſe qui approchoit de la ruſe. Il régnoit dans l'enſemble de ſa figure beaucoup d'uniformité. Ses couleurs étoient douces ; mais on n'y remarquoit pas ce coloris vigoureux ni ces beaux effets de lumiere qu'on admiroit dans les autres tableaux. La vue étoit fatiguée par une multiplicité de petits détails, qui ſe nuiſoient réciproquement. Une foule innombrable portoit de petits tambourins & s'agitoit beaucoup pour faire du bruit : elle croyoit imiter le fracas du canon : c'étoit une chaleur auſſi pétulante, auſſi active, que foible & paſſagere.

CHAPITRE XXXIV.

Sculpture & Gravure.

LA Sculpture, non moins belle que ſa ſœur aînée, étaloit à ſon côté les merveilles de ſon ciſeau. Il n'étoit plus proſtitué à ces créſus impudens, qui aviliſſoient l'art en l'occupant à tailler leur vénale figure ou autres ſujets auſſi mépriſables qu'eux. Les artiſtes penſionnés par le gouvernement conſacroient leurs talens au mérite & à la vertu. On ne voyoit plus, comme dans nos ſallons, à côté du buſte de nos rois & ſur la même ligne, le vil publicain qui les vole & les trompe, offrir ſans pudeur ſa baſſe phyſionomie. Un homme digne des regards de la poſtérité s'étoit-il avancé dans une carriere ſemée de faits mémorables? un autre avoit-il fait une action grande & courageuſe? alors l'artiſte échauffé ſe chargeoit de la reconnoiſſance publique, il modeloit en ſecret un des plus beaux traits de ſa vie : (ſans y ajouter le portrait de l'auteur) il préſentoit tout-à-coup ſon ouvrage, & obtenoit la permiſſion de s'immortaliſer avec le grand homme. Ce travail frappoit tous les yeux, & n'avoit pas beſoin d'un froid commentaire.

Il étoit expreſſément défendu de ſculpter des ſujets qui ne diſoient rien à l'ame ; par conſéquent on ne gâtoit point de beaux marbres ou d'autres matieres auſſi précieuſes.

Tous ces ſujets licencieux qui bordent nos cheminées étoient ſévérement bannis. Les honnêtes gens ne concevoient rien à notre légiſlation, lorſqu'ils liſoient dans notre hiſtoire que dans un ſiecle où l'on prononçoit ſi fréquemment le nom de religion ou de mœurs, des peres de famille éta-

loient des ſcenes de débauche aux yeux de leurs enfans, ſous prétexte que c'étoient des chef-d'œuvres; ouvrages capables d'allumer l'imagination la plus tranquille, & de précipiter dans le déſordre des ames neuves, ouvertes à toutes les impreſſions : ils gémiſſoient ſur cet uſage public & criminel de dépraver les cœurs avant qu'ils fuſſent formés (*a*).

Un artiſte, avec lequel je m'inſtruiſis, eut ſoin de m'informer de tous ces grands changemens. Il me dit que dans le XIXe ſiecle il ſe trouva une diſette de marbre, de ſorte qu'on eut recours à cette

---

(a) Entre autres abus publics qu'on ſe propoſe de relever, on peut ranger ces parades licencieuſes qui outragent les mœurs honnêtes & le bon ſens, tout auſſi reſpectable qu'elles. On a oublié à l'article des ſpectacles de parler des ſauteurs, des danſeurs de corde; mais peu importe l'ordre dans un ouvrage, pourvu que l'auteur y faſſe entrer toutes ſes idées. Je ferai comme Montaigne, je me raccrocherai à la moindre occaſion : je brave la cenſure des critiques; je me flatte du moins de ne point ennuyer comme eux. Pour revenir donc à ces ſauteurs, à ces danſeurs de corde, ſi communs & ſi révoltans; des magiſtrats humains devroient-ils les tolérer? Après avoir employé tout leur tems à des exercices auſſi étonnans qu'inutiles, ils riſquent leur vie en public & apprennent à mille ſpectateurs que la mort d'un homme n'eſt que fort peu de choſe. Les attitudes de ces voltigeurs ſont indécentes & bleſſent l'œil & le cœur : ils accoutument peut-être des ames non encore formées à ne voir le plaiſir que dans ce qui approche du péril, & à penſer que l'eſpece humaine peut entrer dans la matiere de nos divertiſſemens. On dira que c'eſt réfléchir ſur bien peu de choſe : mais j'ai remarqué que ces triſtes ſpectacles influent beaucoup plus ſur la multitude que tous les arts qui ont quelque apparence de raiſon.

multitude ignoble de bustes de financiers, de traitans, de commis : c'étoient autant de blocs tout préparés : on les tailla beaucoup plus avantageusement & l'on sut en titrer des têtes plus heureuses.

Je passai dans la derniere galerie, non moins curieuse que les autres par la multiplicité des ouvrages qu'elle présentoit. Là étoit rassemblée la collection universelle des dessins & des gravures. Malgré la perfection de ce dernier art, on avoit conservé les ouvrages des siecles précédens : car il n'en est pas d'une estampe comme d'un livre : un livre qui n'est pas bon, par-là-même est mauvais ; au lieu qu'une estampe qui se voit d'un coup d'œil, sert toujours d'objet de comparaison.

Cette galerie qui devoit son origine au siecle de Louis XV, étoit bien différemment arrangée. Ce n'étoit plus un petit cabinet, au milieu duquel une petite table pouvoit à peine contenir une douzaine d'amateurs, où l'on venoit dix fois inutilement pour trouver une place ; encore ce petit cabinet ne s'ouvroit-il qu'à certains jours, c'est-à-dire, le dixieme de l'année tout au plus, qu'on rognoit encore sur le moindre prétexte & à la moindre fantaisie du directeur. Ces galeries étoient ouvertes chaque jour, & confiées à des commis affables & polis, qu'on payoit exactement, afin que le public fût servi de même. Dans cette salle spacieuse on trouvoit à coup sûr la traduction de chaque tableau ou morceau de sculpture renfermé dans les autres galeries : elle contenoit l'abrégé de ces chef-d'œuvres qu'on avoit pris soin d'immortaliser & de répandre autant qu'il étoit possible.

La gravure est aussi féconde & aussi heureuse que la typographie : elle a l'avantage de multiplier ses épreuves, comme l'imprimerie ses exemplaires ; & par son moyen chaque particulier, chaque étranger peut se procurer une copie rivale du tableau. Tous les citoyens décoroient sans jalousie

ſeurs murailles de ces ſujets intéreſſans qui préſentoient des exemples de vertu & d'héroïſme. On ne voyoit plus de ces prétendus amateurs, non moins vétilleux qu'ignorans, pourſuivre une perfection imaginaire aux dépens de leur repos & de leur bourſe, & toujours dupés, & ſur-tout être bien faits pour l'être.

Je parcourus avec avidité ces livres volumineux où le burin décrivoit avec tant de facilité & de préciſion les contours & même les couleurs de la nature. Tous les tableaux étoient parfaitement ſaiſis ; mais on avoit donné encore plus de ſoin à tous les objets relatifs aux arts & aux ſciences. Les planches de l'Encyclopédie avoient été refaites entiérement, & l'on avoit veillé avec plus d'attention à l'exactitude rigoureuſe qui devient alors le ſuprême mérite, parce que la moindre erreur eſt d'une conſéquence extrême. J'apperçus un magnifique cours de Phyſique traité dans ce goût ; & comme cette ſcience porte ſur-tout aux ſens, c'eſt aux images qu'il appartient, peut-être, de la faire concevoir dans toutes ſes parties. On ſavoit eſtimer l'art qui reproduit tant d'images utiles ; on lui donnoit de nouvelles preuves de conſidération.

Je remarquai que tout ſe faiſoit dans le vrai goût, qu'on ſuivoit la maniere des Gerard, Audran ; qu'elle étoit même approfondie, perfectionnée. Les vignettes des livres ne s'appelloient plus que des cochins : tel étoit le mot que l'on avoit ſubſtitué à tant de mots miſérables, tels que culs de lampes, &c. (*a*).

Les graveurs avoient enfin abandonné cette funeſte loupe qui leur perdoit la vue de toute façon. Les amateurs de ce ſiecle n'étoient plus admira-

---

(a) M. de Voltaire doit etre ſatisfait d'avance, lui qui a plaidé ſi long-tems pour cette réforme importante.

teurs de ces petits points ronds qui faiſoient tout le mérite des gravures modernes ; ils donnoient la préférence à un travail large, précis, aiſé, & diſant tout avec quelques traits juſtes & noblement deſſinés. Les graveurs conſultoient docilement les peintres, & ceux-ci à leur tour ſe gardoient bien d'affecter les caprices d'un maître. Ils s'eſtimoient, ils ſe voyoient comme égaux & comme amis, & ſe donnoient bien de garde de rejetter l'un ſur l'autre les défauts de l'ouvrage. D'ailleurs la gravure étoit devenue très-utile à l'Etat, par le commerce d'eſtampes qu'on faiſoit dans les pays étrangers ; & c'étoit de ces artiſtes qu'on pouvoit dire : *ſous leurs heureuſes mains le cuivre devient or.*

CHAPITRE XXXV.

Salle du Trône.

JE ne quittai ces riches galeries qu'avec le plus vif regret, mais dans mon inſatiable curioſité, jaloux de tout voir, je rentrai dans le centre de la ville. Je vis une multitude de perſonnes de tout ſexe & de tout âge, qui ſe portoit avec précipitation vers un portique majeſtueuſement décoré. J'entendois de côté & d'autre : *hâtons nos pas ! notre bon roi eſt peut-être déja monté ſur ſon trône ; nous ne le verrions pas d'aujourd'hui !* Je ſuivis la foule : mais ce qui m'étonnoit fort, c'eſt que des gardes farouches n'oppoſoient aucune barriere aux empreſſemens du peuple. J'arrivai dans une ſalle immenſe, ſoutenue par pluſieurs colonnes. J'avançai, & je parvins à voir le trône du monarque. Non : il eſt impoſſible de concevoir une idée plus belle, plus noble, plus auguſte, plus conſolante de la majeſté royale. Je fus attendri juſqu'aux larmes.

mes. Je ne vis ni Jupiter tonnant, ni appareil terrible, ni inſtrument de vengeance. Quatre figures de marbre blanc, repréſentant la force, la tempérance, la juſtice & la clémence, portoient un ſimple fauteuil d'ivoire blanc, élevé ſeulement pour faciliter la portée de la voix. Ce ſiege étoit couronné d'un dais ſuſpendu par une main dont le bras ſembloit ſortir de la voûte. A chaque côté du trône étoient deux tablettes; ſur l'une deſquelles étoient gravées les loix de l'Etat & les bornes du pouvoir royal, & ſur l'autre les devoirs des rois & ceux des ſujets. En face étoit une femme qui allaitoit un enfant, emblême fidelle de la royauté. La premiere marche, qui ſervoit de degré pour monter au trône, étoit en forme de tombe. Deſſus étoit écrit en gros caracteres : L'ETERNITÉ. C'étoit ſous cette premiere marche que repoſoit le corps embaumé du monarque prédéceſſeur, en attendant que ſon fils vînt le déplacer. C'eſt de-là qu'il crioit à ſes héritiers qu'ils étoient tous mortels, que le ſonge de la royauté étoit prêt à finir, qu'ils reſteroient alors ſeuls avec leur renommée! Ce lieu vaſte étoit déja rempli de monde, lorſque je vis paroître le monarque revêtu d'un manteau bleu qui flottoit avec grace. Son front étoit ceint d'une branche d'olivier; c'étoit ſon diadême : il ne marchoit jamais en public ſans ce reſpectable ornement qui en impoſoit aux autres & à lui-même. Il ſe fit des acclamations lorſqu'il monta ſur ſon trône. Il ne paroiſſoit pas indifférent à ces cris de joie. Mais à peine fut-il aſſis, qu'un ſilence reſpectueux s'étendit ſur cette nombreuſe aſſemblée. Je prêtai une oreille attentive. Ses miniſtres lui lurent à haute voix tout ce qui s'étoit paſſé de remarquable depuis la derniere ſéance. Si la vérité eût été déguiſée, le peuple étoit-là pour confondre le calomniateur. On n'oublioit point ſes demandes. On rendoit compte de l'exécution des ordres ci-

devant donnés, & cette lecture étoit toujours terminée par le prix journalier des vivres & des denrées. Le monarque écoutoit, & d'un ſigne de tête approuvoit ou remettoit les choſes à un plus ample examen. Mais ſi du fond de la ſalle il s'élevoit une voix plaignante & condamnant quelques articles, fût-ce un homme de la derniere claſſe, on le faiſoit avancer dans un petit cercle pratiqué au pied du trône. Là il expliquoit ſes idées (*a*), & s'il ſe trouvoit avoir raiſon, alors il étoit écouté, applaudi, remercié; le ſouverain lui jettoit un regard favorable: ſi, au contraire, il ne diſoit rien que d'abſurde, ou groſſiérement fondé ſur un intérêt particulier, alors on le chaſſoit avec ignominie, & les huées des aſſiſtans l'accompagnoient juſqu'à la porte. Chacun pouvoit ſe préſenter ſans autre crainte que celle d'attirer la dériſion publique, ſi ſes vues étoient fauſſes ou bornées.

Deux grands officiers de la couronne accompagnoient le monarque dans toutes les cérémonies publiques, & marchoient à ſes côtés. L'un portoit au haut d'une pique une gerbe de bled (*b*), &

(a) Un des plus grands malheurs qui ſoit en France, c'eſt que toute la police & l'adminiſtration des affaires ſont entre les mains des magiſtrats, ou des gens revêtus d'une charge & d'un titre, ſans qu'on daigne jamais conſulter (du moins de la part du public) les perſonnes privées en qui la ſcience & la ſageſſe ſe trouvent ſouvent dans un degré éminent. Le meilleur citoyen, le plus éclairé, ne peut développer ſes talens utiles ou la grandeur de ſon ame; s'il ne porte la robe d'un homme en charge, il doit immoler ſes bons deſſeins, être témoin des plus grands abus, & ſe taire.

(b) L'empereur Taiſung ſe promenant en campagne avec le prince ſon fils, & lui montrant les laboureurs occupés à leur travail: voyez, *lui diſoit-il,* la

l'autre un cep de vigne : c'étoit afin qu'il n'oubliât jamais que c'étoient-là les deux ſoutiens de l'Etat & du trône. Derriere lui le panetier de la couronne, ayant une corbeille remplie de pains, en donnoit un à chaque indigent qui réclamoit ſon aſſiſtance. Cette corbeille étoit le sûr thermometre de la miſere publique ; & lorſque le panier ſe trouvoit vuide, alors les miniſtres étoient chaſſés & punis : mais la corbeille demeuroit pleine & atteſtoit l'abondance publique.

Cette auguſte ſéance ſe tenoit une fois par ſemaine, & duroit trois heures. Je ſortis de cette ſalle, le cœur pénétré, & auſſi rempli de reſpect pour ce roi que pour la Divinité même, l'aimant comme un pere, l'honorant comme un Dieu protecteur.

Je converſai avec pluſieurs perſonnes de tout ce que je venois de voir & d'entendre : ils étoient ſurpris de mon étonnement ; toutes ces choſes leur ſembloient ſimples & naturelles. » Pourquoi, me » dit l'un d'eux, avez-vous la fureur de comparer » ce tems préſent à un vieux ſiecle bizarre, extra- » vagant, ou l'on avoit de fauſſes idées ſur les ma- » tieres les plus ſimples, où l'orgueil jouoit la » grandeur, où le faſte & la repréſentation étoient » tout, & le reſte rien, où la vertu enfin n'étoit » regardée que comme un fantôme, pur ouvrage » de quelques philoſophes rêveurs (*a*).

---

peine que ces pauvres gens prennent tout le long de l'année pour nous ſoutenir ; ſans leurs travaux & ſans leur ſueur, ni vous ni moi nous n'aurions pas d'empire.

(*a*) *Il faut reſpecter les préjugés populaires ! tel eſt le langage de ces génies étroits, puſillanimes, pour leſquels il ſuffit qu'une loi ſubſiſte pour paroître ſacrée. L'homme vertueux, à qui ſeul il appartient d'aimer & de haïr, connoît-il cette modération cri-*

CHAPITRE XXXVI.

Forme du Gouvernement.

OSEROIS-JE vous demander quelle eſt la forme préſente de votre gouvernement ? Eſt-il monarchique, démocratique, ariſtocratique (*a*) ? --- Il n'eſt ni monarchique, ni démocratique, ni ariſtocratique ; il eſt raiſonnable & fait pour des hommes. La monarchie n'eſt plus. Les Etats monarchiques, comme vous le ſaviez, mais ſi infructueuſement, vont ſe perdre dans le deſpotiſme, comme les fleuves vont ſe perdre dans le ſein de la mer ; & le deſpotiſme bientôt croule ſur lui-même (*b*). Tout cela s'eſt accompli à la lettre, & il n'y eut jamais de prophétie plus certaine.

---

minelle ? Non : il ſe charge de la vindicte publique ; ſes droits ſont fondés ſur ſon génie, & la juſtice de ſa cauſe ſur la reconnoiſſance de la poſtérité.

(*a*) *Le génie d'une nation ne dépend point de l'athmoſphere qui l'environne ; le climat n'eſt point la cauſe phyſique de ſa grandeur ou de ſon aviliſſement. La force & le courage appartiennent à tous les peuples de la terre : mais les cauſes, qui les mettent en action & les ſoutiennent, dérivent de certaines circonſtances, qui tantôt ſont promptes, tantôt lentes à ſe développer : mais qui tôt ou tard ne manquent jamais d'arriver. Heureux le peuple qui par lumiere ou par inſtinct ſaiſit l'inſtant !*

(*b*) *Voulez-vous connoître quels ſont les principes généraux qui regnent habituellement dans le conſeil d'un monarque ? Voici à peu près le réſultat de ce qui s'y dit, ou plutôt de ce qui s'y fait. » Il faut multiplier les impôts de toutes ſortes, parce que le prince ne ſauroit jamais être aſſez riche, attendu qu'il eſt obligé d'entretenir des armées, & les officiers de ſa*

En proportion des lumieres acquises, sans doute, qu'il eût été honteux pour notre espece

---

maison, qui doit être absolument très-magnifique. Si le peuple surchargé éleve des plaintes, le peuple aura tort, & il faudra le réprimer. On ne sauroit être injuste envers lui, parce que dans le fond il ne possede rien que sous la bonne volonté du prince qui peut lui redemander en tems & lieu ce qu'il a eu la bonté de lui laisser, sur-tout lorsqu'il en a besoin pour l'intérêt ou la splendeur de sa couronne. D'ailleurs il est notoire qu'un peuple qu'on abandonne à l'aisance est moins laborieux & peut devenir insolent. Il faut retrancher à son bonheur pour ajouter à sa soumission. La pauvreté des sujets sera toujours le plus fort rempart du monarque : & moins les particuliers auront de richesses, plus la nation sera obéïssante ; une fois pliée au devoir, elle le suivra par habitude, ce qui est la maniere la plus sûre d'être obéï. Ce n'est point assez d'être soumise, elle doit croire qu'ici réside l'esprit de sagesse en toute sa plénitude, & se soumettre par conséquent, sans oser raisonner, à nos décrets émanés de notre certaine science. "

Si un philosophe, ayant accès auprès du prince, s'avançoit au milieu du conseil & disoit au monarque : Gardez-vous de croire ces sinistres conseillers, vous êtes environné des ennemis de votre famille. Votre grandeur, votre sûreté sont moins fondées sur votre puissance absolue que sur l'amour de votre peuple. S'il est malheureux, il souhaitera plus ardemment une révolution ; & il ébranlera votre trône ou celui de vos enfans. Le peuple est immortel, & vous devez passer. La majesté du trône réside plus dans une tendresse vraiment paternelle que dans un pouvoir illimité. Ce pouvoir est violent, & contre la nature des choses. Plus modéré, vous serez plus puissant. Donnez l'exemple de la justice & croyez que les princes qui ont une morale sont plus forts & plus respectés. Assuré-

d'avoir mesuré la distance de la terre au soleil ; d'avoir pesé tous les globes, & de n'avoir pu découvrir les loix simples & fécondes qui doivent diriger des êtres raisonnables. Il est vrai que l'orgueil, la cupidité, l'intérêt présentoient mille obstacles : mais quel plus beau triomphe que de trouver le nœud qui devoit faire servir ces passions particulieres au bien général ! Un vaisseau, qui sillonne les mers, commande aux élémens au moment même où il obéit à leur empire : soumis à une double impulsion, sans cesse il réagit contr'eux. Voilà peut-être l'image la plus fidelle d'un Etat : porté sur des passions orageuses, il reçoit d'elles le mouvement, & doit résister aux tempêtes. *L'art du pilote est tout.* Vos lumieres politiques n'étoient qu'un crépuscule ; & vous accusiez imbécillement l'auteur de la nature, tandis qu'il vous avoit donné l'intelligence & le courage pour vous gouverner. Il n'a fallu qu'une voix forte pour réveiller la multitude d'un sommeil d'engourdissement. Si l'oppression tonnoit sur vos têtes, vous ne deviez en accuser que votre foiblesse. La liberté & le bonheur appartiennent à qui ose les saisir. Tout est révolution dans ce monde : la plus heureuse de toutes a eu son point de maturité, & nous en recueillons les fruits (*a*).

---

ment on prendroit ce philosophe pour un visionnaire, & on ne daigneroit peut-être pas le punir de sa vertu.

(*a*) *A certains Etats il est une époque qui devient nécessaire ; époque terrible, sanglante, mais le signal de la liberté. C'est de la guerre civile dont je parle. C'est-là que s'élevent tous les grands hommes, les uns attaquant, les autres défendant la liberté. La guerre civile déploie les talens les plus cachés. Des hommes extraordinaires s'élevent & paroissent dignes de commander à des hommes. C'est un remede affreux ! mais après la stupeur de l'Etat, après l'engourdissement des ames, il devient nécessaire.*

Sortis de l'oppreſſion, nous n'avons eu garde de remettre toutes les forces & tous les reſſorts du gouvernement, tous les droits & l'attribut de la puiſſance dans les mains d'un ſeul homme (a) : inſtruits par les malheurs des ſiecles paſſés, nous n'avons pas été ſi imprudens. Socrate & Marc-Aurele ſeroient revenus au monde, que nous ne leur aurions pas confié le pouvoir arbitraire, non par défiance, mais dans la crainte d'avilir le caractere ſacré d'homme libre. La loi n'eſt-elle pas l'expreſſion de la volonté générale; & comment confier à un ſeul homme un dépôt auſſi important ? N'aura-t-il pas des momens de foibleſſe, & quand il en ſeroit exempt, les hommes renonceront-ils à cette liberté qui eſt leur plus bel appanage (b) ?

(a) Le gouvernement deſpotique n'eſt qu'une ligue du ſouverain avec un petit nombre de ſujets favoriſés pour tromper & dépouiller tous les autres. Alors le ſouverain ou celui qui le repréſente, éclipſe la ſociété, la diviſe, devient un être unique & central, qui allume toutes les paſſions à ſon gré & qui les met en jeu pour ſon intérêt perſonnel : il crée le juſte & l'injuſte; ſon caprice devient loi, & ſa faveur eſt la meſure de l'eſtime publique. Ce ſyſteme eſt trop violent pour être durable. Mais la juſtice eſt une barriere qui protege également le ſujet & le prince. La liberté peut ſeule former des citoyens généreux : la vérité en fait des êtres raiſonnables. Un roi n'eſt puiſſant qu'à la tête d'une nation généreuſe & contente. La nation une fois avilie, le trône s'affaiſſe.

(b) La liberté enfante des miracles : elle triomphe de la nature, elle fait croître les moiſſons ſur les rochers, elle donne un air riant aux régions les plus triſtes; elle éclaire des pâtres & les rend plus pénétrans que les ſuperbes eſclaves des cours les plus ingénieuſes. D'autres climats, qui ſont la gloire & le chef-d'œuvre de la création, livrés à la ſervitude, n'éta-

Nous avons éprouvé combien la ſouveraineté abſolue étoit oppoſée aux véritables intérêts d'une nation. L'art de lever des tributs rafinés, toutes les forces de ce terrible cabeſtan progreſſivement multipliées, les loix embrouillées, oppoſées l'une à l'autre, la chicane dévorant les poſſeſſions particulieres, les villes remplies de tyrans privilégiés, la vénalité des offices, des miniſtres & des intendans traitant les différentes parties du royaume comme des pays de conquête, une ſubtile dureté de cœur qui raiſonnoit l'humanité, des officiers royaux qui ne répondoient de rien au peuple & qui inſultoient plutôt qu'ils ne déféroient à ſes plaintes : tel étoit l'effet de ce deſpotiſme vigilant, qui raſſembloit toutes les lumieres pour en abuſer, à peu près comme ces verres ardens, qui ne s'échauffent que pour embraſer. On parcouroit la France, ce beau royaume que la nature avoit favoriſé de ſes regards propices : & qu'y voyoit-on ? Des cantons déſolés par les maltôtiers, les villes devenues bourgs, les bourgs villages, les villages hameaux ; leurs habitans hâves, défigurés ; des mendians enfin, au lieu d'habitans. On connoiſſoit tous ces mots : on fuyoit des principes évidens pour embraſſer le ſyſtême de la cupidité (*a*) ; & les

---

lent que des terres abandonnées, des viſages pâles, des regards contraints qui n'oſent ſe lever vers la voûte du ciel. Homme ! choiſis donc d'être heureux ou miſérable, ſi tu peux encore choiſir ; crains la tyrannie, déteſte l'eſclavage, arme ton bras, meurs ou vis libre.

(*a*) *Un intendant voulant donner à la *** qui paſſoit à Soiſſons, une image de l'abondance qui régnoit en France, fit arracher les arbres fruitiers d'alentour & les fit planter dans les rues de la ville qu'on dépava : les arbres étoient entrelacés de guirlandes de papier doré. Cet intendant étoit,* ſans le ſavoir, *un tres-grand peintre.*

ombres

ombres qu'elle faisoit naître autorisoient la déprédation générale.

Le croiriez-vous ? La révolution s'est opérée sans efforts, & par l'héroïsme d'un grand homme. Un roi philosophe, digne du trône, puisqu'il le dédaignoit, plus jaloux du bonheur des hommes que de ce fantôme de pouvoir; redoutant sa postérité & se redoutant lui-même, offrit de remettre les Etats en possession de leurs anciennes prérogatives : il sentit qu'un royaume étendu avoit besoin de la réunion des différentes provinces pour être gouverné sagement. Comme dans le corps humain, outre la circulation générale, chaque partie a sa circulation particuliere, ainsi chaque province, en obéissant aux loix générales, modifie ses loix particulieres d'après son sol, sa position, son commerce, ses intérêts respectifs. Par-là tout vit, tout fleurit. Les provinces ne sont plus pour servir la cour, & pour orner la capitale (*a*). Un

---

(*a*) *L'erreur & l'ignorance sont la source de tous les maux qui accablent l'humanité. L'homme n'est méchant que parce qu'il se trompe sur ses véritables intérêts. Cependant on peut errer en physique spéculative, en astronomie, en mathématiques, sans un inconvénient bien réel : mais la politique ne souffre pas la moindre erreur. Il est des vices d'administration plus désolans que les fléaux physiques. Une faute en ce genre dépeuple & appauvrit un Royaume. Si la spéculation la plus sévere, la plus approfondie, est absolument nécessaire, c'est dans ces cas publics & problématiques où des raisons d'une force égale tiennent l'esprit comme en équilibre. Rien de plus dangereux alors que la routine ; elle produit des malheurs inconcevables, & l'état n'est éclairé qu'au moment de sa ruine. On ne sauroit donc trop multiplier les lumieres sur l'art compliqué du gouvernement, parce que le moindre écart est une ligne qui s'alonge en*

ordre aveugle, émané du trône, ne vient point porter le trouble dans des lieux où l'œil du souverain n'a jamais pu pénétrer. Chaque province se trouve dépositaire de sa sûreté & de son bonheur : son principe de vie n'est pas éloigné d'elle ; il est dans son propre sein, toujours prêt à féconder l'ensemble, à remédier aux maux qui pourroient arriver. Le secours présent est remis à des mains intéressées qui ne pallieront point la cure, ou qui même ne se réjouiront pas des coups qui peuvent affoiblir la patrie.

La souveraineté absolue fut donc abolie. Le chef conserva le nom de roi ; mais il n'entreprit pas follement de porter tout le fardeau qui accabloit ses ancêtres. Les Etats assemblés du royaume eurent seuls la puissance législatrice. L'administration des affaires, tant politiques que civiles, est confiée au sénat ; & le monarque armé du glaive veille à l'exécution des loix. Il propose tous les établissemens utiles. Le sénat est responsable au roi, & le roi & le sénat sont responsables aux Etats qui s'assemblent tous les deux ans. Tout s'y décide à la pluralité des voix. Loix nouvelles, charges vacantes, griefs à redresser, voilà ce qui est de son

---

fuyant, & cause une erreur immense. Les loix n'ont été jusqu'ici que des pailliatifs qu'on a erigés en remedes généraux ; elles sont (comme on l'a fort bien dit) nées du besoin, & non de la philosophie : c'est à cette derniere à corriger ce qu'elles ont de défectueux. Mais quel courage, quel zele, quel amour de l'humanité faudra-t-il à celui qui de ce cahos informe fera sortir un édifice régulier ? Mais aussi quel génie deviendra plus cher au genre humain. Qu'il songe que c'est l'objet le plus important, qu'il intéresse particuliérement le bonheur de l'homme, & que par une suite nécessaire il doit influer sur ses vertus !

ressort. Les cas particuliers ou imprévus sont abandonnés à la sagesse du monarque.

Il est heureux (*a*), & son trône est affermi sur une base d'autant plus solide que la liberté de la nation garantit sa couronne (*b*). Des ames qui n'auroient été que communes doivent leurs vertus à ce ressort éternel des grandes choses. Le citoyen n'est point séparé de l'Etat ; il fait corps avec lui (*c*) : aussi faut-il voir avec quel zele il se

---

(*a*) *M. d'Alembert a dit qu'un roi qui fait son devoir, est le plus misérable de tous les hommes, & que celui qui ne le fait pas, est le plus à plaindre. Pourquoi le roi qui fait son devoir seroit-il le plus misérable de tous les hommes ? Seroit-ce à cause de la multiplicité de ses travaux ? Mais un travail heureux est une vraie jouissance. Comptera-t-il pour rien cette satisfaction intime qui nait de l'idée d'avoir fait le bonheur des hommes ? Croira-t-il que la vertu ne porte pas avec elle sa récompense ? Universellement aimé, & seulement haï des méchans, pourquoi son cœur demeureroit-il fermé aux plaisirs ? Qui n'a pas éprouvé le contentement d'avoir accompli le bien ? Le roi, qui ne remplit pas ses devoirs, est le plus à plaindre. Rien de plus juste, si toutefois il est sensible aux remords & à l'opprobre : s'il ne l'est pas, il est encore plus à plaindre. Rien de mieux vu que cette derniere proposition.*

(*b*) *Il est bon à tout Etat, fût-il républicain, d'avoir un chef, en limitant toutefois son pouvoir. C'est un simulacre qui en impose à l'ambitieux qui étouffe tout projet dans son cœur. Alors la royauté est comme cet épouvantail qu'on place dans un jardin, il écarte les moineaux qui viendroient pour manger le grain.*

(*c*) *Ceux qui ont dit que dans les monarchies les rois sont dépositaires des volontés de la nation, ont dit une absurdité. Est-il en effet rien de plus ridicule,*

porte à tout ce qui peut intéreſſer ſa ſplendeur.

Chaque arrêt émané du ſénat eſt motivé, & le ſénat explique en peu de mots ſes motifs & ſon intention. Nous ne concevons pas comment dans votre ſiecle, (ſoi-diſant éclairé) vos magiſtrats oſoient dans leur morgue orgueilleuſe vous propoſer des arrêts dogmatiques, ſemblables aux décrets des théologiens, comme ſi la loi n'étoit pas la raiſon publique, comme s'il ne falloit pas que le peuple fût inſtruit pour ſe porter plus rapidement à l'obéiſſance. Ces MM. à triple mortier, qui ſe diſoient les peres de la patrie, ignoroient donc le grand art de la perſuaſion, cet art qui agit ſans efforts & ſi puiſſamment, ou plutôt n'ayant ni point de vue fixe, ni marche aſſurée, tour-à-tour brouillons, ſéditieux, eſclaves rampans, ils encenſoient & fatiguoient le trône ; tantôt ſe cabrant pour des minuties, tantôt vendant le peuple à beaux deniers comptans.

Vous penſez bien que nous avons réformé ces magiſtrats, accoutumés de jeuneſſe à toute l'inſenſibilité néceſſaire pour diſpoſer froidement de la vie, des biens & de l'honneur des citoyens ; hardis pour la défenſe de leurs minces privileges, lâches dès qu'il s'agiſſoit de l'intérêt public : on s'épargnoit dans les derniers tems juſqu'à la peine de les corrompre ; ils étoient tombés dans une indolence perpétuelle. Nos magiſtrats ſont bien différens : le nom de peres du peuple, dont nous les honorons, eſt un titre qu'ils méritent dans toute l'étendue du terme.

Aujourd'hui les rênes du gouvernement ſont confiées à des mains fermes & ſages qui ſuivent un

---

que des êtres intelligens comme les hommes diſent à un ou à pluſieurs : veillez pour nous. *Les peuples ont toujours dit aux monarques :* agiſſez pour nous, d'après nos volontés clairement connues.

plan. Les loix regnent, & aucun homme n'eſt au-deſſus d'elles ; ce qui étoit un inconvénient affreux dans vos gouvernemens gothiques. Le bonheur général de la patrie eſt fondé ſur la ſûreté de chaque ſujet en particulier : il ne craint point les hommes, mais les loix ; & le ſouverain lui-même les apperçoit au-deſſus de ſa tête (*a*). Sa vigilance rend les ſénateurs plus attentifs à leur charge & à leur devoir ; ſa confiance en eux ſoulage leurs peines, & ſon autorité donne la force & la vigueur néceſſaires à leurs déciſions. Ainſi le ſcep-

---

(*a*) *Tout gouvernement, où un ſeul homme éſt au-deſſus de la loi & peut la violer impunément, eſt un gouvernement malheureux & inique. En vain un homme de génie a-t-il employé tous ſes talens pour nous faire goûter les principes des gouvernemens aſiatiques ; ils ſont trop outrageans à la nature humaine. Voyez ce ſuperbe vaiſſeau qui maîtriſe les élémens ; il ne faut qu'une fente imperceptible pour y faire entrer l'onde amere & cauſer ſa deſtruction. Ainſi un ſeul homme au-deſſus des loix fera entrer dans le corps politique toutes les injuſtices, les iniquités, qui par un effet inévitable hâteront ſa ruine. Qu'importe de périr par pluſieurs ou par un ſeul ? Le malheur eſt égal. Qu'importe que la tyrannie ait cent bras, ſi un ſeul ſe porte d'un bout de l'empire à l'autre, s'il peſe ſur tous les individus, s'il ſe régénere à l'inſtant même où il eſt coupé ? D'ailleurs, ce n'eſt pas le deſpotiſme qui effraie, qui épouvante ; c'eſt ſa propagation. Les viſirs, les pachas, &c. imitent le maitre, ils égorgent en attendant qu'ils ſoient égorgés. Dans les gouvernemens d'Europe, la réaction ſimultanée de tous les corps, leurs chocs entretiennent des momens d'équilibre pendant leſquels le peuple reſpire : les limites de leur pouvoir reſpectif, perpétuellement dérangées, tiennent lieu de liberté, & le fantôme conſole au moins de ne pouvoir atteindre à la réalité.*

tre, dont la pesanteur opprimoit vos rois, est léger dans les mains de notre monarque. Ce n'est plus une victime pompeusement parée, incessamment sacrifiée aux besoins de l'Etat : il ne porte que le fardeau que lui permet la force limitée qu'il a reçue de la nature.

Nous possédons un prince craignant Dieu, pieux & juste, qui porte dans son cœur l'Eternel & la patrie, qui redoute la vengeance divine & le blâme de la postérité, & qui regarde une bonne conscience & une gloire sans tache comme le plus haut degré de félicité. Ce sont moins de grands talens du côté de l'esprit, des connoissances étendues, qui font le bien, que le desir sincere d'un cœur droit qui le chérit & qui aime à l'accomplir. Souvent le génie vanté d'un monarque, loin d'avancer le bonheur du royaume, se tourne contre la liberté du pays.

Nous avons concilié ce qui paroissoit presque impraticable à accorder, le bien de l'Etat avec le bien des particuliers. On prétendoit même que le bonheur public d'un Etat étoit nécessairement distinctif du bonheur de quelques-uns de ses membres. Nous n'avons point épousé cette politique barbare, fondée sur l'ignorance des véritables loix ou sur le mépris des hommes les plus pauvres & les plus utiles. Il étoit des loix abominables & cruelles, qui supposoient les hommes méchans : mais nous sommes très-disposés à croire qu'ils ne le sont devenus que depuis l'institution de ces mêmes loix. Le despotisme a fatigué le cœur humain, & en l'irritant, l'a desséché & corrompu.

Notre roi a tout le pouvoir & l'autorité nécessaires pour faire le bien, & les bras liés pour faire le mal. On lui expose la nation sous un jour toujours favorable : on présente sa valeur, sa fidélité envers le prince, son horreur pour tout joug étranger.

Il eſt des cenſeurs qui ont droit de chaſſer d'auprès du prince tous ceux qui inclineroient à l'irréligion, au libertinage, au menſonge, à l'art plus funeſte de couvrir la vertu de ridicule *(a)*. On ne connoît plus auſſi parmi nous cette claſſe d'hommes, qui ſous le titre de nobleſſe (qui pour comble de ridicule étoit vénale,) accouroit ramper autour du trône, ne vouloit ſuivre que le métier des armes ou celui de courtiſan, vivoit dans l'oiſiveté, raſſaſioit ſon orgueil de vieux parchemins, & préſentoit le déplorable ſpectacle d'une vanité égale à ſa miſere. Vos grenadiers verſoient leur ſang avec autant d'intrépidité que le plus noble d'entre eux, & ne le mettoient pas à ſi haut prix. D'ailleurs, une telle dénomination dans notre république auroit offenſé les autres ordres de l'Etat. Les citoyens ſont égaux : la ſeule diſtinction eſt celle que mettent naturellement entre les hommes la vertu, le génie & le travail *(b)*.

(a) Je ſuis fort porté à croire que les ſouverains ſont preſque toujours les plus honnêtes gens de leur cour. Narciſſe avoit l'ame encore plus noire que celle de Néron.

(b) Pourquoi les François ne pourroient-ils ſoutenir le gouvernement républicain ? Qui eſt-ce qui ignore en ce royaume les prééminences de la nobleſſe fondées ſur l'inſtitution même, confirmées par l'uſage de pluſieurs ſiecles ? Dès que ſous le regne de Jean, le Tiers-Etat eut ſorti de ſon aviliſſement, il prit ſéance aux aſſemblées de la nation, & cette nobleſſe fiere & barbare, le vit, ſans ſe ſoulever, aſſocié aux ordres du royaume, quoique les tems fuſſent encore tout remplis des préjugés de la police des fiefs & de la profeſſion des armes. L'honneur françois, principe toujours agiſſant, ſupérieur aux plus ſages inſtitutions, pourra donc devenir un jour l'ame d'une république, ſur-tout lorſque le goût de la philoſophie, la connoiſſance des

Malgré tant de remparts, de barrieres, de précautions, afin que le monarque n'oublie point, en cas de calamités publiques, ce qu'il doit aux pauvres, il obſerve chaque année un jeûne ſolemnel qui dure trois jours. Pendant ce tems notre roi ſouffre la faim, endure la ſoif, eſt couché ſur un grabat : & ce jeûne terrible & ſalutaire lui imprime dans le cœur une commiſération plus tendre envers les néceſſiteux. Notre ſouverain n'a pas beſoin, il eſt vrai, d'être averti par cette ſenſation phyſique ; mais c'eſt une loi de l'Etat, une loi ſacrée, juſqu'ici ſuivie & reſpectée. A l'exemple du monarque, tout miniſtre, tout homme qui touche aux rênes du gouvernement, ſe fait un devoir de ſentir par lui-même ce que c'eſt que le beſoin & la douleur qui en réſulte ; il en eſt plus diſpoſé dans la ſuite à ſoulager ceux qui ſe trouveroient ſoumis à l'impérieuſe & dure loi de l'extrême néceſſité (*a*).

---

loix politiques, l'expérience de tant de maux auront détruit cette légéreté, cette indiſcrétion, qui dénaturent ces brillantes qualités qui feroient des François le premier peuple de l'univers, s'il ſavoit meſurer, mûrir & ſoutenir ſes projets.

(a) En face de la cabane d'un philoſophe, ſe trouvoit une haute & riche montagne favoriſée des plus doux regards du ſoleil. Elle étoit couverte de beaux pâturages, d'épis dorés, de cedres & de plantes aromatiques. Les oiſeaux les plus agréables à la vue, les plus délicieux au goût, en bandes preſſées fendoient l'air de leurs aîles, & le rempliſſoient de leur ramage harmonieux. Les daims, les chevreuils bondiſſans peuploient les bois. Quelques lacs nourriſſoient dans leurs eaux argentées la truite, le merlan & le brochet. Trois cent familles répandues, ſur le dos de cette montagne la partageoient & y vivoient heureuſes dans la paix, dans l'abondance, au ſein des ver-

--- Mais

— Mais, lui dis-je, de tels changemens ont dû être longs, pénibles, difficultueux. Que d'efforts il vous a fallu faire! -- Le ſage, ſouriant avec douceur, répondit: Le bien n'eſt pas plus difficile que le mal. Les paſſions humaines ſont de terribles obſtacles. Mais dès que les eſprits ſont éclairés ſur leurs véritables intérêts, ils deviennent juſtes & droits. Il me ſemble qu'un ſeul homme pourroit gouverner le monde, ſi les cœurs étoient diſpoſés à la tolérance & à l'équité. Malgré l'inconſéquence ordinaire aux gens de votre ſiecle, on avoit ſu prévoir que la raiſon feroit un jour de grands progrès; les effets en ſont devenus ſenſibles, & les principes heureux d'un ſage gouvernement ont été le premier fruit de la réforme.

---

tus qu'elles enfantent; elles béniſſoient le ciel au lever & au coucher du ſoleil. Mais voici que l'indolent, le voluptueux, le diſſipateur Oſman monta ſur le trône, & ces trois cent familles furent bientôt ruinées, chaſſées, errantes & vagabondes. La belle montagne paſſa toute entiere entre les mains de ſon viſir, noble brigand, qui fit ſervir les dépouilles des malheureux à traiter magnifiquement ſes chiens, ſes concubines & ſes flatteurs. Un jour Oſman s'égara à la chaſſe; il fit rencontre du philoſophe dont la cabane écartée avoit échappé au torrent qui avoit tout englouti. Le philoſophe le reconnut, ſans que le monarque s'en doutât. Le philoſophe fit noblement ſon devoir. On parla du tems préſent. » Hélas! dit le ſage vieillard: on connoiſſoit encore la gaieté, il y a dix ans; mais aujourd'hui les plus grands beſoins exténuent le pauvre, attriſtent ſon ame, & l'extrême miſere qu'il combat chaque jour avec courage le mene lentement au tombeau. Tout ſouffre... Le monarque reprit: » dites-moi, je vous prie, qu'eſt-ce que miſere?" Le philoſophe ſoupira, ſe tut, & le remit dans le chemin de ſon palais.

CHAPITRE XXXVII.

De l'Héritier du Trône.

PLUS interrogeant que ne le fut jamais le bailli du Huron *(a)*, je continuai à exercer la patience de mes voisins. --- J'ai bien vu le monarque assis sur son trône ; mais j'ai oublié, Messieurs, de vous demander où étoit le fils du roi, de mon tems appellé Dauphin ? ---- Le plus poli prit la parole & me dit :

Convaincus que nous sommes que c'est de l'éducation des grands que dépend le bonheur des peuples, & que la vertu s'apprend comme le vice se communique, nous veillons avec le plus grand soin sur les jeunes années des princes. L'héritier du trône n'est point à la cour, où quelques flatteurs oseroient peut-être lui persuader qu'il est plus que les autres hommes, & que ceux-ci sont moins que des insectes ; on lui cache soigneusement ses hautes destinées. Dès qu'il est né, on lui a imprimé sur l'épaule une empreinte royale qui servira à le faire reconnoître. On l'a remis entre les mains de gens dont la fidélité discrette n'a pas moins été éprouvée que la probité. Ils font serment devant l'Etre Suprême de ne jamais révéler au prince qu'il doit être roi : serment redoutable, & qu'ils n'osent jamais enfreindre.

Aussi-tôt qu'il est sorti des mains des femmes, on le promene, on le fait voyager, on dispose son éducation physique qui doit toujours précéder

---

(a) Le Huron ou l'Ingénu, Roman de Voltaire, un des mieux faits qui soient sortis de sa plume. Le Huron enfermé à la Bastille avec un Janséniste est la chose du monde la plus ingénieusement imaginée.

l'éducation morale. Il eſt vêtu comme le fils d'un payſan. On l'accoutume aux mets les plus ordinaires : on lui enſeigne de bonne heure la ſobriété ; il connoîtra mieux un jour que ſa propre économie doit ſervir d'exemple, & qu'une fauſſe prodigalité ruine un Etat & déshonore l'extravagant diſſipateur. Il viſite ſucceſſivement toutes les provinces. On lui fait connoître tous les travaux de la campagne, les ouvrages des manufactures, les productions des divers terreins. Il voit tout de ſes propres yeux : il entre dans la cabane des laboureurs, mange à leur table, s'aſſocie à leurs travaux, apprend à les reſpecter. Il converſe familiérement avec tous les hommes qu'il rencontre. On permet à ſon caractere de ſe déployer librement, & il ſe croit auſſi éloigné du trône qu'il en eſt près.

Beaucoup de rois ſont devenus tyrans, non parce qu'ils avoient un mauvais cœur, mais parce que l'état des pauvres de leur pays n'avoit jamais pu parvenir juſqu'à eux (*a*). Si l'on abandonnoit ce jeune prince aux idées flatteuſes d'un pouvoir aſſuré, peut-être même avec une ame droite, vu la pente infortunée du cœur humain, chercheroit-il dans la ſuite à étendre les limites de ſon autorité (*b*). C'eſt en cela que pluſieurs ſouverains

---

(*a*) *Le préjugé eſt toujours à la droite du trône, prêt à couler ſes erreurs dans l'oreille des rois. La vérité timide doute de la victoire qu'elle peut remporter ſur eux, & attend qu'on lui faſſe ſigne pour approcher; mais ſa bouche parle un langage ſi étrange, qu'on revient au fantôme trompeur qui poſſede à fond la langue du pays. Rois! apprenez l'idiome ſévere & philoſophique de la vérité! c'eſt en vain que vous la chérirez, ſi vous ne ſavez pas l'entendre.*

(*b*) *Les hommes ont une diſpoſition naturelle au deſpotiſme, parce que rien n'eſt plus commode que de*

faisoient malheureusement consister la grandeur royale, & par conséquent leur intérêt étoit toujours opposé à celui de la nation.

Dès que le jeune prince a atteint l'âge de vingt ans, plutôt même, si son ame est formée de meilleure heure, on le conduit dans la salle du trône. Il est caché dans la foule comme un simple spectateur. Tous les ordres de l'Etat sont assemblés ce jour-là, & tous ont reçu le mot. Tout-à-coup le monarque se leve, appelle par trois fois le jeune homme. Les flots de la foule s'ouvrent. Etonné, il s'avance d'un pas timide vers le trône, il y monte en tremblant : le roi l'embrasse, & déclare aux yeux de tous les citoyens qu'il est son fils. *Le ciel*, dit-il d'une voix touchante & majestueuse, *le ciel vous a destiné à porter le fardeau de la royauté ; on a travaillé vingt ans à vous en rendre digne, ne trompez pas l'espoir de ce grand peuple qui vous voit. Mon fils ! j'attends de vous le même zele que j'ai eu pour l'Etat.* Quel moment ! quelle foule d'idées entrent dans son ame ! Le monarque alors lui montre la tombe où repose le monarque prédécesseur, cette tombe où est gravé en gros caracteres : L'ETERNITÉ. Il continue d'une voix non moins imposante : *Mon fils, on a tout fait pour ce moment. Vous êtes sur la cendre de votre ayeul, vous devez le faire renaître : faites le serment d'être juste comme lui. Je vais bientôt descendre pour occuper sa place, songez que je vous accuserois du fond de cette tombe, si vous abusiez de votre pouvoir. Ah ! mon cher fils, l'Etre Suprême & le royaume ont les yeux ouverts sur vous ; aucune de vos pensées ne leur*

---

remuer le bout de la langue pour être obéi. On connoit ce sultan qui vouloit qu'on lui récitât des histoires amusantes, sous peine d'être étranglé. D'autres tiennent à peu près le même langage, & disent à leurs peuples : divertissez-moi, & mourez de faim.

échappera. Si quelque mouvement d'ambition ou d'orgueil régnoit en ce moment au fond de votre ame, il est encore tems de le subjuguer; abdiquez le diadême, descendez de ce trône, rentrez dans la foule; vous serez plus grand, plus respecté, citoyen obscur, que monarque vain ou sans courage. Que ce ne soit point la chimere de l'autorité qui flatte votre jeune cœur, mais l'idée douce & grande de pouvoir faire un bien réel aux hommes. Je vous promets pour récompense l'amour de ce peuple qui nous écoute, ma tendresse, l'estime du monde, & l'assistance du monarque de l'univers. C'est lui qui est roi, mon fils, nous ne sommes que des simulacres qui passons sur la terre pour accomplir ses augustes desseins (a).

Le jeune prince ému, attendri, le front couvert d'une modeste pudeur, n'ose lever les yeux sur cette grande assemblée dont les regards l'environnent & le pressent. Il répand des larmes, il pleure en envisageant l'étendue de ses devoirs; mais bientôt il agit en héros: on lui a enseigné que le grand homme doit se sacrifier pour ses semblables, & que si la nature n'a pas préparé aux hommes un bonheur sans mêlange, c'est au pouvoir heureux dont la nation le rend dépositaire, à faire plus que la nature n'avoit su faire en leur faveur. Cette noble idée le pénetre, l'échauffe, l'enflamme, il prête le serment entre les mains de son pere; il atteste la cendre sacrée de son ayeul; il baise le sceptre qu'il doit respecter le premier; il adore l'Etre Suprême: on le couronne. Les ordres

---

(a) *Garnier fait dire à Nabuchodonosor, enflé de sa puissance & de ses victoires: Qu'est-il ce Dieu qui commande à la pluie, aux vents, aux tempêtes? Sur qui regne-t-il? Sur des mers, sur des rochers, &c.*

Insensibles sujets, moi je commande aux hommes.
Je suis l'unique Dieu de la terre où nous sommes.

de l'Etat le saluent, & le peuple, dans les transports de sa joie, lui crie : *ô toi! qui sors du milieu de nous, qui nous a vus si long-tems & de si près, que les prestiges de la grandeur ne te fassent point oublier qui tu es, & qui nous sommes* (*a*).

Il ne peut monter sur le trône qu'à l'âge de vingt-deux ans, parce qu'il est contre le bon sens d'être soumis à un roi enfant. De même, le souverain dépose le sceptre à l'âge de soixante-dix ans, parce que l'art de régner demande une activité, une souplesse d'organes, & je ne sais quelle sensibilité qui s'éteint malheureusement dans l'ame avec les années. (*b*) D'ailleurs on craint que l'habitude du pouvoir ne fasse naître en son ame cette ambition concentrée qu'on nomme avarice, & qui est la derniere & la plus triste passion que l'homme ait à combattre (*c*). L'héritage demeure à la ligne directe, & le monarque septuagénaire

---

(a) Les Grecs & les Romains ont éprouvé des sensations beaucoup plus vives que les nôtres. Une religion toute sensible, des affaires fréquentes qui tenoient au grand intérêt de la république, un appareil imposant, sans être fastueux, les acclamations du peuple, les assemblées de la nation, les harangues publiques, quelle source intarissable de plaisirs! Il semble, auprès de ces gens-là, que nous ne faisions que languir, & presque que nous ne vivions pas.

(b) Qu'il sera doux quand les ans auront blanchi nos cheveux, de pouvoir nous reposer en nous rappellant des actions d'humanité & de bienfaisance semées dans le cours de notre vie! Tous, tant que nous sommes, il ne nous restera alors que le sentiment d'avoir été vertueux, ou la honte & le tourment du vice.

(c) La prodigalité est également à redouter. Un jeune prince refuse quelquefois, parce qu'il a en lui la valeur de ses refus; mais le vieillard accorde toujours, car il n'a pas de quoi remplir le vuide de ses graces.

ſert encore l'Etat par ſes conſeils, ou par l'exemple de ſes vertus paſſées. Le tems, qui s'écoule entre cette reconnoiſſance publique & le jour de ſa majorité, eſt encore ſoumis à quelques nouvelles épreuves. On lui parle toujours par des images fortes & ſenſibles. Veut-on lui prouver que les rois ne ſont pas faits d'une autre maniere que le reſte des hommes, qu'ils n'ont pas un cheveu de plus ſur la tête, qu'ils leur ſont égaux en foibleſſe dès leur entrée dans ce monde, égaux en infirmités, égaux aux yeux de Dieu, que le choix du peuple eſt la ſeule baſe de leur grandeur; on fait venir par maniere de divertiſſement un jeune porte-faix de ſa taille & de ſon âge; on les fait lutter enſemble. Le fils du roi a beau être vigoureux, il eſt ordinairement terraſſé, le porte-faix le preſſe juſqu'à ce qu'il avoue ſa défaite. Alors on releve le jeune prince, on lui dit: „ Vous voyez qu'aucun homme par la loi de la nature n'eſt ſoumis à un autre homme, qu'aucun ne naît eſclave, que les rois naiſſent hommes & non pas rois, qu'en un mot le genre humain n'a pas été créé pour faire les plaiſirs de quelques familles. Le Tout-puiſſant même, ſelon la loi naturelle, ne veut point gouverner avec violence, mais ſur des volontés libres. Vouloir rendre les hommes eſclaves, c'eſt donc commettre une témérité envers l'Etre Suprême, & exercer une tyrannie ſur les hommes ". Alors le porte-faix, qui l'a vaincu, s'incline en ſa préſence, & lui dit: „ Je puis être plus fort que vous, & il n'y a ni droit ni gloire en cela; la véritable force eſt l'équité, la vraie gloire eſt la grandeur d'ame. Je vous rends hommage comme à mon ſouverain, dépoſitaire de toutes les forces particulieres: lorſque quelqu'un voudra me tyranniſer, c'eſt vous qui devrez voler à mon ſecours; je vous appellerai alors, & vous me ſauverez de l'homme injuſte & puiſſant...

Le jeune prince commet-il quelque faute, quelque imprudence caractérisée, le lendemain il voit cette faute à jamais gravée dans les nouvelles publiques (*a*). Il s'étonne quelquefois, il s'indigne. On lui répond froidement ; „ il est un tribunal integre & vigilant qui écrit chaque jour toutes les actions des princes. La postérité saura & jugera tout ce que vous aurez dit & fait : il ne tient qu'à vous de la faire parler d'une maniere honorable “. Si le jeune prince rentre en lui-même & répare sa faute, alors les nouvelles du lendemain annoncent ce trait d'un heureux caractere, & donnent à cette action noble tout les éloges qu'elle mérite (*b*).

Mais ce qu'on lui recommande plus fortement, ce qu'on lui imprime sous des images plus multipliées, c'est cette horreur du faste, qui n'est bon à rien & qui a perdu tant d'Etats & déshonoré tant de souverains (*c*). Ces palais dorés, lui dit-on, sont comme ces décorations théatrales où du carton paroît de l'or massif. L'enfant croit voir un palais réel. Ne soyez pas un enfant. La pompe & la représentation ont été des abus introduits par

---

(a) Je voudrois qu'un prince fût quelquefois curieux de savoir qu'elle est l'idée du public sur son compte, il apprendroit dans un quart-d'heure de quoi méditer le reste de sa vie.

(b) Tu dis : » je ne redoute point l'épée des hommes, je suis brave “. Tu te trompes. Pour l'être en effet, il faut encore ne craindre, ni leur langue, ni leur plume. Mais en ce sens les plus grands rois de la terre ont été de tout tems les plus grands poltrons. Le gazetier d'Amsterdam empêchoit Louis XIV de sommeiller.

(c) Le luxe, qui est la cause de la destruction des Etats & qui fait fouler aux pieds toutes les vertus, prend sa source dans des cours corrompues, dont chacun vient prendre le ton.

l'orgueil

l'orgueil & la politique. On faisoit parade de ce faste pour inspirer plus de respect & de crainte. Par ce moyen les sujets contractoient un génie servile, & se sont accoutumés au joug. Mais un roi s'est-il jamais avili en se mettant au niveau de ses sujets ? Que sont des représentations vaines & journalieres auprès de cet air ouvert & affable qui les attire vers sa personne ? Les besoins du monarque ne sont pas plus étendus que ceux du dernier de ses sujets. „ Il n'a qu'un estomac, comme un bouvier, disoit J. J. Rousseau " : S'il veut goûter la plus pure de toutes les jouissances ; qu'il goûte le plaisir d'être aimé, & qu'il s'en rende digne (*a*).

Enfin il ne se passe pas un seul jour qu'on ne lui rappelle l'existence d'un Etre Suprême, son œil ouvert sur le monde, la crainte de ce Dieu, le respect pour sa providence, la confiance en sa sagesse infinie. Le plus abominable des êtres est sans contredit un roi athée. J'aimerois mieux être dans un vaisseau battu par la tempête & avoir affaire à un pilote ivre : le hazard pourroit du moins me sauver.

Ce n'est qu'à l'âge de vingt-deux ans qu'il lui est permis de se marier. Il fait monter sur le trône

---

(*a*) *Le duc*** premier du nom de Virtemberg, étant à dîner chez un prince souverain, son voisin ; avec quelques autres petits potentats, chacun vint à parler de ses forces & de sa puissance. Après les avoir laissé parler tous, le duc leur dit : » Je n'envie à aucun de vous cette puissance que Dieu vous a donnée ; mais une chose dont je me puis me vanter, c'est que dans mon petit Etat, à toute heure du jour je puis marcher seul & en sûreté. Je m'enfonce quelquefois dans un bois : je m'endors sous un arbre ; & tranquille, au milieu de mon peuple, je ne redoute ni le fer d'un assassin ni le glaive d'un vengeur.*

une citoyenne. Il ne va pas chercher une femme étrangere qui ſouvent apporte à la patrie un caractere qui, trop éloigné des mœurs du pays, dénature le ſang des François, & fait qu'ils ſont gouvernés plutôt par des Eſpagnols & des Italiens que par les deſcendans de nos braves ancêtres.

Le roi ne fait pas l'outrage à une nation entiere de penſer que la beauté & la vertu ne naiſſent que ſur un ſol étranger. Celle qui dans le cours de ſes voyages a frappé le cœur du prince, qui l'a aimé ſans ſceptre & ſans couronne, monte ſur le trône avec ſon amant, & devient chere & reſpectable à la nation, tant par ſa tendreſſe que pour avoir ſu plaire à un héros. Outre l'avantage d'inſpirer à toutes les jeunes filles l'amour de la ſageſſe & des vertus, en leur offrant pour perſpective une récompenſe digne de leurs efforts, nous évitons toutes ces guerres de famille qui, abſolument étrangeres au bien de l'Etat, ont tant de fois déſolé l'Europe (*a*).

Le jour de ſon mariage, au lieu de prodiguer follement l'or en feſtins ſuperbement ennuyeux, en fêtes inſenſées & brillantes, en feux d'artifice & autres dépenſes auſſi extravagantes qu'épouvantables, le prince fait dreſſer un monument public, comme un pont, un aqueduc, un chemin, un canal, une ſalle de ſpectacle. Le monument porte le nom du prince. On ſe ſouvient du bienfait, tandis qu'on oublioit ces profuſions déraiſonnables, qui ne laiſſoient que des traces de malheurs & d'accidens affreux (*b*). Le peuple ſatiſ-

(a) La plupart de nos guerres ne viennent, comme on ſait, que de ces alliances prétendues politiques. Si du moins une bonne fois l'Europe & l'Afrique pouvoient épouſer l'Aſie & l'Amérique, à la bonne heure.

(b) Dois-je rappeller ici la nuit horrible du 30

fait de la générosité du prince, est dispensé de répéter tout bas cette fable antique dans laquelle une pauvre grenouille se lamente au fond de son marais en voyant les nôces du soleil (*a*).

CHAPITRE XXXVIII.

Des Femmes.

L'Homme affable & complaisant qui daignoit m'instruire continua sur le même ton de franchise. ---- Vous saurez que les femmes n'ont d'autre dot que leurs vertus & leurs charmes. Elles ont donc été intéressées à perfectionner les qualités morales. Ainsi par ce trait de législation nous avons abattu l'hydre de la coquetterie, si féconde

Mars 1770? Elle accusera éternellement notre police, qui favorise uniquement les riches, qui protege le luxe barbare des voitures. Ce sont elles qui ont occasionné cet affreux désastre. Mais s'il ne sort pas de cet accident épouvantable une ordonnance sévere qui rende au citoyen l'usage du pavé sans encombre, qu'espérer d'autres maux plus enracinés & plus difficiles à guérir? Près de huit cent personnes sont mortes des suites de cette presse effroyable, & six semaines après on n'en a plus parlé!

(*a*) *J'ai lu dans une piece de vers ceux-ci :*

Ces rois énorgueillis de leur grandeur suprême,
Ce sont des mendians que couvre un diadême.

En effet, ils demandent sans cesse, & c'est le peuple qui paie la robe de l'auguste mariée, le festin, le feu d'artifice, la broderie du lit nuptial; & dès que le poupon royal sera né, chacun de ses cris se métamorphosera en nouveaux édits.

en travers, en vices & en ridicules. --- Quoi, point de dot! Les femmes n'ont rien en propre, & qui peut les épouser? ---- Les femmes n'ont point de dot, parce qu'elles sont par nature dépendantes du sexe qui fait leur force & leur gloire, & que rien ne doit les soustraire à cet empire légitime, qui est toujours moins terrible que le joug qu'elles se donnent à elles-mêmes dans leur funeste liberté. D'ailleurs cela revient au même : un homme qui épouse une femme, ne recevant rien d'elle, trouve à pourvoir ses filles sans bourse délier. On ne voit point une fille orgueilleuse de sa dot sembler accorder une grace à l'époux qu'elle accepte (*a*). Tout homme nourrit la femme qu'il féconde, & celle-ci, tenant tout de la main de son mari, est plus disposée à la fidélité & à l'obéissance : la loi étant universelle, aucune n'en sent le poids. Les femmes n'ont d'autre distinction que celle que leur époux fait réjaillir sur elles. Toutes soumises aux devoirs que leur sexe leur impose, leur honneur est de suivre ses loix austeres, mais qui seules assurent leur bonheur.

Tout citoyen qui n'est pas diffamé, fût-il dans le dernier emploi, peut prétendre à la fille du plus haut rang, pourvu que le consentement de celle qu'il recherche y réponde, & qu'il n'y ait point séduction ou disproportion d'âge. Tous les citoyens, sans marcher sur la même ligne, reprennent l'égalité primitive de la nature, lorsqu'il s'agit de signer un contrat aussi pur, aussi libre, aussi nécessaire au bonheur que celui de l'hymen. Là finit la borne du pouvoir paternel (*b*)

(a) Une femme d'Athenes demandoit à une Lacédémonienne, ce qu'elle avoit apportée en dot à son mari? --- La chasteté, répondit-elle.

(b) Quelle indécence, quelle monstruosité, que

& celle de l'autorité civile. Nos mariages sont fortunés, parce que l'intérêt qui corrompt tout, ne souille point leurs nœuds aimables. Vous ne sauriez croire combien une loi si simple a banni de vices & de frivolités, tels que la médisance, la jalousie, l'oisiveté, l'orgueil de l'emporter sur une rivale, les petitesses, les miseres de toute espece (*a*). Les femmes, au lieu de perfectionner leur vanité, ont cultivé leur esprit; & au défaut de richesses, elles ont fait provision de douceur, de modestie & de patience. La musique & la danse ne forment plus leur mérite principal: elles ont daigné apprendre l'économie, l'art de plaire à leurs maris, & d'élever leurs enfans. L'extrême inégalité des rangs & des fortunes (le vice le plus destructeur de toutes les sociétés politiques) disparoît ici. Le dernier citoyen n'a point à rougir devant la patrie; il s'allie au premier qui n'en conçoit point de honte. La loi a uni les hommes au-

---

de voir un pere fatiguer vingt tribunaux, animé par l'orgueil barbare de ne point céder sa fille à un homme, parce qu'il la destinoit secrettement à un autre; oser alors citer des ordonnances civiles, tandis qu'il oublie les loix les plus sacrées de la nature, qui lui défendent d'accabler une fille infortunée sur laquelle il n'a d'autre autorité légitime que celle de l'accabler de bienfaits. Une chose tristement remarquable dans ce malheureux siecle, c'est que les mauvais peres ont surpassé le nombre des enfans dénaturés. Où est la source du mal? Hélas, dans nos loix!

(*a*) *La nature a destiné les femmes aux fonctions intérieures de la maison, & à des soins par-tout d'une même espece. Elle a semé beaucoup moins de variété dans leur caractere que dans celui des hommes. Presque toutes les femmes se ressemblent; elles n'ont qu'un but, & il se manifeste dans tous les pays par des effets semblables.*

tant qu'elle a pu, au lieu de créer ces distinctions injurieuses qui n'ont jamais enfanté que l'orgueil d'un côté & la haine de l'autre, elle a mieux aimé rompre tout ce qui pouvoit diviser les enfans d'une même mere.

Nos femmes sont ce qu'elles étoient chez les anciens Gaulois, des objets aimables & vrais, que nous respectons, que nous consultons dans toutes nos affaires. Elles n'affectent point ce misérable jargon du bel esprit (*a*), si fort en vogue parmi vous. Elles ne se mêlent point d'assigner le rang aux différens génies. Elles se contentent d'avoir du bon sens, qualité bien préférable à ces éclairs artificiels, frivoles amusemens de l'oisiveté. L'amour, ce principe fécond des plus rares vertus, préside & veille aux intérêts de la patrie. Plus on goûte de bonheur dans son sein, plus elle devient chere. Jugez de notre attachement pour elle. Les femmes y ont sans doute gagné. Au lieu de ces vains & fastidieux plaisirs qu'elles poursuivoient par vanité, elles ont toute notre tendresse, elles jouissent de notre estime, elles goûtent une félicité plus solide & plus pure dans la possession de nos cœurs que dans ces voluptés passageres dont la triste poursuite les fatiguoit. Chargées du soin de conduire les premieres années de nos enfans, ils n'ont plus d'autres précepteurs qu'elles; parce que plus vigilantes, plus instruites qu'elles ne l'é-

---

(*a*) *Une femme est bien mal-habile de vouloir montrer de l'esprit à tout propos. Elle devroit au contraire mettre tout son art à le cacher. En effet, que cherchons-nous, nous autres hommes? de l'innocence, de l'ingénuité, une ame neuve, simple, franche, une intéressante timidité. Une femme, qui fait briller son savoir, semble donc vous dire: » Messieurs, attachez-vous à moi, j'ai de l'esprit; je serai plus perfide, plus fausse, plus artificieuse qu'une autre.*

toient dans votre ſiecle, elles connoîſſent mieux le plaiſir délicieux d'être meres dans toute l'étendue du terme.

Mais, (m'écriai-je)! malgré toute la perfection dont vous êtes remplis, l'homme eſt toujours homme; il a ſes foibleſſes, ſes fantaiſies, ſes dégoûts. Si le flambeau de la diſcorde prenoit la place du flambeau de l'hymen, comment faites-vous alors? Le divorce eſt-il permis? (a) ----- Sans

---

(a) *Nicolas I s'érigeant en réformateur des loix divines, naturelles & civiles, abrogea le divorce dans le neuvieme ſiecle. Il étoit en vogue chez tous les peuples de le terre, autoriſé parmi les Juifs & les Chrétiens. Quel eſt le ſort du genre humain! Un ſeul homme lui ravit une liberté précieuſe, d'un lien civil fait une chaine indiſſoluble & ſacrée, fomente à jamais les diſcordes domeſtiques. Pluſieurs ſiecles donnent à cette loi inepte & bizarre une ſanction inviolable; & les guerres inteſtines, qui troublent l'intérieur des maiſons & la dépopulation des Etats, ſont les fruits du caprice d'un pontife. Il eſt évident que le divorce étant permis, les mariages ſeroient plus heureux. On redouteroit moins de contracter un lien qui ne nous enchaineroit point au malheur. La femme ſeroit plus attentive, plus ſoumiſe; le lien, n'étant durable que par la volonté des conjoints, auroit un tiſſu plus fort. D'ailleurs, la population étant fort au-deſſous de ſon véritable terme, c'eſt à l'indiſſolubilité du mariage qu'on doit attribuer la cauſe ſecrette qui mine ſourdement les monarchies catholiques. Si elles tolerent encore quelque tems, & le célibat qui domine parmi nous, (fruit de la plus triſte adminiſtration) & le célibat eccléſiaſtique qui ſemble de droit divin, elles n'auront plus que des troupes énervées à oppoſer aux armées nombreuſes, ſaines & robuſtes des peuples chez leſquels le divorce eſt permis. Moins il y aura*

doute, lorſqu'il eſt fondé ſur des raiſons légitimes : par exemple, lorſque les deux conjoints le ſollicitent à la fois, l'incompatibilité d'humeurs ſuffit pour rompre ces nœuds. On ne ſe marie que pour être heureux : c'eſt un contrat dont la paix & les ſoins mutuels doivent être le but. Nous ne ſommes pas aſſez inſenſés pour retenir de force deux cœurs qui s'éloignent, & pour renouveller le ſupplice du cruel Mezence, qui attachoit un corps vivant ſur un cadavre. Le divorce eſt le ſeul remede convenable, parce qu'il rend du moins à la ſociété deux hommes perdus l'un pour l'autre. Mais le croiriez-vous ? Plus la facilité eſt grande, plus on tremble d'en profiter, parce qu'il y a une eſpece de déshonneur à ne pouvoir ſupporter enſemble les miſeres d'une vie paſſagere. Nos femmes, vertueuſes par principes, ſe complaiſent dans les plaiſirs domeſtiques : ils ſont toujours rians lorſque le devoir ſe confond avec le ſentiment ; rien n'eſt difficile alors, & tout prend une empreinte touchante.

— Oh ! que je ſuis déſeſpéré d'être ſi vieux, m'écriai-je ! j'épouſerois tout-à-l'heure une de ces femmes aimables. Les mœurs des nôtres étoient ſi hautaines, ſi altieres ! Elles étoient pour la plupart ſi fauſſes, ſi mal élevées, que ſe marier paſſoit pour une inſigne folie. La coquetterie & le goût immodéré des plaiſirs, avec une profonde indifférence pour tout ce qui n'étoit pas elles-mêmes, voilà ce qui compoſoit le caractere de nos femmes ; elles jouoient la ſenſibilité ; elles n'étoient gueres humaines qu'envers leurs amans. Tout autre goût que celui de la volupté étoit

de célibataires, plus les mariages ſeront chaſtes, heureux & féconds. La diminution de l'eſpece humaine conduit néceſſairement un empire à ſa ruine totale.

preſque

presque étranger à leur ame. Je ne parle point ici de la pudeur ; elle étoit un ridicule. Aussi tout homme sage, ayant à choisir de deux maux, préféroit le célibat comme le moindre. La difficulté d'élever des enfans étoit encore une raison non moins forte ; on évitoit de donner des enfans à un Etat qui devoit les accabler de rigueurs. Ainsi l'éléphant généreux, une fois captif, se dompte lui-même, refuse de se livrer au plus doux instinct, afin de ne point rendre esclave sa postérité. Les maris eux-mêmes veilloient dans leurs transports à écarter un enfant de leur maison, comme on cherche à éloigner de chez soi un être vorace. L'homme fuyoit l'homme, parce que leur union ne pouvoit que redoubler leur misere ! De pauvres filles, fixées au sol où elles naissoient, languissoient comme ces fleurs qui, brulées du soleil, pâlissent & tombent sur leurs tiges. Le plus grand nombre traînoit jusqu'au tombeau le desir d'être mariées : l'ennui & le chagrin filoient tous les instans de leur vie : elles ne se dédommageoient de cette privation que par le risque de leur honneur & la perte de leur santé. Enfin le nombre des célibataires étoit monté à un point effrayant, & pour comble de malheurs la raison sembloit justifier cet attentat contre l'humanité (*a*). Achevez du moins,

---

(*a*) *Le goût du célibat commence à régner lorsque le gouvernement devient aussi mauvais qu'il est possible qu'il le soit. Le citoyen, bientôt détaché du lien le plus doux, se détache insensiblement de l'amour de la vie. Le suicide devient fréquent. L'art de vivre est un art si pénible, que l'existence devient un fardeau. On auroit supporté tous les fléaux physiques rassemblés ; mais les maux politiques sont cent fois plus affreux, parce que rien ne les nécessite. L'homme maudit la société qui devoit alléger ses peines, & brise ses fers.*

pour me consoler, de me présenter le tableau attendrissant de vos mœurs. Comment avez-vous pu effacer des fléaux qui paroissoient devoir engloutir l'espece humaine ?

Mon guide prit un ton de voix plus élevé, & s'animant avec noblesse & dignité, dit en levant les yeux vers le ciel : „ ô Dieu ! si l'homme est malheureux, c'est par sa faute, c'est qu'il s'isole, c'est qu'il se concentre en lui-même. Notre activité se consume sur des objets futiles, & néglige ceux qui pourroient nous enrichir. En destinant l'homme à la société, la Providence a mis à côté de nos maux les secours destinés à les soulager. Quelle plus étroite obligation que celle de nous secourir mutuellement. N'est-ce pas-là le vœu général du genre humain ? Pourquoi fut-il si fréquemment trompé !

Je vous le répete ; nos femmes sont épouses & meres, & de ces deux vertus dérivent toutes les autres. Nos femmes se déshonoreroient, si elles se barbouilloient le visage de rouge, si elles prenoient du tabac, si elles buvoient des liqueurs, si elles veilloient, si elles avoient en bouche des chansons licencieuses, si elles hazardoient la moindre familiarité avec les hommes. Elles ont des armes plus sûres : la douceur, la modestie, les graces simples, & cette décence noble qui est leur partage & leur véritable gloire (*a*).

Elles allaitent leurs enfans, sans croire faire un grand effort ; & comme ce n'est point une gri-

---

On compte à Paris, en l'an 1769, cent quarante-sept personnes qui se sont donné volontairement la mort.

(*a*) *Tant que les femmes domineront en France, y donneront le ton, jugeront du mérite & du génie des hommes, les François n'auront ni cette fermeté d'ame, ni cette sage économie ; ni cette gravité, ni ce mâle caractere qui doivent convenir à des hommes libres.*

mace, leur lait eſt abondant & pur. On fortifie de bonne heure le corps de l'enfant : on lui enſeigne à nager, à ſoulever des fardeaux, à lancer au loin avec juſteſſe. L'éducation phyſique nous paroît importante. Nous formons ſon tempérament avant de rien graver dans ſa tête : elle ne doit pas être celle d'un perroquet, mais celle d'un homme.

La mere ſaiſit l'aurore de ſes jeunes penſées ; & dès que ſes organes peuvent obéir à ſa volonté, elle réfléchit de quelle maniere elle doit former ſon ame à la vertu. Comme elle doit tourner ſon caractere ſenſible en humanité, ſon orgueil en grandeur d'ame, ſa curioſité en connoiſſance de vérités ſublimes ; elle ſonge aux fables touchantes dont elle doit ſe ſervir, non pour voiler la vérité, mais pour la rendre plus aimable, afin que ſon éclat éblouiſſant ne bleſſe point la foibleſſe de ſon ame encore inexpérimentée. Elle veille ſur tous les geſtes, comme ſur tous les mots qu'on prononce en ſa préſence, afin qu'aucuns d'eux ne puiſſent faire une triſte impreſſion ſur ſon cœur. C'eſt ainſi qu'elle le préſerve du ſouffle du vice, qui ternit ſi précipitamment la fleur de l'innocence.

L'éducation differe parmi nous ſuivant l'emploi que l'enfant doit occuper un jour dans la ſociété ; car, quoique nous ſoyions délivrés du joug des pédans, il ſeroit ridicule de lui faire apprendre ce qu'il doit oublier dans la ſuite. Chaque art a ſa profondeur, & pour y exceller il faut s'y adonner tout entier. L'eſprit de l'homme, malgré tous les ſecours récemment découverts, & les prodiges à part, ne peut embraſſer qu'un objet. C'eſt aſſez qu'il s'y attache fortement, ſans lui preſcrire des incurſions qui ne peuvent que le détourner. Ce n'étoit qu'un ridicule dans votre ſiecle, de vouloir être univerſel, c'eſt parmi nous une folie.

Dans un âge plus avancé, lorſque ſon cœur ſen-

tira les rapports qui l'unissent aux autres hommes, alors, au lieu de ces futiles connoissances qu'on entassoit sans choix dans la tête d'un jeune homme, la mere, avec cette éloquence douce & naturelle qui appartient aux femmes, lui apprendra ce que c'est que mœurs, décence, vertu. Elle attendra le moment où la nature parée de tout son éclat parle au cœur le plus sensible, & lorsque le souffle libéral du printems aura rendu leurs ornemens aux vallons, aux forêts, aux campagnes: „ mon fils, dira-t-elle en le pressant sur le sein maternel *(a)*, vois ces vertes prairies, ces arbres couronnés de superbes feuillages; il n'y a pas long-tems qu'ils étoient comme morts, que dépouillés de leur brillante chevelure, ils étoient pétrifiés du froid qui resserroit les entrailles de la terre: mais il est un Etre bon, qui est notre pere commun, il n'abandonne point ses enfans, il demeure dans les cieux, & de-là il jette un regard paternel sur toutes ses créatures. A l'instant qu'il sourit, le soleil darde ses flammes, les arbres fleurissent, la terre se couronne de présens, l'herbe naît pour la nourriture des bestiaux dont nous buvons le lait. Et pourquoi aimons-nous tant le Seigneur, ô mon cher enfant! Ecoute, c'est qu'il est puissant & bon. Tout ce que tu vois est l'œuvre de ses mains, & tu ne vois rien encore au prix de ce qui t'est caché. L'éternité, pour laquelle ton ame immortelle a été créée, sera pour toi une chaîne infinie de surprise & de joie. Ses bienfaits & sa grandeur n'ont point de bornes. Il nous chérit, parce qu'il est notra pere. De jour

(a) Cebé nous représente l'imposture comme assise à la porte qui conduit à la vie, & faisant boire à tous ceux qui s'y présentent la coupe de l'erreur. Cette coupe, c'est la supestition. Heureux qui n'a fait que gouter, & qui a jetté le vase!

en jour il nous fera plus de bien, si nous sommes vertueux, c'est-à-dire, si nous suivons ses loix. Eh ! mon fils, comment pourrions-nous nous défendre de l'adorer & de le bénir ? " A ces mots la mere & l'enfant se prosternent, & leurs vœux confondus montent ensemble au trône de l'Eternel.

C'est ainsi qu'elle l'environne de l'idée d'un Dieu, qu'elle nourrit son ame du lait de la vérité, & qu'elle se dit : „ je remplirai les desseins du Créateur qui me l'a confié. Je serai sévere contre les passions funestes qui pourroient nuire à son bonheur. A la tendresse d'une mere j'unirai la vigilance inflexible d'une amie.

Vous avez vu à quel âge il est initié à la communion des deux infinis. Telle est notre éducation ; elle est toute en sentimens, comme vous le voyez. Nous abhorrons ce bel esprit ricaneur qui étoit le plus terrible fléau de votre siecle : il desséchoit, il bruloit tout ce qu'il touchoit ; ses gentillesses étoient les germes de tous les vices. Mais si le ton frivole est dangereux, qu'est la raison elle-même sans le sentiment ? Un corps décharné, sans coloris, sans graces, & presque sans vie. Que sont des idées neuves & même profondes, si elles n'ont rien de sensible & de vivant ? Qu'ai-je besoin d'une vérité froide qui me glace ? Elle perd sa force & son pouvoir. C'est dans le cœur que la vérité va prendre ses charmes & son tonnerre. Nous chérissons cette éloquence qui abonde en peintures vives & frappantes. C'est elle qui donne à la pensée des aîles de feu. Elle a vu & frappé l'objet ; elle s'y attache, parce que le plaisir d'être ému s'est joint à celui d'être éclairé (*a*).

(*a*) *Nous comptons plus sur les mœurs extérieures, c'est-à-dire, sur la coutume, que sur toute autre chose. Voilà pourquoi nous négligeons l'éducation. Les anciens traitoient les choses d'une maniere toute sensible*

Ainsi notre philosophie n'est point sévere ; & pourquoi le seroit-elle ? pourquoi ne pas la couronner de fleurs ? Des idées bizarres ou lugubres honoreroient-elles plus la vertu, que des idées riantes & salutaires ? Nous pensons que le plaisir émané d'une main bienfaisante n'est pas descendu sur la terre pour qu'on recule à son aspect. Le plaisir n'est point un monstre: le plaisir, comme l'a dit Young, c'est la vertu sous un nom plus gai. Loin de songer à détruire les passions, moteurs invisibles de notre être, nous les regardons comme un don précieux qu'il faut économiser avec soin. Heureuse l'ame qui possede des passions fortes ! elles font sa gloire, sa grandeur & son opulence. Un sage parmi nous cultive son esprit, rejette les préjugés, acquiert les sciences utiles & agréables. Tous les arts, qui peuvent étendre son esprit & le rendre plus juste, ont perfectionné son ame : cette tâche finie, il n'écoute plus que la nature soumise aux loix de la raison, & la raison lui prescrit le bonheur (*a*).

& jettoient sur l'étude des sciences je ne sais quel agrément dont on a perdu le secret. Le génie des modernes peche toujours par le défaut de sentiment : ils ont desséché, sous la férule du pédantisme, les talens les plus heureux. Est-il au monde une institution plus ridicule que celle de nos colleges, lorsqu'on vient à comparer nos maximes seches & mortes avec l'éducation publique que la Grece donnoit aux jeunes gens, ornant la sagesse de tous les attraits qui charment cet âge tendre? Nos instituteurs ne paroissent que des maîtres farouches, & l'on ne s'étonne plus si leurs disciples sont les premiers à les fuir & à les abandonner.

(*a*) *Le feu des passions n'est pas la cause de nos désordres : ce coursier fougueux, indompté, qui s'emporte sous la main d'un mauvais écuyer, qui le renverse & le foule aux pieds, auroit obéi au frein sous*

CHAPITRE XXXIX.

Les Impôts (*a*).

DITES-MOI, je vous prie, comment se levent les impositions publiques ; car votre législation a beau être perfectionnée, il faut toujours payer

la baguette d'un maître intelligent ; on l'eût vu remporter le prix d'une course glorieuse. La foiblesse des passions indique notre indigence. Qu'est-ce en effet que ce citoyen pesant, taciturne, dont l'ame insipide n'a de goût pour rien, qui est paisible, parce qu'il est inactif, qui végete, conduit facilement par le magistrat, parce qu'il ne sent aucun desir ? Est-il homme ou statue ? Mettez auprès de lui un homme tout plein de sentimens vifs : il se livrera à l'impétuosité de ses passions & il déchirera le voile des sciences ; il fera des fautes, & il aura du génie. Ennemi du repos, avide de connoissances, il puisera dans le choc du monde cet esprit élevé & lumineux qui servira la patrie ; il donnera peut-être prise à la censure, mais il aura déployé toute l'énergie de son ame : les tâches qui la couvroient disparoîtront, parce qu'il aura été grand & utile.

(*a*) *Mes amis, écoutez cet apologue. Devers l'origine du monde, il étoit une vaste forêt de citronniers, qui portoient les fruits les plus beaux, les plus pleins, les plus vermeils que l'on ait vus depuis. Les branches plioient sous le fardeau, & l'air étoit embaumé au loin de l'odeur agréable qui s'exhaloit. Cependant quelque vents impétueux abattirent plusieurs citrons & briserent même plusieurs branches. Quelques voyageurs altérés cueillirent des fruits pour étancher leur soif, & les foulerent aux pieds après en avoir exprimé le jus. Ces accidens engagerent la gens citronniere à*

des impôts, je pense ? — Pour toute réponse, l'honnête homme qui me conduisoit me prit par la

---

se créer des gardiens, qui éloignassent les passans, & qui environnassent la forêt de hautes murailles, le tout pour rompre la fureur des vents. Ces gardiens se montrerent d'abord fideles & désinteressés ; mais ils ne tarderent pas à exposer que de si rudes travaux avoient fait naitre dans leur sein une soif ardente, & ils firent cette priere aux citrons : » Messieurs, nous mourons de soif en vous servant ; permettez que nous fassions à chacun de vous une légere incision ; nous ne voas demandons qu'une goutte de limonade pour rafraîchir notre palais altéré : vous n'en serez pas plus maigres, & nous & nos enfans nous puiserons de nouvelles forces pour avoir l'honneur de vous servir.

Les crédules citrons ne trouverent pas la requête incivile : ils se laisserent faire l'imperceptible saignée. Mais qu'arriva-t-il ? Dès que la piquure fut faite une fois, la main de Messieurs les défenseurs les pressura d'abord poliment, mais de jour en jour d'une maniere plus énergique. Ils en vinrent jusqu'à ne pouvoir plus se passer de jus de citron : il leur en falloit à tous leurs repas & dans toutes leurs sauces. MM. les régens s'apperçurent que plus on pressoit les citrons, plus ils rendoient. Ceux-là, se voyant saignés abondamment, crurent devoir rappeller les primitives conventions : mais ceux-ci, devenus plus forts, malgré leurs plaintes, les mirent dans le pressoir & les foulerent outre mesure ; il ne leur restoit plus enfin que la peau que l'on soumettoit encore aux forces mouvantes du terrible cabestan : bref, ils finirent par se baigner dans le sang des citrons. Cette belle forêt fut bientôt dépeuplée. La race des limons s'anéantit : & leurs tyrans accoutumés à cette boisson rafraîchissante, à force de l'avoir prodiguée, s'en trouverent privés ; ils tomberent malades, & moururent tous de la fievre putride. Ainsi soit-il !

main

main & me mena dans un carrefour large & ſpacieux. Là j'apperçus un coffre-fort de la hauteur de douze pieds. Ce coffre étoit ſoutenu ſur quatre roues roulantes : le ſommet préſentoit une ouverture en forme de tronc , que couvroit contre la pluie un avant-toît élevé à quelque diſtance. Sur ce tronc étoit écrit : *Tribut dû au Roi repréſentant l'Etat.* Tout à côté , un autre tronc d'une grandeur plus médiocre offroit ces mots : *Don Gratuit.* Je vis pluſieurs perſonnes qui d'un air libre , aiſé , content , jettoient dans le tronc pluſieurs paquets cachetés ; ainſi que de nos jours on met des lettres à la grand'poſte. Comme j'admirois cette maniere facile de payer l'impôt , & que je faiſois à ce ſujet mille interrogations ridicules , on me regardoit comme un pauvre vieillard qui revient de fort loin , & l'indulgence affable de ce bon peuple ne me laiſſoit jamais attendre une réponſe. J'avoue qu'il faut rêver pour rencontrer des gens auſſi complaiſans : ô le peuple loyal !

Ce grand coffre-fort que vous voyez , me dit-on , eſt notre receveur-général des finances. C'eſt-là que chaque citoyen vient dépoſer l'argent qu'il doit pour le ſoutien de l'Etat. Dans l'un nous ſommes obligés de mettre annuellement le cinquantieme de notre revenu. Le mercénaire qui n'a point de bien , ou celui qui n'a que ſa ſubſiſtance juſte , eſt diſpenſé de l'impôt (*a*) ; car , comment

---

(*a*) *Voici ce que le cultivateur , les habitans de la campagne , le peuple , enfin , pourroient dire aux ſouverains : » Nous vous avons élevés au-deſſus de nos têtes ; nous avons engagé nos biens & notre vie à la ſplendeur de votre trône & à la ſûreté de votre perſonne. Vous nous aviez promis en échange de nous procurer l'abondance , de nous faire couler des jours ſans alarmes. Qui l'auroit cru , que ſous votre gouvernement la joie eût diſparu de nos cantons , que nos*

pourroit-on rogner le pain du malheureux à qui il faut un jour entier pour le gagner ? Dans cet

---

fétes se fussent tournées en deuil, que la crainte & l'effroi eussent succédé à la douce confiance ! Autrefois nos campagnes verdoyantes sourioient à nos yeux; nos champs nous promettoient de payer nos travaux. Aujourd'hui le fruit de nos sueurs passe dans des mains étrangeres ; nos hameaux que nous nous plaisions à embellir tombent en ruine : nos vieillards, nos enfans ne savent plus où reposer leurs têtes : nos plaintes se perdent dans les airs, & chaque jour une pauvreté plus extrême succede à celle sous laquelle nous gémissions la veille. A peine nous reste-t-il quelque trait de la figure humaine ; & les animaux qui broutent l'herbe sont, sans doute, moins malheureux que nous.

Des coups plus sensibles sont venus fondre sur notre tête. L'homme puissant nous méprise & ne nous attribue aucun sentiment d'honneur ; il vient nous troubler sous le chaume, il séduit l'innocence de nos filles, il les enleve ; elles deviennent la proie de l'impudence. En vain implorons-nous le bras qui tient le glaive des loix : il se détourne, il se refuse à notre douleur ; il ne se prête qu'à ceux qui nous oppriment.

L'aspect du faste, qui insulte à notre misere, rend notre état plus insupportable. On boit notre sang, & on nous défend la plainte ! L'homme dur, environné d'un luxe insolent, s'énorgueillit des ouvrages qu'ont fabriqué nos mains : il oublie notre propre industrie, tandis qu'il n'a en partage que la soif vile de l'or ; il nous croit ses esclaves, parce que nous ne sommes ni furieux ni sanguinaires.

Les besoins renaissans qui nous tourmentent ont altéré la douceur de nos mœurs; la mauvaise foi & la rapine se sont glissées parmi nous, parce que la nécessité de vivre l'emporte ordinairement sur la vertu. Mais qui nous a donné l'exemple de la rapine ? Qui a éteint dans nos cœurs ce fond de candeur qui nous lioit tous

autre coffre ſont les offrandes volontaires, deſtinées à d'utiles fondations, comme pour l'exécu-

---

dans une parfaite concorde ? Qui a fait notre infortune, mere de nos vices ? Pluſieurs de nos concitoyens ont refuſé de mettre au jour des enfans que la famine viendroit ſaiſir au berceau. D'autres, dans leur déſeſpoir, ont blaſphémé contre la Providence. Quels ſont les vrais auteurs de ces crimes ?

Que nos juſtes plaintes percent l'athmoſphere qui environne les trônes ! Que les rois ſe réveillent & ſe ſouviennent qu'ils pouvoient naître à notre place, & que leurs enfans pourront y deſcendre ! Attachés au ſol de la patrie, ou plutôt en formant la partie eſſentielle, nous ne pouvons point nous diſpenſer de fournir à ſes beſoins. Ce que nous demandons, c'eſt un homme équitable qui s'applique à connoitre la meſure de nos forces, & qui ne nous écraſe pas ſous le fardeau que dans une plus juſte proportion nous aurions porté avec joie. Alors tranquilles & riches de notre économie, contens de notre ſort, nous verrons le bonheur des autres ſans nulle inquiétude ſur le nôtre.

La moitié de notre carriere eſt plus que remplie. Notre cœur eſt à moitié livré à la douleur. Nous n'avons que peu d'inſtans à vivre. Les vœux que nous formons ſont plus pour la patrie que pour nous-mêmes. Nous ſommes ſes ſoutiens. Mais ſi l'oppreſſion va toujours en croiſſant, nous ſuccomberons, & la patrie ſe renverſera : en tombant elle écraſera nos tyrans. Nous ne demandons point cette vaine & triſte vengeance. Que nous importeroit dans la tombe le malheur d'autrui ? Nous parlons aux ſouverains, s'ils ſont encore hommes : mais ſi leur cœur eſt totalement endurci, ils apprendront que nous ſavons mourir, & que la mort qui bientôt nous enveloppera tous ſera un jour bien plus affreuſe pour eux qu'elle ne le ſera pour nous.

Cette Note eſt en partie tirée d'un livre intitulé : les Hommes.

cution des projets proposés, & qui ont l'agrément du public. Quelquefois il est plus riche que l'autre ; car nous aimons à être libres dans nos dons, & notre générosité ne veut d'autre motif que la raison & l'amour de l'Etat. Sitôt que notre roi a donné un édit utile & qui mérite l'approbation publique, alors on nous voit courir en foule & porter dans ce tronc quelque marque de reconnoissance. Nous récompensons de même toutes les actions vigilantes du monarque : il n'a qu'à proposer, & nous lui fournissons les moyens de consommer ses grands projets. Il y a un pareil tronc dans chaque quartier. Chaque ville de province a un pareil coffre qui reçoit les tributs du peuple de la campagne, c'est-à-dire, du fermier aisé ; car le manouvrier a ses bras en propriété, & sa tête ne doit rien à personne. Les bœufs & les porcs sont même exempts de ce droit odieux qu'on imposa la premiere fois sur la tête des Juifs, & que vous avez payé sans en sentir l'avilissement.

----- Mais, répondis-je : quoi ! on laisse à la bonne foi du peuple le tribut qu'il doit payer ? Il doit y en avoir beaucoup qui s'en exemptent, sans même que l'on s'en apperçoive ? --- Point du tout : vos frayeurs sont vaines. D'abord ce que nous donnons est de bon cœur : notre tribut n'est pas forcé ; il est fondé sur l'équité ainsi que sur la droite raison. Il n'en est pas un entre nous qui ne se fasse un point d'honneur de payer exactement la dette la plus sacrée & la plus légitime. D'ailleurs, si un homme en état de payer osoit s'y soustraire, voyezvous ce tableau où sont gravés les noms de tous les chefs de famille, on découvriroit bientôt qu'il n'a point versé son paquet cacheté où doit être sa signature; il se couvriroit d'un opprobre éternel, & seroit regardé du même œil qu'on regarde un voleur : le titre de mauvais citoyen ne le quitteroit qu'à la mort.

Ces exemples ſont très-rares, puiſque les dons gratuits montent ordinairement plus haut que le tribut. Le citoyen ſait qu'en donnant une partie de ſon revenu à l'Etat, c'eſt à lui-même qu'il ſe rend utile; & qúe s'il veut jouir de certaines commodités, il faut qu'il en faſſe les avances. Mais que ſont les paroles, lorſque l'exemple peut être mis ſous vos yeux? Vous allez voir mieux que je ne puis vous dire. C'eſt aujourd'hui qu'arrive de tout côté le juſte tribut d'un peuple fidele envers un roi bienfaiſant : il reconnoît n'être que le dépoſitaire des dons qui lui ſont offerts.

Venez vous rendre au palais du roi. Les députés de chaque province arrivent aujourd'hui. —— En effet ayant fait quelques pas, je vis des hommes qui traînoient de petits chariots, ſur leſquels étoient des troncs couronnés de lauriers. On briſoit les cachets de ces eſpeces de coffres : on les ſoulevoit par un juſte balancier, & ce balancier montroit tout de ſuite le poids de l'argent qu'ils contenoient, en déduiſant la peſanteur du coffre qui étoit connue. Toutes les ſommes ne ſe payoient qu'en argent, & l'on ſavoit au juſte le produit général : il étoit annoncé publiquement au bruit des trompettes & des fanfares. Après cette revue générale, on affichoit le total, & l'on connoiſſoit les revenus de l'Etat : ils étoient dépoſés dans le tréſor royal ſous la garde du contrôleur des finances.

Ce jour étoit un jour de réjouiſſances. On ſe couronnoit de fleurs; on crioit, *Vive le Roi :* on alloit ſur les routes au-devant de chaque tribut. Elles étoient couvertes de tables champêtres. Les députés des diverſes provinces ſe ſaluoient & ſe faiſoient des préſens. On buvoit à la ſanté du monarque, au bruit du canon; & celui de la capitale répondoit comme interprête des remerciemens du ſouverain. C'eſt alors que le peuple ne paroiſ-

ſoit qu'une ſeule & même famille. Le roi s'avançoit au milieu de ce peuple joyeux ; il répondoit aux acclamations de ſes ſujets par ce regard tendre & affable qui inſpire la confiance & rend amour pour amour : il ignoroit cet art de traiter politiquement avec un peuple dont il ſe regardoit comme le pere.

Ses viſites ne ruinoient point le corps de ville, d'autant plus qu'il n'en coûtoit au peuple que des cris de joie (a) ; réception plus brillante & plus

---

(a) *Je vis un jour un prince faire ſon entrée dans une ville étrangere. Les canons commencerent à tonner. Le prince étoit habillé magnifiquement & traîné dans un char doré, ſurchargé de pages & de laquais. Les chevaux ſautoient en henniſſant, comme s'ils conduiſoient le bonheur. Les toits étoient couverts de monde, toutes les fenêtres étoient levées, chaque pavé portoit ſon homme; les cavaliers faiſoient briller leurs ſabres, les ſoldats agitoient leurs fuſils. L'air frémiſſoit de l'écho des trompettes. Le poëte accordoit ſa lyre, & l'orateur attendoit qu'il mît pied à terre. Le prince arrive, il eſt conduit au palais, & ſon aſpect inſpire une joie reſpectueuſe. J'étois à une fenêtre, & je conſidérois toutes ces choſes en faiſant des réflexions particulieres. Quelques jours après je marchois dans les rues, & je fus fort étonné d'y rencontrer le même prince, ſans ſuite, à pied & déguiſé. Je ne ſais trop pourquoi, perſonne ne faiſoit attention à lui ; au contraire, il ſe trouvoit heurté à chaque pas. Au même inſtant arrive un charlatan, aſſis ſur une eſpece de petit char attelé de pluſieurs gros chiens & ayant un ſinge pour poſtillon. Les fenêtres de s'ouvrir, les cris de s'élever, tous les regards de ſe confondre ſur le charlatan. Le prince lui-même entraîné par la foule devient un de ſes admirateurs. Je le conſidérois alors, & il me ſembloit lui entendre dire :* Fumée des acclamations de la multitude, n'obſ.

flatteuſe. On ne quittoit point les travaux publics : au contraire, chaque citoyen ſe faiſoit honneur de ſe préſenter aux yeux de ſon roi dans le genre d'occupation qu'il avoit embraſſé.

Un intendant, revêtu de toutes les marques de pouvoir, parcourt les provinces, reçoit les placets, porte directement au pied du trône les plaintes des ſujets, examine par lui-même les abus. Il ſe tranſporte indiſtinctement dans chaque ville, & à chaque abus détruit on éleve une pyramide qui conſtate l'hydre abattue. Quelle hiſtoire plus inſtructive que ces monumens moraux qui atteſtent que le ſouverain s'occupe véritablement de l'art de régner ! Ces intendans partent, arrivent *incognito*, font des informations ſecrettes, ſont perpétuellement déguiſés : ce ſont des eſpions, mais ils agiſſent en faveur de la patrie (*a*).

--- Mais votre contrôleur des finances (*b*) eſt donc un homme bien integre ? Vous ſavez l'hiſtoire de la fable : ce chien ſi fidele qui, eſcorté de la tempérance, portoit le dîner de ſon maître ſans jamais y toucher, a fini pourtant par en manger ſa part dès qu'il s'y eſt vu invité par l'exemple. Votre homme auroit-il la double vertu de le défendre ſans ceſſe, & de n'oſer y toucher ? --- Aſſu-

---

curciſſez jamais mon eſprit d'un fol orgueil. Ce n'eſt point cet homme qui fait courir le peuple, c'eſt ſon étrange équipage. Ce n'étoit pas moi qui attirois les regards de la ville : c'étoient mes valets, mes chevaux, le brillant de mes habits & la dorure de mes caroſſes.

(*a*) *En Turquie & aujourd'hui en France un gouverneur eſt auſſi maître que le roi le plus abſolu : c'eſt ce qui fait la miſere des peuples. Voilà la forme la plus malheureuſe de l'adminiſtration civile.*

(*b*) *Fouquet diſoit : » j'ai tout l'argent du royaume, & le tarif de toutes les vertus «.*

rément, il ne fait bâtir ni palais ni châteaux. Il n'a point la rage de faire monter aux premieres places ses arriere-petits cousins, ou ses anciens valets. Il ne prodigue point l'or, comme s'il avoit en propre toûs les revenus du royaume (a) D'ailleurs, tous ceux entre les mains de qui on confie les dépôts publics ne peuvent faire aucun usage de l'argent, sous quelque prétexte que ce soit. Ce seroit un crime de haute trahison de recevoir d'eux une seule piece monnoyée. Ils paient quelques fraix particuliers en billets signés de la propre main du souverain. L'Etat fournit à toutes leurs dépenses : mais ils n'ont pas un sol en propriété (b). Ils ne peuvent ni vendre, ni acheter, ni construire. Nourris, entretenus, logés, divertis, tous les ordres de l'Etat concourent unanimement à les traiter *gratis.* Ils entrent chez un marchand de drap, prennent

---

(a) *Après que les monopoleurs, les administrateurs, les receveurs des fonds publics ont sacrifié la réputation de probité au desir de s'enrichir ; après qu'ils ont consenti à être odieux, ils ne s'avisent point de faire de leurs richesses un bon usage : ils couvrent sous le faste leur naissance & leur fortune ; ils s'étourdissent dans les plaisirs, pour perdre le souvenir de ce qu'ils ont fait & de ce qu'ils ont été. Mais ce n'est point là encore le plus grand mal : leurs grandes richesses corrompent davantage ceux qui les envient.*

(b) *Les vices intérieurs qui préparent la ruine de l'Etat sont, cette énorme dissipation des deniers publics, ces dons immodérés versés sur des sujets sans mérite, ces prodigalités fastueuses, méconnues des usurpateurs les plus effrénés. On peut observer dans l'histoire que les plus subtils tyrans ont précisément été les plus prodigues. J'ai lu quelque part qu'Auguste, maître du monde, avoit* 40 *Légions armées, & les entretenoit pour* 12 *millions par an. Voilà assurément de quoi réfléchir.*

des

des étoffes & s'en vont. Le marchand met sur son livre : *Livré un tel jour au dépositaire des revenus de l'Etat, tant...* L'Etat paie. Il en est ainsi de toutes les autres professions. Vous sentez bien que pour peu que le contrôleur des finances ait quelque pudeur, il use modérément de ce droit ; & quand il en abuseroit, vu la dépense que ces MM. vous coûtoient, nous y gagnerions encore. On a supprimé les registres, qui ne servoient qu'à voiler les vols faits à la nation & à les consacrer d'une maniere pour ainsi dire légitime.

--- Et quel est votre premier ministre ? --- Pouvez-vous le demander ? Le roi lui-même. Est-ce que la royauté se communique (*a*) ? Le guerrier, le juge, le négociant n'ont donc qu'à agir par leurs représentans. En cas de maladie ou de voyage, ou dans quelques opérations particulieres, si le monarque charge quelqu'un de l'accomplissement de ses ordres, ce ne peut être que son ami. Il n'y a que ce sentiment qui puisse obliger un homme à se charger volontairement d'un tel fardeau ; & notre estime lui donne seule cette puissance momentanée. Récompensé, animé par l'amitié, il sait, comme les Sulli & les d'Amboise, dire la vérité à son maître, & pour mieux le servir, l'irriter quelquefois. Il combat ses passions. Il chérit en lui l'homme autant qu'il a à cœur la gloire du monarque (*b*) : en partageant ses travaux ;

(*a*) *L'histoire générale des guerres pourroit être intitulée :* Histoire des passions particulieres des ministres. *Tel, par ses négociations insidieuses, souleve un empire éloigné & tranquille, qui n'agit que pour venger un amour propre légérement offensé.*

(*b*) *La fidélité n'est pas cet attachement servile aux volontés d'un autre. On lui donne pour symbole un chien qui suit par-tout, flatte à chaque instant, & court aveuglément à tous les ordres d'un maitre in-*

il partage la vénération de la patrie, l'héritage le plus honorable sans doute, qu'il puisse laisser à ses descendans, & le seul dont il soit jaloux.

--- En vous parlant des impôts, j'ai oublié de vous demander si vous avez toujours parmi vous de ces lotteries périodiques où, de mon tems, le pauvre peuple mettoit tout son argent? ---- Non certes, nous n'abusons point ainsi de l'espérance crédule des hommes. Nous ne levons pas sur la partie indigente des citoyens un impôt aussi cruellement ingénieux. Le misérable, qui, fatigué du présent, ne pouvoit vivre que dans l'avenir, portoit le prix de ses sueurs & de ses veilles dans cette roue fatale d'où il attendoit toujours que la fortune devoit sortir. La main de cette cruelle déesse trompoit chaque fois sa misere. Le desir vif du bien-être l'empêchoit de raisonner, & quoique la friponnerie fût palpable, comme le cœur est mort à la vie avant que de mourir à l'espérance, chacun s'imaginoit devoir être à la fin traité en favori. C'étoit l'épargne du peuple indigent qui avoit bâti ces superbes édifices où il venoit mendier sa vie. Le luxe des autels étoit son ouvrage : à peine y étoit-il admis. Toujours étranger, toujours repoussé, le pauvre ne pouvoit s'asseoir sur cette même pierre qu'il avoit fait tailler : des prêtres richement gagés habitoient l'arche qui devoit, du moins dans l'équité, lui appartenir & lui servir d'asyle.

---

juste ou barbare. Je crois que la vraie fidélité est une exacte observance des loix de la raison & de la justice, plutôt qu'un servile esclavage. Que Sulli paroît fidele quand il déchire la promesse de mariage qu'avoit fait Henri IV.

CHAPITRE XL.

Du Commerce.

IL me ſemble par ce que vous m'avez dit que les François n'ont plus de colonies dans le nouveau monde, & que chaque partie de l'Amérique forme un royaume ſéparé, quoique réuni ſous un même eſprit de légiſlation ? — Nous ſerions bien extravagans de vouloir porter nos chers compatriotes à deux mille lieues de nous. Pourquoi nous ſéparer ainſi de nos freres ? Notre climat vaut bien celui de l'Amérique. Toutes les productions néceſſaires y ſont communes, & de nature excellente. Les colonies étoient à la France ce qu'une maiſon de campagne étoit à un particulier : la maiſon des champs ruinoit tôt ou tard celle de la ville.

Nous connoiſſons un commerce ; mais ce n'eſt pas l'échange des choſes ſuperflues. Nous avons ſagement banni trois poiſons phyſiques dont vous faiſiez un perpétuel uſage : le tabac, le café & le thé. Vous mettiez une vilaine poudre dans votre nez, laquelle vous ôtoit la mémoire, à vous autres François, qui n'en aviez preſque point. Vous bruliez votre eſtomac avec des liqueurs qui le détruiſoient, en hâtant ſon action. Vos maladies de nerfs, ſi communes, étoient dues à ce lavage efféminé qui emportoit le ſuc nourricier de la vie animale. Nous ne pratiquons plus que le commerce intérieur, & nous nous en trouvons bien ; fondé principalement ſur l'agriculture, il eſt le diſtributeur des alimens les plus néceſſaires ; il ſatisfait les beſoins de l'homme, & non ſon orgueil.

Perſonne ne rougit de faire valoir ſon champ par lui-même, de porter la culture des terres au

plus haut degré de perfection. Le monarque lui-même a plusieurs arpens qu'il fait cultiver sous ses yeux : & l'on ne connoît point cette classe de gens titrés dont l'oisiveté étoit l'unique emploi.

Le trafic étranger fut le vrai pere de ce luxe destructeur, qui produisit à son tour l'épouvantable inégalité des fortunes, & qui fit passer dans les mains d'un petit nombre tout l'or de la nation. C'étoit parce qu'une femme devoit porter à ses oreilles le patrimoine de dix familles, que le paysan opprimé cessoit d'être propriétaire, vendoit le champ de ses peres, & fuyoit en pleurant le sol où il ne trouvoit plus que la misere & l'opprobre : car les monstres insatiables, qui accumuloient l'or, alloient jusqu'à mépriser les malheureux qu'ils avoient dépouillés (*a*). Nous avons

---

(*a*) *Je ris de pitié en voyant donner tant de beaux projets de politique sur l'agriculture & la population, tandis que les impôts plus énormes que jamais achevent d'enlever au peuple le prix de sa sueur, & que les grains sont augmentés par le monopole de ceux qui ont entre leurs mains tout l'argent du royaume. Faut-il encore crier à ces oreilles superbes & endurcies : Liberté entiere, absolue du commerce & de la navigation, diminution d'impôts ; voilà les seuls moyens qui pourront nourrir le peuple & empêcher la plus prompte dépopulation dont nous voyons déja les commencemens. Mais hélas ! le patriotisme est une vertu de contrebande. L'homme qui ne vit que pour soi, qui ne pense qu'à soi, qui se tait & détourne les yeux, de peur de frémir, voilà le bon citoyen : on loue même sa prudence & sa modération. Pour moi, je ne puis me taire, je dirai ce que j'ai vu : c'est dans la plupart des provinces de la France qu'il faut venir pour voir des peuples au comble de l'infortune. Voici en* 1770 *le troisieme hiver de suite où le pain est cher. Dès l'an passé la moitié des paysans avoit besoin de la charité*

commencé par détruire ces grosses compagnies qui absorboient toutes les fortunes particulieres, anéantissoient l'audace généreuse d'une nation, & portoient un coup aussi funeste aux mœurs qu'à l'Etat.

Il pouvoit être très-agréable de prendre du chocolat, de savourer des épices, de manger du sucre & des ananas, de boire la crême des Barbades, de vêtir les étoffes brillantes des Indes : mais, en vérité, ces sensations étoient-elles assez voluptueuses pour nous fermer les yeux sur l'assemblage des maux inouis que notre mollesse éveilleroit dans les deux hémisphères ? Vous alliez briser les nœuds sacrés du sang & de la nature sur la côte de Guinée. Vous armiez le pere contre le fils, & vous prétendiez au nom de chrétiens, au nom d'hommes. Aveugles & barbares ! vous ne l'avez que trop appris par une fatale expérience. La soif de l'or, exaltée dans tous les cœurs ; l'avidité, faisant disparoître l'aimable modération ; la justice & la vertu mises au rang des chimeres ; l'avarice pâle, inquiete, sillonnant les déserts de l'océan, peuplant de cadavres le vaste fond des mers ; une race entiere d'hommes vendus, achetés, traités comme les animaux de la plus vile espece ; des rois devenus marchands, ensanglantant le globe pour le drapeau d'une frégate ; l'or enfin, sortant des mines du Pérou comme un fleuve brulant, coulant en Europe pour dessécher par-tout sur son passage les racines du bonheur, & après avoir tourmenté, épuisé la race humaine, aller s'engloutir pour jamais dans les Indes, où la supers-

publique, & cet hiver y mettra le comble, parce que ceux qui ont vécu jusques ici en vendant leurs effets n'ont plus actuellement rien à vendre. Ce pauvre peuple a une patience qui me fait admirer la force des loix & de l'éducation.

tition enfouit d'un côté dans les entrailles de la terre ce que l'avarice en arrache de l'autre avec effort. Voilà le tableau fidele des avantages que le commerce extérieur a produits au monde.

Nos vaisseaux ne font plus le tour du globe pour rapporter de la cochenille & de l'indigo. Savez-vous quelles sont nos mines? quel est notre Pérou? C'est le travail & l'industrie. Tout ce qui sert à la commodité, à l'aisance, aux intentions directes de la nature, est encouragé avec le plus grand soin. Tout ce qui tient au faste, à l'ostentation, à la vanité, à ce desir puéril de posséder exclusivement une chose de pure fantaisie, est sévérement proscrit. On jette à la mer ces diamans perfides, ces perles dangereuses, & toutes ces pierres bigarrées qui rendent les cœurs durs comme elles. Vous pensiez être très-ingénieux dans les rafinemens de votre mollesse : mais sachez que vous n'avez donné que dans le superflu, dans l'ombre de la grandeur; que vous n'étiez pas même voluptueux. Vos inventions futiles & misérables se bornoient à la jouissance d'un seul jour. Vous n'étiez que des enfans amoureux d'objets brillantés, incapables de satisfaire à vos vrais besoins, ignorant l'art d'être heureux, vous tourmentant loin du but, & prenant à chaque pas l'image pour la réalité.

Si nos vaisseaux sortent de nos ports, ils ne promenent point le tonnerre pour saisir, sur la vaste étendue des eaux, une proie fugitive & qui forme à peine un point perceptible à la vue. L'écho des mers ne porte point au ciel les cris lamentables des furieux insensés qui se disputent la vie & le passage sur des plaines immenses & désertes. Nous visitons les nations éloignées : mais au lieu des productions de leurs terres, nous saisissons des découvertes plus utiles, dans leur législation, dans leur vie physique, dans leurs mœurs. Nos vais-

ſeaux ſervent à lier nos connoiſſances aſtronomiques. Plus de trois cent obſervatoires dreſſés ſur notre globe, vont ſaiſir le moindre changement qui arrive dans les cieux. La terre eſt la guérite où la ſentinelle du firmament veille, & ne s'endort jamais. L'aſtronomie eſt devenue une ſcience importante & utile, parce qu'elle publie d'une voix magnifique la gloire du créateur & la dignité de l'être penſant échappé de ſes mains.... Mais puiſque nous parlons de commerce, n'oublions pas le plus ſingulier qui ſe ſoit jamais fait. Vous devez être fort riche, me dit-on, car dans votre jeuneſſe vous avez dû sûrement placer votre argent à rente viagere, & ſur-tout en tontine, comme faiſoit la moitié de Paris. C'étoit une choſe bien ingénieuſement imaginée que cette eſpece de loterie, où l'on jouoit à la vie & à la mort, & ces accroiſſemens qui deſcendoient ſur les têtes chauves. Vous devez avoir de bonnes rentes. On renonçoit à pere, mere, freres, ſœurs, couſins, amis, pour doubler ſon revenu. On faiſoit le roi ſon héritier, & l'on s'endormoit enſuite dans une oiſiveté profonde, en ne vivant que pour ſoi. — Ah! de quoi me parlez-vous? Ces triſtes édits qui acheverent de nous corrompre, & qui trancherent des nœuds juſqu'alors reſpectés; ce rafinement barbare qui conſacra publiquement l'égoïſme, qui iſola les citoyens, qui fit de chacun d'eux un être mort & ſolitaire, n'a fait que m'arracher des larmes ſur le ſort futur de l'Etat. Je voyois les fortunes particulieres fondre, ſe diſſoudre; & la maſſe de l'opulence exceſſive s'enfler de leurs débris. Mais je ſouffrois encore plus du coup fatal porté aux mœurs. Plus de liens entre les cœurs qui devoient s'aimer. On avoit armé l'intérêt d'un glaive plus tranchant, l'intérêt déja ſi redoutable par lui-même! L'autorité ſouveraine avoit ſoumis les barrieres qu'il n'auroit jamais oſé

renverſer par lui-même. ---- Bon vieillard, reprit mon guide, vous avez bien fait de dormir, car vous euſſiez vu les rentiers & l'Etat punis de leur mutuelle imprudence. Depuis, la politique plus éclairée n'a point fait de pareilles bévues ; elle unit, enrichit les citoyens, au lieu de les ruiner.

CHAPITRE XLI.

L'Avant-Souper.

LE ſoleil baiſſoit : mon guide me ſollicita d'entrer dans la maiſon d'un de ſes amis où il devoit ſouper. Je ne me fis pas prier. Je n'avois pas encore vu l'intérieur des maiſons, &, ſelon moi, c'eſt ce qu'il y a de plus intéreſſant dans une ville. Lorſque je lis l'hiſtoire, je ſaute bien des pages, mais je cherche toujours très-curieuſement les détails de la vie domeſtique : quand je les tiens une fois, je n'ai pas beſoin de ſavoir le reſte ; je le devine.

D'abord, je ne trouvois plus de ces petits appartemens qui ſemblent des loges de fous, dont les murailles ont à peine ſix pouces d'épaiſſeur, & où on eſt gelé l'hiver & brulé l'été. C'étoient de grandes ſalles vaſtes, ſonores, où l'on pouvoit ſe promener ; & les toîts munis d'une bonne charpente défioient les traits piquans de la froidure & les rayons du ſoleil : les maiſons enfin ne vieilliſſoient plus avec ceux qui les avoient fait bâtir.

J'entrai dans le ſallon, & je diſtinguai à l'inſtant le maître du logis. Il vint à moi ſans grimace & ſans fadeur (*a*). Sa femme, ſes enfans avoient

(*a*) *Que notre politeſſe eſt fauſſe & minutieuſe ! que celle dont ſe parent les grands eſt odieuſe & inſultante ! C'eſt un maſque plus hideux que le viſage* en

en sa présence une contenance libre, mais respectueuse ; & le *Monsieur*, ou le fils de la maison, ne commença point par persifler son pere pour me donner un échantillon de son esprit : sa mere & même sa grand'mere n'auroient point applaudi à de telles gentillesses (*a*). Ses sœurs n'étoient point maniérées ni muettes ; elles saluerent avec grace, & se remirent à leurs occupations, l'oreille au guet ; elles ne regardoient point en dessous les moindres gestes que je faisois : mon grand âge & ma voix cassée ne les firent pas même sourire. On ne me fit point de ces vaines simagrées, qui sont le contraire de la vraie politesse.

L'appartement de compagnie ne brilloit pas de vingt colifichets fragiles (*b*) ou de mauvais goût : point de vernis, point de porcelaines, point de magots, point de tristes dorures. En récompense, une tapisserie riante & amie de l'œil, une propreté singuliere, quelques estampes achevées, composoient un sallon dont le ton de couleur étoit très-gai.

On lia la conversation, mais personne ne fit assaut d'idées (*c*). Le maudit esprit, ce fléau de

---

le plus difforme. Toutes ces révérences, ces affectations, ces gestes outrés sont insupportables à l'homme vrai. La brillante fausseté de nos manieres est plus détestable que la grossiéreté des hommes les plus rustiques n'est rébutante.

(*a*) *Il est un libertinage d'esprit plus dangereux que celui des sens : c'est aujourd'hui le principal vice qui infecte la jeunesse de la capitale.*

(*b*) *Quel misérable luxe que celui des porcelaines ! Un chat, d'un coup de patte, peut faire un dégat pire que le ravage de vingt arpens de terre.*

(*c*) *La conversation anime le choc des idées, leur donne un jeu nouveau, développe les trésors de l'entendement, & c'est un des plus grands plaisirs de la*

mon siecle, ne donnoit pas des couleurs mensongeres à ce qui étoit si simple de sa nature. L'un ne prit pas justement le contrepied de ce que soutenoit l'autre, le tout pour briller & satisfaire un âmour propre babillard *(a)*. Ceux qui parloient avoient des principes, & dans le même quart d'heure ne se démentoient pas vingt fois. L'esprit de cette assemblée ne voltigeoit pas comme l'oiseau sur la branche ; & sans être diffus & pesant, il ne passoit pas sans aucune transition & sur le même ton des couches d'une princesse à l'histoire d'un noyé.

---

vie : c'est aussi celui que je goûte le plus vivement. Mais dans le monde, j'ai remarqué que la conversation, au lieu de fortifier l'ame, de la nourrir, de l'élever, l'affoiblit, l'énerve. On a tout mis en problême. L'esprit, dont on abuse, détruit presque l'évidence des choses. On rencontre des panégyristes des plus énormes abus. On justifie tout. On épouse à son insu mille idées puériles & étrangeres. On dénature son ame par le frottement des opinions diverses. Il y a, je ne sais quel poison qui s'insinue, qui monte à la tête, qui offusque vos idées primitives qui sont ordinairement les plus saines. L'avare, l'ambitieux, le libertin, ont une logique si ingénieuse, que vous les haïssez quelquefois moins après les avoir entendus : chacun prouve, pour ainsi dire, qu'il n'a pas tort. Il faut vite se renfermer dans la solitude pour reprendre une haine vigoureuse contre le vice. Le monde vous familiarise avec des défauts qu'il préconise ; il vous glisse son esprit illusoire. En fréquentant trop les hommes, on devient moins homme, on reçoit d'eux un jour faux qui égare. C'est en fermant sa porte qu'on se retrouve, qu'on apperçoit le jour pur de la vérité, qui ne luit point parmi la foule & la multitude.

(a) Les arrêts de la paresse sont aussi injustes que ceux de la vanité.

Les jeunes gens n'affectoient point des manieres enfantines, un langage traînant ou étourdi, un air froidement supérieur. Ils ne se jettoient point sur des sieges, renversés, la tête haute & le regard insolent ou ironique (a). Je n'entendis aucun propos licencieux ; on ne déclamoit pas tristement, longuement, pesamment, contre ces vérités consolantes qui sont l'appui & le charme des ames sensibles (b). Les femmes n'avoient plus ce ton tour-à-tour impératif & langoureux. Décentes, réservées, modestes, occupées d'un travail léger & commode, l'oisiveté n'étoit pas en recommandation parmi elles : elles ne coupoient pas la journée par la moitié pour ne rien faire le soir. Je fus extrêmement satisfait d'elles, car elles ne m'offrirent point un jeu de cartes : cet insipide amusement, inventé pour occuper un monarque imbécille, & constamment cher à la troupe nombreuse des sots qui, avec son secours, cachent leur profonde insuffisance, avoit disparu de chez un peuple qui savoit trop embellir les instans de la vie pour tuer le tems d'une maniere aussi triste, aussi fastidieuse. Je ne vis point de ces tables vertes qui sont une arêne où l'on s'égorge impitoyablement. L'avarice ne venoit pas fatiguer ces honnêtes citoyens jusques dans les momens consacrés au loisir. Ils ne se faisoient pas un tourment de ce

---

(a) Un joli homme en France, doit être mince, fluet, & n'avoir pas douze onces de chair sur les os ; il doit avoir aussi une poitrine foible, une santé équivoque. Un homme fort & bien nourri paroit hideux. Il n'appartient qu'aux Suisses & aux cochers d'avoir une haute stature & une radieuse santé.

(b) Le pyrrhonisme suppose quelquefois plus de préjugés qu'un penchant naturel à recevoir les apparences de la vérité.

qui ne doit être qu'un ſimple délaſſement (*a*). S'ils jouoient, c'étoit aux dames, aux échecs, à ces jeux antiques & profonds, qui offrent à la penſée une foule de combinaiſons infinies & variées : ils avoient encore d'autres jeux qu'on pouvoit appeller des recréations mathématiques, avec leſquelles les enfans mêmes étoient familiariſés.

Je m'apperçus que chacun ſuivoit ſon goût, ſans que perſonne y prêtât trop d'attention. Point de ces eſpions femelles, qui ſe vengent par l'épiloguerie de la mauvaiſe humeur qui les ronge, & qu'elles doivent tant à leur laideur qu'à leur propre ſottiſe. L'un converſoit, celui-ci déployoit des eſtampes, examinoit des tableaux, tel autre liſoit dans un coin. On ne formoit point un cercle pour ſe communiquer un baillement qui paſſoit à la ronde. Dans la ſalle voiſine on entendoit un concert. C'étoient des flûtes douces mariées au ſon de la voix. L'aigre clavecin, le monotone violon le cédoit à l'organe enchanteur d'une belle femme. Quel inſtrument a plus de pouvoir ſur les cœurs ! Cependant l'*harmonica* perfectionnée ſembloit le lui diſputer. Elle donnoit les ſons les plus pleins, les plus purs, les plus mélodieux qui puiſſent flatter l'oreille. C'étoit une muſique raviſſante & céleſte, qui ne reſſembloit en rien au charivari de nos opéras, où l'homme de goût, où l'homme

---

(*a*) *Je redoute l'approche de l'hiver, non à cauſe de l'âpreté de la ſaiſon, mais parce qu'il ramene la triſte fureur du jeu. Cette ſaiſon eſt la plus fatale aux mœurs, & la plus inſupportable au philoſophe. C'eſt alors que naiſſent ces bruyantes & inſipides aſſemblées où toutes les paſſions futiles exercent leur ridicule empire. Le goût de la frivolité dicte les arrêts de la mode. Tous les hommes, métamorphoſés en eſclaves efféminés, ſont ſubordonnés aux caprices des femmes, ſans avoir pour elles ni paſſion ni eſtime.*

ſenſible cherche la conſonance de l'unité, & ne la rencontre jamais.

J'étois enchanté. On ne demeuroit pas continuellement aſſis, cloués en la même poſture dans des fauteuils, & toujours obligés de ſoutenir une converſation éternelle ſur des riens pour leſquels on ſe livroit de graves diſputes (a). Les perſonnages les plus plus phyſiques qui ſoient au monde, les femmes ne métaphyſiquoient pas à tout propos; & ſi elles parloient de vers, de tragédies, d'auteurs, c'étoit en avouant que les arts qui tiennent au génie (quel que ſoit leur eſprit) ſont fort audeſſus d'elles (b).

On me pria de paſſer dans un ſallon voiſin pour y ſouper. Tout étonné, je regardai à la pendule : il n'étoit que ſept heures. „ Venez, me dit le maître de la maiſon en me prenant par la main, nous ne paſſons pas les nuits à la lueur échauffante des bougies. Nous trouvons le ſoleil ſi beau, que chacun de nous ſe fait un plaiſir de le voir dardant ſes premiers feux ſur l'horiſon. Nous ne nous couchons pas l'eſtomac chargé, afin d'avoir un ſommeil laborieux, coupé de rêves bizarres. Nous veillons ſur notre ſanté, parce que la gaieté de l'ame en dépend (c). Pour ſe lever matin, il faut ſe coucher de bonne heure ; & de plus, nous aimons les ſonges légers & gracieux (d).

(a) Dans les converſations ordinaires on éprouve deux ſortes d'accidens également fâcheux ; n'avoir rien à dire & être forcé de parler, ou avoir encore quelque choſe à dire quand la converſation eſt finie.

(b) Les femmes ne penſent jamais fortement que d'après les leçons d'un amant favoriſé : & que d'hommes qui ſont femmes !

(c) La ſanté eſt au bonheur ce que la roſée eſt aux fruits de la terre.

(d) Heureux celui qui ſait goûter le ſentiment de

Il se fit un moment de silence. Le pere de famille bénit les mets qui couvroient la table. Cette coutume auguste & sainte s'étoit renouvellée, & je la crois importante, parce qu'elle rappelle sans cesse la reconnoissance que nous devons au Dieu qui fait croître les légumes. Je songeois plus à examiner la table qu'à manger. Je ne parlerai point de l'éclat & de la propreté. Les domestiques étoient au bout de la table & mangeoient avec leurs maîtres; ils les en aimoient davantage; ils recevoient en leur société des leçons d'honnêteté qui fructifioient dans leur cœur; ils s'instruisoient des bonnes choses qu'on y disoit: aussi n'étoient-ils pas insolens & grossiers, parce qu'ils n'étoient plus avilis. La liberté, la gaieté, une familiarité décente dilatoit les ames & embellissoit le front de chaque convive. Chacun se servoit & avoit sa portion vis-à-vis de soi. On ne gênoit point son compagnon; on ne convoitoit point inutilement un plat éloigné. Celui-là eût passé pour gourmand qui auroit été au-delà de sa portion: elle étoit suffisante. Plusieurs personnes mangent extrêmement,

---

la santé, cette paisible assiette du corps, cet équilibre, ce mélange parfait des humeurs, cette heureuse disposition des organes qui entretient leur force & leur souplesse. Cette santé entiere, complette, est une grande volupté. Elle n'est pas sensuelle, d'accord: mais comme elle surpasse seule toutes les autres voluptés! Elle donne à l'ame ce contentement, ce calme intime & délectable qui fait chérir l'existence, admirer le spectacle de la nature, & rendre graces à l'auteur de la vie! N'être point malade, cela seul est un doux plaisir! J'appellerois volontiers philosophe, celui qui, connoissant les dangers des excès & les avantages de la modération, sauroit réfréner ses appétits & jouir sans douleur: ô quel secret!

plutôt par pure habitude que par un besoin réel (a). On avoit su prévenir ce défaut sans recourir à une loi somptuaire.

Tous les mets dont je goûtois n'avoient presque point d'assaisonnement, & je n'en fus pas fâché; je leur reconnus une saveur, un sel qui étoit celui que leur donna la nature, & qui me parut délicieux. Je ne trouvai point de ces alimens rafinés qui ont passé par les mains de plusieurs teinturiers; de ces ragoûts, de ces jus, de ces coulis, de ces

---

(a) L'anatomie démontre que les organes de nos plaisirs sont tous parsemés de petites éminences pyramidales; moins elles sont émoussées par l'usage fréquent des sensations, plus elles sont sensibles, élastiques, promptes à se réparer. La nature, mere attentive & tendre, les a construites de façon qu'elles conservent encore de leur ressort dans un âge avancé, lorsqu'on n'a pas détruit cette finesse requise, ce doux velouté qui les accompagne. Il ne tiendroit donc qu'à l'homme de se ménager des plaisirs pour tous les âges. Mais que fait l'intempérant? Il dénature cette organisation précieuse; il flétrit ce tact délicieux, il le rend obtus & dur : d'être presque céleste & dévoué à des voluptés qui n'appartiennent qu'à lui, il se rabaisse au rang d'automate douloureux. Eh! quel animal, en fait de jouissances, a été plus favorisé que l'homme? Quel autre que lui admire le firmament & tout grand spectacle, distingue le coloris & la forme agréable des corps, sent les fleurs, respire les parfums, connoît les différentes inflexions de la voix, s'émeut au son de la musique, est profondément touché des moindres nuances de la poésie, de l'éloquence, de la peinture, suit les calculs de l'algebre & s'enfonce délicieusement dans les profondeurs, de la géométrie, &c.? Celui qui a dit que l'homme est un abrégé de l'univers, a dit une grande & belle chose. L'homme paroît lié à tout ce qui existe.

ſucs échauffans qui, raréfiés dans de petits plats fort coûteux, hâtoient la deſtruction de l'eſpece animale, en même tems qu'ils bruloient les entrailles humaines. Ce peuple n'étoit pas un peuple carnaſſier, qui ſe ruinoit pour la table & dévoroit plus que la magnificence de la nature ne pouvoit produire avec toutes ſes facultés génératives. Si tout luxe étoit odieux, celui de la table paroiſſoit un crime révoltant : car ſi un riche abuſant de ſon opulence (*a*), gaſpille les biens nourriciers de la terre, il faut néceſſairement que le pauvre les achete chérement, & de plus; ſe retranche un repas.

Les légumes, les fruits étoient tous de la ſaiſon, & l'on avoit perdu le ſecret de faire croître dans le cœur de l'hiver des ceriſes déteſtables. On n'étoit pas jaloux des primeurs, on laiſſoit faire la nature : le palais en étoit plus flatté & l'eſtomac s'en trouvoit mieux. On ſervit au deſſert des fruits excellens; & l'on but du vin vieux : mais point de ces liqueurs colorées, diſtillées à l'eſprit de vin & ſi à la mode dans mon ſiecle. Elles étoient auſſi ſévérement défendues que l'arſenic. On avoit découvert qu'il n'y avoit point de ſenſualité à ſe procurer une mort lente & cruelle.

Le maître de la maiſon me dit en ſouriant : „ avouez que voià un deſſert bien meſquin. Vous ne voyez ni arbres, ni châteaux, ni moulins à vent, ni figures en ſucre (*b*). Cette extravagance

---

(a) Le mal-honnete homme eſt à coup ſûr celui qu'on qualifie d'honnête homme dans le grand monde.

(a) O France! ô ma patrie! veux-tu connoître qu'elle eſt aujourd'hui ta véritable gloire, l'avantage réel que tu as ſur les autres nations? Ecoute : tu excelles dans ton induſtrie pour les modes; elles ſont adoptées aux extrémités du nord, dans toutes les cours d'Allemagne, dans l'intérieur même du ſérail,

prodigué,

prodigue, qui ne produisoit même aucune sorte de volupté, étoit jadis celle de grands enfans tombés en démence. Vos magistrats, qui devoient donner du moins l'exemple de la frugalité & ne point autoriser par leur consentement un luxe insolent & petit; vos Magistrats, dit-on, à la rentrée de chaque Parlement, s'extasioient en peres du peuple à voir sur une table des marmousets de sucre: & jugez de l'émulation des autres Etats à l'emporter encore sur des gens de robe ". --- Vous n'y êtes pas, lui répondis-je: admirez notre savante industrie; on a exécuté de mon tems, sur une table large de dix pieds, un opéra avec toutes ses machines, décorations, acteurs, danseurs, orchestre; tout étoit de sucre, & les changemens se sont exécutés comme sur le théatre du palais royal. Pendant ce tems tout un peuple assiégeoit la porte, pour avoir le rare bonheur de jetter un rapide coup d'œil sur ce superbe dessert dont il payoit assurément tous les fraix. Le peuple admiroit la magnificence des princes, & se croyoit très-petit devant eux.... Chacun se prit à rire. On se leva de table avec gaieté: on rendit grace à Dieu, & personne n'eut de vapeurs ni d'indigestion.

CHAPITRE XLII.

Les Gazettes.

RENTRÉ dans le premier sallon, je vis sur la table de larges feuilles de papier, deux fois plus longues que les gazettes angloises. Je me jettai précipitamment sur ces feuilles imprimées. Je re-

---

enfin dans les quatre parties du monde: tes cuisiniers, tes confisseurs sont les premiers de l'univers; & tes danseurs donnent le ton à toute l'Europe.

connus qu'elles portoient pour titre : Nouvelles publiques & particulieres. Comme à chaque page rien n'égaloit ma ſurpriſe & mon étonnement, tout décidé que j'étois à ne plus m'étonner, je vais tranſcrire les articles qui m'ont le plus frappé, ſelon que ma mémoire pourra toutefois me les repréſenter.

De Pékin, le...

On a donné devant l'Empereur la premiere repréſentation de *Cinna*, tragédie françoiſe. La clémence d'Auguſte, la beauté, la fierté des caracteres ont fait une grande impreſſion ſur toute l'aſſemblée.

O ! dis-je à mon voiſin : voilà un gazetier bien impudent, bien menteur ! Liſez. . . Mais, me répondit-il avec ſang-froid, rien n'eſt plus certain. J'ai bien vu jouer à Pékin *l'Orphelin de la Chine*. Apprenez que je ſuis Mandarin & que j'aime les lettres, autant que la juſtice. J'ai traverſé le Canal Royal (*a*). Je ſuis arrivé ici en près de quatre mois ; encore me ſuis-je amuſé en route. J'étois curieux de voir ce fameux Paris dont on parloit

(a) Le Canal Royal coupe la Chine du midi au ſeptentrion dans un eſpace de ſix cent lieuès. Il ſe joint à des lacs, à des rivieres, &c. Cet Empire eſt rempli de ces canaux utiles, dont pluſieurs ont dix lieues en droite ligne : ils ſervent à l'approviſionnement de la plupart des villes & bourgs. Les ponts ont une hardieſſe & une magnificence ſupérieures à tout ce que l'Europe offre de merveilleux en ce genre. Et nous, petits, foibles & meſquins dans tous nos monumens publics, nous n'employons notre induſtrie, nos inſtrumens & nos rares connoiſſances, qu'à orner des choſes de pure vanité & à dreſſer de magnifiques bagatelles. Preſque tous les chef-d'œuvres de nos arts ne ſont que des jouets d'enfans.

tant, afin de m'inſtruire de mille choſes qu'il faut abſolument voir ſur les lieux pour les bien apprécier. La langue françoiſe eſt commune à Pékin depuis deux cent ans, & à mon retour j'emporterai pluſieurs bons livres que je traduirai. --- M. le Mandarin ! vous n'avez donc plus votre langue hiéroglyphique, & vous avez abrogé cette loi ſinguliere qui défendoit à chacun de vous de mettre le pied hors de l'Empire ? --- Il a bien fallu changer notre langue & adopter des caracteres plus ſimples, dès que nous avons voulu faire connoiſſance avec vous. Cela n'étoit pas plus difficile que d'apprendre l'algebre & les mathématiques. Notre Empereur a caſſé cette loi antique, parce qu'il a jugé fort raiſonnablement que vous ne reſſembliez pas à tous ces Prêtres que nous avions nommés des *Demi-Diables*, à cauſe qu'ils vouloient allumer juſques parmi nous le flambeau de leur diſcorde. Si l'époque m'eſt préſente, une connoiſſance plus étroite & plus intime s'eſt faite à l'occaſion de pluſieurs planches de cuivre que vous avez gravées. Cet art étoit nouveau pour nous, & il fut ſinguliérement admiré. Depuis nous vous avons preſque égalés. --- Ah ! j'y ſuis. Les deſſins de ces planches repréſentoient des batailles : ils nous furent envoyés par cet Empereur-Poëte auquel Voltaire adreſſa une jolie épître ; & notre Roi, ayant chargé de leur exécution ſes meilleurs artiſtes, en a fait préſent au *Roi charmant de la Chine*. --- Juſtement : eh bien ! depuis ce tems-là la communication s'eſt établie, & de proche en proche les ſciences ont volé d'un pays à un autre, comme des lettres de change. Les opinions d'un ſeul homme ſont devenues celles de l'univers. C'eſt l'imprimerie, cette auguſte invention, qui a propagé la lumiere. Les tyrans de la raiſon humaine, avec leurs cent bras, n'ont pu arrêter ſon cours invincible. Rien n'a été plus rapide que cette com-

motion ſalutaire, donnée au monde moral par le ſoleil des arts : il a tout inondé d'un éclat vif, pur & durable.

Le bâton ne regne plus à la Chine ; & les mandarins ne ſont plus des eſpeces de préfets de college. Le petit peuple n'eſt plus lâche & fripon, parce qu'on a tout fait pour lui élever l'ame : de honteux châtimens ne le courbent plus dans l'aviliſſement ; il a reçu des notions d'honneur. Nous vénérons toujours Confutzée, preſque contemporain de votre Socrate ; qui, comme lui, ne ſubtiliſa pas ſur le principe des êtres, mais ſe contenta de publier que rien ne lui eſt caché, & qu'il punira le vice, comme il récompenſera la vertu. Notre Confutzée eut même un avantage ſur le Sage de la Grece. Il n'abattit point avec audace ces préjugés religieux qui, faute d'appuis plus nobles, ſervent de baſe à la morale des peuples. Il attendit patiemment que, ſans bruit & ſans effort, la vérité ſe fît jour par elle-même. Enfin c'eſt lui qui a prouvé qu'un monarque devoit néceſſairement être un philoſophe pour bien régir ſes Etats. Notre Empereur conduit toujours la charrue, mais ce n'eſt point une vaine cérémonie ou un acte d'oſtentation puérile . . .

Combattu par le deſir de lire & d'écouter tout à la fois, je prêtois l'oreille d'un côté, & mon œil, non moins avide, parcouroit de l'autre les pages de cette étonnante Gazette. Mon ame étoit comme partagée en deux fonctions contraires. . . . Voici ce que je liſois.

De Jedo, Capitale du Japon, le...

Le deſcendant du grand Taïco, qui a fait du Daïri une idole impuiſſante & révérée, vient de faire traduire *l'Eſprit des Loix*, & le *Traité des délits & des peines !*

On a promené dans toutes les rues le vénérable Amida, mais personne ne s'est fait écraser sous les roues de son char.

On entre librement au Japon, & chacun y profite avidement des arts étrangers. Le suicide n'est plus une vertu parmi ce peuple; il a remarqué que c'étoit l'ouvrage du désespoir ou d'une insensibilité folle & coupable.

De Perse, le...

Le Roi de Perse a dîné avec ses freres, lesquels ont de très-beaux yeux. Ils l'aident dans le gouvernement de l'Empire. Leur principale fonction est de lui lire les dépêches. Les livres sacrés de Zoroastre & le Sadder sont toujours lus & respectés; mais il n'est plus question ni d'Omar ni d'Ali.

DU MEXIQUE.

De la ville de Mexico, le...

Cette ville acheve de reprendre son ancienne splendeur sous l'auguste domination des Princes descendans du fameux Montezume. Notre Empereur, à son avénement au trône, a fait reconstruire le palais, tel qu'il étoit du tems de ses peres. Les Indiens ne vont plus sans linge & nuds pieds. On a dressé au milieu de la principale place une statue de Gatimotzin étendu sur des charbons ardens; au bas sont écrits ces mots: *Et moi, suis-je sur un lit de roses!*

„ Expliquez-moi ceci, dis-je au Mandarin. Comment! est-il défendu de nommer cet Empire la Nouvelle Espagne? Le Mandarin me répondit:

Lorsque le vengeur du Nouveau Monde eut chassé les tyrans, (Mahomet & César fondus ensemble n'auroient point encore approché de ces

homme étonnant,) ce vengeur formidable se contenta d'être Législateur. Il déposa le glaive pour montrer aux nations le code sacré des loix. Vous n'avez point d'idée d'un pareil génie. Sa voix éloquente sembloit celle d'un dieu, descendu sur la terre. L'Amérique fut partagée en deux Empires: L'Empereur de l'Amérique septentrionale réunit le Mexique, le Canada, les Antilles, la Jamaïque, St Domingue. L'Empereur de l'Amérique méridionale eut le Pérou, le Paraguay, le Chili, la terre Magellanique, les pays des Amazones. Mais chacun de ces Royaumes eut un monarque particulier, soumis lui-même à une loi générale; à peu près comme de votre tems on voyoit le florissant Empire d'Allemagne divisé en plusieurs souverainetés, qui toutefois ne faisoient qu'un corps sous un seul chef.

Ainsi le sang de Montezume, long-tems obscur & caché, est remonté sur le trône. Tous ces monarques, sont des rois patriotes, qui n'ont pour objet que de maintenir la liberté publique. Ce grand homme, ce fameux législateur, ce Negre en qui la nature épuisa son génie, leur a soufflé à tous son ame grande & vertueuse. Ces vastes Etats reposent & fructifient dans une concorde parfaite; ouvrage tardif, mais infaillible de la raison. Les fureurs de l'ancien monde, ces guerres puériles & cruelles, l'inutilité de tant de sang répandu, la honte de l'avoir versé, enfin, les sottises des ambitieux pleinement démontrées, ont suffisamment instruit le nouveau continent à faire de la paix l'auguste dieu de leurs contrées. Aujourd'hui la guerre déshonoreroit un Etat, comme le vol déshonore un particulier...Je continuois & d'écouter & de lire...

Du Paraguay.

De la ville de l'Assomption, le..

On a donné une grande fête en mémoire de l'a-

bolition de l'esclavage honteux où étoit réduit la nation sous l'empire despotique des Jésuites ; & depuis six siecles l'on regarde comme un bienfait de la Providence d'avoir détruit ces loups-renards dans leur dernier asyle. Mais en même tems la nation, qui n'est point ingrate, avoue qu'elle a été arrachée à la misere, formée à l'agriculture & aux arts par ces mêmes Jésuites. Heureux s'ils se fussent bornés à nous instruire & à nous donner les loix saintes de la morale !

De Philadelphie, Capitale de Pensilvanie.

Ce coin de la terre, où l'humanité, la foi, la liberté, la concorde, l'égalité se sont réfugiées depuis huit cent années, est couvert des cités les plus belles, les plus florissantes. La vertu a fait ici plus que le courage n'a opéré chez les autres peuples ; & ces généreux Quakers (a), les plus vertueux des hommes, en offrant au monde le spectacle d'un peuple de freres, ont servi de modele aux cœurs qu'ils ont attendris. On sait qu'ils sont en possession depuis leur origine de donner à l'univers mille

(a) *Comment les Princes du Nord refuseroient-ils de se couvrir d'une gloire immortelle en abolissant dans leurs contrées l'esclavage, en rendant au cultivateur du moins sa liberté personnelle ? Comment n'entendent-ils pas le cri de l'humanité qui les invite à cet acte glorieux de bienfaisance ? Et de quel droit retiendroient-ils dans une servitude odieuse & contraire à leurs vrais intérêts, la partie la plus laborieuse de leurs sujets, lorsqu'ils ont devant les yeux l'exemple de ces Quakers qui ont donné la liberté à tous leurs esclaves Negres ? Comment ne sentent-ils pas que leurs sujets seront plus fideles, en étant plus libres, & qu'ils doivent cesser d'être esclaves pour devenir des hommes ?*

exemples de générosité & de bienfaisance. On sait qu'ils furent les premiers qui refuserent de verser le sang des hommes, & qui aient regardé la guerre comme une extravagance imbécille & barbare. Ce sont eux qui ont détrompé les nations, victimes misérables des débats de leurs rois. On publiera incessamment le recueil annuel où sont consignées les vertus pratiques qui mettent à leurs loix le sceau de la perfection.

De Maroc, le....

On a découvert une comete qui s'avance vers le soleil. C'est la trois cent cinquante-unieme qu'on observe depuis que cet observatoire est fondé. Les observations faites dans l'intérieur de l'Afrique correspondent parfaitement aux nôtres.

On a puni de mort un habitant qui avoit frappé un François, conformément à l'ordonnance du Souverain, qui veut que tout étranger soit regardé comme un frere qui vient visiter ses meilleurs amis.

De Siam, le...

Notre navigation fait les plus étonnans progrès. On a lancé en mer six vaisseaux à trois ponts : ils sont destinés pour des courses lointaines.

Notre Roi se fait voir à tous ceux qui desirent envisager son auguste physionomie : il n'est point de monarque plus affable, sur-tout lorsqu'il se rend à la pagode du grand Som-mona-codom.

L'éléphant blanc est à la ménagerie, & n'est plus qu'un objet de curiosité, parce qu'il est parfaitement dressé au manege.

De la Côte de Malabar, le...

La veuve de ***, belle, jeune & dans tout

l'éclat

l'éclat de ſon âge, a pleuré ſincérement la mort de ſon mari qu'on a brulé tout ſeul ; & après avoir porté le deuil encore plus dans le cœur que ſur ſes habits, elle s'eſt remariée à un jeune homme qu'elle a aimé tout auſſi tendrement. Ce nouveau lien la rend plus chere & plus reſpectable à ſes concitoyens.

De la Terre Magellanique, le...

Les vingt Iſles fortunées, qui vivoient ſans ſe connoître dans toute l'innocence & le bonheur du premier âge, viennent de ſe réunir. Elles forment maintenant une aſſociation vraiment fraternelle & réciproquement utile.

De la Terre de Papous (a), le....

En avançant dans cette cinquieme partie du monde, les découvertes de jour en jour deviennent plus vaſtes, plus intéreſſantes : on eſt ſurpris à chaque pas de ſa richeſſe ; de ſa fertilité, des peuples nombreux qui y vivent en paix. Ils peuvent dédaigner nos arts. Le moral y eſt encore plus étonnant que le phyſique. Le ſoleil, en éclairant ces terres immenſes, plus grandes que l'Aſie & l'Afrique, n'y apperçoit pas un ſeul infortuné ; tandis que notre Europe, ſi petite, ſi chétive & toujours diviſée, a preſque durci ſon ſol d'oſſemens humains.

De l'Iſle de Taïti dans la mer du ſud, le...

Lorſque M. de Bougainville découvrit cette iſle fortunée, où régnoient les mœurs de l'âge d'or,

---

(a) *La Terre de Papous eſt ſituée à* 4000 *lieues de Paris.*

il ne manqua pas de prendre poſſeſſion de cette iſle au nom de ſon maître. Il s'embarqua enſuite & ramena un Taïtien, qui en 1770 fixa pendant huit jours la curioſité de Paris. On ne ſavoit pas alors qu'un François ému de la beauté du climat, de la candeur de ſes habitans, & plus encore des malheurs qui attendoient ce peuple innocent, s'étoit caché pendant que ſes camarades s'embarquoient. A peine les vaiſſeaux furent-ils éloignés qu'il ſe préſenta à la nation; il l'aſſembla dans une vaſte plaine & lui tint ce langage.

„ C'eſt parmi vous que je veux reſter pour mon „ bonheur & pour le vôtre. Recevez-moi comme „ un de vos freres. Vous allez voir que je le ſuis, „ car je prétends vous ſauver du plus affreux dé- „ ſaſtre. O peuple heureux, qui vivez dans la ſim- „ plicité de la nature! ſavez-vous quels malheurs „ vous menacent? Ces étrangers ſi polis que vous „ avez reçus, que vous avez comblés de préſens „ & de careſſes, que je trahis en ce moment, ſi „ c'eſt les trahir que de prévenir la ruine d'un peu- „ ple vertueux, ces étrangers, mes compatriotes, „ vont bientôt revenir & ameneront avec eux tous „ les fléaux qui affligent les autres contrées. Ils „ vous feront connoître des poiſons & des maux „ que vous ignorez. Ils vous apporteront „ des fers, & dans leur cruel raiſonnement „ ils voudront vous prouver encore que c'eſt „ pour votre plus grand bien. Voyez cette pyra- „ mide élevée, elle atteſte déja que cette terre eſt „ dans leur dépendance, comme marquée dans „ l'empire d'un ſouverain que vous ne connoiſſez „ pas même du nom. Vous êtes tous déſignés pour „ recevoir des loix nouvelles. On fouillera votre „ ſol, on dépouillera vos arbres fruitiers, on „ ſaiſira vos perſonnes. Cette égalité précieuſe, „ qui regne parmi vous, ſera détruite. Peut-être „ le ſang humain arroſera ces fleurs qui ſe cour- „ bent ſous le poids de vos innocentes careſſes,

» L'amour eſt le dieu de cette iſle. Elle eſt conſacrée,
» pour ainſi dire, à ſon culte. La haine & la ven-
» geance prendront ſa place. Vous ignorez juſqu'à
» l'uſage des armes; on vous apprendra ce que
» c'eſt que la guerre, le meurtre & l'eſclavage...

A ces mots ce peuple pâlit & demeura conſterné. C'eſt ainſi qu'une troupe d'enfans, qu'on interrompt dans leurs aimables jeux, palpitent d'effroi, lorſqu'une voix ſévere leur annonce la fin du monde & fait entrer dans leur jeune cerveau l'idée des calamités qu'ils ne ſoupçonnoient pas.

L'orateur reprit: » Peuples, que j'aime & qui
» m'avez attendri! il eſt un moyen de vous conſer-
» ver heureux & libres. Que tout étranger qui dé-
» barquera ſur cette rive fortunée ſoit immolé au
» bonheur du pays. L'arrêt eſt cruel; mais l'amour
» de vos enfans & de votre poſtérité doit vous faire
» chérir cette barbarie. Vous frémiriez bien plus,
» ſi je vous annonçois les horreurs que les Euro-
» péens ont exercées contre des peuples qui, com-
» me vous, avoient la foibleſſe & l'innocence
» pour partage. Garantiſſez-vous de l'air conta-
» gieux qui ſort de leur bouche. Tout, juſqu'à
» leur ſourire, eſt le ſignal des infortunes dont ils
» méditent de vous accabler.

Les chefs de la nation s'aſſemblerent, & d'une voix unanime décernerent l'autorité à ce François qui ſe rendoit le bienfaiteur de toute la nation, en la préſervant des plus horribles calamités. La loi de mort contre tout étranger fut portée & exécutée avec une rigueur vertueuſe & patriotique, comme elle fut exécutée jadis dans la Tauride, peut-être chez un peuple, ſelon les apparences, auſſi innocent, mais jaloux de rompre toute communication avec des peuples ingénieux, mais en même tems tyranniques & cruels.

On apprend que cette loi vient d'être abolie, parce que pluſieurs expériences réitérées ont prouvé que l'Europe n'eſt plus l'ennemie des quatre

autres parties du monde ; qu'elle n'attente point à la liberté paiſible des nations qui ſont loin d'elle; qu'elle n'eſt plus jalouſe à l'excès du deſpotiſme honteux de ſes ſouverains ; qu'elle ambitionne des amis, & non des eſclaves ; que ſes vaiſſeaux vont chercher des exemples de mœurs ſimples & vraies, & non de viles richeſſes, &c. &c. &c.

De Petersbourg, le...

Le plus beau de tous les titres eſt celui de légiſlateur. Un ſouverain eſt preſque un Dieu pour une nation lorſqu'il lui donne des loix ſages & conſtantes. On répete encore avec tranſport le nom de l'auguſte Catherine II ; on ne s'entretient plus de ſes conquêtes & de ſes triomphes ; on parle de ſes loix. Son ambition fut de diſſiper les ténebres de l'ignorance, de ſubſtituer à des coutumes barbares des loix dictées par l'humanité. Plus heureuſe, plus grande que Pierre le Grand, parce qu'elle fut plus humaine, elle s'appliqua, malgré tant d'exemples contraires, à faire de ſon peuple un peuple heureux & floriſſant. Il le fut, malgré les orages publics & domeſtiques qui battirent ſon trône & l'ébranlerent. Son courage a ſu raffermir une couronne que l'univers ſe plaiſoit à voir ſur ſon front. Il faut remonter dans l'antiquité la plus reculée, pour rencontrer un légiſlateur qui ait eu autant de dignité & de profondeur. --- Les fers qui chargeoient le laboureur ont été briſés ; il a levé la tête & s'eſt vu avec joie au rang des hommes. L'artiſan du luxe a ceſſé de voir ſa profeſſion plus lucrative & plus honorable. Le génie de l'humanité a dit à tout le nord : *Hommes ! ſoyez libres, & ſouvenez-vous, races futures, que c'eſt à une femme que vous devez ce que vous êtes.*

Selon le dernier dénombrement des habitans de toutes les Ruſſies, le relevé monte à quarante-cinq millions d'hommes. On n'en comptoit que quatorze en 1769. Mais la ſageſſe du légiſlateur, ſon

code humain, le trône de ses successeurs solidement affermi, parce qu'ils furent généreux & populaires, tout a rendu la population égale à l'étendue de cet empire, plus vaste que celui des Romains, que celui d'Alexandre. La constitution du gouvernement n'est cependant plus militaire. Le souverain ne se dit plus *Autocrate*, & l'univers, en général, est trop éclairé pour admettre cette forme odieuse (*a*).

De Varsovie, le....

L'Anarchie la plus absurde, la plus outrageante aux droits de l'homme né libre; la plus accablante pour le peuple, ne trouble plus la Pologne. L'auguste Catherine II a jadis merveilleusement influé sur les affaires de ce royaume; & l'on se souvient avec reconnoissance que c'est elle qui a rendu au paysan sa liberté personnelle & la propriété de ses biens.

Le roi de Pologne est décédé à six heures du soir, & son fils est paysiblement monté sur le trône le même jour; il a reçu à cet effet l'hommage de tous les nobles palatins.

De Constantinople, le....

Ce fut un grand bonheur pour le monde, lorsque le Turc, au XVIII siecle, fut chassé de l'Europe. Tout ami du genre humain a applaudi à la chûte de cet empire funeste, où le monstre du despotisme étoit caressé par d'infames Bachas, qui ne se prosternoient devant lui que pour le surpasser

---

(*a*) *Qui eut dit, il y a quatre-vingt-ans, qu'on porteroit à Petersbourg nos modes, nos perruques, nos brochures, nos opéra-comiques, auroit passé à coup sur pour un extravagant. Il faut consentir paisiblement à passer pour un fou, lorsqu'on a quelque idée qui surpasse l'horison des idées vulgaires. Tout en Europe tend à une révolution soudaine.*

dans ſes épouvantables vexations. Le fils, long-tems exilé, rentra dans l'héritage de ſes peres, non humilié, mais triomphant, mais robuſte & en état de le cultiver. Les uſurpateurs du trône des Conſtantins diſparurent dans la boue de leurs antiques marais; & ces barrieres que la ſuperſtition, & la tyrannie, ſon inſéparable & affreux collegue, avoient miſes aux arts & à la raiſon, depuis les rives de la Save & du Danube juſques ſur les bords de l'ancien Tanaïs, furent briſés par un peuple du Nord avec la main de fer qui les ſoutenoit. La philoſophie reparut dans ſon premier ſanctuaire, & la patrie des Thémiſtocles & des Miltiades embraſſa de nouveau la ſtatue de la liberté. Elle s'éleva auſſi fiere & auſſi grande que ſous les beaux jours où elle brilloit avec tant d'éclat. Elle s'étendit dans ſon ancien domaine, & l'on ne vit plus un Sardanapale, dormant du ſommeil de la barbarie entre un viſir & un cordeau, tandis que ſes vaſtes Etats languiſſans & dépouillés étoient plongés dans le ſommeil de la mort.

Le ſouffle vivifiant de la liberté les anime aujourd'hui. C'eſt un eſprit créateur qui opere des prodiges inconnus aux nations eſclaves. Les Etats du grand Seigneur furent d'abord le partage de ſes voiſins; mais deux ſiecles après ils ont formé une république que le commerce rend floriſſante & formidable.

On a donné un bal maſqué où étoit jadis le ſerrail. On y a ſervi les vins les plus exquis, & toutes ſortes de rafraîchiſſemens, avec une profuſion qui ne déroboit rien à l'extrême délicateſſe. Le lendemain on a repréſenté la tragédie de *Mahomet* dans la ſalle de ſpectacle, bâtie ſur les débris de l'ancienne moſquée dite Sainte Sophie.

De Rome (a), le...

L'Empereur d'Italie a reçu au Capitole la visite de l'Evêque de Rome, qui lui a porté très-ref-

---

(a) Que le nom de Rome est exécrable à mon oreille! Que cette ville a été funeste à l'univers! Que depuis sa fondation, due à une poignée de brigands, elle a été fidelle à ses premiers instituteurs! Où trouver une ambition plus ardente, plus profonde, plus inhumaine? Elle a étendu les chaînes de l'oppression sur l'univers connu. Ni la force, ni la valeur, ni les vertus les plus héroïques, n'ont préservé les nations de l'esclavage. Quel démon présidoit à ses conquêtes & précipitoit le vol de ses aigles! O funeste République! Quel monstrueux despotisme eut de si détestables effets! O Rome, que je te hais! Quel peuple que celui qui alloit par le monde détruisant la liberté de l'homme & qui a fini par abattre la sienne! Quel peuple que celui qui, environné de tous les arts goûtoit le spectacle des gladiateurs, fixoit un œil curieux sur un infortuné dont le sang s'échappoit en bouillonnant, qui exigeoit encore que cette victime, en repoussant la terreur de la mort, mentît à la nature à son dernier moment, en paroissant flattée des applaudissemens que formoit un million de mains barbares! Quel peuple que celui qui, apres avoir été injuste dominateur de l'univers, souffrit, sans murmurer, que tant d'empereurs tournassent le couteau dans ses propres flancs, & qui manifesta aussi une servitude aussi lache que sa tyrannie avoit été orgueilleuse! C'étoit peu: la superstition la plus absurde, la plus ridicule devoit s'asseoir à son tour sur le trône de ces despotes; elle devoit avoir pour ministres l'ignorance & la barbarie. Après avoir égorgé au nom de la patrie, on égorgea au nom de Dieu. Pour la premiere fois le sang coula pour les intérêts chimériques du ciel: chose inouie & dont le monde n'avoit point encore eu d'exemples. Rome fut le gouffre empesté d'où s'exhalerent

pectueusement les vœux qu'il adresse au ciel pour la conservation de ses jours & la prospérité de son

---

ces fatales opinions qui diviserent les hommes & les armerent l'un contre l'autre pour des fantômes. Bientôt elle engendra sous le nom de Pontifes, qui se disent vicaires de Dieu, les monstres les plus odieux. Comparés à ces tigres qui portoient les clefs & la tiare, les Caligulas, les Nérons, les Domitiens ne sont plus que des méchans ordinaires. Les peuples, comme frappés d'une massue pétrifique, végetent mille ans sous une théocratie despotique. L'Empire Sacerdotal couvre tout, éteint tout dans ses ténebres. L'esprit humain ne marque son existence que pour obéir aux décrets d'un homme déifié. Il parle : & sa voix est un tonnerre qui consume. On voit les Croisades, un tribunal d'Inquisiteurs, des proscriptions, des anathêmes, des excommunications, foudres invisibles, qui vont frapper au bout du monde. Le Chrétien, la foi & la rage dans le cœur, n'est point rassasié de meurtres. Un monde nouveau, un monde entier est nécessaire pour assouvir sa fureur : il veut par la force faire adopter à autrui sa croyance. C'est l'image du Christ qui est le signal de ces horribles dévastations. Par-tout où elle paroît, le sang coule par torrens ; & encore aujourd'hui, cette même Religion légitime l'esclavage des malheureux qui arrachent des entrailles de la terre cet or dont Rome est la plus impudente idolâtre. O toi, ville aux sept montagnes ! Quel essain de calamités est sorti de ton sein infernal ! Qu'es-tu ? Pourquoi influes-tu si puissamment sur ce globe infortuné ? Le malfaisant Arimane a-t-il son siege sous tes murailles ? Touchent-elles aux voûtes des enfers ? Es-tu la porte par où entre le malheur ? Quand sera-t-il brisé, ce talisman fatal qui a perdu, il est vrai, de sa force, mais à qui il en reste encore assez pour nuire au monde ? O Rome, que je te hais ! Que du moins la mémoire de tes iniquités vive ! qu'elle fasse ton opprobre ! qu'elle ne s'efface jamais, & que tous

Empire

Empire (*a*). Enſuite l'Evêque s'eſt retiré à pied ; avec toute l'humilité d'un vrai ſerviteur de Dieu.

Tous les beaux monumens antiques qu'on a fouillés dans le Tibre, où ils étoient enſevelis depuis tant d'années, viennent d'être placés dans les différens quartiers de Rome : on a ſu les retirer ſans élever dans l'air aucune exhalaiſon dangereuſe.

L'Evêque de Rome s'occupe toujours à donner un code de morale raiſonnée & touchante. Il publie le catéchiſme de la raiſon humaine. Il s'applique ſur-tout à fournir un nouveau degré d'évidence aux vérités vraiment importantes à l'homme. Il tient regiſtre de toutes les actions généreuſes, illuſtres, charitables : il les publie en caractériſant chaque eſpece de vertu. Juge des rois & des nations par ſon ardent amour pour l'humanité, il regne par l'empire invincible que donne l'eſprit de ſageſſe, de juſtice & de vérité. Il concilie les différends des peuples : il les appaiſe. Ses bulles écrites en toutes ſortes de langues n'annoncent point des dogmes obſcurs, inutiles, ſentences de diviſions éternelles ; mais parlent d'un Dieu, de ſa préſence univerſelle, d'une vie à venir, de la ſublimité de la vertu. Le Chinois, le Japonois, l'habitant de Surinam, du Kamtſchatka les liſent avec fruit.

De Naples, le....

L'Académie des belles-lettres de Naples a adjugé le prix au nommé ***. Le ſujet étoit de déterminer au juſte ce qu'étoient les Cardinaux dans le XVIIIe ſiecle ; les mœurs & les idées de ces ſinguliers perſonnages ; ce qu'ils diſoient, ce qu'ils faiſoient dans la priſon du conclave ; & le moment précis où ils ſont redevenus ce qu'ils étoient lors

les cœurs embraſés d'une juſte haine reſſentent la même horreur que j'ai pour ton nom !

(*a*) *Le trône du Deſpotiſme s'appuie ſur l'autel, qui ne le ſoutient que pour l'engloutir.*

de l'enfance du Christianisme. L'auteur couronné a satisfait pleinement aux vues de l'Académie. Il a donné jusqu'à la description de la barette & du chapeau rouge. Cette dissertation n'est pas moins divertissante que profonde.

On a représenté sur le théatre de la foire la farce de St Janvier, autrefois si sérieuse. On sait que le miracle de la liquéfaction de son sang se renouvelloit chaque année. On a parodié cette risible extravagance avec un sel qui a réjoui toute la nation.

Les trésors de notre Dame de Lorette (*a*), qui avoient servi à nourrir & habiller les pauvres, viennent d'être appliqués à la construction d'un aqueduc, attendu qu'il n'y a plus de nécessiteux. On doit faire le même emploi des richesses de l'ancienne cathédrale de Tolede, détruite en dix-huit cent soixante-sept. Voyez à ce sujet les dissertations savantes de ***, imprimées en 1999.

De Madrid, le...

Ordonnance que personne n'ait à se nommer Dominique, attendu que c'est ce barbare qui a jadis établi l'Inquisition (*b*). Ordonnance que le

---

(*a*) *Depuis quinze siecles nous ne voyons dans toute l'Europe d'autres monumens que des églises de mauvais goût avec de hauts clochers pointus. Les tableaux qu'on y voit n'offrent pour la plupart que des peintures hideuses & dégoûtantes. Que de monasteres richement dotés! Que d'universités opulentes! Que de chapitres! Que d'asyles ouverts à la fainéantise & au jargon théologique! C'est cependant, dans les tems où les peuples furent les plus pauvres qu'on trouva le secret d'élever des cathédrales & des temples très-coûteux. Combien les nations seroient-elles florissantes, si elles eussent employé en aqueducs, en canaux, les sommes immenses inutilement dépensées à enrichir des prêtres & des moines?*

(*b*) *Toute ame, en qui le fanatisme religieux n'a*

nom de Philippe II sera rayé de la liste des rois d'Espagne.

L'esprit laborieux de la nation se manifeste de jour en jour par des découvertes utiles dans tous les arts, & l'Académie des Sciences vient de donner un nouveau système de l'Electricité, fondé sur plus de vingt mille expériences particulieres.

De Londres, le....

Cette villle est trois fois plus grande qu'elle ne l'étoit au dix-huitieme siecle, & comme toute la force d'Angleterre peut résider, sans danger, dans sa capitale, parce que le commerce en est l'ame, & que le commerce d'un peuple Républicain n'entraîne pas après lui les atteintes funestes qu'il porte aux Monarchies, l'Angleterre a toujours suivi son ancien système. Il est bon, parce que ce n'est point le monarque qui s'enrichit, mais les particuliers: de-là naît l'égalité qui empêche l'excessive opulence & l'excessive misere.

L'Anglois est toujours le premier peuple de l'Europe: il jouit de l'ancienne gloire d'avoir montré à ses voisins le gouvernement qui convenoit à des hommes jaloux de leurs droits & de leur bonheur.

On ne fait plus de processions pour la mémoire de Charles I; l'on voit mieux en politique.

---

point éteint les sentimens d'humanité, est brulée d'indignation & déchirée de pitié à la vue des barbaries, des tourmens recherchés que la fureur religieuse a fait inventer aux hommes. L'histoire des Cannibales & des Antropophages est moins horrible que la nôtre. Torquemada, inquisiteur d'Espagne, se vantoit d'avoir fait périr par le fer & le feu plus de cinquante mille hérétiques; & par-tout nous trouvons les traces ensanglantées de la férocité religieuse. Est-ce là cette loi divine qui se dit l'appui de la politique & de la morale?

On vient d'ériger la nouvelle ſtatue du Protecteur Cromvvel. On ne ſauroit dire ſi le marbre dont elle eſt compoſée eſt blanc ou noir, tant il eſt mêlangé. Les aſſemblées du peuple ſe tiendront dorénavant en préſence de cette ſtatue, parce que le grand homme qu'elle repréſente eſt le véritable auteur de l'heureuſe & immuable Conſtitution(*a*).

Les Ecoſſois & les Irlandois ont préſenté requête au Parlement, afin qu'il eût à abolir les noms d'Ecoſſe & d'Irlande, & qu'ils ne fiſſent plus qu'un corps d'eſprit & de nom avec l'Angleterre, comme ils n'en ſont qu'un par le patriotiſme qui les anime.

De Vienne, le...

L'Autriche, qui de tout tems eſt en poſſeſſion de donner des Princeſſes charmantes à toute l'Europe, annonce qu'elle a ſept beautés nubiles. Elles épouſeront les Princes de la terre qui donneront le plus beau témoignage de la tendreſſe de leurs peuples.

De la Haye, le...

Ce peuple laborieux, qui a fait un jardin du terrein le plus ingrat & le plus marécageux, qui a porté tous les tréſors épars ſur la terre dans un lieu où il ne croît pas un caillou, exerce conſtamment ſon étonnante induſtrie, & montre à l'univers ce que peuvent le courage, la patience & l'emploi du tems. Cet amour extrême de l'or n'eſt plus ſi vif. Cette république a ſu devenir plus puiſſante en découvrant les pieges qui préparoient

---

(a) J. J. Rouſſeau attribue la force, la ſplendeur & la liberté de l'Angleterre à la deſtruction des loups dont elle étoit jadis infeſtée. Heureuſe nation! elle a chaſſé des loups mille fois plus dangereux, qui dévaſtent encore les autres climats.

ſourdement ſa ruine. Elle a reconnu qu'il étoit plus facile de donner des digues à l'océan irrité, que de réſiſter à un métal corrupteur ; & aujourd'hui elle ſe défend auſſi courageuſement contre les atteintes du luxe, que contre les aſſauts de la mer.

De Paris, le...

Douze navires de ſix cent tonneaux ſont arrivés en cette capitale & y ont entretenu l'abondance. On y mange du poiſſon qu'on n'achete point dix fois ſa valeur. Le nouveau lit de la Seine, creuſé de Rouen à cette ville, exige quelques réparations. On a affecté à cette dépenſe un million & demi tiré du tréſor national. Cette ſomme ſuffira, parce qu'on ne ſe ſervira ni de régiſſeurs ni d'entrepreneurs.

Le luxe dévorateur, le luxe inſolent, le luxe puéril, le luxe capricieux, le luxe extravagant ne regnent plus ſur les bords de la Seine ; mais bien le luxe d'induſtrie, le luxe qui crée de nouvelles commodités, qui ajoute à l'aiſance, ce luxe utile & néceſſaire, ſi facile à diſtinguer, & qu'il ne faut pas confondre avec ce luxe d'oſtentation & d'orgueil qui inſulte aux fortunes particulieres(*a*),

---

(*a*) *Quand ne verra-t-on plus cette inégalité prodigieuſe de fortunes, cette opulence exceſſive qui multiplie les indigences extrêmes, qui fait naitre tous les crimes! Quand ne verra-t-on plus un pauvre ouvrier ne pouvant ſortir par le travail d'une miſere où le retiennent les propres loix de ſon pays! Tel autre tendant une main défaillante, redoutant à la fois & l'œil & le refus de ſon ſemblable! Quand ne verra-t-on plus de ces monſtres qui, d'un œil diſtrait, lui refuſent un morceau de pain! Quand ces mêmes hommes ceſſeront-ils d'affamer une ville où les denrées ſe vendent comme dans un fort aſſiégé! Mais les finances ſont épuiſées ; le commerce eſt généralement tom-*

en même tems qu'il acheve de les dissoudre & par l'effet & par l'exemple.

On a reblanchi la statue du célebre Voltaire. C'est celle-là même que les gens de lettres les plus distingués par leur talent & leur équité lui ont érigée de son vivant. Son pied droit, comme on sait, foule la face ignoble de F***; mais comme le mépris public a beaucoup défiguré la face de ce zoïle, on voudroit réparer ce monument qui doit attester à tous les sots critiques la honte qui les attend. Comme on n'a point conservé le portrait du barbouilleur qui écrivoit un ouvrage périodique pour vivre, on demande quelle tête d'animal lâche, envieux & malfaisant on pourroit substituer à la sienne ?

Le Parisien a des notions distinctes sur le droit naturel, politique & civil. Il ne s'imagine plus bêtement avoir donné en propriété à un autre homme sa personne & ses biens. Il sait toujours proférer des bons mots, composer des chansons & des vaudevilles ; mais il a appris en même tems à donner à ses plaisanteries un corps solide.

Je tournois, je retournois ma feuille volante. Je voulois y lire encore quelques curieux articles. J'y cherchois celui de Versailles, & mes yeux avides ne le découvroient point. Le maître de la maison s'apperçut de mon embarras & me demanda ce que je cherchois ? Ce qu'il y a de plus intéressant dans le monde, lui répondis-je ; les nouvelles du lieu où siege ordinairement la cour, l'article *Versailles*, enfin, si détaillé, si varié, si amusant dans la gazette de France (*a*). Il se mit à

---

bé, le peuple est harassé de ses infortunes : tout souffre, & les mœurs éprouvent, par conséquent, un relâchement affreux. Hélas ! hélas ! hélas !

(*a*) *Que l'imprimerie est un cruel fléau lorsqu'elle sert à annoncer à une nation entiere que tel homme a*

ſourire & me dit : „ Je ne ſais encore ce qu'eſt devenue la gazette de France. La nôtre eſt celle de la vérité, & l'on n'y commet jamais le péché d'omiſſion. Le monarque réſide au ſein de la capitale. Il eſt là ſous les regards de la multitude. Son oreille eſt toujours prête pour entendre ſes cris. Il ne ſe cache point dans une eſpece de déſert, environné d'une foule d'eſclaves dorés. Il demeure au centre de ſes Etats, comme le ſoleil réſide au milieu de l'univers. C'eſt un frein de plus qui le retient dans les bornes du devoir. Il n'a point d'autre organe pour apprendre ce qu'il doit ſavoir que cette voix univerſelle, qui perce directement juſqu'à ſon trône. Gêner cette voix, ſeroit aller contre nos loix ; car le monarque eſt l'homme du peuple, & le peuple ne lui appartient pas.

CHAPITRE XLIII.

Oraiſon funebre d'un payſan.

CURIEUX de voir ce qu'étoit devenu ce Verſailles, où j'avois vu d'un côté la ſplendeur des rois étaler le plus haut degré de l'opulence, & de l'autre une race de commis, ſcribes inſolens, pouſſer l'impertinente pareſſe auſſi loin qu'elle pouvoit monter, je rêvai, comme Joſué, que j'arrêtois le cours du ſoleil ; il penchoit vers ſon déclin, il s'arrêta à ma priere comme au tems de ce général Juif, & mon intention, je penſe, étoit meilleure que la ſienne.

J'étois déja dans la campagne, porté dans une voiture, laquelle n'étoit pas un pot-de-cham-

---

été tel jour jouer le rôle d'eſclave à la cour ; que tel autre s'eſt déshonoré avec toute la pompe imaginable; que celui-ci a enfin obtenu le fruit de ſes baſſeſſes! Quel recueil de platitudes ! quel ſtyle lâche & rampant !

bre (*a*). Il fallut faire un détour, parce que la grande route étoit changée.

En passant par un village je vis une troupe de paysans, les yeux baissés & humides de larmes, qui entroient dans un temple. Ce spectacle me frappa. Je fis arrêter ma voiture & je les suivis. Je vis au milieu de la nef un vieillard décédé en habit de paysan, & dont les cheveux blancs pendoient jusqu'à terre. Le pasteur du lieu monta sur une petite estrade, & dit à la troupe assemblée,

Citoyens;

„ L'homme que vous voyez a été pendant qua-„ tre-vingt-dix ans le bienfaiteur des hommes. Il „ est né fils de laboureur, & dès l'enfance ses foi-„ bles mains ont essayé de soulever le choc de la „ charrue. Il suivoit son pere dans les sillons, „ lorsqu'à peine son pied pouvoit les franchir. „ Dès que l'âge lui eut donné les forces après les-„ quelles il soupiroit, il a dit à son pere: repo-„ sez-vous; & depuis, chaque soleil l'a vu la-„ bourer, semer, planter, recueillir. Il a défri-„ ché plus de deux mille arpens de terre. Il a „ planté la vigne dans tous ses environs; & vous „ lui devez les arbres fruitiers qui nourrissent ce „ hameau, & l'ombrage qui le couronne. Ce n'é-„ toit point l'avarice qui le rendoit infatigable; „ c'étoit l'amour du travail pour lequel il disoit „ que l'homme étoit né, & l'idée sainte & grande „ que Dieu le regardoit cultivant la terre pour „ nourrir ses enfans.

„ Il s'est marié, & il a eu vingt-cinq enfans. Il „ les a tous formés au travail & à la vertu, & tous

(*a*) *C'est le nom des carosses qui conduisent à la cour. Ils sont ordinairement à l'usage du peuple de valets qui pullule dans Versailles; & en ce sens ils voiturent en effet ce qu'il y a de plus vil en France.*

„ ses

„ ſes enfans ſont d'honnêtes gens. Il leur a donné „ de jeunes épouſes qu'il a conduites lui-même en „ ſouriant à l'autel du bonheur. Tous ſes petits „ enfans ont été élevés dans ſa maiſon ; & vous „ ſavez quelle joie pure, inaltérable, habitoit ſur „ leur front. Tous ces freres s'aiment entre eux, „ parce qu'il aimoit lui-même & qu'il leur a fait „ ſentir qu'il étoit doux de s'aimer.

„ Aux jours de fêtes il étoit le premier à faire „ réſonner les inſtrumens champêtres : & ſon re„ gard, ſa voix, ſon geſte, vous le ſavez, étoient „ le ſignal de l'allégreſſe univerſelle. Vous n'avez „ pas oublié ſa gaieté, vive émanation d'une ame „ pure, & ſes paroles pleines de ſens & de ſel : „ ayant le don d'exercer une raillerie ingénieuſe, „ il n'a jamais offenſé. A qui a-t-il refuſé de ren„ dre quelque ſervice ? En quelle occaſion s'eſt-il „ jamais montré inſenſible au malheur public ou „ particulier ? Quand a-t-il été indifférent lorſqu'il „ s'agiſſoit de la patrie ? Son cœur étoit à elle : ſon „ image étoit l'ame de ſes entretiens ; il ne parloit „ que pour ſa proſpérité ; il chériſſoit l'ordre par „ le ſentiment intime qu'il avoit de la vertu.

„ Vous l'avez vu, lorſque l'âge avoit courbé „ ſon corps, & que ſes jambes étoient déja chan„ celantes ; vous l'avez vu monter au ſommet des „ montagnes & diſtribuer les leçons d'expérience „ aux jeunes agriculteurs. Sa mémoire étoit le sûr „ dépôt des obſervations faites pendant quatre„ vingt années conſécutives ſur la variété des di„ verſes ſaiſons. Tel arbre planté de ſes mains, „ dans telle ou telle année, lui rappelloit la fa„ veur ou le courroux du ciel. Il ſavoit par cœur „ ce que les hommes oublient ; les morts, les ré„ coltes abondantes, les legs faits aux pauvres. Il „ étoit doué comme d'un eſprit prophétique, & „ lorſqu'il méditoit au clair de la lune, il ſavoit „ de quelle ſemence il devoit enrichir le jardin „ potager. La veille de ſa mort il a dit : Mes en-

„ fans, j'approche de l'Etre, auteur de tout bien,
„ que j'ai toujours adoré & en qui j'espere : émon-
„ dez demain vos poiriers, & qu'au coucher du
„ soleil on m'enterre à la tête de mon champ.

„ Vous allez l'y placer, enfans qui devez l'imi-
„ ter ; mais avant d'ensevelir ces cheveux blancs
„ qui de loin imprimoient le respect & attiroient
„ la jeunesse, voyez ses mains honorables, char-
„ gées de durillons ; voilà l'auguste empreinte de
„ ses longs travaux !

Alors l'orateur prit une de ses mains glacées & l'éleva. Elle avoit acquis un double volume sous l'exercice journalier de la bêche, & sembloit avoir été invulnerable au piquant des ronces & au tranchant des cailloux.

L'orateur baisa respectueusement cette main vénérable, & chacun suivit son exemple.

Ses enfans le porterent sur trois javelles de bled, l'enterrerent comme il l'avoit desiré, & mirent sur sa tombe sa serpe, sa bêche & le soc d'une charrue.

Ah, m'écriai-je, si les hommes célébrés par Bossuet, Fléchier, Mascaron, Neuville, avoient eu la centieme partie des vertus de cet agriculteur, je leur pardonnerois leur éloquence pompeuse & futile.

CHAPITRE XLIV ET DERNIER.

Versailles.

J'ARRIVE, je cherche des yeux ce palais superbe d'où partoient les destinées de plusieurs nations. Quelle surprise ! Je n'apperçus que des débris, des murs entr'ouverts, des statues mutilées ; quelques portiques à moitié renversés laissoient entrevoir une idée confuse de son antique magnificence : je marchois sur ces ruines, lorsque

je fis rencontre d'un vieillard aſſis ſur le chapiteau d'une colonne. „ Oh ! lui dis-je, qu'eſt devenu ce „ vaſte palais ? — Il eſt tombé ! --- Comment ? „ --- Il s'eſt écroulé ſur lui-même. Un homme dans „ ſon orgueil impatient a voulu forcer ici la na- „ ture ; il a précipité édifices ſur édifices ; avide de „ jouir dans ſa volonté capricieuſe, il a fatigué „ ſes ſujets. Ici eſt venu s'engloutir tout l'argent „ du royaume. Ici a coulé un fleuve de larmes „ pour compoſer ces baſſins dont il ne reſte au- „ cuns veſtiges. Voilà ce qui ſubſiſte de ce coloſſe „ qu'un million de mains ont élevé avec tant d'ef- „ forts douloureux. Ce palais péchoit par ſes fon- „ demens ; il étoit l'image de la grandeur de celui „ qui l'a bâti (*a*). Les rois, ſes ſucceſſeurs, ont été „ obligés de fuir, de peur d'être écraſés. Puiſſent „ ces ruines crier à tous les ſouverains, que ceux „ qui abuſent d'une puiſſance momentanée ne „ font que dévoiler leur foibleſſe à la génération „ ſuivante.... A ces mots il verſoit un torrent de „ larmes, & regardoit le ciel d'un air contrit. --- „ Pourquoi pleurez-vous, lui dis-je ? Tout le „ monde eſt heureux, & ces débris n'annoncent

---

(*a*) *On loue ces magnifiques ſpectacles donnés au peuple Romain. On veut inférer de-là la grandeur de ce peuple. Il fut malheureux dès qu'il commença à voir ces fêtes faſtueuſes où étoit prodigué le fruit de ſes victoires. Qui bâtit les cirques, les théatres, les thermes ? qui creuſa ces lacs artificiels où toute une flotte manœuvroit comme en pleine mer ? Ce furent ces monſtres couronnés, dont le tyrannique orgueil écraſoit la moitié du peuple pour réjouir les yeux de l'autre. Ces énormes pyramides, dont ſe vante l'Egypte, ſont les monumens du deſpotiſme. Les républicains conſtruiſent des aqueducs, des canaux, des chemins, des places publiques, des marchés ; mais chaque palais qu'éleve un monarque eſt le germe d'une prochaine calamité.*

„ rien moins que la misere publique ? “ . . . . . . Il éleva sa voix & dit : „ Ah ! malheureux ! sachez „ que je suis ce Louis XIV , qui a bâti ce triste „ palais. La justice divine a rallumé le flambeau „ de mes jours pour me faire contempler de plus „ près mon déplorable ouvrage. . . Que les monu- „ mens de l'orgueil sont fragiles ! . . . Je pleure & „ je pleurerai toujours. . . Ah ! que n'ai-je su (*a*). . . J'allois l'interroger lui - même , lorsqu'une des couleuvres dont ce séjour étoit encore rempli , s'élançant du tronçon d'une colonne autour de laquelle elle étoit repliée , me piqua au col , & je m'éveillai.

(*a*) *Placé au milieu de l'Europe , dominant sur l'océan , & par la longue étendue & les détours de ses côtes sur les mers de Flandres , d'Espagne , d'Allemagne , tenant à la Méditerannée , &c. Quel royaume que la France ! & quel Peuple sembleroit avoir plus de droits au bonheur !*

F I N.